



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**REDES DE COMUNICAÇÃO: METODOLOGIAS COLETIVISTAS PARA O
PLANEJAMENTO DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA, COM COMUNIDADES
CAMPONESAS EM NARIÑO, COLÔMBIA**

DANIEL RICARDO GONZÁLEZ MÉNDEZ

**Araras
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL

**REDES DE COMUNICAÇÃO: METODOLOGIAS COLETIVISTAS PARA O
PLENEJAMENTO DA TRANSIÇÃO AGROECOLOGICA, COM COMUNIDADES
CAMPONESAS EM NARIÑO, COLÔMBIA**

DANIEL RICARDO GONZÁLEZ MÉNDEZ

ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE CARMONA DUVAL

COORIENTADOR: PROF. DR. ANASTACIA FONTANETTI

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Agroecologia e
Desenvolvimento Rural como requisito
parcial à obtenção do título de
**MESTRE EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL**

Araras

2025

Méndez., Daniel Ricardo González

Redes de comunicação: metodologias coletivistas para o planejamento da transição agroecológica, com comunidades camponesas em Nariño, Colômbia. / Daniel Ricardo González Méndez. -- 2025.

289f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras

Orientador (a): Henrique Carmona Duval

Banca Examinadora: Luis Antonio Barone, Leandro de Lima Santos.

Bibliografia

1. Agroecologia camponesa. 2. Educação popular. 3. Coletivismo. I. Méndez., Daniel Ricardo González. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Helena Sachi do Amaral - CRB/8 7083



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Agrárias
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Daniel Ricardo González Méndez, realizada em 12/05/2025.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Henrique Carmona Duval (UFSCar)

Prof. Dr. Luis Antonio Barone (UNESP)

Prof. Dr. Leandro de Lima Santos (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradecimentos a Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pelo apoio com a bolsa de estudos que recebi, para poder realizar esta pesquisa.

Agradecimentos às comunidades camponesas de Sumpaz, Cauca com as quais comecei este caminho da agroecologia. Sua força e seu compromisso com a paz e o sentipensar a terra diferente. Pelos seus territórios que me inspiraram a continuar a luta pela sua defesa. Assim mesmo, agradecimentos para as comunidades com quem foi feita esta pesquisa: Nodo Agroecologia de Tangua e Asociación de productores nariñenses en la agricultura orgánica La Tulpa, por me mostrar o grande amor que se precisa para trabalhar o território e cuidá-lo.

Agradecimentos a minha família, pela fé, confiança e amor. A educação pública, que sempre me acolheu, e me deu ferramentas para enxergar o mundo de uma forma crítica e querer construir diferente. A natureza por vibrar no meu coração e me levar sempre para momentos de reflexão e amor profundo.

Agradecimentos a meu orientador Dr. Henrique Carmona Duval, à banca, Dr. Luis Antonio Barone e Dr. Leandro de Lima Santos, e à Professora Ángela Castillo, pelas suas recomendações, orientações, perguntas, e discussões, as quais nutriram e ampliaram o universo teórico deste documento.

Finalmente, agradecimentos aos Docentes, Discentes e parte do Staff do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR), por sua qualidade humana e científica, e por manter a agroecologia dentro das instituições, na luta. À Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Campus Araras, por suas instalações, e a oportunidade de me formar neste belo país.

SUMÁRIO

	Página
ÍNDICE DE TABELAS	i
ÍNDICE DE FIGURAS	iii
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
1. INTRODUÇÃO GERAL	1
1.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	4
2. CAPÍTULO 1: MARCO TEORICO DE ANALISE.....	5
RESUMO.....	5
2.1 INTRODUÇÃO.....	6
2.2 VISÕES, VIVÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO DO MODELO HEGEMÔNICO.....	9
2.3 CAMPESINATO NA COLOMBIA E NO DEPARTAMENTO DE NARIÑO.....	16
2.4 REFLEXÕES SOBRE A RESISTÊNCIA CAMPONESA.....	18
2.5 NARIÑO E AS PROPOSTAS TERRITORIAIS EMERGENTES COMO POSSIBILIDADES DA AGROECOLOGIA.....	22
2.6 MARCO DA DISCUSSÃO METODOLÓGICA DESTA PESQUISA.....	25
2.7 PERSPECTIVAS ALTERNATIVAS PARA A COMPREENSÃO E O TRABALHO DESDE AS COMUNIDADES RURAIS OPRIMIDAS EM BUSCA DA SUA EMANCIPAÇÃO.....	29
2.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
3. CAPÍTULO 2: PROPOSTA METODOLOGICA DA PESQUISA.....	40
3.1 PROPOSTA PRELIMINAR DE PESQUISA E DIALOGO PARA A CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DA METODOLOGIA.....	41
3. 2 NARIÑO BIODIVERSO E MULTICULTURAL.....	43
3.3 ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	87
3.4 OUTROS ATORES TERRITORIAIS CHAVE PARA ESTA PESQUISA.....	93
3.5 CONCLUSÕES SOBRE OS DIAGNOSTICOS E ATORES TERRITORIAIS.....	104
3.6 PROPOSTA METODOLÓGICA.....	107
3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA PRELIMINAR.....	113
3.8 REDEFINIÇÃO DA METODOLOGIA E OS PLANOS DE AÇÃO.....	113

3.9 RESULTADOS CONCRETOS PARA AS COMUNIDADES ENVOLVIDAS E PARA ESTA PESQUISA.....	116
3.10 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	125
4.1 NODO AGROECOLOGIA DE TANGUA.....	126
4.2 ASOCIACIÓN DE PRODUCTORES ORGÁNICOS LA TULPA.....	157
4.3 REFLEXOES E DISCUSSÕES GLOBAIS SOBRE O TRABALHO FEITO COM AS ORGANIZAÇÕES CAMPONESAS DE NARIÑO.....	241
4.4 REFLEXOES E DISCUSSÕES SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA REFERIDO A GERAÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O TRABALHO COM ESSAS COMUNIDADES.....	250
4.5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	257
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	259
6. APÊNDICES.....	262

ÍNDICE DE TABELAS

	Pag.
Tabela 1. Produção agrícola do município de Pasto	48
Tabela 2. Produção pecuária do município de Pasto.	51
Tabela 3. Produção agrícola do município de La Florida, Nariño.	57
Tabela 4. Produção pecuária do município de La Florida.	59
Tabela 5. Produção agrícola do município de Yacuanquer.	63
Tabela 6. Produção pecuária do município de Yacuanquer.	65
Tabela 7. Dados relacionados com solicitações de mineração no município de Yacuanquer.	67
Tabela 8. Produção agrícola do município de Consacá.	70
Tabela 9. Produção pecuária do município de Consacá.	72
Tabela 10. Produção agrícola do município de San Lorenzo.	75
Tabela 11. Produção pecuária do município de San Lorenzo.	77
Tabela 12. Dados relacionados com solicitações de mineração no município de San Lorenzo.	80
Tabela 13. Produção agrícola do município de Tangua.	83
Tabela 14. Produção pecuária do município de Tangua.	85
Tabela 15. Última versão da proposta de Metodologia base (PTCTA), apresentada às organizações do Nodo de Agroecologia de Tangua e a Asociación La Tulpa.	114
Tabela 16. Metas do Plan de Desarrollo Municipal 2024 – 2027, da prefeitura de Tangua relacionadas com a política pública municipal de ACFC.	137
Tabela 17. Principais características dos e das produtoras de La Tulpa.	192
Tabela 18. Principais características dos sítios das produtoras de La Tulpa.	193
Tabela 19. Principais práticas de cultivo das e dos produtores de La Tulpa.	194
Tabela 20. Agrobiodiversidade associada a produção agrícola dos e das associadas de La Tulpa.	196
Tabela 21. Produção pecuária dos e das associadas de La Tulpa.	198

Tabela 22. Diferentes tipos de preparação de adubos dos e das associadas de La Tulpa.	199
Tabela 23. Principais práticas de manejo pecuário e de insumos relacionados, das e dos produtores de La Tulpa.	200
Tabela 24. Principais espécies de flora silvestres presentes nos sítios dos e das associadas de La Tulpa.	202
Tabela 25. Usos associados à flora presente nos sítios das e dos produtores de La Tulpa.	203
Tabela 26. Principais práticas dos e das produtoras de La Tulpa relacionadas com o cuidado do ambiente onde moram.	204
Tabela 27. Principais animais presentes nos sítios dos e das produtoras de La Tulpa.	206
Tabela 28. Relações sociais dos e das produtoras de La Tulpa.	207
Tabela 29. Atores relevantes para os e as produtores de La Tulpa.	210

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pag.
Figura 1. Mapa do departamento de Nariño.	44
Figura 2. Territorialidades de Nariño, desta pesquisa; (Esquerda superior) Município de San Lorenzo. (Direita Superior) Município de La Florida. (Esquerda inferior) Corregimiento El Encano, Municipio de Pasto. (Direita inferior). Corregimiento de Gualmatán, Pasto.	45
Figura 3. Município de Pasto, Nariño.	47
Figura 4. (Esquerda) Produção de cuyes, e (Direita) produção de gado no corregimiento do Encano.	52
Figura 5. Municipio de La Florida, Nariño.	56
Figura 6. Delimitação mineira de La Florida.	61
Figura 7. Municipio de Yacuanquer, Nariño.	62
Figura 8. Solicitações de mineração no município de Yacuanquer, Nariño.	67
Figura 9. Município de Consacá, Nariño.	69
Figura 10. Municipio de San Lorenzo, Nariño.	74
Figura 11. Solicitações de mineração no município de San Lornezo, Nariño.	79
Figura 12. Municipio de Tangua, Nariño.	82
Figura 13. Resumo abordagem de trabalho conjunto.	113
Figura 14. Paisagem caraterística das veredas do corregimiento de Opongoy, em Tangua. (Esquerda superior) Percurso Río Opongoy (vista desde parte baixa de vereda Arrayanes). (Direita superior) Área de pastagem vereda La Cocha. (Esquerda inferior) Margem Río Opongoy vereda Santander. (Direita inferior). Área preparada para plantio vereda Santander.	130
Figura 15. (Esquerda) Preparação da área para o plantio. (Centro) Seleção de sementes de feijão para a semeadura. (Direita) Lavoura de Milho e Feijão.	132
Figura 16. Resumo dos resultados produto da discussão sobre efeitos do modelo de agricultura agroecológica e agricultura industrial.	136
Figura 17. Encontro de construção do Plan de Desarrollo Municipal de Tangua 2024 – 2027, na vereda Cebadal.	137
Figura 18. (Esquerda) Viveiro de mudas de sementes orgânicas.	142

(Direita) Preparação de compostagem.

Figura 19. (Esquerda) Visita à Escola de las Piedras, para seleção da 149 área do plantio. (Direita) Seleção de área de plantio de uma das companheiras da associação.

Figura 20. (Esquerda) Minga de sementeira na horta da senhora Nelly. 150 (Direita) Minga de sementeira na horta da Senhora Gloria.

Figura 21. (Esquerda) Sitio da companheira Nelly, da vereda 156 Tamborcillos, com alto grau de erosão. (Direita) Embalagens dos agrotóxicos usados num ciclo produtivo de papa.

Figura 22. Sistemas produtivos dos e das companheiras da Zona de El 153 Encano, Pasto. (Esquerda superior) Canal de drenagem no sitio de Milena. (Centro superior) Sistema produtivo de Marianita. (Direita superior) Sistema produtivo de Lilia. (Esquerda inferior) Sistema silvopastoril do sitio de Gilberto de Casa Pamba. (Direita inferior) Tomate de árvore ao redor da casa da companheira Lilia.

Figura 23. (Esquerda) Sistema produtivo da companheira Sonia 167 (Direita) Galhineiro móvel, no sitio do José Luis em La Florida, Nariño.

Figura 24. (Esquerda superior) Instalação de teto, para 169 vermicompostera. (Direita superior) Diagrama do sitio dos sonhos da companheira Maria Isabel feito no SPG 2023. (Esquerda inferior) Carlos Paz, abrindo um fruto de cacau. (Direita inferior) Cacau transformado por o companheiro Roberth Paz e seus irmãos. San Lorenzo, Nariño.

Figura 25. (Esquerda) Companheiras Vilma e Narciza, no bosque 174 comestível. (Direita) Preparação de adubo orgânico no sitio da companheira Angie em Consacá, Nariño.

Figura 26. (Esquerda) Aplicação do formato do Sistema Participativo de 181 Garantias no sitio da Senhora Maria Isabel, em San Lorenzo, Nariño. (Direita) Processo de atualização da ferramenta de avaliação do SPG.

Figura 27. Processo de preparação de bioinsumos dentro das 189 atividades da Escuela Campesina de La Tulpa.

Figura 28. Congreso Colombiano de Agroecología. (Superior) 190 Apresentação da companheira Maritza. (Esquerda Inferior) Representação das organizações de Nariño no congreso. (Direita Inferior) Apresentação da companheira Angie.

Figura 29. Outros aspectos relevantes dos e das produtoras de La 211 Tulpa, derivados das avaliações do SPG.

Figura 30. Distribuição dos e das produtoras de La Tulpa segundo os 213 resultados derivados da avaliação do SPG por dimensão e global.

Figura 31. Encontro dos processos agroecológicos do sudoeste 215 Colombiano.

Figura 32. (Esquerda) Primeiro encontro regional da construção da 217 Política Pública Departamental de Nariño. (Direita) Publicação resumo dos encontros territoriais feita pela Governação, nas suas redes sociais (7 de novembro 2024).

REDES DE COMUNICAÇÃO: METODOLOGIAS COLETIVISTAS PARA O PLANEJAMENTO DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA COM COMUNIDADES CAMPONESAS EM NARIÑO, COLÔMBIA

Autor: DANIEL RICARDO GONZÁLEZ MÉNDEZ

Orientador: PROF. DR. HENRIQUE CARMONA DUVAL

Coorientador: PROF. DR. ANASTACIA FONTANETTI

RESUMO

Diante a evidente inequidade e aniquilação socioecológica gerada no sul global, derivada dos poderes que econômicos que conduzem o sistema capitalista, imperialista, patriarcal, supremacista e extractivista, com impactos diretos nas ruralidades, nasce esta pesquisa, a qual traz à discussão e à prática o planejamento territorial de comunidades camponesas na Colômbia. A partir do referencial da agroecologia, buscou-se construir redes de comunicação social entre as comunidades camponesas La Tulpa e Nodo de Agroecologia de Tangua com técnicos extensionistas, para possibilitar formas de diálogo e de construção coletiva de estratégias de planejamento e implementação de propostas que procurem territorializar a agroecologia emancipadora e, com ela, a construção de autonomias das comunidades em seus territórios e de relações ecosociais com outros atores e com a natureza, focadas em um bem viver integral. Com elas aplicou-se uma metodologia co-criada, orientada no desenvolvimento de temas geradores - projetos concretos, pelo meio dos quais se colocaram em prática várias atividades orientadas em técnicas e tecnologias sociais, para a reflexão e construção de planos de fortalecimento da transição agroecológica destas comunidades, e atrelada com um análise da política pública departamental de agroecologia.

NETWORKS OF COMUNICATION: COLLECTIVIST METHODOLOGIES FOR PLANNING THE AGROECOLOGICAL TRANSITION WITH PEASANT COMMUNITIES OF NARIÑO, COLOMBIA

Author: DANIEL RICARDO GONZÁLEZ MÉNDEZ
Adviser: PROF. DR. HENRIQUE CARMONA DUVAL
Co-adviser: PROF. DR. ANASTACIA FONTANETTI

ABSTRACT

In the face of evident inequality and socio-ecological annihilation in the Global South, stemming from the economic powers that drive the capitalist, imperialist, patriarchal, supremacist, and extractivist systems with direct impacts on rural areas, this research was born. It brings the territorial planning of peasant communities in Colombia to the discussion and practice. From an agroecological perspective, the goal was to establish social communication networks between the peasant communities of La Tulpa and Nodo de Agroecología de Tango and extension technicians. This would enable dialogue and the collective development of strategies for planning and implementing proposals that promote emancipatory agroecology. These proposals aim to foster community autonomy in their territories and ecosocial relationships with other stakeholders and nature, focusing on integral well-being. The researchers applied a co-created methodology based on developing concrete projects through various activities, using social techniques and technologies for reflection and constructing plans to strengthen the agroecological transition of these communities. This approach was linked to an analysis of the departmental public policy on agroecology.

“La utopía está en el horizonte. Camino dos pasos, ella se aleja dos pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. ¿Entonces para qué sirve la utopía? Para eso, sirve para caminar.”

Eduardo Galeano

1. INTRODUÇÃO GERAL

As relações desvantajosas do Norte Global sobre o Sul Global, caracterizadas por um desenvolvimento hegemônico e colonial, baseado na concentração econômica a partir do modelo capitalista, deixaram profundas marcas na sociedade rural. Este modelo de dominação perpetuou a exploração dos recursos naturais em países do Sul, onde as comunidades camponesas foram estruturalmente deslocadas, marginalizadas e violentadas ao acesso e permanência a terras, e tiveram sua cultura e modos de vida constantemente ameaçados. A priorização da acumulação de capital e da produção intensiva da terra, em mãos da mineração e no agronegócio, gerou condições de escravidão feudal e neoescravidão feudoempresarial, das comunidades rurais, criando fissuras que exacerbam as desigualdades sociais, econômicas e ecológicas. Nesse contexto, é urgente reivindicar o direito das comunidades rurais de participar ativamente na construção de alternativas que garantam, seus direitos em primeiro lugar, e por meio destes sua autonomia e seu bem viver.

A crítica ao desenvolvimentismo agrícola convencional revela um modelo que perpetuou desigualdades e causou danos irreparáveis aos bens comuns. A busca pela maximização da produção, muitas vezes às custas da biodiversidade e da saúde do solo, levou ao esgotamento dos recursos naturais e à degradação de ecossistemas inteiros. Esse modelo excluiu as comunidades camponesas dos benefícios do desenvolvimento próprio, acentuando as disparidades sociais e econômicas entre o campo e a cidade. Diante desse panorama, é essencial repensar as estratégias de desenvolvimento rural a partir de uma perspectiva que respeite e valorize as contribuições dos camponeses. Em Nariño – Colômbia, os efeitos desse modelo de desenvolvimento capitalista, tem implementado em múltiplas fases, camadas de projetos minero energéticos e agropecuários e florestais, a grande escala, que tem impactado socioecologicamente as territorialidades camponesas, negras e indígenas nos Andes, na Amazonia e no Litoral Pacífico, apagando sistematicamente culturas, biomas e lutas derivadas de reivindicações sociais.

A decolonialidade e contracolonialidade, se apresentam como abordagens críticas, que desafiam as narrativas hegemônicas do colonialismo e do imperialismo, propondo a reconfiguração das estruturas sociais, culturais e econômicas. No âmbito educacional, essa perspectiva ressalta a necessidade de construir saberes que reconheçam e valorizem as experiências de comunidades historicamente marginalizadas (Zárate, 2014). A educação popular, desempenha um papel fundamental nesse processo, promovendo a inclusão de saberes locais e fomentando metodologias participativas que permitem aos camponeses, se tornarem protagonistas de seu próprio desenvolvimento. Por meio do diálogo e da aprendizagem coletiva, desafia-se a imposição de um modelo educacional que muitas vezes desestima a riqueza das tradições camponesas.

Junto a esses processos de apropriação e valoração dos exercícios de aprendizagem autônomos, o pensamento ambiental latino-americano em relação a agroecologia, esta última, se ergue como uma resposta viável à agricultura convencional, que tem sido marcada por um desenvolvimentismo que ignora as necessidades das comunidades e sua relação com a natureza. Essa abordagem não só aborda a produção de alimentos, mas também integra princípios de justiça

social e sustentabilidade, servindo como uma alternativa ao desenvolvimento hegemônico. A agroecologia permite que as comunidades camponesas reivindiquem seu direito à terra e a um modo de vida que respeite seus saberes ancestrais e sua conexão com o meio ambiente. Ao promover práticas sociais, criando um diálogo e ação coerente, nesse sentido, transformar ativa e participativamente o modelo, para um agroecológico que se articula desde uma visão holística, construindo um sistema sociobiocultural e alimentar que reconhece e valoriza os conhecimentos e práticas locais.

Como ferramenta de empoeiramento social, é preciso tomar em conta o planejamento territorial, entendido como um processo participativo, e como um componente essencial para a implementação desse enfoque integrador. A inclusão das vozes dos camponeses na tomada de decisões é crucial para que ações, as políticas e projetos atendam às suas necessidades reais. Esse processo não apenas fomenta um sentido de pertencimento ao território, mas também contribui para a construção de propostas que são culturalmente adequadas e que promovem a sustentabilidade a longo prazo. Assim, o planejamento territorial se torna uma ferramenta de “planeação” das comunidades, reforçando sua capacidade de resistência frente às pressões externas e às dinâmicas destrutivas do capital.

Um enfoque de gestão, por meio da transformação territorial agroecológica, é dizer de “plane-ação” agroecológica, construído a partir das comunidades camponesas, se apresenta como uma alternativa reivindicadora dos seus direitos, e nessa medida transformadora da realidade concreta, em direção de estabelecer autonomias. Ao integrar saberes locais e científicos, essa abordagem permite desenvolver ações em consequente cuidado da biodiversidade e fortaleçam a resiliência das próprias comunidades. A agroecologia, nesse contexto, se torna um caminho para a reivindicação do direito dos camponeses ao bem viver, permitindo-lhes acessar alimentos saudáveis, cuidar de seu entorno e manter suas tradições culturais (Rosset; Barbosa, 2019). Esse modelo promove a soberania alimentar, garantindo que as comunidades tenham o controle sobre seus próprios recursos e sistemas de produção, desafiando assim as dinâmicas extrativistas impostas pelo modelo capitalista, identificado pelo agronegócio.

A implementação de metodologias participativas no planejamento territorial é fundamental para garantir que as decisões reflitam as realidades e aspirações das comunidades. Por meio de oficinas, encontros e espaços de diálogo, os camponeses podem compartilhar suas experiências e conhecimentos, contribuindo assim para a construção de um futuro mais justo. Esse processo de co-criação não apenas fortalece a coesão social, mas também empodera as comunidades ao lhes dar um papel ativo na definição de seus próprios destinos. A educação popular se torna um pilar fundamental para a transformação social. Ao promover a aprendizagem coletiva e a reflexão crítica, constroem-se espaços onde os camponeses podem questionar as narrativas hegemônicas e desenvolver novas formas de entender sua realidade (Puiggrós, 2016). A educação popular, em combinação com a agroecologia e a decolonialidade, oferece ferramentas poderosas para que as comunidades camponesas articulem suas demandas e construam alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico.

A inter-relação entre uma perspectiva de decolonialidade e contracolonialidade, juntamente com a proposta de reinvenção das relações sociais a partir da

educação popular, viabiliza o aprofundamento da ação multidimensional e multiescalar da agroecologia (Giraldo, 2022). A partir daí, busca-se mobilizar esforços que permitam exercícios de planejamento territorial para a construção de um enfoque de gestão territorial que reivindique o direito das comunidades camponesas ao bem viver. Ao colocar no centro da discussão os camponeses e seus saberes, abre-se um espaço para criar alternativas que desafiam o "status quo" do modelo hegemônico. Esse enfoque integral busca transformar as realidades locais, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de outros mundos onde se exacerba a diversidade ecológica e cultural, em chave e sintonia com a justiça social. A revalorização dos saberes locais, que têm sido desconsiderados pelo modelo capitalista, se torna um pilar fundamental para construir um presente equitativo e sustentável para as comunidades que assim o desejarem. Ao reconhecer a força e o conhecimento das comunidades camponesas, promove-se seu direito a viver em harmonia com seu entorno, fomentando um desenvolvimento verdadeiramente sustentável que respeite a pluralidade de saberes e formas de vida. Esta pesquisa defende a construção comunal – coletiva – comunitária dos diferentes atores sociais, promovendo o diálogo de saberes, com o objetivo de transformar realidades, com base na proposta da agroecologia emancipadora.

Com esse sentido, o presente estudo tem como objetivo geral, construir uma proposta conjunta voltada para o desenvolvimento de metodologias coletivistas que facilitem o planejamento de ações territoriais, em busca de fortalecer o processo da transição agroecológica, para garantir autonomias territoriais para o bem viver. Os objetivos específicos foram: 1) Estabelecer metodologias participativas e dialógicas, fundamentadas nos princípios da educação popular, que permitiram sincronizar os esforços entre pesquisadores e comunidades camponesas, visando alcançar um planejamento efetivo da transição agroecológica; 2) Realizar ações práticas, a partir de ferramentas técnicas e tecnológicas, tanto provenientes do conhecimento camponês quanto da ciência agroecológica, para uso em exercícios de planejamento territorial e validação da sustentabilidade; e 3) Análise da construção da política estadual de agroecologia em Nariño e de como esta política poderia ir ao encontro das necessidades das comunidades rurais estudadas.

Durante as seguintes seções, vão ser descritas e analisadas, as problemáticas globais e locais, desde uma perspectiva crítica e contrahegemônica, que acontecem no sul global, na Colômbia, no departamento de Nariño, e nos municípios onde estão localizadas estas duas organizações. Além disto, o plano de trabalho, nas suas diferentes etapas de construção e as metodologias envolvidas para atingir os objetivos descretos, como também os resultados gerados por as atividades trabalhadas conjuntamente entre comunidades e pesquisador, e finalmente análeses desse processo de trabalho, como dos processos pedagógicos.

1.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROSSET, Peter; BARBOSA, Lia. Territorialização da agroecologia na via campesina. Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. n, 39. 2019.

GIRALDO, Omar Felipe. **Multitudes agroecológicas**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2022.

PUIGGRÓS, Adriana. La educación popular en América Latina. Orígenes, polémicas y perspectivas Colihue 2016. **Praxis Educativa**, Santa Rosa – Argentina, v. 20, n. 3, p 62 – 63, 2016.

ZÁRATE, Adolfo. Interculturalidad y decolonialidad. **Tabula Rasa**, Bogotá, v. 20, p. 91-107.2014

2. CAPÍTULO 1: MARCO TEORICO DE ANALISE: Contexto da origem da pesquisa e dialogo teórico – experiencial na proposta de pesquisa.

RESUMO

Neste capítulo, que é o capítulo de discussão teórica-experiencial, constrói-se o marco de análise no qual se baseia esta pesquisa. Este diálogo entre vozes convergentes, desde a teoria, os diálogos internos (reflexividade do pesquisador), com os produtores rurais, supõem uma espécie de tecido discursivo. Um papo que tenta colocar a exploração desses diálogos, os quais fundamentam a perspectiva política desta pesquisa e que consequentemente, estrutura a proposta de construção das redes de comunicação e o diálogo de saberes, a partir de uma visão decolonial e/ou contracolonial, que se fortalece nas ações e as formas práticas que elas possam ter, principalmente e/ou essencialmente, baseado no pensamento ambiental latinoamericano e na agroecologia, que por fim procuram-se para o estabelecimento de propostas territoriais emancipadoras, que deem conta da construção e tecido permanente, que se juntam pelas mãos das práticas de educação popular, de baixo para cima (construída desde o amplo saber próprio e holístico por camponesas e camponeses, com apoio e/ou ajuda do dinamizador - comunicador, mais conhecido como "extensionista" por meio do "apoio técnico" (conhecimento do funcionamento do sistema em linguagem altamente excludente)) de propostas de planejamento e ação (plane-ação) dos postulados da transição agroecológica, como alternativas locais camponesas, ao desenvolvimento hegemônico, para ir atrás do bem viver das comunidades que continuam a pesar deste.

2.1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa feita por mim. Sim, é feita por mim. E digo isso para que fique explícito que é assim. É feita por mim porque responde a várias perguntas e inquietações que me atravessam, que hoje fazem parte das questões que ressoam e me interpelam a minha existência, e que precisam ser exploradas para entender o que quero aprender, o que, em última análise, me chama a me responsabilizar pelo que está se tecendo na minha cabeça e aquilo que dialoga com os questionamentos que outros e outras, assim como eu, têm sobre suas vidas, sobre seu mundo, e que coincidem nesse mesmo sentido.

As perguntas que tenho em minha mente e coração se referem a mim e ao que vejo no mundo que me envolve, porque esta pesquisa dá continuidade às experiências que vivi ao longo da minha vida, ao menino que brincou nos parques de Bogotá, ao adolescente urbano que vivia e crescia em frente a um rio canalizado, transformado em zona de esgoto de águas limpas que saiam sujas; ao jovem universitário que, por um golpe de sorte, conheceu na universidade pública e, nela, construiu uma visão diferente de sua realidade, que conhecia nas aulas, nas assembleias, nas greves, nas ruas, nas veredas (subdivisão administrativa de segunda ordem, dos municípios na Colômbia), nos corredores, nos encontros e em outros cenários, formas de se questionar e entender a si mesmo na sociedade em que vivia, o bom e o ruim, a história, nos fatos e nas teorias; além de tudo aquilo que, por essa época de exploração, pude conhecer viajando pelo país e fora dele, “mochilando” e caminhando em nevados e paramos, praias, montanhas, parques naturais, municípios, rios, córregos e nascentes, zonas desérticas, a Amazônia e outras regiões que mostram a imensa diversidade com a qual a vida se expressa e abençoa minha existência, e de cada um(a) que mora neste planeta.

Vivi momentos significativos ao lado de alguns movimentos sociais, nos quais pude ser testemunha e acompanhante de processos de defesa e reparação que estes e estas, tentam construir para fazer frente aos efeitos e sintomas da crise do sistema ocidental “civilizatório humano”, desenvolvido pelas mãos e mentes atrás do imperialismo colonial e do seu agir extrativo, nas veredas e zonas rurais do país, da América Latina, do Sul Global; o qual continua deixando as suas marcas, agora por sua aposta mais incisiva, durante as suas etapas mais modernas no regime da mercantilização da vida, por meio do capitalismo e posteriormente do neoliberalismo, que sustentaram e sustentam, o sistema alimentar e que, como sinal do seu passo, deixam destruição em cada território rural e urbano, onde erradicam até hoje, o que considero a máxima expressão da divindade e magnificência da vida, a linguagem do que poderia ser a expressão de algum deus ou deusa, a natureza, a mãe terra.

Tenho essa perspectiva da vida por ser, um ser humano sensível e pensante, com essas experiências vividas, mas também com um olhar acadêmico, como agrônomo que sou. Graças aos desígnios e azares da vida, antes de iniciar meu percurso de formação nesta área interdisciplinar, que mistura conhecimentos em ecologia, climatologia, e outras ciências biológicas, além das ciências sociais, econômicas e produtivas, conheci a agroecologia, que como seu olhar abrangente, sistêmico e sensitivo, somado as aprendizagens teórico - experienciais na agronomia, me mostraram e reafirmara, o genocídio sistemático

num mundo extremamente desigual, gerenciado por poucos para seu próprio benefício, sobre o sofrimento muitos(as) (incluída a natureza); foi a partir desse olhar e sentir que me formei.

Com essa convicção, tive a oportunidade de abordar todas as questões acadêmicas e científicas a partir dessa discussão permanente e das tensões desse modelo de desenvolvimento capitalista do campo, da ruralidade, sob a perspectiva da agroecologia e em contraposição ao modelo hegemônico dentro da faculdade, predominantemente guiado por docentes formados para moldar a visão dos estudantes em uma única forma de produção agropecuária, a Revolução Verde. Da mesma forma, tive a sorte de trabalhar e aprender com comunidades camponesas de Cundinamarca, Tolima, Cauca e Nariño, na Colômbia, sobre suas territorialidades e culturas, a partir das complexidades da ruralidade em zonas de conflito armado, ambiental e social, das formas como essas comunidades resistem, propõem, sonham e lutam, de suas ações e contradições, das relações e não relações com o Estado, de suas formas de produzir, de defender a terra, de seu poder feminino, das formas de cuidar de seus territórios, da sabedoria integral que milhares de mulheres teceram ao longo de séculos.

O agroecólogo que vem abrindo os olhos e o coração, que vem ativando de a pouco as mãos, e tentando se cultivar. Quem leu, ouviu e vivenciou os efeitos da capitalização do campo, que vê diariamente em cada canto, os efeitos diretos da homogeneização das paisagens agroalimentares diversas, que existiam nas paisagens diversas na Colômbia e nos outros países da América do Sul visitou, que relaciona como sua profissão, foi criada para difundir um modelo que beneficia poucos, imposto à força, com investimentos estrangeiros de múltiplas instituições e empresas transnacionais, que buscaram e garantiram alianças com burgueses locais, os quais, juntos impunham essa forma de produção de alimentos e matérias primas, fundamentou-se num modelo hegemônico que gera dependência às comunidades rurais e destruição aos territórios onde elas moram.

Aquele que conheceu uma visão da agroecologia acadêmica do Brasil, na Universidade Federal de Santa Catarina, um dos países referência na construção popular da agroecologia no Sul Global e que, anos depois, retorna a este país para continuar uma busca de vida, seguindo com o mestrado, para observar com muito espanto o efeito direto em grande escala do desenvolvimento agroindustrial do estado de São Paulo., onde com uma tradição escravocrata desde a colônia até a agropecuária tecnificada no século XXI, tem conseguido a extinção de quase qualquer forma de vida natural, dentro de um mar gigante de cana-de-açúcar, soja e milho transgênicos, que se estende por todo o estado, comoditties que alimentam veículos, animais engaiolados e fabricas, e não pessoas, através do acúmulo de terras e do sequestro das águas para suas plantações, e que pulveriza milhares de litros de pesticidas sobre as cabeças e habitantes rurais, periurbanos e urbanos em mais de 640 municípios. É a partir dessa complexidade de cenários, de realidades, que despertam e se alimentam algumas perguntas que derivam nesta pesquisa, como consequência dessas vivências que me atravessaram e me atravessam, que são o resultado da análise teórica, do que li e descobri em aulas, congressos, encontros, e da experiência, do diálogo com camponesas e camponeses, coletividades, colegas, docentes e outras pessoas que, embora não tenham relação com esses temas, possuem expectativas e experiências de vida que somam a essas discussões.

Este projeto de pesquisa responde a esse diálogo entre o teórico e o experiencial, e as perguntas que gera, que são resultado desta, a minha abordagem de entender a complexidade imediata do contexto em que estou e estamos como humanidade, em relação ao modo como vivemos e entendemos a existência nos múltiplos espaços que habitamos como seres humanos neste planeta que, em última análise, é nosso lar. Nesse sentido, esta pesquisa abraça os questionamentos ao redor da subjetividade – objetividade da pesquisa científica, desde a abordagem, da complexidade. O pesquisador é parte do objeto de estudo também, pois deve articular o conhecimento teórico-experiência obtido e sua validade, e colocá-lo em diálogo com os seus limites, prejuízos e as suas emoções, no contexto individual e social, entendê-las e estudá-las, e não simplesmente, esquecer ou apagar seus sinais durante o processo de pesquisa. Complementarmente, o conhecimento científico e objetivo, que tem pautas e metodologias que sumam muitas discussões pertinentes, que possibilitam o diálogo e entendimento com os e as outras. No concreto, incluir essa visão de subjetividade do pesquisador, as subjetividades das comunidades e como tecer desde elas, um cenário objetivo de ação social conjunta (Gaspar, 2009).

Várias dessas questões têm a ver, justamente, com as pessoas que conheci em meu processo de crescimento e de viver. Ao me entender de forma intersectorial como viajante, agrônomo, agroecólogo, ecologista, consumidor e anarquista coletivista, e tantas outras versões que me habitam e dialogam em mim, com suas diferentes visões, também dialogo com aquelas que conheço fora, na experiência, com as pessoas ao meu redor, com os processos das comunidades, suas lideranças e suas produtoras, e com aquelas que encontro em artigos científicos e de opinião, na política e nos movimentos sociais, nos ativismos e nos encontros e troca de ideias com pessoas que, a partir de sua formação e ação no mundo, do seu olhar as vezes parecido, as vezes complementar e outras, contrário, dão reforço as ideias e ações contra hegemônicas e suas múltiplas convergências e formas, que se interligam para estabelecer a utopia agroecológica. É a partir daí que nascem essas perguntas e que esta pesquisa agroecológica se propõe responder; perguntas que, embora correspondam a incertezas que nascem em mim, também, pelo que foi dialogado com outras e outros, correspondem a essas necessidades coletivas, de tecer realidades comuns, complementares e alternativas, para responder aos desafios que vivemos hoje em nossas realidades rurais, urbanas e periurbanas da América Latina de 2024, e nesse caso, nas que habito, ou seja, no contexto que me corresponde, com todas essas complexidades anteriormente descritas.

As questões iniciais que me proponho responder (que pretendo que seja em diálogo constante) estão relacionadas ao contexto vivido na ruralidade latino-americana em 2024, mais especificamente o de algumas comunidades camponesas do estado de Nariño, na Colômbia, lugar no qual vivi antes de iniciar este mestrado, e que colocou na minha frente uma realidade difícil de fugir. Para entender esse contexto e as perguntas derivadas dele, que motivam esta pesquisa, é necessário traçar uma visão complexa, com a qual se possa abordar esse contexto, uma vez que a realidade é multiescalar e multitemporal. Portanto, pretendo abordar esse contexto, do macro ao micro, do global ao local, e do passado ao presente, para poder descrever uma imagem viva do que vejo e percebo através do diálogo interno (comigo mesmo) e com as demais vozes que me interpelam, me propõem novas visões, e que acrescentam dão sentir também à minha visão desse contexto. Não pretendo ser imparcial, porque o mundo não é

assim; como também não é imparcial a ciência que ajudou a consolidar este mundo do qual falei nos anteriores parágrafos.

Portanto, neste apartado, pretendo dar visibilidade a minha voz, junto com outras vozes, para assim, fornecer um quadro de análise a partir do qual ter uma visão científica, e claro, política do que configurou a situação do nosso sul global, incluído Nariño, e a proposta que desde a minha visão, poderíamos colocar em ação, para tentar gerar propostas coletivas, desde as comunidades, opostas ao mundo mercantil e distópico no qual vivemos, em função de nos juntar e organizar, para agir e defender aquilo que ainda existe e recuperar algo do que se perdeu, nesse processo colonizador, e propor modelos próprios de vida mais sustentáveis e conectados com a natureza. Para isso trago elementos que apontam ao cuidado territorial, através da agroecologia que para mim, é um dos caminhos possíveis de sanar nossa relação interna do eu e dos nós, para um bem viver, enquanto podamos.

2.2 VISÕES, VIVÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO DO MODELO HEGEMÔNICO.

Para começar a descrição desse contexto, em primeiro momento, é necessário iniciar com uma reflexão sobre a visão da realidade que se constituiu até hoje, e como essa, responde a uma construção histórica de disputas pelo poder, de uns sobre outras, representado principalmente no poder econômico e territorial. A (ir) racionalidade imperialista e capitalista, está instalada em nossas sociedades estruturalmente, de forma que respondemos a sua submissão coletiva e individualmente. São evidentes as suas marcas, suas formas, seus signos e os sintomas (desigualdades materiais e simbólicas, guerras, desmatamento e esgotamento da natureza, poluição, fome, mudanças climáticas, segregação, racismo, entre outras tantas), tanto nas cidades quanto nas zonas rurais, correspondentes a muitas ações que aconteceram no passado e que ocorrem hoje; que evoluíram, cresceram e se complexificaram, que se interconectam e que resultam no modelo predominante, o modelo de mundo segundo o pensamento ocidental. Este foi imposto colonialmente, e se estabeleceu muito bem no sul global, determinado pelo pensamento individualista (do ego) em Europa, e que pela sua sede de poder e por meio da força, virou hegemônico. Com uma ênfase, desenvolvimentista, derivado dos velhos impérios e das monarquias, que através da escravidão de povos “inferiores”, africanos e da américa principalmente, tiveram uma influência fundamental na exploração dessas territorialidades. Ações que vem desde o desembarque dos colonos europeus, passando pela instalação de todo o regime colonial e do próprio regime dos Estados-Nação e/ou repúblicas, dos processos de modernidade e pós-modernidade, o fortalecimento do capitalismo e agora do regime neoliberal globalizador (Patel, 2017).

A ruralidade é um espaço delimitado exclusivamente; é aquilo que não é urbano, que não é cidade, que não é habitado pela civilização, pelos centros de produção, de transformação, de geração de valor agregado, uma coisa atrasada, do passado, arcaica. Ou seja, a partir de uma visão divisionista, fragmentadora, que rompeu e antagonizou dois espaços do ser humano, e que os classifica com categorias de valor subjetivista ao capital, mas favoráveis à visão de mundo que se quer moldar: o mundo rural, que pertence a um tempo “passado”, no que a humanidade vive sequestrada pela submissão às leis da natureza, e que hoje

deve ser priorizado para ser explorado, para um fim de desenvolvimento. E outro, evoluído, permanentemente em construção e condicionado a um “futuro” de “autossuficiência e liberdade” além da natureza, no qual se pode transformar o mundo para gerar riquezas que proporcionem cada vez mais conforto ao ser humano, e que se baseia na ideia de “desenvolvimento (do indivíduo principalmente)”, independente dos ciclos que entrelaçavam o ser humano com a natureza (Fonseca Prieto, 2008), que parte da ideia de civilidade imperante ou predominante, baseada na obtenção e acumulação de bens materiais e fluxos de capital, que se desenvolve, portanto, à parte da natureza, ou melhor, como realmente é, sobre a dominação dela.

Essa visão do futuro, que na verdade a humanidade caminha no presente, cria a ideia de que nas inovações técnicas e tecnológicas reside o viver bem, mediado pelo poder econômico e produtivo, e exploração não só, da natureza, se não também do humano, apoiado principalmente pelos meios de produção primário, secundário e cada vez mais no terciário ou de serviços, e com relação neste último, também aqueles relacionados com as redes de comunicação, que moldam constantemente a opinião pública, definindo tendências de paradoxos e modos de viver, ao redor do desenvolvimento hegemônico baseadas em práticas predominantemente consumistas, individualistas, que servem aos interesses ao capital.

As formas de atuação desses poderes dismantelaram as relações horizontais e coletivas, solidárias e de cuidado, existentes entre os próprios seres humanos e com a natureza, notadamente na sociabilidade camponesa, tentando substituí-las por relações individualistas e de consumo. Tudo o que o ser humano necessita para viver deve ser mediado por uma transação econômica, relações mercantis que estão concentradas majoritariamente em infraestruturas relacionadas com os centros de comércio, como as cidades, onde o ser humano fica cada vez mais isolado das relações com a natureza e onde somos condicionados a educar-nos em relações sociais simplificadas, atravessadas pelas maioritariamente por relações econômicas, que a sociedade ocidental propõe, favorecendo o desenvolvimento do capital em sua dimensão material e simbólica, inserindo essa lógica em todas as facetas da vida humana, implantadas no inconsciente individual e coletivo, normalizando a priorização dessas práticas sociais nas quais a vida humana se desenrola e se estrutura.

Em apenas 70 anos, nas últimas décadas, houve uma inversão no número de habitantes entre o rural e o urbano. Agora são cada vez mais, aqueles que vivem em cidades, e aumenta significativamente o número de aqueles que aspiram a fazê-lo, evidenciando o processo de urbanização e desruralização, como o modelo pelo qual a humanidade “avança”, um processo “natural” da sua evolução como espécie superior, o que resulta em uma ruptura maior das relações dos humanos com a natureza, da qual já não fazem parte, mas se tornam agentes de transformação externos e aprimorados. Derivado, do afastamento massivo da sociedade da natureza, facilitasse a coisificação desta, propondo uma ação de propriedade e dominação, ou seja, a consolidação da visão patriarcal do homem sobre a natureza, na qual o ser humano pode alterar e usar à sua vontade, os impropriamente chamados “recursos naturais”, configurando-se assim, uma relação subordinada na qual a natureza é despojada de sua essência, e reduzida a provedora de recursos para o consumo humano (Maya, 2002). Assim, torna-se

um bem econômico, quantificável e avaliado segundo o retorno e o lucro econômico que pode oferecer ao ser humano.

É a partir dessa forma de relacionar-se com a natureza e com o outro/a, distante e como mercadoria, que se define o paradigma do que vivemos hoje. A natureza e o lugar onde ela se mantém mais presente, a ruralidade, e que abriga camponeses, indígenas e negros, também é atravessada por essas relações que estabelecem umas realidades, algumas das quais, a partir da propaganda mercantilista, que hoje as multinacionais através da legislação dos Estados-Nação disseminam por meio de seus discursos e ações, repetidos incessantemente pelos meios de comunicação (muitos deles também de propriedade dos grandes poderes econômicos), de maneiras distintas, mas contundentes, impõem esses paradigmas mercantis que terminam de distanciar o ser humano que ainda habitam esses espaços naturais, dificultando a convivência (Bageneta, 2012). Isto tem modificado as relações endógenas das comunidades rurais e de suas interações com a natureza, desligando-as, afastando-as e alienando-as (Garavito, 2007).

Tais imposições estão estreitamente relacionadas com a tecnificação do campo (desenvolvimento rural), um processo iniciado desde a colonização (imperialista) e consolidado, na sua fase mais empresarial e moderna, na América Latina alguns anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, que substituiu e suplantou as diversas culturas alimentares dessas territorialidades por uma predominante, administrada por algumas poucas corporações, alguns poucos governos, alguns poucos organismos inter/transnacionais, que ditam as formas de relacionamento da civilização com a natureza. Isso implica modificar as formas heterodiversas com que muitas comunidades rurais viviam em seus territórios, alterando suas maneiras de produzir alimentos, fibras, têxteis, ferramentas, moradias, tinturas, entre outros; reconfigurando as ações de uso da água, do solo e dos ecossistemas em que estão inseridos (Jacques, 2012).

A interferência que as corporações, Estados-Nação e organismos transnacionais tem exercido, aplicando suas formas de organizar o mundo a seu bel-prazer, para monopolizar territórios e garantir que a maquinaria que transforma de maneira perversa, a natureza em dinheiro, pode ser definida como a interferência de um modelo imperialista, patriarcal, capitalista – neoliberal e extrativista (Morales, 2020). Além disso, pela apropriação de nossas territorialidades do sul global e seus “recursos”, podemos acrescentar que é também colonialista. E é patriarcal, porque assim como estabelece relações de poder e de dominação sobre a natureza, assim mesmo, somete as mulheres, que são quem maioritária e historicamente, tem defendido a casa, o território, o rio, a floresta, e que nessa defesa, ficam mais expostas as dinâmicas já desiguais, e que ao mesmo tempo se agrava, pela falta de visibilidade, credibilidade, segurança e proteção, da luta que encarnam, contra o garimpo, contra a multinacional, contra a usina, contra a madeireira. O que acontece às mulheres todos os dias é um sintoma de como o sistema cultural que o capitalismo instaura, vulnera sistematicamente o território, e a natureza, e vice-versa; ainda mais se as mulheres são racializadas, pretas ou indígenas, o sistema racista, é mais cruel nos seus territórios, nos seus corpos (Soldateli; Pontes; Jahnel, 2024).

Sob esse modelo, que se acentuou em escala global, conforme antecipado anteriormente desde a Segunda Guerra Mundial, foram desmatadas e queimadas

centos de milhares de hectares de natureza, apagando e matando consigo, milhares de anos de sabedoria de suas comunidades, baseadas na coevolução e interdependência com ela (Maya, 1995), assim como também, a vida de milhões de animais, fungos, plantas, bactérias, e outros seres que tinham, nesses ecossistemas sua casa, sua fonte de vida. Isso causou, nas gerações afetadas, um esquecimento obrigatório e imposto dos conhecimentos que sustentavam relações horizontais e sustentáveis com a natureza, substituindo-os por práticas fundamentadas numa única maneira de ser, aquela que a ciência ocidental estabelece. Apoiadas em descobertas realizadas por uma academia “objetiva” que validou essas novas práticas homogeneizadoras, que visualizam a agricultura, a silvicultura e a pecuária como uma receita baseada em técnicas e tecnologias, sob as quais deve-se priorizar a produção e a rentabilidade por unidade de área. Conquistaram o senso comum afirmando ser necessário para acabar com a fome e com a desigualdade no mundo, por meio de alta produção de alimentos, sob a premissa e campanha da segurança alimentar. Esse esquema homogeneizador extinguiu saberes locais altamente valiosos das múltiplas agriculturas camponesas, indígenas e negras (Scarrow, 2018). Mudou drasticamente os conhecimentos sobre os ecossistemas nos quais estão imersos, atacou o enraizamento cultural de seus habitantes, e as filhas e filhos rurais não veem no lugar onde nasceram seus ancestrais e elas mesmas, um espaço no qual desenvolver seu projeto de vida; uma ruralidade que, nos últimos anos, tem envelhecido, e cujas próximas gerações estarão nas áreas urbanas ou periurbanas, ampliando a base de consumidores, trabalhadores precarizados e informais, tudo isso derivado do desenvolvimento do paradigma do capitalismo nas áreas rurais (Riquelme, 2015; De Moraes, 1988).

Esse modelo fez com que os habitantes rurais se tornassem progressivamente mais dependentes, pois, ao perderem suas relações históricas de diálogo com a natureza, perderam suas autonomias territoriais, e com elas, verem-se eliminados seus saberes de gestão e aproveitamento dos bens comuns da natureza, e assim, inserem-se no modelo de consumo dentro das redes de mercado do regime agroalimentar não só na produção, se não também no consumo, tornando-se cada vez mais, dependentes a aquilo que é provisão pela cadeia de subministro agroalimentar industrializada (Cinelli et al., 2024). À medida que diminui a aplicação dos saberes locais e ancestrais, nos quais se baseavam as agriculturas camponesas, indígenas e negras, substituindo-os pelas tecnologias e técnicas da tecnificação da agricultura, aumenta a dependência de insumos agropecuários fabricados por essas poucas empresas, principalmente sementes e matrizes de reprodução, antibióticos, pesticidas e maquinário, e ultimamente, tecnologias relacionadas com agricultura de precisão.

Assim, as populações locais entram no mercado como consumidores dessas tecnologias, criando dependências, pois no modelo de fornecimento busca-se acorrentar o produtor para que esteja constantemente condicionado a essas tecnologias e se torne um consumidor constante delas. Na medida que aumenta a quantidade de produtores sob esse esquema de produção, avança a eliminação dos ecossistemas, pela ampliação da fronteira agropecuária, e assim mesmo, avança a simplificação dos agroecossistemas. Onde habitava a diversidade de plantas e a criação de animais, é substituído por paisagens homogêneas com uma única variedade de plantas ou uma única espécie de animal criada, desaparecendo milhares de espécies de microrganismos do solo, milhares de animais e plantas nativas, e com elas milhares de relações ecológicas que

sustentavam o equilíbrio dinâmico que mantinham, todas as espécies, relações e os espaços, vivos. Portanto, os agora agroecossistemas entram rapidamente em colapso e precisam de cada vez mais insumos externos, que cumpram funções reguladoras para manter os agroecossistemas “produtivos”. É um círculo vicioso para os produtores locais, e um círculo de negócios muito lucrativo para as corporações.

A agricultura tecnificada acelerou seu impacto desde 1940. O agronegócio, não se deteve; pelo contrário, intensificou sua potência, passando por várias fases, nas quais, cada vez mais intensifica sua ingerência em cada processo do sistema alimentar, criando um regime alimentar oligopolista, concentrando a produção de tudo relacionado à produção de alimentos, desde o material genético, ou seja, desde a semente, até os produtos derivados da produção, os transformados e ultra processados. As mesmas empresas ou conglomerados também são proprietários dos produtos farmacêuticos que tratam as doenças causadas pelo consumo de seus comestíveis (não alimentos) ou pela intoxicação com agrotóxicos; criam a necessidade e a saciam. Recentemente, também estão trabalhando com Inteligências Artificiais, focadas em agricultura de precisão, para a automação e otimização das atividades agropecuárias, principalmente no que se refere ao manejo de culturas, solos, água e doenças, previsão e fertilização, entre outros (De Oliveira; De Souza e Silva, 2023).

Além disso, já que têm a oferta, manipulam para criar a demanda. Fazem lobby nos congressos de todos os países latino-americanos, investem nas campanhas de candidatos a governantes das municipalidades, dos estados e dos países, ou seja, intervêm diretamente nas leis que são aprovadas em nossos territórios e nas decisões tomadas pelos governantes de nossos países, para fortalecer a repartição desigual da terra, ficando nas mãos de latifundiários, para desmatar, fazer mineração, e implementar grandes monoculturas (Rosset e Martínez, 2016), assim como também garantem leis que enfraquecem as restrições ambientais, e facilitam a entrada de seus produtos. Através de organismos internacionais, dirigem a política internacional e nacional, as medidas macroeconômicas que devem ser aplicadas globalmente nos países dentro das Nações Unidas, através da FAO, com base nas medidas e lineamentos do FMI e do Banco Mundial. Especulam nos mercados de valores, todos os dias, com água, commodities e com a guerra. Têm, há anos, um poder incomensurável que muitos de nossos governantes progressistas não conseguem atacar, pois derivado desse poder desigual, tem aceitado medidas neo-extractivistas (Gudynas, 2010), nos nossos países, que condenam as territorialidades rurais, e que as lideranças das comunidades indígenas, negras e camponesas, principalmente mulheres, não conseguem deter. Daí o argumento que os Estados-Nação, e as democracias liberais, como supostos modelos perfeitos, não garantem direitos de maneira equitativa, pelo contrário passam pano da opressão, e aplica o modelo neocolonial e racista nestas comunidades.

Uma determinante fundamental para entender o alcance deste modelo, além do que foi descrito anteriormente, é a escala. À medida que este paradigma de produção se expandiu como o predominante, a terra de uso agrícola também se concentrou, mas igualmente aquela que não era, e agora é, também. Muitas terras mudaram de uso, ampliando a fronteira agropecuária. Foram apropriadas milhões de hectares, cultivados principalmente em monocultivos, e outros tantos milhões para a criação de animais em cativeiro permanente, desde seu

nascimento até seu sacrifício, o que deve levantar questionamentos sobre as formas adequadas nas quais esses animais “vivem” sob o modo de produção agroindustrial. A configuração deste tipo de agroecossistemas, promove a desconexão das paisagens ecológicas e, por conseguinte, dos fluxos ecológicos dos territórios em grande escala; isso tem efeitos grandíssimos, além da diminuição progressiva da biodiversidade, o desgaste do solo, a emissão de gases de efeito estufa, principalmente dióxido de carbono, metano e vapor de água, aerossóis e outros, causou a contaminação de águas subterrâneas e superficiais, como rios, lagos e lagoas, que, pela alta presença de agrotóxicos, especialmente aqueles fertilizantes à base de nitrogênio, causam eutrofização e geram mudanças nas propriedades físico-químicas e, portanto, na biologia da água (García et al., 2024), além do extermínio de todas as espécies nativas.

Esses e outros efeitos, são maiores, quando a escala vai se acrescentando, regiões inteiras, são simplificadas e desligadas, com um uso intensivo de produção agroindustrial. Um bom exemplo, é a República Unida da Soja, uma mega região continua em poder do agronegócio, que tem presença em cinco países de sul América, Brasil, Paraguai, Bolívia, Argentina e Uruguai, promovida pela Syngenta, que para o ano 2023 tinha mais de 79,2 milhões de hectares no Brasil (Companhia Nacional de Abastecimento, 2024), 13,86 milhões de hectares na Argentina (Instituto Nacional de Semillas, 2024), 3,5 milhões de hectares em Paraguai (Instituto de Biotecnologia Agrícola, 2024), 1,78 milhões de hectares na Bolívia (Ministério de Desarrollo Productivo y economía Plural, 2024) e 1 milhão de hectares (Instituto Nacional de Estadísticas, 2024) no Uruguai, e em todos esses países o número vai em aumento. É dizer mais ou menos, 100 milhões hectares de ecossistemas que foram devastados nesses países. Ou seja, 1 milhão de km², uma área semelhante a toda área de um bioma como a mata atlântica, ou uma área equivalente a todo o Egito, o vigésimo oitavo (28) maior país do mundo. Comparada essa área, no caso brasileiro seria o terceiro maior estado do Brasil, só superado pelos estados de Amazonas e Pará, uma área que representa um 11,67% da área do Brasil. Comparada com a área da Colômbia, representa um 87% da sua área total. Isso, só da soja, sem contar a área que outras monoculturas/commodities como milho ou cana do açúcar tem, áreas que acrescentam dia a dia.

Por outro lado, nas cidades, decorrente de muitas ondas de migração rural-urbana, estas estão cada vez mais gentrificadas. Milhares, senão milhões, de moradores rurais têm engrossado as fileiras de desempregados ou empregados explorados nas cidades; muitos deles saíram da área rural devido às violências estruturais deste modelo, seja na busca por “melhores oportunidades” que a cidade “oferece”, como trabalho, educação ou saúde, seja por ondas de violência, como guerras civis, na maioria dos países latino-americanos, ou decorrentes da luta anti insurgente, ou pela falência dos moradores rurais, que, diante da simplificação de suas atividades e, em alguns casos, por não conseguirem se empregar ou competir com gigantes agroindustriais, não encontraram outra forma senão ir para a cidade para sobreviver e encontrar novas oportunidades.

As cidades, mudaram sua relação com o rural, concentrando mais população, demandando mais alimentos para mais pessoas, exigindo mais tecnologia, infraestrutura e energia e, conseqüentemente, um maior uso de água e mais minerais e derivados de petróleo, gás e carbono para atender a essas demandas de materiais e energia, explorando os recursos naturais. Uma vida baseada no

consumo de bens e serviços, derivados de matérias-primas, muitos dos quais extraídos em zonas rurais, dos quais os cidadãos não têm contexto sobre as implicações de sua exploração, nem sobre as formas de produção, uma vez que essas relações com o exterior da cidade são muitas vezes banalizadas e atravessadas pela ideia de que o fim justifica os meios, e que esse é o processo "natural" que a natureza deve sofrer (nunca melhor dito) para garantir os meios de subsistência da população, nas cidades. Além disso, a fome presente majoritariamente nas cidades, em teoria, deveria ser combatida com a grande produção de alimentos gerada diariamente nas áreas de produção agropecuária, mas não diminuiu, não se mitigou, mesmo quando as áreas geridas sob esse modelo aumentaram (Pielke Jr., 2019).

Esse modelo, tanto nas cidades como nas áreas rurais foi posto ao serviço e, graças ao capital, de múltiplos atores que ajudaram a estabelecer suas diretrizes de maneira eficaz. Desde a própria criação das Nações Unidas e sua organização para a alimentação e a agricultura, a FAO, que já definia desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a pauta pela qual se orientaria o esforço mundial pelo modelo agroalimentar, que muitos dos países membros adotariam até hoje, modelo baseado na segurança alimentar, o qual em definitiva, acabou com os sistemas agroalimentares próprios das comunidades rurais, e deixou a produção de alimentos para uns poucos, e que a traves de "ajuda humanitária" desestimulou a agricultura local e gradualmente impôs o modelo de agricultura tenrificada (Caparrós, 2014). A consolidação, entre outros, do CGIAR, como formador de técnicos agropecuários que se apropriaram e propagaram as indicações desse conglomerado de centros de pesquisa na modernização da agricultura, que teve, desde as décadas de 30 e 40 do século XX, os primeiros avanços na tecnificação e melhoria da produção no México, e que na década seguinte se espalharia pelo resto da América Latina e alguns países da África. A aplicação desse modelo foi facilitada pela docilidade de muitos dos governos que, durante os anos seguintes, permitiram a sua instalação, por meio da criação de institutos nacionais para sua propagação, por meio de programas de extensão rural, que, acompanhados da criação das primeiras faculdades de agronomia e ciências agrárias, levaram ao setor rural as premissas da modernização: sementes derivadas de novas variedades melhoradas, a inclusão de fertilizantes de síntese química e alguns primeiros pesticidas, a ideia de preparação permanente e constante dos solos, e o uso de máquinas para isso.

O governo dos Estados Unidos e a Fundação Rockefeller, durante essas décadas, mobilizaram recursos importantes para a criação de centros de pesquisa, institutos e programas voltados a modificar as formas tradicionais de produção e substituí-las por essas (Jiménez, 1990). Mais adiante, a consolidação de grandes empresas e conglomerados econômicos se estabeleceram no negócio dos insumos, de maquinário e pesticidas, com patentes que geram grande retorno econômico, e depois, com a possibilidade de patentear sequências de genes, no negócio das sementes, gerando uma nova onda de desenvolvimento da revolução verde, que favoreceu a privatização das sementes por essas empresas, o que antecedeu a aprovação e ratificação, mais uma vez, pelos governos de muitos países, dos tratados internacionais de obtenção vegetal, como a Unión Internacional para la Protección de Obtenciones Vegetales (UPOV), que submete os produtores dos países que aderem a esses convênios à adoção de mercados de sementes melhoradas por essas empresas, acima das próprias, nativas e crioulas, das comunidades de produtores locais, criando também ambientes

institucionais que fornecem um marco de legalidade para as sementes dessas corporações, colocando, por sua vez, em risco e, em alguns casos, em ilegalidade, as sementes dessas comunidades. Nesse sentido, o Estado – Nação, é um ator fundamental e principalmente cúmplice, o qual matem a segurança para o desenvolvimento do modelo, permitindo por meio de leis injustas, e do poder militar e policial, e da mídia, manter a opinião pública, sem mergulhar muito nos interesses dos grandes capitais, e garantido todo o marco legal constitucional, mas ilegítimo, para os investimentos deste tipo capital, e que este, continue em avanço, de espaço e legitimidade (Nisbet e Huges, 2007).

Desde antes, e desde o século XX em paralelo, em conjunto, em codependência, ao modelo de agricultura moderna, o que tem batido com mais força, a natureza é modelo extrativista da mineração. A exploração de recursos naturais, além dos minero energéticos, tem se baseado na extração de minerais. Extraídos para manter e criar maquinário, edificações, estradas, computadores, circuitos eletrônicos, telefones, objetos de luxo, tem impactado de igual ou pior forma, os rios, as montanhas, vales, glaciares, pampas, paramos, estepes, e outros tantos ecossistemas e seus seres, desconfigurando-os de forma irreversível. A mineração, o garimpo, tanto legal como ilegal, suga e violenta todas as formas de vida, onde logra se instalar.

Em resumo, o modelo de modernização e tecnificação da agricultura tem se somado, ao modelo de mineração, como um modelo maior de extrativismo, de desigualdade, de terror, que é consequência de um estado de consciência humana, principalmente aquele relacionado a ocidente, que hoje está representado em potências econômicas transnacionais, que implementaram planos de concentração de poder, baseados no desenvolvimento econômico capitalista-neoliberal, visando a capitalização das diferentes formas de vida das sociedades ao redor do mundo, incluindo os aspectos da vida rural, entre eles a produção. Isso resultou na concentração de poder econômica desses conglomerados produtivos que comandam a reprodução dos sistemas agroalimentares tecnificados, a exploração de recursos naturais e das pessoas, excluindo as múltiplas formas de produção de milhões de habitantes rurais, em favor de um modelo único, guiado em favor de eles e para eles. Isso gerou, um conflito, uma disputa entre visões do mundo contrárias, que para as populações camponesas, indígenas, negras e outras tantas, que ainda persistem em suas territorialidades, embaixo de esquemas da sua própria produção, significa uma infinidade de efeitos adversos em suas localidades, gerando uma grande quantidade dependências em diferentes facetas e graus, diminuindo suas autonomias e acentuando problemas territoriais, como a perda de solos, baixa qualidade da água, desmatamento e fome estrutural (Bartra, 2008).

2.3 CAMPESINATO NA COLOMBIA E NO DEPARTAMENTO DE NARIÑO

Os efeitos desse modelo hegemônico, atinge também a população rural na Colômbia. O campesinato colombiano, nasceu principalmente, com muitas ondas de migração de habitantes e trabalhadores (as) rurais, que não tinham terra. É dizer, principalmente migrantes rurais, principalmente famílias, ou grupos de famílias, que se mudavam procurando trabalho em fazendas e/ou a possibilidade de terra onde se estabelecer e produzir por conta própria. Esses grupos são mais conhecidos como os colonos. As migrações também aconteciam, por famílias que

saíam fugindo das violências regionais, guerras que se formaram depois da independência. Então, a decisão era sair dos territórios onde não tinham terra, para buscar sorte num outro lugar, principalmente onde se estabelecia alguma exploração, madeireira, pecuária, agrícola, mineral. Essas populações migrantes, maioritariamente mestiços, mas não só, nessa constante busca de terra para o auto abastecimento das suas famílias, em muitos dos casos, territórios baldios, de propriedade jurídica do Estado Colombiano, segundo as leis do país desde a metade do século XIX, poderiam ser ocupadas, por quem quisesse estabelecer e melhorar o terreio, ou seja, estabelecer formas de produção em terras sem “manejo nenhum”. Muitas vezes na realidade essas terras já tinham dono de fato, mas não na lei, muitos latifundiários que desde a independência, terras que já tinham sido repartidas entre os militares e civis, principalmente crioulos (filhos de espanhóis nascidos na América) que ajudaram na campanha de independência da coroa espanhola. Nesses casos, os colonos conseguiam se estabelecer, mas como mão de obra para os fazendeiros, com a promessa de ter um pedaço de terra em empréstimo, para sua própria semeadura e lavoura, mas sem ter a propriedade, e baixo condições, algumas vezes de escravidão (Fajardo, 1981). Essa situação de migração interna dentro do país, tem espalhado e misturado muitos costumes, contribuindo assim, a multi e pluriculturalidade característica, das regiões rurais.

Outro destino que viveu o campesinato, aquele que se adentrou em territórios inóspitos, de difícil acessibilidade, onde existiam efetivamente ainda terras do Estado, conseguiam na prática aceder à terra, porque conseguia delimitar uma área para um teto para a família, uma área de lavoura e de criação de animais. Tenência de terras, que muitas vezes os diferentes governos locais e nacionais desconheciam, e rejeitavam em legalizar para o campesinato nessas territorialidades; relacionado com isto, no caso do departamento de Nariño, historicamente, a alta concentração da terra se relaciona com um alto desenvolvimento agropecuário, as. O uso da terra está intimamente relacionado à produção de culturas e espécies animais. De acordo com a pesquisa realizada por (Chamorro, 2021), ela destaca como, desde os tempos pré-coloniais, os povos Quillasingas, Pastos e Abades desenvolveram complexos agrícolas, instalados nas encostas da Cordilheira dos Andes, onde esses povos tinham uma grande diversidade de culturas, nas quais baseavam sua tradição agroalimentar. No caso do povo de Los Pastos, seu foco em climas frios era a batata (*Solanum spp.*), a quinoa, outros tubérculos andinos, frutas tropicais, feijão, pimenta malagueta e milho, bem como a domesticação do cuy; costumes que, com a chegada dos europeus, na época da conquista, introduziram, neste clima, a cevada, o trigo, legumes e verduras (nabos, cebolas, repolho e cenoura) e, em climas quentes, grão-de-bico e cana-de-açúcar. Também introduziram gado, porcos e galinhas, por meio de práticas de escravidão (de indígenas e negros trazidos da África), práticas relacionadas à escravidão (encomiendas, mita, haciendas e resguardos) e, com o passar do tempo, práticas pré-capitalistas (principalmente trabalhadores).

Durante o período republicano, os primeiros esforços do país se concentraram na eliminação dos impostos de exportação de produtos como café, cacau, arroz, cana de açúcar, milho e arroz. Essa medida, entretanto, não teve um impacto significativo na realidade produtiva de Nariño. Mesmo com uma grande concentração de terras herdadas da era colonial e com os poderes latifundiários dos crioulos e proprietários de fazendas, vencedores da batalha pela

independência na década de 1820 e das guerras regionais do restante do mesmo século, o país, por meio da Lei de Terras de 1936, buscou a reestruturação agrária para estimular a produção agrícola nacional, concedendo terras estatais não cultivadas a comunidades sem-terra. De acordo com Chamarro (2021), a composição da estrutura agrária de Nariño reflete uma estrutura de minifúndio herdada da colônia, derivada da apareceria e da compra de pequenos pedaços de terra dos fazendeiros, à qual se somaram os esforços de adjudicação de terras da lei de terras mencionada anteriormente e outras leis relacionadas, como as Leis 135 de 1961 e 1 de 1968, que permitiram que muitos tivessem acesso a pouca terra, o que naturalmente significou, pouca terra nas mãos de muitos. Essa estrutura agrária resultaria em uma produção agrícola baseada na agricultura de subsistência, nas mãos dos camponeses, que viviam em micro e pequenas propriedades e eram mal pagos para trabalhar nas grandes propriedades dos latifundiários, onde produziam principalmente trigo e cevada.

Na segunda metade do século XX, foram aprovadas várias leis de livre mercado que incentivaram a exportação da produção nacional, o que garantiu a abordagem agroindustrial da década de 1960 e que foi intensificada na abertura econômica da década de 1990. Naquela época, as concessões de terras diminuíram e as grandes propriedades, mesmo as improdutivas, receberam maior segurança jurídica. Nas últimas três décadas, o foco da produção nacional e do apoio estatal concentrou-se na promoção das cadeias de produção agrícola, que foram fortalecidas nas décadas de 1960, 1970 e 1980. No caso de Nariño, as cadeias de batata, gado leiteiro, frutas e legumes, e café foram fortalecidas e, diante do declínio das culturas de trigo e cevada (devido à alta taxa de importações dos setores cervejeiro e de panificação), elas se expandiram, inclusive nos lotes e sítios de produtores camponeses, graças ao fortalecimento da ideia de empreendedorismo por parte de empresas agrícolas e pecuárias, institutos de pesquisa e universidades (Chamorro, 2021). Isso criou uma nova visão nos pequenos produtores, que adotaram o modelo, e o aplicaram em seus pequenos lotes, reconfigurando e expandindo o modelo de produção industrial, independentemente do tipo de posse da terra, e posicionando a produção de grandes e pequenos proprietários em função desta.

2.4 REFLEXÕES SOBRE A RESISTÊNCIA CAMPONESA.

Dentro dos processos de luta que se opõem a este modelo em todo o mundo, destacam-se principalmente na América Latina aqueles que simultaneamente levantaram as bandeiras das lutas camponesas e dos moradores rurais sem-terra, pela reforma agrária, e que reivindicam, o acesso a direitos como terra, crédito, infraestrutura e outros fatores produtivos; além de saúde, educação e água. Movimentos que, até o momento, em muitos países, não consolidaram a obtenção desses direitos de maneira plena, apesar de milhares de mortos e décadas e séculos de luta. Por outro lado, outras lutas, vêm ganhando relevância, como são aquelas das mulheres, pelo reconhecimento de sua participação fundamental dentro das lutas históricas desses movimentos e pela distribuição equitativa das poucas vitórias conquistadas: o que deixa ver as contradições, que dentro dos próprios movimentos são normalizadas, pois a muitas vezes, estas são invisibilizadas ou pouco atendidas.

Sobre a força e aperfeiçoamento da operação do modelo hegemônico, as ações das comunidades rurais sempre, e depois de vários acadêmicos e cientistas, e ambientalistas, levantaram suas vozes para se enfrentar a maquinaria do agronegócio. Talvez uma das lutas mais visíveis, sem dizer que seja a mais importante, seja aquela que desde os anos 1970 vem pautando o movimento ecologista, principalmente dos EUA, e o qual logrou se juntar com alguns outros, em países europeus e da América Latina, questionando a aplicação desse modelo, devido aos efeitos ambientais (Carson, 1969) e sociais que ele estava gerando depois de uma década. Da mesma forma, e como reivindicação histórica e de classe, têm existido movimentos camponeses em todo o mundo, que lutaram desde os campos de plantio, pelos impactos diretos que o modelo de produção lhes causou, incluindo perdas econômicas, mortes, desenraizamento, deslocamentos do campo para a cidade, entre outros. Dessas críticas feitas pelos movimentos ambientalistas, sociais e acadêmicos, formou-se uma corrente, um movimento maior, que tem tomado diferentes nomes, baseando-se em alternativas mais sustentáveis para a produção de alimentos e pela recuperação ambiental. Hoje, uma das propostas e movimentos mais fortes reside na agroecologia, que retoma práticas, técnicas e tecnologias de produção sustentáveis, já utilizadas ancestralmente por essas comunidades rurais, tais como a Via Campesina e o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), e outras novas que surgem a partir da academia, experiências práticas que, juntamente com uma proposta política contundente, buscam reverter os efeitos do modelo agroindustrial (Rosset, 2014).

As propostas alternativas a esse modelo de desenvolvimento hegemônico, nascidas no seio das bases sociais e dos acadêmicos do Sul Global, têm sido valiosas e passaram por períodos de incubação entre as bases populares em várias territorialidades, servindo para reformular de maneira crítica e decolonial, as formas em que se concebe a existência em comunidade, suas relações internas e com os atores externos, a fim de construir justamente modelos de vida locais ajustados às suas necessidades e realidades (Altieri, 2018). Esses esforços surgem como resposta aos processos imperialistas e empresariais dos EUA, que buscavam posicionar a América Latina como seu quintal, fonte de recursos naturais e commodities. Países "aliados" ao seu modelo de desenvolvimento, o que deu início ao "apoio" militar e econômico. A ingerência militar, para combater as dissidências ao seu plano de desenvolvimento, recaía sobre os movimentos sociais (muitos deles camponeses, operários e estudantes), categorizados pelos EUA como de esquerda e aliados do comunismo internacional, em plena Guerra Fria. Isso, desde os anos 60 e 70, colocou em todo o Cone Sul da América Latina ditaduras militares, conhecido como o Plano Condor, que possibilitou o extermínio sistemático de lideranças sociais em todo o hemisfério e viabilizou a injeção de capital estrangeiro, ou seja, o "apoio" econômico, que permitiu às empresas dos EUA e da Europa principalmente, ter um território livre para a estabilização de seus negócios. Mais tarde, com a implementação da desregulamentação da economia nesses países latino-americanos, houve o acúmulo de mercados e a concentração da oferta de produtos e serviços nesses territórios (Bartra, 2008).

É nesse contexto de um mundo em guerra ideológica, militar e econômica que os movimentos sociais do Terceiro Mundo, em constante resistência, desde a antítese a esse modelo, grupos religiosos e leigos, conseguiram consolidar manifestações populares, em torno da teologia da libertação que, a partir da visão cristã, buscava alcançar a genuína justiça social por meio do amor eficaz,

principalmente para os pobres, com base no que Jesus falava e praticava. Na voz de quem originou esse movimento na década de 1960, deveriam ser modificadas as estruturas sociais para atingir esses objetivos, o que repercutiu em um continente no qual o catolicismo tem grande enraizamento popular tanto na cidade quanto nas áreas rurais, e mobilizou os esforços populares e de muitos crentes para a luta de classes (Celis, 2016).

Outras correntes anti-hegemônicas, que buscam reequilibrar as dinâmicas que o capital quebrou, baseiam-se em estratégias de educação para a libertação, fundamentadas em práticas de educação popular. Estas buscam tornar visíveis as condições de opressão que atravessam as comunidades, e como a construção coletiva de todos os atores envolvidos no processo de aprendizagem pode gerar propostas próprias que transformem sua realidade, ao contrário do que faz o modelo de educação bancária – tradicional, que de maneira intrusiva, generaliza soluções pensadas pela tecnocracia e pelas esferas de poder exógenas aos territórios e grupos sociais. Esse é o mundo em que vivemos em 2025. Um mundo que, devido à aplicação desse modelo, enfrenta uma crise planetária, pela crescente variabilidade climática que o próprio modelo gerou (Mdee et al., 2019) e que coloca em maior risco, aqueles que, sem capital ou terra, vivem em zonas periféricas nas cidades e em áreas marginalizadas e vulneráveis nas zonas rurais.

Na Colômbia, o panorama é semelhante ao de muitas zonas rurais ao redor do mundo, pois o mesmo modelo também é aplicado há muitos anos. Durante décadas, o país tem sido um dos principais aliados dos EUA na região. De fato, algumas multinacionais daquele país, desde que a Colômbia se tornou república, se instalaram no território nacional, principalmente no século XX (Bermudez Torres, 2010). São empresas dedicadas ao extrativismo e à exploração de matérias-primas, como ouro, carvão e petróleo, além de empresas agroindustriais, como as bananeiras, com vastas extensões de terra para exportação, e exclusivos portos marítimos e aéreos. Inclusive, a Colômbia chegou a ter bases militares americanas em seu território. Após a Segunda Guerra Mundial, o país seguiu à risca, as diretrizes estabelecidas pela presidência dos EUA e seus altos funcionários, aplicando a doutrina da Escola das Américas, ao mesmo tempo em que se desenvolvia no Cone Sul a Operação Condor. A Colômbia também adotou as doutrinas neoliberais desde antes da década de 1970, e aprofundou sua inclusão como modelo estrutural dentro do Estado em 1991, derivado do Consenso de Washington (Martínez e Reyes, 2012). O país implementou integralmente o programa de combate às drogas dos EUA, em resposta à alta produção de cocaína, impulsionada principalmente pela grande demanda da droga, dos cidadãos norte-americanos. Isso levou ao aumento da produção de plantações de coca e à implementação de planos de erradicação forçada, como o uso de glifosato pulverizado por aviões, dentro do chamado Plano Colômbia, implementado no final da década de 1990 e inícios da década do 2000, criminalizando e envenenando, camponeses produtores da matéria prima, a folha.

A Colômbia também aplicou a doutrina de luta contra a insurgência, o que levou à expansão do paramilitarismo no país (Molano; Forero, 2021). Grupos privados, armados por latifundiários, políticos de partidos tradicionais e até mesmo empresas do setor privado e multinacionais, financiavam essas forças para manter o controle territorial. Como resultado, milhões de camponeses foram expulsos das áreas rurais durante a luta contra a insurgência, que durante décadas enfrentou diversos grupos guerrilheiros de orientação marxista-leninista,

maoísta e socialista, que surgiram na década de 1950 como resposta ao período de violência conhecido como "La Violencia". Esse período dilacerou o país em uma guerra bipartidária (Liberales e Conservadores) concentrada nas áreas rurais e também foi uma reação à alta desigualdade social, à concentração de terras e à perseguição política. Esses grupos paramilitares, com o apoio do Estado, promoveram o genocídio de todo um partido político de esquerda, a Unión Patriótica (UP), assim como também, o assassinato de vários candidatos presidenciais deste mesmo partido, e outros de fações de direita mais liberais, durante os 90.

Em paralelo, as medidas econômicas aplicadas, encaminhadas ao livre mercado, como os Tratados de Livre Comércio (TLC), começaram em grande escala há quase 20 anos e, até hoje, já foram assinados mais de 18 (o principal deles com os EUA). Esses acordos devastaram o setor agrícola e industrial da Colômbia. Como era de se esperar, a Colômbia também foi um dos principais países a aplicar o modelo agroindustrial, pelo menos nos territórios onde os grupos insurgentes não exerceram domínio. Mesmo após a assinatura do Acordo de Paz com as extintas FARC-EP, novos territórios que antes eram ocupados pela guerrilha foram abertos à incursão do capital financeiro estrangeiro, de países da Europa e dos EUA. No que diz respeito à aplicação do modelo de modernização e tecnificação da agricultura, a Colômbia cedeu o protagonismo da construção do modelo produtivo do país a institutos como o IICA, o que permitiu a instalação do CIAT do CGIAR, responsável pela administração de projetos de melhoramento e principal pesquisador em recursos genéticos e biodiversidade no país. Além disso, o país abriu as portas para a criação das faculdades de agronomia, que formariam os técnicos encarregados de levar o extensionismo rural para modificar a matriz produtiva das zonas rurais do país, sob o modelo da Revolução Verde. Tudo isso desde a década de 1960 (Escobar, 1998). Processo muito semelhante ao que ocorreu no Brasil no mesmo período (Elhers, 1998).

Os habitantes das zonas rurais do país têm enfrentado o genocídio da conquista e do período colonial, além da escravidão. Na República, ocorreram pelo menos mais de 10 guerras civis e um conflito armado anti-insurgente que durou mais de 70 anos. Isso gerou para os camponeses, indígenas, negros e ciganos (ROM, como são conhecidos na Colômbia), principalmente, um fenômeno conhecido como deslocamento forçado, além das vítimas mortais, deixando o território rural com uma ferida de guerra permanentemente aberta, centenas de milhares de mortos e milhões de deslocados em 200 anos de vida republicana (Machado, 2017). Um país controlado por elites crioulas e regionalistas, que dividem o território e acumulam terras para a pecuária extensiva, ocupam terras para o extrativismo e projetos agroindustriais (Ruíz, 2011). As comunidades étnicas, algumas delas rurais, só obtiveram reconhecimento constitucional em 1991. E o campesinato, até o ano de 2023, quando o primeiro governo progressista assumiu o poder (por mais de 200 anos, o poder foi disputado entre direitas liberais e conservadoras, e pela extrema-direita nos últimos 20 anos), e reconheceu plenos direitos constitucionais para a maior parte da população rural do país. Por mais de 70 anos, a população rural viveu em meio a um conflito armado, ao avanço do modelo extrativista neoliberal estrangeiro e ao abandono estatal. O modelo agroindustrial foi amplamente favorecido para grandes empresários, que possuem terras e grandes investimentos de capital. No caso das comunidades rurais, indígenas, negras e camponesas, esse modelo também foi amplamente implantado, transformando os sistemas produtivos de propriedades diversas, com

sistemas integrados e práticas agroflorestais. Um exemplo é o café, cujas variedades eram, até a década de 1960, cultivadas sob sombra, mas que aos poucos cederam lugar as monoculturas, modificando as paisagens agrícolas do país. Esses grupos culturais e étnicos, que geralmente são os mais desfavorecidos, tiveram que migrar de práticas tradicionais e adaptadas às condições de diversidade e diálogo com a natureza, para práticas menos sustentáveis, que os colocaram em uma situação de dependência.

2.5 NARIÑO E AS PROPOSTAS TERRITORIAIS EMERGENTES COMO POSSIBILIDADES DA AGROECOLOGIA.

O departamento de Nariño, localizado no sudoeste da Colômbia, mais especificamente na fronteira com o Equador, é caracterizado por sua grande riqueza em biodiversidade e cultura. Possui vários ecossistemas estratégicos, alguns deles importantes para a regulação do ciclo hídrico, ou seja, é abundante em água. Isso significa que conta com diferentes altitudes e regimes climáticos, o que faz de Nariño uma das principais zonas de abastecimento alimentar do país. Além de sua diversidade climática, o departamento é um dos mais desenvolvidos agriculturalmente, principalmente nas sub-regiões localizadas na Cordilheira dos Andes. Sua tradição agrícola remonta a décadas, e desenvolveu uma grande e rica agrobiodiversidade. Desde essa perspectiva, com a chegada do modelo de tecnificação, houve uma redução nas espécies e variedades dos agroecossistemas produtivos, eliminando milhares de variedades de tubérculos andinos, frutíferas, legumes, além de espécies de feijão e milho, que eram nativas do departamento e suas sub-regiões. O modelo desvinculou a alimentação própria da produção gerada nas propriedades, priorizando a produção para o mercado, o que simplificou e deteriorou a base genética e alimentar das famílias rurais. A fronteira agrícola se expandiu, e as áreas de cobertura natural são cada vez mais escassas. Muitas monoculturas foram estabelecidas; hoje, nas zonas circundantes à cidade de Pasto, a capital do departamento, ao redor do santuário de flora e fauna Galeras, as monoculturas de cultivos semestrais ou anuais, juntamente com a cobertura de pastagens para pecuária, predominam na paisagem desta região hoje.

Neste contexto, o TLC com os EUA causou, como já mencionado, o progressivo declínio da produção camponesa, pois os agricultores têm que competir diretamente com os produtores subsidiados dos EUA, sob o modelo tecnificado, enquanto o campesinato local não recebe subsídios, nem programas governamentais de investimento. Além disso, tendo já adotado o modelo industrial, os agricultores locais precisam comprar insumos de empresas multinacionais, a maioria importados do exterior a preço de dólar, com uma moeda local altamente volátil. Isso levou muitos produtores à falência, especialmente aqueles que competem diretamente com os EUA em produtos como milho, papa e leite.

No estado de Nariño, as comunidades de agricultores sem terra ou com pouca terra produzem papa e leite, e essas populações enfrentam os efeitos do neoliberalismo no século XXI. No caso da batata, há uma alta dependência do uso de fungicidas e, mais recentemente, de inseticidas, com preços elevados para insumos e alta volatilidade no preço do produto nos mercados locais. No caso do leite, dentro de pouco mais de um ano, os agricultores colombianos terão que

competir diretamente com o leite importado dos EUA, já que em 2026 o acordo de livre comércio com os EUA estipula que os impostos aduaneiros que o leite americano paga para entrar na Colômbia chegarão a zero. Assim, em cerca de 15 meses, essas políticas de acordos internacionais de livre comércio terão um impacto significativo sobre o setor leiteiro (Ministério de Comércio, Indústria y Turismo, 2024).

A agroecologia, nesse contexto, surge como uma alternativa viável e digna para os agricultores camponeses, indígenas e negros, pois promove práticas holísticas que buscam mitigar os problemas causados pelo modelo agroindustrial e resgatar práticas e conhecimentos ancestrais. Por exemplo, no aspecto produtivo, a agroecologia propõe a recuperação e implementação de práticas agrícolas sustentáveis que preservam a biodiversidade e a agrobiodiversidade; visa melhorar a saúde dos solos mediante o uso de insumos próprios, como adubos orgânicos; adapta práticas de manejo cultural, como a rotação de culturas, a implementação de sistemas agropecuários integrados e promove a conservação de sementes próprias, crioulas e nativas (Altieri, 2018). Ao eliminar o uso intensivo de agroquímicos, a prática agroecológica ajuda a reduzir a contaminação dos solos e das águas, favorecendo um território mais saudável tanto para as pessoas quanto para o ecossistema.

Além disso, a agroecologia se apropria de uma bandeira política anti-hegemônica fundamental para o “bem viver”, baseada na proposta da soberania alimentar, que busca dar poder os agricultores locais para que se organizem local, regional e nacionalmente para controlar e gerir seus próprios sistemas agroalimentares, desde a terra, passando pelas sementes até o consumo (incluindo o autoconsumo) (Sevilla, 2010). Ao estabelecer sistemas agropecuários e territórios mais resilientes, a agroecologia também contribui para a mitigação das mudanças climáticas, pois reduz a dependência de combustíveis fósseis e insumos externos e aumenta a captura de carbono nos solos, devido ao cuidado integral dos agroecossistemas e ecossistemas onde são cultivados. Por fim, a agroecologia promove mercados locais e redes de intercâmbio de conhecimentos, fortalece as economias rurais e melhora a justiça social ao priorizar o bem-estar dos pequenos produtores em detrimento dos grandes interesses corporativos (Gómez et al., 2023)

O movimento agroecológico na Colômbia, com uma forte base nas comunidades camponesas e indígenas, tem sido fundamental na luta pela soberania alimentar e pela justiça ambiental. Essas comunidades buscam não apenas melhorar suas práticas agrícolas, mas também resistir ao avanço dos modelos agrícolas industriais que ameaçam suas formas de vida. As comunidades rurais e os grupos indígenas desenvolveram sistemas agroecológicos que incluem a preservação de sementes nativas e a proteção da biodiversidade, reconhecendo a importância de manter uma abordagem holística à agricultura que promova a resiliência e a autossuficiência alimentar. Existem exemplos importantes em todo o país, como a Rede Nacional de Agricultura Familiar (RENAF), a Associação de Zonas de Reserva Camponesa (ANZORC) e os Territórios Camponeses Agroalimentares (TECAM), agrupados no Coordenador Nacional Agrário (CNA) do Congresso dos Povos, nos Processos de Comunidades Negras do Pacífico, no Conselho Regional Indígena do Cauca (CRIC) e em dezenas de outros processos locais que mantêm viva a proposta territorial da agroecologia, desde a perspectiva política e organizativa, até os processos de fortalecimento das práticas

agroecológicas. É nessa abordagem integral da agroecologia na Colômbia que se demonstra o seu potencial para combater as mudanças climáticas, estabelecer cenários reais de soberania alimentar e apoiar a resiliência das comunidades rurais diante dos desafios socioeconômicos e ambientais atuais.

Este ano, o movimento agroecológico, liderado pela plataforma do Comité de Impulso del Movimiento Agroecológico Colombiano (CIMAC), que reúne algumas organizações de base agroecológica do país, junto com pesquisadores e acadêmicos, realizou o primeiro Congresso Popular, Político e Científico de Agroecologia do país. Este congresso faz parte do processo de consolidação de uma proposta social para a incidência política do movimento agroecológico em nível nacional. Aproveitando a conjuntura política favorável, proporcionada pela disposição do atual governo da Colômbia, liderado por Gustavo Petro, especialmente com o apoio de sua ex-ministra da Agricultura, Jennifer Mojica, e da atual ministra, Martha Carvajalino, e com o impulso fundamental do movimento agroecológico nacional, foi possível redefinir parte da estrutura institucional do Ministério da Agricultura. Isso ocorreu com a aprovação do decreto que regula a Política Nacional de Agroecologia dentro do ministério, juntamente com o Programa Nacional de Agroecologia, que dá forma ao enfoque institucional deste governo para a agroecologia. Esses esforços se somam a duas políticas estaduais já estabelecidas, que são as Políticas Departamentais de Agroecologia dos estados de Antioquia e Valle del Cauca. Além disso, há um projeto de lei em tramitação na Câmara do Senado que busca instituir a primeira Lei Nacional de Agroecologia, liderada pelos movimentos sociais e também pela bancada governista (RENAF, 2024).

Em Nariño, desde muitos anos atrás, as organizações de base social camponesa, indígena e negras, tem se envolvido com as propostas de agricultura tradicional e própria, reivindicando a sua existência e seus direitos. Dentro dos processos sociais, sempre existiram nas vozes, braços, mentes e corações, mulheres maioritariamente, e homens, que defendiam suas tradições agropecuárias, defendendo suas sabedorias e práticas. Durante os anos os últimos anos, vários movimentos, vem se reconhecendo como agroecológicos, como uma categorização guarda-chuva o qual abrange as diversidades das agriculturas tradicionais e ancestrais. Alguns delas e deles, vem se agrupando em movimentos departamentais, como La Red de Agroecologia de Nariño, e no caso do campesinato, La Asociación de Desarrollo Campesino, e outras tantas, mais locais, para o desenvolvimento da agroecologia como modelo alternativo nas territorialidades rurais, dos pequenos e pequenas produtoras rurais, e inclusive dos periurbanos e urbanos (Bravo, no prelo).

Este esforço, pode ser evidenciado com um processo relativamente novo, mas que tem a ver com o resultado de processo de muitos anos. No 2024, iniciou-se a construção da Política Departamental de Agroecologia, liderada por processos sociais de caráter regional, como a Rede de Agroecologia de Nariño e a Minga Agroecológica do Sul, que, em aliança com a Deputada de Nariño e presidente da Câmara Departamental, Rosita Guevara, começaram o processo de construção participativa com os processos comunitários de base do departamento para criar essa lei departamental. Essa lei possibilitará maior relevância e participação no orçamento departamental, bem como o reconhecimento do trabalho que centenas de produtores vêm realizando em seus territórios com as práticas agroecológicas. Além disso, a base social agroecológica do departamento, agrupada

principalmente na Rede e na Minga, reúne experiências práticas de produtores, acadêmicos e pesquisadores que fazem parte da proposta política, organizativa e prática da agroecologia no departamento há algumas décadas. Também cabe ressaltar as escolas camponesas de agroecologia que tem nascido no interior das organizações já mencionadas; o diplomado em agroecologia e o mestrado em agroecologia oferecido pela Universidad de Nariño (UdeNar).

É nesse contexto que se desenvolvem as questões que dão origem ao análise desta pesquisa, não como objetivos, se não apenas, como contexto aprofundado. Primeiramente, busca-se compreender as relações nas quais estão condicionados os habitantes dessas territorialidades em Nariño, como parte do preâmbulo e fase primordial que encaminharam o ponto de partida, dos objetivos da pesquisa. Em um segundo momento, busca-se identificar quais são as alternativas que podem ser tecidas territorialmente pelos habitantes e produtores locais, junto com profissionais como eu, para oferecer pistas sobre como responder de forma eficaz, através da proposta agroecológica, aos problemas gerados pelo modelo agroindustrial, capitalista-neoliberal, patriarcal, extrativista e colonial. No desenvolvimento do referencial teórico desta pesquisa, procurar-se-á decifrar as questões conjunturais que fundamentam essas questões, derivadas das perguntas que aqui se trabalham, para enlaçar posteriormente, com as apostas da pesquisa, ou seja os objetivos, os quais serão indicados mais para frente.

2.6 MARCO DA DISCUSSÃO METODOLÓGICA DESTA PESQUISA

No meu caso, que é o que me ocupa nesta pesquisa, sobre a procedência que tenho e o encontro que fui forjando em meu caminhar, em meu trabalho, que se baseou praticamente na formação profissional em engenharia agrônoma, e que me relacionei principalmente com comunidades camponesas de municípios de Bogotá e Arbeláez em Cundinamarca; Inzá, Totoró y Silvia em, Cauca; Planadas, Tolima; e finalmente, os municípios de Cumbal, Contadero e Guachucal, Nariño (além daqueles que são objeto desta pesquisa, descritos anteriormente), a partir de uma perspectiva técnica e social, desde uma abordagem agroecológica, pode se perguntar, com os antecedentes anteriormente descritos: como complementar visões e ações?, como nos estabelecermos a partir de iguais?, como possibilidades de construir a partir das visões e experiências, minhas, ao serviço da comunidade?; e como a comunidade, com suas múltiplas expressões, sua sabedoria, sua expertise, sua resistência e proposta cultural (produtiva, artística, de linguagem e outras), que são na verdade, a suas formas de conceber o mundo, e as mudanças que acontecem nele; como podemos nos sintonizar e assim contribuir mutuamente para propor alternativas de ação a essas realidades de opressão que vivemos, nos territórios que habitamos?

Estas questões originam justamente, a primeira pergunta que sintetiza e que inicia o marco de análise desta pesquisa. Se existimos vários e várias que entendemos que nas realidades que vivemos, que são marginais e em função desse modelo opressor, vemos seus sintomas e consequências dia após dia: como nos unir e sintonizar para romper com elas, para dialogar, a partir da confiança e tecer ações que transformem essas realidades? No meu caso, do agrônomo, do extensionista, do forasteiro, do cidadão, do profissional que chega para trabalhar com comunidades, isso representa um desafio grande, uma vez que a experiência que

as comunidades têm com esse tipo de pessoas, essa relação simbólica que existente, é construída por pessoas semelhantes a mim, apresenta muitas arestas boas, mas também problemáticas, pelo que o profissional representa para eles (a comunidade), e isso deriva de uma construção histórica que tem essa relação de extensão – comunidade.

A visão geral, que se construiu na ruralidade colombiana sobre o agrônomo e/ou extensionista é mediada pela imposição do modelo de agricultura tecnificada que começou na década de 60. Os planos e programas de tecnificação formaram agrônomos, agroindustriais, agrícolas, zootecnistas e médicos veterinários (e outros relacionados), e que, atualmente, ainda se mantém (embora tenham sofrido mutação), principalmente ofertado por empresas privadas, vendedoras de insumos, e marginalmente pelo Estado; trata-se de profissionais formados, desde um esquema transmitido pela academia e a ciência ocidental, que coloca como obtentores de conhecimento validado e reproduzível, que os e as produtoras não têm, algo que eles não entendem e que precisam compreender para serem mais produtivos e mais eficientes. Para isso, devem ser educados e socializados baixo esse paradigma de pensamento científico, que requer de eles se especializar, adquirindo as ferramentas para atingir essas melhoras técnicas, para o pacote tecnológico e aplicá-lo, para obter mais lucro, e supostamente melhor qualidade de vida para eles e sua família, sem se importar muito pela comunidade ou seu entorno.

Da mesma forma, esse modelo foi transferido para as camponesas e camponeses, sendo melhor para eles na medida em que vão ganhar mais recursos monetários, e nesse pensamento, aqueles que vêm ensinar como fazê-lo, ou seja, os extensionistas, incluso os agrônomos, são detentores de um conhecimento superior, que é necessário obedecer para ter uma melhor qualidade de vida. Uma imposição desse pensamento (supremacista e homogeneizador de como fazer certo a agricultura, é porem colonial), que percorreu e percorre muitas das áreas rurais, patrocinada pelas empresas fabricantes dos elementos dos pacotes tecnológicos, entre eles, os fabricantes de máquinas e implementos de aplicação, insumos e pesticidas, e governos, e instituições multilaterais. Isso marcou uma mudança de paradigma no campo, em que o agrônomo – extensionista era seu rosto visível diante das comunidades.

Essa visão construída, ainda em muitos lugares se mantém, mas em outros, devido aos impactos negativos que gerou, muitas vezes prescrevendo tecnologias caras, ou que não tinham os efeitos esperados, vendendo produtos que não precisavam ser receitados, e múltiplos casos que fizeram muito efeito em comunidades empobrecidas, que viam que, mesmo aplicando as recomendações do técnico, seus resultados não eram suficientes ou até mesmo contrários ao que se supunha que deveria acontecer. Nesse caso, a visão do técnico agrônomo – extensionista, que se dedicou na realidade mais a acompanhar o desenvolvimento dos cultivos implementados no sistema produtivo, gradualmente se transformou em vendedores, que recebem comissões pelos produtos transferidos aos produtores. Muitas vezes, as recomendações são justificadas por um afã do vendedor – agrônomo – extensionista, por não ficar fora da margem de vendas que a empresa exige ou fora da margem de lucros que é exigida para manter seu status de vida, não nas reais necessidades do que o produtor precisa.

Em geral, essa visão ambivalente é o que se pode encontrar na área rural, a do agrônomo – extensionista que faz bem seu trabalho (aplica bem o modelo de tenificação), que consegue melhorar os rendimentos das culturas, controla pragas e obtém produções convencionais. Por outro lado, a do vendedor – agrônomo – extensionista, que faz isso de forma superficial ou mal, buscando um interesse particular. Essa ambivalência cria um estereótipo, um arquétipo, do agrônomo extensionista, de alguém muito bom em prol do modelo e/ou em detrimento da economia camponesa ou pequena (pois quando existem grandes capitais nesse modelo, mesmo que haja perdas, geralmente, existe musculatura financeira para suportá-las).

Sob a visão das comunidades que foram alcançadas e doutrinadas pelo modelo, o agrônomo sabe de produtividade, de produção, de químicos, de o que aplicar para eliminar uma ou outra praga, de sistemas de irrigação, de fertilizantes, mas não de outras formas de produzir, sem a utilização do pacote que é ofertado pelo modelo (na maioria dos casos), porque o nosso ensino fundamentalmente, foi focalizado nessa normatividade. E com justa razão, foram mais de 60 anos em que viram que o agrônomo-extensionista se especializou nisso; é uma construção definida, um estereótipo, bem enraizado no imaginário dos e das produtoras, da sociedade rural em geral, em correspondência ao que nos é infundado pela academia e pela ciência ocidental.

A tarefa de modificar a concepção e as práticas dos pacotes tecnológicos não é simples. Depende de muitos fatores que foram estabelecidos por muitos anos. Entender que as diferentes abordagens que pode atingir as ciências agronômicas, pode se desenvolver e para se aproximar com outras visões das territorialidades e da produção que em elas se fazem, entre elas a abordagem agroecológica. O que se propõe é justamente estabelecer justamente pontos de encontro onde se possibilite a construção de confiança, para tecer conjuntamente estratégias e ações que transformem nossas realidades. Para isso devemos continuar modificando nossas formas de ser, pensar e agir para conseguir isso. A resposta à primeira pergunta, então, é: realizar uma tarefa conjunta, de quem estamos buscando, a partir dos diferentes fazeres que realizamos, neste caso, tanto para o agrônomo – extensionista quanto para a comunidade, na opinião deste humilde pesquisador, e recai justamente no processo, no caminho, que é multifatorial: a construção de redes de comunicação efetivas para estabelecer metodologias coletivistas, que deem conta, daquelas formas em que nós reconhecemos, conhecemos, dialogamos, trocamos, construímos, aplicamos e reavaliamos conjuntamente, para alcançar as transformações que precisamos e requeremos, para conseguir um objetivo comum, que possibilite melhorias em nossas vidas. Neste caso, o que diz respeito a esta pesquisa, é o poder estabelecer essas redes de comunicação efetiva, para criar de maneira coletiva, metodologias que nos permitam nos aproximar e criar processos de planejamento e ação, para lograr estabelecer processos de transição agroecológica, especificamente com algumas comunidades de base camponesa no departamento de Nariño, Colômbia.

A seguinte pergunta, que envolve a afirmação anterior, é: como conseguir que possamos tecer essas redes de comunicação para criar metodologias coletivistas? A resposta não é única, não é total, não é linear. É uma intencionalidade e um processo, uma espiral, na qual, ao longo do caminho, se retroalimenta e se ajusta, conforme o caminhar. Embora não seja uma receita,

tem alguns elementos constitutivos, alguns pilares que em conjunto podem contribuir para a construção dessas relações coletivas saudáveis, anti-hegemônicas, propositivas, dialogantes e ativas, para a consecução dos objetivos do bom viver. E se baseia, na posta na prática, das propostas alternativas ao modelo hegemônico, mais especificamente as propostas baseadas nos discursos da transição, para construir realidades diferentes ao capital, ao desenvolvimento (Escobar, 2012). Em primeiro lugar, o primeiro pilar deveria apontar para construir uma visão da realidade coletiva, a partir de uma perspectiva decolonial.

Essa perspectiva que deve ser construída em cada territorialidade deve apostar por se entender como sujeitos atravessados pela colonialidade, em suas diferentes ondas, em seus diferentes momentos e com suas diferentes formas. Na América Latina, constituiu-se, desde a colônia (valga a redundância) até hoje, um regime colonial, que tem sofrido mutações em suas formas, mas que em essência estabeleceu em nossas territorialidades, os paradigmas derivados da presença do poder ocidental europeu, que se colocou como vanguarda e exemplo de “civilidade”, afinal, uma posição eurocêntrica, que impôs a suas colônias, seus modos e formas de vida, uma posição de uns sobre os outros, a ditadura das necessidades (Chomsky, 1999).

As formas como concebemos o mundo estão mediadas por isso, as formas como pensamos os espaços, os modos como construímos as cidades, os sistemas de educação, as formas de transporte, as ideias a partir das quais se concebe e se avalia o desenvolvimento, as roupas que vestimos, os imaginários do que é bom e do que é mau, do que é desejável e do que rejeitamos, o que é evolução e o que é atraso, o individualismo, a propriedade privada, o sucesso, o fracasso, e muitos esquemas de pensamento mais, que se mantêm hoje, a colonialidade do poder (Quijano, 2000). Esquemas que operam, apesar de não estar a bandeira de nenhum país europeu tremulando nas praças de nossas cidades, mas o que está presente são suas ideias, suas formas de pensar e moldar o mundo. Em nossas leis, nas dinâmicas e lógicas com as quais cada um de nós se levanta para enfrentar o dia, o colonialismo nunca se foi, apenas modificou suas formas; o poder colonial e imperialista não precisa estar no nome do país, não precisa governar em corpo físico, faz isso através dos modelos econômicos, da educação, na diplomacia, com instituições e organismos internacionais, com os meios de comunicação, com uma cultura imposta a sangue e fogo, sobre as culturas diversas e plurais do sul global.

Entender isso ajuda a perceber a necessidade de se trabalhar a partir da lógica camponesa em cada diferente territorialidade. Se continuarmos aplicando as formas com que o pensamento colonial age, não poderemos mais que seguir oprimidos, porque os poderes hegemônicos têm uma estrutura predeterminada na concepção, forma e operabilidade do Estado-Nação, que está presente na estrutura social, nas relações que propõe, que impedem justamente que os sujeitos deixem de ser (Mignolo *et al.*, 2001). Por isso, pensar-nos decolonialmente é parte do processo. Não é o primeiro, nem o último, mas é um passo fundamental para começar ou continuar o caminho de reorientar as ideias do que deve ser a realidade, fora dos esquemas de pensamento coloniais e eurocêntricos, especialmente quando falamos do desenvolvimento rural de comunidades camponesas na América Latina. O pensamento ocidental fragmentou a ideia do comum, dividiu comunidades inteiras, por classificações de cor, raça, religião, lugares de origem (nacionalidade ou região), classes sociais, e

outras classificações, que em sua própria concepção, dividem em categorias que são antagônicas umas às outras. Implantaram ideias de separação, em vez daquelas que existiam de união, priorizaram particularismos acima dos elementos comuns, dividem o todo em um eu e o nós, em constante disputa com o tu, ele – ela, eles, os outros, ideia fundamental para estruturar o individualismo e o desenvolvimento do ego, do meu, acima do nosso e do de todos, o que é totalmente funcional ao desenvolvimento da modernidade e da pós-modernidade, do capital e do neoliberalismo (Díaz, 2013), da globalização.

Este colonialismo germinou em nossas mentes, em nosso espírito e coração, a ideia de competitividade, de meritocracia e de verticalidade. Colocou em nossas culturas não apenas a ideia de sermos indivíduos e não comunidades, mas também nos pôs uns contra os outros, a competir por recursos, dinheiro, trabalho, amor, tudo aquilo que deveria nos unir. O faz por meio da cultura e do “mainstream” global, que impõe. O mérito do sacrifício para poder ser como nos indica o modelo que devemos ser, ou seja, nos fazem desejar um estilo de vida, cheio de vazios e carências, insatisfações, que como nos rompeu os laços que tínhamos com a natureza e com os outros, devemos preencher com produtos, experiências, mercadorias, formas de ser e de não ser. O mérito está em exigir de si mesmo, em cumprir os requisitos que nos impõem para conseguir as metas que a cultura nos impõe, e isso implica passar por cima dos outros, como já mencionado, mas também sobre nós mesmos, realizando trabalhos que não queremos, estando em lugares e com pessoas que não queremos, tudo para ser alguém para e dentro do sistema. E da verticalidade, aceitamos que poucos tenham muitos recursos, muito poder, enquanto muitos de nós temos pouco ou nada, e aceitamos isso, reproduzimos e exaltamos. Acreditamos e queremos estar nesse ordenamento social, excludente, supremacista, elitista e patriarcal, estamos educados para fazê-lo. É a forma estrutural com a qual se ergueu a colonialidade do poder eurocêntrico, como poder totalizante e globalizador.

A decolonialidade é o desafio de reconfigurar-se fora desse ordenamento do pensamento, como falaria o Walter D. Mignolo, agir desde uma desobediência epistêmica (Mignolo, 2010), e agir fora dela também. As ações que podem entrelaçar essa reconfiguração, a partir da qual se deseja construir uma perspectiva decolonial, recaem, então, no entendimento de fazer diferente, em alternativas a esse ordenamento, que façam sentido para as emancipações que queremos realizar, tanto no imaterial, ou seja, em nossa mente, em nossas formas de fazer e construir ideias, de ouvir, de falar, sobre como vemos a nossa própria história e a de nossos povos, a dos e das outras; quanto no material, nas formas como executamos nossas ideias, em como nos organizamos, para o trabalho, para o cuidado. É justamente por meio da autoexploração das alternativas que queremos ser que podemos partir para lá. Existem proposições alternativas, que se transformaram em ferramentas poderosas, que já foram construídas pelos povos colonizados, que encontraram na emancipação seu Sul, e que lentamente foram sendo exploradas e tecidas, para dar resposta ao que queremos alcançar. Essa é a resposta à segunda pergunta formulada; já existem caminhos percorridos por outras e outros que, sob situações de opressão semelhantes, criaram propostas alternativas ao desenvolvimento ocidental, alternativas ao modelo de produção tecnificada, que têm espaço nas ruralidades do sul global, iniciativas de transições locais (Escobar, 2012), experiências que podem ensinar caminhos já trilhados e que podem motivar aqueles que ainda estão nesse processo de exploração e construção.

2.7 PERSPECTIVAS ALTERNATIVAS PARA A COMPREENSÃO E O TRABALHO DESDE AS COMUNIDADES RURAIS OPRIMIDAS EM BUSCA DA SUA EMANCIPAÇÃO

O segundo pilar, é a educação popular, e que responde a primeira e segunda pergunta feita, que se relacional com o como se juntar diferentes atores agroecológicos para criar novas estruturas e relações, para conformar desde os diferentes tipos de saberes, o técnico e o camponês, neste caso; e como estas, propostas alternativas decoloniais ou contracoloniais, ao desenvolvimento do capitalismo, no campo, e com estas, redes que possam se estabelecer entre estes e outros atores. Encontra-se em uma posição ética, sobre a qual se cimentam as bases para alcançar a justiça social; um marco epistemológico holístico, uma metodologia e pedagogia teórico-prática, que procura superar as visões e divisões implantadas desde o colonialismo estrutural; nesse sentido, ao falar de uma metodologia e pedagogia teórico-prática, é necessário entender como “o conhecimento gerado e acumulado pela humanidade (a teoria) está a serviço do processo de construção coletiva do conhecimento e não sobre ele; sua posição política depende de como, para que e a partir de que opção se trabalha com as comunidades, entendendo que a educação popular deve ser um processo permanente de teorização sobre a prática que, além disso, deve estar indissoluvelmente ligada ao processo organizativo das comunidades e à prática para a transformação de suas condições de vida” (Peña et al. 2021).

Adicionalmente, no entrelaçamento que se gerou nas diferentes pedagogias críticas, nascidas na América Latina, como a pedagogia do oprimido (Freire, 2005), consegue-se identificar coincidências que, entre outros aspectos, poderiam ser resumidas, no diálogo e nas construções de ações coletivas para a transformação das condições que produzem a injustiça, os sistemas de exploração, dominação e exclusão da sociedade, lugar que exige uma corresponsabilidade com o território que se habita, que, ao estar organizado sobre um modelo antropocêntrico, tem degradado as formas de vida que foram vistas como menores e submetidas ao controle do humano (Mejía, 2014).

Nesse emaranhado, a pedagogia da esperança desempenha um papel determinante, a partir do qual se compreendem as relações de poder que sustentam os sistemas de opressão, sem perder o horizonte de ação em direção à criação de valores que permitam nutrir o sentido do caminhar coletivo. Nesse sentido: “inscreve-se na tradição que reconhece que, se as desigualdades são produzidas socialmente, da mesma forma podem ser enfrentadas e solucionadas. Nessa perspectiva, a tarefa da transformação dessas condições de injustiça é uma tarefa de quem sofre essas situações, mas também de quem, tendo condições econômicas, sociais e culturais diferentes, considera que aquela é uma condição que deve ser enfrentada não apenas pelos sujeitos que vivem diretamente a dominação e seus efeitos, mas por toda a sociedade, para construir relações sociais baseadas na solidariedade” (Mejía, 2014, p, 6).

O modelo hegemônico, por outro lado, desenvolvido para através da educação, socializar as pessoas para aceitar e se condicionar a normatividade da sociedade desigual, e as suas regras, para manter o status quo do mundo dominado pelo capital. Portanto, a educação popular é uma mostra de uma aposta alternativa ao

modelo hegemônico, portanto, uma proposta decolonial. É uma ferramenta poderosa que fortaleceu muitas comunidades rurais e urbanas, confrontando com os parâmetros de pensamento ocidental, apostando em um entendimento próprio e replanejando a partir daí outras formas de ser e agir em sua territorialidade e fora dela. Dentro das contribuições que a educação popular traz, está o trabalho para a construção de uma nova identidade (Mejía, 2014), uma própria que construa uma visão de si mesmos, na qual se enraizar, e construir a partir dela uma proposta de vida diferente (Neef, 2006).

Essa construção de identidade possibilita a abertura a novos horizontes, uma recuperação ou construção de outras relações. Além da identidade, a educação popular possibilita reconstruir os marcos de valor e análise da realidade, pois fomenta que a construção das orientações e da tomada de decisões seja de caráter coletivo e vinculante. Busca lugares nos quais essas identidades construídas reflitam decisões afins à busca de ser e de transformar a realidade de opressão, por uma realidade fora dela, que seja libertadora (Olmeda, 2020), e onde todos os envolvidos no processo obtenham visões transformadoras de sua subjetividade e do coletivo, incluindo a libertação do território.

Essas novas formas de se ver incluem, como foi mencionado, ver-se de maneira distinta, através do relacionamento com o território, a extensão do corpo, o habitat da comunidade. Nesse sentido, Julieta Paredes aborda as formas de relacionar-se com o território a partir da concepção de comunidade, entendendo a organicidade que nela se sustenta desde valores fundantes como a reciprocidade, a igualdade, a dignidade e a autonomia que se promovem para mulheres, homens, terra e território. Assim, essa concepção integra o entrelaçamento de um território mais complexo, onde se entende a diversidade de cada ser único, necessário e autônomo, mas também a simplicidade em que pode manter-se a harmonia a partir de poucos princípios, a partir dos quais se entende o eu mesmo e a alteridade. “A Pachamama é uma comunidade e existe em relação recíproca com aqueles que fazemos parte dela, portanto, não é uma propriedade, como se a interpreta sob a ótica patriarcal capitalista. A Pachamama é muito mais do que a terra; as pessoas estão incluídas nela, e é ela quem garante a vida em comunidade”. (Guzmán, 2019).

Aqui o terceiro pilar, que parte de nos colocar no lugar, onde o capital nos tirou, a natureza, é dizer nos reinserir e ser parte de novo daquele corpo total que somos, o território. Para entender o território como essa extensão do corpo, uma extensão da comunidade, deve-se compreendê-lo em uma relação não de dominação, mas, ao contrário, de conexão e relação, perspectiva que o ecofeminismo traz à tona. Uma visão que historicamente foi construída por mulheres rurais, na prática, fora da lógica da dominação masculinizada, do extrativismo da natureza (Siliprandi, 2000). É essa visão diferencial construída a partir da perspectiva das mulheres e dos corpos feminizados, que tem lutado contra as práticas de dominação do capitalismo, e é também a relação com o território, como parte do ser individual e coletivo, que tem levado, desde sempre, mas com mais visibilidade desde os anos 60 do século passado, as mulheres principalmente a defenderem suas territorialidades, com suas visões próprias, suas práticas de cultivo, de cuidado dos ecossistemas (Guimarães, 2023). É precisamente essa visão que hoje tenta reparar o que foi feito pelo capitalismo, oferecendo soluções práticas, até mesmo para os efeitos das mudanças climáticas que vemos hoje (Gaard, 2015). Essa é uma das mudanças estruturais

necessárias em qualquer comunidade que tenha sido afetada pela revolução verde e pela agricultura industrial, ou por qualquer forma de dominação sobre ela.

É necessário refazer laços e conexões com a natureza, buscando e entendendo que o cuidado dela é o cuidado da comunidade que nela habita, do corpo, entendendo que os benefícios que ela traz são transmitidos àqueles que nela habitam. É justamente o tecer laços de não exploração, mas sim de benefício mútuo, beneficiando a natureza enquanto ela se beneficia com o cuidado que se faz, pelas atividades que se realizam, o que resulta em dinâmicas não de opressão sobre a natureza, mas de coexistência e emancipação do jugo patriarcal, e por conseguinte, daqueles que nela habitam, uma vez que pressupõe a extinção das práticas de dependência que se enquadram na lógica de mercado, nas lógicas do extrativismo, nas lógicas do patriarcado (Shiva, 1988).

Por outro lado, outras posturas que reorientam as relações com o território são expostas pelo ecosocialismo e pelo pensamento ambiental latino-americano, o quarto pilar. O primeiro propõe a superação das relações produtivistas e de mercado que deterioram os ecossistemas, como uma posição política, além de espiritual e relacional, como expõe o ecofeminismo, pois retoma várias posturas do materialismo histórico marxista e propõe a urgência de ações concretas para mudar essas relações de poder, de submissão à natureza, que têm causado o desenvolvimento do capital (Mosquera, 2021); e da força do comum para realizar essas transformações, incluindo os movimentos ecofeministas e as lutas dos movimentos indígenas e negros na América Latina.

Por outro lado e de forma complementar, o pensamento ambiental latino-americano resgata a visão que une cultura e território (Romero, 2018), ou seja, construir não apenas relações soltas, mas um entrelaçamento de relações, simbolismos, ações, um sistema de crenças que gera transformações profundas na mente, na cosmovisão da comunidade, que estabelece com a natureza um todo, e que, por conseguinte, molda e atravessa cada decisão, cada ação que se estabelece no território, no lar, no que está fora, mas também dentro. É justamente esse tipo de construção social, de tipo decolonial, que pode ser articulada dentro da comunidade, uma decodificação do que foi imposto, para dar passagem a uma ressignificação total da essência dos indivíduos e do coletivo, em sua relação com a natureza.

Esse pensamento sobre a necessidade de uma nova cultura ambiental, distante do pensamento do Norte e latino-americano, é aprofundado pelo mestre Augusto Ángel Maya, quando propõe a necessidade de estabelecer, também a partir do pensamento ambiental latino-americano, uma nova cultura. Isso se faz através da formação, por meio de uma educação ambiental que se sustenta na pesquisa como método de formação ambiental, que deve ser participativa e coletiva, interconectando relações que não são visíveis à primeira vista, baseando-se na interdisciplinaridade e motivando a resolução de problemas do contexto, de realidades específicas, onde a comunidade possa observar, relacionar e explicar, por meio da práxis, ou seja, relacionando o teórico e levando-o à prática, experimentando (Maya, 2003), no seu próprio território. O que Augusto propõe aqui é que seja o coletivo social o protagonista da pesquisa e da criação de soluções para as problemáticas que enfrenta, que o faça a partir de uma visão ampla e interdisciplinar, uma prática que o libere e lhe dê respostas para agir e mudar sua realidade.

É justamente nessas novas formas de gerar novas culturas, através da educação ambiental emancipadora, que somada a uma ampliação da educação própria e popular, da organização social pela defesa territorial e pela criação de uma proposta integral, como alternativa local ao desenvolvimento, que se entende a agroecologia de base popular e comunitária como uma manifestação prática - produtiva - científica, político - organizativa e uma ontológica (ser) - epistêmica (aprender) - vivencial, para a emancipação, esse é o quinto pilar, pois abraça os abordagens dos outros quatro pilares e coloca-os numa posição dinamizadora. Uma vez que propõe gerar autonomias em todas as áreas da vida coletiva e individual (Val, 2022). A agroecologia emancipadora é uma proposta popular que, a partir da necessidade de dar respostas a uma realidade mais sustentável para a base social que habita as territorialidades, tece as dimensões da vida: ambiental, produtiva, artística, espiritual, psicológica, emocional, econômica e outras, para criar uma realidade baseada no bem viver. Uma realidade, que expressa e aplica alimentação saudável e local, ao mesmo tempo que procura cuidar o meio onde se pratica, é dizer no meio ambiente, enquanto estabelece uma cultura que reafirma as tradições próprias, e além de tudo que é de fato, mais resiliente aos embates das mudanças climáticas (Rosset e Martínez, 2016).

A agroecologia emancipadora é um modelo de vida que reivindica a obtenção de autonomias territoriais para estabelecer modos de vida alternativos ao desenvolvimento, a partir de uma base holística e multidimensional (Giraldo, 2021). E é através de uma proposta holística de todas as dimensões da vida que se pode chegar a uma ação coletiva que gerencie e alcance as autonomias para a disputa de poder nas territorialidades. Uma proposta post desenvolvimentista, que supera os axiomas desiguais do sistema hegemônico, e propõe a sua superação colocando no meio, os critérios de bem vive da comunidade no centro do seu interesse, e fazendo eles crescerem em espirar, por meio da obtenção e fortalecimento das autonomias, interdependências coletivas, do tecido micelar dos pluriversos rurais, periurbanos e urbanos.

As comunidades indígenas, camponesas e as comunidades negras têm gerido suas territorialidades com base nesses princípios, enquanto o modelo hegemônico tem tentado exterminar essas formas de gestão territorial. Foram as comunidades rurais, as comunidades camponesas, que enfrentaram, a partir de sua cultura e idiossincrasia, suas próprias práticas ao choque do mercado, do colonialismo, do capital (Van der Ploeg, 2010). Embora muitas tenham resistido, também são muitas aquelas que sucumbiram ao esmagador peso da maquinaria neoliberal e imperialista. É justamente a agroecologia emancipadora que propõe um modelo diferente de vida, uma pedagogia diferente, uma cultura diferente.

Os modelos de Camponês a Camponês e as escolas populares do campo são formas de gerir o conhecimento local e revalorizá-lo, dando-lhe um status de importância e beligerância, com o qual se armam e propõem, a partir da base cultural, uma transformação de longo alcance. O campesinato tem a possibilidade de reorientar sua realidade, tomando como base os princípios da educação popular como o veículo para adaptar seus saberes e transformá-los em ações coerentes e consequentes para sua libertação, como pode ser a proposta de soberania alimentar, por exemplo, que, embora recaia na práxis produtiva, tem efeitos em todas as dimensões da vida, gerenciando um saber próprio e potencializando-o, gerando autonomia para seu povo e para o território (Val,

2020). Uma disputa para recampesinar e reancestralizar, a territorialidade em disputa, desde os campos econômico, sociais, culturais, políticos, teóricos e ideológicos (Rosset e Martinez, 2016), espirituais, que vinculem a comunidade, com a terra.

Devem ser as redes dos processos territoriais as estruturas para abrir a possibilidade a outras realidades, desde o campesinato, as comunidades indígenas e negras, desde os neorurais, desde as cidades, desde os profissionais e desde os movimentos que pretendem outras realidades, aquelas que se reconectem consigo mesmas, com os outros e com a natureza. A partir da perspectiva freiriana, do estabelecimento de diálogos entre o extensionista e a comunidade (Williamson, 2013), devem existir redes de comunicação que possibilitem o reconhecimento do eu, do outro, dos nós, que fomentem o diálogo de saberes, a escuta atenta, a construção coletiva dessas alternativas, a partir das experiências e expertises de cada um.

Aqui, não está se propondo uma coisa diferente as propostas territoriais, que fazem dia a dia as comunidades negras, indígenas ou camponesas, nada diferente a suas práticas e racionalidades dialógicas com a natureza. O que está se expondo é colocar essas práticas e ideias, em função de em planos de autonomia a longo prazo, relocalizando o essencial, organizando de as metas comuns, que sustentem as prioridades estruturais das comunidades, e que por meio das práticas decoloniales e ou post desenvolvimentistas ou alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico, como o ecofeminismos, o feminismos camponeses, as pedagogias emancipadoras, os ambientalismos latino-americanos, em função das visões e práticas agroecológicas, podamos tecer, nos territórios e nas realidades urbanas e rurais, redes que se interconectem, que se comuniquem, que se sustentem, para atingir o bem viver coletivo ou “sumak kawsay” em quéchua, para as comunidades dos Andes. Elaborar uma reflexão para recuperar, criar e alimentar as memórias e as sensibilidades com base nos conhecimentos locais, de conectar com nossas territorialidades e de curar nossas práticas, coletivamente.

Em palavras de Arturo Escobar a Gustavo Esteva (2016) *“una cooperación para la autonomía...y abarcaría todos los lados en el mismo, aunque diverso, movimiento para las transiciones civilizatorias y la interautonomías; esto significa coaliciones y redes en colectivos y comunidades autónomas...para la re-existencia...en modos mutuamente enriquecedores con el planeta”*. E a sua vez, Esteva, no mesmo texto responde a Escobar *“Se trata de la construcción autónoma de un arte de vivir contemporáneo... es decir, escapar del hábito de las ‘necesidades’ y así disolver la dependencia del mercado o del Estado y del capitalismo”*. Livrar a luta ontológica, para a existência de ontologías relacionais, que não dividem o individuo do coletivo, ao humano da natureza; a existência e manutenção dos pluriversos, através de refazer a pratica e o saber *“particularmente en términos del desarrollo de las formas de autonomía que incluyen formas no estatales de poder derivadas de las prácticas comunitales culturales, económicas y políticas...Como dicen los zapatistas, el objetivo de la autonomía no es tanto tomar el poder y cambiar el mundo sino crear uno nuevo”* (Escobar, 2012).

2.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel Angel. **Agroecology: the science of sustainable agriculture**. 2. ed. Estados Unidos: CRC press, 2018.

ARGENTINA. Instituto Nacional de Semillas (INASE). **Sistema de Información Simplificado Agrícola: Soja 2023 – 2024**. Buenos Aires: Secretaría de Agricultura, Ganadería y Pesca, 2024. Disponível em: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/sisa_soja_23_24_final_web.pdf. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

BAGENETA, José Martín. Agronegocio en venta. Construcción del discurso. El caso de Gran Chaco Argentino. **H-industria. Revista de historia de la industria y el desarrollo en América Latina**, v. 11, n. 1. 2012.

BARTRA, Armando. Fin de fiesta: el fantasma del hambre recorre el mundo. **Argumentos**, México, DF, v. 21, n. 57, p. 15-31. maio./ago. 2008.

BERMÚDEZ TORRES, Cesar Augusto. La doctrina respice polum (" Mirar hacia el norte") en la práctica de las relaciones internacionales de Colombia durante el siglo XX. **Memorias. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe**, Barranquilla – Colombia, n. 12, p. 189-222. jan./jul. 2010.

BRASIL. Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). **Último levantamento da safra 2023/2024 estima produção em 298,41 milhões de toneladas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/assuntos/noticias/ultimo-levantamento-da-safra-2023-2024-estima-producao-de-graos-em-298-41-milhoes-de-toneladas>. Acesso em: 5 de janeiro de 2025.

BOLIVIA. Ministerio de Desarrollo Productivo y Economía Plural. **Reporte secotrial No. 2 Soya y Derivados**. Ministerio de Desarrollo Productivo y Economía Plural, 2024. Disponível em: <https://siip.produccion.gob.bo/noticias/files/2024-48069-Boletin-Soya-2024.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. 2. Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

CAPARRÓS, Martín. **El hambre**. Barcelona – España: Anagrama, 2014.

CABANAS, Edgar. **La felicidad como imperativo moral. Origen y difusión del individualismo “positivo” en el capitalismo neoliberal y sus efectos en la construcción de la subjetividad**. **Disertação** (Doutorado em Desenvolvimento, Aprendizagem e Educação) - Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2013.

CELIS, Leila; FURIO, Victoria. The legacy of liberation theology in Colombia: The defense of life and territory. **Latin American Perspectives**, California – Estados Unidos, v. 43, n. 3, p. 69-84, 2016.

CHAMORRO, Álvaro Mauricio. **Cambio agrario y movilidad de mano de obra agrícola en la era de la globalización neoliberal: el caso del sur de Nariño, Colombia**. 2021. **Disertação** (Doutorado em Ciencias Políticas y Sociología) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2021.

CHOMSKY, Noam. **Profit over people: Neoliberalism and global order**. Londod – United Kingdom: A Seven Stories Press, 1999.

CINELLI, Catiane; GADELHA, Renata; RAUBER, Ana Claudia; TABORDA, Noeli; DE FÁTIMA, Elisiane; FERREIRA DOS SANTOS, Sirley. Agronegócio: uma reflexão a partir das mulheres camponesas organizadas. *In*: PAIM, Elisangela; FURTADO, Fabrina (Org.) **Mulheres em defesa do território, corpo, terra, águas**. Rio de Janeiro: Fundação Rosa do Luxemburgo e Editora Funilaria. p. 45 – 69, 2024.

COLÔMBIA. Ministerio de Comercio, Industria y Turismo de Colombia. **Colombia abre investigación por subsidios a la importación de leche en polvo procedente de Estados Unidos**.

Bogotá: Ministerio de Comercio, Industria y Turismo, 2024. Disponível em: <https://www.mincit.gov.co/prensa/noticias/comercio/investigan-importacion-leche-subsidiada-eeuu>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

COLOMBIA. Red Nacional de Agricultura Familiar (RENAF). **RENAF acompañó la radicación del Proyecto de Ley de Agroecología en la Cámara de Representantes**. Red Nacional de Agricultura Familiar, 2024. Disponível em: <https://agriculturafamiliar.co/renaf-acompano-radiacion-de-proyecto-de-agroecologia-en-la-camara-de-representantes/>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

DE MORAES SILVA, Maria. A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias. **TRAVESSIA-revista do migrante**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9-15, 1988.

DE OLIVEIRA, Rosana; DE SOUSA E SILVA, Rogerio. Artificial intelligence in agriculture: benefits, challenges, and trends. **Applied Sciences**, [Basel – Suíça], v. 13, n. 13, 2023.

ESCOBAR, Arturo; ESTEVA, Gustavo. Postdesarrollo a los 25: sobre ‘estar estancado’ y avanzar hacia adelante, hacia los lados, hacia atrás y de todas las maneras. **Polisemia**, Bogotá – Colombia, v. 12, n. 22, p. 17 -32, jul./dez. 2016

ESCOBAR, Arturo. Más allá del desarrollo: postdesarrollo y transiciones hacia el pluriverso. **Revista de antropología social**, Madrid – España, v. 21, p. 23-62, 2012.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo**. [Bogotá – Colombia]: Editorial Norma, 1998.

FAJARDO, Darío. **El Estado y la formación del campesinado en el siglo XIX. Campesinado y capitalismo en Colombia**. Bogotá – Colombia: Ediciones Historia y Sociedad, 1981.

FONSECA, Francisca. Procesos de ruptura y continuidad entre naturaleza y sociedad en la ciudad moderna. **Papers: revista de sociologia**, Barcelona – España, n. 88, p. 141-151, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. 30th Anniversary Edition. New York: Bloomsbury Academic, 2005.

GAARD, Greta. Ecofeminism and climate change. **Women's Studies International Forum**, United Kingdom, v. 49, p. 20-33, mar./abr. 2015.

GARVITO, Jhon; PALACIO, Jorge. **Cambios en las prácticas culturales de los agricultores del altiplano oriente antioqueño, antes y después del surgimiento de la Revolución Verde**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação y Desarrollo Humano) – Fundación Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano (CINDE), Manizales – Colombia, 2007.

GARCÍA-VILLANUEVA, L. A; CUAPIO-ORTEGA, V. H; HENÁNDEZ-PANIAGUA, I. Y; FERNÁNDEZ-VILLAGÓMEZ, G; RODRIGO-ILARRI, J; RODRIGO-CLAVERO, M. E; ANDRACA – AYALA, G.L; HERNÁNDEZ-CRUZ, G.L; BANDA-SANTAMARÍA, S. Effects of Glyphosate on the Environment and Human Health. **Nature Environment & Pollution Technology**, Maharashtra – India, v. 23, n. 1, p. 17 – 32, 2024.

GASPAR, Mayra. La toma de decisiones metodológicas en la investigación social: Un devenir entre la subjetividad y la objetividad. **CPU-e, Revista de Investigación Educativa**, Veracruz – Mexico, v. 9, p. 1-13, jul./dez. 2009.

GIRALDO, Omar; ROSSET, Peter. “Principios sociales de la agroecología emancipadora”. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 58, p.708 - 732, jul./dez. 2021

GÓMEZ RODRÍGUEZ, Dustin Tahisin; BARBOSA PÉREZ, Ehyder Mario. Agroecología y circuitos cortos de comercialización: enfoques en diálogo con la naturaleza. **Cooperativismo & Desarrollo**, [S. l.], v. 31, n. 125, p. 1–19, 2023.

GUDYNAS, Eduardo. Las nuevas intersecciones entre pobreza y desarrollo: tensiones y contradicciones de la sociedad civil y los gobiernos progresistas, **Surmanía**, Bogotá – Colombia, n. 4, 2010.

GUIMARÃES, Verônica. Ecofeminism, rights of nature and climate justice: relational webs and planetary restoration: Ecofeminismo, direitos da natureza e justiça climática: teias relacionais e restauração planetária. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, Espírito Santo, v. 10, n. 3, p. 15-30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/41072/29328>. Acesso em: 30 de novembro 2024.

GUZMÁN, Nataly; TRIANA, Diana. (2019). Julieta Paredes: hilando el feminismo comunitario. **Ciencia Política**, Bogotá –Colombia, v. 14, n. 28, p. 23 – 49, jul./dez. 2019.

JACQUES, Peter; JACQUES, Jesica. Monocropping Cultures into Ruin: The Loss of Food Varieties and Cultural Diversity. **Sustainability**, [Basel – Suíça], v. 4, n. 11, p. 2970–2997, 2012.

JIMÉNEZ, Mercedes. La Fundación Rockefeller y la investigación agrícola en América Latina. **Comercio Exterior**, México, v. 40, n. 10, p. 968-975, 1990.

MACHADO, Absalón. **El problema de la tierra: conflicto y desarrollo en Colombia**. Bogotá – Colombia: Penguin Random House Grupo Editorial, 2017.

MARTÍNEZ RANGEL, Rubí; REYES GARMENDIA, Ernesto. El Consenso de Washington: la instauración de las políticas neoliberales en América Latina. **Política y cultura**, Cidade de México – México, n. 37, p. 35-64, 2012.

MAX-NEEF, Manfred. **Desarrollo a escala humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones**, Barcelona: Icaria, 2006.

MAYA, Augusto Ángel. **La Diosa Némesis. Desarrollo sostenible o cambio cultural**. 2. ed. Cali - Colombia: Corporación Universitaria Autónoma de Occidente, 2003.

MAYA, Augusto Ángel. **El Retorno de Ícaro: Muerte y vida de la filosofía. Una propuesta ambiental**. 3. ed. Bogotá - Colombia: Editorial de la Universidad Nacional de Colombia, 2002.

MAYA, Augusto Ángel. **La fragilidad ambiental de la cultura: Historia y medio ambiente**. Bogotá - Colombia: Editorial de la Universidad Nacional de Colombia. Instituto de Estudios Ambientales, 1995.

MDEE, Ana; WOSTRY, Alex; COULSON, Andrew; MARO, Janet. A pathway to inclusive sustainable intensification in agriculture? Assessing evidence on the application of agroecology in Tanzania. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, Filadelfia – Estados Unidos, v. 43, n. 2, p. 201-227, 2019.

MEJÍA, Marco. La Educación Popular: Una construcción colectiva desde el Sur y desde abajo. **Archivos analíticos de políticas públicas**, Arizona – Estados Unidos, v.22, n. 62, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires – Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter; DUSSEL, Enrique; KHATIBI, Abdelkebir; WALLERSTEIN, Immanuel; QUIJANO, Aníbal; CHAKRABARTI, Dipesh; ZIZEK, Slavoj; CHUKWUDI, Emmanuel; SERREQUEBERHAN, Tsenay. **Capitalismo y geopolítica del conocimiento: El eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo**. Buenos Aires – Argentina: Ediciones del signo, 2001.

MOLANO, Frank; FORERO, Jymy. The Case of Collective 82. A Story between Memory and Oblivion, Rebellion and Repression. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, Bogotá –Colombia, v. 47, n. 2, p. 85-111, 2021.

MORALES, Iris. Colonialismo, capitalismo y patriarcado en la historia y los feminismos de Abya Yala. **Revista Estudios Psicosociales Latinoamericanos**, Neiva - Colombia v. 3, n. 1, p. 29 – 47, 2020.

MOSQUERA GUTIÉRREZ, Sofia. La Insostenibilidad del Desarrollo Sostenible: una Mirada Inicial desde el Ecosocialismo. 2021. Trabalho de Conclusão do Curso (Ciencia Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, 2021.

NISBET, M. C; HUGE, M. Where do science debates come from? Understanding attention cycles and framing. *In* BROSSARD, Dominique; NESBITT, Thomas; SHANAHAN, James. **The public, the media and agricultural biotechnology**. Wallingford - United Kingdom: CABI, 2007. p 193 - 230.

OLMEDA, Gonzalo; LUQUE, David. Relecturas de Paulo Freire en el siglo XXI. Cincuenta años de Pedagogía del Oprimido. **Educación XX1**, Madrid – España, v. 23, n. 2, p. 145-164, 2020.

PAIM, Elisangela; FURTADO, Fabrina; FAUSTINO, Cristiane, M. Corpos em resistência: lutas e saberes na tefesa do território-corpo-terra-águas. *In*: PAIM, Elisangela; FURTADO, Fabrina (Org.) **Mulheres em defesa do território, corpo, terra, águas**. Rio de Janeiro: Fundação Rosa do Luxemburgo e Editora Funilaria. p. 19 – 43, 2024.

PARAGUAY. Instituto de Biotecnología Agrícola (2024). **Zafra 2023-2024: superficie de cultivo de soja se redujo en 5%, sin embargo, se llegó a las 10 millones de toneladas de producción**. Asunción: Instituto de Biotecnología Agrícola. Disponível em: <https://inbio.org.py/zafra-2023-2024-superficie-de-cultivo-de-soja-se-redujo-en-5-sin-embargo-se-llego-a-las-10-millones-de-toneladas-de-produccion/#:~:text=Sin%20embargo%2C%20destac%C3%B3%20la%20permanente,poco%20menos%20que%20el%205%25>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

PATEL, Raj; MOORE, Jason. **A history of the world in seven cheap things: A guide to capitalism, nature, and the future of the planet**. California – Estados Unidos: University of California Press, 2017.

PEÑA, Carlos; TERÁN, José; GIL, Ángel; TAFUR, Marly. Educación popular: una alternativa en la resolución de conflictos socioambientales. **Íconos. Revista de Ciencias Sociales**, Quito – Ecuador, v. 25, n. 69, p. 99 - 119, 2021.

PIELKE JR, Roger; LINNÉR, Bjorn-Ola. From Green Revolution to Green Evolution: A critique of the political myth of averted famine. **Minerva**, Stellenboch – South Africa, v. 57, n. 3, p. 265 - 291, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In* QUIJANO, Anibal; ASSIS, Danilo. **Aníbal Quijano. Cuestiones y Horizontes. Antología Esencial. De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires - Argentina: Clacso, 2014. p. 777 - 832.

RIQUELME, Elsy. **Agricultura campesina, agronegocio y migración. El impacto de los modelos de producción en la dinámica de los territorios**. Asunción - Paraguay: Centro de Documentación y Estudios (CDE), 2015.

ROSSET, Peter; MARTÍNEZ, María Elena. Agroecología, territorio, recampesinización y movimientos sociales. **Estudios sociales**, Hermosillo – México, v. 25, n. 47. p. 275 – 299, 2016.

ROSSET, Peter; Martínez, María Elena. Soberanía alimentaria: reclamo mundial del movimiento campesino. **Ecofronteras**, México, v. 18, n. 51, p. 8 – 11, maio/ago, 2014.

ROMERO CUEVAS, Rosa. María; RAZO HORTA, Carlos. Ecosocialismo, ecomarxismo y pensamiento ambiental latinoamericano. Sus propuestas frente a la crisis ambiental del capitalismo. **Astrolabio: Revista de Ciencias y Humanidades**, Ciudad de México – México, n. 3, p. 79 – 86, 2018.

RUIZ, Nubia. Yaneth. El desplazamiento forzado en Colombia: una revisión histórica y demográfica. Estudios demográficos y urbanos, Ciudad de México – México, v. 26, n. 1, p. 141 - 177, 2011.

SCARROW, Ryan. Botanical Imperialism. **Nature Plants**, Londres – United Kingdom, n. 4, 2018.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; SOLER MONTIEL, Marta. María. Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria. *In* Sevilla: Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico. **Patrimonio cultural en la nueva ruralidad andaluza**. Sevilla – España: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura, 2010. p. 191 – 217.

SHIVA, Vandana. **Staying alive: Women, ecology, and survival in India**. New Delhi - India: Kali for Women, 1988.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.

URUGUAY. Instituto Nacional de Estadística 2024. **Anuari Estadístico Nacional 2023. Volumen N° 100**. Montevideo: Instituto Nacional de Estadística, 2024. Disponible em: <https://www.gub.uy/instituto-nacional-estadistica/comunicacion/publicaciones/anuario-estadistico-nacional-2023-volumen-n-100/42-agropecuario/427-area>. Acceso em: 05 de janeiro de 2025.

VAL, Valentín; ROSSET, Peter. **Agroecología (s) emancipatoria (s) para un mundo donde florezcan muchas autonomías**. Chiapas – México: Cooperativa Editorial Retos, 2022.

VAL, Valentín; ROSSET, Peter. Campesina a Campesino: Educación campesina para la resistencia y la transformación agroecológica. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 5, e10904, 2020.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **Nuevos Campesinos. Campesinos e imperios alimentarios**. Barcelona: Editorial Icaria, 2010.

WILLIAMSON, Guillermo. Paulo Freire: ¿ Extensión o Comunicación? Sobre los profesionales y el conocimiento en el (no) diálogo de saberes. **Critical Reviews on Latin American Research-CROLAR**, Berlin – Alemanha, v. 2, n.1, 2013.

3. CAPÍTULO 2: PROPOSTA METODOLOGICA DA PESQUISA

RESUMO

Neste capítulo, articula-se a proposta metodológica, que foi construída a partir das reflexões e diálogos teórico-experienciais que se entrelaçaram no marco de análise, do capítulo anterior. Apresenta-se a metodologia previamente construída antes do início do mestrado, e descrevem-se as transformações que a metodologia, durante o primeiro ano como base e proposta inicial e a qual foi levada para o diálogo com as comunidades, com as quais esta pesquisa é realizada, como um processo de reconfiguração que busca atender aos objetivos das comunidades e ao cumprimento dos acordos estabelecidos a partir deles. Além disto, se descreve alguns dos objetivos e das atividades feitas na consolidação da proposta de construção coletiva do planejamento rural com base na Agroecologia e como o planejamento inicial tem se transformado a partir da escuta e do diálogo.

3.1 PROPOSTA PRELIMINAR DE PESQUISA E DIALOGO PARA A CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DA METODOLOGIA.

Contemplando as discussões anteriormente descritas, nasce uma proposta para poder estudar, aprender, construir e dirigir uma proposta conjunta entre as organizações de base campesina e agroecológica e um técnico de conhecimentos teóricos e práticos baseados nas ciências agronômicas e a agroecologia, para delimitar um caminho, mediante essa proposta para gerar ações para consolidar a transição agroecológica, em todas as dimensões pertinentes onde o conjunto decida deve ser as prioridades e compromissos para atingir os objetivos de adaptação a mudanças climáticas e o cuidado integral das famílias das camponesas e dos camponeses envolvidos neste esforço comum. Com esse espírito, esta guiada esta proposta, que inicialmente e segundo o cenário, previamente descrito no capítulo anterior, se dá prioridade por parte do pesquisador-estudante-técnico-militante, criar uma iniciativa ao redor da necessidade de construir conjuntamente e desse os territórios ações derivadas de planejamentos locais, para estimular a transição agroecológica, desde uma perspectiva emancipatória, para dignificar a vida dos povoadores rurais, por meio do cuidado integral da natureza, que gera, a sua vez, a ganancia de autonomias territoriais, para a própria população, e porém o fortalecimento de toda a natureza, incluindo as sociedades humanas fazem parte do ecossistema. Um ganho político e organizativo que permite mais nível de diálogo e negociação com atores comuns e contrários.

A proposta de planejar o território é além de estratégico para garantir a gestão sustentável da água, a alimentação, o ar, e outros benefícios derivados desse cuidado, é colocar uma intenção de prioridade as atividades e ações que são necessárias para fazer isso acontecer. Como pode ser o manejo de condução de redes de aqueduto comunitário, para garantir o acesso a água, pode ser a ampliação da área das margens dos rios, ou o encerramento do nascimento de água. Assim mesmo, a consolidação da proposta de soberania alimentar de um bairro rural, pode ser a inserção de mais diversidade de sementes de alimentos de primeira necessidade para as famílias, pode ser também, a pratica de mutirão para o estabelecimento desses sistemas produtivos agrobiodiversos, e assim sucessivamente, com as outras autonomias que precisam ser construídas. O importante desde esforço, é não perder de vista quais são essas ações que conjuntas, podem garantir, uma libertação de um cenário de opressão, e que deve ficar cada vez mais perto de nossa escolha, de nossa ação, para poder ter margem de luta, e fazer ela parte das emancipações da comunidade. Se a gente consegue não perder de foco, essas bases estruturais de ganho de autonomias, o objetivo fica fixo, más as estratégias para conseguir isso acontecer podem mudar, igualmente que as ações.

O planejamento organizativo e/ou territorial, por isso é um esforço energético das associações e organizações agroecológicas, porque demanda tempo, esforço, dinheiro, encontros e mais elementos para conseguir ser efetuado, mas não é uma energia perdida, se conseguimos entender o qual importante é para criar redes que mantenham e sustentem a qualidade de vida. Nesse sentido, este estudo, esta metodologia, focaliza em poder fortalecer os processos agroecológicos para estrutural planos de ações que atingiam esses objetivos que variam entre cada organização.

Esses foram as motivações e a reflexões que tive durante o meu trabalho com as comunidades camponesas do Cauca, aquilo feito na construção do Plan de Desarrollo Sostenible da Zona de Reserva Campesina de la Motaña Caucana, e com o Plan de Básico de Ordenamiento Territorial em Totoró. Sintonizando ainda mais no tempo, do processo com comunidades do Sul de Nariño, me guiar por essa intenção. O aqui apresentado, é justamente as diferentes versões dessa reflexão e da minha compreensão da problemática e uma proposta de solução das múltiplas que podem e já existem. Está é a versão construída entre mim e as duas organizações sociais que me acompanharam nesse processo. No próximo capítulo, estarão as reflexiones da aplicação da metodologia final construída, exposta nas seguintes seções deste capítulo.

Como já tinha falado, a proposta preliminar, foi construída a partir das reflexões teórico-experienciais, anteriormente apresentadas, que começaram desde o final da minha formação em agronomia e continuaram durante os quatro anos seguintes, e que acionou a possibilidade de escrever em 10 páginas uma proposta de pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em setembro do ano 2022. Depois disso a proposta, foi se transformando diante do processo do primeiro ano do mestrado, com o decorrer das aulas teóricas e as leituras que tinha, também de vivências, conhecendo a realidade ao redor, com milhes de hectares de commodities implantadas em Araras, e os outros municípios de São Paulo e Rio de Janeiro que conheci, ao igual que as experiências de alguns produtores empresariais e sociais, que conheci nos encontros estaduais de agroecologia, movimentos principalmente do MST, que fazem agroecologia dentro desta grande monocultura que é o estado de São Paulo.

Finalmente concluída a fase de diálogo próprio, comigo mesmo e com a literatura é socializada uma proposta preliminar em setembro do ano 2023. Aquela proposta, que foi conhecida, recebida e aprovada pelo programa, foi socializada durante os meses seguintes, até uma última reunião no mês de fevereiro de 2024 com as duas organizações parceiras: o Nodo de Agroecologia de Tangua e a associação de produtores orgânicos La Tulpa. A seguir, expõe-se o processo de construção da metodologia resultante dessa proposta construída, antes da implementação em território e o processo de socialização, diálogo, modificação e concertação da folha de rota de trabalho com cada uma das organizações. Retomo a seguir os objetivos:

Geral: Criar uma proposta conjunta, com cada uma das organizações sociais desta pesquisa, para desenvolver metodologias coletivas que ajudem a gerar processos de planejamento e ações territoriais visando à construção de autonomias multidimensionais por meio da transição agroecológica emancipatória.

Específico: Desenhar coletivamente ferramentas organizativas tecidas desde o conhecimento camponês, as ferramentas metodológicas, técnicas e tecnológicas da ciência agroecológica, para exercícios de planejamento organizativo e/ou territorial camponês.

Específico: Estabelecer metodologias coletivas e dialógicas, baseadas na educação popular, que consigam sincronizar esforços entre o pesquisador e a

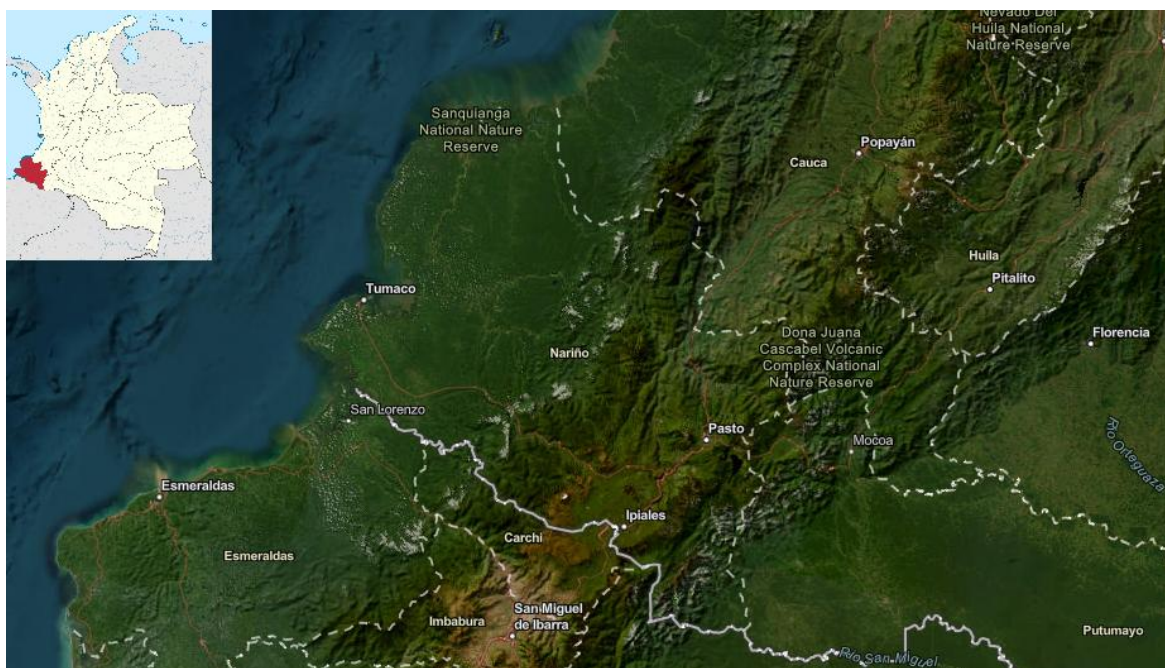
comunidade camponesa, a fim de cumprir os objetivos de planejamento da transição agroecológica.

Alguns dos nomes de alimentos, principalmente, neste documento estão em espanhol porque não tem sentido traduzir nomes de variedades próprias, ou nomes comuns a traduzir. Em compensação, vai se enunciar os nomes científicos, acompanhando, para entender quais plantas e animais estão se referenciando.

3.2 NARIÑO BIODIVERSO E MULTICULTURAL

O departamento de Nariño, localizado no sudoeste colombiano, mais especificamente na fronteira com o Equador, vai desde o litoral pacífico, passando pelo pé de montanha costeira, até chegar à cordilheira dos Andes e conectando-se com o pé de montanha amazônica (Figura 1). Conta com alta diversidade biológica, ecossistêmica e populacional, a qual se deve à sua localização na zona equatorial, entre os 00° 31' 08" y 02° 41' 08" de Latitude Norte, com relevo de altitudes que variam entre 0 metros acima do nível do mar na costa do oceano pacífico e mais de 4600, no Volcan Cumbal, nos Andes. É justamente neste ponto do território colombiano que se dividem as 3 cordilheiras que atravessam o país de sul a norte. O departamento possui ecossistemas diversos dentro de sua delimitação, como os páramos, ecossistemas estratégicos para a manutenção do ciclo hídrico, acompanhados da floresta alta andina; a floresta seca tropical, no vale do Patía; o pé de montanha costeiro, com grande quantidade de biodiversidade; o manguezal no litoral pacífico, um importante ecossistema de habitat para espécies endêmicas; finalmente, está localizada também a entrada para a selva amazônica, que limita com o departamento de Putumayo. Além disso, conta com uma cadeia montanhosa de vulcões, alguns deles ativos, que ao longo de vários períodos têm enriquecido os solos da região (Gobernación de Nariño, 2016). É característico deste departamento, mesmo ao estar na fronteira com outro país, burocraticamente está isolado do nível central. Socioculturalmente, também é importante ressaltar sua proximidade também com as comunidades do norte do Equador.

Figura 1. Mapa do departamento de Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" del Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), atualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de Nariño em Côlombia (imagem superior esquerda), tomada de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b9/Narino_in_Colombia_%28mainland%29.svg/1200px-Narino_in_Colombia_%28mainland%29.svg.png.

A territorialidade montanhosa dos Andes, representa o 38% da área do departamento e também é a sub-região onde mais se concentra a população, mais ou menos 1'215.545 habitantes, que representam em seu conjunto o 71,3% da população total de Nariño, localizando-se principalmente nas maiores cidades do departamento: Pasto, Tuquerres e Ipiales (Gobernación de Nariño, 2024). Os Andes de Nariño, são parte do Macizo Colombiano, o território mais importante do país para a produção de água, nestas montanhas, nascem os principais rios do país, Río Cauca e o Río Magdalena (vertente do caribe), Río Caqueta (vertente amazônica) e o Río Patía (vertente do pácifico), os quais representam no seu conjunto, o suministro de água para o 70% da população do país (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

3.2.1 Territorialidades do Movimento camponês agroecológico

As organizações camponesas participantes desta pesquisa, estão localizadas em 6 municípios do departamento de Nariño, todos sobre a cordilheira dos Andes, os quais são: Os corregimientos (divisão administrativa de primeira ordem, dos municípios na Colômbia) de Gualmatán y El Encano, na capital do departamento, Pasto. Também, os corregimientos de Tunja e Matituy no município de La Florida. Por outro lado, estão as famílias das veredas da parte baixa dos municípios de Consacá e Yacuanquer (sobre as margens do Río Guáitara). Também estão as famílias localizadas no município de San Lorenzo, extremo norte do departamento, na fronteira com o departamento do Cauca. Todas estas territorialidades com presencia das famílias da Asociación La Tulpa. Por último, as famílias das organizações do município de Tangua, no corregimiento de Opongoy, estas pertencentes ao processo organizativo do Nodo de Agroecología de Tangua.

Estas territorialidades, estão localizadas ao redor do Santuario de Flora y Fauna: Volcán Galeras, exceto o município de San Lorenzo. Em outras palavras, elas

estão localizadas na área da Cordilheira dos Andes, em altitudes que variam de 1.300 a 4.160 metros acima do nível do mar. Essas formações geográficas apresentam uma paisagem montanhosa, caracterizada por encostas íngremes. Entretanto, em algumas áreas, há planícies e vales com declives suaves. Trata-se de uma área com solos, em sua maioria, rasos nas partes mais altas e solos mais profundos nas áreas mais baixas, ricos em matéria orgânica, derivados da relação íntima que foi gerada com os materiais vulcânicos e com o material de origem. Os solos são de texturas médias, argilosas, siltosas e similares, com excelentes características hidráulicas e mecânicas para abrigar coberturas naturais, o que também significa alta fertilidade natural (Zuñiga et al., 2018). No caso das famílias associadas a La Tulpa, localizada no município de San Lorenzo, essa área também é influenciada pela atividade vulcânica, pois está localizada na zona de influência do vulcão Doña Juana, a apenas 76 km da capital municipal (o principal centro urbano do município) e a 50 km da capital municipal de La Unión, o centro populacional mais próximo dessas famílias. Esse vulcão está localizado no nordeste do departamento e é considerado pela Associação Internacional de Vulcanologia e Química do Interior da Terra (IAVCEI) como um dos vulcões ativos mais perigosos da Colômbia (Servicio Geológico Colombiano, 2025).

O Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC) afirma que, devido às suas características edafogenéticas, apenas 9,2% (293.217 ha) dos solos do departamento são cultiváveis, em contraste com os 22% (708.988 ha) que foram utilizados para agricultura e pecuária intensivas por décadas. A área de solos do departamento (293.217 ha) é arável, o que contrasta com os 22% (708.988 ha) da área que já foi destinada ao uso agrícola e pecuário intensivo por várias décadas, o que gera um conflito entre o uso e a vocação, que deve ser principalmente de conservação na melhor das hipóteses e/ou uso agroflorestal, o que reduz ou mitiga o conflito gerado pelo uso excessivo ou subutilização dos solos do departamento (IGAC, 2024). Em geral, de acordo com o mapa de cobertura da terra de 2018 (IDEAM, 2018), é evidente que nas áreas onde estão localizados os sistemas de produção das famílias envolvidas nesta pesquisa, a cobertura predominante é um mosaico de culturas e pastagens, o que pode ser corroborado com as seguintes imagens tiradas durante as visitas a esses territórios.

Figura 2. Territorialidades de Nariño, desta pesquisa; (Esquerda superior) Município de San Lorenzo. (Direita Superior) Município de La Florida. (Esquerda inferior) Corregimiento El Encano, Município de Pasto. (Direita inferior). Corregimiento de Gualmatán, Pasto.





Fonte das imagens: próprias.

As e os produtores estão inseridos em zonas rurais, com sistemas produtivos de agricultura familiar, relacionada com uma tenência da terra escassa, de pequena extensão, com uso intensivo, nas quais devem se realizar muitas atividades para garantir o auto abastecimento de diversidade de alimentos, derivados da produção primária, e também para a comercialização em mercados locais. Estas territorialidades em geral, são a confluência de vários sítios pequenos e medianos, e cercados raramente de grandes propriedades, que são distribuídas entre áreas historicamente usadas na exploração agropecuária ou de bosque, expandindo-se há os limites com ecossistemas, sem uso humano aparente, estendendo gradualmente a fronteira (Figura 2). Esses ecossistemas geralmente estão localizados em altitudes mais elevadas, com temperaturas mais baixas, em encostas mais íngremes e mais distantes das rotas de acesso, o que dificultou a intervenção humana nessas áreas e, por sua vez, a garantiu. Em muitos casos, a racionalidade camponesa utilizou esses locais como fonte de lenha para cozinhar e construir, para adquirir alimentos a partir da colheita de plantas silvestres para consumo e uso medicinal, para caçar animais e, claramente, para o fornecimento de água potável para uso doméstico e atividades agrícolas e pecuárias.

O departamento de Nariño tem várias comunidades indígenas, camponesas e negras, que baseiam sua economia em atividades agrícolas. As principais atividades agrícolas incluem brócolis, cacau (*Theobroma cacao*), café, coco, fique, legumes e frutas, palma de azeite, cana-de-açúcar e batata, entre outras. Em termos de produção pecuária, destacam-se a produção de cuyes, aves de engorda, gado para leite e carne, e aquicultura. Há também cadeias produtivas de pesca no mar e no rio; além da cadeia produtiva de artesanato, da proposta de turismo e da exploração de recursos minerais (como em San Lorenzo) (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Essas territorialidades representam uma pequena amostra da variedade de ecossistemas presentes no departamento, mas não apenas isso, elas também refletem uma especificidade social, econômica e política que confere a cada um desses lugares elementos diferenciais que, na prática, determinam a atividade de seus habitantes, incluindo as famílias participantes desta pesquisa. O contexto básico de cada territorialidade é explicado abaixo para que se possa entendê-lo com mais profundidade e apreciar sua complexidade.

3.2.1.1 Município de Pasto

É a capital do departamento de Nariño, limita com os municípios de Buesaco, Chachagüí, Nariño, Consacá, Tangua e Funes do próprio departamento; com município de Sibundoy do departamento de Putumayo (Figura 3). Tem cerca de

413.484 habitantes, dos quais 22,2% vivem em áreas rurais e 77,8% em áreas urbanas (DNP, 2024c). É a maior cidade do departamento (1.131 km²) e um dos principais centros socioeconômicos e culturais, juntamente com as cidades de Tumaco, Tuquerres e Ipiales, que também mobilizam uma parte importante da economia do departamento. Além da cidade em si, ou seja, sua área urbana, possui outros centros populacionais importantes devido à sua proximidade com a cabecera municipal em termos de distância e tempo, mas também, devido ao movimento de produtos agrícolas e pecuários, e por ser um ponto de encontro para as atividades culturais, religiosas e esportivas. Esses centros populacionais, principalmente relacionados a áreas urbanas, estão localizados em 17 corregimientos, entre os mais importantes os de Catambuco, La Laguna, Genoy, Buesaquillo, Cabrera, Mocondino e, claramente, El Encano e Gualmatán. Esses dois últimos são exatamente os corregimientos onde algumas das famílias associadas a La Tulpa estão assentadas.

Figura 3. Município de Pasto, Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" del Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), actualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de Pasto em Nariño (imagem superior esquerda), tomada de

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/92/Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_San_Juan_de_Pasto.svg

O município, é especial, devido que tem parte de sua territorialidade, em 3 diferentes bacias hidrográficas, no Sudeste, na bacia do Alto Río Putumayo; no Noroeste na bacia do Río Juanambú; e no Sudoeste na bacia do Río Guáitara (DNP, 2024h). A cabecera municipal está localizada a uma altitude média de 2500 metros acima do nível do mar e tem uma temperatura média de 13 °C, embora as temperaturas variam entre um mínimo de 9,5 °C a um máximo de 17 °C, de acordo com dados da prefeitura municipal contidos no documento do Plan de Desarrollo Municipal 2024 - 2027. No entanto, possui áreas altas, como o pico do vulcão Galeras (4.276 metros acima do nível do mar), e diferentes áreas de páramo, onde a precipitação é maior e as temperaturas são ainda mais baixas.

Conforme mencionado, na área pertencente ao município existem ecossistemas estratégicos relacionados à produção, regulação e fornecimento de água, como os páramos, neste caso o Páramo de Bordoncillo e o Páramo de Patascosy-La Cocha, que representam 46.400 ha, aproximadamente 8,21% da área do município; e a floresta tropical ou Bosque Alto Andino, com 47.188 ha, ou seja, 8,34% da área total, além de áreas de Humedales que totalizam 20.630 ha, o que representa 3,65% da superfície do município, é dizer, um 20,2%. Embora, está registrada uma área de 59.658 ha legalmente protegida pelo Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SINAP), uma área equivalente a 26,37% do município (DNP, 2024c). Em contraste, com estas informações, a prefeitura municipal informa que apenas 14,1% da área do município ainda conserva a cobertura desses ecossistemas, enquanto a área da fronteira agrícola vem crescendo com cerca de 21,1% da área total (Alcaldía Municipal de Pasto, 2024).

Em termos de produção, de acordo com as informações disponíveis no portal AGRONET da Unidad de Planificación Rural Agropecuaria (UPRA) do Ministério de Agricultura e Desarrollo Rural (MADR), que é a entidade encarregada de gerenciar as estatísticas oficiais sobre a produção nacional de alimentos, tanto de origem animal quanto vegetal, da qual o banco de dados aberto é obtido para cada município do país. Com base nessas informações das Evaluaciones Agropecuarias (EVA) da UPR (UPRA, 2024), espera-se gerar um contexto produtivo para entender a produção das territorialidades desta pesquisa. No caso do município de Pasto, as principais atividades agrícolas e pecuárias por uso da terra (área semeada e colhida) e produtividade (produção e rendimento). No último relatório completo dos dados informados nesse portal, são referenciados os dados da base agrícola e pecuária entre os anos de 2019 e 2023. A tabela a seguir (Tabela 1) lista as principais culturas e animais criados e produzidos no município de Pasto, de acordo com os dados encontrados nos bancos de dados oficiais, os quais são usados por prefeituras, gabinetes da governação, ONGs e outras instituições, além dos seus próprios, para a criação de documentos oficiais. Os dados de 2019, 2021 e 2023 serão usados como banco de dados, para não saturar o leitor e o documento com todos os dados de cada gênero alimentício em todos os anos. Embora os dados dos anos de 2020 e 2022 não sejam apresentados, eles também serão citados se a discussão assim o exigir.

Tabela 1. Produção agrícola do município de Pasto.

Cultura	Nome Científico	Ano	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Papa regular	<i>Solanum tuberosum</i>	2019 (a)	4000,00	4000,00	96000,00	24,00
		2019 (b)	5000,00	5000,00	120000,00	24,00
		2021 (a)	4500,00	4300,00	107500,00	25,00
		2021 (b)	4900,00	4900,00	122500,00	25,00
		2023 (a)	4300,00	4300,00	107500,00	25,00
		2023 (b)	4700,00	2300,00	57500,00	25,00
Papa criolla	<i>Solanum phureja</i>	2019 (a)	320,00	320,00	5760,00	18,00
		2019 (b)	330,00	330,00	5940,00	18,00
		2021 (a)	100,00	80,00	1440,00	18,00
		2021 (b)	130,00	130,00	2340,00	18,00
		2023 (a)	85,00	95,00*	1530,00	18,00*
		2023 (b)	112,00	110,00	1980,00	18,00
Fique	<i>Furcraea cabuya</i>	2019	105,00	105,00	7875,00	0,08*
		2021	105,00	105,00	105,00	1,00
		2023	101,00	101,00	101,00*	1,00*
Café	<i>Coffea arabica</i>	2019	309,49	277,13	308,00	1,11
		2021	319,33	294,83	427,50	1,45

		2023	298,26	262,44	392,61	1,50
Cebolla larga	<i>Allium</i>	2019 (a)	304,50	304,50	2740,50	9,00
	<i>fistulosum</i>	2019 (b)	304,50	304,50	2740,50	9,00
		2021 (a)	307,00	307,00	3377,00	11,00
		2021 (b)	307,00	307,00	6754,00	22,00
		2023 (a)	312,00	312,00	6864,00	22,00
		2023 (b)	308,00	307,00	6754,00	22,00

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor agrícola da UPRA para o período 2019 – 2023. (a) Primeiro semestre do ano, (b) segundo semestre do ano. * Dados anômalos a critério do pesquisador.

Com relação às informações apresentadas na tabela anterior, é possível determinar que a principal cultura é a papa, principalmente a papa comum (*Solanum tuberosum*), que apresenta, no ciclo dos últimos cinco anos, uma área cultivada que varia entre 4.000 e 5.000 hectares, sempre com uma tendência de maior uso da terra no segundo semestre, em comparação com o primeiro. No caso da área colhida, observa-se que nos semestres de 2021(a) e 2023(b) foi registrada uma área de colheita menor do que a plantada — no primeiro caso, apenas 200 ha, e no segundo destes casos, mais da metade (2.700 ha) da área semeada. Segundo conversas com os produtores da região, essa diferença se deve principalmente à alta incidência da doença Punta Morada de la Papa (PMP), transmitida, conforme relatórios do Instituto Colombiano de Agricultura (ICA), pela interação entre o vetor *Bactericera cockerelli*, um hemíptero da família Triozidae, e fitoplasmas associados. Essa doença afetou com maior intensidade a região alto-andina nesse período do ano, região predominantemente caracterizada por monocultivos de papa em rotação com pastagens, de maneira irregular.

A produção de papa a nível nacional, para o ano 2023, foi de 3'697.941 t, com um rendimento médio associado de 16,55 t/ha, plantadas numa área de 192.589 ha, das quais foram colhidas 175.490 ha, ou seja, um 91% da terra disponibilizada para o plantio no país. Por outro lado, o departamento de Nariño, é o terceiro maior produtor, só atrás de Cundinamarca e Boyacá, com uma produção de 778.791 t, como um rendimento médio de 15,57 t/há, numa área de plantio de 42.489 ha, das quais foram colhidas 35.840 há, que representa um 84%. Com estes dados, pode se dizer, que Nariño, aportou um 22% da área usada para o plantio, 20% da área colhida, e um 21% da produção de papa nacional no ano 2023. Vinculado a está última informação, a produtividade média do município, é maior que a média do departamento e do país. Pasto é o principal produtor do departamento e representou no 2023, um 4,55% da produção nacional e um 21% da produção departamental (UPRA, 2025).

Segundo ADR, FAO e a Gobernación de Nariño, em seu relatório do Plan Integral de Desarrollo Agropecuario y Rural de 2019, o cultivo de papa em Nariño depende da produção da economia camponesa mini fundiária. Aproximadamente 80% dos produtores e produtoras cultivam em áreas de 0,5 ha a 3,0 ha, das quais 70% estão localizadas em encostas. Do total da terra cultivada com papa, 52,3% é semeada por seus próprios donos, 28,3% por companhias ou empresas agrícolas, e 17,7% em terras arrendadas (sem saber quem arrenda, estas terras, grandes, medianos ou pequenos). Apenas 5,8% dos produtores dependem de créditos e financiamento bancário. A distribuição da produção no departamento mostra que 92% se destina ao mercado, dos quais 47,23% vai para centrais atacadistas, 37,9% é vendido diretamente nas propriedades, 9,16% vai para as praças de mercado municipais, e 5,71% para o setor industrial. Apenas 2% é destinado ao autoconsumo, por parte dos próprios produtores e produtoras; e, por fim, 6% é reservado como semente para o próximo ciclo produtivo. Estima-se que

existam 6.000 produtores (as) de papa no departamento. Todas estas informações, segundo este documento.

Destaca-se também a área destinada ao cultivo de outra variedade de papa, a criolla (*Solanum phureja*), que em 2019 representava o segundo principal produto agrícola do município e que, gradualmente, vem reduzindo sua área de plantio em mais de 60% entre 2019 e 2023. Ainda assim, a área colhida se mantém próxima à área semeada, com exceção do semestre de 2023(a), em que se observa uma anomalia no relatório gerado, pois a área colhida supera a área plantada. Cabe destacar que os dados gerados pela UPRA se baseiam em informações reportadas pelas secretarias de agricultura de cada município, agremiações e técnicos, conforme a ficha técnica das EVA. No que diz respeito à produtividade, o rendimento permaneceu bastante estável ao longo do quinquênio. Outras culturas com relevância no município incluem o fique, planta da família Agavaceae, tradicionalmente utilizada pelas famílias nariñenses para a transformação de suas folhas em fibras, principalmente para a confecção de sacos, embora também haja registros de seu uso na produção de cordas, têxteis e aplicações na construção civil. O departamento de Nariño é o principal produtor nacional, contribuindo com pelo menos 57% da produção do país em 2019, 50% em 2021 e 45% em 2023.

Outro cultivo importante é o da cebola longa, profundamente enraizado na agricultura da região. Observa-se pouca variação nas áreas de plantio e colheita, mas verifica-se um aumento significativo na produtividade, que dobrou devido à maior produção por unidade de área, pelo menos desde o segundo semestre de 2021, mantendo-se em 2022 e 2023. Todos os alimentos mencionados anteriormente se concentram na zona mais alta e fria do município, ou seja, na fronteira agropecuária, em áreas limítrofes com os bosques úmidos alto andinos e a zona de páramo. Por fim, o cultivo de café, que embora não seja o principal no município, se integra à paisagem cafeeira, em continuidade com os municípios vizinhos. Nariño é o nono departamento em produção nacional, representando 3,3% do total nacional (685.397 t) em 2023 — a menor produção dos últimos cinco anos validados, considerando que em 2019 a produção nacional era de 876.134 t e vem apresentando queda progressiva. Essa cultura não apresenta grande variação em área de plantio ou colheita; contudo, neste município, são registrados rendimentos superiores à média departamental (0,93 t/ha) e nacional (0,95 t/ha) para 2023. Vale ressaltar que a zona cafeeira geralmente está associada a outros cultivos de ciclos anuais, semestrais ou curtos, inclusive com algumas espécies arbóreas introduzidas e/ou nativas.

Além dos alimentos, fibras e energéticos apresentados na tabela anterior, é importante destacar que, segundo os dados da UPRA para Pasto, também é detalhada a produção de outros 12 alimentos: abacate (*Persea americana*), ervilha (*Pisum sativum*), brócolis (*Brassica oleracea* var. *italica*), couve-flor (*Brassica oleracea* var. *botrytis*), morango (*Fragaria vesca*), fava (*Vicia faba*), alface (*Lactuca sativa*), amora (*Rubus glaucus* Benth.), quinoa (*Chenopodium quinoa*), repolho (*Brassica oleracea* var. *capitata*), tomate de árvore (*Solanum betaceum*) e cenoura (*Daucus carota*). Esses produtos agrícolas têm representatividade nos mercados local, regional e nacional, muitos deles associados a cultivos comerciais e monoculturas, ao menos segundo os dados reportados pelas instituições. A cadeia de produção hortifrutícola deste município é a mais forte, contribuindo com 17,27% do PIB departamental, o que

corresponde a 85,3% do PIB agrícola do departamento em 2010 (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019). No entanto, existem produções diversificadas que não são contabilizadas nesses relatórios, muitas delas relacionadas à agricultura familiar, étnica, camponesa e agroecológica. Nesse sentido, existe uma agrobiodiversidade muito mais ampla nas áreas manejadas por esses sistemas agrícolas, tanto em zonas de clima quente como frio, o que será detalhado na seção de resultados, onde se descrevem parte dos achados da fase de campo.

Com relação aos alimentos derivados da produção pecuária (Tabela 2), apresenta-se a informação fornecida pela UPRA para este município (UPRA, 2024), com maior detalhamento para bovinos, aves de criação (frango de corte, galinhas) e suínos. Também há dados gerais sobre a quantidade de equinos, ovinos, caprinos e búfalos. Como se observa, o número de bovinos (Figura 4. Direita) manteve-se constante ao longo do quinquênio, com uma variação de aproximadamente 2.100 cabeças, ou seja, 5,6% em relação ao total de animais registrados. Quanto ao abate, nota-se também uma estabilidade: em 2019, a taxa de abate foi de 61% em relação ao total de animais, atingindo seu pico em 2021 com uma taxa de 70%. No que se refere ao número de propriedades dedicadas a essa atividade, houve uma leve redução após 2019, com cerca de 300 produtores a menos. Em 2023, a produção nacional de bovinos foi de 29.642.539 cabeças, enquanto o departamento de Nariño registrou 424.320, representando esta última, uma contribuição de 1,43% à produção nacional, o que coloca Nariño na 20ª posição entre os maiores produtores de gado do país. Por sua vez, a participação municipal na produção nacional em 2023 foi de 0,12%, enquanto a participação na produção departamental foi de 8,69%. Entre os municípios incluídos nesta pesquisa, este é o que mais produz gado.

Tabela 2. Produção pecuária do município de Pasto.

Espécie Animal	Nome Científico	Ano	Total Animais	Quantidade de propriedades	Animais Sacrificados
Ganado Bovino	<i>Bos taurus</i>	2019	35598	4297	21714
		2020	36088	-----	20299
		2021	36656	3809	25522
		2022	37713	3849	-----
		2023	36878	3904	20034
Aves	<i>Gallus gallus</i>	2019	71520*	872*	20000*
		2020	71520*	872*	20000*
		2021	81520*	872*	30000*
		2022	66820*	870*	49500*
		2023	63520*	869*	53000*
Cerdos	<i>Sus scofra domesticus</i>	2021	1932**	99**	-----
		2022	4581**	131**	-----

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor pecuário da UPRA para o período 2019 – 2023. * Dados relacionados com aves de postura, produção de carne y tenência em traspatio. ** Suínos relacionados com produção de agricultura familiar.

A produção avícola do município, que inclui a criação de animais para abate ou engorda, aves de postura e produção mista (em quintais), está totalizada para o mesmo período de tempo. Observa-se que, durante os anos de 2019 e 2020, a quantidade se manteve estável, alcançando um aumento superior a 13% em 2021. No entanto, houve uma queda superior a 20% em 2023, principalmente no número de aves de postura, o que contrasta com o setor de produção de aves para abate, que, nos dois últimos anos avaliados, cresceu 46%, apesar da manutenção do número de propriedades dedicadas a essa atividade. A quantidade de aves de quintal permaneceu constante. A produção nacional de

aves, em 2023, foi de 215.217.692, enquanto o departamento de Nariño registrou 2.260.921 (embora, em 2022, tenha produzido 6.796.853 — uma queda de 61,12% em apenas um ano). A participação de Nariño o posiciona no 18º lugar entre todos os departamentos do país, representando 1,22% da produção nacional. Em relação aos resultados municipais, a produção de Pasto representa 0,03% em nível nacional e 2,4% em nível departamental. Pasto, Yacuanquer e Tangua fazem parte da zona central dos municípios com vocação avícola no departamento (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Figura 4. (Esquerda) Produção de cuyes, e (Direita) produção de gado no corregimiento do Encano.



Fonte das imagens: próprias.

No caso dos suínos, a informação apresentada pela UPRA refere-se apenas à quantidade de propriedades dedicadas a essa atividade e ao número de animais em qualquer fase de produção, evidenciando um claro aumento de um ano para outro. Infelizmente, como os dados disponíveis são escassos, não é possível realizar muitas análises sobre uma informação tão pontual. No entanto, a produção nacional de suínos, no ano de 2022, foi de 9.658.204, enquanto que, para Nariño, foi de 158.790, o que indica que a contribuição departamental para a produção nacional foi de 1,64%, posicionando o departamento em 18º lugar entre os maiores produtores de suínos do país. A contribuição do município para a produção departamental foi de 2,88% e de 0,04% para a produção nacional, no mesmo ano. Também é o município com maior produção de suínos entre os seis municípios envolvidos nesta pesquisa.

Além dos produtos reportados pela UPRA, na cidade e nos municípios de clima frio ao longo da cordilheira, reconhece-se como uma atividade pecuária relevante a criação da trucha arco-íris (*Oncorhynchus mykiss*), com uma produção de 2.024,6 toneladas em 2017 (Ruales et al., 2020), concentrada principalmente no Lago Guamuéz, no corregimiento de El Encano. Trata-se de uma produção localizada, restrita às zonas frias e elevadas de certas regiões do país. Provavelmente por essa razão, a UPRA não coletou informações de forma sistemática sobre esse tipo de atividade. Neste departamento da Colômbia, também é comum, do ponto de vista cultural, a criação de cuyes (*Cavia porcellus*), um pequeno roedor (Figura 4. Esquerda) que se consolidou na dieta dos habitantes de Nariño e que, nas áreas rurais, é geralmente criado em pequena escala, de forma familiar. Pode-se inclusive afirmar que é a espécie animal mais criada nos municípios situados nos Andes de Nariño. Também são observadas criações de aves como patos, galinhas-d'angola, perus e coelhos. Esses cultivos e criações são representativos tanto pelo seu aporte à produção

alimentar quanto pela importância cultural que têm para os moradores locais. No entanto, em termos de uso da terra e produtividade, não são tão representativos quanto os apresentados nas tabelas anteriores.

Outra das fontes oficiais utilizadas na construção deste contexto territorial é a Terridata (sistema de estatísticas territoriais), por meio do qual o Estado Central, mais especificamente o Departamento Nacional de Planeación (DNP), mede alguns indicadores relacionados ao cumprimento do Plano Nacional de Desenvolvimento do governo vigente e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, que o Estado Colombiano adotou e aplica em suas políticas internas de desenvolvimento. Nesta fonte, são atualizadas anualmente as informações relativas a esses indicadores — de ordem social, econômica, ambiental, institucional e de infraestrutura —, permitindo observar seu comportamento de forma territorializada, ou seja, por departamento e por município, em relação aos objetivos traçados pelo governo nacional para cumprir seu Plano de Desenvolvimento.

Cabe lembrar que o DNP é o órgão que avalia e autoriza os Planos de Desenvolvimento Municipal e Departamental, para que, em teoria, os projetos territoriais se articulem com o plano nacional. Por isso, a validação desses planos locais e regionais depende de estarem alinhados com os objetivos da Agenda 2030 e com os do próprio governo. Os prefeitos e governadores são eleitos no ano seguinte ao do governo nacional. De fato, o próprio Plano Nacional de Desenvolvimento, elaborado para cada quadriênio, assim como os dos municípios, tem sua estrutura voltada para a criação de ações no âmbito territorial correspondente, a fim de cumprir tais objetivos. As informações detalhadas neste informe territorial têm como base os dados primários.

Além das informações em nível municipal, o DNP realizou estudos em nível supra municipal, com o objetivo de comparar municípios com relações territoriais entre si. Nesse caso, a unidade de avaliação é o Nodo Pasto, que inclui 10 municípios de Nariño (Pasto, Yacuanquer, Consacá, Tangua, Sandoná, La Florida, Chachagüí, El Tambo, El Peñol), ou seja, 5 dos 6 municípios deste estudo, e quatro do Putumayo (Santiago, Colón, Sibundoy, San Francisco), unindo a região pacífica andina (Nariño) com a região andina do Putumayo, que antecede a Amazônia. Em resumo, para esta análise, serão utilizadas informações da Terridata em nível municipal e supra municipal.

Dito isso, os dados disponíveis para o ano de 2024, referentes ao município de Pasto, destacam que, segundo a Agencia Nacional de Tierras (ANT), foram formalizados terrenos nos anos de 2018 (7 ha), 2020 (31 ha), 2021 (13 ha) e 2022 (18 ha), totalizando 68 ha em seis anos — uma quantidade reduzida, considerando a demanda por terras necessária às comunidades sem acesso à terra. De acordo com informações do Ministerio de Agricultura, em 2022 foram concedidos 2.120 créditos agropecuários para pequenos agricultores do município, no valor total de 24.760.000.000 COP. Para médios produtores foram concedidos 280 créditos, no valor total de 33.740.000.000 COP, e para grandes produtores, 84 créditos, somando 69.750.000.000 COP. Isso significa que, em média, cada pequeno produtor recebeu 11.679.245,28 COP; cada médio produtor, 120.500.000,00 COP; e cada grande produtor, em média, 830.357.142,85 COP (DNP, 2024c). Ou seja, em média, cada grande produtor recebeu 72 vezes mais que um pequeno produtor e 6,9 vezes mais que um médio

produtor. No município, em 2021, foi gerado um valor agregado total de 6.815.000.000.000 COP, dos quais 85% estão relacionados a atividades do setor terciário, apenas 3,21% ao setor primário, e 11,78% ao setor secundário (DNP, 2024c).

Complementarmente, as informações fornecidas pelo DNP, em nível supra municipal, indicam que este é o município que gera o maior valor agregado entre os 14 municípios avaliados. Da mesma forma, é, junto com Yacuanquer, um dos dois municípios de Nariño, pertencentes ao Nodo Pasto, que atualizaram seu Plano de Ordenamento Territorial (POT). Conta com três vias nacionais importantes e cruciais para o transporte: a Rodovia Panamericana, que conecta a cidade ao país vizinho, o Equador, e, por sua vez, ao restante da Colômbia, interligando-se com cidades como Popayán e Cali. Também possui a via que leva ao litoral, conectando-se com as cidades de Tuquerres e Tumáco, relevantes para o comércio que entra pelo porto marítimo. Por fim, mas não menos importante, tem uma via que liga à Amazônia colombiana, principalmente ao Alto Putumayo, Sibundoy e à cidade de Mocoa, capital do departamento.

Segundo os índices de priorização de segurança alimentar, o município encontra-se em nível baixo, o que significa que está em risco reduzido de insegurança alimentar. Esse dado é corroborado por indicadores associados, como: disponibilidade de alimentos (0,4); acesso físico aos alimentos (0,9); acesso econômico aos alimentos (0,5 – 0,75); e adequação dos alimentos (1,0), medidos de 0 a 1, onde 0 representa a ausência total do critério e 1, o nível ideal. Em relação à taxa de pobreza multidimensional, medida a partir de 15 critérios de privação ou dificuldades enfrentadas por um domicílio, definidos pelo DANE, o relatório aponta que, em 2018, 16,3% dos domicílios do município estavam em situação de pobreza multidimensional. Essa taxa, a mais baixa entre os municípios do Nodo Pasto, considera os seguintes critérios: analfabetismo, baixa escolaridade, barreiras de acesso a serviços para o cuidado da primeira infância, barreiras de acesso à saúde, taxa de dependência, superlotação crítica, eliminação inadequada de excretas, evasão escolar, material inadequado das paredes externas, material inadequado do piso, atraso escolar, falta de acesso a fontes de água melhoradas, ausência de seguro de saúde, trabalho infantil e trabalho informal (DNP, 2024h).

A cidade de Pasto conta com 35% dos centros de acúmulo (12), dos existentes no departamento, para uma grande diversidade de produtos frescos. Da mesma forma, é importante mencionar que na cidade se encontra a terceira maior empresa de armazenamento de leite, *Cooperativa de Productos Lácteos*, com uma capacidade de 24.500 l/dia, ficando apenas atrás das que estão em Cumbal e Sapuyes (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Existe uma problemática no município de Pasto, que é o abastecimento de água para a cidade. Isso tem gerado um conflito com o município vizinho, Tangua, sendo demandado por parte da prefeitura de Pasto a concessão de rios de Tangua para o crescente abastecimento hídrico. Além disso, o conflito se expande com o *Embalse del Río Bobo*, uma estrutura artificial para acumular as águas dos afluentes dos rios Bobo e Opongoy (rios compartilhados entre os dois municípios), com o objetivo de criar uma hidrelétrica (Corponariño, 2013). Pasto faz parte dos municípios de Nariño com maior vulnerabilidade climática, devido à perda ou transformação de suas condições naturais, mas também à baixa

capacidade socioeconômica para enfrentar as mudanças climáticas (Corponariño e WWF – Colombia, 2016).

As famílias associadas ao processo organizativo de La Tulpa, na cidade de Pasto, estão localizadas, como já foi mencionado, nos corregimientos de El Encano e Gualmatán. As famílias de El Encano se encontram nas veredas Santa Teresita, Romerillo e Casa Pamba. E as famílias de Gualmatán, no centro populacional e na vereda Vocacional. O mercado da Associação La Tulpa está localizado no bairro Las Cuadras. Em Pasto, a comercialização ocorre em três grandes mercados: o primeiro e mais importante, El Potrerillo, seguido por Dos Puentes e El Tejar. Além disso, há mercados semanais realizados periodicamente na maioria dos centros populacionais ou corregimientos da cidade. Pasto conta com muitos pequenos mercados ou mercearias de bairro, caracterizados por oferecerem grande diversidade de produtos e preços relativamente baixos, o que, em certa medida, gera forte concorrência entre eles — um dado que assume total importância ao considerar que grande parte da produção dos associados e associadas de La Tulpa consiste em alimentos frescos.

Às segundas-feiras, é tradicionalmente realizado o mercado de gado da cidade de Pasto, no corregimiento de Jongovito. Devido à proximidade com os municípios de Yacuanquer, Consacá, Tangua e La Florida, esse é o mercado frequentado pelos produtores desta pesquisa para vender gado bovino e suíno. A Praça de Gado de Jongovito é considerada a mais importante do departamento, com um movimento semanal aproximado de 1.200 bovinos e 500 suínos (Alcaldía Municipal de Pasto, 2021). Existem ainda outros dois mercados relevantes: o da cidade de Túquerres, realizado às quintas-feiras, e o de Guachucal, este último sendo fundamental para toda a zona sul do departamento, onde se concentra grande parte da produção leiteira de Nariño (ICA, 2024). A cidade de Pasto conta com 3 das 21 plantas de abate animal (ADR; FAO; Gobernación de Nariño, 2019).

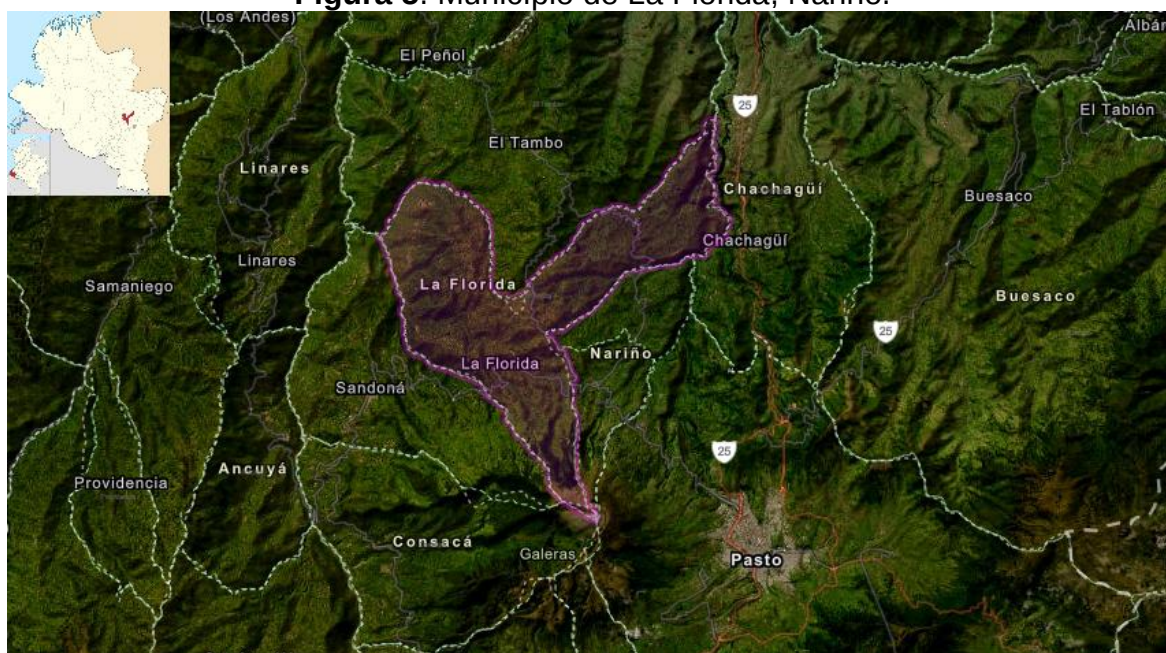
Sobre a mineração no município de Pasto, segundo o Geovisor de Agencia Nacional de Minería tem várias áreas de exclusão para mineração na parte leste do município, devido a presença do complejo de Páramos La Cocha - Patascoy, o Lago Guámuez ou Laguna de La Cohca e a Isla de la Corota (a queal está dentro do Lago), o Páramo Ovejas - Tauso, O Río Bobo y Buesaquillo. As famílias camponesas de la Tulpa, da zona de El Encano, estão dentro desta demarcação. No Oeste, a zona de exclusão é o Santuario de Flora y Fauna Volcán Galeras. Tem uma área pequena (mais ou menos de 30 ha), dentro da área de exclusão do Bloque 568 (explicado e detalhado no diagnostico de San Lorenzo), no Norte do município, em divisa com o município de La Florida.

Pasto tem atualmente, 9 solicitações e 24 títulos vigentes; concentradas a maior parte, em área próxima da cidade. Destas, umas solicitações (4) e títulos (9), estão localizadas no corregimiento de Catambuco, na área próxima ao corregimiento de Gualmatán (2,5 km); todas essas áreas são contíguas umas entre si, o que deixa estimar, uma ampliação das áreas existentes. A área dos 9 títulos mineiros somam 156,59 ha, enquanto as solicitações somam uma área de ampliação pretendida de 123,73 há. Estas explorações mineiras são de materiais de construção e argilas, principalmente.

3.2.1.2 Município de La Florida

A cabecera municipal deste município está localizada aproximadamente a 29 km da cidade de Pasto. La Florida (Figura 5) faz parte dos municípios que se encontram na área de influência do Santuário de Fauna e Flora Volcán Galeras, limitando-se a leste com os municípios de Chachagüi e Nariño; a oeste com Sandoná; ao norte com El Tambo; e no cume do *Volcán Galeras*, com parte dos municípios que integram o santuário: Pasto e Consacá. Com uma área de 143 km², sua cabecera municipal está situada a uma altitude média de 2.077 metros acima do nível do mar, com temperatura média de 17 °C. Possui aproximadamente 10.516 habitantes, dos quais 50,6% são mulheres e o restante, homens. Cerca de 80% da população vive na zona rural. O município apresenta vários pisos térmicos, já que conta com altitudes que vão dos 1.100 metros acima do nível do mar até o cume do *Volcán Galeras*, a aproximadamente 4.200 metros acima do nível do mar. Dentre os ecossistemas presentes no território municipal, destacam-se 3.293 ha de áreas de Humedal, que representam 4,61% da cobertura; floresta alto andina e zonas de transição, com 2.788 ha (3,90% da cobertura); e 296 ha de *páramo*, com 0,41% da superfície. Paralelamente, também se reporta uma área do Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SINAP) no município, de 471 ha, o que representa 1,65% da área total (DNP, 2024b). Os corregimientos de Matituy e Tunja (onde se localizam as e os produtores de La Tulpa) são territórios relativamente planos, com algumas ondulações leves e moderadas (Alcaldía Municipal La Florida, 2024). Nestes territórios existia uma forte presença de grupos indígenas Quillasingas.

Figura 5. Município de La Florida, Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), atualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de La Florida em Nariño (imagem superior esquerda), tomada de

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/53/Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_La_Florida.svg/561px-Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_La_Florida.svg.png

No município, estão presentes as características de alta fertilidade natural nos solos, herdadas dos depósitos associados as atividades vulcânicas; e em geral as características dos horizontes dos solos presentes no corregimiento de Tunja, segundo o Corponariño, é de um horizonte A de entre 27 cm com uma cor predominante negra e textura arenosa; o horizonte B, de 43 cm, de cor amarela, e uma textura de arenosa também, solos intermediários em evolução (Corponariño,

2008). Quanto às características produtivas deste município, os dados apresentados pela UPRA revelam que os principais produtos agrícolas são o *fique*, a banana-da-terra, o café, o milho e a cana-de-açúcar, respectivamente, por área plantada e colhida (UPRA, 2024). No caso do *fique*, observa-se (Tabela 3) uma redução de pelo menos 60 hectares na área semeada. A porcentagem da área colhida em relação à área plantada aumentou de 95% para 100%, embora a produção tenha diminuído significativamente, reduzindo também o rendimento por unidade de área, que caiu de 1,2 t/ha para 1,0 t/ha. Ou seja, há mais área colhida, mas a quantidade da colheita não aumentou. Nariño é o departamento que mais produz *fique* em todo o país, com uma participação de 45,1% na produção nacional. Tanto que La Florida é o segundo maior produtor de *fique* da Colômbia (atrás apenas de El Tambo, município vizinho e também pertencente a Nariño). Em 2023, La Florida representou pelo menos 20,1% da produção total do departamento (7.842 t) e 9% da produção nacional (17.369 t), ainda que o rendimento municipal esteja abaixo da média nacional (1,27 t/ha) e da departamental (1,5 t/ha). Em La Florida, além da produção de *cabuya* e sacos, a produção de *fique* tem priorizado o artesanato têxtil.

No caso da banana-da-terra, trata-se de uma cultura que duplicou seu rendimento nos últimos seis anos avaliados, mantendo estáveis as áreas plantada e colhida. Em 2023, Nariño posicionou-se como o décimo maior produtor de banana-da-terra da Colômbia, com 4,27% (206.829 t) da produção nacional, e apresentou um rendimento muito superior à média nacional, estimada em 7,97 t/ha. O município representa 6% da produção departamental. Quanto ao café, a produção municipal apresentou uma redução de 27% entre 2019 e 2023, período em que a área de cultivo também diminuiu em pouco mais de 90 hectares. A proporção da área colhida manteve-se estável, em torno de 87%. Ainda assim, o rendimento do município está acima das médias nacional (0,95 t/ha) e departamental (0,97 t/ha). Vale destacar que La Florida é reconhecido como um dos principais produtores de café de alta qualidade do departamento (ADR; FAO; Gobernación de Nariño, 2019).

Tabela 3. Produção agrícola do município de La Florida, Nariño.

Cultura	Nome Científico	Ano	Área plantada da (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Caña de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>	2019	159,50	142,00	14200,00	100,00
		2021	187,50	182,5	12775	70
		2023	172,50	171,50	2572,50	15,00
Maíz	<i>Zea mays</i>	2019 (a)	170,00	163,00	163,00	1,00
		2021 (a)	166,00	160,00	160,00	1,00
		2023 (a)	150,00	110,00	110,00	1,00
Frijol	<i>Phaseolus vulgaris</i>	2019 (a)	185,00	172,00	222,40	1,29
		2019 (b)	400,00	397,00	397,00	1,00*
		2021 (a)	200,00	190,00	190,00	1,00
		2021 (b)	170,00	150,00	150,00	1,00
		2023 (a)	170,00	170,00	170,00	1,00*
		2023 (b)	124,00	120,00	108,00	0,90*
Fique	<i>Furcraea cabuya</i>	2019	1641,00	1570,00	1884,00	1,20
		2021	1595,00	1594,00	1912,80	1,20
		2023	1580,00	1580,00	1580,00*	1,00
Café	<i>Coffea arabica</i>	2019	1266,00	1072,00	1357,00	1,27
		2021	1243,96	1092,04	1092,04	1,00
		2023	1175,37	1025,65	997,82	0,97
Plátano	<i>Musa x paradisiaca</i>	2019	1125,00	1115,00	5575,00	5,00
		2021	1116,50	1109,50	5547,50	5,00
		2023	1111,50	1111,50	12226,50	11,00

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor agrícola da UPRA para o período 2019 – 2023. (a) Primeiro semestre do ano, (b) segundo semestre do ano.

Com relação à produção de feijão, observa-se que, no segundo semestre de 2019, a área de plantio mais que dobrou em relação ao primeiro semestre do mesmo ano. Já em 2020, embora os dados não estejam presentes na tabela, constam nas bases de dados, e mostram que a área caiu para 205 ha no primeiro semestre e 282 ha no segundo semestre. Nos anos seguintes, a área plantada continuou diminuindo, atingindo seu ponto mais baixo no segundo semestre de 2023, período em que o rendimento também ficou abaixo de 1 t/ha. Nariño é o sexto maior produtor de feijão do país, representando 7,2% (10.310 t) da produção nacional em 2023, com um rendimento de 1,28 t/ha, o qual também caiu em relação a 2019, quando era de 1,73 t/ha. A nível nacional, a produtividade também diminuiu, passando de 1,56 t/ha em 2019 para 1,44 t/ha em 2023. Isso indica que o município de La Florida apresenta rendimentos abaixo da média nacional e departamental.

No caso do milho, observa-se certa estabilidade em todos os indicadores. Talvez o único dado que mereça destaque seja o percentual de área colhida em relação à área plantada em 2023, que foi de apenas 76%, significativamente menor que nos anos de 2019 e 2021, quando esteve próximo dos 96%. Por fim, o cultivo da cana apresentou uma queda acentuada em sua produtividade, apesar de a área de plantio e colheita ter aumentado ou se mantido estável. Mesmo assim, o município está inserido na sub-região central, que faz fronteira com municípios altamente produtores de cana-de-açúcar para panela, como Ancuya e Sandoná.

Nos dados da UPRA, além das culturas já mencionadas na tabela anterior, também se destacam outros 14 alimentos agrícolas: abacate, mandioquinha-salsa (*Arracacia xanthorrhiza* Bancroft), ervilha (*Pisum sativum*), granadilla (*Passiflora ligularis* Juss), limão (*Citrus limon*), naranjilla (*Solanum quitoense*), tangerina (*Citrus reticulata*), maracujá (*Passiflora edulis* Sims), amora, laranja (*Citrus sinensis*), batata (*Solanum tuberosum*), abacaxi (*Ananas comosus* L.), tomate e mandioca (*Manihot sculenta*) (UPRA, 2024); os quais também são representativos do município, apesar de não estarem entre os mais cultivados. Em sistemas de chagras, hortas e policultivos, é possível encontrar ainda outras espécies que compõem a produção das famílias e que, embora não apareçam nos registros da UPRA, serão documentadas nos resultados.

Passando à produção pecuária do município, conforme os registros disponíveis (UPRA, 2024), há dados sobre o inventário de bovinos, aves de curral e suínos (Tabela 4). A maior quantidade de animais está representada pelas aves, cuja criação apresentou um crescimento expressivo durante o quinquênio avaliado. O número de aves aumentou em pouco mais de 35.500 indivíduos, o que representa um incremento de 30,5% no ano de 2023 (embora o ano de 2022 tenha registrado maior produção), mesmo com a redução no número de propriedades dedicadas à atividade no município. Da mesma forma, houve um aumento no número de animais abatidos, o que evidencia uma ênfase da produção voltada para a carne. A produção de aves do município representou 4,40% da produção departamental total e 0,05% da produção nacional, no ano de 2023.

No caso do gado bovino, não há registros de abates. No entanto, observa-se que, apesar da redução progressiva no número de propriedades voltadas a essa atividade (83), a quantidade de animais criados variou entre valores próximos de 4.800 e 5.200 cabeças. Em relação à produção departamental e nacional no ano

de 2023, o município contribuiu com 1,13% da produção do departamento e 0,01% da produção nacional. No caso da criação de suínos, apesar do pequeno aumento (8) no número de propriedades, a quantidade de animais cresceu em quase 1.500 cabeças — mais que o dobro — em apenas um ano. Em 2022, a produção municipal representou 1,47% da produção departamental.

Tabela 4. Produção pecuária do município de La Florida.

Espécie Animal	Nome Científico	Ano	Total Animais	Quantidade de propriedades	Animais Sacrificados
Ganado Bovino	<i>Bos taurus</i>	2019	4831	614	-----
		2020	5050	-----	-----
		2021	5238	559	-----
		2022	5040	544	-----
		2023	4827	531	-----
Aves	<i>Gallus gaulls</i>	2019	80789*	354*	76000*
		2020	80889*	354*	76000*
		2021	80889*	354*	76000*
		2022	124289*	349*	120000*
		2023	116289*	349*	112000*
Cerdos	<i>Sus scofra domesticus</i>	2021	852**	48**	-----
		2022	2348**	56**	-----

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor pecuário da UPRA para o período 2019 – 2023. * Dados relacionados com aves de postura, produção de carne y tenência em traspato. ** Suínos relacionados com produção de agricultura familiar.

Além desses produtos reportados pela UPRA, nos municípios de clima quente, como La Florida, reconhece-se como uma atividade importante da pecuária a criação de peixes, especialmente a relacionada com a tilápia (*Oreochromis sp.*), a cachama (*Piaractus brachypomus*) e a carpa (*Cyprinus carpio*). Por outro lado, como já mencionado, a criação de cuyes é uma constante na parte andina do departamento, gerando emprego e renda em 86% dos municípios, beneficiando pelo menos 30.000 famílias (ADR; FAO; Gobernación de Nariño, 2019). Infelizmente, para nenhuma dessas espécies há estudos ou coleta de dados recentes ou específicos no município ou no departamento que permitam esclarecer as características dessa produção. Segundo conversas com os companheiros e companheiras do grupo de produtoras de Matituy, devido à construção e ampliação de galpões, há alguns anos começou a se estabelecer um conflito ambiental e social na vereda, uma vez que, em uma área representativa, ocorre desmatamento associado, além de impactos causados pela contaminação da água e pela qualidade do ar. Isso tem gerado conflitos com as famílias que vivem próximas a esses novos galpões, que expressam desconforto com os fortes odores e, inclusive, já existem casos de pessoas que sofrem com doenças e mal-estares respiratórios.

Já nos dados oferecidos pelo DNP, em nível municipal, reporta-se a presença produtiva de cultivos de coca (*Erythroxylum coca*) desde o ano de 2014, com um pico na quantidade de área semeada no ano de 2017, com pouco mais de 80 ha, mas que em 2021 caiu para 41 ha. Esse cultivo ingressa no município durante as negociações entre o Estado colombiano e a guerrilha marxista-leninista das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP), no mesmo período de tempo, o que pode indicar o motivo de seu plantio. Dentro dos pontos pactuados nesse Acordo de Paz, o Estado oferecia ajuda econômica e produtiva para os e as produtoras que quisessem realizar a substituição de cultivos de uso ilícito, neste caso a coca, por outros sistemas produtivos associados a cadeias de produção. Também se reporta como cultivo principal o tomate (*Solanum*

lycopersicum), com uma produção de 1.272 t e um rendimento de 84,8 t/ha, o que deve corresponder a uma área semeada de 15 ha, pouco representativa em relação aos cultivos mencionados anteriormente.

Quanto aos créditos agropecuários, para o ano de 2022, não se registram transações para nenhum grande produtor, enquanto que foram entregues 4.710.000.000 COP para 485 pequenos produtores e 460.000.000 COP para 7 produtores médios, o que significa, em média, um empréstimo de 9.711.340,2 COP para cada pequeno produtor e 65.714.285,7 COP para cada produtor médio. Ou seja, cada produtor médio, em média, poderia receber 6,76 vezes mais do que qualquer pequeno produtor (DNP, 2024b).

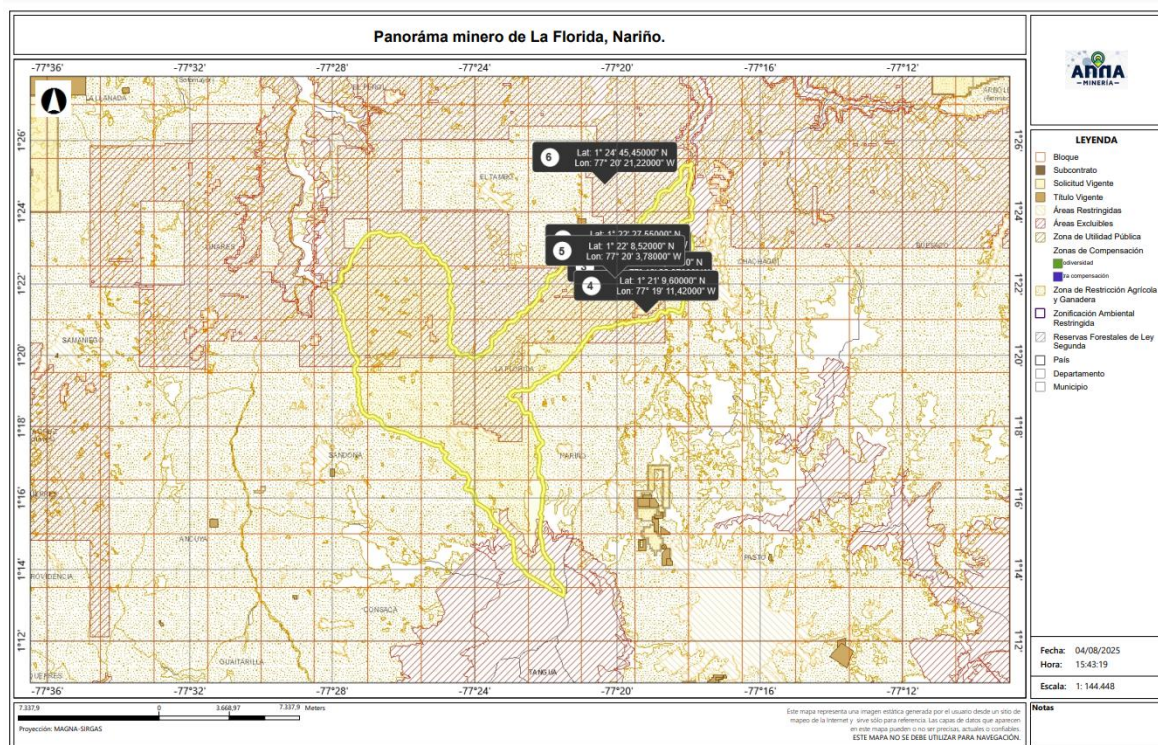
Complementarmente, a informação em nível supra municipal, do Nodo Pasto, mostra que o valor agregado gerado no município foi de 102.890'000.000 COP no ano de 2021 (DNP, 2024h), ocupando a oitava posição entre os 14 municípios avaliados do nodo. Desse valor total, 50,9% é gerado pela produção primária, 42,12% pelas atividades terciárias e 6,92% pelas atividades secundárias (DNP, 2024b). O município encontra-se com seu Esquema de Ordenamento Territorial (EOT) desatualizado. Em relação ao indicador de priorização da segurança alimentar, La Florida está categorizado como médio-alto, o que pode ser evidenciado nos dados relacionados, já que apresenta valores de disponibilidade de alimentos (0,2 – 0,3), o mais baixo entre todos os critérios avaliados; acesso físico aos alimentos (0,6 – 0,8); acesso econômico aos alimentos (0,5 – 0,75) e adequação dos alimentos (0,5 – 0,75), o que confere ao município essa característica de alto risco em segurança alimentar.

Quanto à pobreza multidimensional, para o ano de 2018, o DANE reporta que 59% dos domicílios de La Florida se encontram em situação de pobreza, o número mais alto de todo o Nodo Pasto e de todos os municípios que fazem parte desta pesquisa. Também é importante ressaltar que La Florida é o município que, segundo o relatório, apresenta uma incidência muito alta de conflito armado (DNP, 2024h). O município conta com um distrito de irrigação, localizado na vereda Santana, no corregimiento de Matituy, com personalidade jurídica da Asosantana, permissão concedida pela Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño), que é a instituição encarregada de autorizar a captação de 65 litros por segundo do rio Curiaco, desde o ano de 2009. Também, no corregimiento de Matituy, onde estão várias das famílias que são parte desta pesquisa, segundo os dados que estão disponíveis no Plan de Desarrollo Municipal, uma das problemáticas mais mencionada, nos encontros participativos, para a construção deste plano, é o desmatamento e a desproteção que tem as fontes de água presentes, na maioria das mesas de trabalho, foi um tema recorrente (Alcaldía Municipal de La Florida, 2024). Por outro lado, em relação à gestão de riscos e desastres naturais, o município apresenta risco sísmico e alta vulnerabilidade vulcanológica, devido à sua proximidade com o vulcão e à conformação do relevo em relação à cratera. Outro risco predominante, durante a época de seca, são os incêndios florestais, ocasionados por inadequadas práticas de manejo da cobertura do solo (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

As famílias que fazem parte desta pesquisa pertencem à associação La Tulpa e estão localizadas no corregimiento de Matituy, nas veredas El Chapal e Santa Ana, assim como no centro populacional do corregimiento de Tunja Grande. Justamente, nestas veredas está delimitada uma área de interesse nacional

(Figura 6), em cor vermelha, a área de “Zonas Reservadas Com Potencial – Bloque 568”, a qual é explicada amplamente no diagnóstico do município de San Lorenzo, que também está dentro desta delimitação. O Estado colombiano, exclui esta área, argumentando que é uma área de potencial para mineração por presença de mineiras estratégicas. Ingressando as coordenadas dos 6 sítios dos produtores de La Tupla neste município e no El Tambo, dá para ver que, estão inclusos dentro desta área priorizada.

Figura 6. Delimitação mineira de La Florida.



Fonte da imagem: Visor Geográfico da Agencia nacional de Minería de Colombia (ANM). Disponível em: <https://annamineria.anm.gov.co/Html5Viewer/index.html?viewer=SIGMExt&locale=es-CO&appAcronym=sigm>

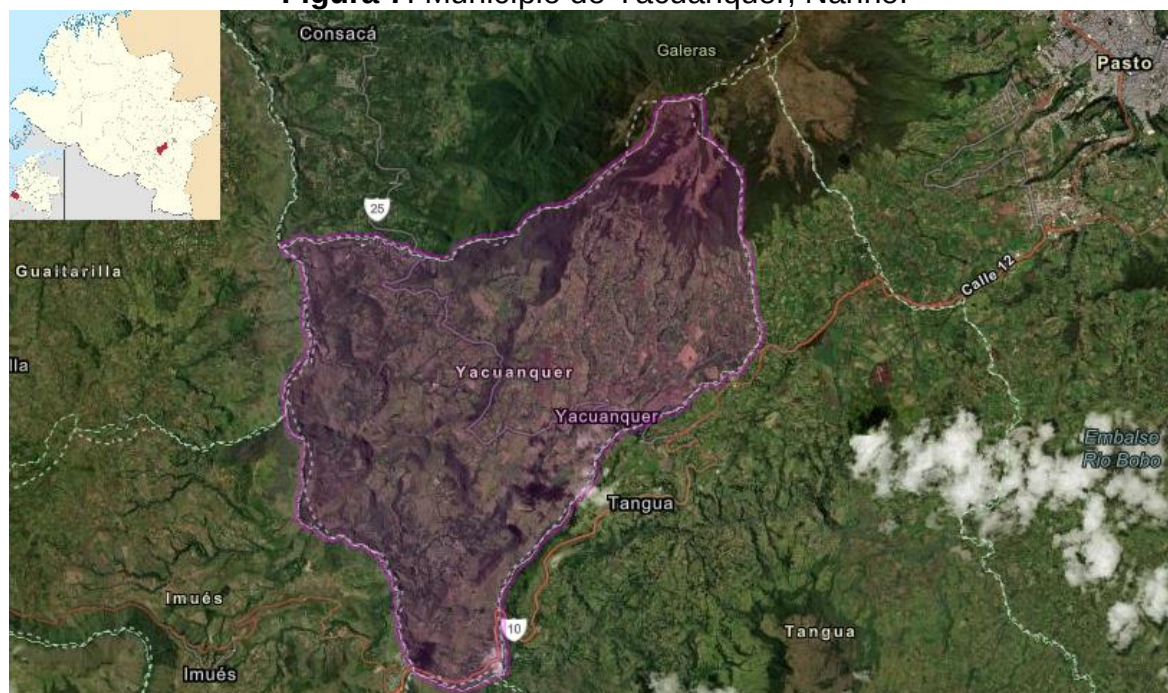
Está área, e reserva do Estado Colombiano, e é área exclusiva para solicitações de títulos mineiros, pela lei regular (Ley 685), se não por um proponente especial. Todas as informações e os efeitos, são explicadas em detalhe, no diagnóstico do município de San Lorenzo. Atualmente, o município não tem solicitações de mineração, nem títulos vigentes.

3.2.1.3 Município de Yacuanquer

É um município localizado na zona central do departamento, a 25 km da cidade de Pasto, e faz fronteira com os municípios de Tangua, Consacá, Imués, Funes e Guaitarilla (Figura 7). Segundo projeções do Plan de Desarrollo Municipal 2024 – 2027, tem uma população de 11.496 habitantes, dos quais 69,5% vivem na zona rural e o restante na zona urbana (DNP, 2024f). Possui uma área total de 10.283,49 ha, das quais 8.629,84 ha estão destinadas ao uso agropecuário, ou seja, 84% da área total; 866,67 ha estão sob a área de influência do Santuario de Flora y Fauna: Volcán Galeras. Pertence à bacia do rio Guáitara, e entre os ecossistemas presentes em seu território, destacam-se 978 ha de páramos (1,7% de sua área total), 1033 ha de bosque alto andino (1,8%) e 288 ha de Humedales (0,5%) (DNP, 2024f). Da área total do município, a prefeitura informa que 10%

apresenta algum grau de erosão e 3% encontra-se degradada por salinidade (Alcaldía Municipal de Yacuanquer, 2024).

Figura 7. Município de Yacuanquer, Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), atualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de Yacuanquer em Nariño (imagem superior esquerda), tomada de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/64/Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_Yacuanquer.svg/561px-Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_Yacuanquer.svg.png

Segundo os dados fornecidos pela UPRA (Tabela 5), os principais produtos agrícolas da economia do município são, nesta ordem: milho, feijão, café, e cebola de bulbo, sendo esses os mais relevantes pela área dedicada ao cultivo (UPRA, 2024).

A produção de milho do município, no caso do primeiro semestre do ano 2021, apresenta uma variação na área da terra dedicada a o plantio, entre as 690 ha e 1100 ha para o segundo semestre. Para o ano 2020, os dados já projetavam o mesmo, uma área de 710 ha, no primeiro semestre, e 1150 ha, o que, em relação à os dados de 2023, mostram uma maior focalização da área de produção no segundo semestre do ano, e por tanto, uma concentração da produção, nesta mesma época. Em relação ao rendimento, este tem diminuído progressivamente em menos de 5 anos, um pouco mais de 1,5 t/ha, o que deixa entrever, alguma mudança negativa, na produtividade, devido a que a área colhida é semelhante a área plantada. Para o ano 2019, o departamento de Nariño produziu 15.183 t de milho, com um rendimento médio de 2,32 t/ha, subindo em 2020 até 17.435 t e um rendimento médio de 2,4 t/ha, para logo descer progressivamente no 2023, com uma produção de 10.980 t e um rendimento de 1,39 t/ha. No país, se apresenta uma situação semelhante, uma diminuição desde o 2019 na produção e no rendimento, com dados de 1'922.616 t e 2,82 t/ha respectivamente, chegando ao 2023 com cifras de 1'608.194 t e 1,87 t/ha. Isto significa, uma queda de 1 t/ha no rendimento, e pelo menos 300.000 t menos de produção, o que mostra, que a produção, está sofrendo uma crise de produção, tanto em Nariño, como no país. Para o 2023, a produção de Yacuanquer, representou o 15,85% da produção de milho, a maior de qualquer município do departamento. A produção

de Yacuanquer aportou o 0,11% à produção da Colômbia. Entanto o rendimento está por debaixo do nível nacional e departamental.

Tabela 5. Produção agrícola do município de Yacuanquer.

Cultura	Nome Científico	Ano	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Papa regular	<i>Solanum tuberosum</i>	2019 (a)	260,00	260,00	5980,00	23,00*
		2019 (b)	-----	-----	-----	-----
		2021 (a)	315,00	315,00	6300,00	20,00
		2021 (b)	240,00	240,00	6000,00	25,00
		2023 (a)	320,00	320,00	6400,00	20,00*
		2023 (b)	315,00	315,00	6300,00	20,00*
Frijol	<i>Phaseolus vulgaris</i>	2019 (a)	900,00	900,00	1080,00	1,20*
		2019 (b)	-----	-----	-----	-----
		2021 (a)	822,00	822,00	986,40	1,20
		2021 (b)	500,00	500,00	1500,00	3,00
		2023 (a)	830,00	830,00	996,00	1,20*
		2023 (b)	822,00	822,00	986,40	1,20*
Cebolla de bulbo	<i>Allium cepa</i>	2019 (a)	45,00	45,00	675,00	15,00*
		2019 (b)	-----	-----	-----	-----
		2021 (a)	37,00	37,00	740,00	20,00
		2021 (b)	30,00	30,00	750,00	25,00
		2023 (a)	60,00	60,00	750,00	25,00
		2023 (b)	30,00	30,00	1500,00	25,00
Café	<i>Coffea arabica</i>	2019	466,00	371,00	483,00	1,30
		2021	488,60	415,92	415,92	1,00
		2023	540,08	431,52	355,02	0,82
Maíz	<i>Zea mays</i>	2019 (a)	710,00	710,00	1775,50	2,50
		2019 (b)	-----	-----	-----	-----
		2021 (a)	690,00	690,00	1709,90	2,48
		2021 (b)	1100,00	1100,00	1585,59	1,44
		2023 (a)	850,00	850,00	950,00	0,86
		2023 (b)	1100,00	1100,00	790,00	0,93

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor agrícola da UPRA para o período 2019 – 2023. (a) Primeiro semestre do ano, (b) segundo semestre do ano.

No caso do feijão, observa-se que a área de plantio no primeiro semestre do ano tem diminuído levemente, passando de 900 ha para 830 ha. Para o segundo semestre de 2020, foram reportadas 900 ha cultivadas, o que mostra uma queda de 400 ha no segundo semestre de 2021, seguida de uma leve recuperação até alcançar cerca de 830 ha cultivadas, mantendo-se nos mesmos níveis do primeiro semestre. Também é possível perceber que a área colhida se manteve estável em todos os anos registrados, o que indica que não houve perda de área de cultivo de feijão no município. O melhor rendimento reportado neste quinquênio está relacionado ao segundo semestre de 2021, quando foram colhidas 3 t/ha — um dado atípico, já que nos demais semestres o rendimento se manteve em 1,2 t/ha, sendo esse o mesmo semestre em que foi registrada a redução da área plantada.

A produção de feijão a nível nacional, para o ano 2023, foi de 143.180 t, com um rendimento médio associado de 1,44 t/ha; a área de plantio foi de 99.421 ha, das quais foram colhidas 92.024 ha, é dizer, um 92% da área total, destinada para a produção de feijão. Enquanto aos dados do departamento, como já foi falado, Nariño é o sexto maior produtor, com uma produção de 10.310 t, com um rendimento associado de 1,28 t/ha; a área de plantio do departamento, foi de 7.637 ha, das quais foram colhidas 7.404 ha, que representam um 96,9%, da área plantada. Com estas informações pode se afirmar que de Nariño, representa o 7,2% da produção, o 7,68% da área plantada e um 8,04% da área colhida de

feijão ao nível nacional. Trazendo ao contexto, os dados municipais, também pode se afirmar que, Yacuanquer está por baixo das médias nacionais e departamentais de rendimento. A produção de feijão de Yacuanquer representou o 19,2% da produção departamental (a segunda maior só atrás de Linares); e representou o 1,38% da produção nacional, no ano 2023.

No caso do café, a área de plantio vem crescendo paulatinamente. O percentual de área colhida em relação à área plantada tem sido próximo de 80% ou superior, como em 2021, quando atingiu 85%. Apesar do aumento da área plantada, a produtividade diminuiu 0,5 t/ha em cinco anos — uma queda significativa para o café nesse intervalo de tempo. Isso pode estar relacionado à interferência de novas áreas no cálculo, bem como às zonas de renovação ou poda. Em 2023, o rendimento ficou abaixo das médias nacional e departamental. A produção do município representa 1,3% da produção de café do departamento e 0,051% da produção nacional. Quanto à produção de papa, a produtividade tem se mantido acima de 20 t/ha, com um pico no segundo semestre de 2021. A área dedicada ao cultivo vem crescendo, assim como sua produção. Comparado à média nacional (16,56 t/ha), o rendimento é superior — o mesmo ocorre em relação à média departamental (15,32 t/ha) em 2023. Nesse mesmo ano, o município contribuiu com 0,14% da produção de papa do departamento. Por fim, o cultivo de cebola tem perdido área de plantio a cada semestre, no entanto, a produção e a produtividade vêm aumentando, principalmente no primeiro semestre de 2023.

Sobre o trabalho agrícola, segundo dados do Consolidado Agropecuário da Secretaría de Agricultura y Medio Ambiente de Nariño, em 2018 havia 4360 produtores agrícolas no município, que cultivaram 2813 ha. A maioria se dedicava ao cultivo de milho semestral (1600) e anual (600), feijão arbustivo (1200), café (450), papa (100) e trigo (100). Isso significa que se empregam, em média, 1,5 pessoas por hectare trabalhado (Alcaldía Municipal de Yacuanquer, 2024). Além das culturas mencionadas na tabela anterior, a UPRA reporta como espécies de interesse econômico outros 22 cultivos, como arracacha, ervilha, batata-doce (*Ipomea batatas*), abobrinha (*Cucurbita pepo*), cevada (*Hordeum vulgare*), couve (*Brassica oleracea* var. *acephala*), espinafre (*Spinacia oleracea*), morango, granadilla, fava, alface, lulo, amora, salsa (*Petroselinum crispum*), pimentão (*Capsicum annuum*), beterraba (*Beta vulgaris*), repolho, tomate, trigo (*Triticum aestivum*), ulluco (*Ullucus tuberosum*), mandioca e cenoura. Historicamente, altas, nas zonas de clima frio, de Yacuanquer, Tangua e Pasto, como em Gualmatán, viveram uma época de plantio de cevada e trigo, realmente importante. Durante a década de 1930, Nariño tornou se, no primeiro produtor destes produtos, no país.

Com relação aos dados da UPRA sobre a produção pecuária do município (Tabela 6), pode-se observar que a produção mais relevante em quantidade de animais é a de aves, com uma variação positiva — ou seja, crescente — de cerca de 49.500 animais a mais entre 2019 e 2023, o que representa um crescimento de 14,6%. A quantidade de propriedades aumentou em 12 no mesmo período, tendo seu pico em 2022, com três novas propriedades em relação ao ano anterior. O número de abates também cresceu, em pelo menos 13.000, embora a taxa de abates em relação ao total de animais criados tenha diminuído, passando de 91,4% em 2019 para 84,3% em 2023. Isso indica que parte do crescimento do setor também se deve à produção de postura, e não apenas ao frango de corte.

Segundo o Plano Integral de Desenvolvimento Agropecuário e Rural com Enfoque Territorial (ADR, 2019), o município está categorizado, quanto à sua vocação avícola, na zona dois do departamento, junto com os municípios de Pasto e Tangua. Ainda de acordo com esse relatório, o PIB avícola do departamento foi de 26.175'000.000 COP, dos quais Yacuanquer foi o segundo município que mais contribuiu, com um valor de 2.900'000.000 COP, ficando atrás apenas do município de Chachagüí. De fato, entre os seis municípios que fazem parte desta pesquisa, é o que mais produz aves. Com relação a produção nacional e departamental, o aporte que o município fez, foi de 12,8% à produção de Nariño, e um 0,15% da Colômbia.

Tabela 6. Produção pecuária do município de Yacuanquer.

Espécie Animal	Nome Científico	Ano	Total Animais	Quantidade de propriedades	Animais Sacrificados
Ganado Bovino	<i>Bos taurus</i>	2019	5223	683	-----
		2020	5221	-----	-----
		2021	5381	604	-----
		2022	5439	599	-----
		2023	5432	586	-----
Aves	<i>Gallus gaulls</i>	2019	298500*	298*	273000*
		2020	305500*	298*	280000*
		2021	305500*	298*	280000*
		2022	305500*	313*	280000*
		2023	339000*	310*	286000*
Cerdos	<i>Sus scofra domesticus</i>	2021	345**	16**	-----
		2022	253**	10**	-----

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor pecuário da UPRA para o período 2019 – 2023. * Dados relacionados com aves de postura, produção de carne y tenência em traspatio. ** Suínos relacionados com produção de agricultura familiar.

Sobre a produção de gado bovino, a pesar da diminuição progressiva, da quantidade de propriedades rurais dedicadas a cria destes animais (103 em 5 anos), a produção não caiu, inclusive está crescendo (209 em 5 anos). Com relação à produção departamental e nacional, a produção de gado de Yacuanquer representou no ano 2023, 1,28% da produção de Nariño e um 0,01% da produção da Colômbia. Finalmente, a produção de porcos é a menos representativa do município, e segundo os poucos dados oficiais disponíveis, a produção caiu do ano 2021 para o ano 2022, o mesmo cenário da quantidade de propriedades dedicadas a esta produção; a participação municipal aportou a penas um 0,16% à produção do departamento.

Segundo as informações detalhadas pelo DNP, em nível municipal, menciona-se que, conforme dados do Ministerio de Agricultura, foram concedidos 375 créditos agropecuários para pequenos agricultores do município, no valor de 3.220'000.000 COP, enquanto para médios produtores foram concedidos 9 créditos, com valor total de 740.000.000 COP, e apenas 1 para um grande produtor, no valor de 300.000.000 COP. Isso significa que, em média, cada pequeno produtor recebeu: 8'566.666,67 COP, enquanto cada médio produtor recebeu, em média, 82'222.222,22 COP, e o grande produtor diretamente 300.000.000 COP (DNP, 2024f), ou seja, o maior produtor recebeu, em média, 35 vezes mais do que qualquer pequeno produtor e 3,7 vezes mais do que qualquer médio produtor. Uma situação bastante desigual.

Com relação às informações supra municipais do DNP, Yacuanquer é um dos cinco municípios que possui seu Plano de Ordenamento Territorial atualizado. Por

ser um município de quinta categoria (definida pela quantidade de habitantes, entre 10.000 e 20.000), cabe-lhe elaborar um Esquema de Ordenamento Territorial (EOT), para orientar seu planejamento territorial. O valor agregado gerado pelo município no ano de 2021 foi de 117.300'000.000 COP, dos quais 54,31% se devem à contribuição do setor primário, 38,84% ao setor terciário e os 6,85% restantes ao setor secundário; esse valor é o quinto mais alto entre os 14 municípios avaliados, ficando atrás apenas de Pasto, Chachagüí, Sandoná e El Tambo.

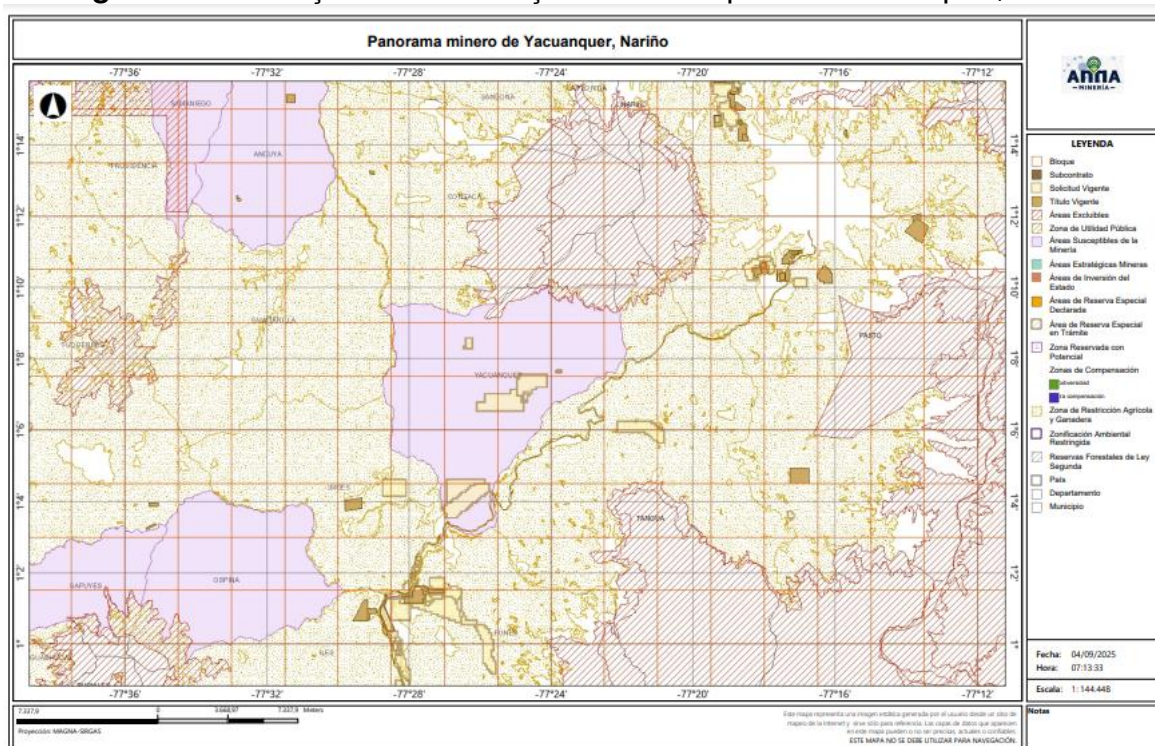
Adicionalmente, esse relatório detalha índices relacionados à segurança alimentar, como o índice de priorização da segurança alimentar, que, no caso de Yacuanquer, encontra-se em nível médio — sendo o nível baixo o ideal —, enquanto o médio-alto representa uma condição indesejável, já que esse índice mede precisamente a urgência de garantir os demais aspectos que o compõem: disponibilidade de alimentos (0,3), acesso físico aos alimentos (0,8), acesso econômico aos alimentos (0,5–0,75) e adequação dos alimentos (0,75). Todos esses indicadores são medidos numa escala de 0 a 1, em que 0 representa insuficiência e 1 representa o cumprimento da meta. No mesmo relatório, detalha-se ainda que Yacuanquer apresenta uma taxa de pobreza multidimensional de 44,2% dos domicílios, segundo dados do DANE de 2018 (DNP, 2024h).

O município conta com dois distritos de irrigação: Chapacual e Inantas. O primeiro, inclusive, atravessa uma das veredas onde se encontra uma das produtoras da associação La Tulpa, mais especificamente no setor de Campo Alegre, do corregimiento de Chapacual. Também se informa que o município possui um total de 36 Reservas Naturais da Sociedade Civil (RNSC), vinculadas à Organização Articuladora das RNSC, pertencente à Asociación de Comunidades Campesinas Andinas de Nariño: Tierra Andina (também presente nos municípios de Consacá e Sandoná); uma quantidade desconhecida, pertencente à Rede de RNSC na zona de função de amortecimento do Santuário de Flora e Fauna Galeras (também presente nos municípios de Pasto, Tangua e Consacá); e uma reserva denominada RNSC Nucanchí. Além dessas, existem áreas de proteção ambiental sob responsabilidade das instituições estatais. Um dos principais riscos do município é a sismicidade, em razão da presença do vulcão Galeras (ADR, 2019). A outra produtora — de fato, a associada mais jovem da associação La Tulpa — está localizada na vereda Tacuaya.

No caso de Yacuanquer, segundo a Agencia Nacional de Minería, as condições de mineração, nesta territorialidade, como pode se ver na Figura 8, existe uma demarcação, que envolve toda a área do município (cor roxo claro), excetuando a área deste que está dentro do Santuario de Flora e Fauna Volcán Galeras (marcado em cor vermelha, no norte do município), com uma área de 9147,45 há, ou seja, um 88,95% da área total do município. Esta delimitação, está definida por esta autoridade como uma Áreas Susceptibles de Minería, e que na sua definição são *“polígonos resultantes de los procesos de dialogo com los municipios sobre áreas que pueden ser usadas para minería”* (Agencia Nacional de Minería, 2019). Uma área derivada de uma intrerlocução e acordo previa, entre a entidade territorial, ou seja, a prefeitura neste caso, e a entidade nacional a ANM, para ser delimitada desta maneira. Além disto, podem ser observar, os polígonos em cor branca, dentro da área municipal, que são 7 solicitações mineiras vigentes (Tabela 7); as quais, em total 698.97 ha, com três solicitações pequenas, de menos de 20 ha, e quatro medianas de mais de 100 há, cada uma. Dentro das

matérias a extrair, podem se ver, materiais para construção, indústria química, e aplicações de agricultura. Destacasse a exploração de roxas vulcânicas, sem definir. Também destacasse, o fato de que 3 das 7 solicitações estão feitas pela empresa Agresur S.A.S, com uma área solicitada de 260,82 ha (40% da área solicitada), empresa do vizinho município de Funes, e que fornece tanto materiais, como maquinaria e transporte, e que tem relações comerciais com várias empresas do setor da construção.

Figura 8. Solicitações de mineração no município de Yacuanquer, Nariño.



Fonte a imagem: Visor Geográfico da Agencia nacional de Minería de Colombia (ANM). Disponível em: <https://annamineria.anm.gov.co/Html5Viewer/index.html?viewer=SIGMExt&locale=es-CO&appAcronym=sigm>

O município, também conta com um pequeno título vigente, ou seja, que na prática, já está desenvolvendo atividades de mineração. O título EH1-141, que opera desde 2003, extraindo argila comum, para cerâmicas e refractárias, além de areias, numa área de 4,5 ha.

Tabela 7. Dados relacionados com solicitações de mineração no município de Yacuanquer.

Código de Solicitação	510667	QFP-15231	ARE-506678	510787	501775	506719	502814
Área solicitada (ha)	8,65	199,02	19,77	4,94	134,73	126,09	197,77
Material solicitado	Areias, gravas, recebo	Areias, asbesto, cru arzo, feldspatos, grafito, gravas, magnesita, recebo e talco	Cobre e seus concentrados	Areias, gravas e recebo	Argilas, areias, gravas, recebo	Areias, gravas, recebo	Argilas, puzolana, basalto, outras roxas e minerais de origem vulcânico.
Data Solicitud	5/03/2025	25/06/2015	29/08/2022	25/03/2025	10/05/2021	31/08/2022	01/10/2021
Modalidade	Contrato	Contrato de	Área de	Autorizaç	Contrato	Contrato	Contrato

Estado do Titulo Solicitante	de concessão Lei 865 Em avaliação Noriel Guerrero	concessão Lei 865 Em avaliação Agresur S.A.S	reserva especial Em avaliação Carlos, Morales, Dalila Morales, Haminton Morales, Libardo Morales, Virgilio Morales	ão Temporal Em avaliação Município de Yacuanquer	de concessão Lei 865 Em avaliação Agresur S.A.S	de concessão Lei 865 Em avaliação Agresur S.A.S	de concessão Lei 865 Em avaliação Cementos San Marcos S.A.S
Coordenadas	Latitude: 1° 06' 55.8" N	Latitude: 1° 04' 01.2" N	Latitude: 1° 08' 25.8" N	Latitude: 1° 07' 03" N	Latitude: 1° 07' 10.2" N	Latitude: 1° 04' 17.4" N	Latitude: 1° 06' 50.4" N
Municípios	Longitude: 77° 24' 41.4" O	Longitude: 77° 26' 24" O	Longitude: 77° 26' 20.4" O	Longitude: 77° 24' 39.6" O	Longitude: 77° 24' 32.4" O	Longitude: 77° 26' 24.0" O	Longitude: 77° 25' 26.4" O

Feita por: pesquisador com base aos dados encontrados no Visor Geográfico da Agencia Nacional de Minería (ANM). Acesso em: 9 de abril de 2025.

Destas informações, podem derivar se algumas análises, e deixa outras perguntas. O município, dentro da delimitação feita pela ANM, está categorizado como um município potencial para as atividades de mineração, mais quando para ser delimitado desta maneira, já passou por uma concertação com as autoridades locais. A pergunta que deixa este fato é se, a comunidade conhece desta delimitação. Outra pergunta, que tentei responder através de pesquisas feitas de maneira virtual, foi o grau de impacto que pode ter esta delimitação, para as comunidades que estão dentro desta área. Embora, é difícil encontrar informações concretas, que definam os atos que podem se derivar, desta delimitação e as ações que a ANM pode adotar em áreas dentro desta categorização. Pelo anterior, acho pertinente poder gerar pesquisas mais direcionadas para esta temática.

3.2.1.4 Município de Consacá

É um município de sexta categoria, localizado na zona centro do departamento de Nariño. Tem uma área de 132 km² (DNP, 2024a). Está localizado a 50 km da cidade de Pasto, e limita com os municípios de Yacuanquer, Guaitarilla, Ancuya, Sandoná, e no topo do Volcán Galeras, com os municípios de Tangua, Nariño, La Florida y Pasto (Figura 9). Este município, também está incluído no Santuario de Flora y Fauna Volcán Galeras, sendo este município quem aporta maior área (31,32%), a esta reserva. Tem altitudes, entre os 1200 metros acima do nível do mar, na beira do Río Guaitara, até os 4160, na boca do vulcão Galeras. Também conta com outros dois rios importantes, como são o Río Cariaco e o Río Azufral (Alcaldía Municipal de Consacá, 2024).

Isto significa, que tem uma grande amplitude de climas, e zonas de vida de Holdridge (7), como são: o Bosque Seco Premontano (bs-PM), com uma área de 1.134 ha, equivalente ao 9,3% da área total do município; o Bosque Húmedo Premontano (bh-PM), com uma área de 3.506,25 há, equivalente a 28,8% do município; o Bosque Seco Montano Bajo (bs-MB), com uma área de 706,3 ha, equivalente a 5,8% da área do município; o Bosque Húmedo Montano Bajo (bh-MB), com uma área de 4.612,7 há, equivalente ao 37,8% da área do municipal; o

Bosque Húmedo Montano (bh-M), com uma área de 168,8 ha, equivalente ao 1,4% da área municipal; o Bosque Muy Húmedo Montano (bmh-M) com uma área de 1.806,3 ha, é dizer, 14,8% da área municipal; e finalmente, o Páramo Sub Andino (P-SA), com uma área de 256,3 ha, equivalente ao 2,1% da área municipal (Município de Consacá, 2001), o que descreve uma grande diversidade de ecossistemas. Às áreas destas zonas de vida, podem ser resumidas segundo o DNP, em zonas de páramo presentes no município ao redor de 1.744 ha (2,64% da área total), para o ano 2020; áreas de bosque seco tropical de 65 ha (0,1% da área total) no 2020; bosque estável com uma área de 4.795 ha (7,27% da área total) no 2018, e finalmente Humedales com uma área de 1.513 há (2,29% da área total) para o ano 2020. Segundo o informe do DNP para o município de Consacá, referindo informações do Sistema Nacional de Áreas Protegidas, para o ano 2022, existem 3.926 ha de área protegida, equivalentes a um 14,87 da área municipal (DNP, 2024a). Para o ano 2024, reporta-se, uma quantidade de habitantes de 14.480, das quais, 50,9% são mulheres, e o restante são homens. A maior parte dessa população mora em área rural (84,2%) (Alcaldía Municipal de Consacá, 2024).

Figura 9. Município de Consacá, Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), atualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de Consacá em Nariño (imagem superior esquerda), tomada de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/2d/Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_Consac%C3%A1.svg/800px-Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_Consac%C3%A1.svg.png

Segundo os dados oferecidos pela UPRA, os principais produtos agrícolas (UPRA, 2024), são: a cana de açúcar (principalmente plantada para a produção de rapadura), café, feijão, milho e lulo (Tabela 8). No entanto, o DNP, reporta como o terceiro, quarto e quinto maiores produtos agrícolas, o tomate, pimentão e a mandioca, respetivamente, com dados do 2021 (DNP, 2024a). Como pode se observar, no caso da cana de açúcar, a área manteve se relativamente estável, com uma variação de mais ou menos de 130 ha, nesses 5 anos. A relação entre a área colhida versus a área plantada, está num valor superior ao 91%, para os anos informados. A produção, para o ano 2023, caiu e com ela, o rendimento. Com relação aos dados nacionais, no 2023 a produção foi de 45'663.759 t, com um rendimento associado de 56,37 t/há, numa área de plantio de 527.669 ha e

uma área colhida de 504.369 ha, ou seja, 95% da área disposta para este cultivo, no país.

Em Nariño, encontra-se na décima posição dos máximos produtores de cana do país, no 2023. Com uma produção de 746.609 t, e um rendimento médio de 43,76 t/há, numa área de plantio associada de 17.547 ha, da qual foi colhida uma área de 15.708 há, o que representa um 89,5%. Isto significa, que o departamento representa uma área plantada de cana de 3,3%, uma área colhida de 3,1% e uma produção de 1,63% com relação ao nível nacional. O rendimento médio de Consacá, está acima do nível departamental, mas é inferior ao rendimento médio nacional. O aporte em 2023, da produção municipal, à produção departamental representou um 13,6%, segundo, os dados da EVA, é o segundo maior produtor de cana do departamento, só atrás do município de Sandoná.

Este último dado, ratifica o mencionado no Plan Integral da Agencia de Desarrollo Rural (ADR, 2019), situando a sub bacia do Río Guátara, como o setor mais significativo para a produção de cana de açúcar, para a transformação em rapadura, incluindo claramente, o município de Consacá. Além disto, o informe também menciona, que o departamento de Nariño, é o quarto maior produtor de rapadura de Colômbia, o qual tem pelo menos 440 trapiches inscritos no Instituto Nacional de Vigilancia de Medicamentos y Alimentos (INVIMA), e que desse número, 151 estão registrados neste mesmo setor do departamento, e desses 18 estão em Consacá. Derivada da produção de cana de açúcar, para o benefício da rapadura, existe um efeito ambiental negativo, pois, os resíduos de colheita, é incinerado dentro das caldeiras do trapiche para sua transformação, o que tem incidência no incremento de poluição do ar (ADR, 2019). A cana, é a cultura agrícola mais plantada no país, maioritariamente para açúcar refinada, etanol e para insumo industrial. O uso da cana, para a transformação de rapadura é marginal nos grandes plantios, e maioritária na agricultura camponesa.

Enquanto à produção de café, a área diminuiu aproximadamente em 50 ha, no quinquênio avaliado, embora, os dados de área planta para o ano 2020 e 2022, mostram uma área de 1772 ha e 1802,03 ha, respectivamente, o que deixa ver uma dinâmica não lineal. A relação da colheita versus com a área plantada, também está diminuindo, desde um 88,3% até um 83,2% desde o ano 2019 a o ano 2023, excetuando o ano 2020 que foi de 99%. Pode se detalhar, que assim mesmo, a produção está diminuindo progressivamente, e com ela o rendimento. Segundo os dados do EVA, para o ano 2023, Consacá é o nono município em produção de café no departamento. Com uma produção departamental de 27.283 t, para o ano 2023, o aporte da produção municipal à produção departamental foi de 4,8%, nesse mesmo ano.

Tabela 8. Produção agrícola do município de Consacá.

Cultura	Nome Científico	Ano	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Caña de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>	2019	2191,00	2016,00	120960,00	60,00
		2021	2317,00	2117,00	127020,00	60,00
		2023	2187,00	2037,00	101850,00	50,00
Frijol	<i>Phaseolus vulgaris</i>	2019 (b)	6,00	5,00	10,00	2,00
		2021 (b)	160,00	150,00	120,00	0,80
		2023 (b)	200,00	100,00	200,00	2,00
Lulo	<i>Solanum quitoense</i>	2019	12,00	4,00	20,00	5,00
		2021	23,00	18,00	90,00	5,00

		2023	30,00	27,00	135,00	5,00
Café	<i>Coffea arabica</i>	2019	1771,00	1565,00	1990,00	1,27
		2021	1763,80	1547,35	1547,35	1,17
		2023	1721,58	1433,83	1330,91	0,93
Maíz	<i>Zea mays</i>	2019 (a)	80,50	75,00	150,00	2,00
		2019 (b)	-----	-----	-----	-----
		2021 (a)	73,00	68,00	136,00	2,00
		2021 (b)	-----	-----	-----	-----
		2023 (a)	100,00	30,00	50,34	1,68
		2023 (b)	20,00*	70,00*	91,00*	1,30*

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor agrícola da UPRA para o período 2019 – 2023. (a) Primeiro semestre do ano, (b) segundo semestre do ano. * Dado anormal.

Para o cultivo de feijão, a área de plantio vem crescendo, excetuando o ano 2022 que com relação ao ano anterior, caiu a 100 ha. A relação de área colhida versus a área plantada, se manteve relativamente alta (uma média de 93%), com uma caída no ano 2021, tanto para o ano 2022 e o ano 2023, que caiu em ambos anos ao 50%. Embora, o rendimento cresceu, nesses mesmos anos a 2 t/há. Nariño, é o sexto maior produtor de feijão entre os departamentos, com uma produção de 10.310 t no 2023. A produção nacional para esse mesmo ano foi de 143.180 há, o que significa que o aporte do departamento, à produção nacional foi do 7,2%. A sua vez, o município de Consacá é o decimo primeiro maior produtor entre 64 municípios do departamento, e aportou 1,93% com sua produção, à produção departamental. O seu rendimento médio é superior, ao rendimento médio do departamento (1,28 t/ha) e o nacional (1,44 t/ha).

A sua vez, a produção de milho, reporta dados de área de plantio entre as 73 há e as 100 há, o dado do segundo semestre do 2023, reporta uma área de 20 ha, dado que se observasse relacionado com a área colhida, é atípico e até contraditório. Porém, para manter dentro dos parâmetros da discussão, dados confiáveis, referira-se aos dados reportados na tabela anterior, sem contar com o dado atípico. A relação entre a área colhida versus a área plantada caiu fortemente, de um 93% no primeiro semestre dos anos 2019 e 2021 a um 30% no mesmo semestre do 2023, o que representou uma queda na produção e consequentemente do rendimento que caiu de 2 t/ha no 2019 e 2021 até 1,68 t/há, no 2023. Nariño, produziu no 2023, 68.563 t de milho o que representou um 0,81% da produção total do país (8'460.547 t), com um rendimento médio de 1,82 t/ha. Finalmente, a cultura de lulo, vem crescendo em área plantada, área colhida e a sua relação, assim como também na produção e mantendo o rendimento. Nariño é o quarto maior produtor, dos departamentos da Colômbia, para o ano 2023 produziu 8.537 t (com um rendimento médio de 7,41 t/ha), das 111.604 t da produção nacional (com um rendimento médio de 9,54 t/ha), o que representou um aporte de 7,64% à produção nacional.

Trazendo a informação do DNP a nível municipal, como já foi mencionado, o tomate aparece com uma produção para o ano 2021 de 300,2 t e um rendimento associado de 13,58 t/ha, para a cultura de pimentão uma produção de 212 t com um rendimento associado de 23,56 t/ha, e finalmente, a cultura da mandioca com uma produção de 158 t e um rendimento de 39,5 t/há (DNP, 2024a); em contraste, para esse ano, a informação da UPRA, para esse mesmo ano, a cultura de tomate, reporta 350 t de produção (140 t no primeiro semestre e 210 t no segundo) e um rendimento de 8,24 t/há no primeiro semestre, e de 30 t/há no segundo. Por outro lado, a cultura do pimentão, reporta 72 t de produção (32 t no primeiro semestre e 40 no segundo), com um rendimento de 16 t/ha e 4 t/ha para o primeiro e segundo semestre, respectivamente. Para finalizar, a cultura de

mandioca reporta, uma produção de 120 t (30 t e 90 t, no primeiro e no segundo semestre respectivamente), com um rendimento de 5 t/ha e 18 t/ha para o primeiro e segundo semestre, respectivamente (UPRA, 2024). Além dos cultivos mencionados anteriormente, a UPRA, relaciona como alimentos importantes da produção do município 5 espécies mais, como são: a ahuyama (*Cucurbita maxima*), ají (*Capsicum spp.* L), arveja, plátano y repollo.

Em termos das informações de produção pecuária de Consacá (Tabela 9), a quantidade de propriedades dedicadas a produção, são muito semelhantes entre o gado bovino e de aves, para o ano 2023. A diferencia está em que a quantidade dedicada a cria de gado, bem caindo progressivamente (69 propriedades em 5 anos), enquanto as propriedades de produção de aves, se mantem. Com relação a quantidade de animais produzidos, as aves estão no primeiro lugar no município, e está crescendo, entre os anos 2019 e com um pico no 2021, com uma queda, no ano 2022, com relação ao ano anterior, e recuperando-se para o 2023. O que pode se inferir que, no geral, está aumentando assim, sua produtividade. A relação entre animais sacrificados e os animais totais, se mantém constante ao redor do 31%, excetuando o ano 2022, no qual teve uma pequena decida, até o 27%. O que deixa entrever, que muita da produção de animais, está voltada para a produção de ovos. Para o 2023 a produção nacional de aves foi de 215'217.692, e a produção departamental foi de 2'642.539. O aporte municipal a produção departamental nesse ano, foi de 2,48%. A ADR, também inclui o município dentro de uma das 5 zonas com vocação avícola, mais especificamente, na zona ocidente (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Tabela 9. Produção pecuária do município de Consacá.

Espécie Animal	Nome Científico	Ano	Total Animais	Quantidade de propriedades	Animais Sacrificados
Ganado Bovino	<i>Bos taurus</i>	2019	2327	208	-----
		2020	2302	-----	-----
		2021	2331	157	-----
		2022	2133	148	-----
		2023	2107	139	-----
Aves	<i>Gallus gaulls</i>	2019	49147*	137*	15000*
		2020	49700*	137*	15000*
		2021	66700*	138*	20000*
		2022	57700*	138*	16000*
		2023	65700*	137*	21000*
Cerdos	<i>Sus scofra domesticus</i>	2021	841**	37**	-----
		2022	1671**	43**	-----

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor pecuário da UPRA para o período 2019 – 2023. * Dados relacionados com aves de postura, produção de carne y tenência em traspatio. ** Suínos relacionados com produção de agricultura familiar.

Voltando para a produção de gado, a informação da UPRA, reporta uma leve queda no número de animais criados, o inventario fala de uma diferencia de a penas 220 cabeças de gado menos, em 5 anos, levando em conta a diminuição de propriedades anteriormente faladas; lastimosamente, para este município, não foram relatadas informações de sacrificio. A participação municipal dentro da produção do departamento para o ano 2023, foi de 0,49%. Para concluir, a produção de porcos, com a disponibilidade de só dois anos para fazer um analise, fica fraca qualquer conclusão, mas, pode se observar um crescimento, tanto na quantidade de animais, como da quantidade de propriedades. O aporte que o município fez à produção de Nariño, em 2022, foi de 1,05%.

Segundo as informações do DNP ao nível municipal (DNP, 2024a), no ano 2022, foram concedidos 773'000.0000 COP de créditos agropecuários para 834 pequenos produtores rurais do município, o que representou um crédito médio de 9'268.585,13 COP para cada. Assim mesmo, foram concedidos 109'000.0000 COP de créditos para 14 produtores medianos, o que representa um crédito médio de 77'857.142,9 COP para cada. Estes dados representam, que numa média, cada mediano produtor recebeu 8,4 vezes mais dinheiro, que cada pequeno produtor. Não teve nenhum crédito para grandes produtores. Para o ano 2021, o valor agregado gerado pelo município foi de 88.180'000.000 COP, dos quais, as atividades primárias geraram 39.150'000.000 COP o que representa um 44,3% do capital gerado, enquanto as atividades secundárias foram de 6.010'000.000 COP, que representa um 6,81% do dinheiro gerado. Finalmente as atividades do terceiro setor representaram 39.150'000.000 COP, o mais alto de todos os setores, representando um 48,7% do valor agregado total do município. Complementarmente, a informação supra municipal, mostra que é o nono município dos 14 do Nudo Pasto, com maior valor agregado gerado (DNP, 2024h).

Neste mesmo informe supra municipal (DNP, 2024h), também se reporta que o EOT está desatualizado, é dizer, está em vigência o EOT de 2001. Além disso, o índice de priorização de segurança alimentar para Consacá está qualificado como meio. Isto pode se explicar, com os indicadores de disponibilidade de alimentos que está entre 0,2 – 0,3, o acesso físico aos alimentos, 0,6 – 0,8, acesso económico aos alimentos 0,5 – 0,75, e por último, a adequação dos alimentos 0,5 – 0,75. O índice de pobreza multidimensional de Consacá é de 34,9% dos lares.

O município, conta com um total de 6 distritos de irrigação: Agrobomboná, Bomboná, Cariaco Bajo, El Tejar, Rosario Bajo y Asocasaguai; se classificando como o segundo município – com o município de Ilés – com maior quantidade de distritos de irrigação do departamento (ADR, FAO, Gobernacion de Nariño, 2019). Dentro da categorização feita pelo departamento, o município encontrasse numa ameaça de sismicidade de 100%, devido a sua localização com relação ao vulcão Galeras. Assim mesmo, encontrasse dentro de um grupo de 14 municípios do departamento, com alta ameaça de desertificação (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019). As famílias que fazem parte desta pesquisa, estão associadas à La Tulpa, e estão localizadas nas veredas de Cariaco Bajo e na vereda San Rafael. Enquanto a mineração, o município segundo informações do Visor Geográfico da ANM, Consacá não tem solicitações de mineração na atualidade, nem está dentro de nenhuma delimitação especial de mineração. Só tem um título vigente (KHI-11371) de extração de materiais para construção pequeno, de 3,5 ha que opera desde 2010, e tem data de expiração até junho de 2040.

3.2.1.5 Município de San Lorenzo

O município de San Lorenzo, está localizado no norte do departamento de Nariño, na divisa com o departamento de Cauca, mais especificamente com o município de Mercaderes; no próprio departamento de Nariño, com os municípios de Taminango, Chachagui, Buesaco, Arboleda y La Unión. A distância do centro povoado municipal até a cidade de Pasto é de 64 km. No entanto, para as comunidades envolvidas nesta pesquisa, as veredas nas quais elas moram, o centro povoado mais próximo é do município de La Unión (o município limítrofe no oriente), que está a sua vez a 90 km aproximadamente de Pasto (Figura 10). O

município pertence à Subzona Hidrográfica ou a bacia do Río Juanambú a qual é alimentada por rios e quebradas de outros 13 municípios, além de San Lorenzo (Corponariño, 2018) e também tem parte da sua territorialidade dentro da bacia do Rio Mayo (Alcaldía Municipal de San Lorenzo, 2024); e a sua vez, faz parte da Zona de vida Subxerofítica, associada à região do Bosque Seco Tropical, o qual, encontrasse na vertente do Valle del Patia (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019), um ecossistema único nesta região do país, altamente frágil e ameaçado, com várias espécies de flora e fauna endêmicos (Gobernación de Nariño, 2024). Justamente, San Lorenzo, faz parte de poucos municípios de Nariño, que tem características de bosque seco e húmido, pelo qual é uma zona de transição, e com a mudança climática, pode ser abatido, por processos de desertificação.

O município tem uma área de 267 km², e uma população de 19.392 habitantes no ano 2024, dos quais os homens representam o 50,8% e as mulheres o 49,2%; do total dos habitantes o 88% mora em área rural (17.064). A altitude do centro povoado é de 2150 metros acima do nível do mar, com uma temperatura média de 17 °C, e uma precipitação média de 1740 mm. O município se compõe por um total 9 corregimientos e 58 veredas. (Alcaldía Municipal de San Lorenzo, 2024). Dos ecossistemas estratégicos, o bosque seco tropical representa 0,21% da área total do município (286 ha), o bosque estável um 0,52% (698 ha), e finalmente os Humedales, um 0,29%, o que significa uma área ao redor das 385 há; assim mesmo, são reconhecidos 80 hectares dentro do Sistema Nacional de Áreas Protegidas (DNP, 2024d). Por outro lado, a prefeitura, reconhece mais ou menos segundo os dados do EOT, um 35% da área municipal, como área de mosaico de cultivos, mais ou menos umas 8770,58 há, isto para o 2001. Além disto, a prefeitura no ano 2018 reconhece propriedades rurais compradas para proteção ambiental, com uma área de 150,8 há. (Alcaldía Municipal de San Lorenzo, 2024).

Figura 10. Município de San Lorenzo, Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), atualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de San Lorenzo em Nariño (imagem superior esquerda), tomada de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/05/Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_San_Lorenzo.svg/800px-Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_San_Lorenzo.svg.png

Em San Lorenzo, está localizado um dos 50 TECAM, do país, o Território Campesino Agroalimentario del Macizo del Norte de Nariño e Sur del Cauca, com 17 municípios, 14 de Nariño e 3 de Cauca. Estes territórios camponeses são a proposta das comunidades, que procuram cuidar os seus territórios, dos conflitos históricos que ocorre nesta região do país, contra os projetos de megamineração, mineração ilegal, desmatamento, cultivos e logicas relacionadas com o narcotráfico, monoculturas e transgênicos, (Garzón, 2017).

Sobre os dados reportados pela UPRA, sobre a produção do município de San Lorenzo, estes refletem que as principais culturas (Tabela 10), são a banana, o café, o fique, o limão e a cana de açúcar, enquanto a área de plantio, referisse. No caso, da cultura da Banana, mostra um incremento de quantidade de hectares plantados, um total de 85, para este quinquênio, mas a porcentagem de área colhida versus a área plantada diminui 2% (de 99% a um 97%), um valor relativamente baixo, uns 81 hectares. Os valores que mostram melhor desempenho, é a produção e o rendimento, pois em 5 anos cresceram um 80%, cada um desses aspectos. A produção de banana no país, para o ano 2023, foi de 2'554.287 t com um rendimento médio de 10,54 t/ha; numa área de 111.977 ha, das quais foram colhidas 105.574 ha, que representam 94,2% da área total. Nariño nesse mesmo ano, foi o sétimo maior produtor de banana, entre os departamentos da Colômbia, com uma produção de 41.329 t com um rendimento médio de 7,32 t/há; numa área de plantio de 6.982 ha e uma área colhida de 6.580 ha que representam 94,2% da área total. Relacionando estas informações, o departamento de Nariño, aportou nesse ano 1,61% da produção desta cultura, à produção nacional, representando um 6,23% da área colhida e da área plantada de banana, no país. Da informação municipal, e conectando-os com os dados departamentais e nacionais, pode se dizer, que San Lorenzo é o principal produtor de banana do departamento e aportou uma terceira parte (33,22%), apesar de ter um rendimento menor ao departamental. Muitas das áreas de plantio de banana, estão inseridas em mosaicos produtivos, de agricultura familiar em associações, dentro dos sítios produtivos, com outras culturas, como café, frutais e pastagens; embora existem áreas de monoculturas, que também são representativas, dependendo da escala que está tenha.

Tabela 10. Produção agrícola do município de San Lorenzo.

Cultura	Nome Científico	Ano	Área plantada da (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Fique	<i>Furcraea cabuya</i>	2019	498,00	498,00	92,50	0,19
		2021	501,40	497,40	1492,20	3,00
		2023	521,40	501,40	1504,20	3,00
Banana	<i>Musa acumimata</i>	2019	3812,00	3810,00	7620,00	2,00
		2021	3817,00	3814,00	7628,00	2,00
		2023	3897,00	3814,00	13730,40	3,60
Caña de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>	2019	441,00	439,00	30730,00	70,00
		2021	449,00	445,00	13350,00	30,00
		2023	480,00	449,00	13021,00	29,00
Café	<i>Coffea arabica</i>	2019	3351,00	2861,00	3719,00	1,30
		2021	3377,18	3012,05	3012,05	1,00
		2023	3496,03	2902,61	2543,06	0,88
Limón	<i>Citrus limon</i>	2019	533,00	524,00	1572,00	3,00
		2021	537,00	533,00	5863,00	11,00
		2023	470,00	470,00	5640,00	12,00

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor agrícola da UPRA para o período 2019 – 2023.

Sobre a cultura do café, a segunda com maior uso da terra, neste município, pode se detalhar que nesses 5 anos, a área dedicada para o plantio cresceu 145,03 há. No entanto, os outros aspectos diminuíram, a proporção da área colhida em relação à área plantada, passou de 85,3% em 2019 a 83% em 2023, depois de atingir no 2021 um 89%, uma queda de 6% em dois anos (100 ha); e a produção caiu em 1176 t, nesse quinquênio, o que reflete na diminuição da produtividade em quase 0,5 t/ha e do eficiente do uso da terra. San Lorenzo, no 2023, foi o segundo maior produtor de café do departamento, aportando 13,6%, só atrás do município vizinho, La Unión. Sobre a produção de fique, o departamento de Nariño é o principal produtor, e San Lorenzo é o terceiro maior produtor de fique do país e do departamento (só atrás, dos municípios de El Tambo e La Florida, ambos pertencentes a Nariño), a sua participação na produção nacional é do 8,66% e departamental do 19,18%. A dinâmica da cultura no município, segundo estes dados, mostra que está se assegurando, pois incrementou a área de plantio, a produção e o rendimento, nesses últimos 5 anos, e a relação área colhida – área plantada, diminui pouco (3,8%). É dizer, que no que respeito à produção de banana, café e fique, San Lorenzo é referente importante para a produção departamental, não só pela sua produção, se não também, pela representatividade na área dedicada para essas atividades agrícolas, dentro do município.

A cultura de limão, tem se estabelecido no município, devido a que sua produção é dirigida para a exportação, principalmente para mercado nos EEUU e na Europa. Segundo estes dados, a área plantada descendeu em 63 ha, entre o 2019 e o 2023, no entanto os outros aspectos subiram. A relação área colhida – área plantada melhorou sua eficiência de 98,3% no 2019 a 100% no 2023; a produção cresceu 372,9% em 2 anos (de 2019 a 2021), tal vez, este último ano com a o começo da idade de maior produção das árvores, e se estabilizou no 2023, com uma pequena queda de 273 t; embora, o rendimento melhorou 1 t/ha, do ano 2021 para o ano 2023. A produção nacional de limão para o ano 2023, foi de 541.236 t com um rendimento médio associado de 10,33 t/ha, usando para tal fim uma área de plantio de 52.151 há, da qual foi colhida 41.479 há, ou seja, um 79,5%. Nariño é o terceiro maior produtor de limão, dentro dos departamentos do país, só atrás dos departamentos de Santander e Tolima, com uma produção em 2023 de 64.525 t com um rendimento associado de 7,86 t/há, numa área de plantio de 7.939 ha, das quais foram colhidas 6.929 ha, é dizer um 87,2% da área disposta para esse cultivo no departamento. Relacionando estes dados, Nariño, representa o 15,2% da área plantada, 16,7% da área colhida e o 11,9% da produção nacional, no ano 2023. San Lorenzo, é o quarto maior produtor de limão de Nariño, neste mesmo ano, e representa o 8,7% da produção departamental. Finalmente, a cultura da cana de açúcar, no município caiu drasticamente a sua produção e rendimento neste quinquênio, o que representa ter passado de produzir no ano 2019, 3,1% da produção do departamento a só 1,7% no 2023. San Lorenzo, conta com 12 trapiches reconhecidos no ano 2014, por Corponariño (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Somado as culturas anteriormente detalhadas, a UPRA reporta 13 espécies adicionais, que segundo esta instituição, são de importância produtiva econômica, para este município, entre elas estão, o aguacate, arracha, arveja, cacao, frijol, granadilla, lulo, maíz, maní (*Arachis hypogaea*), maracuyá, mora, tomate e yuca. Por outro lado, a prefeitura para o ano de 2022, reportou uma área de plantio de 9.378,68 ha, uma área colhida de 8619,39 há, e uma produção de 32.444,56 t de

alimentos (Alcaldía Municipal de San Lorenzo, 2024), o que equivale mais ou menos uma produtividade da terra agrícola de 3,76 t, por cada hectare plantado.

Sobre a produção pecuária do município a Tabela 11, mostras as informações subministradas pela UPRA. Nesta, pode se detalhar que a maior quantidade de propriedades, estão volcadas para a produção de gado bovino. Entre os anos 2019 e 2023, tanto o número de propriedades, como o número de animais criados tem diminuído em 77 e 43, respectivamente, pouco para ser um período de 5 anos. A participação municipal dentro da produção departamental, representa um 1,19%. Com relação à produção de porcos, a quantidade total de animais tem crescido, apesar de ter diminuído a quantidade de propriedades dedicadas a sua produção. A participação municipal dentro da produção departamental é de 0,3%.

Tabela 11. Produção pecuária do município de San Lorenzo.

Espécie Animal	Nome Científico	Ano	Total Animais	Quantidade de propriedades	Animais Sacrificados
Ganado Bovino	<i>Bos taurus</i>	2019	5132	523	-----
		2020	5587	-----	-----
		2021	5214	503	-----
		2022	5090	481	-----
		2023	5089	446	-----
Aves	<i>Gallus gauls</i>	2019	78312*	399*	72500*
		2020	85812*	399*	80000*
		2021	85812*	399*	80000*
		2022	75812*	399*	70000*
		2023	95812*	397*	90000*
Cerdos	<i>Sus scofra domesticus</i>	2021	476**	23**	-----
		2022	603**	15**	-----

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor pecuário da UPRA para o período 2019 – 2023. * Dados relacionados com aves de postura, produção de carne y tenência em traspato. ** Suínos relacionados com produção de agricultura familiar.

A principal produção pecuária, no município são as aves. Lembrando que nos municípios predomina a produção de cuyes, e em outros casos, também se tem produção de peixes, das quais não se tem registros, por parte das entidades estatais, mas é muito comum e forte, sobre todo a produção de cuyes. Enquanto as aves, o crescimento é evidente, tanto na quantidade de aves (cresceu um 22%), como na quantidade de aves sacrificadas (cresceu um 24%), e a relação de animais sacrificados sobre a quantidade de aves criadas, cresceu 1%, neste período de tempo, dando a entender que a vocação produtiva está volcada para a carne. A produção municipal, aportou num 4,23% à produção departamental. San Lorenzo, pertence à zona norte, dentro das áreas produtivas do departamento (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Sobre as informações municipais oferecidas pelo DNP, no ano 2022, foram entregadas e formalizadas 250 há de terras pela ANT. Para o ano 2022, foram concedidos 1435 créditos para pequenos produtores, que representaram um total de 13.220'000.000 COP, os quais em média significa um empréstimo de 9'212.543,55 para cada. No caso dos medianos produtores foram concedidos 10 créditos, por um valor total de 460'000.000, o que significa um empréstimo médio de 46'000.000 COP, para cada. Não foram, concedidos créditos no município para grandes produtores. É dizer, que em média, cada mediano produtor recebeu 4,99 vezes mais que qualquer produtor pequeno. O valor agregado gerado pelo município para o 2021 correspondeu a 188.000'000.000 COP, com participação principal das atividades primarias com um total de 107.000'000.000 COP (56,9%),

seguido das atividades secundárias, com 68.000'000.000 (36,1%) e finalmente as atividades terciárias com 13.000'000.000 COP (7%) (DNP, 2024d).

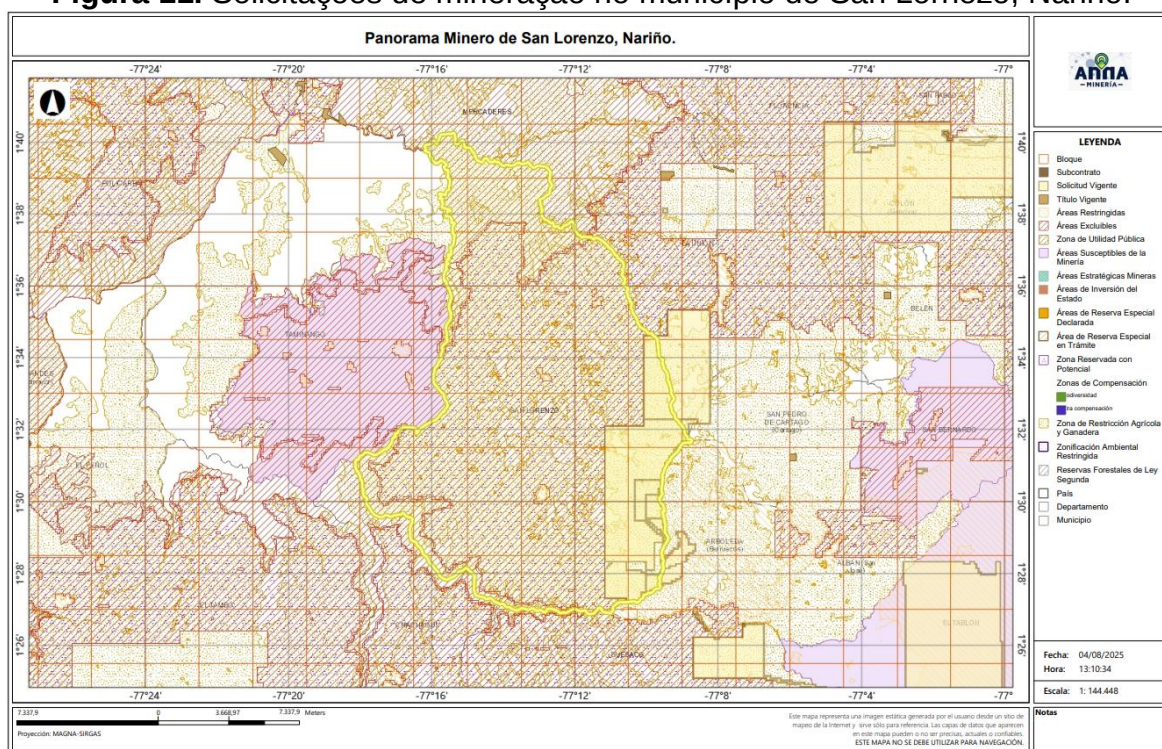
Para complementar, as informações supra municipais do DNP, localiza a San Lorenzo, no Nodo La Unión (DNP, 2024g); no qual está com outros 13 municípios, 12 deles do norte de Nariño (La Unión, Albán, Arboleda, Belén, Buesaco, Colón, El Tablón, La Cruz, San Bernardo, San Pablo, San Pedro de Cartago e Taminango) e um do sul do departamento de Cauca (Florencia). A diferença do Nodo Pasto, este Nodo, tem relações funcionais diferentes. O Nodo Pasto, concentrava as relações comerciais e de logística na cidade de Pasto. O Nodo La Unión, segundo estes dados, apesar de manter relações comerciais com Pasto, também tem relações comerciais fortes com os departamentos de Caldas, Risaralda, Quindío, Cauca e Valle del Cauca, e um pouco mais fracas com Antioquia, Bogotá e Boyacá. Outras das relações funcionais é a educação, com o Município de La Unión, sendo o maior oferente destes serviços, dentro do Nodo; assim mesmo com serviços de saúde, e trabalho. San Lorenzo, dentro do Índice de Priorização de Segurança Alimentar, está categorizado como médio alto. Isto se deve a medição dos componentes, disponibilidade de alimentos (0,4 – 0,5), acesso físico aos alimentos (0,4 – 0,6), acesso econômico aos alimentos (0,25 – 0,5) e adequação dos alimentos (0,25 – 0,5). Por último, a pobreza multidimensional com um valor de 55,3% (DNP, 204g).

San Lorenzo, tem dois distritos de irrigação: Dalmacia Vegas, este primeiro com um aforo de 50 l/s, na vereda Las Vegas, e o distrito Changuayaco, ambos na bacia do Río Mayo, pelo qual não atinge as famílias da associação La Tulpa. A principal ameaça para o município são as remoções em massa, por conta da atividade vulcânica, sísmica e geológica do Volcán Doña Juana. Assim mesmo, outra ameaça é de enchentes na bacia do Río Juanabú e as afluentes, pela propensão das pessoas, em se assentar nas rondas e cursos dessas águas. Uma outra, não menos importante, e como já foi citado, a propensão de desertificação, por malas práticas agropecuárias e de deflorestação. Pelo tipo de solos e as encostas muito íngremes, também tem risco alto de erosão, também por malas práticas agropecuárias (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Sobre a mineração em San Lorenzo, segundo dados achados no portal da Agencia Nacional Minera (Figura 11). Atualmente, o município (área delimitada em amarelo) tem 6 solicitações ativas, (áreas em branco), localizadas na parte leste do município, em fronteira com os municípios de Arboleda, San Pedro de Cartago, e La Unión. A área em linhas em vermelho, são áreas de exclusão (o resto do município), neste caso, áreas de exclusão de solicitações de mineração, por parte de particulares. A área está delimitada, como uma “Zonas Reservadas Com Potencial – Bloque 568”, uma delimitação feita pela Agencia Nacional Minera (ANM), por meio da do Decreto de Ley 4134 de 2011, e colocado em funcionamento a través da Resolución 183 do 15 de setembro de 2021, na qual *“...se definen y reservan áreas con potencial para minerales estratégicos en el territorio nacional”*, o país se reserva 284 blocos, delimitados pela Agencia, para a avaliação de potencial das unidades geológicas, dentro destes, o Bloco 568, com uma área de 96.652,74 há, de 20 municípios de Nariño e Cauca, os quais são: San Lorenzo, Florencia, El Tambo, Buesaco, Arboleda, La Unión, La Florida, Taminango, Albán, La Cruz, La Llanada, Pasto, Sandoná, Belén, Lináres, San Bernardo, El Peñol, Colón, Samaniego e San Pedro de Cartago; a reserva é pela definição de áreas de reserva estratégica para o Estado, aquelas áreas que no

sub solo tivessem presença de minerais como Ouro, Platina, Cobre, Fosfatos, Potássio, carvão metalúrgico e térmico, urânio, ferro, e coltan, e todos seus minerais associados, derivados e concentrados (Agencia Nacional de Minas, 2021). Nestes blocos não será possível fazer novas propostas, nem contratos, por meio do sistema regular (Ley 658); só se fossem por concessão especial, por meio de seleção objetiva, é dizer, dar esses contratos de exploração, só para quem ofereça as melhores condições técnicas, econômicas, sociais e ambientais para o aproveitamento desse recurso (Agencia Nacional Minera, 2025). Em resumo, o Estado colombiano, está avaliando as áreas para ver o seu potencial extrativo, para eventualmente poder, escolher a quem dar a autorização, para poder extrair esses minerais estratégicos.

Figura 11. Solicitações de mineração no município de San Lorenzo, Nariño.



Fonte da imagem: Visor Geográfico da Agencia nacional de Minería de Colombia (ANM). Disponível em: <https://annamineria.anm.gov.co/Html5Viewer/index.html?viewer=SIGMExt&locale=es-CO&appAcronym=sigm>

A área de pontos em roxo, que pode se ver no mapa, é justamente essa delimitação de Zona Reservada com Potencial (que também está marcada em toda a área em San Lorenzo, excluindo os centros povoados). Isto quer dizer que todo o município, está pretendido, seja pelo Estado, ou pelas multinacionais, ou outros particulares, para exploração de mineração. Existe uma outra delimitação que mostra o mapa, e é a área de Zona de Restricción Agrícola y Ganadera, que está em cor amarela, também dentro do município, com 21502,59 ha delimitadas, é dizer um 80,53% da área total do município. Esta área, foi delimitada segundo a Resolución 000261 do 21 de junho de 2018, do Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural, definindo a fronteira agrícola nacional. Diante desta resolução, a ANM reconhece a área, dentro de uma normativa de ordem nacional deste ministério, mas que segundo o artigo 35 da Ley 685 de 2001, que regula o código de minas do país, e que, dentro da constituição da Colômbia, uma lei e maior a uma resolução, o artigo 35, vigente na atualidade, não reconhece as zonas de agrícolas ou ganadeiras, como zonas de exclusão de atividades mineiras. Além o artigo 37, determina que, nenhuma autoridade regional ou local poderá estabelecer zonas do território que sejam permanentes ou transitoriamente

excluídas da mineração (Ley 685 de 2001). Isto aplica para as zonas que não foram excluídas pelo próprio estado, ou seja, a área do município, que está com as 6 solicitações.

Sobre as 6 solicitações, estas estão detalhadas na tabela 12. Desta, pode se dizer, que são 4477,08 há, em solicitação para exploração de diferentes tipos de materiais. Alguns para construção, outros materiais como, ouro, prata, platina, cobre e metais preciosos, que coincidem a demarcação feita pelo Estado.

Tabela 12. Dados relacionados com solicitações de mineração no município de San Lorenzo.

Código de Solicitação	ARE-509821	TEF-08021	TH1-11441	501542	ARE-510348	501839
Área solicitada (ha)	175,38	118,56	1988,51	1804,34	345,83	44,46
Material solicitado	Recebo	Cobre e seus concentrados	Ouro, prata, platina, minerais preciosos e seus concentrados (de todos)	Argilas, areias, bentonita, dolomita, gravas, roxa caliza	Ouro e seus concentrados	Ouro, cobre e seus concentrados
Data Solicitude	22/08/2024	15/05/2018	01/08/2018	26/03/2021	12/12/2024	18/05/2021
Modalidade	Área de reserva especial	Contrato de concessão Lei 865	Contrato de concessão Lei 865	Contrato de concessão Lei 865	Área de reserva especial	Contrato de concessão diferencial
Estado do Titulo Solicitante	Em avaliação Jorge Vargas e Karen Vargas	Em avaliação Sandra Victoria Ortíz	Em avaliação Minerales Suramerica III S.A.S	Em avaliação Tormenta Purpura S.A.S	Em avaliação Hernan Rojas e Horacio Ortíz	Em avaliação Carolina Ortíz Arias
Coordenadas	Latitude: 1° 30' 1.8" N Longitude: 77° 9' 57.6" O	Latitude: 1° 29' 36.6" N Longitude: 77° 9' 46.8" O	Latitude: 1° 30' 10.8" N Longitude: 77° 9' 52.2" O	Latitude: 1° 33' 45.0" N Longitude: 77° 9' 9.0" O	Latitude: 1° 27' 46.8" N Longitude: 77° 10' 35.4" O	Latitude: 1° 29' 9.6" N Longitude: 77° 9' 41.4" O
Municípios	San Lorenzo	San Lorenzo, Arboleda	San Lorenzo, Arboleda, La Unión, San Pedro de Cartago	San Lorenzo, La Unión, San Pedro de Cartago	San Lorenzo, Arboleda	San Lorenzo, Arboleda

Feita por: pesquisador com base aos dados encontrados no Visor Geográfico da Agencia Nacional de Minería (ANM). Acesso em: 7 de abril de 2025.

No ano 2018, foi feita uma consulta popular, na qual foi convocada pela instauração de uma demanda, feita justamente pelo campesinato do Movimiento Social de Resistencia Campesina (MSRC), e do TECAM, e outros atores sociais e institucionais, juntas no “Comité por la protección del agua, la vida y el territorio”, em resposta a títulos de megamineração a céu aberto, outorgados, operados desde o projeto Mazamorra Gold (No a la mina, 2018), da Multinacional Gran Colombia Gold (agora Aris Mining Corporation), de capital Canadense, em 2011. A través de muitos anos de batalhas e até de mortos, foi em novembro desse 2018, que por meio do voto popular, decidiram e reafirmaram com mais do 98,46% dos votantes, que não queriam a exploração desses territórios para a mineração (El Tiempo, 2018). Também pode-se afirmar olhando as coordenadas, que estas solicitudes, expostas na tabela anterior, coincidem com as pretensões

do projeto Mazmorras, que tinha uma área inclusive maior, de 5993 há (Criollo, 2015). Isto quer dizer, que mesmo que o projeto de megamineração tinha sido bloqueado pela comunidade, ainda existem interesses de outros atores, para se fazer com a única área de exclusão do município.

As águas da quebrada Mazmorras, pertence à bacia do Río Juanambú (Alcaldía Municipal de San Lorenzo, 2024), que dá ao sul do município, e não tem influência, aparentemente, sobre as águas, que vão dar sobre a área dos corregimientos onde estão as famílias camponesas de La Tulpa. Embora, o estudo já citado da Janeth Criollo (2015), mostra que além da contaminação de águas, derivada da exploração de ouro neste caso, também está derivada uma poluição do ar, que passa à fase gasosa, as micropartículas, das triturações das rochas, no ar carregadas também de agentes químicos que se estão presentes nestas: além do deterioro na capa vegetal e solos que são removidos, para a exploração do subsolo. Neste sentido, e diante as solicitações que ainda estão em avaliação, a mineração é um risco para o município e seus habitantes. Assim mesmo, a delimitação e demarcação feita pela Agencia Nacional de Minas, sobre o subsolo, deixa ver que esta área pode ser potencial alvo, de tentativas do próprio aparato estatal, para sua possível extração futura. É claro também, que o Estado deixou a parte que antes foi solicitada pela Gran Colombia Gold, em seu momento, fora de esta área de interesse estatal, e assim ainda, gerar uma expectativa nos particulares para poder, como é o caso, fazer solicitações para sua exploração, ainda encontra do que foi votado e decidido pelas comunidades.

É também neste município, onde depois de vários anos de processo de formação e de mobilização desde La Red de Familias Llorceñas Las Gaviotas, La Red de Guardianes de Semillas de Vida, La Pastoral de La Tierra, e com apoio institucional, de La Alcaldía e também do Consejo Municipal, declararam San Lorenzo, como município livre de transgênicos, por meio do movimento popular com mais de 1300 assinaturas da comunidade, e conseguiu impulsionar o Acuerdo 005 del 28 de febrero de 2018, da municipalidade, tornando-se como o primeiro município na Colômbia em se declarar desta maneira, para a preservação das sementes crioulas e nativas (Rivera, 2021).

3.2.1.6 Município de Tangua

O município de Tangua limita com os municípios de Pasto, Funes, Yacuanquer e Consacá (Figura 12); está localizado a uma distância de 26,2 km da cidade de Pasto. Tem uma área 239 km², com uma população para o ano 2024, de 14.162 habitantes, dos quais, o 49,2% são homens e o 50,8% são mulheres (4500 dessas mulheres, produtoras agropecuárias), habitantes os quais se distribuem: 79,1% em área rural e 20,9% em área urbana. Além da cabecera municipal, o município, tem 11 corregimientos compostos por 36 veredas (Alcaldía Municipal de Tangua, 2024). Esta pesquisa situa-se nas veredas de Tamborcillos, Santander, Las Piedras e Arrayanes, no corregimiento de Opongoy. O DNP, menciona que para o ano 2020, o município tinha ao redor de 8.112 ha de paramos (6,79% da área do município), 3.477 ha de Bosques Estables (2,91%), no 2018, e 588 ha de Húmedales (0,49%), dentro dos seus ecossistemas estratégicos. Assim mesmo, relaciona dentro do Sistema Nacional de Áreas Protegidas, no 2022, 8.467 há (DNP, 2024e). Tangua pertence à bacia do Río Guáitara, e também à Reserva do Santuario de Flore e Fauna Volcan Galeras, de Parques Nacionales (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019). A prefeitura

menção que o 40% da terra agrícola, está em posse de grandes proprietários, e o 50% restante em mãos de pequenos produtores, incluindo população camponesa (Alcalde Municipal de Tangua, 2024).

Na sua territorialidade, está localizado um dos complexos de páramos de Nariño, o Complejo de Páramos La Cocha – Patascoy, que tem uma área total de 145.539 ha, e conecta Nariño (87,8% da área) e Putumayo (12,2% da área), ou seja, conectando ecologicamente os Andes e a Amazônia. Este complexo, inclui na parte norte, o Páramo de Ovejas-Tauso (15.000 ha), pertencente aos municípios de Tangua (5.600 ha), Pasto (7.900 ha) e Funes (1.500 ha), mais especificamente 13 das veredas mais altas (acima dos 3.200 de altitude) destes municípios (incluindo, Santander e Las Piedras, deste estudo), pelo qual possui características de alta pluviosidade e umidade do ar, provenientes do ecossistema amazônico. A área do Páramo Ovejas - Tauso, foi declarada Parque Natural Regional no ano 2018; e que segundo estudos de 2008, 2012 e 2015, abriga pelo menos 265 espécies de flora, 23 de borboletas, 24 de répteis, 32 mamíferos e 178 de aves (28 delas fortemente ameaçadas) (Corponariño, 2019).

Figura 12. Município de Tangua, Nariño.



Criação própria, baseada na imagem tomada do portal "Indicadores Generales – Observatorio de la tierra y el territorio" do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC), atualizados o 23 de janeiro de 2025 e consultados o 30 de janeiro de 2025.

Imagem do mapa de Tangua em Nariño (imagem superior esquerda), tomada de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/7d/Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_Tangua.svg/561px-Colombia_-_Nari%C3%B1o_-_Tangua.svg.png

A continuação, está relacionada a informação das culturas mais representativas, da produção agrícola do município de Tangua (UPRA, 2024). Dentro destas principais, pode se detalhar, a papa, o feijão, a ervilha, o café e o tomate de árvore, que são, nessa ordem, as mais importantes, pela quantidade de terra dedicada para cultivar delas (Tabela 13). Além da quantidade de terra, a papa é a cultura mais importante, pela quantidade da sua produção. Durante o primeiro semestre dos anos enunciados nesta reportagem, a cultura de papa tem incrementado sua área plantada, em 20 há, durante estes 5 anos avaliados. Enquanto, no segundo semestre tem descido em 32 ha, no mesmo período de tempo. Os dados de área colhida mostram, um 100% de eficiência com relação a área plantada, para os anos 2019 e 2021. No caso do ano 2023, os dados são duvidosos, pois não mostram confiabilidade nas suas cifras com relação a área

plantada. Com relação à produção, e o rendimento, os dados não mostram uma tendência entre eles, seja visto por semestre ou por ano. O ano mais produtivo, destes últimos 5 foi o ano 2023 (15.630 t) e o menor, o ano 2021 (12.000 t).

A cultura da papa, nas suas dinâmicas, de produção, é muito flutuante, usualmente, pela alta dependência de cuidado que exige a cultura, sobre todo aquelas relacionadas com os momentos de manejo e aplicações, relacionadas para a sobrevivência da safra e a sua produtividade da cultura. Tangua, é o decimo terceiro maior produtor de papa do departamento, de 38 municípios que reportam produção desta espécie. Para o ano 2023, o aporte que Tangua fez à produção de Nariño, foi do 2%. Esta cultura no município, está concentrada pela sua biologia, a climas mais frios, pelo que reporta grande presença, nas veredas desta pesquisa. Nestas territorialidades, está justo na fronteira agropecuária. Algumas dos conflitos ambientais, tem relação com o avanço desta cultura sobre terras férteis, presentes em ecossistemas como o páramo e bosque alto andino. É comum, a rotação, depois de algumas safras (alguns anos) com pastos. Também é comum, ter longos períodos de uso em pastos (descanso), para depois, usar a área novamente com esta cultura.

Tabela 13. Produção agrícola do município de Tangua.

Cultura	Nome Científico	Ano	Área plantada da (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Papa regular	<i>Solanum tuberosum</i>	2019 (a)	400,00	400,00	7200,00	18,00
		2019 (b)	417,00	417,00	7089,00	17,00
		2021 (a)	410,00	410,00	6150,00	15,00
		2021 (b)	390,00	390,00	5850,00	15,00
		2023 (a)	420,00	390,00*	7020,00	18,00
		2023 (b)	385,00	420,00*	8610,00	20,50
Frijol	<i>Phaseolus vulgaris</i>	2019 (a)	250,00	250,00	250,00	1,00
		2019 (b)	347,00	347,00	964,50	2,78
		2021 (a)	260,00	255,00	221,85	0,87
		2021 (b)	210,00	210,00	186,90	0,89
		2023 (a)	258,00	210,00	146,85	0,7
		2023 (b)	208,00	258,00*	180,41	0,7
Tomate de árbol	<i>Solanum betaceum</i>	2019	108,00	108,00	1080,00	10,00
		2021	115,00	113,00	1774,10	15,70
		2023	94,00	94,00	1410,00	15,00
Café	<i>Coffea arabica</i>	2019	110,00	85,00	54,50	0,64
		2021	105,42	92,66	109,33	1,18
		2023	146,30	104,41	91,35	0,88
Arveja	<i>Pisum sativum</i>	2019 (a)	150,00	150,00	245,32	1,64
		2019 (b)	150,00	150,00	245,32	1,64
		2021 (a)	142,00	142,00	265,42	1,87
		2021 (b)	158,00	158,00	295,32	1,87
		2023 (a)	142,00	141,00	263,55	1,87
		2023 (b)	155,00	155,00	267,99	1,73

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuaria (EVA), do setor agrícola da UPRA para o período 2019 – 2023. (a) Primeiro semestre do ano, (b) segundo semestre do ano.

Continuando com a descrição da produção, a seguinte cultura mais importante é o feijão. Para o primeiro semestre do ano, a área de plantio se manteve num intervalo de 250 ha e 260 há. No segundo semestre, a área de plantio caiu até 193 há, desde o ano 2019 até 2023, o que representa uma perda da área plantada, neste semestre de 40%. Sobre a relação área colhida – área plantada, o dado de 2023(b) é duvidoso, porque não tem congruência, respeito a área plantada. Para os outros dados, a relação é do 100%, ou muito próxima, excetuando o primeiro semestre do 2023 que caiu ao 81%. A produção, o

rendimento mais alto, foi no segundo semestre de 2019, e depois disso, caiu abruptamente no 2021, até seus mínimos no 2023. No ano 2020, os dados de produção e rendimento, foram, no primeiro semestre de 629,37 t e 2,52 t/há, e no segundo de 443,35 t e 2,14 t/há; cifras mais próximas da realidade do 2019, o que faz levantar a hipótese que, teve no 2021, algum acontecimento que enfraqueceu a produção. Tangua é o sexto maior produtor de feijão de Nariño, seu aporte a produção departamental no ano 2023, foi do 4,89%, e seu rendimento está por baixo do rendimento nacional e departamental. Esta cultura encontrasse, dentro do território, justo no “andar térmico”, embaixo das áreas usadas para a papa. No município, esta produção, se caracteriza por se estabelecer, em monoculturas ou mosaicos produtivos, com outras culturas, como arveja, maíz, haba ou com pastagem.

No caso da cultura da ervilha, a área de plantio varia entre 142 ha e 158 há, e a área colhida, na prática é de 100%. A produção teve seu pico no 2021(b), (crescendo com respeito ao 2019), momento que também foi uns dos semestres com maior rendimento. No 2023, a produção caiu quase 30 t e o 0,14 t/h no rendimento, o que significou, uma queda de, 10,16% na produção e 7,48% no rendimento. No país, a produção total no ano 2023, foi de 63.218 t, com um rendimento associado de 1,52 t/há; com uma área plantada de 27.919 há, das quais foram colhidas 27.166 ha, ou seja, um 97,3%, da área selecionada para o cultivo. Por outro lado, Nariño é o principal departamento produtor de ervilha no país. Os 7 maiores produtores municipais do país, são de Nariño. A produção do departamento, no 2023 foi de 39.148 t (4,3 vezes mais, que a produção do segundo maior produtor departamental, Cundinamarca), com um rendimento associado de 2,15 t/ha. A área de plantio foi de 12.553 há, das quais foram colhidas, 12.203, é dizer, um 97,2%. Com base, nestes dados pode se afirmar que, Nariño contribuiu com um 61,9% da produção, 44,9% da área plantada e também com um 44,9% da área colhida de ervilha no país. Assim mesmo, pode se afirmar que, Tangua, está acima do rendimento nacional, mas abaixo do departamental. Tangua é o nono maior produtor de ervilha do departamento e aportou, um 1,35% à produção deste. A dinâmica de plantio, é parecida com a do feijão.

Enquanto, ao café, o ano com menor produção foi o ano 2020 com só 20,1 t e um rendimento de 0,23 t/há. Caso contrário aconteceu com o ano 2021, que com a mesma área plantada (105 ha) e colhida (92 ha), do ano 2020, teve uma produção de 4,25 vezes maior. Os dois anos seguintes, apesar de ter aumentado a área plantada, o rendimento e a produção caíram. A produção de Tangua, no 2023, representou 0,33% da produção departamental. Por último, a produção de tomate de árvore, a pesar da diminuição da área plantada, manteve em 100% a relação área colhida – área plantada, melhorando, a produção e o rendimento, que cresceu em 330 t e em 5 t/há, neste período de 5 anos. A produção de tomate de árvore no país, para o ano 2023, foi de 191.567 t, com um rendimento associado de 11,91 t/há, numa área dedicada para esse cultivo de 13.247 há, das quais foram colhidas 12.017 ha, que representaram um 90,7%. Nariño é o 7 maior produtor departamental desta fruta, no país, e a sua vez, produziu 4.489 t com um rendimento de 8,65 t/há, numa área plantada de 506 há, das quais foram colhidas 458 há, que é equivalente com o 90,5%. Com base nestes dados, pode se dizer que, Nariño aportou com o 2,34% da produção, o 3,82% da área plantada e 3,81% da área colhida no país de tomate de árvore em 2023. No caso municipal, Tangua é o primeiro produtor no departamento. Tem o rendimento superior ao

rendimento nacional e departamental, e participou com um 31,41% da produção de Nariño, em 2023. Além dos alimentos anteriormente citados, a UPRA, reconhece como outras culturas de importância econômica e social, para o município, 9 espécies, como são a cebada, a cebolla de bulbo, a haba, o maíz, a mora, a quinoa, o tomate, o trigo e o ulloco.

Sobre a produção pecuária do município, a principal dela segundo os dados disponíveis, é de aves (Tabela 14). Neste setor, pode-se observar um crescimento progressivo da quantidade de animais produzidos, entre os anos 2019 e 2022, com uma queda no 2023, voltando quase aos registros do 2021, talvez, pela saída produção de uma propriedade. A proporção de animais sacrificados se manteve entre o 85% para todos os anos, e cresceu só no 2022, para 90%. Ou que pode se dizer, que esse produtor que sumiu, estava produzindo para carne. Tangua, produziu 5,54% da produção departamental. O município faz parte, da zona sul do setor avícola do departamento. Além disso, o município conta com uma das 21 plantas de benefício animal de Nariño, justamente de aves, Avícola Caicedo S.A (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019).

Tabela 14. Produção pecuária do município de Tangua.

Espécie Animal	Nome Científico	Ano	Total Animais	Quantidade de propriedades	Animais Sacrificados
Ganado Bovino	<i>Bos taurus</i>	2019	12358	1499	-----
		2020	12905	-----	-----
		2021	12867	1271	-----
		2022	13460	1308	-----
		2023	13726	1336	-----
Aves	<i>Gallus gaulls</i>	2019	130805*	408*	110600*
		2020	140200*	408*	120000*
		2021	140200*	408*	120000*
		2022	221000*	408*	200000*
		2023	146500*	407*	125000*
Cerdos	<i>Sus scofra domesticus</i>	2021	235**	14**	-----
		2022	400**	13**	-----

Construção própria, tomando como base os dados encontrados na Evaluación Agropecuária (EVA), do setor pecuário da UPRA para o período 2019 – 2023. * Dados relacionados com aves de postura, produção de carne y tenência em traspatio. ** Suínos relacionados com produção de agricultura familiar.

No caso da produção de gado bovino, tem crescido, em mais de 1368, apesar de ter diminuído a quantidade de propriedades dedicadas à cria destes animais, em 163. No município, especialmente nas veredas que fazem parte desta pesquisa, o gado para a produção do leite é muito forte. A produção municipal no ano 2023, representou 3,23% da produção departamental. Enquanto a produção dos porcos, está cresceu em 165, apesar de ter diminuído a quantidade de propriedades dedicadas. A produção municipal, representou um 0,25% da produção departamental.

Sobre os dados municipais que oferece o DNP sobre Tangua, se reportam que foram concedidos para o ano 2022, 517 créditos agropecuário. 514 destes para pequenos produtores, que representaram 5.480'000.000 COP; 1 crédito para um mediano produtor por 100'000.000 COP; e finalmente, 2 créditos para grandes produtores grandes, por um total de 900'000.000. Isto representa um empréstimo médio de 10'661.479 COP para cada pequeno produtor, 100'000.000 COP para o único mediano que conseguiu, e 450'000.000 para cada grande produtor. O que quer dizer que, cada grande produtor recebeu 42,2 vezes mais, e o mediano

produtor recebeu 9,37 vezes mais que cada pequeno produtor. Enquanto a o valor agregado gerado pelo município, Tangua está posicionado no sétimo lugar entre os 14 municípios do Nodo Pasto com uma produção total de 111.390'000.000 COP, dos quais, as atividades do terceiro setor, foram as que mais aportaram com um 46,68% (52.000'000.000 COP), seguidas das atividades do primeiro setor, com um 45,78% (51.000'000.000 COP) e finalmente, as atividades do segundo setor, com um 8,05% (9.000'000.000 COP), para o ano 2021 (DNP, 2024e).

Complementarmente, as informações, que aporta o DNP, ao nível supra municipal, do Nodo Pasto, mostra que segundo o Índice de priorização de segurança alimentar, Tangua está num nível meio-alto; isto se deve, às medições dos critérios, os quais reportam valores de 0,2 – 0,3 para a disponibilidade de alimentos, 0,4 – 0,6 para o acesso físico aos alimentos, 0,25 – 0,5 para o acesso econômico dos alimentos, e um valor de 0,25 – 0,5 de adequação dos alimentos. Adicionalmente, reporta que, no 2018, 46% das famílias do município sofriam de pobreza multidimensional (DNP, 2024h).

O município desde o ano 2021, tem dentro da política pública interna o Acuerdo Municipal 026, aprovado pelo Consejo Municipal de Tangua, o qual cria a Política Pública Municipal de Agricultura Campesina, Familiar y Comunitaria, que durante esses anos, foi uma ação impulsada pela Red Agroecologica de Nariño e La Minga Agroecologica del Sur, para posicionar e territorializar localmente, a Resolución 464 de diciembre de 2017, aprovada pelo Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural, que deu a diretriz de criar lineamentos de Política Pública da Agricultura Campesina, Familiar e Comunitaria.

Outro assunto que tem um grau alto de relevância, é o fato do conflito gerado pelo recurso hídrico, na região. A cidade de Pasto, abastece-se de água das nascentes localizadas no corregimiento de Las Piedras, justamente, o que tem desenvolvido algumas disputas entre a empresa Empopasto S.A.E.S.P e as comunidades das veredas, incluindo a vereda de Las Piedras, da qual sai a água da Planta Guadalupe, no corregimiento de Catambuco e sobre qual, já está em execução, o projeto *“Fortalecimiento del enfoque territorial y gobernanza del agua en ciudades andinas de montaña, como estrategia de resiliencia urbana frente al cambio climático: Caso de la Región Hídrica del Valle de Atriz – RHVA, Colombia”*, que tem como objetivo, garantir o abastecimento de água, para a zona de expansão urbana de Pasto, aprovado através do Plan de Ordenamiento Territorial (POT) deste município, e que está em competência direta por este recurso, com a população rural desta vereda e outras ao redor, em Tangua, isto, resultado a que o caudal da concessão de água es de 400 l/s, mas se conhece que existem planos de aumentar a quantidade de água da concessão caudal, através do aumento do diâmetro e a adução de um novo encanamento no Río Opongoy, efluente da quebrada Las Piedras. (Alcaldía de Pasto, 2024).

Em continuação, sobre as problemáticas de tipo ambiental, todos municípios desta pesquisa, com exceção de San Lorenzo, estão dentro da bacia do Río Guáitara (rio principal da região), o qual nasce no Nevado de Chiles em Colômbia, entra em Equador (onde tem o nome de Carchi) e atravessa a fronteira, de volta para Colômbia, passando por 33 municípios do departamento de Narino, até chegar no Río Patía, e daí, até o oceano pacífico. O Guáitara, é importante, porque dele e seus afluentes, se abastece de água, grande quantidade dos

povoados, para todas as atividades essenciais para a vida: de habitat, e as atividades comerciais, industriais e agropecuárias (Bolaños, 2021). Além disto, seus afluentes, nas partes mais altas, estão intimamente ligados com ecossistemas importantes para a recarga hídrica. Lastimosamente, tanto a bacia do rio Guáitara, e as micro bacias que o compõem, tem uma carga grande de poluentes, como também tem sofrido de anos de desmatamento, e outros prejuízos, derivadas das atividades humanas. Tanto assim, que vários municípios, como a cidade de Ipiales, mesmo com a poluição das águas, tem que subministrar água poluída para seus habitantes. Isto tem provocado, grandes conflitos ambientais e sociais, para a vida humana, o resto dos habitantes deste território, como a fauna e flora destes canais hídricos.

Diante dessa situação, um cidadão, interpus uma demanda aos atores institucionais encarregados do cuidado desta rede hídrica, o que valeu a consideração do Tribunal Administrativo de Nariño, para declarar por meio da sentença do 20 de novembro de 2023, o Rio Guáitara e seus afluentes como sujeito de direito; o que busca a proteção, conservação, manutenção e restauração, deste corpo hídrico, colocando a responsabilidade ao Estado Colombiano (Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible, 2023). Nesse sentido, as comunidades destes municípios, podem efetuar solicitações sobre os diferentes atores envolvidos, para garantir ações pertinentes para a mitigar e descontaminar o rio e seus afluentes. Assim mesmo, a sentença, que traz ao longo da discussão jurídica, elementos técnicos, na qual se baseia para emitir seu conceito, coloca na responsabilidade das comunidades que habitam esses territórios, algumas ações para sua restituição, como o fomento de atividades agropecuárias e de turismo sustentáveis, entre outras.

Tangua, tem um distrito de irrigação, Curiaco, localizado na vereda Guayabal, no corregimiento de Tapialquer Alto, que desde o ano 2015, destinou-se, para poder colher um aforo de 200 l/s, para uso agrícola de 12 veredas do município (Corponariño, 2015); este distrito não atende as veredas desta pesquisa. Os principais riscos de Tangua, se relacionam com a ameaça sísmica, geológica e vulcânica, derivada da sua localização com relação ao Volcan Galeras. Também tem risco de eventos de remoção em massa (ADR, FAO, Gobernación de Nariño, 2019). Como Pasto, Tangua, faz parte dos municípios de Nariño, com maior vulnerabilidade climática, pelas mesmas razões já mencionadas no caso de Pasto (Corponariño e WWF - Colombia, 2016). Enquanto a mineração, o município tem três áreas de exclusão de atividades mineiras: uma o Santuario de Flora e Fauna Volcán Galeras, no norte do município; e duas outras que se superpõem, que são o parque estadual Páramo Ovejas -Tauso, e o Complejo de Páramo La Cocha Patascoy. Dentro da área sem exclusão, tem uma solicitação vigente (RDS-14421), de uma área de 155,72 ha, e que está em avaliação, da mesma empresa que tem várias solicitudes no município vizinho de Yacuanquer, Agresur S.A.S, para extração de areias, gravas e recebo. A solicitação foi feita o 28 de abril de 2016. A localização em coordenadas do lote são: 1°05'56.4" N, 77°21'28.8" O, que segundo Google Maps, está próximo à Escola Intitución Educativa Alberto Quijano Guerrero, Sede 4, da vereda Birmania, no corregimiento de Antonio Nariño. O município não tem títulos de mineração vigentes.

3.3 ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Esta pesquisa é proposta de forma colaborativa, com duas organizações sociais de base camponesa e agroecológica, do departamento de Nariño, Colômbia. A seguir, são descritos os perfis de cada uma delas, as motivações que levaram ao encontro e à disposição para o trabalho entre elas e o pesquisador. Adicional, a descrição territorial, anteriormente trazida a contexto, a continuação se referem os perfis de cada uma das organizações.

3.3.1 Nodo de Agroecología de Tangua.

O Nodo de Agroecologia de Tangua é a conjunção de várias organizações sociais de base camponesa do município de Tangua. Entre elas, a Cooperativa de Santander (CoopSant), a Empresa Comunitária: Constructores del Futuro, as duas localizadas na vereda Santander, que juntas formam o grupo Soluciones; por outro lado, a Asociación Agropecuária de Mujeres de Las Piedras, da vereda Las Piedras, Arrayanes e Tamborcillo. Além disso, encontram-se algumas mulheres das veredas Los Ajos, La Marquesa Alta e algumas outras, da cabecera municipal (todos os grupos majoritariamente compostos por mulheres camponesas). Este nodo é complementado por vários companheiros e companheiras profissionais que formam uma espécie de equipe dinamizadora, que articula esses processos por meio da formulação de projetos, incidência política e relacionamento com outros atores da agroecologia, arte, turismo, no departamento, no país e fora dele. Este processo, começou no ano 2019, quando estes diferentes grupos, se juntaram principalmente pela liderança de Júlio Bravo, Liz Jurany e Veronica Trejo, se aproximaram a estas organizações de base camponesa, para começar um percurso conjunto no qual os processos camponeses conhecem as premissas e as práticas agroecológicas, diante a metodologia de camponês a camponês, em sítios de outras e outros produtores do mesmo departamento.

Os e as produtoras camponesas que se inseriram nesse processo, são principalmente produtoras que toda a sua vida, viveram sob o modelo de produção convencional, cultivando produtos como papa (*Solanum spp*), ollucos (*Ullucus tuberosum*), trigo (*Triticum spp*), cevada (*Hordeum vulgare*) e milho (*Zea mays*), entre outros. Muitos deles e delas estão localizados em veredas acima de 2800 metros acima do nível do mar, propícias para esses cultivos. Embora alguns deles já tenham desaparecido das paisagens produtivas deste município, principalmente a cevada e o trigo, pois seus derivados, como as farinhas de trigo e os grãos para a produção de cerveja, são mais baratos na Colômbia, aqueles que vêm importados de países como os EUA e o Canadá, no caso do trigo (ANDI, 2021), e, no caso da cevada, da Argentina e novamente do Canadá (MADR, 2018). Isso deixou uma produção agropecuária baseada nas monoculturas de papa e ollucos, às vezes intercalada com algumas parcelas de milho, feijão e ervilha, com um alto crescimento da implementação das áreas agrícolas com pastagens de uso extensivo para a produção de leite bovino, base econômica das famílias camponesas dessa região, hoje em dia. Historicamente, também houve relação com o carvão, prática de extração de carvão vegetal, derivado da queima da floresta alta andina, um ecossistema de alta montanha que limita com o ecossistema de páramo, ambos de alta importância ecológica, pois cumprem funções de regulação do ciclo hídrico e climático da zona alto andina, onde nascem rios importantes para milhões de habitantes a jusante. Muitos deles e delas são possuidores de pequenas parcelas de terra, as quais são utilizadas para esses usos agropecuários.

Em 2019, nasce o Nodo Tangua e se articula com a Rede de Agroecologia de Nariño, uma plataforma departamental que articula processos organizativos de base agroecológica, que busca mobilizar, a partir das bases sociais, a proposta prática, política e organizativa da agroecologia no departamento. É a partir desse ano que se estabelece no Nodo Tangua, a Escola Popular Camponesa, que busca que a base social, camponeses e camponesas, conheçam a proposta agroecológica, por meio da voz e exemplo de produtoras que no departamento já vêm trabalhando suas propriedades com práticas agroecológicas, pelo que se estabeleceu como metodologia da escola o diálogo de camponês para camponês, para a troca de saberes nas propriedades dos produtores agroecológicos. A partir daí, busca-se que os e as produtoras que estão nessas associações camponesas comecem a conhecer as práticas agroecológicas e que possam se identificar com elas, para introduzi-las em seus sistemas produtivos.

Por outro lado, a equipe dinamizadora articula paralelamente a Escola Popular Ambiental, com meninas, meninos e jovens dessas comunidades, com os quais planejam estratégias de comunicação e percursos territoriais, para o fortalecimento do arraigo territorial e a exploração audiovisual. Além disso, com as famílias desses jovens, foi estabelecida a estratégia "El Camino del Cuidado", que é o espaço para possibilitar o reconhecimento de si mesmos, a identificação das estruturas de violência no âmbito individual, familiar e comunitário, para estabelecer estratégias coletivas de cuidado, fortalecer o tecido comunitário e conectá-lo com as experiências das Escolas Populares, tanto ambiental quanto camponesa.

Graças a esses processos de formação e troca de experiências com outros camponeses, uma nova visão se abre para eles e elas: a visão agroecológica. Como consequência dessa abertura, e por meio da gestão própria das organizações de base camponesa, com o apoio de um ator territorial, a Fundación Grupo Social, conseguem articular projetos locais voltados para o manejo de resíduos sólidos, a produção de adubos orgânicos, a criação de um viveiro comunitário (grupo Soluciones) e a produção pecuária de cuyes (*Cavia porcellus*), uma espécie de roedor, de alta demanda alimentar nessa região, e de produção de um esterco rico para a compostagem, além de uma horta comunitária escolar (Asociación Agropecuária de Mujeres de Las Piedras). Isso demonstra que o processo de consolidação dos princípios ambientais e agroecológicos começa a ter algum grau de impacto nas decisões que as organizações tomaram para suas ações. É justamente com esses três grupos que se articula o trabalho desta pesquisa.

É justamente graças ao contato com Julio Bravo, um dos companheiros da equipe dinamizadora e pesquisador, que me envolvi em apoiar o processo do Nodo de Agroecologia de Tangua, a partir da minha proposta metodológica inicial, para trabalhar complementarmente com a equipe dinamizadora e apoiar, assim, o processo que o Nodo já teve. Mais adiante, serão especificados quais foram os acordos concertados com a equipe dinamizadora e os acordos estabelecidos com os grupos de base camponesa.

3.3.1.1 Grupo Soluciones

O Grupo de Cooperativa de Santander (CoopSant), nasceu no ano 2000, com a junção de alguns habitantes da vereda, pela motivação de se juntar e se organizar, ao redor da elaboração de pão, e da criação de uma mercearia comunitária, com o fim de poder perceber ganancias coletivas, para a manutenção familiar e do grupo. Com o passar do tempo conseguiram comprar novos implementos para a sua própria padaria, que abastece localmente através da mercearia, todo o centro povoado. (Bravo, *no prelo*).

Por outro lado, o grupo da Empresa Comunitaria Constructores del Futuro, surgiu entre os anos 2002 – 2003, principalmente com a ideia de comercialização de produtos locais. Nos seguintes anos foram incluindo algumas outras atividades como produção de grãos, servidão de caminhos e estradas, turismo comunitário, capacitações ao redor da produção do leite e pão, entre outras. Processos que por diferentes circunstancias ao longo do tempo tem parado (Bravo, *no prelo*). Existem integrantes deste grupo, que também pertencem no grupo da CoopSant.

Dentro das dinâmicas que começou a se movimentar dentro de um espaço denominado La Minga Opongoy, em 2022, um espaço multiator de encontro para priorizar necessidades e ações da comunidade deste corregimiento, e posteriormente a Escuela Popular Campesina de Agroecologia, proposta derivada da pesquisa de doutorado de Julio Bravo, e com participação do resto da equipe dinamizadora do Nodo de Agroecologia de Tangua, conseguiu juntar os dois processos, em este espaço de formação, embaixo da proposta de troca de conhecimentos de campesino a campesino, com outros atores agroecológicos do departamento, principalmente da Red de Agroecología de Nariño. Posteriormente, depois de dialogar e determinar problemáticas, principalmente ambientais da sua comunidade, sobre todo, as relacionadas com o mal manejo de resíduos sólidos, decidem se juntar num esforço conjunto (Grupo Soluciones), para tentar se articular, e gerar ações que oferecem soluções qa estas e outras problemáticas. Esta junção, tem mantido o esforço da horta comunitária, resultante do projeto com Agrosavia (falado mais para frente, neste documento), e outros mais, como o agroturismo comunitário (Bravo, *no prelo*).

Vale a pena mencionar, que existiu um processo de articulação entre La Tulpa e os companheiros do Nodo de Agroecologia de Tangua no ano 2021, para testar com eles, a produção de papa orgânica, alimento que durante esse momento não estava sendo produzido por nenhum associado de La Tulpa. Lastimosamente, essa parceria não deu resultado em términos produtivos, mas foi um elemento de fortalecimento de alguns dos produtores envolvidos neste teste, na vereda de Santander (Bravo, *no prelo*).

3.3.1.2 Asociación agropecuária de mujeres de Las Piedras

Derivada da criação da Asociación Agropecuaria Las Piedras, que associa principalmente homens desta vereda, ao redor do processo de produção de gado leiteiro, no ano 2010, com sua formalização durante os anos 2018 – 2019, surge uma vontade semelhante, das mulheres esposas deste grupo de produtores, para se juntar e criar a sua própria associação, pensada inicialmente na produção de frango de corte, nessa mesma época, o que termina se truncando pela pandemia. Embora, esta ideia seria retomada por algumas das associadas iniciais, inspiradas pelo processo da Escuela Popular Campesina de Agroecologia, esta vez direcionando a produção de cuyes e o agroecoturismo (Bravo, *no prelo*).

O grupo além de se organizar ao redor da produção de cuyes, também tem estabelecido uma dinâmica de fortalecimento econômico, próprio da economia social e solidaria, um grupo de poupança e crédito local. Esta proposta permite a circulação do dinheiro das mulheres e das suas famílias, na lógica fazer poupança periodicamente e disponibilizar o dinheiro para fazer empréstimos a qualquer das integrantes do grupo, isto permite fazer investimento de livre inversão, para fazer adequações produtivas, na casa, de educação dos e das filhas, saúde, ou qualquer outra necessidade própria da associada, ou da sua família. Mas, não se esgota ali, o dinheiro também e sobre tudo, tem usos coletivos, por exemplo na formalização da organização, em investimento de projetos da organização, que muitas vezes, são garantidos, mas devem contar com uma contrapartida da organização, dinheiro que é obtido, a través, desta modalidade de poupança coletiva. Foi assim, que estão neste momento, adiantando o projeto com a Fundación Grupo Social, para o fortalecimento de capacidades e infraestrutura para a produção de cuyes.

Dentro das lutas que vem batalhando esta comunidade, das veredas de Las Piedras, Arrayanes e Tamborcillo, tem a ver com a água. Atualmente, um projeto de ampliação das redes de aqueduto na cidade de Pasto, liderado por Empopasto e La Agencia Francesa de Desarrollo, através de Euroclima, foi aprovado e está sendo executado, no momento de campo desta pesquisa. No contexto destas veredas, prevê tomar águas localizadas na vereda Las Piedras, para garantir a demanda, derivada da expansão urbana em Pasto. Em paralelo, e com o fim de “diminuir ou mitigar o efeito”, o projeto busca, canalizar parte da água, para levá-la para a vereda Arrayanes e Tamborcillo, que ao dia de hoje, não contam com um aqueduto da vereda, e melhorar as condições do encanamento do aqueduto da vereda Las Piedras. Nas, palavras de Jhon Jairo, um dos esposos de uma das integrantes da associação, e líder social e ambiental, o projeto pretende tirar água da sua territorialidade, cedendo o direito que a comunidade tem, para decidir sobre as ações que se fazem ao redor dos recursos que estão na sua vereda, e o benefício que eles brindam, é pouco, para o benefício que significa a água.

3.3.2 Asociación de productores orgánicos La Tulpa

A associação La Tulpa nasce formalmente no ano de 2017, quando Nicolás e Cristina, ele de origem suíça e ela nariñense, após conhecer o contexto de alguns produtores e produtoras do corregimiento de Matituy, no município de La Florida, Nariño, se articulam com alguns produtores que pertencem a organizações de base comunitária, como a Rede de Guardiões de Sementes e o processo da Associação para o Desenvolvimento Campesino (ADC), processos que há anos vêm trabalhando pelo cuidado das sementes, pelo cuidado ambiental e pela reivindicação da produção de base camponesa. Alguns deles já tinham sistemas produtivos de base orgânica estabelecidos, e outros, embora não desenvolvessem esse tipo de produção, se motivaram a fazer a transição, motivados principalmente por Nicolás e Cristina, através da fundação Saberes Compartidos, que encontraram na capital do departamento, Pasto, uma demanda por produtos orgânicos, mas sem uma oferta significativa. Assim, em diálogo com esses produtores, decide-se começar a organizar uma oferta constante de produtos orgânicos diversos, configurada através de um mercado camponês. Após oferecer cestas de produtos, e de fazer venta em barracas itinerantes,

decide-se formalizar o mercado La Tulpa, com mais de 40 produtores no ano de 2017.

Hoje, após mais de 6 anos de constituição legal, a associação de produtores orgânicos La Tulpa conta atualmente com 28 produtores associados. Eles conseguiram se estabelecer, com financiamento da Fundação Saberes Compartidos, como uma experiência de camponeses e camponesas que organizaram um mercado orgânico com base na cidade de Pasto. Este mercado oferece semanalmente, todas as terças, quintas, sextas e sábados, produtos orgânicos diversos, que vêm das territorialidades dos municípios de La Florida, San Lorenzo, Yacuanquer e Consacá, territórios de clima quente; e dos corregimentos de Encano, Laguna Seca e Gualmatán, do mesmo município de Pasto, neste caso, territórios de clima frio. Isso lhes deu a possibilidade de oferecer uma grande variedade de alimentos orgânicos agropecuários durante todo o ano, não apenas produtos frescos, mas também transformados. A proposta se baseia em estabelecer um circuito curto de comercialização, uma relação direta com os consumidores e a oferta de preços justos tanto para eles como produtores quanto para quem deseja adquirir esses alimentos.

Isso foi possível graças à constância no financiamento, mas também a vários elementos importantes. A equipe técnica é composta por camponesas e camponeses produtores do próprio mercado, o que garante, em certo grau, que o sentir da base se reflete nas decisões tomadas em relação à administração dos projetos de financiamento da Saberes Compartidos, mas também nas decisões do mercado, nas alianças, nos eventos, na estratégia de comercialização e vendas, no marketing e manejo de redes sociais, entre outros.

Além disso, é uma associação que aposta na gestão do conhecimento e no estudo de seus produtores, tendo liderado, neste curto período, dois exercícios de caracterização e diagnóstico, além da implementação da estratégia do Sistema Participativo de Garantias (SPG), com o qual buscam estabelecer selos de confiança com os consumidores, que comprovem que os processos de reconversão produtiva em direção aos princípios agroecológicos são a base de sua proposta produtiva e que esses selos de confiança são possíveis para impulsionar a economia das famílias camponesas e garantir a tranquilidade dos consumidores. Adicionalmente, a estratégia de produção também é guiada por um produtor camponês que acompanha tecnicamente os processos de produção de camponês a camponês, orientando e contribuindo em campo com as soluções que a agricultura orgânica propõe. Outra das forças da associação é sua organização interna, pois se estruturam com base em grupos locais (por municípios e/ou zonas), assessores locais e camponeses referentes, que semana a semana organizam e visitam seus companheiros nos processos de produção. Por último, a associação fomenta constantemente espaços de formação e intercâmbios entre produtores e com outras experiências similares, tanto na Colômbia quanto fora do país.

Hoje em dia, a associação não é autônoma economicamente, dependendo em grande medida das contribuições financeiras da Fundação Saberes Compartidos para seu funcionamento, pagamento da equipe técnica, aluguel da sede do mercado, entre outros. Isso se deve ao fato de que, embora o mercado tenha hoje um grande reconhecimento local, o volume de comercialização não é suficiente para cobrir esses custos, ou seja, enfrentam um gargalo no tema da

comercialização. No entanto, em resposta a isso, têm realizado ações para superar essa dificuldade, abrindo constantemente espaços em feiras locais, mercados municipais, espaços de intercâmbio de experiências com os consumidores, estratégias de compras públicas, estudos de custos de produção, visitas agroturísticas e transformação de produtos, o que demonstra a intenção de melhorar constantemente a situação de comercialização. Além disso, no próximo tópico, será especificada a proposta e os acordos metodológicos estabelecidos com a associação para o trabalho conjunto.

Sobre a estrutura organizativa da associação, do mesmo grupo de associadas(os)as, se constitui uma equipe técnica, encarregada dos assuntos de projetos (incluindo aqueles com Saberes Compartidos), do funcionamento do mercado (compra aos produtores, comercialização, atendimento, comunicação com as compradoras, manutenção do local de venda, entre outros), transporte dos alimentos dentro de Pasto, acompanhamento produtivo aos associados (as), reuniões locais, assembleias anuais e de delegados (uma vez cada 3 meses), e outras ações que precise para se manter. Cinco das sete pessoas, desta equipe são associados, um deles esposo de uma associada, e uma externa, que já tinha trabalhado como passante, na mesma associação.

Assim mesmo, a associação está delimitada pelos grupos locais, o que coincide com as diferentes territorialidades, ou seja, existem 6 grupos locais, Gualmatán (4) e El Encano (5), em Pasto; La Florida (6 associados); Consacá (3 associadas); Yacuanquer (2 associadas) (recentemente criado, traz a decisão de se dividir do grupo de Consacá, pelas distancias consideráveis) e finalmente o grupo local de San Lorenzo (4 associados). A sua vez, os grupos locais se organizam. Cada grupo local, tem reuniões periódicas, com o fim de se encontrar e se ajudar. Existe o papel do assessor (a) local de produção, que faz acompanhamento aos seus companheiros de zona, para se apoiarem nas atividades produtivas. Além disto, existe o grupo de transformadoras, de toda a associação, para beneficiar diferentes alimentos, para dar valor agregado; e um grupo de produtoras de galinhas.

3.4. OUTROS ATORES TERRITORIAIS CHAVE PARA ESTA PESQUISA.

A continuação vai se citar e descrever o perfil geral e ações desenvolvidas, de alguns dos atores relevantes, diretos ou indiretos, envolvidos com a realidade institucional, pratica, produtiva, política, investigativa e econômica, das organizações de base desta pesquisa, com o fim de entender como estes, tem incidido no passado ou presente do Nodo Agroecológico de Tangua (NAT) e La Tulpa (LT) (Apêndice 9).

Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural (MADR)

Historicamente este ministério, tem favorecido pouco aos produtores de comunidades indígenas, camponeses e negras. Incumprimento de muitos acordos, desconhecimento de direitos, e pelo contrário fornecendo aos grandes produtores agroindustriais, foi uma constante. Com a pose deste último governo, a situação, longe de ser o ideal, tem melhorado as suas relações e ações com relação aos pequenos produtores em alguns sentidos, o reconhecimento do campesinato, como primeiro ato político do ministério, e entrega de terras por parte da Agencia Nacional de Tierras (ANT), e a formalização é mais comum que

nunca, e tem avançado que em governos anteriores (Razón Pública, 2024). Desde alguns anos atrás por disposição deste governo, tem se começado as mesas de trabalho entre uma equipe interdisciplinar e intersetorial, a equipe de sínteses, entre o ministério, representantes acadêmicos e representantes das comunidades de base agroecológica do país, para formular e estruturar a base de uma política pública, liderada por este ministério. E assim como no ano 2024, no mês de outubro, foi apresentada a Política Nacional de Agroecologia, que fundamenta e estrutura a base para a implementação dentro do ministério, para suportar juridicamente no país, os movimentos e as políticas relacionadas com ela.

Corponariño

É uma das 33 Corporaciones Autónomas Regionales, que tem incidência nas diferentes subregiões do país. Estas instituições corporativas, de caráter público foram criadas para administrar e cuidar os recursos naturais renováveis, e propender pelo desenvolvimento ostensível destes, dentro da área de incidência, relacionada com a sua entidade territorial, que está conformada por uma unidade geopolítica, hidro geográfica ou biogeográfica, adotando as políticas do Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible. No caso de Corponariño, ela está relacionada com uma área geopolítica, neste caso o departamento de Nariño, no qual deve cumprir as funções de cuidado dos ecossistemas e demais recursos naturais, tanto na área continental, como na área marítima (Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible, 2025).

Para o cumprimento de tais fins, dentro de suas funções está: criação e delimitação de reservas naturais; o diálogo, incidência técnica, assessoramento e coordenação dos programas, planos e projetos das entidades territoriais (prefeituras, governação, cabildo indígena, concejos comunitários de comunidades negras); criação de normatividade e planos técnicos de ação para o uso e manejo sustentável de bacias hidrográficas dentro do departamento, assim como também, dá a concessão de águas para todo tipo de usos, e de aproveitamento florestal, como também de proibição de caça e pesca esportiva; e de fazer seguimento, controle e avaliação ambiental de usos de água, solo e ar; gerar atividades de análise, seguimento em prevenção de desastres naturais; monitorar projetos de exploração, para o cumprimento das medidas certas para cuidado do meio ambiente; impor sanções para atores que quebrem a lei; transferir tecnologia para melhoras condições de cuidado; fazer arrecadação de contribuições, taxas, penalidades e demais ingressos relacionados com sua atividade legal (Corponariño, 2025), entre outros.

Nesse sentido, é um ator chave na relação que tem com suas funções missionais e com o impacto territorial que tem nas suas ações ou na omissão delas. No caso de Corponariño, que está encarregado do cuidado do meio ambiente, a sua relação com as comunidades tem sido historicamente problemática, pois não tem muita receptividade, nas ações conjuntas, mas bem tem sido contrárias ou punitivas. Além disto Corponariño não tem boa reputação, pois supostamente não cumpre efetivamente com muitas das suas funções de cuidado ambiental, e sim muitas concessões de licenças ambientais para aproveitamento florestal e do recurso hídrico, para projetos de exploração, aprimorando a coleta, e pouco o controle e o cuidado. Muitas das comunidades que precisam de atividades de controle para o cuidado dos seus ecossistemas ou que precisam concessões de águas, não contam com acompanhamento integral desta instituição.

Secretaria de Agricultura de la Gobernación de Nariño

Esta dependência da Gobernación de Nariño, tem relação com toda a política de agricultura e pecuário de departamento. Dentro do contexto desta pesquisa, tem importância pois, tem relevância na área do desenvolvimento rural e produtivo das comunidades envolvidas. Atualmente foi esta secretaria que fez parceria e se colocou em disposição das comunidades de base agroecológica para conseguir a formulação da Política Departamental de Agroecología, tornando o departamento no terceiro, em ter uma política pública deste tipo, depois de Antioquia e Valle del Cauca. Assim mesmo, é importante porque incluiu, no seu Plan Departamental de Extensión Agropecuaria de Nariño 2024 – 2027, algumas ações relacionadas com a agroecologia, incluindo-a, segundo o diagnóstico, como uma estratégia ótima para a segurança alimentar, mitigação de problemáticas ambientais e de mudança climática. Mesmo assim, a abordagem deste plano, não muda estruturalmente o modelo de extensão rural, aplicando uma perspectiva de transferência de tecnologia e conhecimentos, desde um técnico para um agricultor (Secretaria de Agricultura de Nariño, 2024). Embora, já é um avanço que começa a ter a agroecologia dentro dos planos de ação deste quadriênio, que pode ser potencial para desenvolver dentro da institucionalidade, esforços por fortalecer os processos agroecológicos existentes, e ajudar no processo de transição dos agricultores convencionais.

Alcaldías municipales (Pasto, La Florida, Consacá, Yacuanquer, San Lorenzo y Tangua).

Em geral, estas instituições são a presença mais próxima do Estado, para qualquer cidadão e comunidade em área rural. Estão encarregadas de desenvolver os seus municípios com cada uma das suas dependências. No caso dos municípios desta pesquisa, o diálogo mais próximo, nestes momentos, está entre as organizações de base do Nodo de Agroecologia de Tangua com a Secretaría de Agricultura deste município, com a qual desde o início do período da atual administração, tem diálogo constante para implementação de processos agroecológicos e de educação ambiental. No caso da prefeitura de Pasto, esta considera dentro das associações de produção agrícola, a La Tulpa como um referente dentro dos processos associativos de comercialização da cidade, para a qual, está usualmente convidada para participação em eventos relacionados com comercialização. Também deve se mencionar, o papel preponderante da prefeitura de San Lorenzo, que tem defendido em duas ocasiões, os interesses da comunidade de seu município, uma diante a possibilidade da mineração a grande escala e a outra com a declaratória do município como um território livre de transgênicos. No caso das outras, existe pouca interlocução direta, entre as associações e as prefeituras neste quadriênio, segundo o falado com as e os associados. Embora alguns e algumas das produtoras, já tem se relacionado com uma ou outra dependência da prefeitura em administrações passadas.

Pastoral de la Tierra: Diócesis de Ipiales.

Segundo vários e várias companheiras tanto do Nodo de Agroecologia de Tangua, como da associação La Tulpa, esta pastoral, localizada em Ipiales, desde os anos 90, foi importante para colocar uma abordagem de cuidado da natureza, em muitas territorialidades rurais dos Andes Nariñenses, com a

formação de muitos camponeses e indígenas, nestas questões. Realizou-se durante esta década e até hoje, além de processos de formação, projetos envolvidos com conservação ambiental, produção própria, educação com abordagem especial em mulheres, juventudes e crianças. Vários dos produtores envolvidos nesta pesquisa, tiveram algum tipo de contato com os projetos ou com os espaços de formação.

Fundación Suyusama

Primeiramente, como programa de coordenação de Los Centros Sociales de la Compañía de Jesús em Colômbia, para o Sudoeste do país, no ano 2004; depois, no 2014 se constitui como fundação social para colaborar com de grupos sociais e intuições, para a consolidação de territórios de paz e sostenibilidad para o bem viver (Jesuitas Colombia, 2023). Para conseguir isto, trabalham em 5 eixos de ação institucional: Economia social, solidaria, feminista e inclusão econômica, com ênfase em formação, financiamento comunitário, empreendimentos, turismo comunitário e redes e circuitos curtos; agroecologia, com ênfase em formação, sistemas de produção, sistemas participativos de garantia (SPG), articulação social de atores agroecológicos; água e biodiversidade, com ênfase em gestão comunitária da água, proteção da biodiversidade e adaptação e mitigação a mudanças climáticas; democracia, garantia de direitos e reconstrução de paz, com ênfase em equidade de gênero, fortalecimento organizativo, planejamento e ordenamento territorial participativo, governança territorial, incidência política e paz, perdão e reparação; finalmente, o fortalecimento institucional, com ênfase em articulação de redes e gestão e construção de conhecimento. Este plano institucional, está focado em projetos para comunidades, orientados no fortalecimento de capacidades, para permitir resolver os problemas sociais, econômicos, ambientais, culturais e políticos, destas, e da região (Fundación Suyusama, 2025).

A fundação, tem desenvolvido dois projetos, nas zonas de incidência desta pesquisa. Um “Economía para la vida”, para contribuir com a melhora da situação socioeconômica e a soberania alimentaria de 440 produtores e produtoras de comunidades indígenas e camponesas dos municípios de Ricaurte e San Lorenzo, através de, fortalecimento das inovações tecnológicas agroecológicas; práticas de economia alternativa, social, solidaria e feminista (EASSF); monitoramento e avaliação dos processos produtivos e econômicos; e o fomento de uma visão empresarial de caráter social, solidaria e feminista. O outro projeto nos municípios de Grupo Paz Verde (La Florida), Flor de monte (Consacá) e o grupo de Escuelas Campesinas (Yacuanquer), para fortalecer os processos de agricultura ecológica que estes grupos são, desde uma abordagem de economia alternativa feminista, em 5 linhas: transformação e comercialização dos produtos agroecológicos, visão crítica ante as iniquidades de gênero, políticas públicas agroalimentares e estratégias participativas de comunicação. Além de Nariño, tem incidência em outros cinco departamentos do Sudoeste, Cauca, Putumayo, Valle del Cauca, Tolima e Huila (Fundación Suyusama, 2025). Suyusama também dá suporte ao processo da Red Enjambre.

Asociación para el Desarrollo Campesino (ADC)

É um dos processos organizativos de base mais antigos de Nariño. Fundada em 1980, com o objetivo de cuidar o ambiente natural, econômico e social, no

corregimiento de El Encano, no município de Pasto, hoje tem uma base social de 3500 pessoas, representadas em mais de 600 famílias indígenas e camponeses, com presença e em mais de 8 municípios do departamento. Dentro dos objetivos desta associação, se destacam, processo de conservação da biodiversidade e produção agroecológica para a soberania alimentar e defesa da vida em todas suas formas; acompanhamento técnico e social dos camponeses associados, para a autogestão comunitária e bem viver; articulação de processos camponeses entre si, e ajuda em interlocução com atores públicos e particulares para a construção de desenvolvimento territorial; fortalecimento a processo de organização de crianças e jovens na região visando o relevo geracional e a sustentabilidade local a longo in; e finalmente promover os meios de comunicação como ferramenta para a preservação, divulgação da proposta e da pratica na gestão ambiental participativa (Asociación para el Desarrollo Campesino, 2024).

Dentro destes objetivos, tem se organizado territorialmente, em grupos de interesse e mingas. As primeiras que agrupam famílias, e as segundas, associações. Existem 4 grupos de interesse em diferentes veredas de Yacuanquer, incluindo uma em Chapacual. Também tem um grupo em Consacá. Enquanto as mingas, das 4 conformadas no departamento, 2 estão em Pasto, uma Minga Asoyarchocha em El Encano, e Minga Gualmatán, no corregimiento deste mesmo nome. Esta associação, tem a ver com a formação política, ambiental, organizativa e produtiva de alguns dos associados e associadas de La Tulpa, sobre todo aqueles que moram no corregimiento El Encano e Gualmatán, em Pasto, e nos municípios de Yacuanquer e Consacá, que tem se formado com projetos da ADC, como Herederos del Planeta ou Diseñadores, o que tem tido efeito no pensamento e nos projetos de vida deles e delas.

Universidad de Nariño (UdeNar)

É a universidade pública do departamento, está envolvida no desenvolvimento de pesquisas e investigações derivadas de, 1 programa tecnológico, 49 programas de graduação, 21 especializações, 37 mestrados e 2 programas doutorais, em 4 diferentes campuses, pasto, Ipiales, Túquerres e Tumáco. Dentro dos programas destacasse as graduações em Engenharia Agroflorestal e Ambiental, da faculdade de Ciências Agrarias. Conta também com o diplomado em agroecologia (UdeNar, 2024), em aliança com a ADC e La Minga Agroecológica al Sur; assim como também conta com o programa em pós-graduação (mestrado) em agroecologia (UdeNar, 2025a), e sistemas agroflorestais tropicais em Pasto e em Túmaco (UdeNar, 2025b).

Esta universidade, é o principal sócio acadêmico falando sobre instituições de ensino superior, das organizações sociais, no acompanhamento aos processos, e na visibilidade das suas problemáticas, através de pesquisas, incidência em aulas e cursos, e abrindo espaços de discussão dentro da instituição para o diálogo sobre e com as comunidades. Alguns dos professores, fazem parte de La Minga Agroecologica al Sur. Também outros e outras docentes, tem aberto as práticas de campo das suas disciplinas dentro dos sítios das e dos companheiros de La Tulpa, caso das companheiras de Consacá, Yacuanquer e Gualmatán, assim como da vereda Santander, em Tangua. Também La Tulpa, tem estabelecido uma aliança para receber passantes, principalmente do programa de Engenharia Agroflorestal, do campus Pasto.

Outras universidades importantes na região é a Cesmag e a Universidad Mariana, ambas, de tipo particular, que em algumas ocasiões apoiam com pesquisas ou projetos de disciplinas os processos das associações de produtores. No caso da Universidad Nacional de Colombia – campus Palmira, que é a faculdade na qual o companheiro Júlio Bravo, fez o seu doutorado na área de agroecologia e que está envolvida com a dissertação das comunidades de Tangua.

Coorporación Colombiana de Investigación Agropecuaria (Agrosavia)

É uma instituição de capital misto (antes totalmente pública), conhecida antes de 2018 como Corpoica, que nasceu em 1993; de abordagem técnica e científica, cujo objetivo principal é a geração e conhecimento científico e desenvolvimento tecnológico para transferência destas, através da assessoria para melhorar a competitividade na produção, a sustentabilidade dos recursos naturais, e contribuir em elevar a qualidade de vida da população (Corporación Colombiana de Investigación Agropecuaria, 2025). Atualmente é uma das instituições mais relevantes em pesquisa agropecuária do país, e também é uma das instituições que mais parcerias faz com outras instituições estatais e de cooperação internacional, nesta área, intermediando ou terceirizando projetos com financiamento público e privado colombiano ou estrangeiro, e particular com populações rurais.

Historicamente Corpoica e agora Agrosavia, tem se desenvolvido como uma instituição em favor da transferência de práticas e tecnologias relacionadas desde uma perspectiva convencional, desenvolvendo pesquisas em todas as áreas, das principais cadeias produtivas agrícolas e pecuárias, desde melhoramento genético, desenvolvimento de material reprodutivo, ferramentas e tecnologias de plantio e pós-colheita, protocolos de todo o ciclo produtivo, e ultimamente, em bioprodutos (principalmente defensivos e fertilizantes), sistemas de informação geográfico e aplicativos para tomada de decisões. E tem se relacionado verticalmente com as comunidades de pequenos produtores rurais, para as quais estabeleceu o modelo de integração destes produtores, à lógica de tecnificação.

Em geral, a relação com as comunidades, tem sido de estudá-las e pegar destas, conhecimentos e material genético (principalmente) destas populações, e devolvendo manuais técnicos, baseados em transferência de tecnologias e práticas industriais, desconhecendo os processos culturais de produção local. A associação La Tulpa tem trabalhado com eles no projeto *“Fortalecimiento de capacidades para la innovación en la agricultura campesina, familiar y comunitaria em la zona Andina de Nariño, Colombia”* em três zonas, Gualmatán, La Florida e Consacá, e de alguns companheiros de Tangua, das veredas de Opongoy, com a parceria com La Tulpa, anteriormente comentada. Adicionalmente, esta instituição conta com um centro de investigação em Pasto, no corregimiento de Obonuco, centrado em sistemas produtivos de papa, achira (*Canna indica*), hortaliças, leguminosas, cana panelera, gado de leite, espécies menores, frutais andinos e espécies florestais, para todos os climas e bioregiões do departamento.

Empresa de Obras Sanitarias de Pasto (Empopasto)

É uma empresa de caráter público, pertencente a Alcaldía Municipal de Pasto. Está encarregada de ser a prestadora de serviços públicos nesta cidade, mais especificamente do serviço captação, tratamento e distribuição de água, desde

faz mais de 50 anos. Empopasto tem se envolvido num projeto de captação de águas de Tangua (Las Piedras), para o abastecimento de água em Pasto, concessionada a 10 anos inicialmente, com projeção ir até 2039, por meio da Resolución 007 do 18 de janeiro de 2006 de Corponariño, com um caudal concessionado de 400 l/s da Quebrada Las Piedras, para levar esta quantidade de água há a Planta de Tratamiento de Agua Potable (PTPA) Guadalupe, esta última com capacidade instalada para a recepção, de 250 l/s, para dezembro de 2016 (Superintendencia de Servicios Públicos Domiciliarios, 2016). Hoje em dia a resolução de captação de águas superficiais desta quebrada é a Resolución 616 de 2022, segundo a Matriz Legal (GJ-FT-13V3) da própria Empopasto (Empopasto, 2023).

O motivo para ser um ator chave desta pesquisa, se deriva da capacidade institucional e pratica que esta empresa tem, no ordenamento da água, tanto no município de Pasto, como no município de Tangua. Se tornando num ator dobradiça, no sentido de poder de alavancar processos para a melhora das comunidades, ou pelo contrário piorar as situações que elas já têm. Anteriormente, segundo o falado pelos líderes ambientais da vereda, o projeto de concessão de águas, chegou com pouco, umas plântulas de amora, e árvores invasivas e não nativas para reflorestamento, em troca da água que nasce na sua vereda e sobre a qual nunca conseguiram aceder, ne decidir sobre. Uma grande perda para a autonomia territorial destas comunidades. Assim mesmo, no ano 2023 começa a se desenvolver o projeto *“Fortalecimiento del enfoque territorial y gobernanza del agua en ciudades andinas de montaña, como estrategia de resiliência urbana frente al cambio climático: Caso de la Región Hídrica del Valle de Atriz – RHVA, Colombia”*, liderado por Empopasto e com apoio e financiamento de Euroclima e a Unión Europea, projeto no qual estão incluídas as veredas desta pesquisa no município de Tangua, também vinculado ao processo dos aquedutos veredais, destas comunidades.

Fundación Grupo Social

É a fundação de um conglomerado empresarial, de pelo menos 11 instituições particulares, que inclui bancos, fiduciárias, seguradoras, gestora de projetos e prestadoras de serviços financeiros e de investimentos; comparte propriedade também de 3 empresas destinadas a corretagem de valores financeiros e créditos de compra de veículos; além de ter capital investido em 7 empresas, de saúde prepagada, administradoras de pago eletrônico, e compra e venda de títulos imobiliários (Fundación Grupo Social, 2025). Como fundação, tem acompanhamento a processos de comunidades, para construir condições para seu próprio desenvolvimento e melhorar a sua qualidade de vida. Atualmente acompanham vários processos sociais, em Bogotá, tem presença em dois bairros marginais (Sierra Morena e Bilbao Tibabuyes); no departamento de Antioquia, em dois municípios também de condições sócias difíceis (Necoclí e Buritacá); em Cartagena, Bolívar; Algeciras, Huila; e finalmente, em Tangua, Nariño. Também teve um projeto em La Unión, Nariño.

No município de Tangua, tem chegado em novembro de 2021, momento no qual inicia a sua incidência, gerando no primeiro momento uma caracterização territorial multidimensional, que incluiu um mapa de 185 atores, uma linha base de 763 encuestas domiciliares e revisão de fontes secundárias, e fazendo uma verificação e devolutiva há mesma comunidade. Neste sentido puderam

determinar e verificar, as informações desta caracterização, que tem aspectos históricos, culturais, produtivos, ecológicos, econômicos, entre outros (Fundación Grupo Social, 2023). A partir de seu próprio diagnóstico, o grupo da fundação em Tangua estruturou o Plan Estratégico de Tangua, para gerar uma incidência de 10 anos, começando no ano 2024, focalizado em 5 áreas: água (criação de cultura de conservação, cuidado de fontes de abastecimento, governança e saneamento básico e implementação de planos de manejo e proteção ambiental); participação e comunicação (formação coletiva, identidade e senso de pertencimento, capacidades e articulação); produção sustentável (caracterização estrutura ecológica primária e secundária, estrutura produtiva (transição paulatina), formulação de apostas produtivas sustentáveis que gerem renda); educação (política pública municipal (Junta Municipal de Educación - JUME), habilidades docentes e estudiantis); e conectividade (melhoramento de vias internas e conectividade digital) (Fundación Grupo Social, 2024).

Durante o ano 2022 e 2023, existiu uma aproximação e trabalho conjunto entre a equipe dinamizadora e a base camponesa do Nodo de Agroecologia de Tangua, com esta fundação, o que levou a uma grande quantidade de ações territoriais, que ajudou na construção da caracterização e na estruturação do Plan Estratégico. Embora, a fundação, depois destes processos, preferiu se articular só com a base camponesa e se afastando da equipe dinamizadora, para a execução do seu plano (Bravo, *no prelo*). Atualmente esta fundação está acompanhando tanto ao grupo de Soluciones de Santander, num processo de coleta de resíduos sólidos e transformação de resíduos orgânicos; como o processo de La Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, com o fortalecimento de capacidades produtivas ao redor da criação de cuyes, como estratégia territorial do seu Plan Estratégico. Esta fundação também está involucrada no projeto de Empopasto anteriormente mencionado, como um ator associado.

Herencia de los Abades (Ancuya)

Este é um grupo de mulheres rurais, principalmente mulheres chefes de família, que desde o ano 2019, vem trabalhando desde a vereda el Llano, no município de Ancuya, na recuperação de materiais susceptíveis a reciclagem. Desde esse momento, vem se articulando com a prefeitura do município, que tem colaborado com o centro de coleta, para recolher o material das diferentes veredas e da cabecera municipal. Uma outra parceria interessante que conseguiram tecer foi com a empresa Soluciones Ambientales, que tem recepcionado na cidade de Pasto (com ajuda de um caminhão para transporte da prefeitura), o material previamente separado, por estas mulheres, e que em troca, por cada 20 toneladas de material reciclável, esta empresa tem dado parquinhos para as escolas rurais. Neste momento, já tem trocado obtido mais de 6 destes parquinhos, e tem diminuído substancialmente a quantidade (120 toneladas) de plástico e outros materiais que estavam contaminando as águas e o campo deste município. Também tem incidido localmente, na dinâmica social das famílias de Ancuya, que já incorporaram as práticas de separação dos materiais recicláveis e os orgânicos.

Dentro das suas integrantes, está Maria Elena Muñoz, companheira da Red de Agroecologia de Nariño, que também é porta-voz da causa agroecológica e destas ações que acontecem em Ancuya. Isto tem atingido os ouvidos dos

integrantes da equipe dinamizadora do Nodo de Agroecologia de Tangua, que diante a necessidade da comunidade do município, principalmente da vereda Santander, tem estabelecido vários encontros no ano 2024, para em primeira medida que os companheiros da Empresa Cuidadores del Futuro, docentes e funcionários da prefeitura de Tangua, conheçam a implementação deste modelo que as companheiras de Herencia de los Abades tem construído contextualmente. Um outro encontro posterior, esta vez tanto em cabecera municipal de Tangua, como na vereda Santander, para apoiar o processo de implementação, em terreno.

Impulso Verde Kuaspue

É uma ONG colombiana, sem fins lucrativos, fundada por um francês, com ações nos departamentos de Valle del Cauca e Nariño. Dedicada ao co-desenho de projetos de restauração do Bosque Alto Andino e a proteção do ecossistema de Páramo, com comunidades camponesas e indígenas (Impulso Verde, 2025a). Para atingir estes objetivos, esta ONG, procura realizar atividades em três linhas de ação: processos de restauração, sensibilização ambiental e empreendimentos verdes. Os projetos da linha de restauração estão baseados em uma rede de 14 viveiros de árvores nativas (mais de 100 espécies), em parceria com 15 associações comunitárias, em 13 municípios de Nariño, incluindo Consacá, onde está localizado o viveiro de La Tulpa; também estão os projetos de reflorestamento orientado a bacias hídricas e cercas vivas (com mais de 1'200.000 árvores plantadas para 2016); a estratégia de implementação de sistemas silvo pastoris em áreas de produção de gado, projeto no qual estão se incluindo algumas dos e das companheiras das comunidades de Santander, Arrayanes e Las Piedras em Tangua; e finalmente propostas de complexificação dos sistemas agrícolas convencionais, por meio da agroecologia, em Cali, Valle del Cauca (Impulso Verde, 2025b).

Na linha de empreendimentos verdes, estão se impulsionando projetos de apicultura, com 4 associações de Nariño, com todo o processo de formação, instalação e comercialização; assim como também, o processo de transformação, criação de marca e comercialização de produtos derivados de plantas medicinais, como calêndula e camomila. Finalmente a linha de sensibilização ambiental: com o projeto pedagógico Mis Amigos Los Árboles, direcionado para crianças entre 6 e 11 anos, com encontros sensibilização e jornadas de plantio, além de um site interativo; o festival da biodiversidade (Ipiales e Cali em 2022), direcionado a todo o público, sobre a importância das árvores e os hábitos de consumo responsável (Impulso Verde, 2025b). Além disto, a ONG tem se tornado um ator referente no departamento, criando alianças em processos com Parques Nacionales Naturales, o Instituto Von Humboldt, outras fundações e várias prefeituras.

Red de Agroecologia de Nariño

Nasce no ano de 2019, com participação principal e protagonica de produtores e produtoras camponesas, com o fim de se conectar desde agroecologia como eixo articuladores desde uma visão comunitária e política. Se compõe como uma rede de nós territoriais, que se organizam local e regionalmente para processos de produção, comercialização e incidência política, principalmente em instrumentos de planejamento e ordenamento territorial (Rivera, 2021).

La Minga Agroecológica al Sur

Fundada no ano 2008 por docentes, produtores e líderes ambientais, dos departamentos de Cauca e Nariño. Este movimento, tem se juntado desde seus inícios com o fim de dinamizar os processos agroecológicos nesses departamentos, por meio, de ações como, fortalecimento de formação de produtores, estudantes e líderes comunitários em diplomados na Universidad de Nariño; implementação de práticas agroecológicas em sítios de produtores camponeses; potencializar o pensamento e o movimento agroecológico; e finalmente, aproximar processos de produção agroecológica com consumidores. Também tem relação com o Movimiento Latinoamericano y del Caribe (MAELA) e La Red de Agricultura Familiar (RENAF), com as quais convergem para a formulação de propostas para incidir em políticas públicas (Rivera, 2021).

Red de Familias Lorenceñas Las Gaviotas

Nasce no ano 2000, em San Lorenzo, Nariño, pelo movimento decisivo, principalmente das mulheres camponesas, e a qual conseguiu integrar a mais de 200 famílias camponesas, com o propósito da articulação de camponeses (as), jovens e mulheres para a defesa da soberania alimentar, a igualdade de gênero, as economias justas e o estabelecimento e construção dos territórios agroalimentarios (TECAM), todo isto através das propostas agroecológicas (Rojas, 2023). Neste sentido, a iniciativa conta com a escola agroambiental multiterritorial, por meio da metodologia campesino a campesino, articulando-se com o processo do Comité de Integración del Macizo Colombiano (CIMA), trabalhando no processo de Universidad Campesina del Macizo Colombiano, no município La Unión. Tem liderado processos importantes contra da mineração, e da declaratória do município como território livre de transgênicos, e está em constante participação da Mesa Municipal de Mulheres (Rivera, 2021). Vários e várias companheiras de La Tulpa, fizeram parte destes processos, e estão em contato permanente.

Red de Guardianes de Semillas de Vida (RGSV)

Desde o ano 2002, e inspirados pelo processo que conheceram, de La Red de Guardianes de Semilla, do país vizinho de Equador, fundam a Red de Guardianes de Semilla de Vida. No ano 2006, alguns agricultores de Nariño principalmente, começaram se a encontrar anualmente, e constituem legalmente a Asociación Agroecológica Nuevas Raíces (Agroconur), quem assume a administração da rede. O principal interesse é o cuidado das sementes nativas e crioulas, ressaltando o valor espiritual, cultural, experiencial, de vida, financeiro, material, social, intelectual, territorial e de saúde que dão as sementes. Tem mais de 400 associados nos municípios de Yacuanquer, Cosacá, Pasto, Ipiales, Guachavez, Cartago, San Lorenzo e La Unión, em Nariño, e nos departamentos de Putumayo, Cauca, Valle del Cauca, Cundinamarca e Antioquia; os quais se articulam em ações como encontros de guardiães, manejo de centros de sementes e campanhas de resgate de sementes, que dinamizam o intercambio, empréstimo e a venda destas, além de sistemas comunitários de confiança. Além disto, propendem pela produção agroecológica de sementes, implementando processos de formação fundamentados na “ecoversidad” (diversidade de conhecimentos) e dentro destas escolas de desenho com esta abordagem, alavancados por meio

de propostas de economia solidaria, como fundos de poupança e crédito local (Red de Guardianes de Semilla de Vida, 2016).

Dentro das ações contundentes que tem feito a rede, está o processo de resgate, das sementes crioulas de milho, com a base social camponesa no município de San Lorenzo, em 2012 o que depois de anos de trabalho, levou à análise de sementes de milho, para determinar contaminação de sementes nativas e crioulas com genes provenientes de organismos geneticamente modificados e desde 2015, gerando incidência nos planos de desenvolvimento das prefeituras e já em 2017, realizam oficinas e reuniões falando dos efeitos dos transgênicos para a saúde, o ambiente e a soberania alimentar. Isto consolidou o apoio ao processo de declaração de território livre de transgênicos já enunciado no diagnóstico, do município de San Lorenzo (Red de Guardianes de Semilla de Vida, 2018), o mesmo que mencionado no diagnóstico deste município. Também, várias e várias companheiras da associação La Tulpa, são ou foram parte dos nós desta rede.

Saberes Compartidos (Lectures partagées)

É uma fundação Suíça, que está ativa desde 2006, e que apoia processos educativos, artísticos e de agricultura na Colômbia. Antes do ano 2017, já vinham criando projetos de bibliotecas comunitárias em vários lugares do país até chegar em La Florida, Nariño, onde decidem apoiar um primeiro processo de agricultura biológica, no ano 2018, de cestas orgânicas com produtores desse município, de Consacá, San Lorenzo e outros três mais. São determinantes no processo de criação de La Tulpa, pois foi através deles que se juntam os produtores que fundaram este processo. Depois do nascimento da associação, tem financiado parte do processo do que é hoje La Tulpa, por meio de diferentes tipos de projetos, depois do já mencionado, vem o projeto de 2019 – 2020 de “Mujeres Productoras”, para fortalecer a economia das mulheres de La Tulpa, e as suas capacidades de produção e transformação, agropecuária (aromáticas, frutais e galinhas de postura).

Depois se iniciou o projeto de 2020 – 2022 “*La Tulpa, una renovación para la agricultura familiar a pequeña escala*” o qual buscava estabelecer o projeto de La Tulpa como um processo comercial fixo, através das canastras, além de fortalecer organizativamente e produtivamente aos associados. Finalmente, está em processo o projeto 2023 – 2026 “*La Tulpa, una experiencia agroecológica e solidaria*”, uma terceira fase do projeto de suporte ao processo de transição agroecológica que vem evoluindo na organização, a abordagem desta fase, está alinhada com o relevo geracional, igualdade de gênero, preços justos, resiliência a mudanças climáticas, investigação própria, e continuar com os processos anteriores. Muitos dos donantes são instituições como prefeituras dos cantões da Suíça, e empresas particulares europeias, e outras fundações.

Red Enjambre

A Red Enjambre, é uma rede ou associação de segundo nível, a qual reúne pelo menos 20 organizações ao redor da agroecologia e da economia solidaria, como ONGs, academia e organizações de base, entre elas La Tulpa. A rede está composta por processos de produção agroecológica, de saúde, brechó, padaria, artesanatos, plântulas, restaurante, entre outros. Dentro das características desta rede, está o fortalecimento dos circuitos agroalimentares locais, incentivar a

dimensão política do consumo, fomentar o interaprendizagem entre experiências e empreendimentos comunitários, construção de fluxos econômicos com sentido e significação, fomento as compras cruzadas, ou seja, entre associações. Fomento de férias e mercados solidários de articulação, e com eles, a criação de grupos e redes de consumidores solidários.

Tem processos aliados principalmente nos municípios de Chachagüi, San Lorenzo, Taminango e La Unión, é dizer, no norte do departamento, mas tem incidência em municípios como Consacá, Ancuya, Yacuanquer, La Florida e Pasto. Dentro das atividades feitas pela rede, é a Ecoferia Regional, que se desenvolve cada dois ou três meses na cidade de Pasto, na qual participam os processos agroecológicos e de economia solidaria destes municípios. Além disto, desde 2017, tem processos de canastras de produtos agroecológicos, e desde 2022 processos de formação interna. Contam com o investimento de Fundación Suyusama, a ONG jesuíta Aloban, o Governo de Navarra, Reas Euskadir e a Red Comparte (Red Enjambre, 2025). Tem uma sede na cidade de Pasto.

Territorio campesino agrolimentario (TECAM) del norte de Nariño y sur del Cauca.

É um dos 51 TECAM declarados oficialmente pelo Coordinador Nacional Agrario (CNA) em 2020, que faz parte a sua vez, do movimento nacional: Congreso de los Pueblos, mas declara que devem existir ao redor de 100 em todo o país. Os TECAM representam uma proposta deste movimento, desde o 2013, de organização popular territorial do campesinato, para dar visibilidade às suas formas de produção, e procurar a proteção dos territórios nos quais, eles e elas, praticam suas formas de vida (Duarte; Noriega e Betancourt, 2024). No ano 2017, é lançado ao conhecimento público, este TECAM, embora desde faz muitos anos estava estabelecido socialmente este processo social. Na prática, muitos dos movimentos locais destes municípios, tem mobilizado muitas ações de defesa dos direitos do campesinato, da terra, do meio ambiente, e tem incidido de maneira fundamental na organização e tecido deste movimento. Vários e várias dos camponeses da associação de La Tulpa, do município de San Lorenzo, tem sido participes dos processos de defesa territorial deste município. Estas territorialidades são uma proposta alternativa a outros tipos de organização territorial camponesa, reconhecida pela Constituição de Colômbia, conhecida como Zonas de Reserva Campesina, que até o 2024, foi a única. Por vontade política do atual governo nacional, os TECAM, foram reconhecidos institucionalmente também pelo Estado Colombiano, por meio do decreto 0780 de 2024 (Presidencia de la República de Colombia, 2024).

3.5 CONCLUSÕES SOBRE OS DIAGNOSTICOS E ATORES TERRITORIAIS

Desde um análise geral, estes 6 municípios, são de grande importância para a produção local, regional e nacional. Ainda, mesmo simplificados suas áreas de cultivo, tem uma produção de alimentos, fibras, e energéticos significativa. São mostra de uma grande vocação produtiva, as quais os seus habitantes, os seus agricultores e agricultoras, tem se adaptado, aprendido e se aprofundado, em diferentes ecossistemas, climas, relevos e condições econômicas, sociais e culturais. Também pode se dizer, que esta vocação tem consolidado áreas importantes de uso agropecuário, que tem passado por várias etapas de usos da

terra. Também pode-se dizer, que tem produções muito fortes no departamento, com relação ao nível nacional, por exemplo o fique no caso de La Florida, a papa no caso de Pasto; ou no nível regional, onde Tangua é o primeiro produtor de tomate de árvore de Nariño; a cana de açúcar, neste caso de rapadura, tem no município de Consacá, o segundo maior produtor, e do café no caso de San Lorenzo, segundo maior produtor do departamento também, entre outros.

No caso das espécies pecuárias, mesmo que não tenha dados oficiais poderemos quase garantir que está dedicada ao cuy, as galinhas e as aves de corte. No caso de zonas como El Encano, está a trucha como outra grande produção e renda, das comunidades ao redor da Laguna de La Cocha. Também pode se dizer, que mesmo sem ter dados sobre a quantidade de terra, dedicada a pastagens, qualitativamente pode se afirmar, quem estão em território, que é uma grande quantidade de área para gado, que com os dados de animais que sim estão disponíveis aqui, a quantidade de terra, é muita para tão pouca produção. O gado é fonte de renda de muitas famílias, no caso mais específico da zona de Tangua, e pode-se constituir em uma entrada secundaria ou terciaria no caso dos outros municípios, das outras zonas aqui avaliadas, pelo menos; e que mesmo assim, é uma área superdimensionada, para a quantidade de produção que é gerada. Pelo menos, Nariño segundo os dados, é o 18 maior produtor, de 32, não tem produção suficiente, para dizer que é um departamento de vocação de gado.

Esta situação deixa ver, que a produção de Nariño é representativa ao nível nacional, dentro das agremiações, e dentro das contas das cadeias produtivas que propõem os institutos de pesquisa e investimento tradicionais, como Fedepapa, Federación Nacional de Cafeteros, Fedegan, e outros mais, para o desenvolvimento dos seus planos de investimento, os quais, historicamente tem sido feitos com a governação. A agricultura convencional, tem um grande peso na dinâmica política eleitoral e de governo, no departamento.

Municípios dedicados a produção, que também, como no caso de Yacuanquer, tem uma área de fronteira agropecuária superior ao 80%. Municípios que ano a ano, vem incrementando a área de avanço da agricultura, em zonas de páramo como o caso de Tangua, ou como San Lorenzo, que tem pouca área de proteção ambiental delimitada legalmente. Com o avanço das áreas de pastagem e monoculturas sobre áreas de conservação ambiental. Produções, em áreas de recarga hídrica, como o Bosque Alto Andino e Páramo, que usam agroquímicos, sobre todo em culturas como a papa (Figura 21. Direita), que fazem aplicações cada 2 ou 3 dias, de vários venenos, misturados como pratica comum; ou as crucíferas como brócolis e couve-flor, que tem várias aplicações em um curto ciclo produtivo, ou o tomate de árvore, que também costumam ter várias aplicações, para evitar doenças, e mais em lugares com tanta neblina. Municípios, os quais as suas paisagens constituem uma grande proporção de pastagens para cada canto, e que, repetidamente, sem se quer, vacas ocupando as áreas.

Também pode-se determinar, que ainda com várias zonas delimitadas de proteção ambiental, inclusive como caso de El Encano, em pasto onde na mesma área Laguna de Guamuéz ou de La Cocha, tem pelo menos 3 diferentes demarcações de proteção (RAMSA, Complejo de Páramos, e Parque Nacional Natural), derivado das práticas agropecuárias e de uma relação conflituosa com as matas nativas, existe contaminação permanente de concentrados, agroquímicos e antibióticos, nos solos adjacentes, e nas próprias águas deste

corpo importante, para a bacia amazônica; e assim mesmo ainda exista uma ameaça, no desmatamento e nas práticas de queima, e produção de carvão vegetal. Um outro exemplo é o caso de Tangua, onde várias comunidades atingem em épocas de seca, os limites com o Parque Regional de Ovejas Tauso, para queimar bosque e páramo nativo, para plantações principalmente de pastagem, ou papa. E em geral, embora de ser áreas historicamente produtivas, afastadas destes ecossistemas de proteção, e que não estão dentro de áreas protegidas, as zonas de La Florida, San Lorenzo, Yacuanquer e Consacá, são áreas que estão extremamente simplificadas, sem cobertura de córregos de água, com poucos remanescentes florestais, com práticas semelhantes de produção, é dizer, mais vulneráveis ecologicamente. Muitas destas zonas e comunidades, tem problemas de acesso a água, claro, sobre todo San Lorenzo e La Florida, que não tem distritos de irrigação. Estes últimos que se mantem de águas das partes mais altas, mesmas que estão sendo desmatadas, e que em condições de mudança climática, estão incrementando a probabilidade de diminuição substancial de acesso ao recurso. Todas as áreas de produção agropecuária, mesmo pela sua história de ser produtoras, e com práticas convencionais, que são o mais frequente hoje em dia, sem dizer que o geral, tende a empobrecer os solos.

Se ao anterior sumamos, as intenções que existem em territórios, com San Lorenzo e La Florida, que não tem áreas de proteção representativas de proteção ambiental, e com as delimitações que tem de zonas de interesse de mineração, pois temos uma situação de dificuldade, como já aconteceu com o próprio San Lorenzo. Também tem que se procurar mais informações do que acontece com Yacuanquer, e essa priorização que foi construída com a prefeitura. As ameaças potenciais e reais que tem estes territórios pela agricultura convencional, a diminuição acentuada dos recursos naturais, e a imposição da vocação mineira que o Estado tem atribuído para algumas zonas, é importante de avaliar, dentro do contexto territorial, nas quais as comunidades destas pesquisas operam. A agroecologia é uma opção para defender a agricultura camponesa, e defender suas formas de vida, seus territórios.

O anterior cenário, também é evidencia do desenvolvimento de grandes áreas de cultivo, principal e historicamente relacionadas com áreas de apropriação, por parte das elites coloniais e depois, das próprias republicanas. Elas propiciaram por meio de várias ondas de desenvolvimento extrativo (madeira, carvão, pastagens, culturas) que colocou em função destas, às famílias indígenas e camponesas nesta sub-região dos Andes de Nariño. Muitas das culturas que hoje são predominantes, são sinais da especialização derivada do modelo de agricultura tecnificada, que coloca as monoculturas como modelo hegemônico de desenvolvimento agrícola. No caso da pecuária é parecido. Fazendo destes sistemas agroalimentares, ineficientes no uso dos recursos disponíveis, e desligando umas coisas de outras. Também é evidente, como as intenções de apropriação dos recursos naturais, como água e minerais, estão bastante presentes, o que faz evidente, a priorização de instituições públicas como Empopasto e a Agencia Nacional de Minería, para a exploração de recursos locais, inclusive se depende deixar elas sem a viabilidade da sua vida, na sua territorialidade. Isto evidentemente, mostra um modelo hegemônico, que o país, e conseqüentemente, estes municípios têm apropriado, baseado na agricultura tecnificada, consumidora de agrotóxicos, maquinário e sementes, altamente dependentes e envenenados, com ecossistemas ameaçados, também pela mineração, da qual Colômbia cumpre seu papel internacional, na importação de

tecnologias, e a exportação de minerais especiais, como são aqueles presentes em La Florida e San Lorenzo.

O cenário descrito anteriormente, deixa em evidencia, que o papel para nosso país, é baseado numa logica imperialista, capitalista, hegemônica, colonial, supremacista e patriarcal. Pois replicamos em todo sentido, um modelo agropecuário e de mineração que favorece as empresas estrangeiras, destes setores econômicos, que devastam as territorialidades, incluindo natureza e comunidades, deixando elas, vulneráveis, ante as ameaças que a simplificação dos habitats, nesta época de mudanças climáticas, que catalisa as desigualdades sociais, por poucas ganancias econômicas, que nem melhoram a qualidade de vida, em essência, nem que cuidam da vida destes, todo o contrário. Como pode se observar, com a descrição dos atores territoriais, as medidas dos atores institucionais locais, como as prefeituras e a governação, tem desenvolvido historicamente as funções de encaminhar sobre essa ideia de desenvolvimento aos municípios, como também o MADR e Agrosavia. Por outro lado, as ONG's, as próprias instituições religiosas e as próprias das comunidades, fornecem outras propostas, revelando assim, a imposição do modelo desde um Estado complacente com os poderes econômicos, e uma sociedade organizada contra deste.

3.6 PROPOSTA METODOLÓGICA

As comunidades com as quais vai ser desenvolvida esta pesquisa, são a associação de produtores orgânicos de Nariño La Tulpa; e o Nodo Agroecológico de Tangua, que faz parte, da Red Agroecológica de Nariño. A quantidade de pessoas envolvidas no processo desta pesquisa no caso da Tulpa são aproximadamente 28 produtoras (a maioria delas, mulheres), no caso do Nodo, são uns 24 produtores e produtoras da organização, Soluciones e pelo menos 11 da Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, para um total aproximado de 68 agricultoras (es) camponesas (es) de Nariño. Embora, essa quantidade pode variar, segundo a disponibilidade que tenham os integrantes de cada uma das organizações, e os interesses deles mesmos, na hora de se envolver em cada uma das fases do projeto. Dentro da comunidade da Tulpa, vai se priorizar o trabalho nas dimensões do campesinato, dentro da proposta de produção orgânica e em transição à agroecologia, e as estratégias de planejamento territorial, trabalho dentro dos sítios, canais curtos de comercialização, mercado agroecológico e os sistemas participativos de garantia. No caso do Nodo de Agroecología de Tangua, o trabalho principal vai ser com 3 grupos, de diferentes veredas do município, que trabalham com as linhas de educação ambiental, reconversão produtiva, trabalho de gênero e juventude camponesa.

A primeira proposta, nascida durante o processo preliminar do ingresso neste mestrado e durante o primeiro ano. Esta baseia-se no que seu momento, para este pesquisador chama-se Planificación Territorial Coletivista da Transição Agroecológica (PTCTA), para ser trabalhado desde duas abordagens principais: a primeira abordagem metodológica, desde uma perspectiva de educação popular, pedagogia do oprimido e da esperança, e a Investigación Acción Participativa (IAP), que permita criar, em primeira instancia, confiança, depois diálogo entre iguais, para finalmente, tentar estabelecer estratégias participativas, para descobrir os objetivos e interesses em comum, e assim, construir o

conteúdo, de maneira conjunta, de cada uma das fases do trabalho, estratégia que se mantém também para a versão definida e a qual foi aplicada em campo. O trabalho do pesquisador, é de dinamizador, uma perspectiva diferente aquela do extensionista. Neste caso, trazendo questões que desde seu olhar, e segundo, o dialogado com as comunidades pode ser feito, para fortalecer o pensamento da plane-ação agroecológica. Nem domina, nem dirige, só dinamiza os processos, se coloca em disposição de ação, de aprender e de ensinar, de levantar questões, colocando a sua experiência e a sua energia, em função construir ao redor da agroecologia, com base na perspectiva emancipadora, desde uma base teórica, científica e metodológica para abordar os espaços de trabalho com a comunidade.

A construção dos espaços e os conteúdos, dependem da intencionalidade, preocupações e objetivos de cada comunidade; por isso, são elas que vão selecionar os temas, as condições de trabalho, tempos e espaços, em constante dialogo e construção concordada com o pesquisador, com o fim de atingir os objetivos comuns, das organizações e do pesquisador. Ao fim, vai se buscar estabelecer um diálogo de saberes, onde o pesquisador trará sua força de trabalho e seu conhecimento como suporte de ação em cada uma das fases, enquanto a comunidade trará os temas do seu interesse, seus objetivos e propondo espaços e tempos de trabalho, como fala a teoria freiriana sobre os temas geradores (Afonso, 2018), que parte de seus conhecimentos, empíricos e teóricos, para tecer com esses conhecimentos, além das pesquisas conjuntas que vão resultar desses espaços de trabalhos, desde uma perspectiva jurídica, técnica e metodológica; contando que tudo processo de construção coletiva é um processo pedagógico permanente, com condições mutáveis pelos contextos da vivência da experiência durante o tempo da fase de campo.

A outra abordagem contém a parte técnica desde a perspectiva de transição agroecológica, que estabelece que o processo de adoção e aplicação de processos agroecológicos para seu estabelecimento deve passar por fases. Por tanto, toma como base as fases de transição propostas por Gliessman (Gliessman *et al.*, 2007). Serão levadas em consideração como base teórica, com a adição dos critérios de transformação ou metas propostas pelos camponeses em cada uma das fases. Levando isto em consideração, propõe-se que exista um processo de planejamento a curto, médio e longo prazo, também deve ser baseado na mesma base conceitual, ou seja, que o planejamento deve levar em conta critérios de planejamento com base a essas fases como uma base conceitual, embora essas divisões dentro das fases de transição podem ser modificadas segundo o consenso construído do caminho que cada comunidade quer traçar, caminho que faça sentido para seu projeto de vida e com que eles e elas querem se comprometer. As previsões técnicas, conta com uso de ferramentas técnicas, para as fases do projeto, como o uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), revisão de documentos técnicos, agropecuários, contando que o pesquisador é formado em agronomia. Manejo de bases de dados e análises estatísticas, e avaliações de sustentabilidade nas atividades de visitas técnicas em campo, tanto em agroecossistemas como nos ecossistemas conexos; de forma similar todos as técnicas e aprendizados existentes pelos camponeses e camponesas, e todos aqueles novos aprendizados que vão ser gerados e mobilizados no processo pedagógico.

Para cumprir este propósito, as possíveis etapas para a construção da metodologia da PTCTA são apresentadas de forma preliminar, que é dividida em duas etapas. A primeira, é orientada para a construção das fases de diagnóstico e planejamento participativo com base na experiência (Suez, 2020) e com alguns modificações, e uma segunda etapa orientada para a construção dos documentos de compilação do plano, dos indicadores de sustentabilidade (segundo a metodologia MESMIS) para verificar multidimensionalmente o avanço no processo de transição agroecológica (Masera, 2000) e outros indicadores para a avaliação da execução do plano, para seu posterior ajuste e *feedback*. Após serão descritas de maneira geral a estrutura base do projeto, as três fases principais, os passos ou etapas preliminares que estão dentro de cada fase, como uma descrição dos conteúdos de cada, descrevendo objetivos, insumos e resultados esperados.

- **Fase 1:** Definição de acordos de trabalho conjunto entre a comunidade e o pesquisador:

- Etapa 1: Apresentação da proposta de trabalho para as comunidades camponesas da Tulpa e o Nodo Agroecológico de Tangua.

Apresentação de uma proposta preliminar feita pelo pesquisador, para explicar os objetivos e o escopo da pesquisa, as metodologias preliminares e os resultados esperados. Neste espaço de diálogo é momento para a resolução de dúvidas, discussão da metodologia, criação de acordos para cumprir os objetivos da organização camponesa e os objetivos desta pesquisa.

- Etapa 2: Revisão dos requisitos técnicos para o desenvolvimento da pesquisa e as modificações detalhadas pela comunidade.

Pesquisa de informações legais e técnicas para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a documentação mínima, para o desenvolvimento do planejamento territorial.

- Etapa 3: Definição de passos e insumos para a realização do diagnóstico participativo:

Discussão e seleção da informação primária e secundária (linha base) que servirá de base documental para a construção do diagnóstico participativo (ver apêndice 1) das duas organizações de produtores agrícolas em cada uma das dimensões anteriormente descritas. Além disso, defina se a forma como será construído e divulgado, enquanto documento estratégico, e como parte da base conceitual e histórica do caminho percorrido pelas associações nos seus territórios e contextos. Este anexo, é uma proposta própria, mas baseada na metodologia Mesmis (Masera, 2000), e a metodologia aplicada em Argentina (Suez, 2020).

- Etapa 4: Definição de passos e insumos para a realização da etapa de planejamento comunitário da transição agroecológica.

De acordo com o tipo de resultados e os próprios resultados esperados, na fase de diagnóstico participativo, delimitar os possíveis conteúdos e espaços a serem trabalhados para cada um dos módulos/dimensões que serão trabalhados na fase 2, correspondente ao diagnóstico participativo.

- Etapa 5: Modificações da proposta inicial.

Incluir as modificações expressas pela comunidade, em relação às metodologias propostas, documentos revistos e estratégias de trabalho, nos documentos de investigação e comunitários.

- **Fase 2:** Diagnóstico participativo e definição de elementos de planejamento.

- Etapa 1: Definição dos participantes do diagnóstico participativo.

Selecionar, dentro do universo que compõe cada uma das organizações, alguns responsáveis pela construção, juntamente com o investigador, do arquivo documental contendo os elementos previamente definidos na fase anterior, de modo a que os responsáveis possam participar e sejam atores ativos, na revisão, leitura crítica dos documentos de informação primária e secundária, tomada de decisões, na direção política e na redação deste documento de diagnóstico.

- Etapa 2: Desenvolvimento de atividades complementares para fornecer o diagnóstico participativo

Definição de atividades que reforcem a informação primária e secundária anteriormente trabalhada, tais como cartografia, atividades de observação participante, recorridos territoriais, trabalho comunitário, mercado, benefício de alimentos, grupos focais e entrevistas, entre outros.

- Etapa 3: Escrita do documento de diagnóstico participativo e validação com a comunidade geral.

Redação do documento de diagnóstico, com a participação dos responsáveis da comunidade e do pesquisador. Uma vez terminado o documento, estabelecem-se metodologias para a divulgação, socialização e discussão clara para o resto da comunidade da situação atual encontrada através do diagnóstico participativo, para que haja um feedback direto e se façam os ajustes pertinentes, de acordo com o que for encontrado. De acordo com o que foi encontrado nas diversas partes do diagnóstico (incluindo o apêndice 1), pretende-se a criação de uma matriz FOFA para todas as dimensões, para selecionar por parte da comunidade uma priorização de ações a serem melhoradas ou trabalhadas, para a fase prospectiva ou de planejamento, pela comunidade nos espaços de socialização do que foi encontrado no diagnóstico participativo.

- **Fase 3:** Planejamento participativo

- Etapa 1: Criação dos módulos da Escola Campesina de Planejamento da Transição Agroecológica (ver apêndice 2).

Com base nas priorizações feitas na matriz FOFA, determinar os módulos de trabalho para realizar o exercício de planejamento territorial com vista a continuar o processo de transição agroecológica. Essa determinação dos módulos de estudo, são estabelecidos pela própria comunidade. Com o diagnóstico, as fases da transição agroecológica, o direcionamento político e organizativo, se estabelecem as problemáticas presentes. Depois disso, se avaliam as

problemáticas uma a uma e seus elementos constitutivos por dimensão, para assim poder categorizá-los por suas complementariedades em módulos.

- Etapa 2: Trabalho da Escola Campesina de Planejamento da Transição Agroecológica em módulos.

Já com cada um dos módulos estabelecidos por essas temáticas de dimensões complementares segundo a avaliação de relações feita pela comunidade, será trabalhado em grupos de discussão, com a participação de integrantes da comunidade interessados em cada módulo, delegados pela sua organização para assumir esta tarefa, segundo a vontade individual (tem que ter engajamento) e responsabilidade coletiva. A ideia do trabalho por módulos é efetuar um estudo dos elementos constitutivos dos problemas ou condições que precisam de ser melhorados e, em seguida, contribuir com ideias da ciência agroecológica e da prática camponesa, a fim de criar umas propostas globais de soluções, a curto, médio e longo prazo, com as quais eles e elas mesmas, queiram se comprometer, para justamente construir, nesses diferentes momentos, as autonomias territoriais.

- Etapa 3: Criação de um Plano de Gestão para a Transição Agroecológica.

Nesta fase, a ideia é integrar as soluções propostas em cada módulo, com o objetivo de tornar as abordagens mais complexas e de reunir esforços em elementos comuns. Para tal, recomenda-se a construção de linhas de trabalho, planos de implementação e projetos. Além disso, para ter uma base de medição da sustentabilidade, propõe-se a criação de dois tipos de indicadores (ver apêndice 3), um para medir o progresso da sustentabilidade e outro para medir o progresso das soluções propostas. Proposta de indicadores, baseada na metodologia Mesmis (Matera, 2000).

- Etapa 4: Definição da proposta de planejamento e socialização dos resultados.

Anotar conjuntamente os resultados encontrados nos espaços dos módulos da Escola, de modo a deixar um documento estruturado com tudo o que foi encontrado. Adicionalmente, criar alternativas para socializar o plano, de acordo com um consenso facilmente acessível à comunidade de cada uma das organizações.

- **Fase 4:** Reflexiones metodológicas do Planejamento da territorialização da transição agroecológica com comunidades camponesas

- Etapa 1: Diário de campo

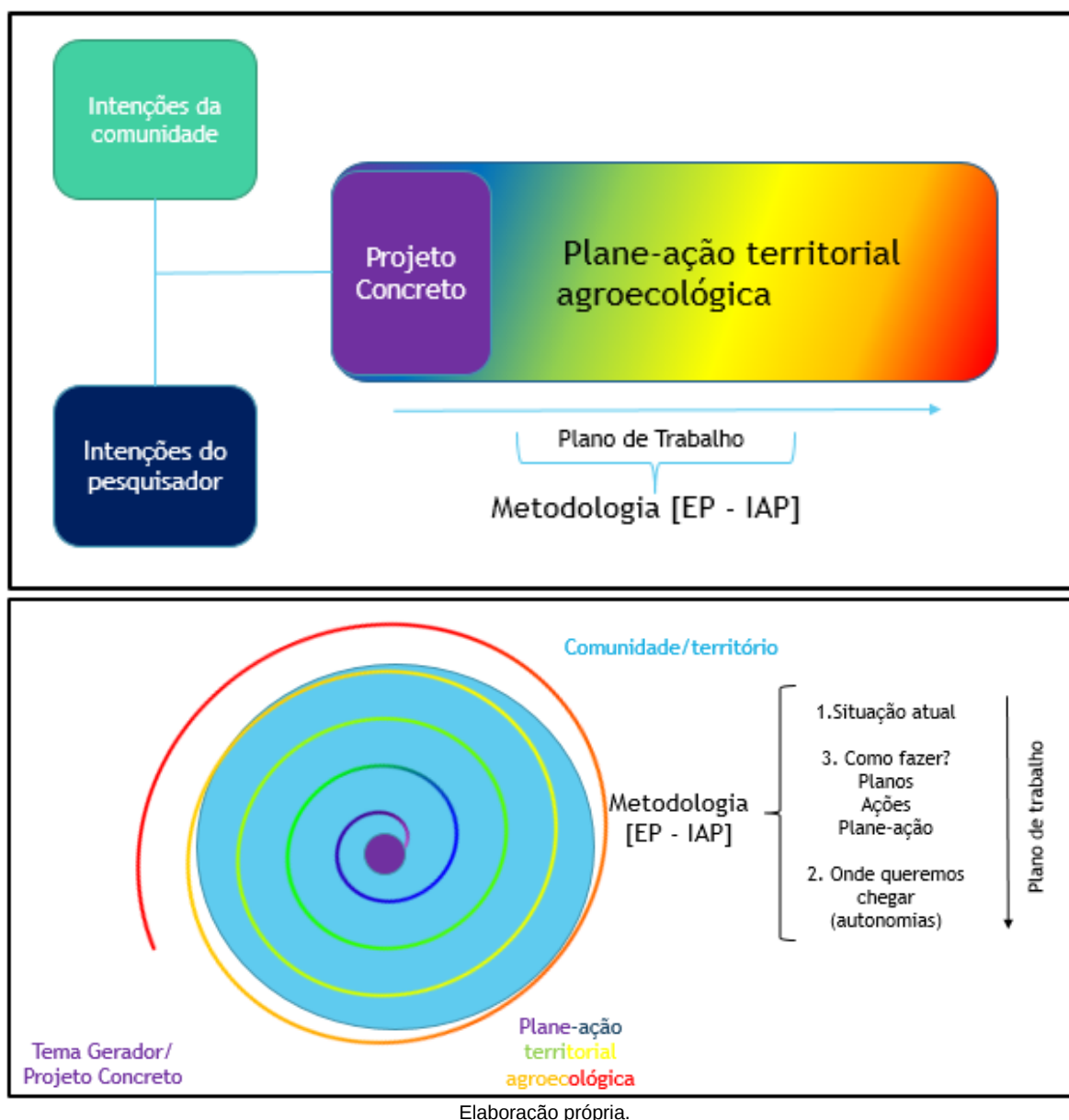
Ao longo de todo processo, o pesquisador deverá levar um diário de campo, onde anotar tudo o que acontece ao redor deste plano, fazer anotações sobre o pactuado, mudado e o inovador que traz trabalhar com estas duas comunidades, além das problemáticas que traz trabalhar na dinamização dos espaços e demais reflexões que tenham que ver com esta pesquisa.

- Etapa 2: Escrita científica e diálogo acadêmico

A Fase 4, é pensada nos resultados acadêmicos da pesquisa, de responsabilidade só do pesquisador. O pesquisador deve ler recorrentemente, antes, durante e depois da experiência de desenvolver esta ideia com a literatura disponível para discutir o experienciado com a teoria da ciência agroecológica ao redor dos temas de educação popular, pedagogia, transição agroecológica e a territorialização desta proposta.

Em resumo, espera se que as intenções tanto da comunidade, como do pesquisador, encontrem se em pontos comuns, sintetizados num tema gerador (Freire, 2005; Afonso, 2018) ou chamado de projeto concreto, nesta pesquisa, que faz mais sentido num aspecto proposital, na linguagem mantida com a comunidade, e que permita marcar, um ponto de início e objetivos desta junção. O veículo que vai permitir o desenvolvimento e viabilização dos projetos concretos, com cada comunidade, são as ações relacionados com as reflexões que permitem as práticas de educação popular, IAP, as quais motivam, em paralelo, as atividades de plane-ação em campo, tais como o plantio, percorridos territoriais, espaços de representação política, e outras assim relacionadas, com a ação direta, na realidade concreta. Tudo isto com uma abordagem agroecológica, que é a base da ação transformadora, para atingir as autonomias territoriais. O seguinte esquema (Figura 13) resume visualmente esta intenção.

Figura 13. Resumo abordagem de trabalho conjunto.



O primeiro esquema, da parte superior descreve a junção de intenções entre a comunidade e o pesquisador, que dá origem tanto ao projeto concreto (tema gerador, em termos freirianos), como ao processo de plane - ação territorial agroecológico, veiculado pelo plano de trabalho com ênfase nas metodologias de educação popular e IAP. Só que, esse processo não é lineal, por isso o esquema inferior da a forma integral, que é uma espiral, dando entender que o processo está envolvido pela comunidade e territorialidade, e que ele pode passar por processos que podem se retroalimentar, com diferentes ritmos. O plano de trabalho adicionalmente, mostra como se parte de uma situação atual, passando por as perguntas de onde se quer chegar, em termos de atingir as autonomias (Apêndice 1), para finalizar com todo o processo de planejamento e ação (plane-ação) desses processos que levaram de um estado para outro.

3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA PRELIMINAR

Esta é uma proposta metodológica que nasce do interesse acadêmico e político do pesquisador, com relação a experiências vivenciadas e trabalhos que ele tem

durante sua vida. Uma vez apresentada esta proposta metodológica ao PPGADR, ela também foi socializada online com as duas organizações de base camponesa, pelo que foi acordado fazer uma revisão minuciosa, assim que o estudante-pesquisador chegasse ao território, para sua negociação, reestruturação e construção de cronograma. Porém, a visão da comunidade pode fazer que mudem muitas das coisas aqui expostas, ou não, tudo dependerá das discussões e necessidades expostas pelas partes implicadas.

3.8 REDEFINIÇÃO DA METODOLOGIA E OS PLANOS DE AÇÃO

Uma vez que o pesquisador chegou ao território, em meados de fevereiro de 2024, foram estabelecidas reuniões presenciais com cada uma das organizações sociais, nas quais foram expostos de forma clara e concreta, a metodologia explicada no item anterior e que resultou numa modificação a qual se resume na Tabela 15. As pequenas modificações que essa proposta sofreu em relação à proposta aprovada pelo PPGADR se devem às sugestões feitas para que seja mais funcional para os e as produtoras e seus interesses. Os objetivos da pesquisa continuam sendo os mesmos.

Tabela 15. Última versão da proposta de Metodologia base (PTCTA), apresentada às organizações do Nodo de Agroecologia de Tangua e a Asociación La Tulpa.

1. Reunião de concertação desta proposta.			
1.1	Exposição	de objetivos e metodologia da pesquisa,	por parte do pesquisador/estudante.
1.2	Exposição	dos objetivos da organização social,	por parte de porta-vozes e representantes das organizações sociais de base.
1.3	Harmonização	de objetivos, prazos e prioridades	das partes.
1.4	Harmonização	da metodologia e plano de ação comum,	conforme as partes.
2. Reconhecimento dos sistemas produtivos camponeses das organizações sociais.			
2.1	Visitas	a Sistemas Produtivos.	
2.1.1	Distribuição	e uso da terra dos sistemas produtivos dos associados (área habitada, zonas de reserva florestal e de fontes hídricas, zonas produtivas, zonas sem manejo, zonas de manejo especial).	
2.1.2	Reconhecimento	da conectividade ecológica do sistema produtivo com o ecossistema circundante (oferta hídrica, estrutura ecossistêmica presente, serviços ecossistêmicos).	
2.1.3	Aspectos produtivos:	Estado atual dos agroecossistemas, conectividade e manejos associados.	
2.1.4	Aspectos econômicos	(distribuição do tempo de trabalho, atividades para a manutenção da vida, receitas e despesas, distribuição da produção)	
2.1.5	Transformações	que o grupo que gerencia o sistema produtivo deseja alcançar (curto, médio e longo prazo). Tarefa conjunta para a segunda visita - Produtores: o que estou disposto a fazer para tornar isso realidade? Como vou fazer isso? - Pesquisador/estudante: Proposta técnica.	
2.2	Busca de informação	primária (documentação própria, percursos territoriais, entrevistas, questionários) e secundária (institucional governamental, institucional acadêmica, ONGs) das áreas selecionadas e/ou priorizadas pela comunidade a serem visitadas.	
2.2.1	Busca	de	informação ambiental.
2.2.2	Busca	de	informação produtiva.
2.2.3	Busca	de	informação social.
2.2.4	Busca	de	informação organizacional.
2.2.5	Busca	de políticas públicas relacionadas à agroecologia, meio ambiente, produtivo - econômico, cultural e outras de interesse da organização social de base.	
2.3	Segunda visita e avaliação integral	do sistema produtivo (Discussão camponesa - técnica sobre o estado atual do sistema produtivo e como realizar ações para avançar multidimensionalmente na transição agroecológica, articuladamente com as metas e/ou visões das transformações que se deseja desenvolver no sistema produtivo).	
2.3.1	Conectividade	dos agroecossistemas (aumentar a eficiência energética), internamente e	

que viabilizem a execução dessas propostas. Apesar da aprovação deste projeto, até a data da construção dos acordos, não há uma data clara de início, deste projeto.

Em quanto à associação da vereda Las Piedras, das mulheres da Asociación Agropecuária de Mujeres de Las Piedras, seu interesse primordial era a implementação de hortas orgânicas diversas e individuais, ou seja, para cada uma das 11 associadas. Devido ao fato de que, no passado, elas já realizaram exercícios coletivos de horta, mas suas propriedades estão muito dispersas entre si, algumas, inclusive a mais de duas horas a pé, o que dificulta a regularidade do trabalho e a continuidade do processo, como já aconteceu efetivamente com elas. Assim, é um processo que contribui para a soberania alimentar das famílias de cada uma das associadas, e que complementa as ideias de seu projeto, a produção de cuyes, e a criação de uma horta escolar para os filhos e filhas das associadas, e demais crianças da comunidade. Nesse sentido, a ideia é apoiar as ideias dos projetos dessas organizações com atividades complementares que fortaleçam os mesmos, mas que busquem contribuir a partir de duas perspectivas: a formação a partir da educação popular e, por outro lado, a visão de planejamento (ações que se mantenham ao longo do tempo e se complementem com as que já estão sendo feitas). O planejamento das atividades para alcançar esses objetivos não passaria mais pelo grupo dinamizador, mas pelo diálogo direto entre o estudante-pesquisador e as organizações. Esses diálogos foram estabelecidos por meio de reuniões presenciais com os grupos de Soluções, por um lado, e por outro lado com a Asociación Agropecuária de Mujeres de Las Piedras, onde serão planejadas e discutidas todas as questões relacionadas às atividades de trabalho conjunto.

Por parte da Asociación de Productores Orgánicos de La Tulpa, em várias sessões das reuniões periódicas que ocorrem todas as sextas-feiras, com a equipe técnica (composta por alguns dos e das produtoras camponesas), a proposta foi aprovada em sua totalidade, com algumas modificações. Em primeiro lugar, a primeira visita será feita a todas as propriedades dos 28 associados, e a segunda visita será realizada por grupo local (zona ou município), uma vez que o período de trabalho de campo é muito curto para ser feito propriedade por propriedade.

Em segundo lugar, ouvindo as recomendações e necessidades da organização, foi estabelecido que a associação ainda não possui um relato histórico do que foi o processo de formação de La Tulpa. Portanto, trocando ideias e propostas, chegou-se à conclusão de que, aproveitando as visitas que serão realizadas a todas as propriedades dos produtores, será coletada a visão e a voz de cada um, de cada uma, por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, que servirão como insumo para a construção desse relato coletivo sobre o que foi o processo de constituição da associação. O resultado dessas entrevistas será a documentação da história da associação, que, em consideração conjunta, tanto da equipe técnica quanto do estudante-pesquisador, a entrevista derivada dessa visita traz uma visão particular e única de cada integrante da associação sobre a história da mesma e sobre seu processo pessoal, familiar e coletivo, contado pela própria voz de cada produtor (a).

O segundo objetivo dessas entrevistas é possibilitar que os e as produtoras se ouçam, ou seja, que os relatos de cada associada estejam disponíveis para que

seus companheiros (as) possam ouvi-las. O terceiro objetivo desses áudios é serem transformados em uma estratégia de divulgação, que será realizada por meio da edição dos áudios e da publicação de várias entrevistas, para visibilizar fora da associação os processos que viveram os e as produtoras, no processo de reconversão produtiva e na formação da associação e nos processos que viveram desde sua criação. Isso visibiliza os esforços, as problemáticas, os desafios e as apostas individuais e coletivas da associação. Isso será possível por meio da consolidação de um podcast da associação, com esses áudios. Espera-se que isso ajude a visibilizar em profundidade o que vivem os e as produtores para oferecer os produtos orgânicos à comunidade de Pasto, e o que enfrentam no processo de reconversão produtiva, de sistemas orgânicos para sistemas agroecológicos.

Todas as mudanças que a metodologia original teve correspondem ao exercício de transformação derivado do diálogo entre o estudante-pesquisador e as comunidades. Isso faz total sentido, pois não há razão para se encerrar em uma metodologia que não ressoa com as necessidades nem expectativas da comunidade. Pelo contrário, essas mutações fazem sentido, porque correspondem ao processo dialógico de escuta e construção mútua das estratégias de ação que tanto o pesquisador quanto a comunidade buscam implementar para contribuir na construção de metodologias e ações coerentes com a realidade que vive a comunidade e as transformações que se deseja alcançar. A Fase 4 da anterior versão, foi excluída, para focalizar só nas atividades relacionadas com a comunidade. Embora, o artigo científico, como vai ser mostrado nos resultados, foi escrito com uma das companheiras de uma das organizações. As intenções do exposto na Figura 13, se mantem.

3.9 RESULTADOS CONCRETOS PARA AS COMUNIDADES ENVOLVIDAS E PARA ESTA PESQUISA.

Considerando os acordos que foram construídos com cada uma das organizações, a seguir, descrevem-se, para a clareza dos leitores, quais são os resultados esperados do processo de trabalho, é dizer, resultados da aplicação da metodologia desenvolvida nesta pesquisa, com cada um dos grupos. A continuação será descrita a penas, as intenções pontuais da junção, colocadas em objetivos da pratica agroecológica, que será o veículo, pelo qual, será conduzido o exercício pratico de plane-ação (planejar fazendo), começar pelo caminho que mais faça sentido pelas comunidades, sendo esta união, a semente (início ou continuação) de esforços que já tem sido pensado por elas e eles, para fornecer o seu processo, e as ideias do pesquisador-estudante, para catalisar e ajudar nestes processos.

3.9.1 Nodo de Agroecología de Tangua

3.9.1.1 Asociación Soluciones

Implementação de um sistema produtivo coletivo, de base agroecológica, que contemple dois tipos de proposta de plantio: 1) uma horta caseira, 2) um sistema agroflorestal (bosque comestível), em um mesmo terreno, para poder confrontar os prós e contras de cada sistema produtivo. Contemplando as atividades preparatórias para que isso ocorra. O que está previsto pelo pesquisador inclui a

geração de espaços de formação sobre os sistemas produtivos a implementar e o cuidado territorial da água, a implementação da compostagem e a criação de viveiros. Acompanhamento nos espaços de participação e representação política. Para cumprir com estas atividades práticas, que buscam, planejar e transformar um espaço coletivo, para a implementação de um sistema agroecológico, que ajude a estabelecer um modelo próprio de produção camponesa desta região e ecossistema, e que ao mesmo tempo, envolva com as atividades, a discussão e gere, uma mudança no pensamento e na abordagem da comunidade das suas práticas produtivas, visando que o pensamento agroecológico fique além desta atividade.

3.9.1.2 Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras

Implementação de 11 hortas caseiras agroecológicas, com a metodologia de La Minga (mutirão) e uma horta na escola da vereda Las Piedras. Incluindo atividades preparatórias para a sua concretização. Dentro dos planos do pesquisador, está a geração de espaços de pensamento e criação, sobre os sistemas produtivos a serem implantados, como prática de cuidado territorial, incluindo a produção alimentar, medicinal e de lenha, como fundamento principal em função do cuidado integral da água. Adicionalmente, acompanhamento em espaços de participação e representação política, relacionados com água e produção agropecuária.

Ambas estratégias são semelhantes, porque as organizações estão localizadas numa zona estratégica para a conservação da água.

3.9.2 Asociación de productores orgánicos La Tulpa.

- Diagnostico derivado dos processos de caracterizções de 2021, 2023 e resultados do SPG.
- Formulação conjunta de projetos que reforcem os processos de transição em cada propriedade, por grupos locais e para toda a organização.
- Edição de entrevistas e proposta de publicação de um podcast, que conta a história do processo La Tulpa.

Estes são os resultados que as organizações de base agroecológica e em transição esperam do estudante-pesquisador. Por outro lado, os resultados esperados com esta pesquisa é a reflexão sobre os processos de construção de metodologias coletivas, que foram disponibilizadas para o alcance destes resultados esperados pela comunidade, e que no melhor dos cenários, ajudarão os processos organizativos, a continuarem seu processo de reflexão e construção de ações, no sentido de fortalecer a transição agroecológica, dos produtores envolvidos nestes esforços.

3.10. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Lucas do Amaral; PIRES, Cássio de Almeida. Água e pedagogia do oprimido: processo de investigação de temas geradores na agroecologia. *In*: VI CONGRESSO LATINOAMERICANO DE AGROECOLOGÍA, X CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGÍA e V SEMINÁRIO DE AGROECOLOGÍA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, 2017, Brasília, DF. Anais eletrônicos [Cadernos de Agroecologia, v. 13, n. 1] Brasília, DF: Associação Brasileira de Agroecología, 2018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/720/688>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRAVO, Julio Cesar. **Un ensayo de investigación participante para territorializar la agroecología en los Andes colombianos del sur.** (no prelo). Dissertação (Doutorado em Ciencias Agropecuarias) - Universidad Nacional de Colombia, Palmira - Colombia, 2025.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Consacá. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, Por el desarrollo de Consacá y el bienestar de nuestra gente ¡Sí podemos!**, 2024. Disponível em: https://alcaldiaconsacanarino.micolombiadigital.gov.co/sites/alcaldiaconsacanarino/content/files/00_0743/37122_plan-de-desarrollo_2024--2027_consaca.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Consacá. **Esquema de Ordenamiento Territorial: Documento técnico, Tomo I.** Consacá –Nariño, 2001.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de La Florida. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, Juntos por una nueva Florida, la ciudad más florida de Nariño**, 2024. Disponible em: https://lafloridanarino.micolombiadigital.gov.co/sites/lafloridanarino/content/files/000569/28414_plan-de-desarrollo-la-florida-narino-2024--2027-con-concepto-de-planeacion-departamental.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Pasto. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, Pasto competitivo, sostenible y seguro**, 2024. Disponible em: <https://www.pasto.gov.co/index.php/planes-programas-proyectos-y-su-ejecucion/126-plan-de-desarrollo>. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Pasto. **Las Plazas de Mercado de Pasto siguen abiertas para la ciudadanía**, 2021. Disponible em: <https://www.pasto.gov.co/index.php/noticias-plazas-de-mercado/14035-las-plazas-de-mercado-de-pasto-siguen-abiertas-para-la-ciudadania>. Acesso em: 5 abr. 2025.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de San Lorenzo. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, San Lorenzo: Grande de Nuevo**, 2024. Disponible em: https://alcaldia-san-lorenzo-narino.micolombiadigital.gov.co/sites/alcaldia-san-lorenzo-narino/content/files/000589/29423_pdm-san-lorenzo-consolidado-f1_compressed.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Tangua. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, Avanzar es posible**, 2024. Disponible em: https://tanguanarino.micolombiadigital.gov.co/sites/tanguanarino/content/files/000769/38421_plan-de-desarrollo--anexos.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Yacuanquer. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, Yacuanquer Diferente**, 2024. Disponible em: <https://repositoriocdim.esap.edu.co/bitstream/handle/20.500.14471/28678/PLAN%20DE%20DESARROLLO%20MUNICIPAL%20YACUANQUER%202024-2027.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. Agencia Nacional de Minería. **Áreas estratégicas mineras**, 2025. Disponible em: <https://mineriaencolombia.anm.gov.co/contenido/areas-estrategicas-mineras>. Acesso em: 8 abr. 2025.

COLÔMBIA. **Resolución 183 del 15 de septiembre de 2021**. Por médio de la cual se definen y reservan áreas con potencial para minerales estratégicos en el territorio nacional. Bogotá – Colombia: Agencia Nacional de Minería, 2021. Disponible em: https://mineriaencolombia.anm.gov.co/sites/default/files/docupromocion/Resolucion_de_Reserva_284_bloques_Versioon_definitiva.Firmas_VB-signed.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

COLÔMBIA. Agencia Nacional de Minería. **Lineamientos para la evaluación de los trámites y solicitudes mineras a partir del sistema de cuadrícula minera y metodología ppara la migración de los títulos mineros al sistema de cuadrícula**, 2019. Disponible em: <https://acmineria.com.co/wp-content/uploads/2019/09/Reglas-de-Negocio.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

COLÔMBIA. Agencia de Desarrollo Rural (ADR); Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO); Gobernación de Nariño. **Plan integral de desarrollo agropecuario y rural con enfoque territorial. Departamento de Nariño, Tomo II**. Bogotá – Colombia: ADR; FAO 2019.

COLÔMBIA. Asociación Nacional de Empresarios de Colombia (ANDI). **La industria molinera de trigo en Colombia está siendo impactada por el incremento de los insumos**, 2021. Disponible em: <https://www.andi.com.co/Home/Noticia/17105-la-industria-molinera-de-trigo-en-colom#:~:text=En%20Colombia%2C%20debido%20a%20la,desde%20Canad%C3%A1%20y%20Estados%20Unidos>. Acesso em: 6 out. 2024.

COLÔMBIA. Asociación para el Desarrollo Campesino (ADC). **Quienes somos**, 2024. Disponible em: <https://adc.org.co/quienes-somos/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño). **Funciones**, 2025. Disponível em: <https://corponarino.gov.co/corporacion/institucional/funciones/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño). **Páramo Lás Ovejas – Tauso; “Hacia unanueva área protegida en el sur occidente colombiano”**. Documentos Síntesis. Pasto – Colombia: Corponariño, 2019.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño). **Formulación Pomca Río Juanambú. Plan de Ordenación y Manejo de la Cuenca Hidrográfica. Documento de la fase diagnostico. Pomca Río Juanabú. 2 - Caracterización básica de la cuenca**. Pasto – Colombia: Corponariño, 2018.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño); WWF – Colombia. **Plan Territorial de Adaptación Climática del departamento de Nariño**. Cali – Colombia: Corponariño; WWF Colombia, 2016.

COLÔMBIA. **Resolución 688 de 2015**. Por la cual se autoriza una concesión de aguas. Pasto – Colombia: Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño), 2015. Disponível em: <https://corponarino.gov.co/expedientes/calidadambiental/boletin/2015res688capa.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño). **Plan de ordenamiento del recurso hídrico Río Bobo**. Pasto – Colombia: Corponariño, 2013.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño). **Programa presidencial contra los cultivos ilícitos. Programa de familias guardabosques. Diagnostico biofísico y socioeconómico municipio de La Florida (N)**. Pasto – Colombia: Corponariño, 2008.

COLÔMBIA. Corporación Colombiana de Investigación Agropecuaria (Agrosavia). **Qué hacemos**, 2025. Disponível em: <https://www.agrosavia.co/que-hacemos>. Acesso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe de Consacá, Nariño del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(a). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas/Ficha_52207.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe de La Florida, Nariño del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(b). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas/Ficha_52381.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe de Pasto, Nariño del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(c). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas/Ficha_52001.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe de San Lorenzo, Nariño del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(d). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas/Ficha_52687.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe de Tangua, Nariño del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(e). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas/Ficha_52788.pdf. Acesso em: 02 dez. 2024.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe de Yacuanquer, Nariño del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(f). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas/Ficha_52885.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe Supramunicipal Nodo La Unión, del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(g). Disponível em: https://terridata.blob.core.windows.net/fichas-supramunicipales/Ficha_69.pdf. Acesso em: 2 dez. 2025.

COLÔMBIA. Departamento Nacional de Planeación (DNP) de Colombia. Informe Supramunicipal Nodo Pasto, del sistema de estadísticas territoriales Terridata, 2024(h). Disponível em:

https://terridata.blob.core.windows.net/fichas-supramunicipales/Ficha_80.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

COLÔMBIA. El Tiempo, periódico. **El Pueblo de Nariño que votó 'No' a la minería en una consulta atípica**, 2018. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/colombia/cal/san-lorenzo-en-narino-voto-por-el-no-a-la-explotacion-minera-297744>. Acesso em: 7 abr. 2025.

COLÔMBIA. Empopasto. **Matriz Jurídica**, 2023. Disponível em: <https://empopasto.com.co/loader.php?IServicio=Tools2&ITipo=descargas&IFuncion=descargar&idFile=777>. Acesso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Fundación Grupo Social. **Nuestras empresas**, 2025. Disponível em: <https://www.fundaciongruposocial.co/empresas>. Acesso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Fundación Suyusama. **Qué hacemos**, 2025. Disponível em: <https://fundacionsuyusama.org/que-hacemos/#quienes-somos>. Acesso em: 13 abr. 2025.

COLÔMBIA. Gobernación de Nariño. **Plan de Desarrollo Departamental 2024 – 2027: Nariño, región país para el mundo**, 2024. Disponível em: https://narino.gov.co/wp-content/uploads/2024/10/Plan_de_Developmental_Departamental_2024-2027.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

COLÔMBIA. Gobernación del Departamento de Nariño. **Nariño Biodiverso**, 2016. Disponível em: http://2016-2019.narino.gov.co/inicio/files/Publicaciones/NARINO_BIODIVERSO.pdf. Acesso em: 03 out. 2024.

COLÔMBIA. Impulso Verde. **Quienes somos**, 2025a. Disponível em: <https://impulsoverde.org/fundacion/quienes-somos/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

COLÔMBIA. Impulso Verde. **Nuestras actividades**, 2025b. Disponível em: <https://impulsoverde.org/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

COLÔMBIA. Instituto de Hidrologia, Metereologia y Estudios Ambientales (IDEAM). Mapa de cobertura de la tierra de Colombia. Adpatación Corine Land Cover. Republica de Colombia. Escala 1:100.000. Periodo 2018. Disponível em: <https://www.colombiaenmapas.gov.co/#>. Acesso em: 22 jan. 2025.

COLÔMBIA. Jesuitas Colombia. **Fundación Suyusama Nariño**, 2023. Disponível em: <https://jesuitas.co/obras/fundacion-suyusama/>. Aceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC). Sólo el 9% de Nariño cuenta con tierras arables. Disponível em: <https://antiquo.igac.gov.co/es/noticias/solo-el-9-de-narino-cuenta-con-tierras-arables#:~:text=El%20IGAC%20revel%C3%B3%20que%20Nari%C3%B1o,vocaci%C3%B3n%20y%20capacidad%20del%20suelo>. Acesso em: 13 dez. 2024.

COLÔMBIA. Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural de Colombia (MADR). **Cebada, indicadores, abril 2018**. Bogotá - Colombia: Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural, 2018. Disponível em: <https://sioc.minagricultura.gov.co/AlimentosBalanceados/Documentos/2018-04-30%20Cifras%20Sectoriales%20Cebada.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

COLÔMBIA. Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible. **Corporaciones Autónomas Regionales**. Bogotá – Colombia: Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible, 2012. Disponível em: <https://archivo.minambiente.gov.co/index.php/noticias/2067>. Aceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. No a la Mina. Consulta popular legítima en San Lorenzo, Nariño. No a la Mina, 2018. Disponível em: <https://noalamina.org/latinoamerica/colombia/item/42196-consulta-popular-legitima-en-san-lorenzo-narino>. Aceso em: 7 de abril de 2025.

COLÔMBIA. **Decreto 0780 de 2024**. Por el cual se adiciona el Título 26 a la Parte 14 del Libro 2 del Decreto 1071 de 2015, Decréto Único Reglamentario del Sector Administrativo Agropecuario, Pesquero y de Desarrollo Rural y se establecen los ajustes normativos para simplificar y agilizar

los procedimientos de constitución, reconocimiento y formalización de Territorios Campesinos Agroalimentarios – TECAM, en desarrollo del artículo 359 de la Ley 2294 de 2023. Bogotá – Colombia: Presidencia de la República de Colombia. Disponible em: <https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma.php?i=242896>. Acceso em: 24 abr. 2024.

COLÔMBIA. Razón Pública – Rocío Londoño. La gestión de tierras en el gobierno del cambio. Razón Pública, 2024. Disponible em: <https://razonpublica.com/la-gestion-tierras-gobierno-del-cambio/>. Acceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Red de Guardianes de Semilla de Vida. **El municipio de San Lorenzo – Nariño, se declara como un territorio libre de transgenicos**. Red de Guardianes de Semilla de Vida, 2018. Disponible em: <https://www.colombia-redsemillas.org/2018/03/22/el-municipio-de-san-lorenzo-nari%C3%B1o-se-declara-como-un-territorio-libre-de-transg%C3%A9nicos/>. Acceso em: 15 abr. 2025.

COLÔMBIA. Red de Guardianes de Semilla de Vida. Red de guardianes de semillas de vida Colombia “Sembrando para el futuro”. Red de Guardianes de Semilla de Vida, 2016. Disponible em: <https://semillas.org.co/es/red-de-guardianes-de-semillas-de-vida-colombia-sembrando-para-el-futuro>. Acceso em: 12 abr. 2025.

COLÔMBIA. Red Enjambre. **Circuito Económico Solidario – CES enjambre**, 2025. Disponible em: <https://redenjambre.com/index.php/conoce-mas-2/>. Acceso em: 15 abr. 2025.

COLÔMBIA. Secretaria de Agricultura y Desarrollo Rural de Nariño. **Plan departamental de extensión agropecuaria – PDEA Nariño. 2024 – 2027**. Secretaría de Agricultura y Desarrollo Rural de Nariño, 2024. Disponible em: https://repository.agrosavia.co/bitstream/handle/20.500.12324/40426/Ver_Documento_40426.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acceso em: 12 fev. 2025.

COLÔMBIA. Superintendencia de Servicios Públicos Domiciliarios (2016). **Evaluación integral de prestadores: Empresa de Obras Sanitarias de Pasto, Empopasto S.A E.S.P.** Superintendencia de Servicios Públicos Domiciliarios, 2016. Disponible em: <https://www.superservicios.gov.co/sites/default/files/inline-files/evaluacionesintegralesempopastofinal.pdf>. Acceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Universidad de Nariño (UdeNar) (2025a). **Maestría en Agroecología: Eposfacia**. Universidad de Nariño, 2025a. Disponible em: <https://cica.udenar.edu.co/maestria-en-agroecologia-2/>. Acceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Universidad de Nariño (UdeNar). **Programas de Posgrado: Eposfacia**. Universidad de Nariño, 2025b. Disponible em: <https://www.udenar.edu.co/viis/postgrados/posgrados-eposfacia/>. Acceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Universidad de Nariño (UdeNar) (2024). **Diplomado en Agroecología III cohorte**. Universidad de Nariño, 2024. Disponible em: <https://www.udenar.edu.co/diplomado-en-agroecologia/>. Acceso em: 16 abr. 2025.

COLÔMBIA. Unidad de Planificación Agropecuaria (UPRA). **Evaluaciones Agropecuarias Municipales 2019 – 2023**. Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural, 2024. Disponible em: <https://upra.gov.co/es-co/Paginas/eva.aspx>. Acceso em: 14 jun. 2024.

CRIOLLO, Janeth. (2015). **La resistencia campesina frente a la minería aurífera de filón a gran escala: el caso de San Lorenzo y Arboleda, 2011**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura en Educación Básica con Énfasis en Ciencias Sociales) – Universidad de Nariño, Pasto - Colombia, 2015.

DUARTE, Carlos; NORIEGA, Jhon; BETANCOURT, Dayver. **Territorios Campesinos Agroalimentarios TECAM**. Cali – Colombia: Observatorio de Tierras, Instituto de Estudios Interculturales –Universidad Javeriana de Cali, 2024.

Fundación Grupo Social (2024). Exposição de integrantes de Fundación Grupo Social grupo Tangua com o Nodo de Agroecología de Tangua, em reunião do día 10 de abril de 2024, na sede da Fundación Grupo Social, na cidade de Pasto.

Iniciamos nuestro acompañamiento en Tangua, Nariño. Fundación Grupo Social, 2023. 1 video (3:32 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=szQJ98fCo3E>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

GARZÓN, Maite Yie. **Haciendo territorio. La conformación de Territorio Campesino Agroalimentario (TCA) en el norte de Nariño y sur del Cauca.** In V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología, 2017, Bogotá – Colombia. Disponível em: https://www.academia.edu/36553656/Haciendo_territorio_La_conformaci%C3%B3n_de_Territorio_Campesino_Agroalimentario_TCA_en_el_norte_de_Nari%C3%B1o_y_sur_del_Cauca_Ponencia_presentada_en_el_V_Congreso_de_la_Asociaci%C3%B3n_Latinoamericana_de_Antropolog%C3%ADa_Bogot%C3%A1_6_9_de_junio_de_2017. Acesso em: 05 fev. 2025.

GLIESSMAN, S. R; ROSADO-MAY, F. J; GUADARRAMA-ZUGASTI, C; JEDLICKA, J; COHN, A; MÉNDEZ, V. E; COHEN, R; TRUJILLO, L; BACON, C; JAFFE, R. Agroecología: promoviendo una transición hacia sostenibilidad. **Ecosistemas**, Madrid – España, v. 16, n. 1, p. 13 – 23, 2017.

INSTITUTO COLOMBIANO AGROPECUARIO (Colômbia). ICA: **Video institucional. Mercados ganaderos de Nariño.** Pasto – Colombia, 13 set. 2024. Facebook: Instituto Colombiano Agropecuario (ICA). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=881543560062403>. Acesso em: 16 dez. 2024.

LEÓN SICARD, Tomás Enrique. **La estructura agroecológica principal de los agroecosistemas: perspectivas teórico-prácticas.** 1. ed. -- Primera edición. – Bogotá - Colombia: Universidad Nacional de Colombia. Instituto de Estudios Ambientales (IDEA), 2021.

MASERA, Omar; ASTIER, Marta; LÓPEZ-RIDAURA, Santiago. **Sustentabilidad y manejo de recursos naturales. El marco de evaluación MESMIS.** Ciudad de México - México: Grupo Interdisciplinario de Tecnología Rural Apropiada, 2000.

RIVERA GÓMEZ, Linda Catherine. **Ideas Verdes. Análisis Político. Agroecología: recuperando saberes para construir territorialidades.** 34. ed. Bogotá – Colombia: Fundación Heinrich Böll Stiftung, 2021.

ROJAS BECERRA, Angela Daniela. Recorridos Inscritos en el cuerpo: Mujeres, Agua, y defensa territorial en San Lorenzo, Nariño, Colombia. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 238-262, 2023.

RUALES SUÁREZ, Katherin. J.; PORTILLO MELO, Danyeli M.; BURGOS FLÓREZ, Marco. A.; LÓPEZ MACÍAS, Jorge. N.; RÍOS, Luis. A. Aporte socioeconómico y valorización de residuos de trucha en El Encano (Municipio de Pasto). **Semestre Económico**, Medellín – Colombia, v. 23, n. 55, p. 331 – 352, 2020.

SUEZ, Luciana S. **Planificación de territorios agroecológicos: una herramienta para el ordenamiento territorial participativo en SIG, el caso de Estación Juárez Celman en Córdoba.** Buenos Aires - Argentina: Ediciones INTA, 2020.

ZÚÑIGA, Felipe; HUERTAS, Jenny; GUERRERO, Gabriela; SARASTY, Jairo; DÖRNER, José; BURBANO, Hernán. Propiedades morfológicas de los suelos asociadas a los ecosistemas de Páramo, Nariño, Sur de Colombia. **Terra Latinoamericana**, Chapingo – México, v. 36, n. 2, p. 183-196, 2018.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos acordos e objetivos estabelecidos para trabalho conjunto, que foram definidos, entre as organizações sociais de base camponesa e agroecológica com o pesquisador. Descrevem-se a seguir, e para cada um dos casos, o processo de criação e execução do plano de trabalho, os resultados obtidos, as pendências e a discussão-reflexão associada, referente ao que foi realizado metodologicamente. Para tal fim, e com o intuito de tornar mais compreensível, serão apresentados separadamente, cada um dos processos com cada organização, e em seguida será analisado, conjuntamente, os temas em comum que esses processos tiveram. Em primeiro lugar, será descrito dentro do plano de trabalho o que foi possível realizar e o que não foi, as razões disto, e as reflexões associadas. E finalmente, serão apresentados os resultados de cada uma das ações, e como elas contribuem para os processos de planejamento agroecológico e seus processos organizativos; e, claramente, as reflexões e discussões em torno desses processos metodológicos de planejamento territorial.

A junção do pesquisador com cada organização, tem o fim de dinamizar a discussão, dentro do grupo de camponeses e camponesas, sobre a necessidade de estabelecer metas e objetivos, visando o planejamento territorial agroecológico de seu próprio território. O que faz isso acontecer, são as atividades práticas, como espaços geradores de discussões, para incentivar reflexões e ações, sobre como poderia, se desenvolver um ordenamento territorial próprio, que dignifique a vida humana, enquanto cuida a vida ao redor. Que ao mesmo tempo, sirva de início ou continuação, de essas ações pertinentes para estabelecer a prática agroecológica, a transição, não só, desde o discurso, ou simplesmente desde um documento, ou papéis que falem sobre, se não, pelo contrário, atividades que sejam geradoras de reflexões, planos e ações, concretas e reais, que incentivem à continuação, do dito, do pensado, e que tenha impacto no mundo concreto e material.

Nesse sentido, gerar essas reflexões e ações, por meio de um projeto concreto, uma meta específica, um resultado esperado, é a intenção do que a comunidade entende como um passo, de muitos, no processo de construção da agroecologia na sua territorialidade, e que dentro da sua realidade atual, faz parte de uma sorte de avanço dentro das suas expectativas. Ao mesmo tempo, responde aos objetivos desta pesquisa, descritos no último parágrafo da seção 3,1 de este documento; devido que concretizar, os esforços em um curto período de tempo (desta pesquisa), cimenta o fim político, do planejamento, através da base prática.

Em consequência, do como poder gerar essas metodologias, que trazem as ações feitas conjuntamente, em cumprimento desse projeto concreto, é dizer, os resultados esperados que foram concretizados segundo os interesses de cada associação, e que são parte da justificativa, para colocar em movimento o veículo que faz isso acontecer que é a plane-ação (planejar fazendo), o que faz sentido com o desenvolvimento da ação material e real, da proposta emancipadora, assim a motivação da comunidade, em dar continuidade a esses processos, mais fatos, ao mesmo tempo que se constrói a partir da fala. Porque além de planejar, já se começou o processo de execução, daquilo que as reflexões iniciais colocaram como base do processo de planejamento territorial agroecológico, uma intenção da comunidade, e uma dinamização do pesquisador. Resumindo, o resultado

esperado pela comunidade ou o projeto concreto é o fim, que mobiliza o plano de trabalho (Figura 13). É necessário fazer esta aclaração, pois é baseado neste olhar, que começa a descrição do que foi feito. As atividades de plane-ação, como veículo da discussão de planejamento. Dito isto, a continuação, se descrevem: 1) os resultados esperados, 2) as atividades feitas para cumprir com essas expectativas, e como se relacionam com o plano de trabalho (Tabela 15), e naturalmente com o caminho do planejamento territorial agroecológico, e 3) as reflexões e discussões em todos esses momentos da pesquisa.

4.1 NODO DE AGROECOLOGÍA DE TANGUA

4.1.1 Asociación Soluciones

Com relação à implementação do sistema produtivo coletivo (projeto concreto), de base agroecológica, que inclui a plantação de uma horta diversificada e um sistema agroflorestal (bosque comestible). Esta ideia, nasceu da necessidade de colocar em pratica, aqueles conhecimentos que nos anos anteriores, os e as camponesas deste grupo, já tinham conhecido, através das visitas às experiências produtivas agroecológicas, que a Nodo de Agroecologia de Tangua organizou dentro da estratégia de camponês a camponês. Além disso, dentro dos papos que foram surgindo com o passo dos dias, com a comunidade, sobre as problemáticas que tanto eles/elas e eu tínhamos reparado, tais como, instabilidade do tempo atmosférico e porém do clima; conflitos socioecológicos pela agua, relacionados principalmente, com desmatamento geral dos topos das montanhas e a distribuição do recurso entre os diferentes bairros rurais; aumento na incidência de doenças nas culturas comerciais, e aumento dos insumos agrícolas relacionados com sua produção; insegurança alimentar derivada da simplificação da dieta alimentar, desde a primeira infância, e com ela, padecimento de problemas de saúde; pouca diversificação de fontes de renda familiar; disposição inadequada de resíduos sólidos derivados, que gerou uma problemática ambiental e de saúde, as quais são as mais relevantes.

Nesse sentido, como parte de uma discussão, foram propostas várias ideias, sobre o como poder juntar a pratica e tentar encontrar soluções para estas problemáticas. Daí a ideia de construção de um sistema coletivo, que comece a vincular a agroecologia na pratica, com o ânimo de aliviar progressivamente, várias destas problemáticas, e para isso um sistema produtivo diversificado de base agroecológica. Dentro do discutido, sempre foi colocada a questão, de qual sistema produtivo adotar, um baseado nas hortaliças e plantas de ciclo curto ou anual (horta) ou um outro mais complexo que de conta da inclusão de arbustivas e árvores, que acompanhe umas de ciclo mais curto, ou seja, um sistema agroflorestal ou como eles conheceram dentro da comunidade da Red de Agroecologia de Nariño, “bosques comestibles”, que é uma proposta agroflorestal que tem como base que cada planta semeada, tenha um uso culinário e/ou medicinal, para quem planta. Como tinha diferentes olhares, e preferencias, dependendo das e dos agricultores, e os seus interesses, a conclusão foi fazer numa mesma área os dois sistemas, para em um primeiro momento, elas e eles pudessem aprender sobre os dois, e na prática, ver o que faz mais sentido para o grupo como um tudo, e manter um dos dois, ou ambos.

A perspectiva de acolher esta prática, é justamente começar um percurso, em que ela, seja mantida e acompanhada com um olhar agroecológico emancipador da realidade, é dizer, um olhar que traga discussões do porque a realidade concreta dessa comunidade, aquela que é vivida no seu território, está interligada com múltiplos cenários, como são os ecológicos, políticos, sociais, econômicos, em diferentes escalas, municipal, departamental, regional, nacional e internacional, que definem em algum grau, essa realidade que eles e elas vivem. E com as discussões, que por parte do pesquisador, se propõe encaminhar em paralelo, para manter e continuar as práticas, e permitir em momentos futuros (curto, meio e longo prazo) incrementa-las, e se envolver em outras relacionadas, que uma seja o início, mas que traga outras depois e gere um processo de visualização dos passos a seguirem, segundo o sentido pelos membros do coletivo.

Com isto, o que se quer dar a entender é que, colocar a energia na prática, ao mesmo tempo que se trazem reflexões pertinentes, dentro dessas ações, permite, uma complementaridade que, no discurso só, não atinge por si mesmo. O resultado esperado, a meta que foi colocada nessa junção, tenta atingir um percurso de construção coletiva, para dar um grau de avanço em soluções locais, das problemáticas acima mencionadas, pois um sistema agroecológico, poder dar luzes sobre alimentação saudável e mudança da cultura alimentar, reflexão e cuidado dos recursos naturais, sistemas produtivos mais resilientes, diminuição da dependência a insumos externos, e todas as outras possibilidades que podem se gerar a través dele. Para conseguir, dar cumprimento do nosso resultado esperado; as atividades realizadas foram as seguintes, e que produziram, os seguintes resultados. As atividades se dividem em três grupos, o primeiro feito unicamente pela comunidade, o segundo grupo de atividades, em conjunto comunidade e pesquisador, e finalmente, o terceiro, desenvolvido unicamente pelo pesquisador. Se faz esta desagregação, para reconhecer os diferentes tipos de trabalho de cada parte, e do trabalho conjunto, e descrever com mais proximidade, o acontecido no processo. No apêndice 5, está disponível o esquema – resumo, que permite olhar de maneira geral, todas as atividades que foram feitas, para ajudar ao leitor (a) a enxergar de maneira integral, tudo o que foi feito.

4.1.1.1 Atividades feitas pelo pesquisador e resultados derivados

1. Com base nas discussões derivadas, dos espaços de diálogo, e dos momentos de visitas y trabalhos na área de implementação do sistema agroecológico (atividade 2.1 da metodologia de trabalho), se construiu um desenho, de uma proposta, para a criação, de uma modelo base, para a implementação de um sistema agroflorestral (bosque comestible) de alta montanha andina, pensado especificamente para as condições das veredas desta pesquisa, no município de Tangua (atividade 2.3 da metodologia de trabalho). Pensado numa abrangência de possibilidades, reparando na disposição de árvores nativas, presentes na região e outros materiais vegetais para sua implementação. Esse modelo inclui, uma inserção e associação de 5 grupos funcionais, 1) árvores e arbustivas nativas (funcionais ecológica e socialmente), 2) plantas alimentícias (ciclo curto, anual e/ou perene), 3) plantas medicinais, 4) flores (atraentes de polinizadores, inimigos naturais de plantas, e alelopáticas) e por último, 5) Espécies frutais (diferenciadas das alimentícias, só pelo entendimento com a comunidade), com uma tentativa de distancias de semeadura e distribuição, além de umas possíveis candidatas para serem parte

(apêndice 4). Esta proposta, foi um dos insumos, com os quais se pretendia, fosse a base, do desenho a discutir e a construir com os e as camponesas de Soluciones, e da associação de mulheres de Las Piedras.

- Com o objetivo de adquirir o material vegetal de árvores e arbustivas nativas, para a implementação do sistema agroflorestal, foi estabelecido um diálogo com a ONG Impulso Verde, a qual conta com uma trajetória importante, desde faz uns anos na região, para o incentivo da reflorestação e recuperação de áreas degradadas. Nesse dialogo, foi concordada a doação de espécies nativas, para os sistemas agroflorestais, impulsados por esta pesquisa (atividade 2.3 da metodologia de trabalho).

2. As veredas de Las Piedras, Arrayanes, Tamborcillo, Santander, lugar de moradia das comunidades deste estudo estão localizadas na parte alta do município de Tangua, no corregimiento de Opongoy. Dentro destas territorialidades se constitui a fronteira agropecuária do município. Durante os meses de presença e trabalho com estas comunidades, fizeram-se muitos percorridos dentro das veredas e também aos ecossistemas que fazem divisa, nas partes mais altas da montanha, e também nos rios e nascimentos de água, com o fim de entender a conectividade dos agroecosistemas, com o sistema ecológico natural (atividade 3.6 da metodologia de trabalho).

Dentro destes percorridos feitos destacasse: a trilha feita para a entrada do aqueduto vereda de Las Piedras, com a companhia do Jhon Jairo, líder da vereda, para conhecer de onde é tomada a água da comunidade, ver a mudança de ponto que ocorreu e, analisar um pouco as condições da paisagem e a cobertura ao redor do nascimento, localizado na parte alta da vereda. Neste percorrido, o Jhon Jairo falou sobre várias problemáticas que tem com as veredas de Las Piedras, pelo recurso hídrico, conflitos pela quantidade de água tomada, por uma e outra comunidade. Neste percorrido, é evidente que dentro da paisagem, vários fragmentos de bosque que deveriam estar cobrindo o caminho da água, não estão, inclusive tem vários desses fragmentos em uso agrícola e pecuário, nas mesmas margens da quebrada. Se bem a água é direcionada por encanamento, desde o nascimento, para o consumo humano de várias comunidades, o corpo hídrico desse nascimento, sofre de alguns manejos e cuidados inadequados, em áreas próximas a este ponto e daí para baixo, causando alguns conflitos sobre o cuidado do rio, sobre todo nas margens.

Outro percorrido, foi no Embalse del Río Bobo, uma construção artificial criada para alimentar uma hidrelétrica estratégica no departamento. Parte da água é direcionada para um tubo gigante colocado estrategicamente para deixar cair a água por gravidade, e mover as laminas dentro deste, numa queda significativa, segundo dados Plan de Ordenamiento del Recurso Hídrico del Río Bobo de Corponariño de (2013), o embalse está numa altitude de 3180 metros acima do nível do mar, para jogar as águas finalmente, com muita energia potencial sobre as margens do Río Opongoy, numa altitude de 2614 metros acima do nível do mar, uma diferencia de 566 metros. Segundo o mesmo plano, o Río Bobo é um afluente do Río Opongoy que a sua vez, é afluente do Río Guaitara, este último na época de seca, *“El Río Bobo presenta un Índice de escasez de médio a alto reflejado por el deteriorio de la calidad y cantidad de agua, principalmente en sus afluentes...por lo tanto el Río Bobo al ser un afluente del Río Guáitara presenta un Índice de Escacez en época de verano preocupante para la demanda tanto de*

tipo doméstico como industrial que se está evidenciando en el área de influencia de dicha corriente hídrica ”(pag, 37). Neste sentido, as comunidades ao redor, desta afluente, como do Río Opongoy, estão confrontando uma competência pelo recurso hídrico, com os diferentes tipos de uso, que demanda a manutenção da comunidade, a hídrica, e a natureza para se manter viva.

Completamente, foram feitos vários percorridos ao redor do Río Opongoy. Um deles foi, desde a ponte que conecta os corregimientos de Santa Barbara (Pasto) com o corregimiento de Opongoy (Tangua), atravessando lotes adjacentes ao rio, até chegar em proximidades da queda do Río Bobo no Río Opongoy, que é mais ou menos a distância que abrange a área pertencente a vereda Santander, e as veredas de Arrayanes e Las Piedras. Nesta margem podemos conhecer, o alto grau de desmatamento que tem estas margens, que na lei colombiana deveria estar com área de mata, 30 metros para cada lado, embora aqui no melhor dos casos em certas partes chega no máximo a ser de 5 metros, a terra tem uso agropecuário, pastagens ou culturas; relacionado, com isto existe uma poluição evidente, de embalagens de agrotóxicos que viajam pelos afluentes do Río Opongoy (Figura 14).

Assim mesmo, foram feitos os percorridos desde a cabecera municipal de Tangua até Santander por dois caminhos: pelo corregimiento de Porvenir, e pelo corregimiento de Antonio Nariño. Esses percorridos tinham vários objetivos, o primeiro ver o a continuidade do Río Opongoy, ao longo do seu caminho; e segundo, entender a continuidade da paisagem desde Opongoy até a cabecera municipal. Nesse percorrido, a paisagem é de uso agrícola intensivo, com separação de lotes por árvores, muitas delas introduzidas, de crescimento rápido. Os remanescentes florestais, à medida que vai descendo em altitude, são menos frequentes e cada vez menores, basicamente estes dentro do mosaico produtivo estão presentes só em zonas muito íngremes ou em zonas mais altas. As veredas como Paramillo, Siquitán, La Cocha, que fazem divisa com o Páramo Ovejas Tauso, tem marcas de queimas recentes, que deixam pensar no avanço da fronteira agropecuária sobre a área de interesse coletivo, reservatório de água, e zona buffer climática do município. Também no mesmo percorrido, dá para ver ainda assim, muitos córregos de água escorregando pela montanha chegando até o Río Opongoy. Do lado das veredas do corregimiento de Antonio Nariño, a quantidade de água é muito menor, mas a estrutura principal da paisagem muito semelhante.

Figura 14. Paisagem característica das veredas do corregimiento de Opongoy, em Tangua. (Esquerda superior) Percurso Río Opongoy (vista desde parte baixa de vereda Arrayanes). (Direita superior) Área de pastagem vereda La Cocha. (Esquerda inferior) Margem Río Opongoy vereda Santander. (Direita inferior). Área preparada para plantio vereda Santander.



Fonte das imagens: próprias.

As trilhas que foram feitas dentro do mesmo corregimiento, entre as veredas Las Piedras, Arrayanes, Tamborcillos e Santander, deixam ver um panorama semelhante ao descrito anteriormente. Muitas áreas de pastagem (Figura 14) ou de cultivo, com divisões entre lotes com árvores introduzidas, córregos de água com falta de cobertura nas suas margens ou com pouca cobertura, aplicações de agrotóxicos feitas pelos produtores rurais, sulcos feitos a favor da inclinação do terreno, e no caso das culturas semestrais, o solo descoberto (Figura 14); erosão leve, e em alguns casos, como da companheira Nelly em Tamborcillos, devido a sobre exposição de pisoteio de gado.

3. Dentro das atividades, também se procurou informações territoriais (atividade 2.2 da metodologia de trabalho), para fornecer os dados de discussão e análise de esta pesquisa, e para colocar na discussão com a comunidade. Tais como, planos de desenvolvimento territorial, planos de ordenamento territorial, estatísticas oficiais de instituições públicas e ou particulares, pesquisas feitas por instituições públicas ou particulares, entre outras. Muitas dessas informações estão relacionados no capítulo anterior de diagnóstico e complementarmente neste para construir a discussão.

4.1.1.2 Atividades feitas conjuntamente e resultados derivados

1. Foi definido um calendário detalhado (atividade 1.4 da metodologia de trabalho), em fases, com atividades complementares entre si, com o objetivo de preparar todos os recursos necessários para o plantio de árvores e plântulas, em minga, para a implementação dos sistemas agroflorestal e da horta doméstica.

Elas, estão descritas, a continuação. Esse calendário, incluiu atividades como: a busca do material vegetal para o plantio, devido a que lastimosamente, a própria comunidade não conta com sementes suficientes e diversas, para estabelecer com seu próprio material vegetal, um sistema agroecológico (Figura 18. Esquerda). Atividades de preparação da área de plantio (Figura 15. Esquerda), e de fornecimento de material de adubo, neste caso orgânico e preparado pela mesma comunidade, numa composteira coletiva (Figura 18. Direita).

Também inclui, a modificação e/ou adaptação de uma estrutura para o funcionamento de um viveiro, para estabelecer sementeiras. Paralelamente, garantir o encerro da área de plantio, para diminuir o ingresso de gado bovino, ou evitar contaminação com deriva dos alimentos semeados. A data concordada com a comunidade para o dia de plantio, foi o dia 4 de outubro, momento no qual o esperado é a realização de uma minga, para o plantio dos dois sistemas produtivos de base agroecológico. Dependendo do material disponível, dias antes da data de plantio, esperasse, desenhar os canteiros, segundo as associações possíveis e seguindo como ideia base a proposta de desenho do pesquisador, mas com as modificações e complementaridades que a comunidade ache necessárias. As atividades, foram assumidas e distribuídas, entre a comunidade e o pesquisador. A feedback e a avaliação das atividades foi levantada como uma constante durante todo o processo de implementação.

2. O grupo foi acompanhado em vários espaços, relacionados com os processos de encontro com outras experiências que realizam projetos de gestão de resíduos sólidos, como a série de encontros de trabalho programático, nesta temática realizado junto com a organização Herencia de los Abades (atividade 3.5 da metodologia de trabalho), do município de Ancuya, que desde o ano 2019 estão construindo alternativas, para direcionar efetivamente os resíduos sólidos do seu município, incluindo a reciclagem, que tem gerado parcerias com empresas particulares como Soluciones Ambientales, e da mesma prefeitura, e que ao dia de hoje tem fomentado uma mudança da cultura em relação à disposição destes resíduos. Esse trabalho, iniciado pelo grupo coordenador do Nodo de Agroecologia, a través dos vínculos com a Red de Agroecologia de Nariño, permitiu a troca de experiências entre estes processos, o que levou a um encontro territorial, de alguns dos e das integrantes do grupo, mais especificamente, aqueles e aquelas que são parte da Empresa Comunitária: Constructores del Futuro, em Ancuya; e uma jornada de trabalho de dois dias, um na vereda Santander (atividade 3.5 da metodologia de trabalho), e outro na cabecera municipal de Tangua, onde, em virtude do espaço, se gerou um novo grupo na área urbana, para adaptar a experiência do grupo de Herencia de los Abades, nestes dois lugares, com ajuda e parceria da Secretaría de Agricultura de Tangua, e com participação de outros integrantes do Nodo de Agroecologia, como Júlio Bravo, Efinia Cruz, Emmanuel Ruíz e outras lideranças locais. Os processos estão em andamento para essas duas territorialidades, e no caso de Santander, é dizer, do grupo Soluciones, está em execução um projeto com a Fundación Grupo Social, nesta mesma temática. Nesta rota, acompanhou-se o processo de discussão e de planejamento das ações pertinentes para viabilizar o desenvolvimento das ações que a organização, Soluciones está trabalhando, em relação aos resíduos sólidos, tanto os orgânicos, os recicláveis e os não recicláveis.

3. Foi preparado o terreno coletivo (atividade 2.3 da metodologia de trabalho), de aproximadamente 20 m x 12 m (224 m²). O lote da Senhora Piedad, uma das integrantes do grupo. Nesta área, o trabalho foi marcado para ser trabalhado coletivamente. No primeiro momento, ao redor de 20 produtores e produtoras, nos reunimos para a atividade da minga, onde numa tarde foi preparada a área de trabalho. Depois, nós organizamos em 5 grupos de trabalho e foi definido, para que cada um desses grupos, segundo o tempo de cada, pudesse trabalhar numa área determinada, plantando o que fosse falado entre todos e que tivesse interligação entre as culturas. Dentro dos compromissos, falados foi que nenhum das culturas plantadas, poderia ser utilizado adubo ne defensivo de síntese química, e que seriam feitos adubos derivados da composteira e preparação de defensivos orgânicos. Nessa área, foram semeados vários guachos (sulcos) de variedades de milho (branco e capio) e feijão (*Phaseolus vulgaris*) (Figura 15. Direita), (pelo menos 11 variedades) (Figura 15. Centro), além de plantarem hortaliças como salsa (*Petroselinum crispum*), coentro (*Coriandrum sativum*), couve (*Brassica oleracea* var. *capitata*), cebola junca (*Allium fistulosum*), entre outras. O local selecionado, se caracteriza como pode ser olhado na figura, de estar rodeado por culturas convencionais ciclo curto, anuais e pastagens, e outra parte por uma outra horta que foi trabalhada, anteriormente pela comunidade. O lote, tem por perto, um pequeno bosque com algumas espécies nativas e outras introduzidas como o Eucalipto.

Figura 15. (Esquerda) Preparação da área para o plantio. (Centro) Seleção de sementes de feijão para a semeadura. (Direita) Lavoura de Milho e Feijão.



Fonte das imagens: próprias.

4. Paralelamente, foi iniciada a adequação do viveiro do grupo (atividade 2.3 da metodologia de trabalho). Num primeiro momento, só tinha a base estrutural, pelo qual foi necessário colocar lona e outros plásticos para permitir proteger as plântulas, da velocidade dos ventos, que durante o verão são muito altas, também levantar uma estrutura afastada do solo, para diminuir o risco de geadas. Também para protege-las das chuvas no inverno. Depois do estabelecimento da estrutura, foram montadas algumas caixas (Figura 10), nas quais foram estabelecidas sementeiras, contendo material vegetal trocado, com produtores e produtoras camponesas orgânicos da região, num encontro de guardiões de sementes no corregimiento de Gualmatán, no município de Pasto. Principalmente foram plantadas alface, variedade misuna (*Lactuca sativa*), tomate cereja (*Solanum lycopersicum* var. *cerasiforme*), rúcula (*Eruca vesicaria* spp. *sativa*), funcho (*Foeniculum vulgare*), paico (*Dysphania ambrosioides*), entre pelo menos outras 15 espécies de legumes e plantas medicinais, que foram obtidas. Também cabe ressaltar que foram colocadas sementes, que nem os camponeses nem eu, conhecíamos, essas espécies foram marcadas, como “experimentos”, para mesmo sem conhecer, poderíamos deixar elas crescer e pesquisar depois,

tomando em conta as suas características morfológicas e botânicas, quais poderiam ser a identidade de cada uma delas. As atividades de cuidado permanente, como a irrigação das sementes, fico em responsabilidade da comunidade.

5. Com a orientação, de um voluntario, guia turístico na Itália, Luigi, trabalhamos conjuntamente na construção e consolidação de uma proposta de rota de turismo comunitário baseado nas atividades que a própria comunidade faz, e os conhecimentos históricos e ecológicos do seu território, na vereda Santander. Para conseguir isto, o Luigi conduziu a criação, segundo a sua experiência, de um relato ao redor, do que a comunidade tinha e queria mostrar na rota. Teve em várias oportunidades, várias reuniões, onde foram discutidos, quais são as fortalezas dos integrantes do grupo, quais eram os espaços que queriam ressaltar da sua vida, do seu território, e as características de cada um deles. Depois, foram visitados esses espaços, para determinar a melhor maneira de tecer um relato e, porém, um percorrido para visibilizar suas ações e lutas, dentro do espaço que habitam. As discussões, levaram a escolha e priorização de alguns espaços, como a Tienda Comunitaria da CoopSant, um lote onde poderia se ver o bairro rural, o Río Opongoy (parte dele, que também faz parte do percorrido), efluente dos rios menores, as veredas adjacentes e outros; também um mirante da queda e tubária da hidroelétrica do embalse do Rio Bobo, o centro povoado, a igreja, o espaço das hortas individuais e o espaço da horta coletiva (mesma que nós estávamos trabalhando).

A assistência e acompanhamento neste processo, se desenvolveu, no sentido de ajudar a inserir na rota de turismo, a perspectiva agroecológica a través, tanto as experiências produtivas, das hortas individuais previamente estabelecidas, e com previsão de juntar os espaços a serem transformados, como o espaço do viveiro coletivo e a horta/agrofloresta coletiva; como de vários locais de proteção e trabalho ecológico, isto derivado do achado e discutido durante os espaços de trabalho e os percursos territoriais (atividade 3.6 da metodologia de trabalho). Isto contribuiu, para tecer várias iniciativas produtivas e de diversificação da comunidade, bem como para procurar tornar visíveis as atividades agrícolas e as características territoriais do local onde estas organizações vivem. Durante a excussão desta pesquisa, foi feito um teste da rota de turismo, para pelo menos 15 pessoas da cidade de Pasto, que não tinham conhecimento sobre o trabalho desta comunidade, nem da agroecologia, oferecendo um olhar novo, para os visitantes da importância das ações de cuidado ambiental e produtivo destas comunidades camponesas.

6. Se acompanhou a associação durante uma visita que fizeram alunos da Universidade de Nariño, com o fim de fazer um levantamento botânico, do ecossistema de bosque alto andino (atividade 3.4 da metodologia de trabalho). Neste espaço, três companheiras da associação, acompanharam os estudantes para lhes ensinar sobre o uso das plantas que eles fazem de maneira tradicional, a oferta que a natureza da para os habitantes desta vereda. Nesta visita, foram levantadas, e caracterizadas algumas espécies, que no concordado pela a professora da faculdade seriam, trazidas de volta como insumo para a o processo da comunidade.

7. Para complementar a base pratica, que os e as camponesas da vereda Santander, tanto da Empresa e da CoopSant, já tinham aprendido anteriormente

com o Nodo de agroecologia, e com aquela que estava acontecendo na área coletiva; foram criados alguns espaços de diálogo e de formação, teórica e política, com abordagem agroecológica, especialmente, sobre as temáticas relacionadas com produção e ecologia. Esses momentos aconteceram, em vários espaços físicos, na sala comunitária da vereda, na área coletiva do plantio, nas casas onde aconteciam as reuniões periódicas, principalmente. As discussões (atividade 4.1 da metodologia de trabalho) eram propostas, pelo pesquisador, tentando discutir problemáticas evidentes na territorialidade da vereda e subjacente a ela, e que em outros momentos já tinham sido faladas, em diferentes papos, com a mesma comunidade, e que se tornavam alvo de revisões, para tentar relacionar as causas que estão por trás da realidade palpável no dia a dia, pelas e pelos camponeses, as suas famílias e o resto da comunidade.

Dentro das questões trazidas para estas discussões, foram abordadas, problemáticas como a dieta alimentar, que no caso da vereda Santander, é bastante simplificada. A base do consumo, no dia a dia, depende maioritariamente de carboidratos, como papa, ullocos, arroz, pão, preparações com farinha de trigo (comprada, porque o trigo hoje não é produzido ali), macarrão, e em menor medida, banana da terra; proteínas a base de carne de gado bovino, frango, ovos, às vezes, cuy, galinha, trucha e porco; a presença predominante de comestíveis ultraprocessados como salgados, bolachas, doces, refrigerantes, bolos, entre outros, é bastante comum inclusive entre as primeiras infâncias; a presença de verduras, legumes e frutas, é esporádica, assim como também a presença de grãos e sementes. É comum, o uso de açúcar adicionado, em todas as bebidas. Como também é comum, o consumo constante de fritos. É de ressaltar, que embora, que eles e elas sejam produtoras especializadas em gado leiteiro, é pouco o consumo do leite, ou seus derivados. Muito da discussão, foi levada, sobre os efeitos que tem na saúde da comunidade, esta dieta, especificamente na presença de doenças relacionadas com a alimentação, tais como doenças cardiovasculares, diabetes e sobrepeso, outras crônicas relacionadas com doenças respiratórias (Alcaldia Municipal de Tangua, 2024).

Na busca, dos origens desta problemática, dentro dos momentos de intercâmbio de ideias, várias foram as causas: a chegada dos pacotes de ultra processados a preços baratos, acompanhados de campanhas publicitárias nas mercearias locais, na rádio e na televisão, em detrimento dos alimentos frescos (Bravo, *no prelo*); a diminuição progressiva de espaço de plantio para plantas alimentícias e medicinais, pela instalação de áreas maiores, em monocultura, pratica relacionada com tomada de decisões dos homens; investimento de casas de comercialização de produtos agrícolas, nas veredas, para dar, em primeira medida de graça ou a credito, sementes, agro insumos, maquinário, aos camponeses para começar a mudança das lavouras, com seus produtos; empréstimos das entidades financeiras, só para projetos produtivos tecnificados, entre outros.

Outro dos temas recorrentes, nos nossos papos, tinha a ver, com as observações e certezas sobre as mudanças do tempo atmosférico na sua região. “Uma bagunça” que nas palavras, da comunidade, está virando o tempo, com uma incerteza da chegada tanto da época de chuvas, como da seca, a velocidade do vento, que pela região estar no vale do rio bobo batem fortemente, sobre as pastagens e os plantios; assim mesmo com as geladas, que ocorrem mesmo, em momentos que nunca tinham acontecido. Isto, está interferindo negativamente

nas épocas de plantio, e está atrapalhando o desenvolvimento das culturas. Aqui os pontos trazidos à discussão, foram as grandes mudanças no consumo dos seres humanos, como catalisador desses efeitos; o desmatamento e a exploração desequilibrada da terra a grande escala, tem incrementado, acelerando os efeitos evidenciados. Nessa troca de ideais, se fez ênfase, em que muito do que acontece hoje, depende de coisas maiores ao território de Tangua, da vereda, mas que se o cuidado desse território onde eles moram, não é feito, os efeitos do macro, vão atingir o micro, de maneira mais forte. Uma das observações derivadas, do seu dia a dia, na roça, tem a ver com o uso de agrotóxicos na agricultura.

Eles e elas tem visto desaparecer espécies animais, como a Ranita Roja, um anfíbio, muito comum das áreas de ecótono (transição entre diferentes ecossistemas, neste caso entre um ecossistema e um agroecossistema), que era comum de ser vista, também nas áreas de cultivo, que em suas palavras, depois de começar com o uso de agrotóxicos, sumiu, nunca mais foi vista. Os efeitos também são identificados, na quantidade de insumos defensivos que devem aplicar, para garantir a sobrevivência da cultura. Simultaneamente é comum ver nas áreas de cultivo, casas, córregos, a grande quantidade de recipientes e embalagens, que fica depois das aplicações, e que não tem como ser descartados, além de empilhados no melhor dos cenários, ou queimados. Sem esquecer, de doenças e sintomas de mal-estar derivado das aplicações, repetitivas, ao longo de todo o ciclo produtivo, no caso de culturas como papa, ullocos, favas e morango, entre outros efeitos. A revisão, permitiu ser colocada, pela primeira vez, segundo o manifestado, nas casas comerciais e nas empresas fabricantes. Pois elas, são as que promovem a venda dos produtos, mas não uma consciência crítica nem do uso, nem do descarte das embalagens. Também, existe um grau alto de desinformação, derivada, da nula responsabilidade das casas comerciais, em falar sobre os efeitos negativos do uso desses produtos, mesmo que estes sejam usados dentro dos parâmetros de aplicação recomendados. Essa desinformação leva aos camponeses, que utilizam esses produtos, a um uso desmedido, em muitas das ocasiões, com o fim simples, de garantir em todas as circunstâncias, a sobrevivência da safra, e produção da cultura, e assim, garantir os ingressos, dos quais depende a sua renda básica.

Uma das discussões derivadas, do papo anterior, levou a uma indagação geral, sobre o modelo de produção tecnificada, a larga escala, no mundo; além da vereda, da região e do país, o que colocou a discussão sobre o modelo do agronegócio, e a influência sobre os tratados de livre comércio (TLC), temática que é de muito interesse, devido a que, esta comunidade em especial, como já foi falado no contexto, no capítulo 2, é constantemente atingida, por esses acordos comerciais, no caso específico, do leite e do trigo. Isto, fez necessário falar do regime alimentar neoliberal contemporâneo. Nessa oportunidade, o espaço, foi mais que um papo, uma aula, direcionada por mim, tentando esboçar de maneira simples o perfil do regime alimentar globalizante, e os efeitos que traz para a agricultura, evidentes neste mesmo território; a criação e fomento da agricultura agroindustrial, em detrimento da agricultura camponesa. Simultaneamente, fazer um paralelo com a agricultura agroecológica, para entender as diferenças de um modelo e o outro.

A partir desta perspectiva, foram trazidas pela própria comunidade (Figura 16), elementos complementares, que derivaram em uma reflexão, dos efeitos

negativos e positivos de uma e outra forma de fazer agricultura que vem na sua territorialidade, assim como elementos para fazer modificações, segundo seu sentir e projeção.

Figura 16. Resumo dos resultados produto da discussão sobre efeitos do modelo de agricultura agroecológica e agricultura industrial.

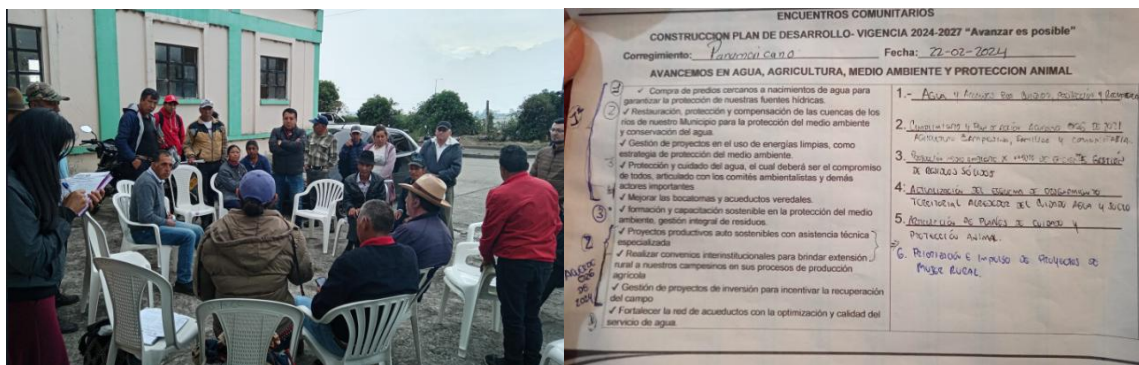
AGROECOLOGÍA		AGRICULTURA INDUSTRIAL	
ANTES	DESPUÉS	ANTES	DESPUÉS
- Alimentos Naturales	o aprender a cultivar con organismos	* Producción	o - Intoxicación
- O. químicos	o Para un buen bienestar	* Maquinaria	o - Enfermedad
- Productos Nativos	o Con semillas ancestrales	* Químicos	o - Mal tratamiento
- No dañar el medio ambiente	o diversidad de semillas	* Semillas Certificadas	o - Infertil - Estéril
- Alimentación Sana	o para trabajar organizados	o Abonos	o - Pérdida de Semillas
- Huertas Caseras Variables	o Con prácticas ancestrales	o Procesadoras	o - Aumento de gastos
- ayudar a la Naturaleza		o Comercialización Internacional	o - Mala alimentación
- Prevenir enfermedades			o - Pobreza
- Economía			o - dominados por las Industrias
- Ahorrar terreno			o - desunión
			o - Talar los bosques
			o - Daño a la Naturaleza

Fonte das imagens: próprias.

8. Tomando em conta, a existência do Acuerdo Municipal 026 de 2021 (atividade 2.2 da metodologia de trabalho), aprovado pelo Consejo Municipal de Tangua, o qual cria a Política Pública Municipal de Agricultura Campesina, Familiar y Comunitaria (ACFC). Esta política pública, contem lineamentos encaminhados para, a reconversão produtiva visando sistemas agroecológicos, uso e resgate de sementes nativas e crioulas, extensão rural integral e participativa, fortalecimento organizativo, tecnologias apropriadas para sistemas agroecológicos e energias alternativas, serviços financeiros rurais, uma escola de promotores agroecológicos, uma mesa permanente da ACFC no município, inclusão de participação diferenciada para mulheres e jovens, e um plano de ação mais completo para o fortalecimento da ACFC (Consejo Municipal de Tangua, 2021).

Participa-se, em companhia da equipe dinamizadora do Nodo, em três dos encontros convocados pela administração municipal entrante, dentro do processo de construção participativa do Plan de Desarrollo Municipal de Tangua 2024 – 2027 (atividade 3.1 da metodologia de trabalho), um deles no encontro de construção participativa do plano, na vereda Cebadal (Figura 17), um dos mesmos encontros na Cabecera Municipal, e um outro, também na cabecera municipal, em função da convocatória do Consejo Territorial de Planeación (CTP) do município; e em uma reunião privada, com a Secretaria de Agricultura, para a inclusão de algumas ações, incluídas dentro do Plan de Desarrollo, para que fosse incluso dentro das metas da prefeitura, durante este quadriênio. O que é de vital importância, pois, derivado deste plano de ação administrativa, se relacionam as verbas e os investimentos da prefeitura, durante sua vigência, e a sua vez, é baseado nestas metas que o Departamento Nacional de Planeación, mede a eficiência de administração da prefeitura e regula segundo estes critérios, o dinheiro que envia ano a ano às prefeituras.

Figura 17. Encontro de construção do Plan de Desarrollo Municipal de Tangua 2024 – 2027, na vereda Cebadal.



Fonte das imagens: próprias.

Tais diálogos, determinaram a inclusão dentro das metas do Plan de Desarrollo Municipal da prefeitura, para adotar medidas de cumprimento desta política pública (Alcaldía Municipal de Tangua, 2024). A continuação (Tabela 16), se apresentam os indicadores-metas-ações, que ficaram inclusos dentro do componente estratégico deste plano, e que estão diretamente relacionados com o produto 1702017 (código interno do Plan Municipal de Desarrollo), que se define este produto como “servicio de apoyo para el fomento organizativo de la Agricultura Campesina, Familiar y Comunitaria”.

Tabela 16. Metas do Plan de Desarrollo Municipal 2024 – 2027, da prefeitura de Tangua relacionadas com a política pública municipal de ACFC.

Setor	Temática	Línea Estratégica	Programa	Producto	Línea Base	Indicador	Meta
Ambiente	As pessoas, a água, e a biodiversidad e no centro do ordenamento territorial.	Avancemos pela sustentabilidad e ambiental.	Inclusão produtiva de pequenos produtores rurais.	Serviço de apoio para o fomento organizativo da agricultura camponesa, familiar e comunitária.	0	1. Adequação de áreas comuns com os recipientes apropriados para o manejo de resíduos sólidos nas instituições educativas. 2. Em lugares estratégicos das instituições educativas, implementar espaços com jardins e plantas ornamentais. 3. Instalação de avisos alusivos à conservação e preservação do meio ambiente. 4. Capacitação direcionada à comunidade educativa sobre o manejo adequado da água e dos resíduos sólidos. 5. Organização de clubes ecológicos. 6. Convivência pacífica por meio da realização do ciclo de passeio institucional.	12

					7. Reciclagem de pacotes, tampas e garrafas plásticas. 8. Gerar alternativas de formação que permitam às comunidades organizadas, a geração de projetos, que aportem à solução de problemáticas particulares desde seu contexto. 9. Campanhas de sensibilização, prevenção e fortalecimento da cultura ambiental, relacionadas com mudança climática, biodiversidade, fauna e flora silvestre e áreas protegidas, recurso hídrico e bosque. 10. Fortalecimento da sensibilização das crianças e jovens dos territórios para o ótimo desenvolvimento da estratégia do Proyecto Ambiental Escolar (PRAE) nas diferentes áreas ambientais, de acordo com as necessidades reais do município. 11. Implementar e fortalecer iniciativas de comunicação ambiental comunitária, para a divulgação de estratégias encaminhadas à educação ambiental, como também das políticas ambientais com ordenança estadual. 12. Ações	
--	--	--	--	--	---	--

						realizadas para a proteção de áreas protegidas.	
					0	1 Fortalecimento por meio de ações para o bem-estar e proteção animal em condição de rua.	1
Equidade de gênero	Mulheres rurais, cuidadoras do ambiente e o território.	Avancemos pelo bem-estar social.			Não Disponível	1 Produtoras agropecuárias apoiadas.	20
Agricultura	Potencial de adequação de terras com fins de irrigação.	Avancemos pelo desenvolvimento econômico e produtivo.			0	1 Sistemas de irrigação sustentáveis e eficientes. 2 Semeadura e colheita de água e outras práticas encaminhadas ao aproveitamento eficiente do recurso hídrico.	4
	Serviço público de extensão rural.				0	1 Hortas caseiras e escolares implementadas, para segurança alimentar.	100
					0	1. Atualização do Consejo Municipal de Desarrollo Rural (CMDR)	1
					0	1. Comemoração do dia do camponês. 2. Escolas de promotores (apoio na gestão do diplomado em agroecologia) 3. Fortalecimento organizativo da Red de Agroecologia. 4. Diagnostico para a criação da rota de construção do Plan Municipal da ACFC. 5. Incentivos direcionados em serviços à rede de sítios em transição agroecológica. 6. Incentivos em insumos para à rede de hortas agroecológicas para a mulher rural. 7. Elaboração de projetos para a criação de casas	9

						de sementes. 8. Férias agroecológicas. 9. Sensibilização a consumidores.	
					0	1. Jornadas de desparasitação 2. Apoio nos projetos produtivos autossustentáveis.	8
			Ciência, tecnologia e inovação agropecuária		0	1. Fortalecimento aos produtores na atividade produtiva da cafeicultura.	70
					0	1. Jornadas de capacitação sobre o processamento y conservação para o aproveitamento de todos os alimentos produzidos na zona.	10

Elaboração própria, tomando como base o componente estratégico (capítulo 3), do documento de Plan de Desarrollo del Municipio de Tangua 2024 - 2027: Avanzar es posible.

Como pode se observa, foram incluídos 8 indicadores (os quais, se englobam 31 ações ou apostas), dentro de um único programa (Serviço de apoio para o fomento organizativo da agricultura camponesa, familiar e comunitária), o qual é transversal aos 2 programas (Ciência, tecnologia e inovação agropecuária e, Inclusão produtiva de pequenos produtores rurais), 3 linhas estratégicas (sustentabilidade ambiental, bem-estar social e desenvolvimento econômico e produtivo), 4 temáticas (as pessoas, a água, e a biodiversidade no centro do ordenamento territorial; Serviço público de extensão rural; Potencial de adequação de terras com fins de irrigação; e, Mulheres rurais, cuidadoras do ambiente e o território), de 3 setores (ambiente, gênero e agricultura), estes últimos, fazem referência a secretarias da prefeitura.

Numa reunião no dia 20 de março de 2025 (atividade 3.2 da metodologia de trabalho), em companhia das lideranças das comunidades, a equipe dinamizadora, e o novo secretário de agricultura, para mobilizar os esforços na prática, para poder colocar em andamento, estas ações. Dentro do espaço foi comunicado pelo secretário, é colocar em andamento o indicador de hortas agroecológicas, embora a comunidade comunica, que já existem estes espaços e deve se começar com o fortalecimento do espaço de feria agroecológica.

Um análise geral que pode ser feito deste resultado, é que a inclusão desta política pública dentro do Plan de Desarrollo Municipal, a política tem mais possibilidades de ser colocada em pratica, pois está em indicadores de cumprimento que o DNP, vai avaliar. Mesmo que sempre este tipo de planos, nunca conseguem ser cumpridos em 100% do pensado, tem mais oportunidade que se estivesse fora deste, além porque o investimento que fazem as prefeituras, são em custo fixos, com salário de empregados, custo de rotas escolares, manutenção de maquina amarela, vias, etc, eles investem em projetos para cumprir esse plano da sua administração nos quatro anos de mandato. É um

ótimo momento também, porque Nariño é o terceiro departamento em ter aprovada a política pública de agroecologia, que coincide com as ações municipais, e além disso este mesmo ano já tem política pública nacional, com um governo que já destinou dinheiro para o funcionamento desta política. Só 5 políticas públicas de ACFC existem no departamento, incluindo Tangua, por outro lado, o Nodo participa ativamente dos espaços de construção do movimento agroecológico que fez a política pública do departamento.

É muito possível que durante os seguintes dois anos, incluindo este, o município e através deste, as comunidades agroecológicas de Tangua, incluindo ao Nodo, tenham uma possibilidade de conectar vários dos atores agroecológicos institucionais de muitas escalas (locais, regionais, departamentais e nacionais) e interdisciplinar (agricultura, saúde, educação, etc.), de cooperação internacional, particulares e outros, para mobilizar os processos ao redor da agroecologia. Dependera da gestão e pressão, tanto para mover as políticas públicas em todo cenário, como para ter propostas e rotas de ação, para a sua aplicação. E no coletivo, para estar preparados para priorizar e ser consequente com os processos que querem levar e executar, para ser audazes nas escolhas, e garantisse apostar em coisas que achem que conseguem fazer, que querem, que podem manter e cuidar. Devem se construir propostas em função das políticas públicas por parte da equipe dinamizadora, fazendo-o o mais coletivamente possível.

E escrever propostas dentro em função dos indicadores das diferentes políticas públicas e dos indicadores do Plan de Desarrollo, e assim tecer rotas com as diferentes institucionais. Esses mesmos projetos, podem se apresentar aos apoios de fundações, ONG's, cooperação internacional, que usualmente fazem os seus próprios projetos baseando-se nos Planes de Desarrollo Nacional, e nas políticas públicas existentes. Com o auge dos negócios verdes e a sustentabilidade, no olha restes atores, tem probabilidade de tecer alianças com esses atores, desde a gestão de projetos. Podem se mover muitas coisas neste novo panorama.

Os resultados obtidos desta atividade, aplica para os dois processos organizativos de Tangua, tanto o grupo de Soluciones como para a Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras.

4.1.1.3 Atividades feitas pela comunidade e resultados derivados

1. Depois, de um exercício de caracterização do espaço físico, e de logística para o fornecimento dos implementos e insumos; foi iniciada a produção de compostagem, com a formação de várias pilhas de resíduos orgânicos (Figura 18. Direita), sendo os principais insumos desta produção os resíduos de cozinha, gerados nas casas dos associados, o esterco dos cuyes (cuyinasa), resíduos de culturas e plantas espontâneas, produzidos na mesma área, além de plásticos para cobrir as pilhas. Foram utilizados, microrganismos eficientes, que o grupo da Empresa Cuidadores del Futuro, tinha de um projeto anterior, para catalisar a decomposição.

Figura 18. (Esquerda) Viveiro de mudas de sementes orgânicas. (Direita) Preparação de compostagem.



Fonte das imagens: Esquerda, própria. Direita: companheira Maye da comunidade.

4.1.1.4 Reflexões e discussões sobre o processo de trabalho e os resultados da comunidade

Efetivamente as realidades de Santander, são mostra de como as comunidades de estas veredas em Tangua, Nariño, Colômbia, America Latina, são atingidas, por este modelo imperialista, colonial, capitalista, patriarcal e supremacista. Os efeitos no desenvolvimento agropecuário, a distribuição da terra, a inação estrutural institucional pública do Estado, a perda da cultura alimentar própria, as desigualdades no acesso à educação, saúde, o constante envenenamento das águas, e a disputa desta, com instituições locais e internacionais, mostram que muitas das ações, do modelo, estão presentes também neste lugar. O desenvolvimento das atividades anteriormente descritas, são uma tentativa de desenvolver através de nosso projeto em concreto, uma proposta que colocasse a atenção da comunidade, em questões atreladas a sua realidade local, com aquelas que acontecem nas escalas de poder e territoriais maiores a ela. E a sua vez, reparar naquilo local, para ter ações no agora e nos futuros, para dar soluções a necessidades próprias.

Sob as atividades feitas, estas não concluídas, pelo menos não do jeito que nós colocamos como meta, ficamos no caminho. O processo que tivemos na minha perspectiva, não teve o melhor dos ritmos, e nunca terminou de sincronizar ao 100%, o que não permitiu que adquirisse um ritmo constante, nem fluidez. Isto, tem a ver com os ritmos e tempos da vida camponesa. Entre tantas coisas que a comunidade tem que atender, da sua própria vida, e que em definitiva, não sempre se acomodam aos tempos curtos que uma pesquisa delimitada pelos tempos da academia ocidental sugere. Os tempos da colheita, de tirar o leite da vaca, das ações de trabalho coletivo na cozinha, no cuidado dos cuyes, dos rituais religiosos, marca uma pauta.

Falo isto porque não concluímos o processo, e aqui lastimosamente, vou começar fazendo não ênfase no que fizemos, se não olhando porque não fizemos. Para começar, o processo de diálogo com a comunidade não sempre foi fluido, para definir o que íamos a fazer juntos. A definição de deixar constantemente pela

minha parte, a definição do resultado, do projeto concreto como parte da escolha da comunidade, foi ineficaz, num sentido que demorou, e que no processo de fazer ela acontecer, mudou várias vezes, também pela variação constante dos ritmos, formas e decisões de trabalho, do tempo e clima, das diferentes outras atividades da comunidade, e posteriormente do pesquisador. Primeiramente da forma, se ia a ser uma horta só, ou um bosque comestível, ou ambas, se ia ser na área nova, onde tinha pensando fazer o projeto com Fundación Grupo Social, ou na horta que já tinham estabelecido. A minha decisão de que que elas e eles decidissem livremente, as dinâmicas para desenvolver o trabalho, me alinhando, diminuí o ritmo, dilatando o processo como um todo. Não me arrependo de agir assim, porque valorei e valoro desse jeito, as condições de autonomia que eles e elas decidiram; embora, dentro dos tempos e paradigmas da pesquisa, foi um motivo de vamos dizer assim, de desaproveitamento dos momentos e tempos de ação. Uma constante oscilação na decisão deles, e um relaxamento, uma calma minha que tal vez, poderia ter sido menor, no caso tanto deles, como meu.

Uma outra dinâmica que foi falada, e discutida no momento de encerramento, foi a questão de chegada ao mesmo tempo, a campo de Luigi, o companheiro de turismo e a minha. Como o Luigi ia ter menos tempo com a comunidade (dois meses), priorizamos, e me incluo nessa decisão dar prioridade ao desenvolvimento das atividades dele com a comunidade, e deixar para depois, as relacionadas comigo. Uma escolha justa, que como expressei, ajudou a meu processo também de me assentar no território, de estar também mais focalizado com as companheiras de Arrayanes, Tamborcillos e Las Piedras, fazer as visitas aos sítios, e fazer os percorridos territoriais, tanto de meu interesse (da pesquisa), como do projeto da construção da rota de turismo.

Embora, isso restou tempo de ação, e dissipou a energia de ação, que tínhamos combinado no início. O encerramento do processo da rota de turismo, com a implementação com o primeiro grupo que fez o percorrido, foi ótima para finalizar este processo, mas coincidiu também com o início das festas religiosas da comunidade. As quais duraram 55 dias contínuos de oração e que virou a atenção, dedicação quase total de todas e todos eles. Não que não fizeram nada mais, porque tinha que ir a ordenhar as vacas para o leite, mover as vacas de área, fazer o plantio, ou trabalhar fora, quem não trabalha todos os dias na rosa. Mas era uma atividade que demandava tempo de preparação que competia com os encontros que tínhamos, tanto para as atividades de campo, como para as teóricas. E aí, a visão cultural que não pode ser simplesmente apagada, ou não levada em conta. A cultura religiosa neste caso, faz parte da essência do coletivo e de comunidade, espaços de encontro, e de coesão; importante no sincretismo, e na espiritualidade, que reforça a ideia de existência e de motivação para entender a manifestação da vida, dos acontecimentos dela e o significado que tem, para continuar vivendo, desses jeitos e afirmar a fé, que permitam conferir motivação para continuar.

Uma vez concluídas as festas religiosas, e quando tinham que chegar as chuvas, estas não chegaram. Isto terminou por dissipar mais ainda a energia que tínhamos colocadas para o plantio. É bom lembrar para o/a leitor/a, que a metodologia feita com esta comunidade, era trabalho em campo alguns dias, e que elas e eles se dividiram em grupos e por dias, para ir a horta, e que um dia por semana, todas e todos nos encontrávamos para o momento teórico, uma prática pedagógica muito convencional, de separar uma coisa de outra, mas que

tinha sentido, para poder todos e todas ter a mesma construção da realidade, um olhar comum, desde o qual nos motivar para agir, para planejar (isto não significa que, na prática não tivesse momentos de construção pedagógica, mas o condensado, o comum se construía no espaço coletivo de todos e todas). Trago esta dinâmica a discussão, porque a proposta de metodologia levantada, era que os processos andem de mãos dadas, juntos, tanto a parte “prática”, como a “teórica”. E como as chuvas não chegavam, o processo teórico só, não era suficiente. Nesse momento já tinha começado o viveiro e a composteira, e ficamos sem poder preparar solo, sem poder pedir as árvores a Impulso Verde, sem poder continuar. A área que já tínhamos plantado com feijão e milho, estava crescendo bem e com o grupo que fizemos o trabalho, continuamos com o cuidado, mas era pouca coisa.

Depois disso, o encontro desmuniu e as chuvas até a minha ida, nunca chegaram. Uma coisa que também aconteceu em paralelo, a todo este processo, foi que muitas vezes, vários processos nessa contínua negociação e mudança de coisas que fiz referência anteriormente, sobre onde plantar, quando plantar, se iam a ser todos e todas ao mesmo tempo ou por grupos, teve momentos, que mesmo o trabalho fosse dividido em grupos ou todos em um mutirão, tinham companheiros e companheiras que não colavam, que nunca foram, e outros/as que iam intermitentemente. Ou tinha dias que iam e outros que não. Isso na verdade me desmotivou. Porque fizemos várias reuniões todas e todos, em diferentes casas, em diferentes espaços, e uma decisão que eu acho que teve muito a ver, foi que sempre deixe eles e elas decidiram as condições, o horário, os dias, as tarefas, e demais. Não que não fosse propositivo, mas sempre colocava meu parecer, e me afastava da decisão final, para eu me adaptar a aquilo que eles decidiam em conjunto. Uma outra decisão que eu sento foi impositiva de uma das companheiras do grupo, foi que sempre foi obrigatório ir, mesmo que fosse em grupos ou todos e todas ao tempo. Eu falei em várias oportunidades, e expressei que seria bom que quem participasse, fizesse desde o querer, não desde ter que, mas ela como líder dizia, que não, que era importante para o processo de todos, e que por isso todas e todos tinham que ir; decisão que não compartia, mas que decidi aceitar, e que sento que colocou uma pressão e um sentimento chato, para aqueles que não foram.

Finalmente, como as coisas pararam, e vou ser muito sincero neste ponto, as coisas com La Tulpa estavam acontecendo tão bem, eu fui priorizando as atividades com esta associação, que não puxei durante um bom tempo, continuar fazendo coisas continuamente como antes. E comecei a ir cada 10 ou 15 dias, e só para manter-nos em contato. Uma das conclusões não só para este processo, se não para o processo em geral, foi que tive muitas atividades, com 3 grupos e também, com a Política Pública de Agroecologia do departamento, processo chave para entender como fazê-la, e para estar ligado, de como poder incluir estes grupos nela, e apoiar também os processos que implicava a sua constrição, e com as atividades de cuidado próprio, que pouco priorizei, mas que tinha que dar e que dividiu minhas forças e que no final resto tempo e energia para fazer mais coisas acontecerem.

Ao final do tempo de campo, que prolonguei segundo a primeira proposta, de início de setembro para a terceira semana de novembro, esperando a chegada da chuva, e complementar as outras atividades com as outras associações, também aconteceu que durante esses momentos mais espaçados de voltar a Santander,

começaram os processos de planejamento e reunião com Fundación Grupo Social, para retomar o início do projeto com eles. Isso voltou uma vez mais, a atenção da comunidade para outro lugar. Muitas coisas de documentação, de banco, para o desembolso do dinheiro, ajustes dos materiais, e outras coisas relacionadas; eleições da comunidade que não posso julgo, que é obvio que a comunidade quer desenrolar, pois é algo que eles escreveram e que queriam também, e que tinham que garantir que tudo estivesse certinho, para não gerar atrasos ou inconvenientes. Derivado de tudo isto, é que eu afirmo, que nunca conseguimos sincronizar, do melhor jeito. Claro, puderam se fazer as coisas diferente, melhor, sim, por parte e parte, mas foi como se deu, e no nosso encontro final falamos sobre que faltou tal vez, ter sido mais consequente com coisas de lado e lado que tivéssemos feito de outras maneiras.

Agora, para descrever as coisas que sim foram feitas, e dar o valor que merece, tanto para valorar o que a comunidade fez, o que eu fiz, o que fizemos. Já, vários dos resultados feitos ficaram evidentes com a exposição feita anteriormente. Aqui vou trazer elementos específicos para falar um pouco mais destes, concretamente dos pedagógicos. Com relação a discussão feita nos espaços de trabalho de campo, como nos espaços teóricos, tivemos discussões sobre a sobre a dieta alimentar, a diversificação produtiva, os feitos negativos e positivos de o modelo de produção tecnificado e d agroecológico, sobre saúde, sobre a perda de biodiversidade, e muitas coisas mais. As mudanças de valores na alimentação atravessado por uma lógica de cambio de paradigma, sobre a aquisição de alimentos processados, por cima dos produtos frescos, como uma melhora simbólica de qualidade de vida, relacionado com valores de consumo relacionadas com a saúde, e mais quando falamos da alimentação das crianças. Nesse sentido, a relevância de estabelecer de forma permanente, continua e agroecologicamente, assumiu um valor diferente.

Concatenado com este último elemento, o cuidado da agua e de trazer mais diversidade ao redor. Uma outra discussão que teve relevância, foi sobre o processo dos tratados de livre comercio com os EEUU, pois afeta diretamente a sua renda, e vai ter um efeito maior, se eles não se anteciparem estes acontecimentos. Ali também teve uma recepção e uma proposta de fazer. Sobre o planejamento, acho que não conseguimos por todo o já falado chegar nesse ponto, as discussões ficaram até um ponto que não deu para construir uma base pratica, nem teórica para chegar nesse momento. Embora, tivemos a possibilidade de construir nossa horta, de maneira teórica, e ficou como insumo e experiência para eles e elas.

Dos resultados derivados, da inclusão da política pública de ACFC no Plan de Desarrollo Municipal, pode se dizer que no setor de ambiente, muitas ações dentro do indicador, estão encaminhadas a ações pedagógicas dentro das instituições de educação, que é uma contundente aposta, de ser desenvolvida, para fortalecer a educação ambiental dentro das crianças e adolescentes, o que é de extrema importância, para ter uma apropriação das lutas ecológicas, e das possíveis ações que no agora e no futuro, elas e eles consigam desenvolver. Embora, muito mais além da educação ambiental dentro das instituições, não é claro, pelo menos, outras ações relacionadas com apostas concretas, desde a secretaria de ambiente, e aquela ação 12, que fala sobre zonas de proteção ambiental, fica muito ambíguo e amplo, como para poder decifrar a que faz, referência. Desde a perspectiva de gênero, tem um indicador que tem a proposta

de hortas só para mulheres. Tal vez insuficiente, dentro do pouco que fico incluso no plano, mas melhor que nenhuma coisa.

O processo terminou com as atividades feitas já expostas, como um insumo no avanço do projeto com Fundación Grupo Social. As sementes orgânicas trocadas, ficaram com uma guardiã de sementes, a companheira Maria Eugenia, para continuar com o processo de multiplicação. Várias pessoas desta associação, como das mulheres de Arrayanes e Las Piedras, se motivaram a incluir-se no projeto de silvo pastoril de Impulso Verde.

As atividades queriam efetivamente, colocar na discussão da comunidade as questões sobre a importância que tem a realidade complexa dessa territorialidade, segundo a visão do pesquisador, mas principalmente da comunidade. Nesse sentido, o projeto concreto ou tema gerador, foi fruto do diálogo entre as necessidades da comunidade e a dinamização do pesquisador. Como pode se observar segundo o descrito, essas atividades relacionam a transformação de um espaço próprio como é a horta coletiva, em benefício do próprio grupo de Soluciones Santander, mas também das famílias e da comunidade. Para atingir esses objetivos de consolidação dessa proposta, tinham que ser falados, discutidos e refletidos, tanto na prática como no discurso, para ser geradas essas transformações internas dos integrantes e do espaço físico. As temáticas foram, as sementes, a água e os rios, o cuidado do solo, dos espaços naturais, como o páramo, a mata ciliar, a alimentação própria, entre outras.

Entendendo que a vereda de Santander, dentro do contexto territorial de Tangua e da região ecológica, está localizada numa área de amortecimento do páramo, e que a sua vez apresenta, conflitos de uso desses ecossistemas, por causa da ampliação da fronteira agropecuária, por culturas muitas delas sob o parâmetro da agricultura tecnificada, como a papa, fava, e muitas hortaliças; como também, pela sequência de imposição deste modelo, tem diminuído substancialmente as suas práticas de plantio, e por consequência as práticas alimentares, afetando não só a soberania, se não pior a sua segurança alimentar, afetando a saúde de todos seus habitantes; e também de competência pela água entre os próprios habitantes, e com os interesses da Empopasto. Isto aplica também para as mulheres de Las Piedras. Assim mesmo, estas comunidades, estão excluídas das decisões políticas do município, nem do investimento de outras entidades públicas. O setor econômico das quais elas participam, maioritariamente setor agropecuário, está constantemente intermediado pelas casas agropecuárias, que vedem para elas todos os insumos, e que são as parceiras de assistência técnica.

Todas as atividades que foram pensadas, mesmo que foram executadas ou não, tinham uma intenção de colocar várias questões que retroalimentam esta realidade. Dentro do marco teórico – experiencial, a proposta é justamente colocar essa complexidade da realidade. A proposta metodológica, senti-pensada em instrumentos e práticas da educação popular, tinham a intenção de repensar estas relações com o ambiente, o cuidado próprio (saúde, alimentação, água), e olhares que pretendam se repensar as atividades do dia a dia, planejando com elas um futuro diferente, fora da caixa da realidade atual. Nesse sentido, as atividades colocaram a questão, e colocaram o espaço e tempo, para que as próprias comunidades, segundo os seus próprios interesses e necessidades, puderam com ajuda do dinamizador trazer elementos constitutivos, que explicam as motivações atrás do modelo, e a sua vez, ele (eu), aprender como o sistema

atrelado de relações ecológicas, econômicas, simbólicas, produtivas, culturais, respondem a essa imposição. Juntos, colocamos a nossa energia e interesse em ação, quando nos juntávamos para sentir e pensar, essas relações, e poder nos atrever a sentir e pensar diferente.

Os espaços que permitem esses momentos, em si mesmos são potentes, pois propicia, a possibilidade de se juntar e pensar novas coisas, as quais normalmente, na individualidade não surgem. O encontro é um espaço de atrelamento, de tecido coletivo, de comunicação, que movimenta as forças individuais, para o bem-estar social, com o sem dinamizador, mas com ele (eu), se juntam visões de mundo diferentes, e neste caso complementares, dentro do pensamento agroecológico. As sementes que foram os papos, as atividades de plantio, da sementeira, da rota turística, dos percorridos territoriais, e outras tantas, não tem como ser avaliadas no hoje. Haverá que esperar e ver como essas ideias tiveram ou não efeito. Parte delas, continuaram o feito pela equipe dinamizadora do Nodo, e alimentaram o projeto que pretendesse desenvolver com Fundación Grupo Social. Espera-se ter uma claridade maior do feito, uma vez feita a devolutiva e dialogo que vai acontecer no mês de agosto ou setembro de 2025, entre o pesquisador e a comunidade, para se juntar e avaliar novamente os efeitos pós campo. A atitude deste pesquisador é de manter continuidade, com os processos solidários que junta as comunidades camponesas e agroecológicas, além de uma pesquisa, além deste momento, porque a motivação é uma ideia e não um título de mestre, é o efeito que as ideias de emancipação podam ter efeito. O resumo, dos resultados, segundo a metodologia exposta na tabela 15, estão relacionados no Apêndice 8a.

4.1.2 Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras

A ideia da instalação das 12 hortas de base agroecológica (projeto concreto), que as mulheres associadas, desta organização estabeleceram, tem a ver com a vontade das mulheres de arrumar espaços produtivos caseiros, onde poda se desenvolver a produção de alimento para a família. O sentido da produção limpa ou orgânica, para o autoconsumo, dentro de este grupo de mulheres existe, e está presente. No passado já tinha acontecido vários processos, os quais decantaram, entre outras coisas, na criação de uma horta comunitária, que se foi trabalhada e estabelecida pelas associadas, na propriedade das companheiras Lida e Yamileth (irmãs), na vereda Arrayanes. Desse trabalho coletivo, feito faz uns anos atrás, atualmente, horta ainda existe, e tem plantado, hoje em dia, amora, uvilla (*Physalis peruviana*), milho, favas, feijão, papa, outras espécies transitórias e algumas árvores. Embora, a experiência tenha sido exitosa, na manutenção do espaço, por especial cuidado tanto das donas da propriedade, como das companheiras, o modelo de horta comunitária, na voz das companheiras é ineficiente, pois as associadas moram muito dispersas umas das outras, o que faz que o benefício para, aquelas que não moram no sitio, no qual a horta está, é pouco, só os dias que se trabalha no coletivo.

Depois, dessa conclusão, e no momento da minha chegada no território, o interesse das companheiras, ao saber que eu tinha estudos na agronomia, e com ênfase na produção agroecológica; a conclusão foi o de fornecer uma força no trabalho braçal e de planejamento, na implementação de espaços produtivos individuais de base agroecológica, que garantam o autoconsumo, pensada na alimentação, no cuidado de saúde familiar. Assim mesmo, foi combinado fazer

uma horta para a escola da vereda Las Piedras, pois nela os e as alunas, se alimentam diariamente, e no pensado das mulheres, nesse espaço pode se plantar algumas verduras, que forneçam o próprio restaurante escolar, com alimentos limpos. Nesse sentido se estabeleceram as seguintes atividades. Três das produtoras já contavam com seu espaço de horta, no caso delas, a ideia tinha a ver, com ampliar a horta.

Com esse fim, se desenvolveram as seguintes atividades, que igual que no caso anterior, se organizaram, em atividades conjuntas, do pesquisador e da comunidade, e logo desta descrição, uma discussão sobre o acontecido.

4.1.2.1 Atividades feitas pelo pesquisador e resultados derivados

1. No início do processo, de trabalho com estas companheiras, fui contatado, por uma pessoa próxima ao processo da associação, Carolina Zuñiga, uma integrante da Red Agroecologica de Nariño, acadêmica, e próxima aos processos produtivos dos Bosques Comestibles. Ela no passado, também foi próxima do trabalho da equipe dinamizadora do Nodo Agroecologico de Tangua. Com ela, foram desenvolvidos vários encontros, para estimular o processo, não só das hortas, se não que também dar, a este processo produtivo, das mulheres da associação, uma ênfase nos sistemas agroflorestais. Com ela, estabeleceu se, um diálogo que permitiu, trazer várias iniciativas, como aquelas de Impulso Verde, e com a guardiã Luisa Patascoy no território, que serão faladas mais para frente, e que no final, foram determinantes para o processo de desenvolvimento das atividades desta pesquisa.

2. Dentro das atividades, também se procurou informações territoriais (atividade 2.2 da metodologia de trabalho), para fornecer os dados de discussão e análise de esta pesquisa, e para colocar na discussão com a comunidade. Tais como, planos de desenvolvimento territorial, planos de ordenamento territorial, estatísticas oficiais de instituições públicas e ou particulares, pesquisas feitas por instituições públicas ou particulares, entre outras. O esquema - resumo de todas atividades realizadas, está disponível no apêndice 6, para ajudar ao leitor (a) a ter um olhar geral do que foi feito.

4.1.2.2 Atividades feitas conjuntamente e resultados derivados

1. Durante os primeiros encontros (atividade 1.4 da metodologia de trabalho), derivados das discussões de entendimento, pela minha parte, e de aprofundamento em questões trazidas por mim e por parte delas. Os papos que tivemos, se relacionavam com os interesses da associação, as dinâmicas gerais que buscavam a traves dela, e propostas delas, para fazerem nesse momento da associação. Desses papos a conclusão foi de fazer as hortas. O objetivo principal delas é de ter uma proposta produtiva em cuyes, mas não o único, além disto, o que elas estão procurando, é uma estratégia de produção para o autoconsumo, com o fim de fazer poupança no gasto da diária em alimentação, mas sobre tudo, por comer saudável, e mitigar os efeitos negativos da produção convencional, que além de contaminar, não garante o aceso a comida de qualidade.

Por outro lado, também o espaço produtivo próprio, segundo elas, traz a oportunidade de ter plantas alimentícias e medicinais, que as suas ancestrais tinham e elas perderam, mas que pelo conhecimento herdado, sabem que são

importantes e querem recuperar. Os temas trazidos por mim, nestas trocas de ideias, foram mais sobre o como poder fazer isso acontecer, e o chamado a nos organizar de maneira eficaz, para poder levar essa intenção à prática. Nesses momentos, a conclusão foi, a minga de trabalho em cada terreno das associadas, e um convite para cada uma, doar as espécies que puderem nos espaços próprios, para a horta das outras, e de arranjar outras espécies por fora, mesmo que sejam compradas ou trocadas.

2. Para a implantação das 11 hortas caseiras, de base agroecológica, foram feitas as visitas a cada uma das propriedades (Figura 19. Direita). Nesses momentos, junto com elas (atividade 2.1 da metodologia de trabalho), foram escolhidos os lotes onde iriam se estabelecer as hortas. Para esse fim, foi feita uma delimitação conjunta, avaliando entre todas as características do solo, localização em relação ao sol (trajetória do sol, para melhor aproveitamento da radiação), direção do vento, sombra, acesso à água, e condições, como encerramento da área, proximidade com culturas comerciais, para escolher o melhor local em cada propriedade para a implantação das áreas de hortas. Assim mesmo, foi feita uma lista das sementes (estacas, sementes, tubérculos) disponíveis, dentro da mesma organização, para compartilhar e preparar, para os momentos do plantio.

3. A escola de Las Piedras, também foi visitada (atividade 2.1 da metodologia de trabalho), teve-se estabelecido um acordo com a Diretora e o único professor da instituição, para selecionar uma área, a qual foi delimitada para sua intervenção. Dita área, estava localizada numa área arborizada (Figura 19. Esquerda), pelo motivo que se pensou num desenho agroflorestal. Daí a ideia de aplicar a base do desenho já mencionado no caso do grupo soluciones (apêndice 4), como uma possibilidade nesta área, e para as companheiras que quisessem, caso das companheiras Lida e Yamileth.

Figura 19. (Esquerda) Visita à Escola de Las Piedras, para seleção da área do plantio. (Direita) Seleção de área de plantio de uma das companheiras da associação.



Fonte das imagens: próprias.

4. Complementarmente, com a atividade anterior, foram feitos vários encontros, para organizar o calendário para o plantio de cada horta, e definir por menores sobre os insumos necessários, em cada caso, como por exemplo, o adubo orgânico, as plantas, o material de cobertura, o material para o encerramento do espaço, ferramentas, e os por menores, da jornada de minga, que também incluiu a preparação das refeições.

5. Foram realizadas três mingas de trabalho (atividade 2.3 da metodologia de trabalho), nas quais foram plantadas três hortas caseiras (duas na vereda de Tamborcillos, a vereda mais afastada e uma na vereda Las Piedras), em que o material vegetal foi levado coletivamente para plantação. Nestes espaços, o plano de sementeira da horta em cada sulco foi co-desenhado, incentivando o associativismo de plantas como ervilhas (*Pisum sativum*), feijões, milho, ollocos, papa, arruda (*Ruta graveolens*), cebola junca, morango (*Fragaria x ananassa*), chochos (*Lupinus mutabilis*), favas (*Vicia faba*), entre outras (Figura 20).

Figura 20. (Esquerda) Minga de sementeira na horta da senhora Nelly. (Direita) Minga de sementeira na horta da Senhora Gloria.



Fonte das imagens: próprias.

A pouca quantidade de mingas feitas, tinham muito a ver com várias situações que foram acontecendo ao longo do tempo. Primeiramente, muitas das jornadas, mesmo com planejamento anterior, iam se pospondo, devido a falta dos insumos suficientes para o plantio, não estava pronto o adubo, as plantas e sementes que queriam ser plantadas, não estavam disponíveis, ou não foram achadas, algumas vezes, algumas das companheiras não podiam concorrer ao espaço, e pedia para trocar a data, e quando isso acontecia, outras não conseguiam, e as datas fixas foram se, transformando em incertas. Ao mesmo tempo, algumas questões e dinâmicas internas da organização, estavam acontecendo entre as integrantes, depois da primeira minga, o que frenou o processo um tempo considerável, uns dois meses. Ao momento de retomar, arrumar novas datas, foi difícil, arrumar momentos de trabalho. Pela minha parte, já tinha se estruturado um plano de ação e de trabalho com a Tulpa, principalmente; e com a comunidade em Santander, o que fez difícil manter uma continuidade temporal espacial do trabalho.

Uma vez, recomeçado o trabalho, foram feitas duas hortas mais. Embora, quando nós estávamos planejando fazer as outras duas seguintes. Começaram os

preparativos do trabalho entre a associação e a Fundación Grupo Social. Situação semelhante que aconteceu com a associação de Soluciones, em Santander.

6. Foi feito um percorrido territorial, a nascente e ponto de colhida de água, do aqueduto veredal da vereda Las Piedras, com o fim de entender, o contexto da luta pela água, nesse território (atividade 3.6 da metodologia de trabalho). Esta atividade já foi descrita nas atividades do grupo de Soluciones, porque tem a ver com uma problemática entre as duas comunidades com relação a água, pois é a mesma nascente.

7. Como atividade complementar à anterior, foi realizado um acompanhamento, a uma reunião na cidade de Pasto, com a comunidade das Pedras, para tirar dúvidas sobre o marco de ação do projeto: *“Fortalecimiento del enfoque territorial y gobernanza del agua en ciudades andinas de montaña, como estrategia de resiliencia urbana frente al cambio climático: Caso de la Región Hídrica del Valle de Atriz – RHVA, Colombia”* de Empopasto e a Agencia Francesa de Desarrollo (atividade 3.2 da metodologia de trabalho).

Este projeto, é o resultado da estratégia Global Gateway da União Europeia, para fortalecer os vínculos com o mundo, incluindo América Latina. Segundo o site da Comissão Europeia: *“La Comisión Europea y el alto representante de la UE han creado la Global Gateway, una nueva estrategia europea para impulsar vínculos inteligentes, limpios y seguros en los sectores digital, energético y del transporte, así como para potenciar los sistemas de salud, educación e investigación en todo el mundo”* Um dos projetos da Equipe Europa, composto pelos Estados membros, incluídos os Bancos de desenvolvimento público, o Banco Europeo de Inversiones (BEI) e o Banco Europeo de Reconstrucción e Desarrollo (BERD). O Programa Euroclima, fornecido também pelo Ministerio Federal de Cooperación de Cooperación Económica y Desarrollo de Alemanha (BMZ), e neste caso específico da Agencia Francesa de Desarrollo (AFD), tem como objetivos 8 áreas prioritárias, mobilidade urbana, transição energética, biodiversidade e ecossistemas, bioeconomía e produção sustentável de alimentos, gestão de riscos e desastres naturais, investimento sustentável e clima, economia circular e a gestão da água, incluindo a poluição dos rios, desta última área, o projeto mencionado (Euroclima, 2025).

O projeto é muito abrangente, em ações, território e objetivos. Para fins práticos, vou focalizar no que tem a ver com a comunidade de Tangua e Pasto. Dentro da área de ação, e segundo a caracterização (Empopasto, 2024) do recurso hídrico no Valle de Atriz (Río Bobo (mesmo da hidrelétrica) e Río Pasto), que inclui os municípios de Chachagüí, La Florida, Nariño, Pasto e Tangua, feito pela mesma empresa; a caracterização a qual incluiu, um estudo populacional das sub-bacias; um relacionamento de atores envolvidos de alguma maneira com as sub-bacias; uma descrição oferta de recursos, entre as quais pode se mencionar a quantidade de hectares, com cada tipo cobertura natural e outros usos de solo; oferta hídrica, fazendo ênfase nos fatores de aridez e regulação; riscos e ameaças, dos municípios que fazem parte das sub-bacias; além dos tipos de demandas hídricas.

Com estas informações fizeram uma análise interdimensional de índices, como o de vulnerabilidade ao desabastecimento, qualidade de água, conflito de usos de solo, entre outros. Através destes índices, e do contexto criado desde a

caracterização expõem como resultado, a priorização dentro da área de estudo, de uma zona de maior vulnerabilidade, para focalizar esforços de *"Disminuir la presión sobre los servicios hídricos de los ecosistemas y las cuencas abastecedoras de Municipios de Pasto y Tangua"*, dentro do resultado dois, uma linha deste projeto. Dentro do desenvolvimento do resultado dois, deste projeto, se focaliza em 5309 ha, das veredas altas e contiguas do município de Pasto e Tangua (Las Piedras, Sandander, Tamborcillo), incluindo 2836,4 ha, do Parque Natural Regional Ovejas – Tauso (Empopasto 2025). A modalidade desta proposta de diminuição da pressão, é pelo Pago por Servicios Ambientales (PSA), prioriza 19 propriedades no corregimiento de Opongoy, 5 propriedades na vereda Las Piedras, com 33 para serem protegidas, e 14 propriedades na vereda Las Cochcas com 76 ha para serem protegidas, um total de 109 ha. Para essa data, o processo estava na fase de concertação, de incentivos, valores, tempos regras e responsabilidades.

Derivado do mesmo análise já comentado, também se estabelece nesta mesma área o resultado 3: *"Mitigar riesgos sobre los sistemas de acueductos y drenaje urbano, y reducción de su vulnerabilidad, asociados a variación de precipitaciones mediante la implemetnación de proyectos piloto de infraestructura gris y verde en los municipios de Pasto y Tangua"*, para construção 9 aquedutos veredales em Tangua e 1 em pasto; entre eles, das veredas Arrayanes, Tamborcillos, Las Cochas e Las Piedras (setor Quilche), esta última vereda como já foi falado, tem o seu aqueduto veredal. O investimento de 750'000.000 COP direcionado para 6 ações: 1) a construção de bocatomas para as primeras 3 veredas mencionadas, que não tem, e adequações de a bocatoma de Las Piedras; 2) Construção de câmaras de areia (desarenadores) para as veredas que não tem aqueduto e adequação de Las Piedras; 3) Tanque novo para as veredas Arrayanes, Tamborcillos e Las Cochas; 4) Aduções e tubulações faltantes; 5) câmeras de repartição de caudais, câmeras de quebre, e complementares, e finalmente 6) Filtração multimídia e desinfecção. Além disto, o resultado 4, é sobre o fortalecimento integral das Juntas de Aqueduto, com formação, que não é detalhada, sobre os tópicos ou temáticas, mas poderia se supor, que neste resultado, estão inclusas as atividades de fortalecimento da governança da água.

Naquela reunião, a dúvida que nós queríamos tirar era clara, saber se com a implementação do projeto, a administração e a propriedade dos aquedutos veredales que iam se fazer e melhorar, iam a ficar com a comunidade, ou com a empresa Empopasto, coisa que dentro das socializações e contratos não fala o projeto, e que no sentido da autonomia da água e a governança, faz sentido se perguntar No passado, segundo o falado com as lideranças de Las Piedras, comentavam que eles tiveram uma experiência com Empopasto, para tomada de água das suas veredas no passado, da Quebrada Las Piedras, um caudal de concessão de 400 l/s (Alcaldía Municipal de Pasto, 2024), perdendo assim a água, e a capacidade de decidir sobre esse recurso, mesmo que estava em seu território. Com esse precedente, entendesse a desconfiança que tem sobre a implementação deste novo projeto, por alguns dos líderes destas veredas. Lastimosamente, esse dia os nossos questionamentos não foram atendidos, por falta de tempo dos responsáveis.

Segundo o site, da mesma Empopasto, o projeto finalizou. O resultado 2 e o processo de PSA, dos 5 produtores de Las Piedras priorizados para este

processo, 4 efetivamente concertaram a conservação de 21 ha. O resultado 3, não teve implementação em campo de nenhuma atividade de instalação (Empopasto, 2025). Teve as visitas a campo, mas a infraestrutura prometida não foi colocada, embora tem os estudos e desenhos, de 8 dos 10 aquedutos projetados, com a informação disponível, não é claro saber com certeza quais dos aquedutos foram desenhados. Lastimosamente, depois do trabalho em campo, não continuei acompanhando o processo deste projeto no território, e não sei se as veredas de Las Piedras, Arrayanes e Tamborcillos, já tem seu desenho de aqueduto. Enquanto ao resultado 4, fizeram-se 10 oficinas para cada comunidade envolvida, mas não fala nem do conteúdo, nem dos objetivos, em do atingimento, daqueles espaços de formação. Também a companheira Lidia Guzmán, participou num evento internacional: *“Diálogos para la gobernanza del agua y territorio”*, na cidade de Pasto, o dia 7 de novembro de 2024, sobre intercambio de experiências da gestão da água, participação cidadã.

Definitivamente, esta temática da água, que tanto estes resultados da caracterização (Empopasto, 2024), e os resultados do Plan de Ordenamiento del Recurso Hídrico del Río Bobo (Corponariño, 2013), como também, o Plan Territorial de Adapatación Climática de Nariño (Corponariño e WWF – Colombia, 2016), além de outros estudos de mudança climática, são enfáticos na vulnerabilidade hídrica, que está sub-bacia do Río Bobo e Río Opongoy, assim como também os municípios de Pasto e Tangua, tem. As relações, que vinculam as comunidades com o cuidado do seu território, devem se procurar deste todos os lugares, os processos comunitários, institucionais e de cooperação internacional. Embora, estes esforços devem ser compreendidos e instalados, desde uma lógica de restituição de relações entre os humanos e a natureza, principalmente de quem mora nestes espaços.

Dito isto, como já foi comentado, muitos processos comunitários não tem os suficientes recursos para se articular afetivamente e afetivamente. Muitas instituições de fora, mesmo públicas ou particulares, são usadas para usufruir os recursos em troca de pouco ou nada, para as comunidades. Ai, o elemento colonizador que os dirigentes políticos, técnicos e de capital, aproveitam para tirar se beneficiar, sem beneficiar as comunidades, pelo contrário, muitas vezes, quebrando processos solidários e coletivos tecidos dentro das comunidades, por pouco, que na verdade é nada para eles. O cuidado da natureza, tem diminuído significativamente nos territórios enquanto mais se introduz a lógica patriarcal nas comunidades rurais, o individualismo e o lucro a pesar da natureza, processos que tem sido uma constante desde o colonialismo, e que hoje está dentro das práticas das comunidades, como um sintoma que permeia todos e todas, neste momento da história.

Embora, as comunidades se resistem a estes processos, porque ainda assim dependem da estabilidade da natureza com a qual moram, para sobreviver. As mulheres foram e são, as principais protagonistas desta perspectiva, do cuidado, das relações de interdependência. É esse cuidado, que deve ser potencializado, desde relações de iguais, desde quem trabalha fora da comunidade, como para quem é parte dela. Esse deve ser o objetivo, das relações que se construam nas territorialidades, e deve ser um olhar que permaneça dentro dos sentidos das alianças que as comunidades permitem dentro dos seus espaços. Para que as coisas mudem, deve mudar as formas de se relacionar e de agir. Muitos líderes e lideresas ambientais destas comunidades tem esse olhar. A importância de

sempre estar sintonizados para decidir com quais outros atores poder se relacionar, ter apoio com processos organizativos, neste sentido agroecológicos e ambientais, jurídicos que acompanhem os diálogos e as iniciativas que vem de fora, com as comunidades.

8. Participação nos espaços de diálogo e construção da associação, com a produtora camponesa Luisa Patascoy (atividade 3.5 da metodologia de trabalho), guardiã de sementes e produtora camponesa, do corregimiento de Catambuco, do município de Pasto; quem quer estabelecer trabalhos de implementação da estratégia agroflorestal de bosques comestíveis, com esta associação. Estes espaços, ocorreram um mês antes, da saída do território. O que se procurava com este espaço, era dar uma continuidade do processo de implementação dos processos agroecológicos, independentemente de quem estiver acompanhando a comunidade, e mais se é uma liderança camponesa como Luisa. Neste espaço, pudemos construir um inventário de árvores nativas e introduzidos, os quais as companheiras da associação, conheciam e, poderiam servir de base estrutural para o bosque.

9. Acompanhamento aos espaços de socialização e formação (atividade 3.5 da metodologia de trabalho), de um projeto de restauração ecológica, para a inserção de árvores nativas, a propriedades produtivas pecuárias, principalmente de gado, bovino, para fazer que essas áreas de pastagens para sistemas silvo pastoris, com espécies que, além de cumprir com funções ecológicas, garantam acesso das famílias a alimentação diversificada para o gado, alimentação e saúde humana, cercas vivas, quebra ventos, retenção de água no solo, entre outras. Este projeto, é direcionado pela ONG Impulso Verde, até o fim da minha estadia em campo, estava em fase de formação e plane-ação da implementação. Várias das camponesas desta associação, como da associação de Soluciones, estão incluídas neste projeto.

4.1.2.3 Atividades feitas pela comunidade e resultados derivados

1. Junto com os seus familiares, as companheiras com as quais se fez a instalação das suas hortas, fizeram todos os preparativos do lote para o plantio, assim como também a compra e instalação da maia para o encerramento do espaço de plantio; assim como também de semente, cinzas, esterco e terra para o ia do plantio. As outras companheiras também ajudaram neste processo. A equipe dinamizadora também esteve presente numa das mingas, e também contribuíram com material vegetal e força de trabalho nessa vez. Nos plantios que tivemos, eu também levei alguma semente orgânica que trocava com alguns companheiros do movimento agroecológico.

4.1.2.4 Reflexões e discussões sobre o processo de trabalho e os resultados da comunidade

Nesta continuidade socioecológica que é Tangua, com efeitos parecidos aos achados em Santander com a comunidade de Soluciones, os sinais do sistema, como já foi falado. Neste caso, o efeito é diferencial, porque todas são mulheres. Mulheres que em geral, estiveram até pouco, na dependência da econômica, e relegadas a um espaço de pouca participação em atividades fora da sua casa, do cuidado e da participação em cenários políticos. Esta organização de mulheres da conta de uma demarcação dessa perspectiva individual, no qual o sistema

patriarcal, impõe sobre elas. Assim mesmo, leva em conta, como a sororidade, entre as mulheres, e os diferentes tipos de sensibilidade e ação coletiva, própria das mulheres, e da sua organização, mostra avanços que permitem autonomias para elas mesmas, e também no coletivo familiar e social, sempre com uma intenção de tecido e cuidado do coletivo.

Sobre o processo de atividades, este é um dos grupos com o qual menos se avançou no plano estabelecido, principalmente devido a limitações de tempo, alguns problemas internos da organização, e outros relacionados com a saúde e as ocupações cotidianas dos acompanhantes, como filhos e esposos. Várias razões para explicar isso, eu acho. A primeira, foi uma leve fricção que se derivou de meu desconhecimento, sobre assuntos do passado que não tinha conhecido, e que reconfigurou o planejado e o falado entre as companheiras e eu. Isso foi a entrada da companheira Carolina Zuluaga ao processo, que como já foi exposto, colocou uma tensão no processo que recém começava, e que se manteve até o fim, pois ela tinha trabalhado com o Nodo, mas tinha terminado mal esse vínculo, e parte das companheiras que conheciam ela, queriam trabalhar com ela, e parte não, por essa mesma questão. Eu sem conhecer, só depois de várias semanas, esta situação, de ter incluído ela, no processo, com o sentir de juntar pessoas conhecidas ao processo, que tem para aportar sua vontade, depois fique sabendo que esta decisão tinha o efeito contrário que eu queria, que todas queríamos. Outro dos motivos, derivados deste primeiro momento, foi o processo de tensões internas entre as companheiras, que inclusive antes de chegar a campo, os companheiros da equipe já tinham me manifestado, que elas estavam passando por processos internos que eles desconheciam, mas que tinham sabido que estava diminuindo o ritmo com que elas estavam trabalhando. De fato, o processo com o qual íamos a fazer, tinha justamente tanta força no seu interesse, porque foi uma ativação para elas.

Daí o planejamento feito, sobre as mingas de trabalho, a junção que queríamos fazer para adquirir o material, comprando ou trocando com outros processos, foi diminuindo também e ficando um pouco mais na minha resposta; resposta que assumi com gosto e que consegui através de encontros com outros processos de produtoras agroecológicas, em Pasto principalmente, tanto para o processo deste grupo como de Soluciones. Derivado de essa diminuição da regularidade, dos encontros, das trocas de ideia, e também das ações feitas tanto com Soluciones, como com La Tulpa, deixe respirar o processo, e me dediquei a continuar fazendo as atividades com estes grupos. Depois elas me chamaram e continuamos, mas não com a mesma força, e não com a mesma vontade, eu sento. Isto derivou neste resultado, só três hortas feitas. Embora de que tenham sido poucas, os papos, os processos de perguntas, de trocas de ideias sobre a pertinência de fazer as hortas, de cuidar a água, de plantar mais diversidade, de se cuidar a traves da alimentação foi substancial, tanto no que elas falavam, como no que eu tinha para aportar. Embora, de não conseguir se constituir o processo pedagógico que eu queria tentar nas mingas, nos momentos de encontro, que era justamente propiciar perguntas como temas geradores, enquanto plantávamos, enquanto comíamos, para tecer coletivamente respostas e assim ideias de mudança, ideias de metas, de transformações, entre outras.

Mesmo assim, conseguimos ter várias trocas interessantes, por exemplo, papo que tivemos também com o processo em Santander, sobre todos os agroquímicos que tem que usar para as aplicações. Falamos sobre os efeitos que tem algumas

das moléculas que tem como ingredientes ativos, alguns dos produtos que usam para o ciclo da papa (Figura 21 Direita), e para outros como a fava e milho, os prejuízos que faz ao meio ambiente, a água que bebem, aos solos e aos organismos que vivem em ele, e como todo isso se conecta, para piorar a situação das culturas que plantam, e para a saúde, fazendo um círculo vicioso, que empobrece e mata todo, incluído eles e elas.

Figura 21. (Esquerda) Sitio da companheira Nelly, da vereda Tamborcillos, com alto grau de erosão. (Direita) Embalagens dos agrotóxicos usados num ciclo produtivo de papa.



Fonte das imagens: próprias.

Também com a companheira Nelly, no dia da primeira visita no seu sitio, pudemos caminhar por ele e ver duas problemáticas importantes, que tinha a primeira uma grande remoção em massa, que estava acontecendo com uma faixa de seu terreno do lado a uma fonte hídrica, que não tinha cobertura, e que desde as últimas épocas de chuva está sofrendo uma forte erosão (Figura 21 Esquerda), e que pela presença de pastagem e gado nas áreas próximas, e as fortes chuvas que tinha acontecido, estava preocupada, pois tinha perdido uma área considerável. A área de cima da figura que mostro aqui, é um lote com pastagem só. Depois de ver o resto da área de fundo na foto, e de baixo, que não pode se ver, tem uma área de mata ciliar, que pode reconectar, e que na área de cima é urgente que faça uma delimitação onde tem que fazer plantio de árvores e de plantas que assegurem o solo. Falamos sobre a implementação de sistema silvo pastoril, e através de impulso verde, ela continuou o processo de troca de ideia sobre a implementação deste sistema de manejo. O outro problema foi umas abelhas que tinha feito enxame no seu sitio, mas que pela pouca presença de gado, ou de pessoas ao redor, não representava perigo.

Assim como foi falado, no caso de Soluciones, esta territorialidade apresenta avanço da fronteira agropecuária, devido as queimas do páramo, para o estabelecimento de culturas e pastagem, e também tem conflitos pelo uso e gestão da água. As hortas que tinham se pensado para estas companheiras, tem tudo a ver, com intenções de emancipação, mais concretamente sobre a legitimidade da autonomia alimentar e de saúde, que complementa bem, as vontades que estas mulheres têm, de ter alimentos saudáveis, e medicinas de novo, no quintal da sua casa. Este objetivo, que embora, de não ter sido completado, é uma mostra de como uma atividade coletiva de plantar hortas, pode mobilizar relações diferentes com a individualidade de cada uma, com a

família e com a natureza circundante. É um processo sem fim, e em espiral, com ciclos, e com possibilidades gigantes. Depois de ter terminado o processo avaliado dentro desta pesquisa (março - novembro 2024), as companheiras continuaram estabelecendo as hortas, a coletiva dentro da escola da vereda Las Piedras, que hoje está na fase da sua implementação, uma ação que coloca nas crianças e na comunidade, uma relação diferente, um avanço para o território e as companheiras que lideram este processo. O resumo, dos resultados, segundo a metodologia exposta na tabela 15, estão relacionados no Apêndice 8b.

4.2 ASOCIACIÓN DE PRODUCTORES ORGÁNICOS LA TULPA.

Os projetos concretos, em que consistem nos acordos entre o pesquisador e a organização La Tulpa, são a construção de uma série de perfis de projetos, que procurem articular esforços com os quais, a organização consiga se fortalecer, a través de alternativas relacionadas com transição agroecológica. Está ideia, foi construída como um resultado de vários momentos de diálogo, entre o pesquisado e a equipe técnica. A intenção destes perfis de projetos, é a consequência, do trabalho feito nos sítios, dos e das produtoras da Tulpa, é dizer, depois dos momentos 1, 2, 3 da proposta metodológica (Tabela 15).

Em quanto ao podcast, está é uma proposta do pesquisador feita a associação. Esta proposta baseasse, em dois detonantes. A primeira, é a necessidade de construir uma memória da organização, falado pela equipe técnica, em reuniões. A pesar do processo de mais de 8 anos da Tulpa, um processo de colhida de experiências de relatos, ainda não foi feito. A visita a todas os sítios das e dos produtores, além do proposto na metodologia de trabalho serviu, para levantar as entrevistas ao redor do processo de cada produtor (a) para preencher essa memória do processo de criação e mantimento da organização, que é vital, para revitalizar internamente o processo, que é justamente um objetivo da memória auditiva, que no caso das e dos produtores, é derivada da fala e a escuta. A segunda colocação para fazer o podcast, é visibilizar-se internamente e externamente. Os episódios, são um documento auditivo da memória, que é pensada em ser compartilhada internamente, para os associados se reconhecerem coletivamente, e para ser reconhecidos pelas pessoas de fora, pelos clientes, pelas outras (os) quem não conhecem a agroecologia e pelos quem fazem, é dizer, um processo de visibilidade, que no caso da Tulpa, é necessário aprofundar. Isto significa um processo de fortalecimento interno e uma tentativa de fortalecimento externo.

Estas foram as motivações, pelas quais as atividades feitas entre o pesquisador e a comunidade, deveria fechar a execução da metodologia proposta, procurando sobre todo, ações, entregáveis e/ou produtos para o fortalecer o processo organizativo de La Tulpa. Os esquemas - resumos de todas atividades realizadas, estão no Apêndice 7a e 7b, o primeiro relacionado com as atividades da estratégia de memória e comunicação; o segundo, com as atividades dos perfis de projetos locais e gerais, para olhar de maneira geral tudo aquilo que vai ser descrito a continuação, o que pode ajudar ao leitor (a) a enxergar melhor.

4.2.1 Atividades feitas pelo pesquisador e resultados derivados

1. Foi estabelecida uma metodologia de trabalho para as visitas aos sistemas de produção dos produtores, baseada na IAP e na pesquisa-ação (Tripp, 2005). Esta metodologia procura priorizar as atividades do camponês - produtor (a), para viabilizar e não atrapalhar o trabalho do dia a dia, se não pelo contrário ajudar a desenvolver estas atividades, ao mesmo tempo que se faz o reconhecimento dos agroecossistemas (atividade 2.1 da metodologia de trabalho).

2. Diante da possibilidade de incidir na construção da Plan de Desarrollo de la Ciudad de Pasto 2024 – 2027, que estava ocorrendo, e possibilidade de influir nele, para apoiar e visibilizar, os processos produtivos agroecológicos em geral, mas também nos corregimientos de Gualmatán e El Encano, assim como também, os processos de comercialização dos mercados orgânicos e agroecológicos, que La Tulpa encarna, dentro da cidade. Embora, que dentro do Plan de Desarrollo, não ficaram no documento final, as propostas levadas, sim ficaram dentro do capítulo de apostas estratégicas de Frontera Agrícola, da dimensão econômica, como indicadores importantes para o processo agroecológico do município (Alcaldia Municipal de Pasto, 2024): 1. A construção de política pública de agroecologia de Pasto, com seu plano de execução; e 2. Serviço de implementação de rotas agroecológicas, com enfoque de gênero. Também na aposta estratégica de Gestión del Cambio Climático, na dimensão ambiental; 1. O serviço de assistência técnica para consolidação de negócios verdes, que inclui os processos agroecológicos.

Esta última estratégia, a agroecologia aparece marginalmente, como uma prática mais, que engloba muitas estratégias de “diminuição de emissões de gases estufa”, não como protagonista. As outras duas, parecem pertinentes, e específica para os processos agroecológicos.

3. Acompanhou-se a organização em espaços de representação, em projetos que se desenvolvem a nível regional, como o Projeto GEF – Biosur (atividade 3.2 da metodologia de trabalho), liderado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), das nações unidas, que busca implementar um projeto macro, conectando um corredor ecológico da Amazônia até o litoral pacífico, passando por diversas territorialidades dos produtores e produtoras da associação. Esse acompanhamento, foi feito durante a primeira fase, do processo, que tinha que procurar desenvolver uma metodologia para atingir os objetivos de incluir comunidades que já tem desenvolvido ações de cuidado da natureza. A associação La Tulpa, decidiu não continuar acompanhando o processo, mas, uma companheira integrante Narciza Miramá, continuou o processo como Aviyaku, continuou com o processo de acompanhamento, no processo de diagnóstico e da construção da proposta na sua primeira fase. Ainda eu acompanho o processo no grupo de construção desse processo, sem participar ativamente.

4. Dentro das atividades, também se procurou informações territoriais (atividade 2.2 da metodologia de trabalho), para fornecer os dados de discussão e análise de esta pesquisa, e para colocar na discussão com a comunidade. Tais como, planos de desenvolvimento territorial, planos de ordenamento territorial, estatísticas oficiais de instituições públicas e ou particulares, pesquisas feitas por instituições públicas ou particulares, entre outras. O resultado destas, estão no capítulo anterior, e em alguns parágrafos ao longo da descrição dos resultados deste capítulo.

4.2.2 Atividades feitas conjuntamente e resultados derivados

1. Uma das primeiras atividades nas que participei foi, a assembleia geral da associação. Este espaço, é o máximo espaço de participação que existe, neste se tomam as decisões mais importantes. A assembleia foi na vereda La Laguna, na cidade de Pasto, e teve a participação obrigatória de todos e todas as produtoras associadas, assim como da equipe técnica, alguns familiares dos associados, e a contadora, e neste caso, também a minha presença. Neste espaço, além de apresentar para todos o plano de trabalho da Tabela 15, e de tirar dúvidas sobre o processo; estive durante toda a reunião entendendo o fundamento e entender as dinâmicas internas, deste espaço. Muitos pontos de rotina, como toma de presença, informes de cada um dos companheiros da equipe técnica (comercialização, produção, estagio camponês, financeiro e projeto Saberes Compartidos), assim como informe de cada zona, das atividades feitas no ano, a leitura da ata do ano 2023. Também foram apresentadas, uma carta de Cristina de Saberes compartidos, manifestando uma posição de inconformidade sobre comentários e posicionamentos que a seu parecer, não deveriam acontecer contra a Valeria, passante até esse dia, e nova encarregada de comercialização, a qual esse mesmo dia apresentou o seu plano de trabalho. Assim como também foram entregados os certificados de confiança, derivados do processo do Sistema Participativo de Garantías.

A apresentação dos informes serviu como contexto, para entender a situação atual, tanto da equipe técnica, como dos grupos locais. Dentro das informações apresentadas, destacasse problemáticas com os ingressos que percebem alguns dos e das produtoras, que não é suficiente para se manter, isto derivado, a que os preços de venda não cobrem os custos, por isso existe uma proposta relacionada para fazer um estudo de custos de produção, e equilibrar os ingressos para que todos e todas possam receber uma renda básica, derivada das vendas de La Tulpa; perdas na mercearia por produtos que não cumprem com critérios de qualidade para a venda, segundo o consumidor; o último ano 2023, teve uma relação custos versus ventas, negativo, pois os cálculos refletem uma perda de 2,5 milhões de pesos; existe um stock de molho 19 milhões de tomate que não consegue se vender, porque a nova formula não gostou, e deve dar-se de baixa do inventario, pois não vão se vender; a implementação de um novo plano de produção, que relaciona um contrato comercial, entre a associação e cada produtor; giras agroecológicas nos sítios mais avançados agroecologicamente falando, para receber novos consumidores e aumentar a porcentagem de clientes fiéis.

Outras coisas relevantes foram, a existência de uma atividade direcionada para os filhos pequenos dos associados, chamada Tulperitos, para fortalecer a identidade camponesa e ajudar no processo de relevo geracional; a aposta de participação em férias, como uma estratégia de visibilização do processo, mais que para ganhar dinheiro, e dar prioridade a produtos transformados ou inovadores, como fator diferencial nesses espaços; o método de medição de qualidade de solo, neste processo é através de medição da saúde de solo, que fazem através de cromatografia, que ainda não se fez em todos os sítios dos produtores, e falam de que tem que se terminar esse processo; no processo de SPG, o questionário foi feito seguindo uma carta de valores da organização, e as avaliações classificam os produtores entre orgânicos ou agroecológicos; o estágio

camponês, estava (porque acabou) orientada ao uso e manejo das redes sociais da associação, por parte da associada mais nova, e ela fez além de publicações um informe de quais foram os dados relacionados com essas publicações, em Instagram e Facebook, desintegrada por gêneros e idades.

2. Foram feitas as visitas 24 dos 28 das companheiras e companheiros, e os seus sítios. A metodologia de trabalho nessa visita, baseou se, na participação das atividades do dia a dia de cada companheira (o), nas quais, além de realizar essas tarefas de maneira funcional para ela/ele, ia a se fazer o reconhecimento dos sítios (atividade 2.1 da metodologia de trabalho). Na maioria dos casos, as visitas foram entre um e dois dias, para cada sitio. Todas as visitas foram feitas entre os meses de junho até outubro. Fazendo especial ênfase, que o ano de 2024, pelo menos para as regiões visitadas, teve uma época de seca que durou entre os meses de abril, até mediados de dezembro. O que fez ter, alguns efeitos para as culturas estabelecidas em campo, e para a renovação e plantação das novas. Isto, como já foi falado, foi uma constante na região dos andes de Nariño, incluindo, os municípios desta pesquisa. Neste sentido, a continuação, descrevesse os achados e resultados dessas visitas, de uma maneira mais descritiva, no momento da descrição, dos dados das caracterizações, e dos resultados do SPG, vão ser descritos quantitativamente.

El Encano

A primeira zona visitada foi a zona do Encano (localizado a 23,4 km da área urbana de Pasto), onde aconteceram as visitas aos sítios da companheira Maria Anita, Milena Jojoa, os companheiros de Casa Bamba (Gilberto e Eliecer), as companheiras Lilia e Lucila. El Encano é um corregimiento contorna a Laguna de La Cocha ou Lago Guaméz, o segundo maior corpo de água do país; as veredas onde moram estas companheiros e companheiras, ficam do lado desta laguna. As atividades principais, deste corregimiento é a produção de trucha arcoiris, a produção de hortaliças, o turismo, a produção de gado bovino para o leite, produção de cuyes, e alguns deles, a queima do bosque nativo para produção de carvão vegetal (Palacios e Chamorro, 2020), entre outras. Essas produções, no caso da trucha é feita em gaiolas flutuantes, dentro da Laguna e que para o ano 2013, tinha 822, das quais 561 encontravam-se em produção, e que tem produzido mudanças nas condições físico-químicas da água, como o pH, o oxigênio dissolvido, e a quantidade de nitritos e nitratos presentes na água que envolve as zonas de produção (González Legarda *et al.*, 2018). No caso do carvão, tem desmatado grande área circundante da área da laguna, onde se estabeleceram a maioria da população, abrindo campo para a plantação de árvores introduzidas como, e zonas de pastagem para o gado, e áreas de plantio de papa, ulllocos, cebola e outras hortaliças, na atualidade, muitas delas com uso de fertilizantes de sínteses química e defensivos agrotóxicos.

No caso das companheiras, elas nos seus sítios, produzem esses alimentos, mas procurando ser, o mais sustentável possível. A produção orgânica que elas fazem, segundo os planos de plantio, que elas elaboraram com Billy (o companheiro camponês, líder do acompanhamento à produção), se baseia na produção de alimentos como: amora, tomate, alho (*Allium sativum*), cebola junca, tomate de árvore, uvilla (*Physalis peruviana*), papa mambra, papa roja, ervilha, habas e albahaca (*Ocimum basilicum*). Também são plantadas, outras espécies e outras áreas com as mesmas espécies, para alimentação própria e outras para

comercialização, em outros canais comerciais locais. Mas, estes que foram recentemente mencionados, são parte de um planejamento que prévio, que a organização faz, para não ter muitos excedentes de um produto, e ficar se oferecer outros. Esse detalhe, vai ser falado mais para frente, com a descrição do trabalho do Billy.

Nesse sentido, na visita da companheira Marianita Matabanchoy, uma produtora camponesa, de 63 anos, no sitio El Purgatorio e mais recentemente Luna Dulce, na vereda El Romerillo. Ela tem produção de galinhas, cuyes, aromáticas, ají, papas, mora, ullocos, alho, albahaca, dentro da área cebola junca (Figura 22), tudo junto, e tomate de árvore e flores ao redor da casa. Ela desde faz uns anos, no momento de entrar na Tulpa, tinha a companhia da sua ex-nora (também associada) com quem fazia parceria, e tinha, segundo as suas palavras, uma área maior, mais cuidada; mas a separação dela com seu filho, incidiu na diminuição da área, e, conseqüentemente, da produção. Ela gosta de manter vivo o espaço que ela produz, mas pela idade dela e várias complicações de saúde e emocionais, não tem permitido ela se manter, tão ativa como já foi e gostaria de estar na atualidade.

Durante os momentos de trabalho, cuidamos e reparamos, galinheiro, que tinha se estragado, a noite anterior, pelos fortes ventos, tivemos que trocar várias das madeiras, e arrumar a maia, além de atrapalhar as galinhas que tinham fugido. Depois, para fazer o plantio de uma nova área de cebola, fomos a pegar esterco de vaca seca, numa área adjacente, e fizemos a mistura com cinza, um pouco de esterco do cuy já tratada, e serragem, para fazer a mistura, de adubo final, para plantar. Além disto, ao calor da fogueira, fizemos o almoço, ao mesmo tempo, que trocávamos ideias sobre como tem mudado sua vida no último ano, e como faz diferencia trabalhar junto a alguém, e agora sozinha.

Durante o trabalho, pode ser vista uma área heterógena, com uma diversidade amplia numa área pequena, a estrutura ecológica que envolve o sitio são, é um mosaico produtivo, plantações de árvores introduzidas como o eucalipto, áreas de pastagem, um pouco mais alto na montanha pode ser vista uma faixa de mata nativa, mais especificamente de bosque alto andino, que conecta como o complexo de páramo La Cocha – Patascoy. Mais, para baixo, tem a Lago Guamuéz, onde tem a produção de trucha. A dona marianita, também tem um barco pequeno, com o qual se move dentro da laguna. A laguna condiciona muito com a influência do clima, temperatura, radiação, e vento principalmente, dos sitios que estão envolta dela.

A conexão ecológica, dentro do sitio é boa, tem diversidade dentro do sitio, cobertura do solo, mas está um pouco isolada, predomina o estrato baixo, e no caso da dinâmica dos ventos, deixa ela vulnerável, como nesse momento, aumentando o tombamento de algumas plantas como amora, e quebrando a estrutura física, que no caso dela, atrapalha as outras atividades produtivas, inclusive, sem ela poder agir efetivamente, para retificar os danos, mais quando ela agora, está fazendo os trabalhos sozinha. Os momentos emocionais, são importantes, e ela se sente diminuída, e isso, tem efeito no que acontece com o entusiasmo com que são feitas as atividades, que no meu parecer, é uma condição que está dificultando o seu próprio cuidado, e das atividades produtivas, também dos produtos orgânicos para La Tulpa. Muitas das coisas que preparamos esse dia, foram feitas com alimentos colhidos ali, no sitio, o que

mostra que abastece várias coisas da alimentação, com as coisas que ela planta ali, uma sopa extraordinária, com vários legumes. Ela, para se empolgar, está indo a aulas de tecido, o que aprendeu com a Milena, que é uma artista de tecido.

Com a visita a Milena, que ela tem se mudado para sua nova área, na vereda Santa Teresita (ao outro lado da laguna, na frente da vereda Romerillo), faz pouco tempo atrás, e devido a esse acontecimento, ainda não tem muita coisa plantada, devido ao fato de que teve que mudar a sua residência, e tudo que tinha feito com a Maria Anita, ficou com a sua ex-sogra. Milena tem duas filhas, e para ela ter saído da casa onde cresceram elas durante mais de 8 anos, é difícil. Ainda assim, já começou com a instalação do galinheiro, mantém seu trabalho na Laguna, com a produção de trucha, e continua todas noites, no seu tecido, e de maneira constante com o cuidado e criação das suas filhas, o cuidado do lar, ainda assim está arrumando, algumas mudas e plantas para a quando a época de chuva chegar. As atividades, do trabalho com a Milena, e a sua família, um primo dela, envolveram a condução das águas cinzas da casa dela (Figura 22), para fora da área, pois essas águas estavam correndo para o galinheiro e estava adoecendo os animais. O trabalho consistiu em fazer uma linha de drenagem saindo da casa e atravessando por parte do sitio dela, assim também dos lotes que vão se transformar no local de plantio, segundo o falado com a Milena e sua família. Durante a visita foi possível ver que o sitio está envolto de grande quantidade de árvores, que em contraste com a casa da dona Marianita, corta o vento, e mantém um microclima mais estável, entre o dia e a noite. Ela está muito empolgada no processo de turismo comunitário e o trabalho político que ela faz com o Resguardo Indígena, no qual ela já faz parte faz uns anos atrás.

Figura 22. Sistemas produtivos dos e das companheiras da Zona de El Encano, Pasto. (Esquerda superior) Canal de drenagem no sitio de Milena. (Centro superior) Sistema produtivo de Marianita. (Direita superior) Sistema produtivo de Lilia. (Esquerda inferior) Sistema silvo pastoril do sitio de Gilberto de Casa Pamba. (Direita inferior) Tomate de árvore ao redor da casa da companheira Lilia.



Fonte das imagens: próprias.

Na visita feita aos companheiros de associação Casa Pamba, que a sua vez, está associada como grupo a La Tulpa, tive a oportunidade de conhecer a finca de

Gilberto, e trabalhar com ele e o companheiro Eliecer, na poda de restauração da cultura da uvilla, neste processo conheci o sitio que tem uma área de plantio, com muitas verduras e algumas variedades de papa, frutais como amora e tomate de árvore, a área de plantio da uvilla, e um sistema silvopastoril (Figura 22), que tinha do lado, além da biofabrica, onde tem preparado os bioinsumos para depois da poda, colocar para o crescimento das plantas e nutrir para o novo ciclo produtivo. Casapamba, é um grupo de 6 produtoras(es) camponeses de essa vereda, todos eles de uma avançada idade, que são amigos e companheiros de faz muito tempo atrás, quando conheceram no grupo de poupança, e com esse dinheiro, decidiram começar a plantar, na agricultura convencional com morango e uvilla, até se afastar, por temas de comercialização e a experiência de uma estufa que sofreu danos pelos ventos; para depois passar a agricultura orgânica, pelo contato com La Tulpa, e decidiram aplicar seus a decisão de plantar diferenciadamente. Agora dentro dos alimentos, que eles, cada um (a), na sua área, mas coletivamente (porque se acompanham e se ajudam, produzem organicamente), estão as variedades de papa mambara e roja, a ervilha, amora, alho, tomate de árvore, e seu produto estrela, a uvilla.

No caso, da visita da companheira Lucila, foi numa área que ela e seu marido tem, na vereda La Laguna, do corregimiento do mesmo nome. Nesta, a casa deles fica dentro do centro poblado da vereda, onde tem um quintal, que tem uma plantação de cebola junca, umas poucas plantas de arruda, e uma ou duas árvores. Neste lugar ela faz parte do processo de produção, mas no sitio quela tem na vereda Romerillo, em el Encano, tem o resto da sua produção. Esse dia, o trabalho correspondia a colheita dessa cebola, do replantio de alguns dos galhos, em outros canteiros (prática comum, para manter produção constante). Dentro do papo que nós três estávamos tendo, a dona Lucila comentou, que ela estava produzindo nessa área de maneria continua, com cebola faz mais de 20 anos. Que ela estava um pouco chateada, porque tava sofrendo de apodrecimento da raiz, e que também estava enfrentado diminuição do tamnaho. Nesse sentido, falamos sobre a importancia da rotação, com outras culturas, mesmo que a área fose pequena, dava para deixar descansar um ou dois canteiros por ciclo produtivo, com algum adubo verde, para renutrir a área, quebrar ciclos de doenças, entre outras. Este pequeno lugar representa uma área a mais, da zona de plantio que eles manejam, onde moran, em Romerillo. Mas é de importancia, porque é um lugar que tem uma área importante para o plantio de cebola, e faz parte das contas que eles tem para sua renda.

Na visita da dona Lilia, a gente teve a misao de plantar uma área de cebola, que estava precisando preparar, para o seguinte ciclo produtivo. Nesta área, os guachos (sulcos), estavam arrumados ao favor e não encontra da inclinação do lote, uma característica, que falando com ela, sobre as desventajens ela reparou. É um costume cultural, os guachos serem plantados desse jeito. A gente fez um preparo e mistura de esterco bovino já preparado, com cinza, para o plantio. Dentro dá área da dona companheira, ela tinha os seus cuyes, uma área de pastagem, a sua zona de plantio, uns tomates de árvore (Figura 22), e o galinheiro. No contrario, dos outros sitios, este é um pouco mais simplificado, poca diversidade envolta, e a cosntante dos outros sitios de estar muito descoberto de plantas de porteaalto.

Para relacionar, estas observações feitas nestas visitas, com o contexto territorial, amplamente exposto no capítulo anterior; pode se dizer que, estas famílias e

produtoras, que estão na região socioecológica de La Laguna de Guamuéz ou de La Cocha, é com a alta importância ecológica que tem esta parte do município e da região, para manter equilíbrios importantes, para a vida natural, incluindo as pessoas, com os interesses econômicos, a agroecologia é importante. As e os produtores de La Tulpa, no Encano estão realizando na prática, atividades de fato diminuição das atividades agropecuárias e extrativas que são majoritárias no lugar, e que causam grande prejuízo para estes equilíbrios. Ações assim, estão sendo assumidas por comunidades camponesas e indígenas da região, só que estão espalhadas. A implementação de atividades como o uso exclusivo de adubos orgânicos, de diversificação agrícola e pecuária, da sua interconexão energética, a proteção de áreas em recuperação ecológica, por meio de descanso ou “barbecho”, são claros exemplos que outros sistemas produtivos são possíveis nestas altitudes e ecossistemas.

La Florida

A seguinte série de visitas foram às famílias do município de La Florida, mais especificamente aos corregimientos de Matituy e Tunja Grande, a 18 km da cabecera municipal. O meu percurso, saindo de Pasto (32,4 km), foi mais próximo, pelo município de Nariño, município intermédio entre a capital e os corregimientos visitados. Estas veredas, ficam a menor altitude que a sua cabecera municipal, oscila entre uns 1100 a 1200 metros acima do nível do mar. Característico o calor, o plantio de café, pastagens e fique, em colinas leves, poucas áreas de cobertura nativa. No caso das companheiras e companheiros de La Florida, a produção orgânica que oferecem para o mercado da Tulpa é de: Café em pergaminho seco, mandioca, feijão, berinjela, amora, maracujá, pepino combro, uva, lulo, abóbora, lima, coentro, habichuela (*Phaseolus vulgaris*), tomate, tomate cereja, laranja, pimentão vermelho e amarelo, cebolla de bulbo, ervilha, milho choclo, e chauchilla (*Cyclanthera pedata*), segundo os planos de plantio, e muitas espécies mais para cumprir com o plano de plantio de La Tulpa, mas tem outras plantas mais, para consumo próprio e para venda em outros canais de comercialização. As visitas foram feitas nos sítios de Milena, Sonia, José Luis, Ana Alicia, Billy e Doralia.

A primeira visita foi no sitio da Milena, localizada no corregimiento Tunja Grande, próximo do centro povoado. No sitio dela, de clima cafeeiro, ela tem uma estufa, na qual tem um plantio de pepino e uva, também tem uma área de maracujá, assim como a área de compostagem. No sitio, os pais dela, tem café associado com árvores e bananas, e o seu irmão tem um processo, de várias abelhas nativas que estão inseridas dentro destas culturas. A Milena, é filha de agricultores, não teve muito contato com agricultura, sempre esteve na casa, fazendo atividades de casa e de cuidado, da sua irmã e da sua mãe, e em atividades da sua religião. Foi depois, de adulta, quando a traves de um curso de agricultura orgânica, de produção de tomate e se juntou com os seus companheiros de aula e de plantio, de comida sadia, e se enrolou. Apesar, dela achar que não sabia muita coisa, ela atualmente tem assumido a tarefa de continuar com o processo próprio, de plantar hortaliças e frutais. Ela considera-se uma pessoa reservada e tímida, mas o processo da agricultura tem mudado a sua vida, o grupo de agricultores (as) da agricultura orgânica, lhe deram uma confiança de relacionamento que não sabia que podia ter, graças ao estilo de pessoas que colavam nesses processos. Ali fez amizade com as pessoas de La Tulpa.

As atividades que fizemos esse dia, foram poucas, devido a que extraordinariamente esse dia choveu. Nós conseguimos visitar a área de pepino, que teve uma doença fúngica (tal vez, pelos sintomas que afetava o caule, pode se associar a *dumpin off*), e esse dia o que fizemos foi tirar as plantas que tinham morrido e preparar a área para a seguinte plantio, e para não afetar a cultura da uva que está no mesmo espaço e que está crescendo bem; também de ver a possibilidade de colocar uma cobertura permanente que permita assegurar um pouco mais o equilíbrio no solo, de seus microrganismos. Falamos sobre fazer atividades de rotação, para evitar a incidência na nova safra da mesma doença. A área de maracujá sofreu por um primo parceiro, que fez uma poda drástica num momento errado e afetou drasticamente o desenvolvimento da cultura, inclusive matando várias plantas. Ela atualmente sofre de várias dores, por uma doença, a artrites, que também tem diminuído a atividade física, o que influencia também na diminuição que pode colocar nas atividades de plantio, mas a sua amiga e produtora de La Tulpa, Sonia, também tem ajudado ela, igual que os seus outros companheiros do grupo local.

A seguinte visita, foi feita à companheira Sonia, também inserida no mesmo ecossistema, na vereda Casapamba do mesmo corregimiento, uns 15 minutos da casa da Milena. Ali a gente foi num lote na casa da mãe dela, a uns 2 ou 3 quilômetros, da sua própria casa. Nessa área, a gente foi colher café, a última colhida da safra. Depois disso, nós fizemos uma soca, para estimular o crescimento de novo das plantas, para um novo processo de desenvolvimento dela. Depois dessas atividades voltamos para sua casa, onde pudemos conhecer a área que ela tem ali. Com várias linhas de café agroflorestal (Figura 23. Esquerda), uma área de produção de cuyes, milho, feijão, abacaxi, mamão, laranjeiras e limoeiros, aromáticas, peixes, e muitas outras coisas, em uma área que não supera um hectare de terra. É dessa área que é produzido o café que vende a associação. A Sonia além de ser produtora de café, está no grupo de transformação, e é a guardiã das sementes de seu grupo local. Neste sistema produtivo, do seu sitio, pode-se dizer que está todo interligado, a produção do esterco dos cuyes, oferece adubo para as culturas, a água do tanque dos peixes, está conectada a uma mangueira, a qual distribui por gravidade, água para as culturas que estão plantadas embaixo. As linhas agroflorestais, tem espaço uma entre as outras para plantar cultivos semestrais, e estão plantadas contra a inclinação do lote. Além de falar que tem cobertura permanente, e uma área de mata que se conecta com ela.

Na vereda Chapal do corregimiento de Matituy, visitei aos produtores Billy e Doralia, casal, ambos produtores associados a La Tulpa, pude conhecer a proposta deles, de um sitio agropecuário interconectado, pois tinha produção de galinhas, porco, vaca, coelhos, cuyes e peixes (cachama), patos, gansos (todos eles pensados além da produção de alimento, na produção de esterco), café e uma estufa com muito tipo de plantas, como várias variedades de tomate, pimentão, berinjela, pimentas, aromáticas, ervilha e flores. Billy e Doralia, foram produtores durante 24 anos, de tomate convencional, baixo o esquema coberto, em estufa. Depois, de sofrer durante muito tempo, e de perder muito dinheiro, conheceu a agricultura orgânica, com a Cristina e Nicolas, e depois de tentar e ver que podia se produzir, decidiu continuar com a produção sem venenos. No sitio deles, o trabalho consistiu em pendurar as plantas de pepino que tinham plantado, com cordas para guiar ele no seu crescimento. Também colhemos

pimentão, pepino e feijão que estava pronto, para o mercado da Tulpa que tinha que sair esse dia para Pasto. Também demos alimento para todos os animais. Tudo isto num espaço bem pequeno, que além da produção tinha uma área de reserva e um sistema para colher água chuva.

Na área de Billy e Doralia, estão conectados os diferentes agroecossistemas, possibilitando que exista um incremento da produtividade nas relações ecológicas, e fluxos de informação, nutrientes e de energia, uma grande diversidade em diferentes sentidos. As transformações que eles falaram que tem feito, nos últimos 8 anos, tem tido, segundo o visto, uma grande mudança, do que foi um sitio dedicado a exploração de uma monocultura de tomate. Pois é evidente que a área sofreu uma diversificação, o qual deixa pensar que nunca teve esse uso. O solo está coberto, os pequenos espaços que tem, estão bem aproveitados. Apesar, do trabalho árduo deles, durante seu processo nos últimos anos, o que eles comentam, que um efeito que estão vendo é a mudança do clima, que tem mudado erráticamente, e que muitas vezes, consegue afetar as culturas, chuvas muito fortes, e em momentos inesperados, épocas de seca mais fortes e mais prolongadas. Eles acreditam muito, no cultivo em estufa para diminuir o risco para as plantas que as mais susceptíveis desses efeitos. Billy é o campesino que lidera o acompanhamento na produção de todos os produtores (as). Ele já tem se formado em diferentes espaços nacionais e internacionais, para poder assumir esse reto. Doralia, é uma produtora sobressaliente da associação, em produção de ovos, por meio, do pratica de galinha feliz.

No acompanhamento a dona Ana Lucia, o trabalho foi feito com a sua filha e o companheiro dela, devido a que ela, pela sua idade, esses dias estava indisposta para o trabalho dentro da estufa, e com o forte calor, que estava por esses dias fazendo. Com a sua filha (irmã da Doralia), trabalhamos em dar alimento as galinhas e cuyes, das quais tem uma grande produção. Depois, continuamos com o processo na estufa, de pendurar pepino, para guiar seu crescimento. Finalmente, na área associada de café e banana, fizemos um manejo de tirar as folhas velhas das bananeiras e capinar as ruas entre o café. Estas áreas também estão bem acompanhadas de mata secundaria numa parte de seu contorno. Igualmente, a ênfase que tem a área, assemelha-se a intenção de conectar todos os agroecossistemas entre si. Tem corredores ecológicos marcados, e presença de inimigos naturais como vespas, nas áreas de cultivo.

A última visita, na zona de La Florida, foi feita no sitio manejado associado Jose Luis Pasichana, e a sua família. Neste lugar, pudemos trabalhar com José em duas atividades principalmente, a primeira foi a instalação de uma cerca, para uma área que ia a entrar em produção, depois de estar com as galinhas adubando, adicionalmente fomos a pegar numa outra área, do seu pai, a erva para alimentar os cuyes. E segunda atividade, foi o plantio de feijão, numa outra área. Este sitio onde vive e planta José e Tatiana, sua companheira, tem uma grande quantidade de plantas cultivadas, o Babaco (*Vasconcellea × heilbornii*; sin. *Carica pentagona*), - uma fruta que não conhecia e que fiquei apaixonado por ela -, chachafruto, abacaxi, forramgens, cana, tomate de árvore, amora, arvores de urapán (para sómbrio), e pelo menos outras tantas, que podem estar ao redor 36, segundo a caracterização de 2023, em áreas bem diversificadas, pelas palavras dele, a natureza, tem ensinado a eles, que o associao de plantas, é o que dá certo.

Tem áreas, de lavoura, de reflorestamento ou proteção ambiental (uma área planejada, por eles para fazer floresta, habitat de aves, que também tira elas da lavoura de milho que as vezes elas comem), e áreas de pastagem para o gado. Uma abordagem que tem este sitio, é a diversidade de áreas, voltadas para produção de galinhas, com o cuidado especial de Tatiana, quem também faz parte do grupo de mulheres de Galinhas poedeiras de La Tulpa. Essas áreas diversas de galinheiros (Figura 23. Direita), inclui uma área, dividida em 6, onde tem plantadas diferentes tipos de forragens para o alimento, delas, e na qual, fazem rotação de áreas, como alfalfa, nabo, ray grass, e outra área, com galinheiros moveis. Em definitiva, o sitio, está pensado em oferecer, comida para todos os animais, tanto silvestres, para eles, e para os consumidores de La Tulpa. O José, é um dos produtores (as) de La Tulpa, que só se dedica as atividades agrícolas, vendendo sua força de trabalho, e com os ingressos que são gerados no seu sitio. Também é necessário mencionar, que este sitio, pertence a um irmão de José, onde um coloca a terra e outro o trabalho. Esta situação, pode dificultar em algum momento, a continuidade de processo agroecológico, neste lugar.

Figura 23. (Esquerda) Sistema produtivo da companheira Sonia (Direita) Galinheiro móvel, no sitio do José Luis em La Florida, Nariño.



Fonte das imagens: próprias.

Diante dos efeitos da agricultura tecnificada, como a poluição de águas, ar e o desmatamento, e das intenções de priorização das zonas, nas quais moram as e os associados de La Tulpa, de mineração, estipuladas pelo próprio Estado, mostra com suficiência, os efeitos do modelo hegemônico, e seus efeitos. Nesse sentido, as ações da agricultura camponesa – orgânica, em fortalecimento dos processos agroecológicos, como é esta associação, são importantes. Dentro de paisagens produtivos simplificados e dependentes de agrotóxicos, como é comum, dos estabelecidos, em La Florida, uma rede local que reforça atividades baixo o paradoxo da sustentabilidade, saúde, autonomia alimentaria em função da diversificação produtiva, mostra sintomas de uma proposta conjunta, na qual a solidariedade e o esforço coletivo mantem parte do processo ativo. La Florida é o lugar se fornece a ideia primaria de uma organização de comercialização orgânica, que desembocou no que hoje é La Tulpa, e que com vários momentos de altos e baixos, de saídas de membros que iniciaram este projeto coletivo, mantem uma proposta de sítios que se mantem na ideia da produção orgânica, interligados, apesar das dificuldades. Este é um grupo local muito unido, que se apoiam nas dificuldades, o que mostra uma fortaleza importante e inerente dos processos camponeses.

San Lorenzo

No caso da visita à zona San Lorenzo. Uma das primeiras coisas, que chamou a atenção, fazendo o foi trajeto em moto, desde Pasto até a Cabecera Municipal, e depois, até o primeiro, dos quatro sítios visitados, foi a paisagem. A vigem foi feita pelo município de Chachagüi, no qual faz divisa, com San Lorenzo, como já foi falado, numa região, que o ecossistema é justamente o Bosque Seco Tropical. Chegando na vereda San Vicente, do corregimiento del Carmen, o ecossistema muda, a bosque umido. O que quero trazer, neste momento a esta discussão, é a existência dessa zona de transição neste município, e as possibilidades que Corponariño (Corponariño e WWF – Colombia, 2016) e a Governación (Gobernación de Nariño, 2019) fala que tem risco de estiagens, nas épocas secas; e deslizamentos e alagamentos nas épocas de chuvas, e que nestes ecossistemas o efeito é diferenciado, e suscetível de ter maior impacto, pela susceptibilidade derivada das práticas humanas, a relação com os ecossistemas diretamente, e das práticas agropecuárias (Alcaldía Municipal de San Lorenzo, 2024). Por exemplo, o sitio do Roberth Paz e seus irmãos, está na transição entre os dois ecossistemas, igual que o sitio do companheiro Angel, que na parte baixa da vereda, apresentasse este mesmo ecossistema; estes são lugares que desde uma perspectiva, estão na faixa de risco a ampliação da desertificação. Com isto, quero trazer, que o fator climático, é uma situação que neste município, especialmente, tem uma relevância maior.

No caso da produção das companheiras e companheiros de San Lorenzo, a produção é de: amora, maçã (*Malus domestica*), farinha de banana da terra, óleo de abacate, abacate variedade hass, mara-curuba (enxerto de maracujá e curuba (*Passiflora tripartita*)), mamão (*Carica papaya*), rapadura pulverizada, banana da terra verde (imatura), banana, babosa (*Aloe vera*), pepino doce (*Solanum maricatum*), limão cravo, pitahaya, manga, cacau doce e cacau amargo (transformado), segundo os planos de plantio, e muitas espécies mais para cumprir com o plano de plantio de La Tulpa, mas tem outras plantas mais, para consumo próprio e para venda em outros canais de comercialização.

Voltando para as visitas, o primeiro que quero trazer, é a dinâmica das visitas que foram propostas por o mesmo grupo, pois quatro produtores (as), decidiram trabalhar conjuntamente, nos 4 sítios. Estivemos uma semana juntos, e trabalhamos conjuntamente durante este período, para fornecer as atividades que todos estavam precisando. Uma outra atividade que teceu, as visitas, foi a aplicação da avaliação SPG, em cada um dos sítios, com o fim do que os e a produtora, lembrassem todos os critérios de avaliação, avaliar, e logo levantar questões e melhores sobre esse exercício. Segundo, o falado nestes dias, eles e ela, costumam trabalhar na medida do possível, desse jeito, juntos, as vezes todos, mas sempre com os que podem. Os sítios de Maria Isabel, Angél e Oveidis estão localizados no corregimiento de El Carmén, em veredas distintas, mas próximas, umas das outras. O sitio do Roberth, está na vereda Santa Helena, no corregimiento de Salinas, afastado do resto, com um ingresso difícil com carro ou moto, que vira inacessível, na época de chuvas fortes.

A primeira visita, foi no sitio do companheiro Oveidis. Nesta visita, trabalhamos em função da instalação do vermicompost e do exercício de avaliação do SPG. Neste sentido os materiais foram fornecidos pela ONG Saberes Compartidos, por



Fonte das imagens: próprias.

A segunda visita teve lugar, no sitio de Maria Isabel, a única mulher dos associados, mas como foi relatado, não a única em ação, no grupo estendido das famílias. A companheira Isabel, mora com seu marido, e se filho, mas tem uma filha que está terminando os seus estudos de ensino superior em Pasto. A área de trabalho está dividida em várias pequenas parcelas espalhadas, na vereda San Vicente, 3 pelo visitado esses dias, motivo da herança, e da terra do seu companheiro. A principal, ao redor da casa, onde moram, onde tem a horta, e as espécies menores, os cuyes e as galinhas, patos e gallinetas (*Numida meleagris*). Uma outra área que visitamos, onde está a cultura de banana que vai para La Tulpa, na qual fizemos a avaliação do SPG (Figura 24. Direita superior), e uma outra, um sitio maior, no qual está em transição para a agricultura orgânica e onde tem mais culturas, gado e uma área de reserva.

Nós visitamos os dois primeiros espaços. O trabalho fornecido pela equipe, que fizemos durante essa semana, foi restabelecer a área de plantio da horta. Se fez a retirada, do capim, umas mudas que dona Isabel tinha em sacolas, movimentamos a terra e fizemos os canteiros, com ajuda do bambu, para elevar os canteiros, e ter uma área para ser plantada. Deixamos o solo coberto com material seco, para que ela tivesse tudo prontinho para plantar. Além disso, fizemos um cercado da área para que as galinhas, que neste caso são muitas não mexeram no trabalho feito, nem na horta quando ela estivesse plantada. O resto da jornada esteve em função de visitar a área do plantio de banana, segundo espaço mencionado acima, para aplicar o questionário do SPG (Figura 26. Esquerda). Nesta área existe uma associação com frutais dos citros, e uma área circundante de proteção e reserva florestal.

A terceira visita foi feita, no sitio do companheiro Angél, na vereda San Clemente. Nesta oportunidade, nós encontramos para a preparação do adubo multimineral. Para fazer-lo, pegamos o esterco de galinha e de cuy, já tratado, tempo atrás; microrganismos líquidos diluídos, colocados num pulverizador costal, sais de potássio, magnésio, enxofre, farinha de roxas, e cal. Nesta preparação pegamos a matéria orgânica, umedecemos com água, enquanto aplicamos os microrganismos, e as sais, misturando com pás, até chegar uma mistura homogênea. Esse dia preparamos e embalamos umas 21 sacas de 50 kg, pouco mais de 2 toneladas. Esse adubo vai ser aplicado, numa nova área de horta de frutas, que quer implementar o companheiro.

O resto da jornada foi dedicada para a avaliação do SPG. O sitio do companheiro Ángel e a sua família, porque ele está se encarregando da renda familiar, tem

diversidade de culturas, entre as quais destacasse o café, mamão, várias espécies de citros, várias bananas, árvores nativas, e cana panelera, todas bem diversificadas, com áreas divididas –conectadas ecologicamente por muitas espécies arbóreas de diferentes idades e estratos. Tem área de galinhas, soltas ao redor da casa, e uma área de peixes, para venda e autoconsumo, esta última com mata ao redor, e da qual serve-se para fazer irrigação de culturas também. Eu já tinha conhecido antes, este sitio, numa visita feita para a atualização dos custos de produção que está fazendo La Tulpa. Aproveitando isto, fomos a explorar um pouco mais a área, sobre toda aquela de transformação da cana, para fazer rapadura.

O companheiro Ángel, tem seu próprio trapiche, onde ele e os camponeses da região, transformam a cana em rapadura, guarapo, suco de cana, entre outros. Ele, também fez incursões, na pulverização da rapadura, por meio de um curso com o SENA. Ele tem várias caixas de várias espécies de abelhas nativas, principalmente a angelita (*Tetragonisca spp.*), da qual extrai o mel. Também faz, de maneira artesanal, várias misturas de mel, plantas e frutas, com destilado alcoólico de cana, que na região é conhecida como chapil, pelo qual faz remédios, para curar doenças da sua comunidade. Ele é um tipo de fitoterapeuta tradicional. Um dos seus irmãos, apresenta uma capacidade física diferencial, uma outra parente, a tia de avançada idade (93), o seu pai (87), tem diminuído a carga de trabalho drasticamente. Das atividades econômicas que desenvolve o companheiro Angel, depende a economia familiar.

A última visita em ser feita, foi ao sitio de o companheiro Roberth Paz. A chegada ao sitio não é fácil, mesmo nessa época seca, que estava acontecendo na região. O que faz me perguntar, como que a família Paz, faz para sair toda a semana para levar os seus produtos ao mercado do centro povoado de El Carmen, ou para Pasto. Esses dias que estivemos trabalhando ali, no sitio agroecológico La Victoria, estivemos preparando um adubo multimineral também e aplicando também na área da cultura de cacau. Esta área, um plantio agroflorestal diversificado, conta com muitas espécies de arbustivas, árvores, medicinais, coberturas, frutíferas, além do cacau (Figura 24. Esquerda inferior), conta com mais de 60 espécies, nessa área. Existem outras áreas, como o galhineiro, a área de pastagem do gado, a zona de reserva florestal, das abelhas, da cana, e dos peixes; todas entretecidas, e com um grau alto de interconexão.

Os processos de áreas de descanso, da decisão e aproveitar as zonas pouco íngremes para o gado, e deixar várias áreas em sucessão natural, ampliando a área da margem do correio de água, faz sentir, que este, pelo menos olhando para as condições de cobertura da terra, a quantidade de diversidade, as características de recuperação de solos nas áreas de plantio, a integralidade dos agroecossistemas entre eles, deixa ver um processo agroecológico em um estado avançado, desde um olhar produtivo. Este é um dos sitios que não tem presença feminina. Os três irmãos são homens. Eles trabalham no sitio e também fazem a transformação do cacau, em barras de chocolate amargo e adoçado (Figura 24. Direita inferior) com a rapadura que eles mesmo produzem.

Durante o trabalho nestes sitios, nesses dias, em companhia deste grupo de camponeses, pude descobrir o grande carinho que se tem entre eles/ela; a vontade de fazer o trabalho que tem que ser feito, em companhia, curtindo, rindo, fazendo brincadeiras o tempo todo, comendo bem, e com a sensação de que o

trabalho que se precisava fazer, além de ser feito, foi leve (mesmo que demandasse força e se expor ao calor forte) num sentido, de ser fluido e de ser gostoso. Também pode se observar, se sentir e ouvir, uma preocupação e acompanhamento, da vida dos outros, uma preocupação pelos aspectos familiares e pessoais que atravessam a vida do outro, da outra. Vínculos fortes e apoios, que vão além, das práticas mínimas requeridas pela associação. Uma preocupação constante no grupo, é disponibilidade de água, que ainda não falta, mas que nas épocas de seca, começa a ter uma relevância importante para manter a água suficiente para os animais domésticos e para a casa, e as vezes para a irrigação.

Consacá

A seguintes visitas foram na Zona de Consacá, nas veredas de Cariaco Bajo e na vereda San Rafael. As duas veredas ficam embaixo da estrada que comunica os municípios de Yacuanquer, Consacá, Sandoná, La Florida y Nariño, mais conhecida como La Circunvalar del Galeras, pois da toda a volta ao vulcão. Isto significa que as veredas estão localizadas nas altitudes mais baixas do município e, mais próximas ao Río Guátara. Estas zonas, historicamente reconhecidas dentro da região por serem de alta oferta de produção agrícola. Isso pode ser visto, no percurso até os sítios das companheiras, áreas com pouca cobertura vegetal nativa, e com muitas áreas em plantio, de descanso ou em pastagens. É comum, também durante a época do ano que ocorreram as visitas, as queimas que são feitas, para o plantio. A área segundo, as companheiras se caracteriza pela produção de monoculturas de feijão, pimentão, tomate, tomate de árvore, milho, e a produção de gado e de frango e suínos. No caso das companheiras da zona de Consacá, elas tem plantio de ervilha, pepino doce, cidra (*Sechium edule*), ají (*Capsicum annuum*), batata doce, mandioca, arracacha, guandul, lulo, pimentão, cúrcuma em raiz e em pó, tomate de árvore, laranja, abóbora, gengibre em raiz, amaranto, orégano orejón, menta, limoncillo, anís, salsinha, rúcula, beterraba e alho poró (*Allium ampeloprasum* var. porrum) e cebollin (*Allium schoenosprasum*) para cumprir com o plano de plantio de La Tulpa, mas tem outras plantas mais, para consumo próprio e para venda em outros canais de comercialização.

A primeira visita foi feita no sitio da companheira Angie. Esta área é u microfúndio, ou nanofúndio melhor dito, com uma área de um quarto de hectare, com várias construções de vivenda dentro, devido a que esta área atende a vivenda para vários núcleos familiares de várias gerações: além da Angie e seu filho Samuel, a sua avó, tia e primos. Esta área também sofre uma pressão de urbanização, ficando cada vez mais um pouco desconectada de áreas naturais. Do lado, ainda tem algumas plantações convencionais e pastagens. Nesta pequena área principalmente Angie e a sua mãe, estão na frente da produção deste lugar. Nesta área tem uma horta diversificada com muitas plantas aromáticas - medicinais, uma outra horta alimentícia, morango, amaranto, galinhas (Angie faz parte do grupo de mulheres produtoras), a biofactoria, uma vermicompostera, algumas árvores frutais espalhadas, além de uma área separada e disposta para fazer um bosque comestível (Angie faz parte do grupo Minguer@s agrobosques), e outras árvores introduzidas que servem de cerco vivo.

As atividades que fizemos nessa oportunidade, foram a irrigação cuidadosa da horta das medicinais, as mimadas de Angie e as suas favoritas, lugar onde ela

medita. Depois fizemos a capiangagem das ervas espontâneas na horta comestível. Em seguida fomos a preparar microrganismos líquidos (Figura 25. Direita), para umedecer e misturar o material “fresco” (colocado faz poucos dias) na vermicompostera, para ajudar na sua decomposição e enriquecimento, e finalmente a alimentação das galinhas. Durante estas atividades, trocamos ideia sobre as problemáticas da vereda, a falta de água, a poluição devido a crescente atividade de criação de frango de carne, as mudanças que viveu a vereda com as monoculturas, entre outras. Angie é Engenheira Ambiental, e desde alí também ela fala dessas problemáticas, que vive ela, sua família e a comunidade. Esse dia, a companheira também participou no grupo de popança, no qual ela participa vários anos atrás.

A seguinte visita, foi na propriedade das duas associadas e irmãs, Vilma e Narciza Miramá. As irmãs Miramar, tem vários projetos em paralelo, são produtoras agropecuárias camponesas e transformadoras, lideram projetos ambientais, agroecoturísticos relacionados com aves silvestres, em qual a Narciza, é referente regional de observação de aves e defensora do habitat destas em sua vereda e município. Ao mesmo tempo tem um viveiro de árvores nativas, em associação com a ONG Impulso Verde. O sítio, tem vários agroecossistemas dentro dos quais destacam-se sistemas agroflorestais de diferentes tipos, frutais, de café e bosque comestível, tem áreas de pastagem, várias áreas em recuperação e conservação, várias hortas, e áreas de plantio de culturas semestrais.

As atividades principais desenvolvidas nesses dias foram, o manejo do bosque comestível (Figura 25. Esquerda), no qual se selecionaram dentro da *muvuca* feita, as plântulas que iam ficar dentro do sistema, ao mesmo tempo que capinávamos a área, o suficiente para deixar desenvolver as plantas selecionadas, que estavam precisando de sol, e também, deixar o solo coberto. Esta área foi resultado, da minga feita neste sítio, pelo grupo de Minguer@s de Agrobosques, do qual elas, também fazem parte. Este grupo composto por integrantes de La Red Agroecológica de Nariño (de associações de produtores de base), La Minga Agroecológica al Sur, professores universitários, funcionários públicos, etc., de várias zonas da parte centro e norte do departamento. Atualmente o grupo tem mais de 94 pessoas, as quais se encontram cada dois meses aproximadamente, para plantar um bosque comestível, nos sítios dos integrantes, com o fim de implementar práticas agroflorestais.

Depois fomos a colher mexerica, várias variedades, chuchu e banana da terra, e ovos (a companheira Vilma é parte do grupo de galinhas), para enviar para La Tulpa. No seguinte dia, fomos a fazer uma manutenção na área da composteira, e depois trabalho forte numa horta diversa, na qual fizemos várias atividades, capinar, transplantar, irrigar, colocar cobertura, preparar áreas para plantio, entre outras. Depois, no viveiro fizemos o plantio de sementes de Quillototo (*Tecoma stans*) e Guayacán (*Guaiacum officinale*), arrumamos alguns canteiros, e movemos umas mudas de uma área para outra, e fizemos a irrigação correspondente. Daí, fomos a fazer um percurso pelas áreas principais do sítio, seguindo a rota que elas querem constituir. Fomos para a área de café agroflorestal com árvores nativas, o mirante onde tem uma estrutura para olhar o cânion do Río Guáitara.

Depois também foi feita outra visita, complementar para compartilhar a experiência de aviturismo, na qual a companheira Narciza é uma experta camponesa. Nesta pudemos ver os efeitos da seca, e de como ao Río Guáitara, não chegam as águas das quebradas, também sua poluição, e os efeitos ambientais da queima, as monoculturas e a produção de galpões de frango. Além disto conseguimos identificar, pelo menos 14 espécies de aves, num percorrido que fizemos desde o sitio até o Río Guáitara, que a maioria, por não dizer que todo o trajeto, não tem área de mata, nem árvores. Uma constante nas duas visitas, foi que sempre parecia que ia a chover, mas as nuvens nunca pararam encima das veredas, continuaram o seu caminho para as partes mais altas da montanha, onde sim tem floresta.

Figura 25. (Esquerda) Companheiras Vilma e Narciza, no bosque comestible. (Direita) Preparação de adubo orgânico no sitio da companheira Angie em Consacá, Nariño.



Fonte das imagens: próprias.

A Zona Consacá, em especial estas veredas onde estão as companheiras de La Tulpa, são áreas duramente afetadas pela implementação de monoculturas, a estrutura ecológica principal está afastada delas, e os efeitos climáticos são mais fortes, segundo o falado com elas, uma vantagem é o distrito de irrigação, que permite mitigar a falta de água dessas partes baixas. Ao redor destes sítios tem poucos aliados, que tenham um pensamento e ação de cuidado, o que dificulta os processos, sobre todo no caso da Angie, que tem pouca terra, mas também no caso da Vilma e Narciza, que mesmo com um pouco mais de terra, o projeto de cuidado de aves, de água, de agrofloresta é mais difícil, se tem contrários nas suas fronteiras. Um dos interesses que manifestaram durante o processo de estruturação do perfil de projeto, é se juntar para fortalecer um processo coletivo, direcionado por elas, nas suas veredas, que consiga juntar pessoas dali, que tenham esse mesmo sentir, para ajudar a proteger e fortalecer seus sítios, fortalecer os processos locais e criar alianças que permitam também ajuda, que elas estão precisando ao redor.

Yacuanquer

No município de Yacuanquer, estão a penas duas companheiras, depois da divisão da Zona Yacuanquer – Consacá. As companheiras Liceth e Maritza, são as duas representantes deste novo grupo local, localizadas nas veredas de Tacuaya e Chapacual, respectivamente, veredas de clima temperado quente, próximas a parte baixa da montanha e do Río Guáitara. As companheiras se

caracterizam por estar encarregadas da produção de morango, goiaba, lulo, apio, limão cravo, laranja, abóbora, arracacha, cenoura, granada, batata doce, melancia, amaranto, banana chiro e cebola de bulbo (*Allium cepa*), para cumprir com o plano de produção de La Tulpa. As visitas das companheiras da zona Yacuanquer, foram feitas em dois momentos diferentes, devido a complicações na agenda da Maritza.

A primeira visita foi na propriedade da Liceth Pantoja, a associada mais nova, com apenas 23 anos de idade, ela é hoje em dia a assessora local da sua zona e da zona Consacá. A chegada, tem que ser dito é bem difícil, porque a sua casa é longe da estrada principal e a estrada de terra, não está nas melhores condições, ela mesma reporta dificuldades cada vez que tem que voltar ou sair do seu sítio. Dentro da visita fizemos duas atividades em lugares diferentes, a primeira foi feita na casa da sua família, do seus pais e dela, que estão construindo a casa familiar, pois moram em aluguel, e neste lugar fizemos a zona do compostagem, no lote onde vai ter o plantio da sua horta. Depois a gente desceu para o sítio produtivo da família, alguns quilômetros mais para baixo da vereda. Neste lugar de menor altitude eles tem um sítio mais isolado, com mata secundária, que eles e ela tem cuidado, neste lugar existem vários cultivos, como o café um bosque comestível, que também foi feito com o grupo de Minguer@s de agrobosques, tem peixes, uma área de hortaliças, e um mirante também, porque tem vocação agroturística.

A Liceth trabalha com turismo, principalmente com o aviturismo, é apaixonada pelas aves e quer que o sítio dela esteja nessa movida. Pelas características que tem o sítio, tem boas características para consegui-lo, um sítio com área natural, uma boa vista também para o cânion do Río Guátara, e muitas aves para ver. Ela tem se formado com a ADC, com os Cuidadores del Planeta, e gosta de participar ativamente nos processos de cuidado ambiental e de aves. Ela também pertence na mesma associação de aves Aviyaku, que pertence a Narciza. Fizemos um percurso pelo sítio, fizemos a irrigação das plântulas de cebola que está dentro do seu plano de plantio, e da agrofloresta. Depois fomos para o mirante, a construção e falamos sobre os planos que ela tem ao redor do sítio. Ela está interessada muito em misturar agroecologia e as aves, a sinergia que junta as aves na ampliação dos espaços naturais, e como a agrofloresta cuida dessas aves.

A seguinte visita foi feita na propriedade de Marithza Calderón e a sua família. A visita feita no sítio desta liderança e produtora camponesa e agroecóloga, foi em função de assistir a dois espaços. O primeiro, o do dia anterior, neste mesmo local, uma reunião com a Senadora da República Isabel Zuleta, do partido de governo, o primeiro da esquerda, na história da Colômbia, num momento que conjuntura política, ao redor de vários processos das reformas sociais de trabalho, saúde, pensão, agrária e outras mais. A Senadora, está na comissão quinta da câmara de senadores; esta comissão, dentro da estrutura do congresso é a comissão encarregada dos temas agrários, de ecologia e meio ambiente, uso de recursos naturais, distribuição de terras, recursos ictiológicos e de mar, todo o setor minero energetico.

Nesse sentido, a reunião tinha como objetivo falar um pouco como está a situação com avanço da reforma agrária, e as problemáticas que ela afronta nessa comissão de 14 senadores, sendo ela a única de esquerda, afim aos processos ambientalistas e agrários. A senadora foi eleita pelo Pacto Histórico, como

senadora, mas ela antes desta eleição era líder ambientalista no movimento de base social Rios Vivos, do departamento de Antioquia, frente a hidrelétrica de Hidroituango, que matou um dos três rios mais importantes do país, o Río Cauca. Ela também está encarregada e foi quem radicou o projeto de lei da agroecologia. O panorama foi desalentador, em muitos sentidos, porque deixa ver que o congresso não deixa avançar nenhuma das reformas estruturais que precisa o Estado para aceso a terra, entre outros. E a reunião também estava pensada em estratégias territoriais para mobilizar as discussões e ações para apoiar as reformas.

A segunda parte, da visita como tal, foi em base a visita as associadas de La Tulpa. Nesta ocasião fizemos as atividades de cuidado, o café da manhã, importante no diálogo do percebido o dia anterior, e como isso tem efeito no que as organizações pensam. Faltou dizer que Marithza, é uma líderesa camponesa, social e agroecológica, faz parte de múltiplas plataformas políticas, em diferentes níveis, tanto locais em Yacuanquer, como departamentais e nacionais, com o movimento agroecológico. Ela faz parte da Mesa Departamental de Dialogo y Concertación Agraria, Étnica y Popular, da Red de Agroecologia de Nariño e de La Tulpa, por só mencionar aquelas que tem mais relação com o contexto desta escrita. Depois do café da manhã, fomos com a mãe da Maritza, dona Fanny, para o galinheiro a retirar o esterco e fazer as pilhas numa área para fazer a compostagem, fizemos manutenção do teto do galinheiro. Anteriormente já tinha conhecido o processo produtivo do sitio, com a Escuela Campesina, quando fizemos os biopreparados, um sitio com uma horta, e uma área de café diversificada.

Sobre o processo das companheiras desta zona, são diferentes em tempos de desenvolvidos, e tem diferentes abordagens também, mas os dois com bastante potencial, um mais desenvolvido como da Marithza, e o outro por desenvolver, com a grande coincidência do apoio familiar. Mulheres bastante fortes e com grande espírito. Lastimosamente, não conseguimos coincidir com as companheiras de maneira conjunta, com o fim de discutir as coisas que elas podem trabalhar articuladamente, o que resulta em um olhar meu, que encontra diversidades e diferencias entre os processos de elas, mas que sem esse dialogo fica difícil, escrever conclusões dos seus processos como um tudo. Eu vejo complementariedade, em todo sentido, tanto de experiências, como de abordagens, que podem se potencializar uma da outra. Com relação ao contexto no qual elas estão envolvidas, que é Yacuanquer, são apostas agroecológicas que são oásis no meio do deserto que é o município. Uma proposta diferencial, do que é um efeito agressivo do desenvolvimento, e mais da agricultura tecnificada. A Escuela Campesina, os processos de educação ambiental e de cuidado de aves, como características e orientações destas produtoras, fortalece realidades alternativas em pessoas que se aproximam a essas apostas de formação, desde um olhar holístico, como são os sítios destas associadas.

Gualmatán

A última série de visitas, foram feitas no corregimiento de Gualmatán, na área periurbana de Pasto, tem linhas de ônibus da prefeitura que chegam até o centro povoado, o que implica concentração de mais infraestrutura civil e propriedades rurais menores. Este corregimiento, fica poucos quilômetros embaixo da linha divisória do Santuario de Flora y Fauna Volcán Galeras, é uma zona que está

mais alta (2800 metros acima do nível do mar) que o centro da cidade. É uma zona de clima frio, com um uso intensivo de zonas de pastagem e agricultura principalmente de crucíferas. No caso das companheiras do corregimiento de Gualmatán, em Pasto produzem couve flor, brócolis, alface de variedades lisa, crespa, batavia, morada, repolho morado e verde, alho poró, beterraba, espinafre variedade bogotana, salsão, ulloco, favas, kale, abobrinha, col china, acelga, rúcula, tomilho, calêndula, camomila, morango, ervilha, salsinha, rabanete, alecrim, orégano (*Origanum vulgare*), lavanda. Nesta territorialidade, localizada na área periurbana de Pasto, foram visitadas as companheiras Dora Lucia, Rita e Catalina.

A primeira das visitas, foi onde a Rita. Esse dia, nós fomos para a casa da avó, da Rita, ali, ela e sua família tem as espécies menores; fomos, e coletamos a erva para os cuyes, a suficiente para esse dia de manhã, tarde, e para o dia seguinte; colocamos o milho para as galinhas, e água para as duas coisas. Nessa mesma área, depois, pegamos o esterco já tratado dos cuyes, e nos dispusemos a plantar umas hortaliças, que tínhamos levado, para incrementar a área, da horta na frente desta casa, plantamos algumas aromáticas, tubérculos, hortaliças e umas abobrinhas, pegamos umas plantas de erva-luisa que já estavam estabelecidas e trasladamos, para uma outra área de cultivo, do pai da Rita. O resto do dia junto com ele, Rita, e o seu sobrinho Sebastian, plantamos umas batatas, transplantamos o erva-luisa e irrigamos a horta.

Neste espaço, pudemos compartilhar, além do plantio, papos sobre os processos de busca das raízes da Rita, a busca das suas ancestralidades indígenas Quillasinga e camponesas, um pouco da luta pela terra, a organização ao redor dessa luta, dos seus avós, as tentativas pela reforma agrária; a abolição dos resguardos indígenas, e a restauração dos direitos coletivos, e acesso a terra. Também ela comentou, várias coisas sobre como ela aprendeu a trazer essa memória com o cuidado da terra, justamente com retomando essas memórias que vivem, nas práticas próprias, que para ela são as mesmas práticas agroecológicas, por meio da sua avó, fazendo desde criança, ajudando no compostagem, capinando, ordenhando a vaca, plantando.

Também as mudanças das maneiras de produção, que viveu Gualmatán, passando do trigo, quinoa, de milho, favas, ocas e papa, para uma intensificação das crucíferas, de ciclos mais curtos, com todos os pacotes de agroquímicos, mudando a tradição produtiva, deixando de diversificar, de escalonar o plantio, e das espécies menores, e com ela a base alimentar. Parte da história de Rita, começou seu processo de produção, principalmente pelos processos de formação com a ADC, com o espaço de Herederos del Planeta, o processo do Coordinador Nacional Agrario (CNA), de Congreso de los Pueblos, dos processos camponeses, na Colômbia, os processos de luta dos e das Sem Terra do MST, em Brasil, e também de cuidado da água e a terra, e que isso fez ela, tendo terra, se chamar a coerência e colocar em prática isso que aprendeu com sua família e que fez ela concentrar a sua energia na produção orgânica, visando a agroecologia e aí o seu encontro com La Tulpa.

Na visita da Dora Lucia, fizemos o trabalho de capinar uma área que estava localizada, na casa da sua sogra, com quem tem parceria produtiva de hortaliças. A intenção dessa área na qual a gente estava trabalhando, era de fazer o plantio de ervilha. Nesse dia, além de tirar os restos de cultura que tinha sobrado dos

repolhos, a gente trocou ideia sobre os processos organizativos dentro da vereda, sobre o cuidado das sementes, e outros processos produtivos de plantação de tomate orgânico, que está trabalhando com outra associação que tem com as suas e seus companheiros da vereda. Comentou, como foi, o processo rompimento do grupo de transformação de La Tulpa, quem tiveram o seu local ali, na vereda, e alguns erros que se cometeram, com a seleção do espaço e a sua adequação, tomada de decisão de modificar a formula da pasta de tomate, que elas faziam artesanalmente, e que gostava muito, por uma que se acomodava as regras do Invima, e que os clientes não gostaram dela.

No caso, da visita da companheira Catalina, nós trabalhamos na construção de um galinheiro, que estava em risco de cair, e tivemos que refaze-lo desde o início. Ainda, sem trabalhar em ela, vi o processo de produção no quintal da sua casa, onde tem um de cada hortaliza. A troca de ideias com a companheira Catalina, foi pouca, mas conseguimos estabelecer um bom lar para as galinhas que estavam em risco de ser abatidas, pela estrutura que tinha antes.

Derivados das visitas, feitas nestes três espaços, pode-se dizer que, a paisagem de Gualmatán, são áreas de mosaicos produtivos entre áreas de monoculturas de hortaliças de ciclo curto (crucíferas principalmente), milho, favas, papa e pastagens, principalmente, dentro das quais, as vezes pode se dar uma rotação dessas áreas, com essas mesmas culturas. É comum, ver áreas de solo preparado, sem cobertura nenhuma, e com pouca área de mata ciliar, e pouca presença árvores, mesmo que sejam introduzidas, as vezes podem ser vistas, para uso de cerca do lote.

Gualmatán está localizado, embaixo do Santuario de Fauna y Flora Volcán Galeras, o qual é uma das fontes de área ecológica que está próxima (5 km do ecotono ou fronteira agropecuária). O avanço da cidade sobre a área rural do corregimiento, praticamente deixa ela inserida numa dinâmica periurbana, que combinado com a alta deflorestação, implica mais retos na conexão ecológica dos agroecossistemas. A pose de terra delas (sobre tudo da Dora Lucia e de Catalina) é pouca, e os vizinhos muitos deles, convencionais, dificultando a margem de ação, para diversificar a sua área (a qual já é diversa), para ampliar a área de conservação e tentar fazer uma ilha mais ecológica. No caso da Rita, o seu caso é diferente, não tem tanta pressão de venenos, na área da sua avó, e na área do seu pai, poderia estabelecer quebra ventos maiores e diversos, para poder incrementar a proteção e se conectar ecologicamente com o resto, esta última área tem a vantagem de ter uma mata ciliar do lado. Para finalizar, cabe ressaltar que na área do corregimiento, existem algumas fabricas artesanais transformação de argila, principalmente de telhas. Podem se ver algumas fabricas destas ao longo do caminho de subida desde a cidade para o corregimiento. Pode se ver destas fábricas muita fumaça saindo, constantemente, deixando perguntas sobre a qualidade do ar, e sobre qual é o impacto na comunidade sobre a economia local e as relações socioambientais que gera.

O panorama agropecuário de Gualmatán, indica uma situação, que gera susceptibilidade a condições de variabilidade climática, sobre todo dos eventos mais severos, chuvas mais fortes, com solos descobertos e plantio a favor da inclinação, pode gerar mais erosão. Assim mesmo, como é comum, o efeito dos ventos, o ar que viaja e não tem como diminuir a velocidade, bate direto, desseca o solo e gera erosão eólica, também são mais fortes as geladas e mais

frequentes, ar sem água desseca as plantas, sem esquecer o dano mecânico em plantas de porte mediano. Mais evaporação de águas superficiais, com rios descobertos. Vai incrementar a temperatura média, e mais com uma superfície de concreto que está muito próxima, como é a cidade. Em resumo, Gualmatan é uma área periurbana, com avanço de urbanização, que perde cada vez mais, uma estrutura ecológica, e aí, as condições para desenvolver uma agricultura agroecológica, pode verse mais limitada, se é contemplada a desconexão com a estrutura ecológica circundante já debilitada.

Das visitas pode-se concluir, que efetivamente todos os sítios, das e dos produtores de La Tulpa, estão encaminhadas na transição agroecológica, alguns mais avançadas que outros, como é normal em todo processo. Existe um componente comum além da produção orgânica ou agroecológica, que todos fazem, e é uma espécie de aposta pelo cuidado próprio e familiar e ou coletivo, que se representa ou excuta através das suas atividades, incluindo a agricultura, mas que também atinge outras áreas de sua vida, a maioria dos associados, tentam agir em outros cenários relacionados, como os espaços políticos, ambientais, de transformação, turísticos, tecido, popança solidaria e comunitária, e muitos mais. É evidente, que na maioria dos casos, isto tem relação com formação produtiva e política, que impulsiona uma ação diferenciada dentro e fora do sítio.

Este agir, é uma evidencia, de que as ações dos associados, e indiretamente e por consequência da associação, tem ações contra hegemônicas, tal vez não categorizadas por eles e elas mesmas desse jeito, mas com esse efeito, em suas territorialidades e comunidades. Ao ser uma associação sem uma continuidade territorial, essas ações, tendem a perder força de contundência, fora dos sítios, o que resta impacto maior, mas dentro dos cenários políticos e de participação nas diferentes esferas, mostram fortaleza de resiliência da proposta familiar nos processos de transição, e que busca se expandir, com parcerias entre as e os mesmos associados, com processos semelhantes.

As características produtivas orgânicas dentro dos sítios, são evidentes, apesar das dificuldades que traz justamente, o impacto da agricultura tecnificada e os estragos que ela faz, ambiental, econômica, cultural e socialmente, aos redores. Estes processos, com a ajuda das orientações do Billy, líder da parte de produção e com cada um dos e das assessoras locais, permite a continuidade da produção, processo que permite ingressos derivados da produção orgânica de cada associado (a), tarefa importante e pilar da organização. Este processo poderia ser complementado e fortalecido, com um processo que transcenda o olhar produtivo, mas que também o inclui, que é o olhar da transição agroecológica. A ferramenta já está em andamento, o SPG, que tem esse olhar. A importância é não ver o instrumento só como uma ferramenta de certificação para os compradores, se não também como uma base, para permitir tecer ações estrategicamente para fortalecer multidimensionalmente os sítios de todas e todos, em diferentes questões, fazer energeticamente mais sustentáveis os processos, é dizer, tecer os diferentes agro ecossistemas entre eles, e a sua vez, com os ecossistemas locais, restabelecendo a conectividade e os serviços ecológicos que esta interdependência permite recuperar. Olhar que La Tulpa têm, mas que precisa ser aprimorado e priorizado, pois as ações multidimensionais que ele pode atender, tem efeitos com impactos maiores em várias destas dimensões, e não simplesmente isoladas.

3. Depois dos dias de trabalho, nos sítios, de terminar as jornadas. Foram feitas as entrevistas com cada um dos companheiros e companheiras visitados, com um total de entrevistas 20 de 24 visitas. Todas as informações de vídeo, fotografia e áudio foram compartilhadas com os e as associadas, a fim de cumprir os objetivos destes materiais audiovisuais. Algumas experiências relatadas nas experiências das visitas anteriormente, estão baseadas, nestas entrevistas. Atualmente, o processo do podcast, está em fase de espera, pelas prioridades do pesquisador em terminar este documento e o artigo científico para poder me forma. Embora, já foram definidos os prazos de início de edição, 15 de maio. Já foi também cotizado o custo de edição de áudio, e imagens para o desenvolvimento do podcast. Foram, junto com a companheira Angie, trocados e combinadas estas ideias. A dia de hoje, estamos trabalhando na seleção da primeira entrevista a editar, que vai se o episódio piloto. Com o editor, já temos a estrutura do roteiro, da estrutura básica dos episódios, e definimos elementos de áudio adicionais que vamos a precisar dos sítios e dos territórios dos quais são as entrevistas.

4. Brindou-se apoio à modificação e ajustamento da ferramenta da associação para a avaliação multidimensional dos sistemas de produção dos seus membros, para a certificação de confiança, com base no Sistema Participativo de Garantia. Neste processo, a associação lidera o processo de reformulação e atualização do instrumento, no segundo ano da sua implementação.

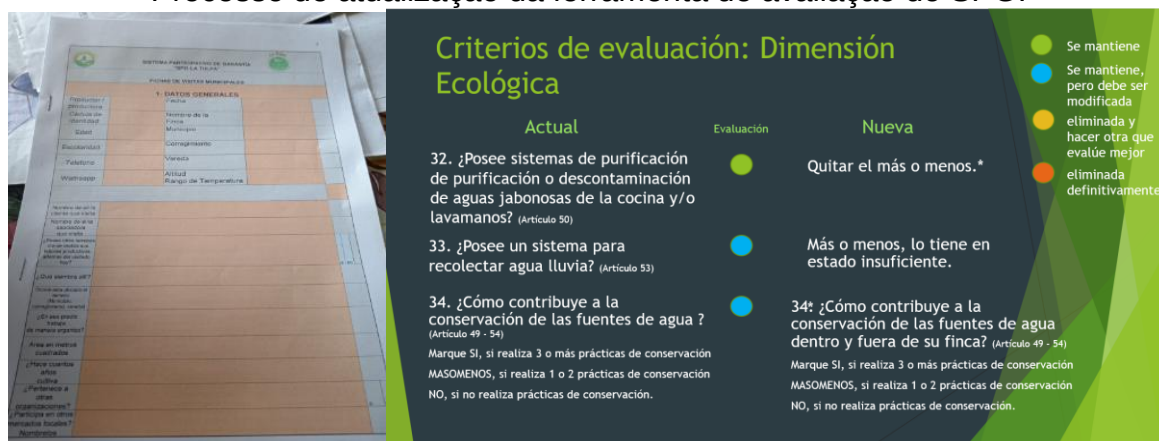
Durante o processo de fortalecimento do processo comercial, da associação e para aproximar os laços com os consumidores fiéis e terminar de convencer aos novos, criou-se a estratégia do Sistema Participativo de Garantia, que busca mostrar a confiabilidade que os alimentos da Tulpa oferece, nos seus métodos camponeses de produção orgânica e agroecológica. Desde o ano, 2021 vem se pensando esta possibilidade, e foi durante esse ano que se estabeleceu o documento de regulamentação, pela qual foi criada a normatividade, no qual se estabelecem os princípios multidimensionais (ecológica, responsabilidade, social, cultural e econômica) da produção e de transição agroecológica, dos e das associadas de La Tulpa, e com base nele, foi criada a metodologia de construção e aplicação da primeira versão do sistema de avaliação, da transição agroecológica, na qual se baseia o sistema de confiança. Já durante os anos, 2022 e 2023, foi aplicada, a primeira versão, que gerou os dados que são trazidos a contexto mais para frente, dentro do manejo de dados autoproduzidos pela organização, junto com as caracterizações dos anos 2021 e 2023.

Derivado desse processo, e diante da iminente atualização do certificado derivado do processo do SPG, que tem que ser feita, segundo o regimento, cada dois anos. Foi acompanhado o processo de aplicação de um simulacro na Zona San Lorenzo, e foi acompanhada a reunião de delegados, onde foi levantada a questão que devia se modificar o questionário, pois tinha perguntas que ficavam descontextualizadas para uma atualização (só faziam sentido a primeira vez), outras que não eram claras as formas de ser medidas; outras, nos quais os parâmetros de medição deviam mudar, e outras, que tinham que mudar a orientação mesma, entre outras questões.

Para tal motivo, foi criada uma metodologia, onde foram convocadas as camponesas (es) referentes de cada zona, para trazer as colocações das suas

companheiras (os), depois de ter debatido todo o questionário, e trazer as modificações pertinentes, que eles e elas achavam que tinham que ser efetuadas. Tal metodologia (Figura 26. Direita), foi baseada na revisão por semáforo de todas as questões do questionário, e fazendo a discussão entre os camponeses referentes, e chegando a acordos sobre as modificações feitas, e as coisas que deveriam se manter.

Figura 26. (Esquerda) Aplicação do formato do Sistema Participativo de Garantias no sítio da Senhora Maria Isabel, em San Lorenzo, Nariño. (Direita) Processo de atualização da ferramenta de avaliação do SPG.



Fonte das imagens: próprias.

O processo teve como resultado, a modificação da estrutura do questionário (da ordem de como vais ser aplicada a avaliação), e um total de 32 questões modificadas (22 da dimensão ecológica, 3 de responsabilidade, 3 da social, 3 da cultural, e 1 da econômica), em sua estrutura, abordagem, ou método de avaliação; 26 que se mantiveram iguais, uma eliminada definitivamente, uma nova questão orientada aos ingressos diretos derivados das vendas dos seus produtos no mercado de La Tulpa, e uma outra eliminada, mas feita uma nova para manter o sentido da anterior. As modificações foram feitas por os e as camponesas referentes, o espaço foi dinamizado por mim, fazendo perguntas orientadoras, e escrevendo as modificações. O resultado foi exposto e encaminhado para o resto dos e das camponesas. O novo questionário, será aplicado no 2025 para o processo de reavaliação dos processos dos sítios.

Dentro dos processos de avaliação do SPG, depois da aplicação, devem se ter em conta, as perguntas que permaneceram. A maioria das modificações, foram feitas na forma da redação e na forma de avaliar, mas medem as mesmas coisas. Os novos critérios, não vão ter como ter comparativo com o primeiro exercício, mas com certeza vai a ajudar a compreender o processo da transição agroecológica de uma maneira mais abrangente. É necessário, que os processos de avaliação conjuntos da informação sejam feitos, os dados que são resultado destes processos de fortalecimento, são ferramentas importantes para poder agir em consequência, dos resultados, ver fraquezas, oportunidades e assim, poder continuar com os processos de melhora, e mais quando esta é informação multidimensional.

5. Durante os meses de acompanhamento à associação, também se participou em vários espaços e eventos de comercialização, com o fim de compreender as dinâmicas relacionadas a esta dimensão, e mais quando dentro das preocupações principais, estão os resultados derivados das vendas e o

equilíbrio econômico da mercearia da organização. Como foi comentando anteriormente, La Tulpa, não consegue se manter economicamente, a fundação Saberes Compartidos, vem patrocinando alguns dos custos fixos da mercearia, como são os salários da equipe técnica e dos assessores locais, o aluguel das instalações comerciais, entre outros. Por outro lado, os custos que cobre a venda dos produtos, são de La Tulpa, e cobre custos como manutenção da mercearia, da van, pagamento aos produtores, eventos, entre outras; que não é suficiente para atingir o ponto de equilíbrio da associação, daí o reto e a grande preocupação da associação, vender o suficiente, em volume, para não ter que chegar a vender mais caro, para não elitizar os alimentos de La Tulpa, produtos orgânicos com preços justos, e poder em algum momento, chegar nesse ponto de autossuficiência.

Para entender as dinâmicas, da comercialização, em primeiro lugar tem que ser dito, que tem uma pessoa dentro da equipe técnica dedicada a este tema em particular, e deve se dizer, que dentro dos anos que tem La Tulpa, este posto de trabalho tem trocado de pessoa constantemente, e nunca foi assumido por um ou uma produtora, sempre é alguém externo a associação, dentro do que eu entendi, porque justamente é um a responsa muito exigente, dentro da visão dos e das companheiras camponesas, difícil de assumir e que requer uma preparação diferencial, técnica ou profissional. A pessoa nesta função encarregasse de fortalecer o processo comercial da associação como um todo, tanto as vendas na mercearia, como estratégias de venda a outros canais, como compras públicas, participação em férias, parcerias com restaurantes, fidelização de clientes, e um universo diverso, para poder melhorar a autonomia financeira da associação. Uma tarefa nada fácil, tomando em conta, o já dito sobre a grande oferta de mercearias locais, as quais vendem barato muitos dos produtos frescos que La Tulpa vende, e outros a mais, o que em comparação é uma competência bem difícil de igualar, pois muitos dos consumidores, ainda não associam as vantagens dos orgânicos.

Os espaços de comercialização que foram acompanhados eram muitos e diversos entre si, dias de venda normal da mercearia em dois pontos, no Bairro San Miguel e em Las Cuadras, depois da mudança; reinauguração da mercearia em num novo local, justamente de Las Cuadras; férias de comercialização dentro do mercado de La Red de Circuito Económico Solidário (CES) Enjambre; férias de comercialização da Alcaldía em lugares como o Parque Infantil, na Catedral de Pasto ou na Plaza de Nariño; e outros pontos de venda alternativos como, a Universidade de Nariño, sede Torobajo, ou no restaurante La Vereda. Muitas das vezes fui a acompanhar os processos da equipe de venda, e outras também como consumidor, com o fim de enxergar os dois lados do processo.

Sobre os dias de comercialização na mercearia, as vendas apresentam o pico, nas quintas feiras, devido a que os alimentos chegam esse mesmo dia de manhã, ao mercado, os clientes que acompanham o processo desde faz tempo atrás conhecem esta informação e é esse dia que é mais forte a venda. La Tulpa, também conta com as cestas, algumas delas enviadas por delivey, algumas destas ficam no local, para que os consumidores peguem a cesta depois. Esse dia, a mercearia permanece lotada, e um caixa as vezes não é suficiente. É comumente, o dia que todas as pessoas da equipe, mesmo que não esteja dentro das suas funções, todas ajudam na venta. A logística começa o dia anterior ou nesse dia cedo, quando a pessoa encarregada, neste momento Don Mauri, na

van da associação, vai pegar as caixas que chegam nas Chivas ou Buses Escalera (transportes particulares), que trazem desde os diferentes territórios, os alimentos, que foram enviados pelas produtoras o dia anterior ou esse mesmo dia. Ali uma equipe usualmente 3 ou 4 pessoas recebe todos os alimentos, e fazem um último arranjo (lavalos, pesalos, e acomodalos nas vitrines), antes de abrir o mercado.

Uma pessoa, encarregada leva as contas dos pesos, para ingressar os dados no software de ventas (o qual teve um processo de troca, pois era difícil de conseguir dados reais de venta e era lento, o que significou um processo de adaptação para toda a equipe), e gerar stock no sistema. O movimento mais forte termina as 15 ou 16 horas. Os seguintes dias de mercado, as atividades diminuem, já só precisa de uma ou duas pessoas no máximo, e vai se repondo a quantidade de alimentos nas vitrinas, que precisam. Desde a minha perspectiva, o processo de venta é bom, pois a associação conta com uma base de consumidores que conhecem os alimentos e os processos produtivos da associação, e confiam, é dizer, quem conhece sobre a diferencia dos alimentos orgânicos, versus os convencionais, pelo menos nos produtos e nas quantidades que podem segundo a renda básica, preferem La Tulpa. O problema é que La Tulpa, mesmo sendo referente dentro dos alimentos orgânicos, não é visível para o público comum, que não conhece sobre agroecologia ou produção orgânica, e é esse o gargalho da associação; além dos preços, que embora de não ser muito caros, os convencionais são muito baratos.

Uma outra problemática das vendas do ponto da mercearia, segundo os analyses mesmos, feitos pela equipe técnica, dentro das discussões de cada sexta feira, era o ponto de venda. Lembrar que o processo de La Tulpa começou com seu próprio lugar no bairro Boyacá, além de espaços alternativos em certos dias da semana como a Fundación Luna Crearte e Pucalpa. Depois por questões familiares da dona de casa que elas alugavam, tiveram que se mudar no ano 2023, para o local do Bairro San Miguel, ao qual faço referência neste momento. Este ponto de venda estava longe da maioria dos consumidores tradicionais ou mais fieis de La Tulpa, o que diminuiu as vendas, além de ser um ponto pouco comercial e visível para os transeuntes, pedestres ou motoristas. Depois de meses de diálogo interno e de consulta com os grupos locais, foi decidido procurar um novo espaço, e foi achado o espaço atual, no bairro Las Cuadras, muito comercial numa área onde a média dos ingressos dos habitantes próximos é maior, além de ser mais próximo da primeira casa da associação, o que até o dia de hoje, conseguiu recuperar consumidores antigos e até fazer novos clientes.

Uma outra experiência, foi aquela de acompanhar a reinauguração da nova casa de La Tulpa, no bairro Las Cuadras. Esta foi uma experiência diferente, porque esse dia vieram vários companheiros (as) de todas as Zonas, trazendo além dos produtos que já estavam na mercearia, trouxeram produtos transformados. Também teve uma grade celebração e venda de almoços, todos feitos com os alimentos de La Tulpa, teve a apresentação de banda musical tradicional e muitas coisas mais. Ao igual que os dias de inauguração do novo ponto de comercialização no restaurante La Vereda, que teve palestra por parte das guardiãs de sementes; venda de almoços, cuy asado, galinhas, artesanatos, venda de plantas, troca de sementes, entre outras coisas. Esses dias, são diferenciais, porque chama muito a atenção de novos clientes, e as ventas sobem

muito também. A diversidade de produtos, são mais, além tem a presença dos e das produtoras, compartilhando experiências e histórias com as e os clientes.

Sobre os outros espaços, que acompanhei por exemplo, aqueles que fazia a prefeitura ou a governação, usualmente tem a presença de outros e outras produtoras agrícolas, de café, hortaliças e verduras, frutas, e nestes espaços as vendas não são muitas, mas a visibilidade que dá estar nestes espaços reconhecidos pelas instituições, porque são muito convocadoras e publicitados. Embora, acontece o mesmo que com as mercearias convencionais, como são tantos produtores oferecendo os mesmos produtos, terminam se dividindo os clientes. Poderia se perguntar para os novos clientes que chegam na mercearia, se conheceram o processo em alguns destes espaços.

Uma outra experiência diferencial, dentro da participação da associação nos processos de comercialização, é o espaço da Ecoferia Regional da Red Enjambre, a qual se faz cada dois a três meses na cidade de Pasto, com pelo menos 19 organizações de economia solidaria e de processos agroecológicos, da região para abrir um espaço de dinâmicas de mercado diferencial. Este espaço conta com brechó, padaria artesanal, venda de produtos transformados como sabões, medicinais, produtos de limpeza, artesanatos, plantas ornamentais, imagens gráficas, e sempre mostras artísticas e culturais, entre outras; as quais são muitas lideradas por mulheres, e desde uma aposta de economia social e solidara, uma organização mais horizontal e de consumo responsável. Sobre as vendas, neste espaço não cheguei a saber muito, mas é um espaço de troca de experiências interessantes, e uma proposta de rede e circuitos curtos de comercialização e de confiança, que já tem consumidores que acompanham a ecoferia, cada vez que acontece. Uma surpresa legal, foi ver produtoras de La Tulpa, participando da Ecoferia, com outras organizações e associações em que estão, e que participam desde outra atividade, como as plantas ornamentais. Este espaço também pé fornecido por outra organização parceira de quase todos os processos agroecológicos, Fundación Suyusama.

Várias dinâmicas são uma constante no processo de comercialização. Tem vezes, por exemplo, que não tem alimentos disponíveis na mercearia, e existem outros nos quais, se perdem. A associação já tem identificado, quais são os produtos que mais ficam nas vitrines da mercearia, e estão tentando os últimos dias de atendimento da semana, fazer promoções para poder vende-los, mas não sempre dá certo.

Dentro das últimas inovações que a companheira de comercialização, Valeria, vem liderando, é as compras públicas e as alianças comerciais com empresas ou restaurantes. Uma dificuldade dentro das compras públicas é que, ainda dentro da política pública, não está direcionada diferencialmente as produções orgânicas e agroecológicas, só de pequenos produtores, categoria pela qual, La Tulpa está fazendo incursões nesta linha de comercialização. Isto expõe várias problemáticas, pois o olhar que tem a política pública, sobre os alimentos que vão ser adquiridos, é convencional: aparência, peso e semelhança (padrão). Entre os frutos, por exemplo, de laranja, mexerica e uvilla, que a associação está entregando hoje, estão sendo avaliados desde essa perspectiva, e não em caraterísticas próprias da produção orgânica (qualidade nutricional, épocas de produção), pelo qual, a associação tem que fazer muitos esforços para se adequar nestas exigências, as vezes sem poder cumprir. Coisas semelhantes

acontece com restaurantes e empresas, um olhar convencional de alimentos que tem outra proposta, outros motivos de serem.

6. Durante o processo de acompanhamento à associação, fiz parte das reuniões periódicas da equipe técnica, feitas nas sextas feiras, na Casa Tulpa. Nestas se discutem e analisam as problemáticas e tarefas que surgem nos processos da associação e da mercearia. A agenda da reunião é uma proposta conjunta a maioria das vezes, e em outras dependendo da urgência, é proposta por um ou uma integrante da equipe. Embora, sempre é discutida a proposta de pontos a serem falados, e também a ordem, na qual vai ser abordada a agenda, por meio do consenso.

Dentro das dinâmicas, das reuniões nas quais eu participei, durante os meses de março até novembro, teve muitas reuniões e muitas temáticas a serem faladas, mas as quais sempre eram o centro de atenção tinham relação com o tema de comercialização. Sobre esta temática foram abordadas muitas horas de reunião e propostas muitas alternativas, dentro das quais destacam-se as propostas de mudar de local da mercearia, mudar o software de vendas, buscar outros espaços de comercialização e alianças como a radio, universidades, as diferentes etapas do processo de avaliação de custos de produção, os eventos de comercialização nos quais participar, as compras públicas e com as fundações, a reinauguração, as promoções, e muitas outras questões que estão na atenção constante da equipe técnica, quase sempre era o tema central deste espaço. É um tema central das preocupações das pessoas da equipe, pelo menos nesta temporada.

Com relação à comercialização e ao processo de vendas, está a pare produtiva, dimensão que responde a essas buscas de melhorar as condições comerciais do processo. Nesse sentido, as discussões recorrentes eram sobre os novos planos de produção, sua implementação e as dificuldades relacionadas. Várias dessas preocupações sobre o processo produtivo, estavam relacionadas com a seca que estava generalizada em todo o departamento, falta de semente ou plântulas para começar o plantio, em alguns lugares, e dificuldade em comunicação com outros produtores, observações derivadas do assessor da equipe técnica. Outras temáticas importantes e relevantes foram o seguimento ao processo do projeto de Saberes Compartidos, para a implementação das vermicomposteras, para todas e todos os associados; dinâmicas internas do atendimento da mercearia; e temáticas relacionadas com assistência a eventos, reuniões de grupos locais, e de delegados, em geral.

Como participante ocasional e externo, observei e detalhei algumas dinâmicas dentro do relacionamento da equipe técnica, e sua relação com o resto de associados, algumas destas observações reforçadas por diálogos com algumas das integrantes tanto da equipe, como dos associados fora desta. Me permito neste sentido mencionar as mais relevantes, aclarando que é uma perspectiva, um olhar e que é isso, e não uma verdade. Faço estas observações também com o ânimo de somar elementos de análise desta pesquisa, e sobre todo para somar ao processo de La Tulpa, um ponto de vista diferente ao deles e delas mesmas, e que espero que seja tomado desde uma perspectiva crítica do meu processo como acompanhante, mas também desde uma perspectiva construtiva do que aconteceu, desde minha vivencia, nos processos da equipe. A continuação, são enunciadas e explicadas as características gerais, destas observações que consegui enxergar, neste espaço.

- Existem algumas disparidades na relação de forças entre os integrantes da equipe, no momento de falar e colocar a opinião sobre os outros. Estas disparidades são evidentes quando a pessoa a qual quer impor sua opinião tem mais antiguidade ou é mais velha. Essas disparidades, se refletem em não visibilizar o parecer, opinião ou trabalho da outra; não se deixa falar livremente, constantemente se interrompe, ou nem presta atenção sobre. Embora, as relações de força, na questão de gênero não é representativo, acho porque dos integrantes, a maioria são mulheres, o que equilibra suficientemente esta disparidade que se dá comumente em outros cenários.
- Todos e todas querem o melhor para associação, desde a sua percepção. É comum, em todas as falas, independentemente de quem use a palavra e faça a colocação do seu sentir e pensar, que quer o melhor para o processo de La Tulpa, tanto da sua atividade em específico, o que fazem dentro da sua função, mas também é frequente que queiram fazer bem para que os outros processos dos e das outras companheiras também sejam melhores, para que a associação também possa sair bem. É uma constante, mas também, e certo, que muitas das ações e pensamentos, dialogam pouco com outras formas de ver uma mesma problemática.
- As vezes a escuta não é tão efetiva e afetiva. Dentro do que acabou de ser mencionado, em alguns momentos, a pesar de ter momentos de participação de todas e todos, a escuta é difícil, tanto receber as informações que a outra pessoa está expressando, como receber sem leva-lo ao mal, ou sem uma intenção negativa, do que a outra pessoa quer expressar. Nesse sentido, as vezes o que está sendo falado, comumente é mal interpretado, o que dificulta os processos de diálogo e concertação, atrapalha sem querer, o processo da reunião e de chegar acordos. Não sempre é assim, mas quando acontece, ocorre desse jeito.
- A maior parte do tempo as pessoas da equipe têm sobre carregamento de muitas atividades, e pressão. Dentro das funções e das coisas que vão aparecendo no dia a dia, na associação, tenho percebido, que os e as companheiras, em geral, as companheiras que estão na mercearia, tem muita pressão e muitas atividades para cobrir, o que gera pressão, e que pode até, levar elas a se desequilibrar anímica e energeticamente, e isso se reflete nos espaços onde podem e devem expressar e defender os resultados do seu trabalho.
- O diálogo interno entre alguns dos integrantes da equipe é mínimo ou inexistente, sobre todo em processos complementares, como produção e comercialização, o que impede processos internos se conectarem mais eficientemente, no dia a dia.
- Continuando com os processos de comunicação interna, as coisas pessoais, as vezes entram muito desde onde as pessoas se referem dos assuntos de trabalho, e que não pertencem nessas discussões. Eu acho que tem a ver, pelo que tenho percebido, é que as coisas ficam sem ser faladas fora das reuniões, e ficam sempre essas sensações do calor da reunião sem ser resolvidas na hora, e se alimentam os mal-estares, daí

que nos espaços de trocar ideias, esse mal-estar seja trazido, e se fale desde ali. E que, colocando as dinâmicas de diferenciação de relações de força já expressadas, isso gera maior frustração, e se toma como algo pessoal, assim isto seja sobre as atividades laborais relacionadas com La Tulpa.

- Às vezes, o tempo marcado para desenrolar as discussões e tomar as decisões, não é suficiente, ficam coisas por discutir ou sem discutir, e não tem fechamento claro. Isto acontece, muitas vezes, porque pelo menos, as sextas feiras, o fechamento da mercearia demora, os integrantes da equipe que não estão demoram em chegar, e sempre atrasa o início, quando chega um horário no qual alguns deles preferem sair, as coisas as vezes, quando estão se discutindo, acabam de repente, sem soluções de fundo, só de forma ou momentaneamente.
- Mesmo com todas as dificuldades mencionadas, e sem restar valor a todo aquilo que fazem os e as companheiras da equipe, para manter ativamente a associação, é de ressaltar que tendem a fazer aquilo que marcam como um objetivo. Se denota uma entrega de todas as integrantes em fazer as coisas ocorrer, inclusive, como foi falado, se colocando as vezes mais responsabilidades, ou se disponibilizando a ajudar em coisas que precisem uma atenção urgente ou maior. Muitas das gestões, projetos, espaços de representação, alianças, parcerias, e demais coisas, tem a ver com as atividades que fazem todos os dias elas e eles, e mantem a La Tulpa, onde está, claro também pelos processos produtivos que elas mesmas fazem, como todos os e as outras companheiras da associação. Dos resultados das discussões da equipe, é muito frequente que as conclusões sejam levadas a ações, é dizer, os objetivos marcados, com dificuldades e todo, são atingidos.
- Agora para trazer um elemento de comunicação externa, falando com as associadas, os companheiras e companheiros fora de equipe técnica, sentem que não tomam em conta as opiniões deles, e também que não sabem muitas vezes o porquê das decisões que são tomadas pela equipe. Poucos e poucas, leem as atas das reuniões e os informes mensais de cada companheira da equipe técnica, as quais são encaminhadas pelo grupo de associados de Whasapp.

Dito isto, a equipe técnica tem cada semana ou cada dois semanas, reuniões operativas que tem que dar soluções a coisas estruturais da associação e outras emergenciais, que tentam manter e melhorar as condições de todos os processos da associação, este é o cérebro onde são direcionadas para cada grupo local, para a assembleia, para cada função da equipe, para fora da associação informações e onde é dinamizada a discussão primeira de todo o que acontece ao redor de La Tulpa. É comum que todas as dinâmicas boas e não tão boas aconteçam, porque tem pressão de fazer o melhor, e as vezes mesmo tentando fazer o possível não da; e a primeira coisa é aceitar o alcance limitado de controle que tem sobre todo.

Tal vez seja necessário, neste processo oxigenar os espaços, pode ser necessário a rotação de funções, de pessoas dentro da equipe técnica, ou também gerar cada quanto, como foi tentado uma vez pela Angie, um diálogo

diverso e com cuidado, para tentar deixar coisas pessoais claras e continuar com o processo coletivo. Outra coisa que foi boa são os espaços de harmonização da equipe, com temazcal e outras medidas que consigam lubrificar as relações entre os integrantes da equipe. Uma recomendação que eu acho necessária é encontrar métodos de diálogo mais efetivo com o resto dos e das companheiras da associação, como no lugar de enviar os documentos só, seja dos informes mensais ou das atas das reuniões, áudios de resumo, que acompanhem estes documentos, muitas e muitos dos companheiros são mais de ouvir que de ler.

7. Acompanhou-se a associação no exercício de atualização dos custos de produção, realizado com a contratação da Empresa Bioma: Sistemas Agroalimentarios Regenerativos, para reavaliar os custos produção, e consequentemente com estes, os preços de venda dos alimentos, visando gerar uma rentabilidade maior e justa para os produtores e produtoras da associação. Dentro desse acompanhamento a associação, participei numa das 5 sessões proposta pela empresa, na Zona San Lorenzo, para facilitar o processo da tomada dos dados, dos custos de produção de cada produtor, e de cada alimento que tinha relação com La Tulpa. Para conseguir esta informação, fizemos um repasso por todas as atividades, recursos que envolvem o processo produtivo de cada alimento. O resultado deste processo, levou a um análise específico para cada produto de cada produtor, baseado justamente nas informações subministradas por eles.

A tabela de preços foi ajustada e reavaliada várias vezes pela associação, porque muitas vezes não ficavam claros os métodos usados para o cálculo destes valores. Depois de vários feedbacks, (não só da equipe técnica, se não também dos e das produtoras, pois cada associada tinha a oportunidade de ver os seus resultados e manifestar sua inconformidade ou aceitação) a associação tem uma nova lista de preços, nos quais alguns produtos baixaram e outros subiram, ou se mantiveram igual. Numa reunião de assessores locais, foi tomada a decisão de aplicar o novo regime de preços começando o ano 2025.

Com base nos espaços de formação interna da associação, acompanhei alguns dos espaços de elaboração de adubos e bióis dentro do processo da Escuela Campesina, proposta de acompanhamento de camponês a camponês que faz, neste caso o assessor geral de produção, Billy Gómez, da equipe técnica, nas zonas, nesse momento Zona Yacuanquer – Consacá (antes de sua divisão). Durante a sessão fizemos pelo menos 9 biopreparados (Figura 27), dentro dos quais destacam-se, quelato completo, super magro sencillo, caldo arco biológico, lactobacilos, principio de bactérias ácidolacticas, humato de potássio, carbón activado, lactado de cálcio, e finalmente, caldo emulsión de cenizas. Nesta atividade, os insumos externos do sitio, como sais e sabão foram subministrados pelo projeto de Saberes Compartidos, os outros como os microrganismos, melado, cinzas e esterco, todo da produtora local. Neste espaço aprendemos, a preparação, tempos, usos, tipos e recomendações para a aplicação e o armazenamento.

Figura 27. Processo de preparação de bioinsumos dentro das atividades da Escuela Campesina de La Tulpa.



Fonte das imagens: próprias.

Além desta atividade, também teve, a discussão e concertação dos novos planos de produção, também liderados pelo assessor de produção da equipe técnica, e como resultado de uns acordos previstos no regulamento da associação, que dizem que depois de um certo tempo, devem se incrementar a quantidade de produção, neste caso de 50% com relação ao já implementado por cada um e uma das produtoras. Esta ação também é resultado de uma certa influência da Fundación Saberes Compartidos, para continuar com o processo de crescimento, dentro dos planos iniciais da associação.

Tem várias discussões em relação ao este novo plano de produção, alguns companheiros e companheiras não concordam com as novas quantidades que tem que estabelecer, nos seus lugares de plantio, primordialmente porque uma sensação general, é que muitas vezes os alimentos não são vendidos, e ficam dentro da mercearia como desperdício e não tem sentido, produzir mais, sem vai se perder; mas, assim mesmo, tem momentos nos quais a mercearia não tem alimentos, que os clientes querem levar, e não estão sendo produzidos, pelo menos não na quantidade que nesse momento é solicitado. Um outro argumento, neste caso do Billy é que se a associação não produz maior quantidade, não pode por exemplo, garantir a quantidade de alimentos suficientes, no caso de ter contratos de abastecimento com empresas, restaurantes ou compras públicas, é isso não permite o crescimento da associação. O fato, e que foi acordado e assinados os planos de produção, pelas produtoras, com algumas dúvidas sem serem resolvidas totalmente, e com uma atmosfera de incerteza se mesmo incrementando a quantidade, vai ser comercializado, o produzido.

8. Dentro das atividades de acompanhamento da associação, participou-se do Primeiro Congresso Popular, Político y Científico de Agroecologia da Colômbia. Neste evento se acompanhou as apresentações das representantes neste evento. Em primeiro lugar, a apresentação do artigo "*Familias nariñenses en la agricultura orgánica*" o qual foi a companheira Angie Chaves, que fez a representação da associação, expondo a experiência e a proposta desta. A outra, foi da companheira Marithza Calderón, a qual foi convidada pela organização do evento para ser palestrante como representante CIMAC, no foro "*Dialogo intercultural: la apuesta política global de la agroecología. Contribuciones hacia la Cop 16*", com participação do MADR, representantes dos Ministerios de Agricultura de França e Alemanha, WWF Colombia, entre outros atores, com o fim de estabelecer a agroecologia dentro do discurso institucional e social que merece, como uma alternativa real e pratica, para defesa da biodiversidade, para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, entre outras. Finalmente, também se

acompanho à companheira Maria Elena, do processo de la Red Agroecologica de Nariño, com a apresentação do artigo "*Circuito económico solidario – CES Enjambre*", rede na qual está inserida La Tulpa. Neste espaço também participaram companheiros dos processos organizativos do departamento de Nariño, como de La Minga Agroecologica al Sur, Red Agroecologica de Nariño, Asociación para el Desarrollo Campesino (Figura 28).

Figura 28. Congreso Colombiano de Agroecología. (Superior) Apresentação da companheira Marithza. (Esquerda Inferior) Representação das organizações de Nariño no congresso. (Direita Inferior) Apresentação da companheira Angie.



Fonte das imagens: Superior e inferior direita, próprias. Esquerda inferior, Red Agroecologica de Nariño.

Além do acompanhamento a associação, também participamos em múltiplos espaços de discussão e ao redor da agroecologia, em foros, círculos de palavra, palestras, troca de sementes, atividades artísticas e culturais, atividades que serviram, segundo o discutido depois do evento, para conhecer outras experiências semelhantes, expandir sobre os saberes próprios e coletivos de agroecologia política e prática, e também fazer uma análise de conjuntura, ao nível organizativo local, nacional e internacional, que a agroecologia tem que olhar, entre outros diversos conhecimentos que tem se conectar com as diversidades agroecológicas.

Como resultado deste cenário nacional, e com convidados internacionais, foi criada uma rede de mais de 500 membros do todo o país, com os quais estamos construindo constantemente, troca de saberes, nas abordagens científica, prática e política. Neste evento, esperava-se se fazer, o lançamento da Política Pública Nacional de Agroecologia, com todas as organizações de base agroecológica

apoiando, mas a ministra não se apresentou no evento. Um mês depois, no evento da COP16, em Cali, foi lançada.

9. Dentro das preocupações da associação, que é um diferencial, pelo menos das outras que já conheci, é contar com um registro do avanço dos seus processos em finca, de uma maneira holística, olhando para vários critérios, de como está evoluindo ou não, o processo de cada produtor (a) que faz parte de La Tulpa. Nesse sentido, dois anos, depois de se formalizar legalmente como uma associação, fizeram um processo de caracterização da organização, e dois anos depois, um novo exercício, para determinar como as medições que tinham feito antes, iam se transformando ou não; o que levou a o processo de caracterização de 2023.

Dentro de essas, experiências, estiveram envolvidas várias pessoas, da equipe técnica, que não estão hoje, mas que fizeram esse trabalho para poder fazer uma análise da realidade. Dentro dessas, a companheira Daniela Quenoran, que foi uma passante de Engenharia Florestal da UdeNar e que esteve no ano parte do ano 2023 e do ano 2024, fazendo a proposta de caracterização de 2023. Dentro disso, ela depois, de nós termos trocado ideia, decidiu como produto do seu trabalho, fazer uma comparação das caracterizações. E eu, pegar as informações derivadas das avaliações do SPG, em sua primeira medição, processo que foi estruturado, direcionado, dinamizado, implementado e sistematizado, por outra companheira estagiaria em seu momento, e que hoje faz parte integral da equipe técnica, na área de comercialização, a Engenheira Ambiental também da UdeNar, Valeria Baez. Desta maneira, busca-se complementar essas informações das caracterizações, com aqueles do SPG e fazer, assim juntos, um diagnóstico: Diagnostico Agroologico Multidimensional (DAM), que foi apresentado numa reunião de delegados o resultado dessa análise, no dia 22 de junho de 2024. A continuação trago alguns elementos pertinentes desses resultados para nutrir os achados e as relações para construir uma análise mais detalhada.

A caracterização do ano 2023, mediram características relacionadas com o grupo familiar das associadas, as culturas e espécies pecuárias, presentes nas áreas de produção, a presença de animais silvestres, e plantas nativas, presentes em cada sitio. As práticas de manejo de matéria orgânica, disponibilidade de água para as atividades agropecuárias, e uma estimativa da distribuição da infraestrutura, principalmente. As tabelas, que vão se mostrar a continuação, são ou se baseiam, no trabalho feito pelas companheiras Daniela Quenoran e Valeria Baez, analisado por mim, e é trazido a esta dissertação, com conhecimento e autorização da companheira da associação, Angie Chavez, parte da equipe técnica, e quem foi a interlocutora durante nosso processo de trabalho, para poder fazer uma discussão do achado. Todos os dados, e as informações construídas a partir delas, são derivados de questionários e respostas, das e dos produtores da associação, feitas pela mesma associação.

No caso, das informações do SPG, mediram 5 dimensões, para um total de 60 critérios ou questões: responsabilidade (6), ecológica (36) - nesta está medida também a dimensão produtiva -, social (5), cultural (6) e econômica (6). A avaliação do SPG, é a traves de um questionário baseado numa normativa interna de práticas dos e das produtoras, há transição agroecológica. Além disso, como é esperado de um SPG, foram convidados vários consumidores referentes para fazer a avaliação, junto com os camponeses referentes (outro (a) produtor

(a) da associação, de outra zona ou grupo local), para irem juntos e avaliar os 60 critérios, e mais 11 perguntas complementares, em cada um dos sítios, essas visitas de avaliação foram feitas entre o ano 2023 e 2024. Resultado desse processo (atividade 2.2 da metodologia de trabalho), a continuação, vão ser apresentados, em paralelo, alguns desses critérios mais relevantes, para complementar, a informação e discussão trazida com a caracterização 2023. O total de questionários base de este análise é de 22 propriedades.

A associação (Tabela 17), está conformada por uma maioria de mulheres. Várias delas, mulheres solteiras, chefes de casa (11 de 16), algumas delas vivem juntas graças a que são familiares. Também existem produtores, que pela sua idade, tem problemas físicos, que representam algum grau de deficiência física, mas que não impedem eles se manter produzindo. Embora a média de tempo trabalhando na agroecologia, seja de 13 anos, existem produtoras como Lilia, Marianita (54), Lucila (50), Roberth (25), Vilma (22) e Narciza (22), Catalina (23), Doralucia (23), que tem muitos mais anos trabalhando neste tipo de agricultura, inclusive, as primeiras mencionadas, nunca trabalharam com agricultura química, conheceram e não mexeram mais com isso (Tabela, 15). Esta caracterização, teve como população base, 27 produtoras de La Tulpa, e as suas famílias que em total, atingem uma quantidade de 103 pessoas, que a associação, incide diretamente.

Tabela 17. Principais caraterísticas dos e das produtoras de La Tulpa.

<i>Crítério populacional</i>	<i>Número de produtores</i>	<i>% de produtores</i>
Mujeres	16	59
Hombres	11	41
Hogares con mujeres madres de cabeza de familia	7	26
Número total de madres cabeza de familia	11	41
Hogares con adultos mayores en estado de discapacidad	2	7,4
Promedio de años trabajados en la agroecología	13	
Total asociados encuestados	27	

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: Daniela Quenoran.

É importante mencionar, que muita da produção agropecuaria que fazem as e os produtores de La Tulpa é em pouca terra, como pode se observar com os dados da Tabela 18. A terra de todos os e as produtoras de La Tulpa, é de 106,79 ha. Os e as associadas, dispõem um 37,17% para a produção agrícola, um 8,30 para produção pecuária (a maioria dela de espécies menores), um 41,92% para conservação de ecossistemas dentro de suas propriedades, e um 43,53% de área conservada total, se incluimos as áreas de fontes hídricas (Tabela 16). O campesinato de La Tulpa, cuida quase a metade da terra que tem na sua pose, diretamente com métodos de conservação total. O potencial poderia chegar a ser de 88,8% se as áreas de uso agropecuário, fossem todas agroecológicas. A associação está indo para esse caminho, a traves da sua iniciativa do caminho agroecológico.

No caso da vivenda, a qual em m² é de 6.240, fala que a média das 24 propriedades, tem uma área habitacional de 231,1 m², pensando em que a maior dessas vivendas tem mais de uma família morando nelas, o que já tiveram ou foram construídas para acolher mias pessoas, teria que se detalhar com maior, precisão a quantidade total de pessoas que moram nessas casas. Poderia ser

para uma outra caracterização. Tem casos nos quais moram mais de dos associados numa mesma propriedade. Embora, um cálculo rápido com as 103 pessoas que fazem parte dos núcleos familiares, pode-se calcular uma área de 60,5 m²/ habitante. Uma quantidade nada desprezível. Mas. Olhando os dados dos produtores, a oscilação de áreas está entre 50 m² até os 1200 m², o último dado, segundo o visto por mim na visita, diria que está sobre dimensionado, e que teria que se revisar o dado.

Tabela 18. Principais características dos sítios das produtoras de La Tulpa

<i>Tipo de Área</i>	<i>Área em m²</i>	<i>Área em ha</i>	<i>Pose da terra (ha)</i>	<i>Número Produtores</i>
Agrícola	397.027	39,70	Menos de 1	14
Pecuária	86.800	8,68	Entre 1 a 3	5
Conservação	447.655	44,77	Entre 3 a 10	2
Vivenda	6.240	0,62	Mais de 10	3
Fontes hídricas	17.224	1,72		
Total	106.791,1	106,79	Total propriedades	24

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: pesquisador, baseada no trabalho da Daniela Quenoran.

A área de produção total entre pecuária e agrícola, a qual representa 48,39 ha, para uma quantidade de 27 produtores (as), o que em média da 1,79 de ha produtiva para cada. A realidade é que muitas delas e deles, pouco mais da metade (51,8%), estão por baixo de 1 ha de terra, não só produtiva, se não total, com construções de vivenda, bem-estar animal, terra para produzir, e conservação. Só o 18,1% tem entre 1 e 3 ha, e a mesma porcentagem tem mais de 3 ha. É dizer, que a produção onde está se fazendo agricultura orgânica e agroecológica, como é o caso de La Tulpa ocorre, em extensões de terra pequena.

Para adentrasse na dimensão produtiva, dos e das produtoras de La Tulpa, pode se observar a seguinte informação (Tabela 19). Nesta se expõe, parte das práticas que foram avaliadas pelo SPG, e a relação das, e dos produtores que cumprem total ou parcialmente com elas, ou quem definitivamente não consegue cumprir por enquanto, estes ideais da produção agroecológica. Pode se ver que, todas e todos cumprem com a associação de culturas. Todas elas e eles motivados pelos princípios agroecológicos, de complementaridade, sinergia ou repelência, de vários estratos produtivos, mas também alguns deles, forçados (processo que catalisou) pela pouca terra que tem disponível para a produção.

Pode ser analisado, o anterior critério, com aquela que avalia a quantidade de culturas que estão dentro da área de produção. O parâmetro indica que se tiver mais de 6 culturas na área o critério é avaliado positivamente, se tiver entre 3 a 6 culturas diferentes, a avaliação é mais ou menos, e menos de 3, o critério não é cumprido. Com isto em mente, 15 das e dos produtores, tem uma diversidade na sua área de pelo menos 6 espécies associadas ao mesmo tempo; e 4 deles, pelo menos entre 6 e 3 espécies na sua área. Se também complementamos estes dois critérios, com aquele que avalia, se tem espécies arbóreas dentro das suas áreas de produção agrícola (sistemas agroflorestais), poderíamos afirmar segundo os dados, que pelo menos 14 produtoras e produtores, tem sistemas agroflorestais nas suas áreas. Se além do já falado, incluímos, a inclusão de plantas aromáticas ou medicinais, dentro desta análise, da diversidade, poderíamos afirmar que pelo

menos 18 deles e delas, tem também estas plantas dentro dos seus agroecossistemas. A interseccionalidade destes 4 (associação de culturas, que sejam pelo menos 3 cultivos associados, que tenha árvores dentro da área de cultura, e inclua plantas aromáticas e medicinais dentro dessas associações) critérios, está em 11 das e dos produtores da associação, mais da metade.

Tabela 19. Principais práticas de cultivo das e dos produtores de La Tulpa.

<i>Crítério avaliação</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Mais ou menos (%)</i>	<i>Crítério avaliação</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Mais ou menos (%)</i>
¿Los surcos están sembrados a través o diagonal a la dirección de la pendiente?	66,67	19,05	14,29	¿La familia realiza asociación de cultivos? Marque SI, si comenta el tipo de asociación que utiliza.	100,00	0,00	0,00
¿El suelo entre los cultivos está cubierto con plantas vivas, hojarazca o residuos verdes?	71,43	4,76	23,81	¿Selecciona semilla de sus propios cultivos? Marque SI, si selecciona semilla de 3 o más cultivos. MASOMENOS, si selecciona 1 o 2 tipos de semilla de su cultivos. NO, si no selecciona ninguna semilla.	80,95	4,76	14,29
¿Se encuentran en el lote o invernadero varios tipos de cultivos? Marque SI, si tiene de 6 a 9 variedades de cultivos. MASOMENOS, si tiene de 3 a 6 variedades de cultivos. NO, si tiene menos de 3 variedades.	71,43	4,76	23,81	¿Existen plantas aromáticas dentro o al lado de los cultivos principales? Si el campesino/a sabe la utilidad que tiene para el cultivo la siembra de esa planta, Marque SI.	80,95	14,29	4,76
¿Todas las semillas que usa en su cultivo son orgánicas?	52,38	9,52	38,10	¿Intercambian las semillas con otras familias campesinas?	80,95	19,05	0,00
¿Tiene un banco de semillas propio o compartido?	71,43	19,05	9,52	¿Crecen árboles entre los cultivos?	61,90	33,33	4,76

Fonte da informação: Questionários do SPG de La Tulpa 2023 – 2024. Tabela feita por: pesquisador, baseado no trabalho da companheira Valeria Baez e a equipe de La Tulpa.

Outro dos fatores importantes, está relacionado com as sementes. Uma pratica comum delas é pegar semente das suas próprias culturas, pelo menos 20 fazem alguma seleção de sementes, para garantir sempre ter; e conjugado com outro dos critérios, que é a troca de sementes (18 delas) com seus companheiros camponeses, garantem assim, o fluxo genético e adaptação das sementes, a outros ambientes, e conseguem plantar mais diversidade na sua área. Foi bem gratificante, ver em vários dos espaços compartilhados com os associados, como

levavam sementes, tubérculos, estacas, e as propinas mudas, para os seus companheiros. Uma das coisas que colocando as sementes na discussão, é o espaço para sua guarda, os espaços indicados são as casas ou bancos de sementes. A quantidade de produtores com estes, não é baixa (15), mas poderia ser maior. Impulsados por isto, a associação, estabeleceu há poucos meses atrás, depois desta avaliação, a estratégia de banco de sementes coletivo, por grupo local, para que as sementes de todas e todos os produtores esteja salva, e tenha um lugar onde ser armazenada, até a seguinte safra.

Uma das coisas que valeria a pena descobrir numa próxima oportunidade, é a eficiência dos bancos e problemáticas que ocorrem no cuidado das sementes que estão nesses espaços, para poder visibilizar melhoras para garantir, um melhor cuidado. Embora, pelo visto nas visitas, as sementes, são de muito cuidado, em mãos dos produtores. Mas nunca está demais, um olhar mais cuidadoso em todos os casos. Para encerrar, o análise das sementes, sobre se as sementes que usa, todas são de origem orgânica, 11 deles e delas indicam que sim, e tem uma porção que indica que mais ou menos (8). Isso tem a ver, com que várias das sementes não são proporcionadas por eles mesmos, tem uma grande variedade de espécies, das quais poder tirar semente dela. Mais para frente (Tabela 20), se mostra a agro biodiversidade em mãos dos e das produtoras, e pode se visualizar, quais são esses alimentos, dos quais, ainda é difícil reproduzir organicamente.

Para encerrar as informações oferece esta tabela, com os critérios relacionados com o cuidado do solo. Em primeira medida se o solo tem cobertura permanente. Uma parte significativa aparece dentro da avaliação de mais ou menos, isto deve-se a que no momento da visita, os produtores tinham áreas de cultura que tinham sido colhidas recentemente, e que por isso estavam sem cobertura, ou que tinha áreas que estavam parcialmente cobertas; no caso de quem não cumpria com este critério, tinha plástico para proteger o morango de doenças e de propagação de plantas espontâneas, o qual é uma medida não agroecológica, mas permitida na prática de produção orgânica. Embora 15 produtores (as), cumprem satisfatoriamente com este critério. Para finalizar, o outro critério de cuidado de solo, foi o plantio contra inclinação do lote. Neste sentido, tem 4 produtores (as) que não tem incorporado esta prática, tanto os produtores com muitos anos na produção orgânica, como outros que estão começando, é um aspecto que deve ser trabalhado com eles. Alguns que aparecem que cumprem mais ou menos, é porque o terreno é plano, e não tem sulcos marcados na sua área, neste sentido poderia se aplicar outro critério, que em lotes planos, pode ser avaliado, fortalecendo o cuidado do solo. Mas, um pouco mais de duas terças partes está cumprindo com o critério.

Relacionado com as práticas agrícolas, que os e as agricultoras tem, se mostra na seguinte tabela (Tabela 20), parte da agrobiodiversidade que os associados produzem nos seus sítios. Desta informação exposta, pode se ver que existem em total 132 espécies/variedades plantadas nos sítios, das e dos produtores, que foram o resultado do levantamento de campo, feitas o dia das visitas das caracterizações, e que, portanto, é uma foto da produção de cada um deles e delas, e do total da associação nesse momento. Também, cabe a aclaração que, todos estes são produtos em fresco, mas que a associação tem derivados e transformados, destes e de outros, produtos e subprodutos agrícolas e pecuários.

Em primeiro lugar, as cores, mostram onde é feita a produção dessa espécie/variedade, clima quente, clima frio ou em ambos climas. Na Colômbia, pela proximidade com a linha do Equador, o país não tem mudança de estações, a alta diversidade de climas está dada pela altitude, o que nós chamamos andares altitudinais. Nos pisos menores, de altitudes baixas, estão as regiões com maior temperatura e vai diminuindo inversamente, como vai aumentando a altitude. Nesse caso, os climas quentes, estão nas altitudes dos municípios de San Lorenzo, Consacá, Yacuanquer e La Florida. Os climas frios, representados neste caso, nas territorialidades de Pasto, que são El Encano, Gualmatán e La Laguna, e o município de Ilés. Os símbolos que acompanham o nome da planta, representam o destino que tem a produção de essa planta, seja ela para autoconsumo, para a venda, ou para ambos fins. O nome da planta que estiver sublinhado, significa que nenhum dos ou das produtoras da associação tem semente própria, para sua produção.

Tabela 20. Agrobiodiversidade associada a produção agrícola dos e das associadas de La Tulpa.

No.	Especie /variedade	No.	Especie /variedade	No.	Especie /variedade	No.	Especie /variedade	No.	Especie /variedade
<u>1</u>	<u>Acelga °</u>	27	Romero °	<u>53</u>	<u>Col china °</u>	<u>79</u>	<u>Mandarina °</u>	106	Pimentón Amarillo °
2	Achote ^	28	Tomillo °	<u>54</u>	<u>Coliflor °</u>	80	Mango común °	107	Piña °
<u>3</u>	<u>Aguacate común °</u>	29	Toronjil ^	55	Cúrcuma °	81	Mango Tommy °	108	Pitahaya °
4	<u>Aguacate Hass °</u>	30	Yerbabuena °	56	Curuba °	<u>82</u>	<u>Mangostino °</u>	<u>109</u>	<u>Pitaya °</u>
5	Aguacate Lorena °	31	Arracacha °	<u>57</u>	<u>Durazno ^</u>	83	Maní °	110	Plátano amarillo °
<u>6</u>	<u>Aguacate Papelillo ^</u>	32	Arveja Verde °	58	Espinaca °	<u>84</u>	<u>Manzana Roja °</u>	111	Porotos ^
7	Aguacate Reed °	33	Banano °	<u>59</u>	<u>Espinaca bogotana*</u>	85	Maracuruba °	<u>112</u>	<u>Rábano*</u>
8	Ají Amarillo ^	34	Batata °	<u>60</u>	<u>Feijoa °</u>	<u>86</u>	<u>Maracuyá °</u>	<u>113</u>	<u>Reina Roja °</u>
<u>9</u>	<u>Ají Rocoto Rojo °</u>	35	Berenjena °	61	Fresa °	<u>87</u>	<u>Mora °</u>	<u>114</u>	<u>Remolacha °</u>
10	Ají Rojo °	<u>36</u>	<u>Brócoli °</u>	<u>62</u>	<u>Frijol Lima °</u>	<u>88</u>	<u>Naranja °</u>	<u>115</u>	<u>Repollo Crespo °</u>
<u>11</u>	<u>Ajo °</u>	37	Cacao °	63	Granadilla °	89	Naranja ombligona °	<u>116</u>	<u>Repollo Morado °</u>
12	Albahaca °	38	Café °	64	Guaba °	90	Naranja Tangelo °	<u>117</u>	<u>Repollo Verde °</u>
13	Amaranto °	39	Calabaza ^	<u>65</u>	<u>Guanábana °</u>	91	Níspero °	<u>118</u>	<u>Rugula*</u>
<u>14</u>	<u>Analón °</u>	40	Canela °	66	Guayaba °	92	Obos °	119	Sábila °
<u>15</u>	<u>Apio °</u>	41	Caña °	67	Gulupa °	<u>93</u>	<u>Oca^</u>	120	Sandía ^
16	Aromática Anís °	<u>42</u>	<u>Cebolla bulbo blanca °</u>	<u>68</u>	<u>Habas^</u>	<u>94</u>	<u>Olloco^</u>	<u>121</u>	<u>Tamarindo °</u>
17	Caléndula °	43	Cebolla larga °	69	Habichuela °	95	Orégano de carne °	122	Tomate Cherry Amarillo °
18	Cidrón °	44	Cebolla puerro °	70	Kale rizada ^	96	Papa algodona*	123	Tomate Cherry Morado °
19	Citronela °	45	Cebollín tierno °	<u>71</u>	<u>Lechuga Batavia °</u>	97	Papa Criolla °	<u>124</u>	<u>Tomate de árbol °</u>
20	Eneldo °	46	Chachafruto ^	<u>72</u>	<u>Lechuga Crespa</u>	98	Papa Parda^	125	Tomate de Carne °

21	Lavanda °	47	Chauchilla ^	73	Verde *	99	Papa Ratona^	126	Toronja °
22	Limoncillo °	48	Chilacuan°	74	Limón Mandarino °	100	Papa Roja*	127	Uvilla °
23	Manzanilla °	49	Chirimoya °	75	Limón pajarito °	101	Papaya °	128	Yaka °
24	Menta °	50	Choclo °	76	Limón Rugoso °	102	Pepino Cohombro °	129	Yuca °
25	Poleo °	51	Cidra °	77	Limón sutil ^	103	Pera ^	130	Zanahoria °
26	Pronto Alivio ^	52	Cilantro °	78	Limón tahíti °	104	Perejil Crespo °	131	Zapallo °
						105	Perejil Liso °	132	Zucchini o calabacín °

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: pesquisador, baseado no trabalho feito por Daniela Quenoran e Valeria Baez. Alimentos presentes em sítios de **clima frio**, de **clima quente**, e de **ambos climas**. Alimentos exclusivos para venda (*), alimentos exclusivos para autoconsumo (^), alimentos para ambos destinos (°). Alimentos os quais a associação não tem semente própria.

Para falar sobre os resultados derivados desta informação, pode se dizer, no primeiro momento das 132 plantas reportadas, tem 105 espécies em total, e 27 variedades, de essas 105 espécies. Existem 32 espécies/variedades que estão presentes em ambos climas (24,24%), 80 exclusivas de clima quente (60,6%), e 20 exclusivas de clima frio (15,15%), ou seja que maior diversidade está concentrada nas territorialidades, de clima quente (84,84%), do total da agrobiodiversidade que representa a produção da associação. Esta variabilidade também pode se explicar pela quantidade de produtores de cada clima, 10 de clima frio e 14 de clima quente. Todos esses alimentos, englobam-se em 9 categorias: 8 delas são condimentarias (6,06%), 49 são frutais (37,12%), 2 são energéticos (1,51%), 9 são grãos (6,81%), 16 são medicinais (12,12%), 1 é rizoma, (0,75%), 1 é raiz tuberosa (0,75%), 9 são tubérculos (6,81%), e finalmente, 37 são verduras (28,03%); sendo esta última e os frutais, quem representa a maior proporção dos alimentos de La Tulpa.

Por outro lado, tão só 5 (quatro verduras e um tubérculo) desses alimentos são exclusivamente para a venda, e 20 exclusivamente para o autoconsumo (nenhum energéticos, raiz tuberosa ou rizoma, o 50% frutais e tubérculos). Os 107 restantes, tem ambos usos. Voltando sobre o tema das sementes, segundo, o levantamento feito em campo, destes 132 alimentos, o 34,8%, é dizer, 46 deles, os e as produtoras não tem semente para multiplicar eles, tem que se conseguir por fora da associação. 23 são frutais, das quais 22 estão em clima quente. 17 são verduras, das quais 15 estão em clima frio. As seis espécies restantes, se são dois grãos, uma medicinal, uma condimentaria, um energético e um tubérculo. Fica na dúvida, várias destas apreciações, devido a que, algumas destas espécies são ainda muito rusticas e comuns em áreas rurais, como pode ser o tomate de árvore, goiaba, amora, feijão, laranja e o abacate comum. Com foi relatado, anteriormente na seção das visitas a campo, muitas destas espécies, são plantadas em áreas diversificadas, como também o mostra a informação da tabela 17.

Com relação, a produção pecuária (Tabela 21) das e dos companheiros de La Tulpa, pode se observar, como foi antecipado no capítulo anterior, no diagnóstico, que no departamento de Nariño, dentro das populações camponesas, é muito comum, a produção de Cuy, e é dentro da associação o animal mais criado, com 21 produtoras(es). O censo, diz que existe um total de 1135 animais, entre estes produtores, com uma média de 55 animais, por produtor(a), mas na realidade, a

quantidade oscila entre 5 e 300 cuyes. Estes animais, dependendo da zona do departamento e da época do ano, o custo de venda dele pode representar entre 35.000 – 50.000 COP, uma renda importante, para quem chega nas épocas de fim de ano e carnavais.

Muito próximo delas, está a produção de galinhas, outra espécie menor, que no caso da produção camponesa cumpre a função de duplo propósito, ovos na sua juventude e carne na sua aposentadoria, o censo animal, fala que no momento da visita da caracterização, a existiam 621 galinhas, o que dá uma média de pouco mais de 32 animais por cada produtor(a), com uma oscilação entre uma galinha até as 170. Uma das produções que difícil de ver, é de abelhas. A associação tem um produtor estrela que é o Luis Manchabajoy de La Florida, mas valer visibilizar, que pelo menos outros(as) 5 produtoras, também tem uma produção própria de abelhas, alguns deles e delas, de abelhas nativas, 3 deles localizados na zona de San Lorenzo, uma em Yacuanquer e outro, em La Florida.

Tabela 21. Produção pecuária dos e das associadas de La Tulpa.

<i>Producción pecuaria</i>	<i>Número de produtores</i>	<i>%</i>
Cuyes	21	78
Gallinas	19	70
Vacas	8	30
Peces	8	30
Conejos	8	30
Abejas	6	22
Cerdos	5	19
Pollos	3	11
Patos	2	7
Pavos	1	4
Gallinetas	1	4
Total Asociados	27	

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: Daniela Quenoran.

As outras 3 grandes produções, são os coelhos, com presença em todas as zonas, menos em El Encano, em 6 deles para consumo, em dois sítios, os tem só para pegar o esterco. Um outro, dos fortes da produção é o peixe, de diferentes tipos, em clima frio, duas produtoras, de trucha arco-íris, e o resto de cachama e tilapia em climas quentes, neste caso 7 dos 8 com demanda de compra de insumos externos para alimentação. O gado, está localizado nas zonas de clima frio principalmente, com 6 dos 8 produtores, nas zonas de Ilés, Gualmatán e principalmente El Encano (4). A produção está focalizada em 5 desses 8 produtores a duplo propósito, e os dois produtores de zona quente (San Lorenzo) a gado de carne. Entre esses 8 produtores, o censo total de animais é de 43 vacas, uma média de pouco mais de 5 animais por produtor, mas esse número na realidade oscila entre 1 vaca por produtor até 20 quem mais tem. Esta pouca quantidade se deve principalmente, a quantidade de terra que se precisa para conseguir dar alimento suficiente para cada animal. O produtor que tem as 20 vacas, é quem mais tem terra de todos os produtores de La Tulpa.

Por outro lado, está a produção dos frangos, para a venda de carne, que como dado curioso, tem que os e as produtoras (11%), os quais produzem estes

animais, alimentam eles, não com concentrados, se não com desperdícios de cozinha, resíduos de colheita, concentrado próprio, frutas e outras fontes, só um deles, proporciona alimento fora do sítio. Uma medida inusitada, pensando que a genética destes animais, está adaptada para o consumo de concentrados, para seu rápido desenvolvimento. Todos estes animais além da parte alimentar, proporcionam esterco (incluindo as águas dos estanques de peixes), para os diferentes tipos de adubos orgânicos e biopreparados. Insumo essencial para a recuperação dos solos, para a nutrição de plantas, e a defesa.

Relacionado com o tema da preparação de adubos, derivado do esterco animal, pode se observar (Tabela 22) os diferentes métodos que aplicam os e as companheiras de La Tulpa, com resíduos de colheita, da cozinha, mas principalmente com estercos. A prática de manejo de resíduos orgânicos, mais usada é a vermicomposteira, que de fato, a mesma organização a través de um projeto com Saberes Compartidos, estimulou um fornecimento para a construção em todos os sítios, deste sistema de manejo, ainda faltam, 10 companheiras/os por sua adequação. Derivado deste ou do composto tradicional, é fornecido o adubo multimineral, que é enriquecido com sais (compradas no mercado), e é um dos mais usados para a parte de produção e estabelecimento de novos ciclos produtivos, tanto para plantas de ciclo curto, semestrais, anuais, ou perenes, daí sua alta proporção de presença nos sítios. Os outros dois mais usados, são o composto tradicional e o bocashi, dependendo do gosto de um a o outro produtor, eles preferem o uso de um o outro. E por último a paca digestora silva, que é um método ainda minoritário, dentro da associação, tal vez, porque seja muito novo, na sua inserção, mas é um método muito eficiente e com pouca demanda de trabalho.

Tabela 22. Diferentes tipos de preparação de adubos dos e das associadas de La Tulpa.

<i>Prácticas de Manejo</i>	<i>No. Produtores</i>	<i>%</i>
Lombricompost	17	65
Abono multimineral	16	62
Compost	13	50
Bocashi	8	31
Paca biodigestora	5	19

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: Daniela Quenoran.

Todas as produtoras (es) usam esterco, nas suas práticas, como pode identificar-se nos dados da Tabela 23, a qual mostra diferentes tipos de práticas relacionadas com o manejo pecuário. Um pouco mais da metade dos deles, usa 5 ou mais tipos de adubos diferentes, entre eles bocashi, vermicompost, compost, e adubo multimineral, derivados diretamente da transformação dos esterco, mas também tem outros como adubo verde, microorganismos e resíduos de poda. Os e as outras companheiras, a outra metade, utiliza entre 2 e 4 destes tipos de adubos. Cabe ressaltar a tarefa que a associação tem feito, em relação às biofábricas, espaços que cada produtor tem em seu sítio para a transformação destes resíduos em adubos, mas também de outros insumos em biois, para uso de preventivos e defesa das culturas.

Dois dos aspectos medidos, dentro dos critérios, tem a ver com práticas de bem-estar animal, como são as zonas de pastagem, que pode se traduzir, em áreas de

lazer e desenvolvimento fora de cativeiro, que no caso da associação, é pouca, muitos dos sítios, são muito pequenos e para a quantidade de animais que precisam ter para manter uma renda adequada, as áreas para este tipo de uso, são mais baixas, das requeridas, tão só, 4 das produtoras, tem uma relação número de animais - área de pastagem, positiva; enquanto a quase a metade não cumpre com esse critério. Embora, o critério também relaciona outras práticas de bem-estar, liberação em outras áreas, cercas moveis, plantas de forragem, entre outras, que dão outras qualidades aos animais, isso gera a categoria de mais ou menos, dentro dessas práticas que podem ser feitas, compensando a falta de espaço. As medidas sanitárias, também são um critério a avaliar, neste caso como saúde preventiva, para não ter que usar tratamentos químicos, nesse sentido mais do 80% da associação utiliza pelo menos duas medidas, dentro das mais destacadas pode se citar, o uso de plantas medicinais, como a verbena (*Verbena spp.*), paico (*Dysphania ambrosioides*), gengibre, curucuma, cebola, até hidrolatos de eucalipto; o uso de alho e limão na água para incrementar defesas, medidas de limpeza regular tanto das áreas de habitat, como dos comedouros e bebedouros, água com microrganismos, entre outros.

Trazendo de novo o tema da alimentação dos animais, tem três perguntas que abordam esta questão dentro do SPG. Uma delas, sobre o plantio e uso de forragem dentro da dieta, 2 companheiros não costumam usar este tipo de plantas; a maioria (10), usam pelo menos entre 1 a 3 espécies de plantas forrageiras; enquanto 8, usam mais de 3. As principais plantas que são utilizadas para este fim são: o nacedero, bore, ramio, botón de oro, guandul, morera, liberal, nabo, avena, folha de milho, maicillo, alfalfa, trebol, pasto brasileiro, ray grass (*Lolium perenne*), entre outros.

Tabela 23. Principais práticas de manejo pecuário e de insumos relacionados, das e dos produtores de La Tulpa.

Crítério avaliação	Sim (%)	Não (%)	Mais ou menos (%)	Crítério avaliação	Sim (%)	Não (%)	Mais ou menos (%)
¿ Incorpora zonas de pastoreo para los animales? Marque SI, si aplica 5 o más practicas MASOMENOS, si aplica de 2 a 4 practicas. NO, si aplica solo 1 o ninguna práctica.	19,04	42,85	38,09	¿ Implementa medidas preventivas de salud de los animales en su finca? Marque SI, si aplica 5 o más medidas preventivas. MASOMENOS, si aplica de 2 a 4 medidas. NO, si aplica solo 1 o ninguna medida.	57,14	14,28	28,57

¿La familia elabora concentrados caseros para la alimentación de animales? Marque SI, si menciona 6 o más materias primas. MASOMENOS, si menciona de 2 a 5 NO, si menciona menos de 2 o no realiza la práctica.	33,33	14,28	52,38	¿Siembra y utiliza forrajes para alimentación animal? Marque SI, si utiliza 4 forrajes o más MASOMENOS, si utiliza de 1 a 3 forrajes. NO, si no utiliza ninguno.	42,85	9,52	47,61
¿Produce más de la mitad de dichas materias primas en su finca?	23,81	47,61	28,57	¿Conserva razas criollas de animales en su finca?	71,42	19,04	9,52
¿Qué tipos de abono utiliza? Marque SI, si utiliza 5 o más tipos de abono. MASOMENOS, si tiene de 2 a 4 tipos de abono. NO, si usa 1 o no demuestra conocimiento de ningún tipo de abono.	57,14	0,00	42,86	¿La mayoría de insumos que utiliza en su finca provienen de su propia finca? Marque Si, si 6 o más insumos los obtiene de la propia finca. MASOMENOS, si de 3 a 5 insumos provienen de su finca. NO, si 2 o menos insumos provienen de su finca.	23,81	4,76	71,43

Fonte da informação: Questionários do SPG de La Tulpa 2023 – 2024. Tabela feita por: pesquisador, baseado no trabalho feito pela companheira Valeria Baez e a equipe de La Tulpa.

Conjuntamente, um dos outros critérios avaliados, é a fabricação de concentrados caseiros. Neste sentido, 3 deles ou delas, não faz; mais da metade (11), dispõem de 2 a 5 insumos para sua fabricação, e o restante (7), mais de 6 insumos para gerar algum processo de transformação em benefício de melhorar a dieta dos animais que estão criando. Este critério está acompanhado do outro. Que é aquele que mede quantos desses insumos, usados para a preparação dos concentrados, são produzidos no próprio sitio; dos resultados podemos ver que, 5 dos quais fazem os concentrados, produzem pelo menos a metade dos insumos dentro do seu sitio, 6 deles/delas alguns desses insumos, e 7 dos que fazem (mais três que não fazem concentrados), tem que conseguir os insumos fora.

Esta é uma dessas práticas que gera soberania alimentar, porque todos recursos para a cadeia de produção vegetal –anima –adubo, fecha um ciclo energético dentro dos sistemas produtivos. La Tulpa, tem avançado na produção de alimentos para os humanos, tanto dentro como fora do seu sitio, está usando uma variedade ampla de esterco para a ciclagem de nutrientes e recuperação de solos, e este último aspecto, da alimentação própria dos animais terminaria fechar um ciclo, que ajudaria a instituir uma dessas autonomias vitais, para ajudar aos

sistemas produtivos se manterem mais saudáveis, e mais fortalecidos, e assim ao grupo familiar que nele mora. Um critério relacionado com esta última observação feita, tem a ver, se a maioria dos insumos que precisa o grupo familiar para viver, vem do próprio sítio; só um produtor assegura que não, enquanto a maioria (15) diz que se provisiona parcialmente, ou totalmente de insumos como alimentos para família e animais de criados, madeira para construção e para lenha, água, sementes, esterco, e outras matérias primas, para o bem-estar coletivo. O SPG, não relaciona serviços, que presta o sítio para o grupo familiar, para além dos insumos. Que isto, geraria várias reflexões mais dentro da associação, e assim uma medição mais holística de quanto os sistemas produtivos como um todo, garantem mais coisas. Quanto mais aspectos estiverem visíveis, mas podem ser trabalhados.

Finalmente, sobre o cuidado das espécies criadas, e a sua genética. Neste aspecto, mais do 80% dos produtores, mantem a pelo menos uma raça dos seus animais. Este critério de avaliação, é muito importante de ser aprofundado dentro da associação, pelo falado com as e os produtores, se bem se tem um conhecimento empírico, e na pratica estes animais existem dentro dos sítios, eles são cada vez menos frequentes fora dos sistemas produtivos de La Tulpa, é dizer, o acervo genético está ficando isolado, só dentro dos sistemas produtivos diversos, que são cada vez menos em quantidade, no campo colombiano. Além disto, a introdução permanente de raças melhoradas, entra em competência com a tenência das raças crioulas, em todo canto. Isto implica, que mesmo com a manutenção de raças dentro dos sítios da associação, exista uma erosão genética iminente, fora delas; o que posteriormente, vai impactar o acervo que ainda existe.

Continuando com a fala de manutenção da vida, a seguintes tabelas, trazem informações, sobre a diversidade silvestre que os e as produtoras de La Tulpa, tem dentro dos seus sítios. Para começar, cabe lembrar, que o 43,53% da área total dos sítios, de toda a associação, está em conservação, sem incluir as áreas de manejo agroecológico que tem muitos e muitas deles, e que provavelmente, também inclui espécies silvestres associadas a estas áreas produtivas. Também cabe ressaltar que esta porcentagem da área de conservação muda entre os produtores obviamente, por exemplo, tem um produtor que não tem área de conservação nenhuma, como no caso do produtor de abelhas, todo seu sítio é de conservação.

No caso das espécies de flora silvestre (Tabela 24), mostra quais são as espécies silvestres, que mais estão presentes nos sítios dos produtores, tanto em clima quente, como em clima frio. Em total foram achadas 143 espécies, entre árvores, arbustivas, herbáceas e orquídeas, em ambos climas, das quais 34 são exclusivas de clima frio (23,7%) e 109 exclusivas de clima quente (76,3%), e 23 (16,08%) que estão presentes nos dois climas. No caso do Arrayán, é a árvore mais comum, está nos dois climas, e está presente em 13 dos 24 sítios avaliados. Outras das espécies em ambos climas é o Mote, Guayacán e Floripondio.

Tabela 24. Principais espécies de flora silvestres presentes nos sítios dos e das associadas de La Tulpa.

<i>Espécies más comuns (Clima quente)</i>	<i>No. Propriedades</i>	<i>Espécies más comuns (Clima frio)</i>	<i>No. propriedades</i>
---	-----------------------------	---	-----------------------------

Nacedero	12	Chilca	5
Guayacán	9	Coya	5
Arrayán	9	Arrayán	4
Cucharo	8	Capulí	4
Quillotocto	8	Mote	4
Cordoncillo	7	Moquillo	4
Chachafruto	7	Aliso	3
Urapán	6	Reina roja	3
Pichuelo	6	Albarracín	2
Chaya	6	Flor de mayo	2

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: pesquisador, baseado no trabalho feito por Daniela Quenoran.

Complementando a informação subministrada anteriormente, pode se relacionar a estas espécies, os usos que as e os produtores dão (Tabela 25). Em média as e os produtores de clima quente tem 21 espécies dentro de suas propriedades, 2,3 vezes mais que as produtoras de clima frio, enquanto elas tem em média 9. Além daqueles usos esperados de conservação e alimento para animais silvestres, estas plantas tem outros usos para os e as produtoras. A relação de uso no caso, (que se calcula como a quantidade de plantas de esse clima usadas para esse fim, sobre o total de plantas desse clima), mostra que mesmo que no clima quente se usem mais plantas, a relação de uso é menor, que o clima quente em vários dos usos, como são: as plantas medicinais, alimento para animais silvestres, o uso de serapilheira e cobertura e o alimento para produção pecuária; além daquelas que já mostravam, uma quantidade maior, como a venda y consumo familiar, o uso ornamental, e aquelas usadas para atraentes de polinizadores; é dizer que a taxa de uso de plantas silvestres é maior em 7 das 10 categorias medidas, por associados de clima frio.

Tabela 25. Usos associados à flora presente nos sítios das e dos produtores de La Tulpa.

<i>Uso</i>	<i>Clima Cálido</i>	<i>% relação de uso</i>	<i>Clima Frio</i>	<i>% relação de uso</i>
Conservación	86	71,6	15	34,8
Medicinal	19	15,8	18	41,8
Alimento para animales silvestres	17	14,1	14	32,5
Hojarasca para abonos y coberturas	3	2,5	3	6,9
Alimento para producción pecuaria	7	5,8	3	6,9
Venta y/o consumo familiar	3	2,5	10	23,2
Ornamental	2	1,6	15	34,8
Forraje	11	9,16	1	2,32
Maderable	17	14,1	3	6,9
Atraer polinizadores	5	4,1	6	13,9
Promedio especies por productor	21	-----	9	-----
Número de productores	14	-----	10	-----
Total Especies por clima	120	-----	43	-----
Total Especies	143			

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: pesquisador, baseado no trabalho feito por Daniela Quenoran.

Por outro lado, os outros 3 aspectos, conservação, madeira e forragens, a taxa de uso é maior, nos sítios das e dos produtores de clima quente. Isto indica, que os companheiros de clima frio, se vinculam com as plantas silvestres em maior proporção e em maior quantidade de aspectos, com relação ao número de espécies que eles acham dentro de suas propriedades, seja em zonas de conservação ou em zonas de plantio onde estão elas presentes.

Colocando a questão anterior, a continuação se expõem outro tipo de relações que os e as produtoras tem, com o seu entorno, esta vez, referidas aos manejos e práticas relacionadas ao cuidado, dessas áreas de proteção e conservação, e que são avaliadas no SPG (Tabela 26). Pelos dados anteriores, já mencionavam que os e as produtoras de La Tulpa, tinham áreas de conservação e áreas de cuidado de fontes hídricas, aqui se mostram os dados, de quantos delas e deles fazem. No caso da área de conservação, só 3 delas não tem, mas olhando as caracterizações dos dessas 3 aparecem com um área de conservação, pequena, porque não tem muita terra nenhuma das duas, e a outra companheira não tem área, mas reporta que tem cercas vivas que dividem sua área, também pequena, dos seus vizinhos; eu mesmo, com as visitas feitas, dá para ver, que sim, estas três companheiras, Catalina, Dora Lucia e Angie, que são as três produtoras referidas, tem sim, a pesar da pouca terra que tem, áreas com espécies de árvores principalmente, as quais mantem uma área de conservação, mesmo sendo, no caso da última uma cerca viva (pouco diversificada), que é melhor a nada. É dizer, que mesmo com estas correções, só um produtor, que já foi mencionado, não tem área de proteção. Por estes motivos, sempre é bom, ter várias fontes de informação para poder contrastar, complementar e discutir.

Tabela 26. Principais práticas dos e das produtoras de La Tulpa relacionadas com o cuidado do ambiente onde moram.

<i>Crítério avaliação</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Mais ou menos (%)</i>	<i>Crítério avaliação</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Mais ou menos (%)</i>
¿La familia tiene zona de conservación (bosque) en la finca?	80,95	14,29	4,76	¿En general, planifica el riego y la aplicación de biopreparados respecto al clima?	71,43	19,05	9,52
¿La familia promueve la conservación de los corredores biológicos?	61,90	4,76	33,33	¿Contribuye a la conservación de las fuentes de agua?	71,43	4,76	23,81
Marque Si realiza 3 o más acciones de conservación. MASOMENOS si realiza 1 o 2 acciones de conservación. NO, si no realiza ninguna práctica.				Marque SI, si realiza 3 o más prácticas de conservación. MASOMENOS, si realiza 1 o 2 practicas. NO, si no realiza prácticas de conservación.			

¿Protege los animales silvestres de la zona?	85,71	9,52	4,76	¿Hay plantas nativas que proporcionen alimento a los animales silvestres? Marque SI, sí demuestra conocimiento sobre el tema.	90,48	4,76	4,76
--	-------	------	------	---	-------	------	------

Fonte da informação: Questionários do SPG de La Tulpa 2023 – 2024. Tabela feita por: pesquisador baseado no trabalho de Valeria Baez e a equipe de La Tulpa.

Uma pratica, fundamental pensando no cuidado do entorno é o uso eficiente da agua, da irrigação, mais especificamente, e no cuidado da produção, no momento de decisão da aplicação dos biopreparados. Nesse sentido, os produtores, que falaram que não tem planificação da irrigação, muitos deles, não fazem, porque não tem sistema de irrigação. E os que tem, sabem que deve ser num momento, que não desperdice muito a agua e nos momentos que realmente é necessário. No caso das áreas de cuidado de fontes hídricas, além das áreas em si mesmas, o critério avalia, práticas de cuidado dessas fontes. Dos 21 produtores avaliados no SPG, 15 cumprem com pelo menos 3 tipos de ações de cuidado, e outros 5 com pelo menos um tipo de pratica. Das práticas mais comuns são: proteger a faixa dos percursos de agua, evitar o descarte de aguas servidas, práticas comunitárias ao redor desse cuidado, como mingas de plantio, cerceamento das fontes agua, reflorestação ativa, proteção dos nascimentos, entre outras. Estas práticas coletivas e individuais, que geralmente são feitas estão pensadas em garantir o abastecimento de agua, para o sitio, mas tem efeitos no habitat de outras espécies, na regulação do microclima do sitio e da região, expande protege da expansão da fronteira agropecuária, e cuida território além da propriedade, pois para a agua chegar, se precisa de um corredor, que conecte a agua com o sitio.

Com base ao anterior, outra pratica que é critério de avaliação e que busca extrapolar o efeito que tem as práticas de cuidado, são os corredores vivos, os quais conectam o sistema produtivo com os ecossistemas nos quais estão inseridos, como os diferentes agroecossistemas entre sim, dentro da propriedade. Este critério, que avalia não só o corredor, se não as práticas que o mantem, mostram que 13 das e dos produtores, praticam 3 ações de implementação desses corredores, e que 7 pelo menos uma. As práticas mais comuns são: não tirar os corredores já existentes; multiplicar e plantar espécies para manutenção e ampliação dessas faixas; implementação de cercas vivas, onde não tiver; estabelecimento de cercas, nos remanescentes de floresta; manter aquelas áreas preservadas, entre outras. Todas ações, que mantem aquilo que já está, e procuram expandir onde não tiver.

Conectado com essas estratégias, e como um efeito indireto, estão os outros dois critérios que foram avaliados, e que são trazidos a discussão. A geração por meio dessas plantas nativas, de alimento para os animais silvestres, e por outro lado, ações para o cuidado destes animais. Com relação ao primeiro critério, o informado na Tabela 23, com relação ao serviço que as plantas silvestres dão para os animais, tem 17 de clima quente e 14 plantas de clima frio que proveem de alimento aos animais, segundo dados da caracterização 2023. No caso do SPG, e dos dados informados na Tabela 24, em pelo menos 95% dos sítios, os

produtores sabem que essas plantas que tem, proporcionam esse alimento. São dados complementares. Por um lado, sabemos em quantos sítios se fornece esse serviço, e pelo o outro, quantas e quais espécies. No caso, do segundo critério, se existe uma intenção de cuidado, e quais dentro do seu pensar e sentir, são essas ações. Mais de 18 produtores, fazem ações em função desse cuidado, e um acha que a forma em como age, é insuficiente, enquanto dois, não se preocupam por isso. As práticas mais mencionadas são: plantar agroecologicamente, mantendo as zonas de conservação, plantando espécies que sabem que são parte da dieta deles, não matam eles, pegando e liberando eles em áreas preservadas, não aplicando nenhum agrotóxico, entre outras.

Dentro das espécies que os e as produtoras tem identificado, nas áreas das suas propriedades, estão os citados na seguinte tabela (Tabela 27). Nesta podem se ver, várias espécies de aves, roedores e mamíferos principalmente, em total foram reconhecidas 60 espécies. Também pode se ver, a quantidade de sítios em que foram identificados. Outros animais mencionados são insetos.

Tabela 27. Principais animais presentes nos sítios dos e das produtoras de La Tulpa.

<i>Principais espécies</i>	<i>No. Propriedades</i>	<i>Principais espécies</i>	<i>No. Propriedades</i>
Zarigueya	19	Torcaza	8
Ardilla	18	Perro de Monte	8
Colibrí	14	Miranchuro	8
Chiguaco	14	Zorro	8
Gorriones	13	Conejo de Monte	7
Chucur	12	Azulejo	7
Carpintero	11	Venado	7
Curillo	10	Tórtolas	6
Pavas	10	Mirlas	6
Loro	9	Armadillo	5
Total Especies		60	

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: pesquisador, baseado no trabalho feito por Daniela Quenoran.

Isto fala, do grande valor, que tem as ações que preservam o entorno, e efeito que pode ter sobre outras formas de vida. Vale a pena aprofundar mais em estudos detalhados que procurem aprofundar na abundância (quantidade de indivíduos por espécie), sobre todo daqueles que são funcionais para a manutenção e diversificação próprio ecossistema, mas também para os ciclos de cadeia trófica, que são potenciais, para os ciclos de predação e controle biológico, dos agroecossistemas. Estas ações, que já tem um efeito, podem ser mais visibilizadas, e tem maior efeito, se tem o respaldo de estudos especializados.

Passando para outras facetas ou dimensões da associação. As seguintes informações, são sobre a dimensão social, cultural e econômica. E estão resumidas na Tabela 28. Um dos componentes estruturais, no regulamento, e nas buscas da associação, é equidade de gênero. Na avaliação do SPG, foram avaliados 4 critérios. O primeiro faz referência a distribuição das atividades de cuidado, que normalmente são atribuídas as mulheres. Neste caso quer se avaliar, se isso é diferente, no caso dos núcleos familiares dos e das associadas,

e essas tarefas, se redistribuem nos outros integrantes. Segundo os resultados obtidos, em todos os casos, essas tarefas são assumidas pelos diferentes integrantes, do núcleo familiar. Para aprofundar nesta questão do lar, está o critério que refere sobre a questão econômica, desse trabalho, colocando em avaliação se as mulheres que fazem o trabalho da casa, percebem dinheiro por essas atividades. Os resultados mostram em todos os casos, recebem equitativamente. Em 20 deles de maneira ótima, e em um caso, mais ou menos, nesse caso as observações falam, que são as filhas quem dão o dinheiro para senhora, mas que não é suficiente, por isso, essa avaliação.

Outro critério, relaciona a distribuição dos ingressos da renda familiar, é equitativa para quem trabalha. Os resultados mostram que em se cumpre certinho para 19 dos 21 casos, e em dois, se menciona que mais ou menos, mas neste caso, não menciona o porquê, não cumpre satisfatoriamente, nesse sentido, se faz necessário, priorizar os motivos para a próxima vez que se aplique, para poder criar estratégias que ajudem a superar esses cenários. Para finalizar, sobre a tomada de decisões sobre o planejamento da produção e da propriedade, se as mulheres e os filhos (em caso de ter), são participantes ativos. Neste caso, também 20 dos 21 entrevistados, mencionam que são incluídas, e num caso só, que não, que efetivamente é o homem quem toma esse tipo de decisões.

Cabe mencionar, que tem 2 famílias, nas quais não tem nenhuma mulher. Nestes dois casos, se levantou a discussão se devem ser medidos, estes critérios (que nesta medição, diante a dúvida, do consumidor e o produtor referente, as questões foram tomadas em conta), e se não, quais outros devem ser criados e como medi-los. E no caso dos dois primeiros critérios mencionados, foram aplicados em geral, sem ter essa perspectiva de gênero, pois as perguntas, da maneira que estão escritas, fazem referência as pessoas que cumprem com essa tarefa, mesmo que a intenção de fundo, seja avaliar a equidade de gênero. No caso, das outras dois, também são respondidas, mas, ali entra o conflito e a dúvida que foi levantada e que já foi falada.

Uma colocação que foi colocada por mim, no momento de diálogo, com a pessoa que estava dinamizando e acompanhando este processo, foi de saber, se estas perguntas eram feitas para os produtores homens, e com participação da sua companheira, para confrontar um pouco a visão dele, porque muitas vezes, os homens, mesmo que não aconteça, dessa maneira, falam que sim, para ficar bem. Ela me respondeu, que não tinha como garantir, que esse tipo de perguntas, foram respondidas em companhia das companheiras dos produtores. Nesse sentido, na seguinte oportunidade seria bom, direcionar esse tipo de perguntas, as mulheres diretamente, para ter uma voz direta, das diretamente implicadas, e que na verdade não faz muito sentido, perguntar para homens uma coisa que está colocando em questão seu agir, diante as desigualdades, que possivelmente é.

Tabela 28. Relações sociais dos e das produtoras de La Tulpa.

<i>Critério avaliação</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Mais ou menos (%)</i>	<i>Critério avaliação</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Mais ou menos (%)</i>
-------------------------------	--------------------	--------------------	------------------------------	-------------------------------	--------------------	--------------------	------------------------------

Todos los integrantes de su familia son responsables de los trabajos de la casa, como preparar la comida, lavar la ropa y atender los niños?	100,00	0,00	0,00	¿La familia ofrece alternativas de productos o servicios diferentes a la producción de un cultivo? Marque Si, si tiene ofrece 3 o más servicios. MASOMENOS, si presta 1 o 2 servicios. NO, si no tiene ninguno.	38,10	19,05	42,86
¿Recibe La mujer o la persona encargada del trabajo en casa una parte de los ingresos de la venta de los productos?	95,24	0,00	4,76	¿Usted consume los productos de La Tulpa? Marque SI, si comenta un producto que le gusta consumir. Observación: ¿Sabía que hay 30% de descuento en los productos que compran los campesinos?	90,48	4,76	4,76
En general, la distribución de los ingresos en su familia es equitativa respecto al tiempo de trabajo?	85,71	0,00	14,29	¿A sus hijos e hijas les gusta trabajar en el campo?	85,71	4,76	9,52
¿Las mujeres y la familia participan en la planificación del predio y los planes de cultivo?	95,24	4,76	0,00	Usted participa en intercambios a través de Trueque en la asociación ?	80,95	14,29	4,76

Fonte da informação: Questionários do SPG de La Tulpa 2023 – 2024. Tabela feita por: pesquisador baseado no trabalho de Valeria Baez e a equipe de La Tulpa.

Um dos outros quatro critérios trazidos a contexto, tem a ver com o relevo geracional. Sobre está questão e avaliado, se, no sentir dos produtores, aos filhos deles e delas, gostam do campo, e como eles motivam eles para gostar deste espaço, e das atividades que nele se fazem. Neste caso os resultados indicam, que no caso de 18 dos associados, os filhos gostam, bum caso não, e em outros dois casos mais ou menos. Sobre as práticas, para motiva-lhes, as opções mais mencionadas são: compartilhar tempo com eles quando fazem as atividades de campo; ensinam práticas que podem ser úteis; ensinam a importância de conservação do solo, agua e bosque; dão parte das ganancias das atividades nas quais ajudam; ensinam a importância de plantar o seu próprio alimento. Uma colocação importante seria conhecer, de voz própria se eles e elas (os filhos) gostam certinho do campo, e de fazer as atividades que seus pais fazem, para ter mais certeza disto, e não só o que os produtores acham.

Uma outra questão importante que traz o SPG é a diversificação produtiva, ou seja, ter mais de uma forma de trabalho que permita gerar ingressos que não dependam de uma atividade só. Neste sentido, o critério que avalia, outras atividades diferentes à agricultura em que participam os e as associadas. Os resultados mostram uma realidade na qual 4 dos associados, não tem outros ingressos diferentes a agricultura. A maioria (9) oferece pelo menos outro serviço, e uns 8 tem pelo menos outras três entradas de ingressos. Dentro das outras atividades que fazem os associados, estão a venda de produtos transformados (10), agroturismo (9), restaurante (14), artesanato (6), aviturismo (3), e transporte (1). Destes resultados, e falando como visitante destes sistemas produtivos, uma das conclusões nas que chego, é que La Tulpa, pela sua organização, e o tipo de sítios que estão estabelecidos, tem um grande potencial, para articular experiências agroecoturísticas, em todas as zonas. Além porque pode articular com isso, todas essas outras atividades que fazem, que foram colocadas aqui. Falando dos resultados, esses 4 produtores, que não tem mais fontes de ingressos, são mais susceptíveis a cair em risco econômico, e diante qualquer calamidade de saúde o dos próprios cultivos ou animais, não ter muito com que se assegurar. Num programa o projeto que tenha a associação deve se permitir a estes desenvolver alguma outra oportunidade de gerar ingresso pelo conceito de outra atividade, uma que consiga desenvolver o grupo familiar, que estejam afins de fazer.

Para encerrar, os aspectos sociais, são trazidos dois critérios importantes, referem informações sobre dinâmicas entre os associados. O primeiro é sobre, se os associados compram os alimentos das suas companheiras (os). Neste sentido, se pode observar que a maioria (19) consomem destes alimentos, sobre todo dos que tem os companheiros de zona, ou os adquirem nos encontros ou nos mercados nos que participa La Tulpa. Quem não consome, usualmente são associados, que não participam muito dos encontros ou que não vão frequentemente para Pasto. O último critério, é sobre a participação nos trueques ou intercâmbios, com os outros associados, dos quais 17 afirma participar, em trueque de sementes, plantas, ou até de alimentos de alimentos que produz, por aqueles que não, dos outros quatro, dentro das respostas, não tem justificativa, pelo qual não pode se aprofundar na discussão. Estes dois aspectos que acabam de ser contextualizados, fazem referência a práticas de interdependência e de construção de tecido coletivo. Além de comprar ou intercambiar alimentos, produtos, sementes ou plantas, o encontro cria tecido, dialogo, entendimento, solidariedade, e sentimento de unidade. Estas práticas fortes, mostram além do autocuidado e do desenvolvimento pessoal que traz ter alimento sano ou outras plantas mais, é um fluxo de ajudas e de energias que flui em todo sentido, isso faz fortalecer além do individual, o coletivo.

Como dados complementares, é trazido por meio da caracterização de 2023, a lista dos atores com quem, os produtores de La Tulpa, tem relações que fornecem de algum jeito o processo dos associados. Existem em total 33 atores e aliados reconhecidos. Estes são os 9 principais aliados (Tabela 29), dentro dos quais pode se detalhar que o principal é o Servicio Nacional de Aprendizaje (SENA), que atua em territorialidades do país oferecendo diferentes tipos de formação formal, em múltiplas áreas. O mais comum nas áreas rurais, são cursos intensivos de determinadas horas, que coloca o foco numa especialidade específica, só por mencionar algumas áreas: agricultura, construção, produção pecuária, contabilidade, gestão de microemprendimentos, benefício e transformação, meio

ambiente, e muitos outros mais. O SENA é o maior fornecedor de educação no país. Provavelmente, estes 16 produtores, já estiveram em algum curso com esta instituição pública.

O outro ator relevante, é Agrosavia, que possivelmente fez contato com os e as produtoras em algum projeto deles, ou manejando outro projeto fazendo a terceirização; no caso de La Tulpa, faz poucos anos atrás Agrosavia direcionou o projeto *“Fortalecimiento de capacidades para la innovación en la agricultura campesina, familiar y comunitaria en la zona Andina de Nariño, Colombia”* o qual incluiu a produtores das zonas de Consacá e Gualmatán. Projeto que não deixou satisfeitos aos produtores de La Tulpa. Um dos outros atores relevantes é a Red de Guardianes de Semillas, a qual trabalha a defesa das sementes, e que já trabalha com várias associações agroecológicas e camponesas de Nariño, justamente nestes processos de defesa. Vários e várias das associadas, fazem o fizeram parte desta organização.

Tabela 29. Atores relevantes para os e as produtores de La Tulpa.

<i>Principais Aliados</i>	<i>Número de produtores</i>	<i>% de produtores</i>
Servicio Nacional de Aprendizaje (SENA)	16	66,7
Agrosavia	16	66,7
Red de Guardianes de Semillas	14	58,3
Alcaldía - Umata	10	41,7
Federación Nacional de Cafeteros	6	25,0
Pastoral Social de la tierra	6	25,0
Fundación Suyusama	4	16,7
Asociación para el Desarrollo Campesino (ADC)	3	12,5
Gobernación Nariño	3	12,5

Fonte da informação: Caracterização predial 2023-2024 dos e das produtoras de La Tulpa. Tabela feita por: Daniela Quenoran.

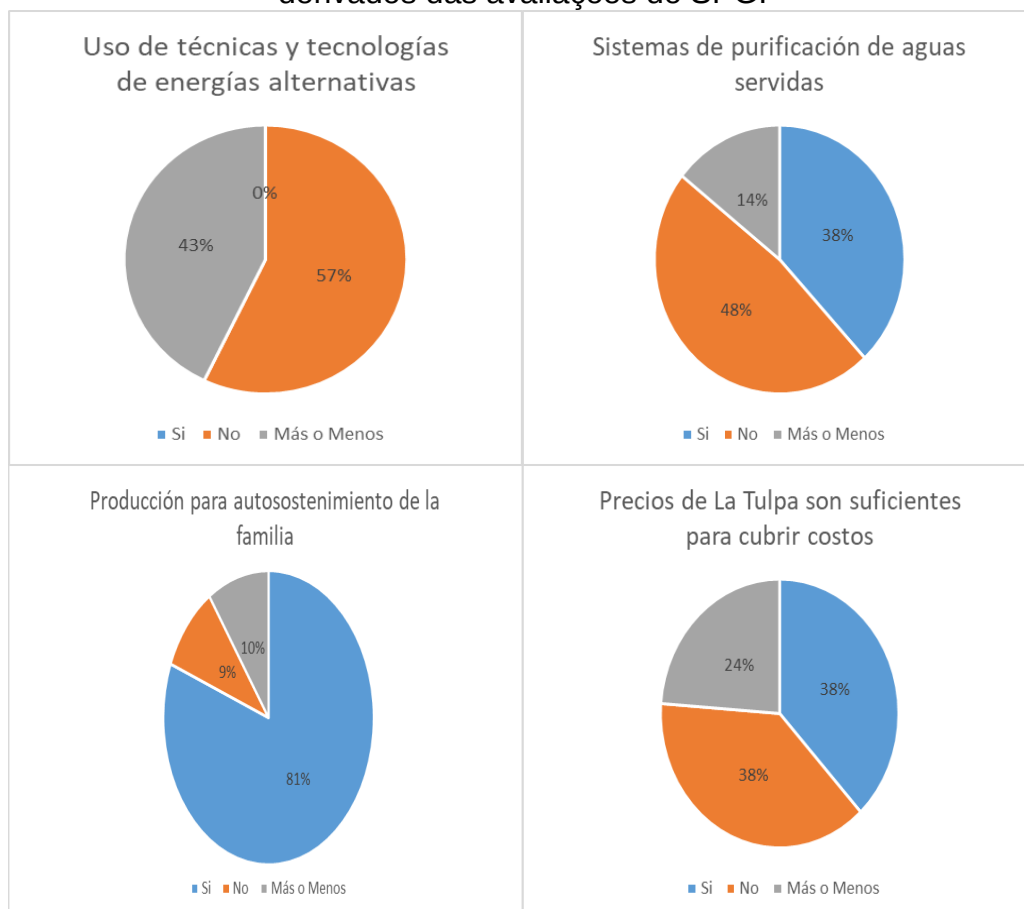
Uma das organizações, que mais tem trabalhado diretamente por fortalecer os processos agroecológicos no departamento é a Pastoral Social de La Tierra, como já foi falado, tem relação direta na formação de muitos produtores, para se tornarem mais sustentáveis. Outras que continuaram nessa linha é Suyasama, com projetos e a ADC, desde os diversos espaços de formação e os projetos territoriais que desenvolvem até hoje, para o fortalecimento do campesinato de Nariño. No caso da Federación Nacional de Cafeteros, com incidência de projetos de extensão clássica do projeto de tecnificação e especialização do campesinato. No caso das Umatas ou secretarias de agricultura das prefeituras e da governação, usualmente com apoio aos processos de tecnificação, insumos, maquinários, e projetos relacionados.

Outros que não aparecem na lista, mas são relevantes mencionar são, Aviyaku, Asociación Minga Gualmatán Red Agroecologica de Nariño, Impulso Verde, Asociación Agropecuaria Turística Casapamba, Universidad de Nariño, Universidad de Antioquia, Universidad del Cauca, Universidad Nacional de Colombia Asociación Agroindustrial Carmelita, entre otras. Muitas das que estão nesta tabela, já foram mencionadas, no capítulo anterior, na descrição dos atores territoriais, relevantes desde suas abordagens e as ações na ruralidade nariñense. Sobre estes apoios, tem atores relevantes que apoiam os processos agroecológicos, como a ADC, Suyusama, Pastoral Social de la Tierra, as vezes o

Sena, uma que outra universidade, são e tem sido importantes nos processos de formação de capacidades e de posição política dos associados, outras pelo contrário, tem atrapalhado esses processos, uma lastima que sejam muitas das instituições públicas, como as secretarias de agricultura e Agrosavia. Nesse sentido, depende do relacionamento que propõem esses atores, para estabelecer uniões de grande benefício para os processos agroecológicos dose das companheiras de La Tulpa, e que beneficiem realmente e multidimensionalmente, nas aspirações que eles e elas tenham.

Finalmente, para encerrar o análise dos critérios medidos no SPG, de maneira individual, aqui se expõem (Figura 29), alguns outros que foram relevantes, pelos resultados obtidos. O primeiro deles, o uso de técnicas e tecnologias de energias alternativas, que não teve nenhum produtor(a) que tivesse aceso certo. Aqueles que aparecem com a avaliação de mais ou menos, fazem referência a secadores solares de café (6), outros o uso de biodigestor (2), desidratador (4), e um que tem um sistema para aquecer agua para um chuveiro. Fora disto, as tecnologias são insuficientes como para uso doméstico, como para as atividades produtivas. Colômbia é um país que conta com a agua como fonte principal de energia elétrica. A cobertura em áreas rurais é baixa, e muitas vezes é insuficiente e instável, mesmo para atividades domesticas. Em busca das soberanias, uma é a energética, e neste caso, é um dos pontos vitais e mais fracos que tem a associação.

Figura 29. Outros aspectos relevantes dos e das produtoras de La Tulpa, derivados das avaliações do SPG.



Fonte da informação: Questionários do SPG de La Tulpa 2023 – 2024. Graficos feitos por: pesquisador baseado no trabalho de Valeria Baez e a equipe de La Tulpa.

Outro dos fatores vitais, e que mais baixo está dentro dos critérios avaliadas, é o acesso à água, e neste caso os sistemas de purificação de águas usadas, em casa e na produção. Quase a metade, não tem nenhuma tecnologia ou técnica que ajude no processo de descontaminação das águas que usa, gerando uma problemática ambiental grande, o outro 14%, tem, mais está em condições ruins ou precárias. Quem tem, principalmente tem uma armadilha de gorduras, que não purifica totalmente a água, ou poço séptico, ou coleta de esgoto, que nenhuma delas faz um processo de tratamento de águas. Outra das prioridades falando, com as e os produtores.

Os últimos dois critérios têm a ver com a dimensão econômica. Sobre os ingressos percebidos pela venda no mercado de La Tulpa, se eles são suficientes para cobrir a renda familiar necessária. A questão está dividida, 8 associados dizem que sim, 8 que não, e 5 que mais ou menos. Em vários papos que tive, tanto com a equipe técnica como com os demais companheiros, é a distribuição muito desequilibrada da renda que é gerada pela Tulpa, tem produtores que não ganham muito e outros que ganham o suficiente, e depende muito do tipo de produtos que vendem. Tem uns que vendem abacate, que ganha muitas vezes mais que alguém que vende plantas aromáticas. Esse desequilíbrio existe, e ainda não tem resposta. Outro dos retos, da associação, tentar equilibrar as vendas, para que todas e todos, tenham a possibilidade de garantir sua renda, vendendo os alimentos que sabem produzir. Para terminar, um outro relacionado com a renda, e é a manutenção familiar por meio da produção para o autoconsumo. 17 dos associados avaliados, declaram que em condições normais eles com a produção de seu sítio, conseguem se abastecer para o consumo próprio e enviar para o mercado de La Tulpa. Tem outros que dizem que mais ou menos, as vezes por questões de clima ou saúde, e quem afirma que não, não produz o suficiente para cobrir com a demanda de La Tulpa e o autoconsumo ao mesmo tempo.

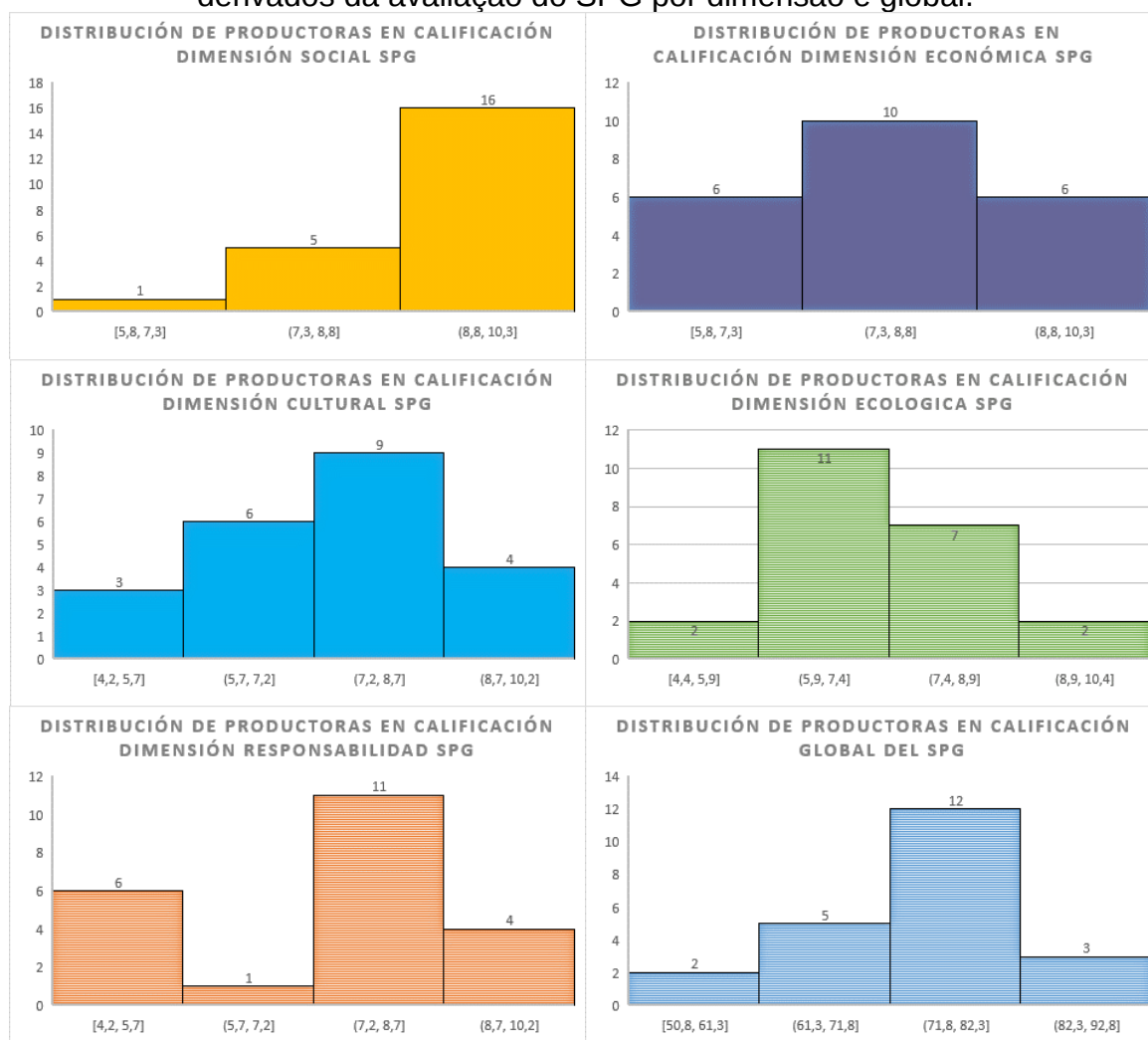
Finalmente, para dar uma olhada ao processo como um todo. Se mostram na seguinte figura, os resultados em histograma de cada dimensão, e do resultado global, dessa primeira vez para a associação de La Tulpa, fazendo um exercício de SPG. A seguinte representação gráfica (Figura 30), está desenhada através de histogramas, os quais apresentam por grupos, segundo as avaliações, a distribuição dos produtores em cada uma das dimensões, e na avaliação final. Os grupos de cada histograma, estão divididos numa largura de nota de 1,5, para poder ter umas categorias semelhantes; alguns tem 3 grupos, devido a que a avaliação mínima é mais alta comparada com aqueles que tem 4 grupos, é dizer as notas estão menos espalhadas. A avaliação global é medida de 0 a 100. As dimensões de 0 a 10.

Sobre os resultados obtidos, em forma geral pode se dizer, que as dimensões nas quais a associação está melhor avaliada, são a dimensão social e econômica. Isto pode se afirmar, porque todos e todas as produtoras, estão avaliadas acima de 5,8; nas outras as notas mínimas são de 4,1 e 4,6. E destas duas, a dimensão na qual a associação está mais fortalecida é sem dúvida a social. O histograma indica que a medida que a nota vai incrementando, incrementa o número de associados. Dos 22 associados avaliados, 16 estão com uma nota acima de 8,8; 5 deles e delas entre 7,3 e 8,8; e tão só um, no último grupo, entre 5,8 e 7,3. A média (9,3; é a mais alta de todas as dimensões) e inclusive inferior à mediana (10), indicando que mais da metade dos e das produtoras (14) tiraram nota 10,

cumprindo satisfatoriamente os 6 critérios avaliados. Embora, esta dimensão está composta por aquelas 4 perguntas de equidade de gênero, que podem ser avaliadas mais eficazmente, como já foi falado.

Enquanto a dimensão econômica, a distribuição mostra uma distribuição bimodal simétrica, na qual a maioria dos produtores, está no grupo central (10), e tem a mesma quantidade de produtores tanto no grupo de intervalo de nota menor (6), como aquele grupo com intervalo de nota maior (6). Assim, é a dimensão depois da social, que seu grupo com maior nota, tem a maior quantidade de associados, 6 como já foi mencionado. A média é de 7,8, a segunda mais alta de todas, e é menor que a mediana só por 0,03, a qual foi 7,91. Praticamente iguais, o que faz sentido com a forma que tem o gráfico. Esta dimensão também está composta por seis critérios avaliados. Nesta dimensão, como já foi falado na atualização do questionário, com as delegadas dos grupos locais, e com a equipe técnica, falta aprofundar mais no aporte que gera os ingressos percebidos pela associação, na renda familiar, tem duas perguntas que estão dentro da dimensão, que se referem a reciclagem, que está bem que seja avaliado, mas não dentro desta dimensão, e tem outras questões que poderiam ajudar nesse sentido. Por fortuna, na nova versão, estas considerações, que também foram feitas pelas delegadas locais, foram discutidas e acolhidas, dando mais essa abordagem econômica mesmo.

Figura 30. Distribuição dos e das produtoras de La Tulpa segundo os resultados derivados da avaliação do SPG por dimensão e global.



Fonte da informação: Questionários do SPG de La Tulpa 2023 – 2024. Gráficos feitos por: pesquisador baseado no trabalho de Valeria Baez e a equipe de La Tulpa.

Continuando, com as dimensões, a seguinte melhor avaliada para a associação, foi a cultural. Neste caso tem quatro grupos, e se distribuem de maneira bimodal desuniforme. Os grupos centrais concentram 15 produtores, e o grupo de maior nota, localizado na direita, coloca o peso da distribuição para esse lado, o que pode ser corroborado, com a mediana, que é de 8,31; maior também que a sua média, 7,57. Diferente do caso da dimensão ecológica, que embora de ter mais produtores nos seus dois grupos centrais (18), inclusive, também com sua mediana (7,29) maior que a média (7,20), são menores em comparação com a dimensão cultural. Neste sentido, a dimensão cultural está composta por 6 critérios, e a dimensão ecológica por 36, seis vezes mais que qualquer outra dimensão, e representa o 60% dos critérios avaliados; daí que seja mais difícil ir bem nela, e que esta seja a melhor das dimensões da associação. Neste sentido, a dimensão cultural, tem menos critérios para melhorar que os que tem a dimensão ecológica. Os critérios culturais são mais simbólicos, sociais e de pertinência, elementos importantes para trabalhar dentro da associação e suas famílias. No caso da ecológica, são mais transformações materiais, que implica esforços maiores, desde a perspectiva económica, tal vez, em muitos campos, produtivos, biodiversidade, energias, conservação, entre outros. Mesmo que não vire em nenhum momento a dimensão mais forte, está é a base principal, do resto, da qual dependem muitas das autonomias e soberanias, familiares, territoriais e associativas, a escusa que tem as associadas juntas em La Tulpa, e por isto, deve ser sempre alvo, de priorização, sem deixar do lado as outras dimensões, claro está. Pelo contrário, que se envolva com as outras dimensões e sejam fortalecidas conjuntamente.

Finalmente, a dimensão de responsabilidade com 6 critérios, é a última, por ter a maior quantidade de produtores no grupo com menor nota. Dos critérios avaliados, é quem mais notas de mais ou menos tem. Muitas coisas que podem ser melhoradas, em todos os critérios. Para a avaliação final, 12 dos produtores, mais da metade estão no segundo grupo de melhor avaliados, e com os 3 de melhor nota, representam quase o 70% da associação que estão nesses dois grupos. 11 desses 15, estão acima da média (75,24). Destes 8 receberam selo agroecológico e 16 receberam selo orgânico. Este segundo grupo, é dobradiça significa que, melhorando as falências podem se fortalecer para chegar ao selo agroecológico, mas se não se mantem, podem retroceder no seu avanço.

O SPG, serve como avaliação diante a sociedade, diante os consumidores, para que entendam o grau de compromisso que os e as produtoras de La Tulpa, tem principalmente com seu próprio processo, individual, família e coletivo. Nesse sentido, o SPG serve com um elemento de avaliação multidimensional, para trabalhar e o coletivo refletir sobre os casos específicos e comuns que tem que ser atendidos, mantidos e melhorados, para que a família de cada associado, se sinta acompanhado e suportado nesse processo de ir contracorrente, pelos seus companheiros de associação, e pelos consumidores que vem no processo de La Tulpa, um processo com o qual se identificam. Além de ter um certificado, que é uma consequência, o importante é a avaliação como ferramenta de ação, que da luz e clareza sobre os critérios para apoiar o individual, de cada sitio, de cada grupo, para estar fortalecidos.

Uma outra recomendação, que poderia se trazer, diante a dificuldade que apresenta, é a comercialização, que embora de não ter uma categoria dentro dos

sistemas produtivos, o SPG, deveria tentar incluir estas temáticas, como organização, para poder gerar estratégias coletivas, neste caso, sobre as melhoras que poderiam se tomar. Se bem muitos dos fatores, dos quais depende, a comercialização, são exógenos da associação, como os preços com os quais competem, os gostos dos consumidores, e tantos outros, as relações e práticas comerciais que a associação procura, tem e mantém, podem ser um alvo de avaliação.

10. Como uma atividade de acompanhamento aos espaços de participação política, estive no encontro regional de agroecologia do Sudoeste, que reúne processos populares de agroecologia dos departamentos de Nariño, Cauca, Valle del Cauca e Huila (Figura 31. Esquerda), que este ano tinha como sede Nariño, mais especificamente em Yacuanquer, no sitio da associada de La Tulpa, Marithza Calderón. Neste encontro de dois dias, pudemos compartilhar vários momentos. O primeiro ao redor de um laboratório popular, direcionado por um companheiro do processo do Comité de Integración del Macizo Colombiano (CIMA), do departamento de Cauca, sobre cromatografia (Figura 31. Direita), no qual pudemos fazer análise comparativo entre alimentos e solos, orgânicos (mostras de alimentos e solos de La Tulpa), com convencionais, adquiridos no mercado, e solos da região, com manejo convencional.

Neste laboratório, todos vimos a diferencia de qualidade entre os alimentos convencionais e os orgânicos, com menos presença de proteínas, por exemplo, no caso dos ovos, e contaminação com agrotóxicos no caso das verduras. Também pudemos fazer análise do leite materno, de dois companheiras mães, e que ficamos sabendo que tinham presença de glifosato no seu leite. Adicionalmente, nos solos, vimos como a matéria orgânica e falta de características de estruturas e componentes estavam bem marcados nos solos empobrecidos do manejo convencional, enquanto vimos a grande qualidade de solos que tem a Marithza e sua família, graças ao esforço de mais de 20 anos.

Figura 31. Encontro dos processos agroecológicos do Sudoeste Colombiano.



Fonte das imagens: Esquerda, Red de Agroecologia de Nariño. Direita, Própria.

Outras das atividades feitas neste evento, foram evidentemente, as discussões políticas, a revisão das atividades de agenda feitas no encontro anterior, e a construção de uma proposta, de uma nova agenda que direcione as ações desta rede. Foram trazidas ao contexto, os processos de criação de política pública, e como garanti a participação dos processos agroecológicos de base e que não sejam cooptados pelos produtores grandes ou pela corrupção, também de como deve se priorizar a prática agroecológica sobre tudo, e que os espaços de representação diante as instituições, projetos e demais, devem se procurar, mas não substituir no lugar do fazer social, de formação e de pratica. Sobre as

agendas, aquela que foi feita no passado, não se cumpriu devido as agendas locais, que sempre roubam o protagonismo e a energia, e que tem que se ver como um processo natural das organizações, e que os pontos sobre o qual se construí a nova agenda, devem ser os mesmos, porque não foram atingidos no passado, que são basicamente, encontros periódicos dos grupos de trabalho, seja virtual ou presencial, visibilizar as problemáticas comuns, dentro dos espaços que se tenham e buscar soluções possíveis dentro da rede, chegar como um bloque só, nos espaços de representação e visar estar em diálogo permanente, entre outros.

11. Depois das visitas aos 24 dos 28 produtores, das 6 zonas de influência da associação, foi feita a segunda visita (atividade 2.3 da metodologia de trabalho), na qual foi estabelecida e aplicada uma metodologia (atividade 4.2 da metodologia de trabalho), baseada num diálogo no qual, foram expostas, pelos participantes, as problemáticas a resolver, ou situações a melhorar, informações derivadas dos resultados das caracterizações e do SPG, das vistas aos sítios feitas pelo pesquisador, e das experiências vividas, pelas companheiras produtoras, situação que nos levou a tecer uma visão conjunta da realidade, para depois, aprimorar uma priorização, feita pelos próprios produtores(as), para a construção da ideia que querem desenvolver como grupo, e fazer um exercício coletivo, de construção dos perfis de projetos (atividade 4.3 do plano do trabalho).

Derivado deste processo, fizeram-se 4 perfis de projetos: San Lorenzo, El Encano, Consacá e La Florida, faltaram por fazer os projetos de Yacuanquer e Gualmatán, os quais não foram feitos porque lastimosamente, não coincidiram os tempos entre o pesquisador e os grupos locais. Os projetos dos grupos de San Lorenzo e El Encano, tem a ver com o fortalecimento para a construção da ideia de agroecoturismo que os produtores desta zona querem promover para seus sítios, e que dentro do seu entender, querem desenvolver em grupo (cada um por separado, por agora). No caso do grupo da Zona Consacá, o perfil tem a ver com uma aposta pedagógica-ambiental, para a transformação das suas veredas, e serem um faro para os seus vizinhos. Finalmente, a Zona La Florida, decidiram se encaminhar por uma proposta de fortalecimento integral de capacidades produtivas, com várias inovações de técnicas e tecnologias apropriadas, para fortalecer seus processos produtivos.

Assim mesmo, foram priorizadas duas estratégias gerais de melhora para toda a organização, derivados dos resultados anteriormente descritos (Figura 29), e que falando com a equipe técnica, se concordou como prioridades :1. Adaptação dos sítios para condições de vivenda e trabalho a energias renováveis, e 2. Manejo integral de soluções de gestão de águas, tanto para recolecção e uso, como para o manejo posterior. Os perfis estão em melhoramento, e pensam-se se inscrever num projeto macro, vinculados aos indicadores da política pública de agroecologia do departamento.

12. Dentro da conjuntura política, que as comunidades de base agroecológica do departamento (principalmente La Minga Agroecológica del Sur, la Red de Agroecologica de Nariño, incluindo La Tulpa e o Nodo Agroecologia de Tangua) a presidenta da assembleia departamental, Rosita Guevara), conseguiram estrategicamente colocar dentro do cenário político departamental, a discussão que já tinha nascido ao interior das organizações sociais de base agroecologia, durante anos. A traves, dessa leitura, do cenário nacional, se conseguiu com o

apoio financeiro da Secretaría de Agricultura, da Gobernación de Nariño, desenhar, direcionar e executar o Plano da Construção Participativa, da Política Pública Departamental de Agroecologia (atividade 3.2 da metodologia de trabalho). Entre os meses de agosto, e dezembro, as organizações agroecológicas, desde as suas lideranças, mas também com as suas bases, e outras organizações, como a Alianza de Desarrollo Campesino (ADC), o Sindicato de Maestros de Nariño, a associação La Tulpa, e outras, para liderar e organizar todo o processo logístico, de comunicações, político, pedagógico e jurídico, do que implica esta construção.

O processo foi liderado pelas organizações de base agroecológica, em parceria com a presidenta da assembleia departamental, quem se organizou em várias comissões: base (ou direção política), comunicações, pedagógica, logística, sistematização e jurídica. Se organizaram 6 encontros territoriais: uma departamental, para dar início ao processo (Figura 32. Esquerda), começando pelo diagnóstico e mapeamento das organizações agroecológicas existentes, com as lideranças de todo o departamento para dar a base de discussão, sobre os lineamentos que essas lideranças, que já vem desde anos fazendo agroecologia, propõem e indiquem, o direcionamento político, sobre o que deve ter estruturalmente, desde uma abordagem territorial, o documento de política pública. Além disto, 5 encontros zonais (Figura 32. Direita): Zona Centro, Zona Ocidente, Zona Norte, Zona Sur, Zona Páxico, para socializar, os avanços do primeiro encontro e os avanços com as lideranças agroecológicas; discutir esses aportes; e construir a partir dessas discussões, em cada zona, segundo as visões das bases sociais que participaram desses encontros. Além dos encontros territoriais, existiram dos adicionais, um com comunidades indígenas, para fazer ao mesmo exercício, com uma abordagem étnica; e outro com instituições e empresas de particulares, para igualmente articulá-las no processo. Teve um último encontro de verificação dos resultados, e fechando o processo.

Figura 32. (Esquerda) Primeiro encontro regional da construção da Política Pública Departamental de Nariño. (Direita) Publicação resumo dos encontros territoriais feita pela Governação, nas suas redes sociais (7 de novembro 2024).



Fonte das imagens: Esquerda, própria. Direita, Secretaria de Agricultura de La Gobernación de Nariño.

Pela recomendação da companheira Marithza Calderón, companheira da associação La Tulpa, e parte da Mesa Departamental do Campesinato, além da Red Agroecologica de Nariño, que me convidou para apoiar o processo. A minha atuação, foi acompanhar o processo da equipe base, dentro das decisões e direcionamentos políticos, além de ser parte das comissões pedagógica, encarregada do preparo dos encontros e das metodologias para cada encontro, recolecção das propostas, e os instrumentos para tal fim. Também participei, comitê de comunicações, encarregado de manejo de informações internas e da informação para os externos; apoio ao comitê de logística e de sistematização, com atividades pontuais. Além disso, participei dentro da equipe nas mesas de trabalho, da mesa no eixo de Produção e Transição Agroecológica, de 5 dos 8 encontros, na zona norte, ocidente, centro, com instituições e empresas, além, do primeiro encontro geral e de fechamento.

Depois desse processo, a política foi estruturada pela comissão de sistematização, em ajuda com a equipe jurídica tanto da assembleia departamental, como da Secretaria de Agricultura de la Gobernación, e foi apresentada diante a Asamblea Departamental, para sua discussão e aprovação, no mês de dezembro. A ordenança, No. 25 de 2024, para felicidade das organizações sociais de base agroecológica, a política pública foi aprovada, o dia 20 de dezembro do 2024, pelo qual, se aprova o Plano Agroecologico de Nariño 2025 – 2036, como política pública estadual. A continuação se expõe a estrutura básica, do resultado final da estrutura da política pública aprovada, o qual está, no documento aprovado pela Asamblea Departamental:

Estructura do Plano Estratégico da Política pública de Agroecología de Nariño 2025 – 2036 – Plan Agroecológico.

Eje 1: Gestión del conocimiento.

Línea Estratégica 1: Formación agroecológica.

Programa 1: Educación agroecológica en instituciones agropecuarias y ambientales.

Programa 2: Formación comunitaria en agroecología

Programa 3: Formación a nivel técnico, tecnológico, pregrado y posgrado en agroecología.

Programa 4: Formación a técnicos y profesionales extensionistas agropecuarios de instituciones gubernamentales.

Línea Estratégica 2: Investigación e innovación agroecológica.

Programa 1: Investigación acción participativa y sistematización de experiencias.

Programa 2: Recuperación, reconocimiento y continuidad de saberes ancestrales.

Línea Estratégica 3: Comunicación y divulgación.

Programa 1: Campañas de sensibilización.

Línea Estratégica 4: Promotorías agroecológicas e intercambio de conocimientos entre productores.

Programa 1: Formación de promotores territoriales agroecológicos.

Eje 2: Producción y transición agroecológica.

Línea Estratégica 5: Fortalecimiento de la producción agroecológica.

Programa 1: Acompañamiento a la formalización y acceso a la tierra para la producción agroecológica implementadas por las agencias del Estado.

Programa 2: Capacitación y asistencia técnica.

Programa 3: Reconversión y transición agroecológica de productores convencionales.

Programa 4: Fomento a la pluriactividad y diversificación.

Programa 5: Capital semilla y fondos de rotación para la transición agroecológica.

Programa 6: Producción y uso de bioinsumos.

Programa 7: Establecimiento de faros agroecológicos.

Programa 8: Transición agroecológica y tecnologías ecológicas apropiadas.

Línea Estratégica 6: Autonomía y soberanía alimentaria.

Programa 1: Comunidades fortalecidas en seguridad alimentaria con base en producción agroecológica.

Programa 2: Producción y conservación de semillas nativas y criollas.

Línea Estratégica 7: Planificación y ordenamiento territorial.

Programa 1: Integración de agroecología en el ordenamiento territorial.

Eje 3: Economía y consumo solidario.

Línea Estratégica 8: Circuitos económicos solidarios (CES).

Programa 1: Sistemas alimentarios agroecológicos locales.

Programa 2: Fortalecimiento a sistemas participativos de garantías (SPG).

Línea Estratégica 9: Consumo consciente y solidario.

Programa 1: Campañas de sensibilización al consumidor.

Línea Estratégica 10: Transformación y generación de valor agregado.

Programa 1: Desarrollo de productos con valor agregado.

Línea Estratégica 11: Agroecoturismo.

Programa 1: Promoción del agroecoturismo.

Línea Estratégica 12: Sistemas de financiamiento e intercambio solidario.

Programa 1: Sistemas de financiamiento e intercambio solidario para la agroecología.

Línea Estratégica 13: Compras públicas.

Programa 1: Compras públicas de productos agroecológicos.

Eje 4: Agrobiodiversidad y sistemas bioculturales.

Línea Estratégica 14: Ecosistemas alimentarios y medicinales para el cuidado y preservación de la vida, la cultura y el territorio.

Programa 1: Recuperación, conservación y cuidado de semillas nativas y criollas, prácticas, alimentos y medicinas tradicionales armonizadas con las agriculturas para la vida.

Programa 2: Modos de vida, cosmovisión, espiritualidad e identidad.

Línea Estratégica 15: Restauración, conservación y gestión comunitaria del agua, el suelo y la agrobiodiversidad para procesos agroecológicos.

Programa 1: Protección y restauración de áreas de importancia estratégica para la conservación comunitaria del agua, el suelo y la agrobiodiversidad.

Programa 2: Cuidado y gestión integral y participativa de sistemas hidrológicos.

Eje 5: Género e integración intergeneracional.

Línea Estratégica 16: Empoderamiento de género, juventudes y niñeces en procesos agroecológicos.

Programa 1: Empoderamiento de todos los grupos poblacionales con énfasis en mujeres, juventudes y niñeces (liderazgos, VBG).

Programa 2: Reconocimiento de las mujeres cuidadoras en los procesos de transición agroecológica.

Programa 3: Caracterización de cuidadoras que trabajan con transición agroecológica.

Eje 6: Articulación organizativa e institucional.

Línea Estratégica 17: Fortalecimiento sociopolítico de actores, redes y organizaciones e instituciones agroecológicas.

Programa 1: Alianzas multiactor para la territorialización de la agroecología.

Línea Estratégica 18: Fomento a políticas públicas para la territorialización de la agroecología / Apoyo a políticas agroecológicas territoriales.

Programa 1: Incidencia en políticas públicas para la territorialización de la agroecología.

Línea Estratégica 19: Sistemas de información, caracterización y reconocimiento del sector agroecológico.

Programa 1: Desarrollo de sistemas de información, caracterización y reconocimiento del sector agroecológico.

Línea Estratégica 20: Articulación institucional.

Programa 1: Coordinación institucional, Intersectorial territorial y participativa para la promoción y el fortalecimiento de la agroecología.

Em total, a estrutura inclui 6 eixos, 20 linhas estratégicas, e 37 programas. Cada eixo, tem várias linhas estratégicas, e cada uma de estas, vários programas, e dentro de cada programa, um resultado e produto (s) associado (s) (viabilizados em forma de projetos ou iniciativas), com um grupo de indicadores, os quais vão ser medidos cada 4 anos. Para o financiamento do Plano, o responsável direto vai ser a Gobernación de Nariño, para tal fim vai ser criado um Fundo Comum, o qual será fornecido por recursos próprios (da Gobernación), adjudicados anualmente, pela secretaria de agricultura e outras secretarias e dependências afins; e outros recursos externos, governo nacional, alianças com outras instituições como ONG, particulares, banca, e cooperação internacional.

Para viabilizar o direcionamento estratégico do plano, e os recursos a serem fornecidos, a política cria, uma estrutura e modelo de governança, com uns objetivos, que procuram a descentralização, construção de redes, uma representatividade social, por meio da inclusão, inter cooperação e flexibilidade.

Assim mesmo, cria uma estrutura, baseada desde o local nos espaços de encontro, participação e construção, sustentadas nas mesas Municipales de Agroecologia e a Mesa Departamental de Agroecologia (MDA), composta esta última, por 15 integrantes comunitários e 11 institucionais. Além disto, a estrutura interioriza a construção de uma instância de encontro e construção permanente, das organizações sociais de base agroecologia, através de La Red Territorial de Articulación de Organizaciones Agroecológicas. Assim mesmo, duas dependências estratégicas; a Secretaría Técnica, composta por um integrante da Secretaria de Agricultura de Nariño, uma de Instituições que acompanham processos sociais de agroecologia e uma da já mencionada Red Territorial de Articulación, para buscar uma integração técnico-social, que permita mais fluidez na construção e execução do Plano; e a Mesa Técnica Interinstitucional, para que as instituições entre elas, determinem o apoio técnico para a implementação deste Plano. Ao dia de hoje, estão em processo, os diálogos entre as organizações e a institucionalidade, estruturando o plano para o ano 2025, o orçamento e a logística envolvida.

Sobre este plano, tem muitas coisas para serem faladas. No primeiro momento, este plano foi o resultado de anos de trabalho de base, das organizações sociais que por iniciativa própria geraram, no contexto já comentado, uma pressão sobre o governo estadual, para poder com poucos recursos, aprovar uma política pública. Neste sentido, e aproveitando a conjuntura nacional com a aprovação da política interna do Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural, conhecida como Política Pública de Agroecologia (MADR, 2024a), aprovada e socializada no mês de outubro, na COP 16 que aconteceu em Cali (MADR, 2024b). É um movimento estratégico da equipe de base, ter se enlaçado, estruturalmente com esta política, é dizer, a estrutura da política departamental, se liga totalmente com a política nacional, pois os quatro eixos desta, coincidem com os primeiros quatro da departamental, pelo que tem uma afinidade e congruência estrutural total. Já o conteúdo desses eixos, no caso da departamental é própria da construção territorial feita. Esta ligação entre a política nacional com a departamental, vai permitir mais facilmente para, neste caso a governação, poder articular programas, projetos e recursos do nível nacional para o nível departamental, de maneira fácil e eficiente.

A política pública departamental de agroecologia, é mais uma conquista para os processos de agricultura camponesa, e das outras afins, como a indígena e a das comunidades negras, no departamento, pois esta representa uma possibilidade de acesso a investimento e fornecimento de política pública diferenciada, para pequenos agricultores, e mais ainda porque tem a abordagem de sustentabilidade, que trazem as perspectivas agroecológicas. Existem outras políticas públicas sim, mas que integralmente tentem fortalecer as produções próprias, poderia se discutir. A Mesa Departamental de Diálogo y Concertación Agraria, Étnica y Popular de Nariño, reativada pelo decreto 250 do 2021, tem funções de diálogo com a governação, para solucionar problemas estruturais, e promover projetos e programas que os resolvam. Mesa, que segundo, uma das suas lideranças e parte da associação La Tupla, Marithza Calderón, conseguiu efetivamente verbas, para as diferentes associações de agricultores pequenos, mas que essas verbas, estavam ligadas à lógica de inserir as comunidades na lógica de cadeias produtivas, e não desde as produções próprias, de vocação. E logicamente isto, teve um impacto em que muitos desses recursos não foram investidos estrategicamente, para o fortalecimento dos processos sócias e

produtivos, sentados nessa mesa. É por isto, que esse plano de agroecologia, permite ter um reconhecimento e uma política pública especializada, que permite tirar competência, por verbas estatais, com o setor agroempresarial. Assim mesmo, permite por investidores como ONGs, e estrangeiros, ter uma base jurídica para encaminhar os seus programas.

Uma das coisas não tão boas, por assim dizer, é a rapidez, com a qual foi feita a proposta. Embora, a política pública previu esse cenário, e uma das atividades complementares para melhorar é justamente uma atualização. Este procedimento rápido que foi contrarrelógio, deveu-se de conjuntura, e da possibilidade de contar com um cenário favorável para sua aprovação. Agora com 12 anos de vigência, podem se corrigir, algumas coisas que puderam ficar fora, e algumas que sem dúvida podem ser melhoradas, com um crescimento do tecido coletivo, da experiência e da conjuntura do momento.

Avaliando o aprovado como tal, propõe se fazer, algumas anotações, sobre alguns dos programas e indicadores, visando expor elementos relacionais com potencialidades que tem esta proposta, para depois conecta-las com as realidades das associações parte desta pesquisa. Todas as seguintes descrições, estão no documento aprovado pela assembleia departamental. Por exemplo, No eixo 1 de gestão do conhecimento, linha estratégica 1, de formação em agroecologia, programa 2, formação comunitária agroecológica, a perspectiva de atingimento a formação de crianças e jovens, desde uma abordagem pálcifico-andino-amazônica (entendendo a complexidade e riqueza da territorialidade departamental), e também para os pais de família. Por outro lado, o programa, repara no reconhecimento por meio de certificação, dos sabedores e sabedoras agroecológicas, agricultores (as) que vem fazendo agroecologia. Para isto se propõem, para 2036 atingir a consolidação, de escolas 6 municipais ou regionais, com uma estimativa 360 participantes, e 60 sabedores (as) agroecológicos certificados. Uma das coisas que poderia ter ficado melhor, no sentido dos indicadores, é que não só se meda, por participação, se não por conclusão, por número de pessoas formadas. Uma pergunta que fica, para desenvolver é sobre quem vai reconhecer os e as sabedoras, as mesmas organizações sociais, uma instituição de ensino, a governação; por meio de quais sistemas de avaliação; qual é o objetivo com isso.

E para finalizar esta linha, a formação de extensionistas agropecuários estatais, que para 2036, procura formar 300 técnicos e profissionais em agroecologia. A intenção deste programa, tem que o pessoal que age desde as instituições, conheça da abordagem agroecológica e se forme nela, para que desde ali, consiga considerar ações desde essa perspectiva. Lastimosamente, neste sentido, quero colocar uma pergunta sobre a viabilidade ao longo prazo, desta iniciativa. Se na Colômbia os cargos públicos, pelo tipo de contratação, que se caracteriza por ser por prestação de serviços, o qual implica que em qualquer momento, o contratista pode ser demitido, ou pode não ter continuidade. Tem sentido formar em agroecologia, a contratistas que em alguns meses não vão estar nesse trabalho de extensionista? E com os novos empregados fazer uma nova formação? Pode ser um ciclo desgastante, e inútil, se não tem continuidade nesse trabalho de extensionista, se não se garante que esse/essa profissional ou técnico(a) que vai ser formado, não vai poder atuar e ter continuidade nos processos territoriais. Na linha estratégica 4, de promotores agroecológicos, planteasse que sejam estes quem se integrem no sistema de extensão rural, que

deve ser o caminho. Embora, não resolve esta problemática. A formação deve existir, claro que sim, mas deve se procurar, por exemplo, que quem é extensionista e vai se formar, tenha continuidade, mas isso implicaria mexer com reformas laboristas, na qual esta política pública não tem ingerência, mesmo se fossem contratados os promotores (as) ou os sabedores (as) agroecológicos.

Na linha 2 deste mesmo eixo, de investigação e inovação agroecológica, os seus dois programas, são ótimos. O primeiro deles, o de Investigación Acción Participativa y sistematización de experiencias, estabelece dois indicadores importantes: a criação e consolidação da Red de Investigación Agroecologica para 2036, que vai ser construída, por meio da gestão de 9 projetos de investigação ação participativa, implementados, até 2031. E o outro indicador, é a articulação de instituições com processos agroecológicos (organizações, faróis, ou sítios), para a criação de uma plataforma interinstitucional e comunitária, para gerar 6 convênios até 2036, para investigação agroecológica em função das necessidades desses processos comunitários agroecológicos. Estes dois indicadores – projetos, são importantes no sentido que coloca a pesquisa agroecológica, em mãos e no direcionamento das organizações agroecológicas. Pois segundo a IAP, busca-se transformar a realidade social desde as bases, e que exposta essa rede, com essa abordagem, e mais se ela vai ser constituída em base a esses projetos focalizados desde essa abordagem, existe uma aposta política-organizativa potente, que pode a sua vez, a traves de esses projetos fortalece as outras dimensões da agroecologia. Sobre os convênios, do segundo indicador, se lograsse estabelecer um diálogo genuíno onde as instituições se coloquem ao serviço das comunidades (como deve ser), pode se gerar um impacto, com recursos bem destinados, e que logrem colocar um precedente de cooperação que territorialize a agroecologia. Os convênios podem ser sobre qualquer dimensão, problemática, ou potencialidade, e esperaria do que seja feito construção coletiva, durante as mesas locais e departamental.

O segundo programa, que faz referência à recuperación, reconocimiento y continuidad de saberes tradicionales, também tem dois indicadores – projetos; o primeiro menciona de 75 estratégias de recuperação desses saberes ancestrais até 2036; e o segundo de eventos de intercambio de saberes. Dentro do tipo de iniciativas e projetos, está incluído sistematização comunitária de saberes, festivales de saberes e sabores, publicações audiovisuais, arquivos digitais e físicos, e coleções de saberes para publicar, entre outros. Uma estratégia potente para visibilizar e ratificar que os conhecimentos ancestrais são agroecológicos. Uma escusa mais para juntar novas gerações, com as antigas sabedoras, aproveitando os recursos que podem ser utilizados nestas estratégias. A linha estratégica, também desse primeiro eixo, no seu único programa de promotores (as) agroecológicas, tem uma proposta, muito interessante, a certificação desses promotores, por meio de um Sistema Participativo de Garantías, o qual busca formar e ter ativos, 200 promotores, dos quais poder credenciar 90, para atingir um acompanhamento a 150 comunidades, e assim consolidar que esse programa de promotores, se integre no sistema de extensão rural, em 2036. Uma perspectiva brilhante para catalisar os processos de fortalecimento e reconversão produtiva.

Sobre o eixo 2, de produção e transição agroecológica, praticamente todas as linhas e programas são importantes, para estas associações. A linha estratégia 5, de fortalecimento de la producción agroecológica, tem 8 programas, todos

destacáveis. Dentro das mais relevantes e importantes, destacasse o programa 2, de capacitación y asistencia técnica, a qual tem dois indicadores, um deles, relacionado com a aplicação em soluções baseadas na natureza, a qual busca impactar 150 produtores (as). O programa 3, de reconversión y transición agroecológica de productores convencionales, o qual busca recursos específicos para suportar a transição, e assim, atingir 180 sitios e produtores em transição, que incorporem mais de 7 práticas agroecológicas. O programa 4, de fomento a la pluriactividad y diversificación, o qual pretende suportar 300 ideias que complementem o processo produtivo agroecológico, como apicultura, artesanato, agroecoturismo ou semelhantes.

O programa 5, estabelece 9 fundos rotatórios para estimular processos produtivos, de comercialização e benefício. O programa 6, propõe 6 projetos relacionados, com o fomento às biofactorias, tanto familiares (300) como comunitárias (90), até duas plantas grandes para a produção departamental; o programa também tem estabelecido a formação de 200 técnicas(os) camponesas(es). Para finalizar, o programa 7, que busca reconhecer, fortalecer e potencializar 10 faros agroecológicos, por meio de irradiação da experiência destes, através de articulação constante com pelo menos 9 instituições educativas; e também com processos organizativos, por meio de 60 giras de intercâmbio de experiências nestes sítios. O programa 8 de transición energética, a través da introdução de 300 tecnologias ecoeficientes, o financiamento de 100 iniciativas relacionadas, e 180 sítios agroecológicos atingidos, com propostas deste tipo

Na linha 6: autonomia e soberania alimentar, deste segundo eixo, existem 2 programas. O primeiro deles: comunidades fortalecidas em seguridad alimentaria com base en la producción agroecológica, que inteligentemente tem como alvo, a implementação de 2000 hortas escolares, com o fim de garantir segurança alimentar de base agroecológica, e mudar a dieta alimentar, ao mesmo tempo que influencia os cardápios, do Plan de Alimentación Escolar, plano básico, da alimentação das crianças nas escolas; ao mesmo tempo que vincula aos pais, famílias e comunidade vizinha, nessa mudança. O segundo programa, mais que relevante para todas as comunidades: producción y conservación de semillas nativas y criollas, no qual se estabelecem metas (como todas as já relatadas, para 2036), de 100 variedades conservadas, uma rede departamental de casas de sementes, com uma base consolidada de 20 destas, além de um marco de proteção legal das sementes protegidas. Medidas importantes, diante da iminente erosão que vem acontecendo nos campos colombianos, para permitir o fluxo de semente agroecológica entre comunidades.

Finalmente, na linha 7: planificación y ordenamiento territorial, deste mesmo eixo, se estabelece um único programa: Integración de la agroecología en el ordenamiento territorial. Os indicadores propõem que os EOT de 15 municípios reconheçam a agroecologia, suas práticas dentro do zoneamento e uma determinante para o manejo territorial, incluindo 5 destes, o reconhecimento dos TECAM. Também que com base na agroecologia sejam ordenadas 600 há de áreas protegidas. Esta linha, pensando na defesa jurídica, das áreas de proteção ambiental, e em articular desta mesma maneira a agroecologia como abordagem ideal, para o ordenamento destas áreas, e das áreas de amortecimento e fronteira agropecuária, para mitigar os danos e direcionar as ações de restauração, destas áreas, contando com a presença dos seus habitantes.

O eixo 3, de economia e consumo solidário, na linha estratégica 8 circuitos económicos solidários (CES), no programa 2: Fortalecimiento de sistemas participativos de garantías (SPG), num dos seus 3 indicadores, impulsa o fortalecimento de 6 destas iniciativas. Outro programa interessante, é o programa 1: desarrollo de productos con valor agregado, da linha estratégica 10: transformación y generación de valor agregado; tem 3 indicadores, 100 unidades de transformação criadas, 200 produtos desenvolvidos, e 20 registros sanitários obtidos. Uma estratégia adequada para fortalecer uma organização, se consegue desenvolverse dentro desses 3 indicadores. Por último, neste eixo, a linha estratégica 11: agroecoturismo, programa 1: promoción del agroecoturismo, que está pensada na articulação de processos já estabelecidos nesta área, através da criação de 10 rutas de agroecoturismo, incluído dotação das unidades, capacitações em serviços turísticos, entre outras.

O eixo 4, de agrobiodiversidad y sistemas bioculturales, a linha 15: restauración, conservación y gestión comunitaria del agua, suelo y agrobiodiversidad para procesos agroecológicos; el programa 1: protección y restauración de áreas de importancia estratégica para la conservación comunitaria del agua, suelo y agrobiodiversidad. Este programa, tem 3 indicadores, os quais se complementam muito bem, 18 planos de ordenamento e manejo agroambiental e agroecológico, institucionais e comunitários; 55 viveiros florestais para a restauração e transição agroecológica; e 90 bosques comestíveis implementados. No caso do programa 2: cuidado y gestión integral y participativa de sistemas hidrológicos; o qual aponta a gestão comunitária da água, através de ordenar o território (incluído a produção) ao redor deste recurso. Para criar esses sistemas de manejo hidrológico, tem 5 indicadores, que se articulam fantasticamente, 300 hectares manejados baixo o esquema selecionado, com 300 produtores(as) agroecológicos involucrados, articulando aquedutos comunitários, organizações sociais e entidades públicas, para realizar 20 ações de conservação, dentro destas territorialidades atingidas. Adicionalmente, o eixo 5 de gênero e relevo geracional, e o eixo 6, de articulação organizativa e institucional, complementam de boa forma a política pública. O eixo 5, por motivo de pretender visibilizar e estabelecer projetos e programas diferenciais para mulheres, jovens e crianças, os quais historicamente ficaram esquecidos, pois os programas e projetos, instalados desde uma estrutura estatal e social patriarcal, mesmo sem definir desse jeito literalmente, só contava com homens para beneficia-los dentro destes. Com o fim de estabelecer ações, com estes grupos populacionais, dentro deste eixo, a Linha 16: Empoderamiento de género, juventudes y niñeces en procesos agroecológicos, programa 1: Empoderamiento de todos los grupos poblacionales con énfasis en mujeres, juventudes y niñeces. Como propostas para viabilizar este programa, se propõe impulsionar 50 iniciativas lideradas por mulheres ou jovens, e também a formação de 150 crianças, jovens, e mulheres participantes em escolas agroecológicas. Por outro lado, o programa 2: reconocimiento de las mujeres cuidadoras en los procesos de transición agroecológica, establece 18 projetos direcionados, a qualificação das mulheres cuidadoras em transição agroecológica, e para jornadas de sensibilização sobre a função das mulheres cuidadoras na agroecologia e na economia. E finalmente o programa 3: para que as mulheres cuidadoras, parte de processo comunitários agroecológicos, podam apresentar propostas para desenvolver projetos liderados por elas.

Para mim, é um avanço que olhando para as iniciativas de projetos e os indicadores com os quais vão ser medidos, pois procura a criação de escolas de jovens e crianças, jornadas de sensibilização sobre o papel de cuidar das mulheres, mas também formação para as mulheres cuidadoras e projetos para elas em função da transição agroecológica. Embora, sento que o reconhecimento e a caracterização, fica curto. Não que seja suficiente, o que já foi estabelecido, mas faltaria um processo de fortalecimento político desde e para as mulheres, com sua própria agenda e reivindicações; e também visualização das outras dimensões das mulheres agroecológicas, fora do cuidado, que é importante, mas não é a única; finalmente, dentro dos outros eixos, poderiam ter sido colocadas algumas cotas, dentro dos indicadores, para que tive participação garantida de mulheres em todos os projetos. Também pode se dizer, que as mulheres poderiam ter tido, pelo menos, uma linha estratégica, direcionada só para elas e as suas necessidades, segundo as agendas programáticas das mulheres agroecólogas, que também deveria se fortalecer, com encontros e eventos de posicionamento, dentro do movimento agroecológico, e também fora dele. No caso dos jovens, no primeiro eixo de educação institucional e comunitária, cobre um pouco isto.

Sobre o eixo 6, a articulação organizativa, ficou muito bem estruturada pois toca temas de formação em diferentes níveis e abordagens, espaços de encontro e de construção de agendas comuns, participação em eventos, e busca de recursos para a política pública ter vida, incidência em espaços de decisão e de planejamento. Tudo isto fortalece as capacidades, e os cenários de incidência dos grupos agroecológicos, tanto ao nível local, como o departamental. Visto desde uma perspectiva de ganancia de autonomias, em teoria, melhora as condições de relação de forças, para estar mais preparado, e ter mais espaço para se colocar e negociar e adquirir fornecimento e poder agilizar os planos territoriais de fortalecimento da agroecologia. Enquanto a abordagem das relações com as instituições, obter as políticas públicas locais, e os instrumentos de planificação, territorializar a discussão e visibiliza os atores. Isto é muito potente, inclusive, na minha perspectiva os que tem maior potencial, são aqueles das territorialidades coletivas, como os Concejos Comunitários, das comunidades Negras, os Planos de Vida dos Resguardos Indígenas, e os planos de desenvolvimento dos TCAM, que tem uma territorialidade continua, e já tem uma organização social ao redor da mesma. Linnha 18: Fomento a políticas públicas para la territorialización de la agroecología apoyo a políticas agroecologías territoriales, programa 1: incidencia en políticas públicas para la territorialización de la agroecología. Desprendesse deste, os indicadores a incidência em 28 políticas públicas municipais aprovadas, e 60 instrumentos de planejamento, alinhadas com esta política.

Com foi falado, toda esta descrição e análises da política pública, é feita para visibilizar os avanços que esta traz, e fazer relações daquilo que foi aprovado, e tem uma potencialidade de se conectar com as problemáticas-oportunidades que as organizações, que são parte desta pesquisa, tem hoje, e que poderiam se beneficiar, se lograssem ter aceso a esta política. Nesse sentido, estrategicamente, se propõe às organizações escrever projetos ao redor desde os seus interesses e lutas, em função do cumprimento dos indicadores desta política pública, para mobilizar os recursos e apoios suficientes, e fortalecer seu projeto coletivo agroecológico. Assim mesmo, se inscrever na base de dados das organizações de base, e se motivar na participação ativa das mesas, departamental, e das municipais quando estas sejam criadas.

Dentro dos eixos, linhas, programas e indicadores, da política pública de agroecologia departamental aprovada, pode se dizer, que as seguintes, aplicam para ambas organizações, mas será explicado, de maneira diferencial, o como poder articula-la para cada uns dos casos. Para começar, no eixo 1 linha 1 e programa 2, com as escolas agroecológicas territoriais, no Nodo de Agroecologia de Tangua, pensando nos seus processos de formação com crianças e adolescentes, desde a estratégia de La Escuela Ambiental Campesina, poderiam se potencializar com o programa 3, da linha estratégica 1 do eixo 1, para estabelecer uma dessas escolas regionais de agroecologia, para crianças e jovens, em companhia dos processos de Yacuanquer e Consacá, e a ADC, que tem processos também de jovens. Ou se quiser de uma escola municipal, de forma autônoma, embora os processos regionais, ajudam a que estes jovens tenham, mais troca de conhecimentos com outros jovens de outros contextos. No caso de La Tulpa, que tem vários grupos locais, o estrategicamente mais viável seria pensar em articular esta estratégia em em Pasto, para lograr atingir os grupos locais de Gualmatán e El Encano, com presença também de La Laguna; com alianças e apoios de outras organizações agroecológicas de produtores da cidade, de outros corregimientos, como Obonuco e Catambumco, também com apoio da red Enjambre, Suyusama e a ADC, apenas para citar alguns atores. Embora, poderia pensarse, para a zona San Lorenzo, com atores relevantes do TCAM del Macizo de Norte de Nariño y Sur del Cauca, e outros que façam agroecologia nessa zona, como Agroconur. Assim mesmo, neste mesmo programa, poderia se fomentar incluir alguns e algumas das produtoras, as sobressalientes, o caso de Roberth Paz, Fanny Guanca (mãe da associada Maritza Calderón), Billy Gómez, Sonia Matituy, Rita Maigual, pare se certificar, como sabedores agroecológicos, pela sua experiência e conhecimento de anos, nas práticas agroecológicas. As quais também podem ser tidos em conta para as promotorias, incluindo a Angie, Maritza, Milena Jojoa e Liceth Pantoja, pelas capacidades que mostram.

A linha 2 do mesmo eixo, também teriam cabida as organizações, especialmente porque, preliminarmente tem alta abrangência (ainda não foram definidas), e poderiam estruturar investigações pertinentes, cada uma delas, poderia priorizar essas questões, que também dependeram das linhas de investigação que vão ser priorizadas pela Mesa Departamental. Assim mesmo, com o caso das estratégias de recuperação de saberes ancestrais. No caso del Nodo, que tem experiência em criação de recursos audiovisuais e narrativas diferenciais, poderia se explorar muito a partir dessas capacidades. Além, porque em Tangua, como tem sido relatado na tese doutoral de Julio Bravo, existem muitos saberes na região de Opongoy, muitos deles em risco, que vale a pena explorar e resgatar. Também nas outras zonas de incidência do Nodo, como na marquesa alta e a cabecera municipal. Existem, umas possibilidades que se ressaltam desde esta pesquisa, como fortalecimento político-organizativo com abordagem agroecológica, práticas agroecológicas em alta montanha, como sistemas silvostoris e agroflorestais, conectividade ecológica, manejo sustentável de água, entre outras. No caso de La Tulpa, que tem tantas áreas e dimensões nas quais podem se expandir, poderia ser qualquer uma. Poderia ser em comercialização, uns dos gargalos do processo da associação, como criação ou consolidação de mercados agroecológicos, ou outros derivados dos resultados das caracterizações ou avaliação do SPG, como energias renováveis, manejo de águas residuais ou captação de águas,

agroecoturismo, fortalecimento de capacidades produtivas, fortalecimento para plantio e transformação de insumos próprios, entre outros.

No eixo 2, linha estratégica 5, programa 5, sobre o capital semilla y fondos rotatorios, existe uma alta possibilidade para as duas organizações, tanto para a produção, como para benefício e ideias de comercialização. Da para estruturar uma ideia de projeto em cada caso, dos esforços que querem se implementar com esse fundo rotativo, e as dinâmicas ao interior da associação, pessoas que estariam, entre outras. Com o fim de continuar com os processos de aprendizagem, se articular com os processos de giras agroecológicas, com o programa 7, nos faros agroecológicos, complementaria os aprendizados, nas experiências passadas, que já forma feitas, pela equipe dinamizadora do Nodo, no ano 2023, assim mesmo, podem-se convocar aos novos integrantes, para se formar praticamente, com outras e outros camponeses. Para o caso de La Tulpa, sempre se manter ligado, com os processos e experiências territoriais de agroecologia, também é importante, e ser participes dessas trocas nestes espaços, é fundamental para se manter aprendendo. Alguns, dos produtores, também poderiam ser potenciais faros, o caso de Roberth paz, Sonia Matituy, Vilma e Narciza Miramá, e o processo de Marithza e sua mãe Fanny, são bons exemplos, dos processos de resistência e proposta agroecológica.

O programa 6, desta mesma linha e eixo, que relaciona a conservação de sementes nativas e crioulas. Pensando na associação de La Tulpa, com participação de aliados comunitários nos territórios de incidência, ou por se mesma, a criação de uma casa de sementes, que consiga ser o backup, das sementes da organização e que permita o fluxo destas, entre os próprios associados, e que também poda ser um núcleo de troca de sementes, com essas outras organizações do departamento, e do país. No caso do Nodo de Tangua, estabelecer, uma destas casas, na sua territorialidade, é fundamental, mais porque como foi exposto, as comunidades de Santander, Las Piedras, Tamborcillo e Arrayanes, não tem sementes orgânicas ou agroecologicas, o que atrasa e ou atrapalha os processos de plantio neste território. Ter semente que poda se adaptar na alta montanha andina nariñense, seria ótimo. Tal vez uma casa própria poderia ser difícil de estabelecer, mais reparando com o que acaba de ser falado. Para esta ação, pode se estabelecer um diálogo com as outras associações agroecológicas dos municípios vizinhos, o caso das organizações do Nodo Centro da Red de Agrocoecologia de Nariño, e por que não tal vez com La Tulpa. Esta casa, estrategicamente, para estas organizações de Tangua, representaria o fortalecimento das raízes do processo agroecológico, que está indo.

No caso do programa 2, da linha 15, do eixo 4, sobre manejo hidrológico. Este projeto poderia involucras as duas organizações, tanto La Tulpa, como o Nodo de Tangua, e outros atores territoriais ao redor do Río Guáitara, para juntos se articularem e criar uma estratégia ao redor deste sujeito de direitos, através de um plano hidrológico, com abordagem agroecológica, que articule atores agroecológicos nos 33 municípios de Nariño os quais tem incidência nele, pode ser a agroecologia a resposta deste rio que está em risco letal. O como faze-lo, não poderia dizer, mas pode ser por que estas organizações que coloquem a discussão na mesa departamental de agroecologia. La Tulpa está representada com os municípios de La Florida, Pasto, Consacá e Yacuanquer, e o Nodo, com Tangua, todos dentro da bacia deste rio.

Para os temas de gênero, juventudes e crianças, das organizações, que pode se ligar no eixo 5, em qualquer um dos seus 3 programas. Para as dos organizações, poderiam se pensar projetos, de dois tipos, um de formação e outro de pesquisa, seja artística, ambiental, social, de mídia, história, ou qualquer outro, direcionados aos jovens e crianças, que toquem temas da suas vidas no território, e na vida que eles querem (caso dos jovens), desde uma abordagem agroecológica, mas que tenha uma incidência em suas sensibilidades, nas suas formas de enxergar a realidade de seu território, que possa colocar o pensamento agroecológico nos seus presentes e futuros, mesmo que eles escolham não continuar com as atividades agropecuárias, que suas famílias desenvolvem, mas se com que a agroecologia, pode ser aplicada na cidade, no campo, no estudo, e que é uma ferramenta para defender a vida, a justiça ambiental e ecológica, uma melhor qualidade de vida para suas famílias e comunidade, o importante é plantar a semente nos corações, o projeto específico deve ser acordado com os pais de família das organizações, e construída a ideia com eles, seria ideal.

No caso das mulheres, como homem seria inapropriado e deslocado, falar o tipo de projetos que poderiam procurar as companheiras das organizações; embora, sempre é bom poder ter escolas de pensamento desde e para mulheres, onde elas se sentam, a vontade para se expressar e se conectar umas com outras. Estes espaços de formação, no caso das mulheres do Nodo, acho como uma base os acompanhamentos de mulheres rurais, lideranças em temas de gênero e de agroecologia, visando essa interseccionalidade. No caso das mulheres de Santander, procurar espaços só delas (sem acompanhamentos dos seus companheiros ou filhos homens), nos quais com esses acompanhamentos podam dialogar, discutir, se expressar, se sentirem ouvidas. No caso das mulheres de La Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, com a sua associação já é de mulheres, igualmente buscar essa companhia de mulheres rurais, agroecólogas lideranças de gênero. Esse poderia ser um primeiro espaço, para ambas associações.

Nesses primeiros momentos, esperaria se, se consolidar, as discussões e questões que as mulheres camponesas vivem nas suas realidades, do dia a dia, através dessa abordagem interseccional, abriria muitas possibilidades para elas decidirem, as temáticas nas quais querem se formar. Uma formação integral, e assim, fortalecer o empoeiramento das mulheres, individual, organizativa, política e coletivamente. Uma vez mais, e tomando licença, sobre algo que posso imaginar e sentir, mas que não me atravessa. Possivelmente de estas escolas ao mediano e longo prazo, podam se criar ideias para fortalecer esses processos gerados, nos espaços de formação e aí, os outros programas, podem alavancar ideias para estruturar projetos para levar os assuntos tocados na formação para a prática. No caso, de La Tulpa, de maneira semelhante, devem ser as mulheres da associação quem decidam quais seriam essas prioridades de formação. Mas, poderia se potencializar o grupo de transformação, o de galinhas poedeiras através dos projetos, do programa 1, aproveitando que nestes dois grupos todas as participantes, são mulheres.

Já no caso específico de La Tulpa, segundo o contexto anteriormente relacionado, e o vivenciado com as e os seus associados, a associação tem uma potencialidade para se inserir, na política pública, adicionalmente no eixo 2, linha 5, programa 2, que relaciona as soluções baseadas na natureza. Esta

abordagem, pode ser para suportar qualquer dos processos produtivos da associação, sobre todo, aqueles que estão localizados em sistemas ecológicos estratégicos vulneráveis, ou que estejam próximos da fronteira agropecuária, ou que conectem zonas ecológicas desligadas, caso das e dos companheiros de El Encano ou San Lorenzo, mas pode ser viável para qualquer um(a), também porque todos estão em algum grau, diversificados, e isto potencializaria seu processo de tornar o sistema produtivo mais complexo. Assim mesmo, nesse mesmo eixo, o programa 4 de iniciativas complementares, é ideal para o que La Tulpa é e faz. Com base nos resultados do SPG e a caracterização de 2023, tem várias(os) companheiras (os) da associação, com várias outras atividades relacionadas com turismo (Wilma, Narciza, Liceth, Maritza, Casapamba, Roberth, Angel, Milena Jojoa, por citar alguns), artesanato (Milena Jojoa), apicultura (Luis Manchabajoy, Ángel, Oveidis, Marithza), e outras iniciativas que podem ser potencializadas, desde este programa.

Existe um programa, que dentro das prioridades trabalhadas com a associação, é ideal. O programa 8 desta mesma linha 5, que faz referência às energias renováveis, para sítios em transição agroecológica. Neste sentido, como a associação toda está nesse processo de transitar, incluindo energeticamente. Atividades que ficam pendentes, para viabilizar uma proposta deste tipo é fazer o levantamento das necessidades energéticas que precisa cada família, e cada sítio, para adapta-las aos requerimentos de tecnologias ecoeficientes diferenciadas (adaptadas para as condições pontuais de cada produtor (a)), e fazer prioridades. O programa contempla a transição de todos os sítios, (necessidades domiciliares e produtivas), sobre esta premissa deve se estruturar a proposta.

Assim mesmo, para fortalecer a organização, no eixo 3, linha 8, programa 2, o primeiro indicador, para fortalecer o SPG, que a associação, já aplica. Dentro dos fortalecimentos que poderia se dar, coisas que o SPG atual, não consegue atingir, por recursos, exemplo, estudos de águas, de solos, um levantamento botânico das áreas de preservação, só por citar alguns exemplos, com o fim de estabelecer com esses novos insumos, alguns indicadores construídos com as e os produtores, para continuar avaliando, sem necessidade desse tipo de estudos. A ideia é dar poder com mais recursos de análise o processo de SPG, e também com as melhores que a avaliação possa indicar, então seria bom também recursos para melhorar alguma das condições mais transcendentais, que tenham os produtores, pode ser de tipo pedagógico, ou materiais; nesse mesmo programa se coloca como uma possível iniciativa, campanhas de marketing social y posicionamento, uma possibilidade que falando do tema comercial, que tanto necessita a organização, seria ótimo.

Dentro do mesmo eixo 3, na linha 10, programa 1, que trata sobre o desenvolvimento de produtos com valor agregado, desde as instalações, passando por o desenho de produto e o registro sanitário. A associação, já teve uma experiência, com o desenvolvimento de um produto beneficiado, que foi o molho de tomate, que teve várias problemáticas, com a mudança de fórmula para adaptá-la e obter o registro sanitário. Eles e elas, poderiam tentar, com este ou um novo produto, que quer desenvolver o grupo de transformação, existe a opção e se puderem ir atrás de toda a estratégia, seria ótimo, para fortalecer a visibilidade da associação.

Finalmente, um programa que poderia fortalecer os processos territoriais, da associação significativamente, pelo potencial que tem é o agroecoturismo, neste caso a opção que tem a política pública na linha 11, no programa 1, com a articulação das rotas agroecoturísticas. Neste contexto, a associação dentro das intenções que tem muitos dos seus associados, está a possibilidade de abrir os seus sistemas produtivos às visitas. A associação tem um grande potencial para isto, porque muitos dos processos das associadas estão fortalecidos desde uma perspectiva agroecológica, o que tem bastante atrativo, para pessoas que conhecem a agroecologia, e para quem não conhecer, estes sítios, são uma ótima experiência para conhecer o que agroecologia. Além disso, a associação tem territorialidades diversas, 5 municípios, zonas de clima quente e frio, diversidade de paisagens e culturas nariñenses.

Como a política pública indica criação de rotas agroecológicas, e dentro dos indicadores de avaliação do cumprimento deste programa, está a quantidade de associações articuladas, a consolidação de uma rota só para La Tulpa, não seria o ideal, para o impacto que quer ter a política, embora de que seja uma ótima alternativa para a associação ter uma rota própria com todas as zonas incluídas. A proposta que poderia estabelecer a associação, é se articular justamente com outras organizações de base agroecológica, com as quais tiver uma aproximação maior, nestes temas, para juntas construir uma proposta de rota, que se complemente entre si, com várias alternativas, para poder incluir a maior quantidade de associados que manjam com esta temática, como são San Lorenzo, e El Encano. Também ver tudo o que precisam, desde essa construção coletiva, para que os processos dos grupos locais e associados envolvidos se vejam beneficiados, pelas capacitações e pelos recursos destinados para a dotação. Nos projetos locais derivados, desta pesquisa estão alguns dos insumos. Para La Tulpa, no eixo 6, linha 18, programa 1, existe um indicador está direcionado a desenvolver instrumentos de planejamento, que conta com alianças institucionais, desenho, implementação, monitoramento e seguimento da sua aplicabilidade. Uma poderosa ferramenta que poderia ajudar a planejar multidimensionalmente o processo agroecológico da associação, fazendo ênfase na transição agroecológica, na comercialização, e fortalecimento organizativo.

Agora, no caso do Nodo Agroecológico de Tangua, um programa que teria um impacto grande, nas associações do Nodo, principalmente seriam aquelas relacionadas, com o eixo 2, linha estratégica 5, programa 3, relacionado com a reconversión y transición agroecológica de productores convencionales. Devido, ao grau inicial do processo, no qual estão as organizações de base como Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, e o grupo Soluciones. O programa tem 4 indicadores para sua implementação, com todo o requerido, para a transição, dinheiro para suportar a transição, para redução de uso de agrotóxicos, implementação de práticas agroecológicas. Este programa na minha visão, dentro da dimensão produtiva destas duas organizações, e as outras do Nodo, é o seguinte passo, a incorporação das práticas, dentro de um desenho agroecológico, para os sistemas de produção do leite, papa, e cultivos semestrais – anuais que elas e eles tem. Assim poder condensar, e aterrar os ensinamentos, as propostas agroecológicas na materialidade. Sobre o programa de promotorias agroecológicas, uma pessoa que tem o perfil, para se formar nas promotorias agroecológicas, é Milena Erazo, uma liderança ambiental da Marqueza Alta, a qual tem um viveiro de árvores nativas, desde faz uns anos atrás com a sua família, e está intimamente interessada nos processos de transição agroecológica e de

restauração ecológica, do ecossistema de bosque alto andino; assim como também o seu Carlos, do sitio Pachamama, que já tem mais de 30 anos de formação e experiência agroecológica.

Outro programa interessante, que complementa os processos de transição, é a instalação de capacidades relacionadas com os bioinsumos e as biofabricas. No caso de Santander e cabecera municipal, poderia se pensar em biofactoria comunitária, que estimule os processos coletivos que estes grupos vêm fazendo, no caso de as companheiras de La Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, pelo motivo de estar espalhadas, poder priorizar algumas que tenham o desejo, e implementar biofactorias familiares, algumas que sirvam de farol, para as outras e se relacionem com a fabricação de biopreparados, até para a saúde dos cuyes, e enriquecimento da seu esterco, para a produção. Também deve se procurar ter essa formação técnica, pelo menos um (a) em cada associação, para ter a experiência de instalação, manutenção e aplicação dos bioinsumos. Isto também estimularia os processos locais, no plantio e aproveitamento de plantas que são requeridos para a preparação destes bioinsumos.

Um programa, que segundo o percebido em campo, e as preocupações da comunidade, nas duas organizações de Santander e Las Piedras, é a nutrição e a necessidade de mudança da cultura alimentar, sobre todo, nas crianças. Com base nisto, o programa de hortas escolares, do programa 1 da linha estratégica 6, do eixo 2, é uma proposta que se encaixa idealmente nesta busca. No caso da comunidade de Las Piedras, com que estávamos procurando criar este espaço na escola da vereda, poderia ser uma ideia que fortaleça esse processo que a comunidade está procurando desenvolver. Assim mesmo, para a escola presente em Santander, onde a comunidade também está pensando em ter um espaço de horta comunitária, levar esta experiência também a escola, poderia servir para coloca a agroecologia no papo, com o resto da comunidade. Um projeto pensando nesta zona do município, pensando em parceria da prefeitura, que também no seu Plan de Desarrollo Municipal, tem este indicador (Tabela 16), concatena e tece esta intenção para cumprimento da expectativa da comunidade, os interesses da prefeitura, e do cumprimento da política pública da governação; e claro permite ter mais suporte, a hora de levar uma proposta diante a Mesa Departamental de Agroecologia.

Sobre o programa de ordenamento territorial, como foram estruturados os indicadores, coincidem com as necessidades de ordenamento territorial que o município de Tanga tem. No caso de Tangua é fundamental, planejamento para o município no EOT e em paralelo num Plan de Manejo Ambiental, do parque estadual de Páramo Ovejas Tauso, e procurar estabelecer medidas de planejamento para fortalecer a delimitação das áreas que precisam ser colocadas em conservação, assim como também fomentar a conectividade com o Santuario de Fauna e Flora Volcán Galeras, e com complexo de Páramo La Cocha-Patascoy, nisto poderiam se juntar com representantes das veredas do município que tenham área de influência nestas áreas de proteção ambiental, até com pessoal de organizações sociais dos municípios de influência do SFF e do Complexo de Páramos. Outras atividades que poderiam se estabelecer tanto no EOT, como no plano de manejo ambiental é o planejamento de ações, nas áreas de proteção e as zonas amortecedoras dos ecossistemas de páramo e bosque alto andino, para a revitalização destas áreas através, de práticas de manejo

agroecológico, dentro da racionalidade das práticas camponesas, incluindo a Corponariño, e Parques Nacionales, dentro destas ações.

O caso, programa 1, da linha 15, do eixo 4, sobre a proteção de áreas de conservação de água, solo e agrobiodiversidade, pode servir as duas organizações. No caso do Nodo, pode se aplicar, o mesmo que foi explicado no anterior parágrafo. Embora, neste programa poderia se adicionar, um dos viveiros florestais, para desde o próprio território, poder gerar as mudas para a restauração das áreas de amortecimento, o bosque e o páramo, e assim mesmo, a implementação pelo menos de um bosque comestível modelo, que com o viveiro, também poderiam fornecer o material vegetal, para continuar com o plantio de mais, estes poderiam ser implementados na zona de Opongoy. Neste caso, não bastaria só o plano, o viveiro e os bosques, se não também ver, se as comunidades das organizações gostariam de se envolver num projeto assim. Uma organização que poderia ajudar na escrita desta iniciativa poderia ser Fundación Grupo Social, e também a prefeitura poderia se involucrar neste processo.

Com o trabalho que as organizações consigam desenvolver de maneira exitosa, de qualquer uma destas iniciativas, seja com recursos da política pública ou não, vai se gerar um efeito domino, e podem se gerar novas ideias, necessidades e potencialidades, que movimenta a energia para continuar os processos. As ações que acabasse de relatar, dentro do marco de atingimento da política pública agroecológica de Nariño, para as duas organizações, são dentro do planejamento territorial – organizativo, dentro das logicas de cada uma das associações, pode se dizer, que é um insumo, que a política pública, é justamente uma escusa, para estabelecer, essas intenções, na frente, para fortalecer internamente os processos, e se concertarem com os seus semelhantes, nas redes agroecológicas.

A política pública tem elementos e intenções marcadas, para neste primeiro momento, instalar capacidades que fortaleçam os processos já iniciados, e que dá o passo a novas transformações. No sentido, estratégico em busca das autonomias territoriais e dos processos organizativos, a política pública é a base de discussão e luta, para atingir recursos públicos, de todas e todos os colombianos, que podem ser investidos no cuidado territorial, a vez que oferece soluções que viram autonomias para quem cuida, as comunidades, e pode viabilizar recursos particulares e estrangeiros, que sejam bem investidos. A busca é fortalecer os processos, o tecido, as redes agroecológicas, e nesse sentido La Tulpa, uma associação que já é reconhecida no departamento, tem a possibilidade de se articular satisfatoriamente, nesta política pública, e no caso do Nodo, se articular ainda mais com a base do Nodo Centro da Red Agroecologica de Nariño, e fortalecer os seus processos de base, em função das ligações que consiga construir com ajuda da política pública, mas também em outros cenários de concertação e luta. A política pública não é o fim, nem a solução aos problemas, é uma escusa, para planejar, para mobilizar a base social, e se juntar.

4.2.3 Reflexões e discussões sobre o processo de trabalho e os resultados da comunidade

Foram feitas muitas atividades com La Tulpa, em muitos momentos, em muitas dimensões, e ao final de cada uma delas, foram descritos além dos resultados em

si mesmos, algumas conclusões e discussões dos mesmos. Para não ser repetitivo, vou tecer neste espaço, vários deles e sintetizar os resultados do trabalho feito com as e os companheiros de La Tulpa. Para começar de todos os processos, este foi o que mais avançou, ficando as atividades mais relevantes concluídas e as que faltaram direcionadas, durante o processo da fase de campo, e tem tido avanços depois desta, até hoje, e cada vez mais trabalhadas.

Sobre o trabalho, feito com a organização, no primeiro momento demorou para começar, o trabalho em campo. No início foram reuniões, revisões de documentação, algumas visitas à mercearia, e com as integrantes da equipe técnica, na cidade de Pasto, e também a assembleia geral, no mês de março, onde foi apresentado o plano de trabalho, que foi socializado, mas não discutido neste espaço, situação que sim aconteceu, mas com a equipe técnica, que foi diretamente o ator para a interlocução e tomada de decisões para este processo de trabalho, diretamente com a companheira Angie, e em alguns momentos em reuniões da equipe técnica. Estes primeiros momentos, ajudaram para tirar dúvidas, sobre a associação, entender a organização interna, e o parâmetro de ação e decisão de cada uma destas e dar ideias sobre como abordar as atividades.

Sobre este primeiro elemento, a organização tenta ser a mais descentralizada e horizontal possível. Tem os seus grupos locais, que tem representantes escolhidos por eles e elas mesmas e vão participar nos espaços, para fins de argumentação, nos espaços de representação, como os comitês trimestrais de delegados, reuniões de líderes locais de produção, ou nos espaços de representatividade da associação em eventos, fora dela. Embora, existe uma falta de legitimidade, nas decisões que toma a equipe técnica, nas suas reuniões de todas as sextas feiras. Como foi explicado, este espaço e quem recepciona os pendentes, as informações de fora, que vive no dia a dia a comercialização e venda, a logística, e mobiliza os fluxos de informação, energia, alimentos para dentro da associação e para fora dela.

Essa perda aparente de legitimidade, tem muitas vertentes, tanto em elementos do passado, como nos atuais, coisas que pela minha própria experiência e o que consegui entender dos diálogos trocados, são mais complexos, mas que basicamente pode se resumir em dois elementos centrais. O primeiro, existe uma ruptura parcial da comunicação entre a equipe e o resto da associação. Olhando as atas, resultantes destes espaços de discussão, algumas vezes não permite entender de maneira completa o porquê da tomada de decisão, e também poucos e poucas das produtoras que não fazem parte da equipe, leem com atenção e continuidade todas as atas. O segundo elemento, é a pouca rotação, na equipe, é dizer, os trabalhos, que são remunerados pela fundação Saberes Compartidos, tem os e as mesmas companheiras. Isto tem gerado, um certo desconforto, porque poucas vezes permite às e aos companheiros saber a carga das funções que tem as pessoas nestes cargos, e assim dificulta dimensionar as atividades e as implicações destas funções. E outro elemento, e que em vista de vários companheiros estes cargos fixos, sem rotação, limita a aprendizagem do resto das associadas, e também concentra certos benefícios para uns poucos, como o salário, o lugar de vivenda na casa Tulpa, que usualmente é garantido para filhos e familiares próximos de quem trabalha na equipe.

Estas situações silenciosas, passam despercebidas, mas estão presentes e é uma tensão calma, que nos momentos dos encontros presenciais, as vezes geram atritos, que são normais, mas que não geram soluções, ficam. Para fechar esta parte de organização e comunicação, como não tem uma continuidade dos diálogos da equipe, colocados nas atas, não é comum o feedback, e consequentemente, não tem uma ligação nas decisões do dia a dia, entre a base e a equipe. Embora, as decisões mais relevantes, mais transcendentais, não são tomadas pela equipe, são deixadas, para as assembleias extraordinárias ou para as assembleias de delegados, e são discutidas, analisadas e decididas, na maioria das vezes em consenso. Eu mesmo participei de 3 assembleias de delegados, uma assembleia geral, e pelo menos nesses espaços, foram tomadas baixo essa premissa. As falhas na comunicação, é um elemento importante que reparando, pode diminuir o sentimento de desgaste e de desconforto. Uma ferramenta que eu proponho é gerar capsulas de áudio, lendo as atas, encaminhar as duas coisas para os associados, e que eles e elas consigam ouvir, enquanto fazem as suas atividades esta capsula que é a mesma informação que tem a ata. As companheiras e companheiros maiores, por ser da roça, não tem muito o habito da leitura, mas sim muito habito da fala e da escuta, é uma ação simples, que pode ajudar nesse sentido.

O trabalho feito, com a associação, como também foi explicado, derivou-se no acompanhamento aos espaços de comercialização. O primeiro e mais importante gargalo, que tem pelo menos na percepção dos companheiros da equipe técnica. E tem muito sentido, pois, uma parte importante dos dinheiros com que se mantém a associação é do apoio de Saberes Compartidos, e a parte que percebe La Tulpa, não é suficiente, para gerar a autonomia econômica. Os diferentes circuitos de comercialização, nos quais está inserida a associação, como a venda direta que fazem na mercearia, as redes nas quais participa como Red Enjambre (3 ou 4 vezes por ano), as compras públicas e relações com fundações e particulares, é uma mostra da aposta na diversificação que quer atingir La Tulpa, para conseguir a autonomia econômica. Outra ferramenta importante é a reclassificação dos custos de produção e os reajustes de preços de venda, que fazem, sentido não só na autonomia da associação, se não na autonomia familiar. Embora, são apostas, pelo menos as três últimas mencionadas, muito recentes, e que a primeira impressão suma, mas não chega nesse objetivo.

Diante das múltiplas competências direta que tem com mercearias convencionais de produtos frescos, com preços mais baixos, o campo de conquista para atingir esse objetivo, é a consciência e educação sobre os diferenciais dos produtos agroecológicos e orgânicos, tanto nos consumidores que já tem, como nos consumidores novos. Isto não depende das ações que, de fato, já são feitas pela associação, se não também por outros atores como a mídia, as prefeituras, o sistema de saúde, que podem ter um efeito na percepção e na construção do senso comum da sociedade.

Está é uma luta que depende de muitos fatores, mas que está sendo dada pela associação e pelo movimento agroecológico circundante. As campanhas e as giras agroecológicas, nos sítios das e dos associados, o diálogo constante com os consumidores fortalece essas redes, o SPG é uma escusa potente não só na sua avaliação interna, se não também, no significado que tem que as pessoas conheçam e aprofundem nas dinâmicas de como se cuida, enquanto se produz o

alimento que comem. Uma campanha para fora da associação e dos círculos agroecológicos precisa ser feita. Porque está ficando curto o alcance a novos compradores. Isso é que acontece em espaços alternativos de economia solidaria, quase sempre são as e os mesmos, que nesta cidade, chegam nestes espaços.

O importante é que a luta está se dando nesse plano comercial, e as tentativas individuais (da própria associação) e em rede, está sendo construída. Sem dúvida, a diversificação destes canais é uma ótima escolha, mas demanda também muita energia, recursos, tanto da companheira Valeria, do resto da equipe técnica, como dos associados. Não tenho respostas de como fazer certo, ou como incrementar o número de compradores, só mais perguntas e elementos de discussão que outras e outras neste movimento, podemos compartilhar e construir. Essa é a base da construção de redes de comunicação, nas quais justamente, podemos compartilhar essas dúvidas e incertezas, e em outros e outras podemos discutir e construir elementos que tal vez consigam ajudar este e outros processos a mesma vez.

Das perguntas que eu deixo, como processo de reflexão sobre esta experiência com La Tulpa são: Quais são as pessoas da cidade que podem estar mais próximas de se conscientizar sobre o consumo de alimentos orgânicos ou agroecológicos? Tem a ver com a área da saúde? Com pessoas com doenças e que veriam nestes alimentos uma ajuda a sua cura? Tem a ver com pessoas de maior ingresso de renda? As canastras construídas numa base de dieta alimentar equilibrada poderia ser uma alternativa? Sobre as campanhas que faz a associação a nutrição é um elemento ainda não tão aprofundado, o que poderia ser tomar disto para complementar a informação aos novos clientes? Dentro das estratégias de marketing digital e uso de novas plataformas, quais poderiam ser as parcerias e abordagens para chegar a outros círculos de clientes? Quais são outras parcerias que poderiam ser feitas em circuitos de comercialização direta que não sejam os atores afins a agroecologia? Poderia a associação fornecer outros serviços relacionados com alimentação orgânica como restaurantes, lanchonetes, em lugares como colégios particulares, empresas ou inclusive em shoppings, que tem recursos para comprar estes alimentos, e ao mesmo tempo publicitar seus processos de alimentação saudável e agroecológica, em esferas sociais de alto valor de compra? E tem outras tantas, que posso com a leitura, mas detalhada deste documento de reflexão e feedback da associação, podemos enxergar e complementar.

Sem dúvida, conseguir melhorar as condições de ingressos e de capital, fortalece o processo de autonomias e investimento em programas, projetos, que a própria Tulpa e seus associados vem e querem, na mercearia, na casa, na logística, na imagem, no marketing, e outras tantas em cada sitio. Uma curiosidade que chamo a atenção quando tocávamos este tema com as e os companheiros da associação, era que sim, efetivamente a preocupação da comercialização é importante, mas não primeira. Durante as entrevistas feitas, uma das conclusões que chegavam elas e eles, ao perguntar porque permanecer na associação, porque continuar, qual é o sentido que tem, se não são autônomos economicamente, e que esse objetivo dentro da cabeça e a realidade de todos e todas, é difícil, por agora de atingir. Uma contundente maioria, assegurava, que o mais importante é sentir que isso pelo que eles praticam a agricultura orgânica ou

agroecológica, não é ganhar dinheiro, e se sentir acompanhado nesse processo de fazer o certo.

Este grupo de pessoas que compõe a La Tulpa, é diverso, tem motivações diferentes, mas aquela em comum, é que a forma de fazer agricultura, de se alimentar, de alimentar aos outros, é sem químicos, é cuidando-se e cuidando a natureza, este é o motivo em comum, e a associação é onde estas pessoas confluem, e não se sentem sozinhas. Alguns chegaram porque eram convencionais, alguns porque nunca foram, outras pelo cuidado próprio, e outras pelo cuidado do entorno, e coincidem em que La Tulpa, é o processo de união de vontades de fazer agricultura certa, mesmo que esta não seja a mais rentável em quanto a ingressos líquidos de dinheiro. Um análise complementar e uma pergunta pertinente seria, se terminar o apoio de Soluciones Compartidas, a associação continuaria? Se manteria o processo, mesmo com as mudanças que implicasse a falta deste investimento? Um cenário, que segundo o falado com a equipe técnica pode passar, quando termine este processo deste projeto em excussão que termina em 2026. Quais são as ações que poderiam prever as e os associados para preparasse para um cenário deste tipo?

Das atividades feitas com a associação, vou relacionar várias com o fim de fazer um análise que acho é pertinente pela sua relação, e também para não fazer mais longo o documento que já em si mesmo é extenso. Estou falando, das visitas feitas aos sítios das produtoras, tanto no primeiro momento, como na formulação dos projetos. Assim mesmo, a avaliação do SPG, a leitura conjunta feita com a companheira Daniela, e os e as companheiras, das caracterizações, na sua socialização e discussão. Este análise conjunto destas atividades, além permite fazer uma relação das outras dimensões e das autonomias nestas, pois contrasta a minha visão, a visão dos e das associadas, e a visão conjunta.

Sobre as atividades foi muito gratificante, poder ajudar a fazer as atividades que cada um dos associados precisava fazer os dias que os acompanhei, não tem melhor forma que conhecer fazendo, e assim poder conhecer a vida delas e deles através de suas formas de fazer, e de enxergar a sua realidade. Como já expressei, na fala com eles, também foi uma metodologia que acharam legal e construtiva. Cada experiência foi íntima a sua maneira, e permitiu conectar uma intenção com a ação. Do jeito que assumi a metodologia, a ideia era chegar o mais aberto possível, pelo qual a intenção não era encher minha cabeça com informação antes das visitas, se não ter a suficiente para saber em que focalizar as minhas perguntas prévias à chegada, e deixar o momento acontecer também. Nesse sentido a informação com qual cheguei ao momento das visitas foi, aquela das caracterizações e do SPG, e informações básicas que tinha visto na internet sobre os municípios, e em alguns documentos oficiais do departamento, de forma geral, isto para não me fechar só a aquele panorama criado artificialmente por informações secundárias, se não ouvir e falar com relação ao momento que estávamos tendo, e com base nos dados próprios da associação. Foi uma ótima escolha, no meu processo mental e no momento de estar com cada associada (o).

Avaliando as outras dimensões trabalhadas com a associação, a ecológica dentro dos sistemas produtivos, teve diferencias entre elas. Todos os sistemas produtivos tendem a ter uma diversidade maior de coberturas e de agroecossistemas, com uma menor quantidade de alguns sítios de El Encano e

Gualmatán. Essa diversidade, interna dos sistemas produtivos, com ou sem área de proteção é evidente, e é uma qualidade que representa os sistemas produtivos de La Tulpa. Embora, uma dificuldade, igualmente evidente, é a conexão dos sistemas produtivos com a paisagem, com a área onde estão localizados. Existe uma racionalidade camponesa do ecossistema, vivida e cuidada, desde uma consideração que pretende dar a possibilidade a sua expansão e pervivência, faz parte de todos os sítios, mesmo que a terra seja pouca.

As zonas de Yacuanquer e Consacá, ao estar localizadas em zonas tão intensivamente trabalhadas agropecuariamente falando, pela mesma utilização da área, tem uma grande desconexão ecológica, com a estrutura ecológica principal, e tem pouca mata ciliar ao redor, são ilhas nestes lugares, que provem de alimento e lar para muitas espécies de aves e mamíferos, detalhe que é de extrema importância, mas que não é suficiente. Coisa parecida acontece com Gualmatán e La Florida, mas que ainda pode se ver uma conexão entre a alta da montanha e as partes mais baixas. Nas outras zonas, a coisa é um pouco melhor, ainda existe uma matriz, derivada também dos policultivos que são mais comuns em San Lorenzo, das áreas de proteção ambiental em El Encano. Sobre a água, a maioria não tem problema por aceso, alguns deles porque tem distritos de irrigação, e outros porque naturalmente ainda tem a possibilidade de obter dela seja por um córrego ou por nascimento dentro da sua área. A problemática, radica na disposição final, a água depois do uso, uma tarefa designada dentro dos projetos para toda a associação. Ao igual que as energias alternativas, uma fraqueza em geral na área rural.

Sobre a dimensão produtiva, a integralidade das práticas agroecológicas são uma constante, tem suas variações, como em todo processo, e estão muito adiantados, neste sentido, tanto no autoconsumo, como no que oferecem para o mercado. A elaboração e uso de técnicas de recuperação de solos, é impressionante, solos muito ricos em matéria orgânica. Tal vez a única coisa que eu acho, poderia estar faltando dentro da visão do acompanhamento na produção, é a visão holística de outras práticas agroecológicas, o acompanhamento que é muito eficaz, mas para complexificar e continuar com o processo de transição, poderia se tentar, pelo menos com quem quiser e puder, fazer modelos de produção que incluam mais estratificação e relação com outros agroecossistemas. Estou falando uma aposta, para continuar um passo mais o modelo finca dentro das dinâmicas agroecológicas, que a mesma organização tem no seu regramento.

As capacidades produtivas estão, tal vez no futuro uma coisa que está próxima a acontecer no caso dos maiores (El Encano), é a falta de relevo geracional, com uma constante que tem o campo hoje. Uma estratégia que faz sentido para isto continuar acontecendo, é os voluntariados, não só nesta zona, em todas. La Tulpa, como já falei, tem uma alta vocação em agroecoturismo, que levada ao um seguinte nível, pode se apoiar nos voluntariados agroecológicos, que sejam dirigidos pelos associados, segundo as suas necessidades, e que garantam a mão de obra, sem necessidade de colocar muitos recursos nisto, e que pode alavancar os processos.

Sobre a equidade de gênero, é um olhar difícil de obter, não sendo mulher. O que eu vejo, e que a associação, também por ser maioria mulheres, tem muita potência, na participação, na direção, na parte política e de juntanza das

mulheres. Os grupos de produtoras de galinhas e de transformação, são mulheres quem participam. A representação política, são elas que estão constantemente nos espaços de participação. Na equipe técnica, também se fazem sentir, e não acho que sejam minimizadas. Um empoderamento importante. Tal vez, existem elementos sobre tudo no econômico e nas atividades de cuidado, no caso das companheiras que não são associadas, que poderiam ser mais visibilizados, como já argumentei, diretamente com elas, para que o trabalho de equidade seja mais aprofundado na cultura de os companheiros. Embora, e sem ter muita certeza, pelo que eu experimentei, sim existe maior equidade que em outros cenários. No SPG, falta ter uma abordagem que possibilite ouvir mais claramente a voz das companheiras dos associados homens, e poder ver no caso das associadas, as relações, incluindo, mas não só as econômicas, com as suas famílias, para potencializar essa abordagem e planos de ação que podam uma equidade cada vez maior.

Para não perder um elemento recentemente mencionado, uma fortaleza que eu vejo, no processo de La Tulpa, se deve principalmente ao processo de formação agroecológica e política que a maioria dos e das associadas tem. É inegável, durante os encontros nos sítios, durante as entrevistas e conhecendo as histórias deles, do que fizeram e fazem em paralelo à associação. Uma grande coleção de saberes e de lutas que tem levado eles a integrar na sua dimensão cultural a agroecologia com uma das principais colunas da sua luta cotidiana. Uma grande quantidade delas, principalmente mulheres, são lideresas ambientais, participam na construção de políticas públicas, participam em associações de economias alternativas, de lutas feministas, de lutas de campesinato, de maneira local, mas também regional e algumas incluso nacional. Muitos deles e delas são referentes nas suas comunidades. Isto cria uma cultura própria, que inclui valores agroecológicos, a junção, o social, o cuidado, a igualdade, o coletivo, entre outras. Embora poderiam se pensar em espaços formação, nas áreas que sejam consideradas por eles e elas, para manter essa força ativa, e continuar somando nesses e outros espaços. Uma outra coisa pode ser, pensar numa aplicação desses saberes para o fortalecimento interno, da associação.

Concatenado com isto, do cultural, está essa dimensão que está dentro do SPG que é responsabilidade. Um tema de ser coerente com aquilo que se acredita, que segundo as condições do enxergado, embora de ter as contradições que tudo mundo tem, é arraigado dentro da comunidade de La Tulpa. Também, neste momento exponho, que percebi desgaste, em várias das companheiras, basicamente pelas dinâmicas da organização e da comunicação que já coloquei, uma rachadura, que está fazendo um pouco de força, nas vontades de algumas delas e que faz que nas ações coletivas, no momento da participação, seja menor e com maior distância, fazem que as coisas esfriem. Um elemento fundamental que consegui sentir, foi uma fortaleza derivada da união, principalmente dos grupos locais, um apoio e cumplicidade que junta os associados e que, estrutura as parcerias entre elas e eles, caso especial de San Lorenzo e La Florida, onde consegui ver também muitas destas características. A coesão que permite persistir além das dificuldades.

Enquanto a aposta que a associação faz no SPG, é um avanço significativo, processo que não é fácil de fazer, e nem tudo mundo chega a constituir, é uma estratégia de auto avaliação e de incorporação aos consumidores, que tentam mostrar com honestidade e esforço, a intimidade do seu sitio, do construído.

Também é uma mostra da importância de continuar o processo de transição agroecológica, e é um instrumento potente e eficaz para não só avaliar, se não construir diagnósticos, se pensar crítica e afetivamente, para assim, enxergar com amor o processo individual e coletivo, e tecer ideias, intenções para poder consolidar as mudanças estruturais que vem acontecendo nos sítios dos produtores, se não que também deixa ver os critérios e as dimensões nas quais tem que se trabalhar, e assim, poder fazer planos (colocar metas e objetivos, em projetos) e ações que viabilizem essas transformações. Para mim, deveria ter um acompanhamento permanente (além dos recursos), não só no momento da avaliação, se não na excussão desses planos e ações, para avançar, na transição agroecológica, que é no fundo do que trata o SPG.

As fontes de informação próprias, são importantes para o próprio reconhecimento do que se faz parte e do que é. Nesse sentido, usar esta informação para planejar com ela, é dar credibilidade aos processos que se fazem, traz poder. Deve se utilizar para mostrar resultados do que faz a associação, e para planejar as melhoras disso que é em função do que queres ser obtido. Poder gerar processos dentro, e receber ajuda de processo em rede, e de investidores.

Sobre a política pública departamental, al linguagem técnica sento foi estratégica, mesmo que muita dela não é um reflexo as posturas políticas das associações agroecológicas, só por dar um exemplo, a segurança alimentar e negócios verdes, Embora, sinto que é necessário, para que se incluam as práticas sociobioculturais dos e das produtoras agroecológicas, usando uma linguagem propria da institucionalidade, ou seja, que o Estado a través dessa linguagem jurídica possa garantir a viabilidade das propostas dos movimentos agroecológicos. O reto, é conseguir isso, movendo estrategicamente e reparando nisso. E manter os termos, conceitos e simbolismos relacionados com as práticas ancestrais e próprias das comunidades agroecológicas, intactas, e que não sejam cooptadas, pelos inimigos dentro do Estado, ou pelos meios mercantis, do agronegócio, o que pode ser o mais provável.

Por outro lado, a aprovação desta política pública, é um jogada estratégica, inteligente e sincronizada, pois a conjuntura tanto do país, com a Política Pública de Agroecologia Nacional que permitiu se por vontade política dentro do Ministerio de Agricultura, e obviamente pela força das organizações nacionais, neste “gobierno del cambio”, para a aprovação deste plano, caiu num momento especial, para o processo do departamento, que lendo este cenário, também aproveitou a presidência da companheira Rosita (única deputada alternativa, camponesa e relacionada com os processos de agroecologia), para aprovar a própria política agroecológica neste nível. Agora, com o plano já aprovado, podem se fazer as modificações pertinentes, que é o que o próprio plano permite, para corrigir as coisas que puderam ficar por fora, do aprovado, pela própria urgência, que não foi colocada, pelas organizações que fizeram a pressão, se não pela leitura da conjuntura. Agora fica o mais difícil, encontrar a vontade política dos governantes, se não a mobilização e forçar o cumprimento da palavra da secretaria de agricultura e do próprio governador.

Nesse sentido, também é pertinente a articulação com a política pública de agroecologia del Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural, articulações e atualização com as políticas municipais de agroecologia, já existentes, como as de Tangua e Yacuanquer, e o impulso para a criação das outras, no resto dos

municípios departamento, proposta que existe dentro desse plano. Relacionar os diagnósticos municipais, com a informação produtiva de cada uma das organizações, sem esquecer de falar da produção de La Tulpa e como essa produção orgânica que geram eles e elas, mostram ser uma alternativa produtiva para a cidade de Pasto, mas também para seus vizinhos e mercados locais nos quais eles participam. É vantajoso para a associação se assumir, no lugar que eles e elas tem se colocado, de referência. Isso mostra os diagnósticos departamentais tanto do Plan de Desarrollo, como o Plan Estratégico de Extensión Rural, inclusive em documentos oficiais, de instituições como Agrosavia, que operam muitos projetos a nível nacional, tal vez não para trabalhar com eles, mas sim, usar isso estrategicamente, para conseguir ter mais visibilidade e campo de poder fazer, parcerias com quem a associação sim quere.

Com La Tulpa, pudemos desenvolver conjuntamente as atividades estruturais, da proposta desta pesquisa, não necessariamente cada uma, mas aquelas mais estruturais sim. Pude estar em encontros acadêmicos, políticos, ambientais, de organização dentro e fora dela, pude fazer as duas visitas propostas, fazer o esboço dos perfis de projetos, poder realizar um diagnostico com informação própria, acompanhas espaços de formação e comercialização, entre outros. Processos que foram fundamentais, são o primeiro passo para começar a constituir as ações de consolidação, para definição das atividades em função da obtenção e fortalecimento das autonomias. Os perfis de projeto, são um começo, mas não o fim. A intenção é transformas essas intenções, além de projetos, em programas internos de La Tulpa, que consolidem dentro da visão estratégica da associação, como outras pedras, outra Tulpa, que sejam a base das autonomias da associação, dos sistemas produtivos, e das famílias desta. O resumo, dos resultados, segundo a metodologia exposta na tabela 15, estão relacionados no Apêndice 8c.

4.3 REFLEXOES E DISCUSSÕES GLOBAIS SOBRE O TRABALHO FEITO COM AS ORGANIZAÇÕES CAMPONESAS DE NARIÑO

Olhando as realidades de todos os sítios e territorialidades visitadas e trabalhadas, pode-se afirmar que os processos hegemônicos estão vivos e são evidentes. Desde a cooptação do Estado, pelos interesses de mineração ao serviço do grande capital extrativista (caso San Lorenzo), como a avaliação deste mesmo da produção agropecuário do país, pela UPRA do MADR, que visibiliza os processos produtivos dentro das cadeias de produção agrícola e pecuária, relacionada com as monoculturas e pastagens, e assim mesmo, as paisagens rurais, padronizadas por este tipo de usos, e práticas que mantem a maquinaria funcionando nesse sentido. Também pode se ver, as empresas relacionadas com os grupos empresariais tanto nacionais, com parcerias em muitos casos, com transnacionais, fazendo extensionismo agropecuário, com ânimo de lucro, sobre a pobreza dos e das camponesas. Podem-se ver como as mercearias locais, chegam a áreas tão de difícil acesso, com salgadinhos e refrigerantes, enquanto não se produz nenhum legume livre de agrotóxico, como oferta alimentar decente, como é o caso de Santander e Las Piedras. Ou pode-se ver como a erosão de solos degradados é comum, em áreas superexploradas em Yacuanquer, e como as chuvas não chegam, mesmo na época certa. Podem-se sentir os cheiros de cocô de frango, quilômetros de distância em Matituy, La Florida, derivado dos mega galpões, que poluem ar e águas, onde antes só tinha floresta. Lagoas

localizadas em zonas de importância mundial, contaminadas por fertilizantes e fungicidas, como La Laguna de Guamuéz, em Pasto, e assim, um longo etecetera, que para quem acompanhou todo o documento até aqui, deve ter identificado.

Poderiam se exemplificar, muitas mais coisas aqui, que são uma fotografia, uma imagem neste tempo, do que já foi falado na revisão teórica experiencial, e que as leitoras (es) poderão comprovar, visitando estas zonas do país, e achar semelhantes em qualquer área desenvolvida da sua região. Em Nariño, está localizada também esta força, este modelo. Como pode-se observar também nos atores chave, são ONG's relacionadas com comunidades locais, que se organizam para ser proposta resistente. É dizer, existem movimentos coletivos que já são uma realidade. Realidade de confronto a um modelo que destrói as suas formas de vida e seus territórios. Essa proposta, não necessariamente se identifica, como eu falei na revisão teórico – experiencial, mas na prática são contra hegemônicos, alguns deles anticapitalistas e muitas anti patriarcais, essas categorias podem ser resumidas, como coletivos com dignidade própria. Reivindicam o acesso à terra, que a natureza por ser habitantes deste planeta dá a todos os seres, mesmo que o direito liberal tenta restringir só para poucos, acreditam em formas sanas de se relacionar com o seu entorno, que para eles e elas fazem parte de si mesmas, mas também com suas comunidades, famílias e com seus corpos. Acreditam que devem comer o que eles e elas apenderam das suas avós, e se curar desse mesmo jeito, e que isso deve vir da horta ao lado da casa, da roça que eles e elas cuidam. Lutam por que a água, tem que fluir e saciar a sede de todos e todas, e outro longo etecetera, também para todos esses esforços que mantem, dia a dia.

Os processos pedagógicos e de planejamento, também estão presentes na sua jornada. Este processo desta pesquisa, não pretende trazer elementos estranhos aos processos sociais. Na prática, as comunidades se educam coletivamente, desde sempre, desde o jeito de pegar uma enxada, ou de ir nas reuniões do grupo do aqueduto da vereda, de carregar sacos de papa, café, mexerica para o mercado para tentar vendê-los. O planejamento, está presente em cada faceta das suas vidas, no momento que decidem, em que momento do ano, plantar segundo a chuva e sol, desde que fazem cálculos, para pensar se a safra que precisam plantar, vai resultar nos gastos da alimentação, educação e lazer, também desde que se juntam para a poupança coletiva. Esta dissertação, não parte de que os e as camponesas não sabem fazer nenhuma destas coisas. Trata de como, a vida deles está tão ocupada de coisas urgentes, no seu dia a dia, que o tempo e a atenção, não permitem se orientar, no planejamento coletivo do seu território, para fazer frente aos impactos negativos, que a vida individualista que o capitalismo gera, ganha terreno no campo social, igual que no campo territorial, e que por sua própria subsistência e do bem viver que buscam, devem voltar sua energia, para se organizar e criar estratégias, para que tais efeitos, sejam menos fortes, para eles e elas, suas famílias e esse território. Isto é o interesse e a intenção desta pesquisa.

Agora, com relação a essa intenção e ao desenvolvimento das ações, a partir dela, pode se começar dizendo, o obvio, mas que é claro sempre dizer, as comunidades todas são diferentes umas das outras. Todas têm dinâmicas, tempos, pensamentos, momentos, ritmos, ações, sentires, vontades, energias, focos e motivos, diferentes. Mas não só entre elas, também em si mesma, mudam

ao longo do tempo. Vou dizer outra obviedade, o pesquisador também como qualquer comunidade muda. E nesse sentido, todo dentro das relações entre os humanos, e neste caso entre a comunidade com ela mesma, e com o pesquisador, muda, e vai se retroalimentando, se ajustando, segundo todos os anteriores e outros fatores. Todo é relacional, assim que as dinâmicas relacionais também mudam. É bom sair destas obviedades, e aclarar que estas, mesmo sendo obvias, às vezes não são tomadas em conta, e aqui quero colocar, como um elemento tomado em conta e que condiciona todo o trabalho, todo o planejado, e todo o feito. Uma outra obviedade, vou tentar expor as reflexões, desde uma postura autocrítica, de meu atuar, e crítica do relacional, é dizer, do acontecido como fato, como resultado, e não vou fazer nenhum comentário, sobre o que eu acho do que a comunidade fez, que não tinha sido falado, pois não tenho como provar, nem argumentar, algo que não tenho certeza. Uma última obviedade, o analise que faço como já foi evidente em toda a parte de resultados, e na última frase, me incluí, a mim, dentro do objeto de observação. Dito isto, e ficando claro para os leitores, continuo.

Dentro das diferencias que pude perceber, pelo menos para mim é evidente, que as comunidades com as quais me encontro, são diferentes entre si. As comunidades de Tangua, do corregimiento de Opongoy, estão no processo de agroecologia menos avançado, ainda muitos deles e delas, abatidos pelo grande choque que foi e é a incidência das monoculturas, a grande escala, em sua época anterior e pretecnificada e hoje, mais dependente dos pacotes tecnológicos, principalmente insumos de sínteses química, perderam muitas de suas práticas tradicionais de alimentação e de cuidado da sua saúde, relacionadas principalmente com as plantas, com a parte agrícola (porque as práticas de produção de cuy, ainda continuam sendo tradicionais, é dizer com alimentação de ervas e poucos concentrados). Esta mudança na alimentação, com a simplificação de produtos locais, e com a ocupação dos ultraprocessados e produtos de fora, tem diminuído a base prática da agricultura tradicional, não totalmente, mas sim significativamente.

O processo de formação em agroecologia, que tem chegado com o dialogo o percorrido que tem caminhado com a equipe dinamizadora do Nodo, tem sido importante, porque tem colocado de novo no sentir e nas preocupações da comunidade, o senso de recuperar essas práticas, de se produzir diferente, e de se alimentar melhor. A escola ambiental e a escola camponesa, e as outras formações de mulheres, de tecido, tem sido uma aposta que vai avançando, com suas dinâmicas próprias em cada pessoa, e na comunidade. É um início, e uma etapa, que tem colocado a semente no pensamento e no coração de quem participa, e tem germinado com mais força numas que em outras, mais está em avanço. Ainda assim, é uma primeira descoberta da agroecologia, com tem sido presentada pelo Nodo, com a troca de experiências de Campesino a Campesino, que foi a Escuela Popular Campesina de Agroecologia, que tem se levado à prática, em várias das hortas, tanto individuais como as coletivas, mas que não tem se consolidado como um processo continuo, uma ideia prática que esteja se enraizado fortemente, pelo menos no geral, porque tem espaços como da Celmira, Lida e Yamileth, e Horacio, que tem maior vigor, ou pelo menos isso deixa ver as hortas que cada um tem. Daí, que falo que é um processo agroecológico, na sua dimensão produtiva, que é inicial. Sobre as dimensões restantes, a parte social, a juntanza, o companheirismo tem para mim a melhora

qualificação, se mantem e constroem juntos e juntas processo organizativo, numa ideia superior, por benefício próprio, do grupo e da comunidade.

Nas outras dimensões como a ambiental, estão menos evoluídas, no geral, segundo o percebido, porque a abundancia que tem ao redor é muita; muita agua, solos ricos naturalmente, ar limpo, e ainda natureza de fauna e flora, presente, e que pode ser encontrada com só dar uma olhada para cima, para o topo da montanha. Essa abundancia e as flertes crenças religiosas, fazem senso coletivo, de acreditar, nas mesmas palavras delas e deles, que a natureza nunca vai faltar, que é um presente de deus, e que ele, baixo nenhuma circunstância, poderia deixar eles sem o sustento. Embora, cada vez, são mais conscientes de que, alguma coisa tem que fazer para cuidar o que ainda tem, mais é pouco ainda as ações motivadas só pela questão ecológica ou ambiental. As outras dimensões como a econômica, é ainda mais escassa, como já foi falado, muitos e muitas dependem basicamente da venda do leite, no geral, não transformam, e quem transforma que podem ser contadas com os dedos de uma só mão, de todas, as e os associados destas 3 organizações, poucas vedem.

Sobre a dimensão cultural, as mudanças, a construção de uma nova visão de mundo, de integrar os aprendizados da agroecologia dentro do seu constitutivo de crenças e práticas, é a dimensão, que em todo caso de transição é o mais difícil de construir e neste caso não é a exceção. Daqui para frente, vou falar nos casos específicos do processo tanto com Soluciones, como o grupo de La Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, para afundar no acontecido em cada um dos casos, que como antecipei, são diferentes entre si.

Começemos com La Asociación Agropecuaria de Mujeres de Las Piedras, uma associação de mulheres bem decidida, com muita vontade e força, umas inteções definidas e estratégias encaminhadas a seu fortalecimento como mulheres camponesas, e a diversificação que querem para melhorar as condições de cuidado e renda, tanto na individual, de cada uma, como mulher, que merece a sua independência econômica, como também para sua família, e para sua organização, é dizer, uma melhora nas condições de autonomia, através do cuidado (hortas), mas também de práticas de economia de mercado (produção e venda de cuy), e de outras formas de economia, como a solidaria (grupos de ahorro y credito local). Estes fins da associação, são estratégicas para um processo de autonomia, tem tudo a ver com esta abordagem. As ações estão claras, e estão se encaminhando para construi-las e configura-las. Tem uma definição de plano de ação clara. A perspectiva aqui é a continuidade e a constância, igual que certos conflitos que, não só no caso desta pesquisa e das atividades relacionadas, se não com outras atividades, nas quais no passado, também ficaram inconclusas ou ficaram a médio caminho, no seu processo com o Nodo, e outros relacionados.

No caso das organizações acolhidas dentro da junção representada no grupo de Soluciones, esta, tem para mim, um processo de autonomias garantidas, particularmente baixo. Embora, de ter umas características como organização, que fortalece o processo, pois são muito coletivos, e respondem rapidamente, na maioria dos casos, tanto em situações imprevistas como planejadas, e podem gerar soluções engenhosas, para sair de problemas, e também tem um nível de organização em equipes efetiva, por exemplo na capacidade de poder fazer aquilo que se propõem, tem facilmente acolhida, quando a coisa é de resultados

rápidos e contundentes, mas isso diminui, quando a situação é de constância no tempo, pelo menos, dentro das atividades que eu vi. Também tem vários e várias companheiras que tem muito conhecimento prático, das atividades produtivas. Assim mesmo, tem dois companheiros que tem muito conhecimento em biodiversidade, usos de plantas nativas e natureza (Horacio e Libia). Uma característica importante também, é sobre a clareza das metas que tem, tanto dos processos das associações em separado, como desta, de Soluciones. As companheiras mulheres, são as mais comprometidas e as que mais participam, tem muito sentido de unidade e de ajuda mutua, e é rápido como mobilizam e se organizam, para concretar ações, uma característica de gestão efetiva. Também, mesmo que tem dificuldades ambientais e produtivas, estão tentando mudar as situações.

Para os casos do Nodo de Agroecologia de Tangua, processos Opongoy. Em resumo, um fortalecimento no projeto, é o investimento das energias e das forças, num processo político agroecológico, desde todos os seus olhares, ecologia política, de equidade de gênero, espiritual, social, de movimento; claro desde uma perspectiva situada, entendendo o acervo próprio da comunidade, seus conhecimentos e faltantes, para poder mobilizar outras questões que podem estar ali na realidade da comunidade, mas que não é evidente ainda, justamente porque faltam peças do quebra cabeças, que uma perspectiva política desde a agroecologia pode somar. Um acompanhamento camponês, que dialogue no dia a dia com a prática agroecológica, desde uma perspectiva da dimensão produtiva, ajudaria muito, para continuar aprofundando os saberes e os aprendizados, na prática. E relacionado com isto, a transformação de produtos derivados do leite, deve ser uma tarefa urgente, porque a mudança de atividade, das comunidades saírem das suas vacas, uma vez entre no ano 2026 o TLC, com mais força, vai ser complicada, e a renda derivada dessa transformação quando o preço este descendo, vai a aliviar ou manter a renda familiar.

O cuidado territorial, da imensidade de biodiversidade que tem ao redor nos bosques alto andinos e no páramo, e pensando no cuidado de da água é segundo todas as informações técnicas vistas das bacias e sub-bacias de Tangua, mais relevantes que nunca. Esta temática em específico, acho que faria mais sentido, abordá-la desde a espiritualidade, com este grupo de pessoas. As crenças religiosas estão muito enraizadas, e desde ali, podem-se plantar coisas interessantes para reflorestar o sentir de conexão com deus e a sua criação, e seu amor, com o amor a essa criação, coisa que eu não aproveitei, esta conclusão chegou, depois de um análise, durante um papo com um amigo aqui no Brasil, uma lição de desaprendizagem ótima. A agroecologia nesse sentido, como a espiritualidade, pode ser enriquecer com uma ligação a tomar posições, sobre a decisão de fazer ou não determinada ação, a agroecologia, não só como uma prática de cuidado territorial desde a prática em si mesma, se não também como uma decisão consciente e senciante. Uma que se confronta com o modelo convencional que ganha milhões de dólares com desmatamento, poluição das águas, hegemônico, que envenena suas vidas, que muda as práticas alimentarias para deixá-los doentes, que tira a água, que destrói-a água e as florestas nativas, e isso para ter um pouco mais de motivos para agir, uma agricultura tecnificada, como um projeto, desde o coletivo e desde o uma realidade que não é imparcial, não opera gratuitamente, e se tem muito a ver com o apagamento das práticas tradicionais que tinham os e as avós dos produtores de hoje em dia.

Na equipe do Nodo, também ao ter algum tipo de inconstâncias e falta de ritmos, nas dinâmicas dos integrantes, minha inclusive eu, o que deriva numa falta de continuidade e acompanhamento nos processos, pelo menos para os que estamos querendo ativar ou continuar processos que o mesmo Nodo estava fazendo, não que seja uma responsabilidade, mas mesmo assim um pouco mais de atrelamento, dialogo e interdependência, nos perguntar coisas e nos apoiar, de ligar uma coisas com outra, aconselhar segundo as experiências de quem já tem um processo em território maior, também ajuda e facilita, a pensar coisas de maneira conjunta, abrange o campo de raciocínio, e as possibilidades, de sair da caixinha, na qual nossa própria voz, em momentos de dúvida, nos atrapalha. Reuniões com certa frequência, para se encontrar dando certo, quando aconteciam, e outras ações mais, suportam a ideia coletiva, das transformações nos espaços com a base camponesa, que é o que todas e todos queremos. Por outro lado, em geral, sobre a relação destas dimensões, com as autonomias, que tanto trago a discussão, no memento de se diagnosticar, para poder enxergar o estado atual das coisas, e poder pensar em planos de ação para fortalecer a autonomia geral da associação.

Pode se dizer, que no caso de La Tulpa é um processo muito completo, tem avançado em 8 anos, muitas coisas que outras associações, com as quais já trabalhei e que conheço, e que não tem conseguido. As dimensões, ambiental, política, produtiva, social, são fortes, com complicações como todo processo, mas que no tempo, tem uma estabilidade dinâmica, as vezes baixa, outras vezes sobe, pelo falado com as e os associados. Embora, as dimensões de comercialização, sendo um processo orientado ao mercado (capitalista, no sentido da lógica competência) e dependendo de recursos amigos, financiamento externa, para seu funcionamento, deixa sempre uma sensação de insegurança, de instabilidade e de perda de autonomia nas decisões finais.

Saberes Compartidos, mesmo sendo uma parceira da associação, como é quem coloca o dinheiro, é também que decide muito sobre as decisões de investimento, contratação, atividades, orientação de projetos, e outras coisas fundamentais, que deixam a associação, o sentir camponês de quem está todos os dias na roça, numa desigualdade imaterial, que desde a minha perspectiva é desproporcional. É uma falta de autonomia na gerencia do seu próprio projeto, e isso faz acontecer, as outras problemáticas que diminuem o efeito do que é La Tulpa, falta de comunicação pela pressão da equipe técnica, falta de interesse e legitimidade nas decisões tomadas nesse espaço, falta de representatividade nas relações de tomada de decisões da base campesina, com relação ao processo de fundação, é uma maranha de elementos, que enfraquecem a proposta de La Tulpa.

Sem dúvida, poder gerar maior quantidade de recursos para chegar nessa autonomia econômica, possibilita ter mais ingerência e peso na tomada de decisões, ser mais cuidadoso nos investimentos e nas eleições que se fazem ao redor do processo organizativo e do processo de intercâmbio de experiências e alimentos com os consumidores e amigos de La Tulpa. Vale a pena aclarar, que não acho que Saberes Compartidos, faça as coisas com intenções ruins, todo o contrário, com as melhores, mas nessa busca de fazer melhor, desde sua perspectiva e querendo investir efetivamente, cuidando os recursos dos patrocinadores, pode estar restando importância ao sentir das famílias camponesas, uma questão de comunicação, que em minha perspectiva é cada

vez mais tensa. Também deve ser do interesse de Saberes Compartidos, fortalecer de tal grau esta associação, que ela poda se virar sozinha e que seja totalmente administrada, pelo campesinato.

Uma diversificação dos ingressos de La Tulpa, poderiam ajudar, o agroecoturismo, os processos de transformação de produtos, a possibilidade de oferecer serviços, como capacitações, por exemplo ser uma organização que forneça os programas de formação de camponês a camponês de as escolas de formação que fala a Política Pública, que tenha seu próprio restaurante de comida orgânica e agroecológica na cidade de Pasto, e tantas outras possibilidades, é uma proposta que tiraria das encostas da associação, não ter independência econômica. Os outros processos, de produção em ênfase a transição agroecológica devem continuar, e cuidado dos recursos como a floresta, e água, para garantir acesso a serviços ecossistêmicos, para que as próprias dinâmicas nos sítios tendam a se regular ainda mais, e também para que outros seres vivos continuem achando lar, e refúgio nestes lugares. As outras dimensões já foram faladas, na exposição de resultados desta organização. O processo de planejamento, para enxergar as metas para La Tulpa, tem que ser uma prioridade, permitirá que mais coisas sustentem aquelas fracas, e tendem se a equilibrar.

No caso de todas as associações desta pesquisa, devem estar focalizados a tender pontes, a tecer redes de afetos, com base a primeira rede que merece se estabelecer, as redes de comunicação, onde podam se compartilhar os processos de cada uma, se ouvindo e se falando diretamente, para se suportar. Todas as melhoras, todas as condições de autonomias, que consideram esta pesquisa, são possíveis e mais facilmente de obter e construir, se existem essas redes que permitam o fluir das experiências, do conhecimento, dos interesses, das preocupações, das necessidades, dos olhares, faz a roda se mover, e faz as coisas acontecerem. As redes, de comunicação, permitem que os planos sejam mais fáceis de construir, e de se fazer. La Red de Agroecologia de Nariño, os nodos locais, as redes camponesas, de mulheres, de indígenas, comunidades negras, de ambiente, de mudança climática, de jovens, devem ser o foco, de achar alianças, de encontrar processos irmãos, com os quais podam-se tecer intenções comuns, e podam-se aprimorar complementariedades, que enfim, é que nos faz organizar em associações, o que nos faz buscar, ser parte destes movimentos.

La Minga Agroecologica al Sur, as universidades, as instituições públicas e particulares, também são atores legítimos nesta construção, e devem ser sim, fornecedores desta causa, e devem ser nós dentro dos processos de comunicação nesta rede, mas sempre deve se procurar qual parceria é a indicada, quais recursos e quais fins movem esses recursos também, para poder de igual a igual, com os processos sociais, construir essas redes de suporte, dos processos agroecológicos. A cooptação dos recursos das políticas públicas também são um costume da cultura politiqueira, no país, e as associações, as redes, os movimentos agroecológicos não deveríamos entrar nessas mesmas logicas, então cuidar recursos para as autonomias, e fazê-los render, não fazendo muito em quantidade, mas sim em qualidade, para que os processos atingidos se estabilizem e sejam em consequência bem fortalecidos.

Finalmente, sobre os objetivos propostos desta pesquisa, trago o geral, que vai ser discutido neste apartado, e os específicos que por sua especificidade metodológica, vão ser discutidos no seguinte item. Sobre o objetivo geral: *“Criar uma proposta conjunta, com cada uma das organizações sociais desta pesquisa, para desenvolver metodologias coletivas que ajudem a gerar processos de planejamento e ações territoriais visando à construção de autonomias multidimensionais por meio da transição agroecológica emancipatória”*, dentro do feito com as associações, certamente foi criada uma proposta conjunta de trabalho, para cada caso, com as quais concertamos e trabalhamos coletivamente, com a intencionalidade de planejar umas rotas de ação visando dar continuidade as atividades que já vem desempenhando cada uma das associações, para construir territorial e organizativamente essas ações. Embora, não lograram se concretar todas as atividades da metodologia conjunta, para chegar até os resultados desejados.

A metodologia, por parte do pesquisador, queria se adaptar as ações ou resultados-projetos concretos com cada comunidade, para desenrolar a base metodológica, da Tabela 15, adaptando essas atividades nas ações do cumprimento dos projetos concretos, para dentro do vínculo estabelecido ter uma ganha – ganha, uma energia do pesquisador, que trabalha em pro das atividades que vem a associação desenvolvendo, ao mesmo tempo que a comunidade entrando na dinâmica de discutir, pensar, refletir, se perguntar, debater, criar critérios de planejamento, colocado como temas geradores, por parte do pesquisador, e como resultado, vamos construindo esses planes. Com La Tulpa, foi a associação quem mais avançamos.

Trabalhamos em cada um dos sítios dos associados, enquanto nas atividades, íamos falando, conhecendo, trabalhando, nos perguntando, sobre quais são as problemáticas, soluções, motivos, fins, das ações que tinham no sitio, dentro da comunidade, e da associação, principalmente. Nos encontramos nos momentos de comercialização, vendemos, carregamos, trocamos ideia, e também chegamos a debater. Nos espaços políticos, do programa Gef –Biosur, no encontro da 5ta mesa de agricultura campesina, familiar e comunitária, nos encontros da política pública, e mais, foi também, construímos ideias sobre o futuro, e como nos mobilizar coletivamente. Muitos espaços, que foram motivo de construção, e pelo menos para mim o processo não tem terminado, poderíamos continuar além deste momento. Ainda temos o podcast para fazer, em está fase de pré-produção. E os projetos, tem que se tecer, e enriquecer com o diagnóstico feito aqui, e outras discussões pertinentes que já têm sido adiantadas, com a companheira Angie da equipe técnica, e continuaram seu processo.

Com as e os companheiros de Opongoy, o processo ficou quieto, e não conseguimos continuar em diálogos. Definitivamente porque tivemos um encerramento menos dinâmico que com La Tulpa, e também porquê as coisas que tínhamos que fazer, muitas delas não poderiam continuar a distância, eram muitas coisas presenciais. Com a equipe dinamizadora, também temos deixado um pouco a comunicação, por várias atividades próprias de cada um, mas tenho acompanhado alguns espaços virtuais, para acompanhar a negociação entre estes, com a prefeitura e outros atores regionais da agroecologia, para aplicar alguns programas do que ficou no Plan de Desarrollo Municipal de Tangua. Nesse sentido, este objetivo geral não teve essa profundidade que poderíamos ter atingido. Sento que não poderia dizer, que foi cumprido.

Sobre o processo de trabalho, como um todo se bem, especialmente no caso das associações de Tangua, e em menor medida no caso de La Tulpa, não foram feitas todas as atividades, nem atingidos os objetivos com tudo o seu significado. Pode se dizer, que o tempo que foi disposto para este processo, em todo caso é insuficiente. Um tempo de 9 meses, para atingir estes propósitos ficam curtos. Mesmo que fosse um ano ou um pouco mais, o tempo de implementação depois das disciplinas, das correções, que pretende o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, de dois, anos fica curto. É dizer, não que não vale a pena, fazer, mas este tipo de processos, devem estar além do tempo de uma maestria, e que para ver os efeitos e trabalhar mais profundamente, no campo, poder pesquisar conjuntamente, e aplicar esses conhecimentos, sem tanta pressão de tempo, pode dar melhores resultados, principalmente para o processo endógeno da associação. É uma problemática que acontece também com os projetos financiados, que tem um tempo de excussão de um ou dois anos, os processos ficam usualmente em etapas iniciais ou intermediarias, os mesmo que termine, poderia ter sido melhor o processo.

Também no geral, pode-se dizer, que para todas as organizações, a grande maioria dos e das filhas das produtoras, trabalham o estudam fora do seu território, poucos querem voltar ou trabalhar em atividades relacionadas com o enfoque produtivo da agroecologia. Embora, que não gostem do processo produtivo, a agroecologia é abrangente, e o mais importante é que conheçam esse olhar, para que em qualquer atividade na qual se involucrem, faça sentido operar em função desse olhar. Eu tenho percebido que é uma negação que as associações têm, e que no campo se precisa de todas as disciplinas, e que melhor que as engenheiras, artistas, economistas, empregados, transportadores, modistas, cozinheiros, medicas, tenham conhecimento de agroecologia, e que seja no campo ou na cidade sejam cidadãos agroecológicos, uma boa semente em qualquer lugar, desde ali dever ser para mim o pensado com o relevo geracional. E sobre quem vai produzir no campo, a chegada as parcelas, os vizinhos, de neo rurais, que sentem o desejo de se aproximar desde agroecologia, pode ser uma opção para quem independentemente da sua origem, faça o certo com o cuidado do território, seja agroecologia de coração e de ação. Não podemos mais negar a inversão das populações que fogem do campo para as cidades, e das cidades para o campo, devemos reparar e tecer desde essas realidades, ruralidades e cidades, em função da reconexão e da manutenção mutua.

Finalmente, é importante mencionar que os processos de planejamento, em função de empear ou continuar a fazer transição agroecológica, em função de constituir essas autonomias, é vital. Todos os processos que consigam fortalecer os processos de base agroecológica, vale a pena ser sentidos, pensados, colocados na pratica, lutados, assim que todo processo que consiga dar uma luz para esse caminhar, deve ser transitado. As ações de planejamento agroecológico, são importantes para fortalecer os processos de base, e para defesa do território. Para a, recuperação, gestão e defesa de águas, para a busca de transição a energias, que sejam menos dependentes e mais autossuficientes, para a alimentação própria sem veneno, para respirar um ar puro, para não deixar a mineração avançar em territórios camponeses, para assegurar a vida de outros seres; é importante se colocar metas em função de fortalecer o processo

produtivo agroecológico e as outras dimensões também. É um chamado de atenção que faço finalizando este processo.

O mais importante para mim, em retrospectiva é situar a discussão e o pensamento do planejamento, que as comunidades tenham dentro do seu processo de aprendizagem comigo, que o pensamento de colocar uma visão a mais longo prazo, deve ser colocada, para que as autonomias territoriais sejam atingidas, o território seja defendido e coloquemos como movimentos agroecológicos a pauta territorial, se preparar, se ajustar e poder não só se defender, se não avançar no objetivo próprio. Os poucos ou muitos resultados que este exercício deixa, pode ser um insumo de um olhar, e mesmo que não se conseguiu planejar tudo, alguns resultados parciais foram possíveis, algumas energias se mexeram e outras ficam colocadas, e também podemos concluir o já iniciado, e se dá certo, ter a possibilidade de ver se continuar e como fazer acontecer, ou também fechar de boa maneira, sempre olham com amor os processos conjuntos e continuar o processo de cada, isso já o momento falara.

4.4 REFLEXÕES E DISCUSSÕES SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA REFERIDO A GERAÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O TRABALHO COM ESSAS COMUNIDADES.

Sobre as reflexões da criação de propostas pedagógicas e coletivistas, para o planejamento territorial. Vou dividir a discussão, justamente nessas 3 palavras, começando por coletivistas. Dentro deste processo, eu acho que deu certo o processo de tentar fazer horizontal e inclusivo tanto a convocatória, como o planejamento das atividades, a tomada de decisões, e a execução destas. Dentro das coisas boas que tenho que reconhecer do meu processo individual, é a escuta, a possibilidade de entrar em diálogo, a precisão da minha fala, e sobre todo o pensar coletivo. Uma debilidade relacional, é que sempre vai faltar ter mais assertividade com o linguagem (baixar da nuvem técnica), que também neste caso foi difícil porque as comunidades camponesas de Nariño, mesmo que já tivesse experiência com comunidades do sul do departamento, mudam coisas das expressões, sotaques, e tantas coisas que costa também se adaptar nisto; e complementarmente, trabalho de gênero, para ser mais consciente das minhas ações derivadas de machismo estrutural que posso ter, e que poderia aprender mais, para sempre tentar ter um diálogo melhor. O processo decolonial e contracolonial está implícito até nisso, na linguagem que afasta um de outros. Assim mesmo, as expectativas de trabalho que tem as comunidades sobre o agrônomo, também está colonizada e joga muito do pensamento crítico e amplo, na resposta deste, como também, que como é alguém estudado, as respostas só estão desse lado do diálogo, e não deles, sobre tudo no caso das comunidades do Nodo de Agroecologia de Tangua. A colonização das relações sociais é evidente.

Neste sentido, a parte da proposta coletiva, que também sempre pode melhorar, para mim, deu certo. Pois, chegou-se a ser o mais horizontal, e colocar as decisões do que fazer, nas mãos deles e delas também. As relações de aproximação e de trabalho em campo, foram desenvolvidas mão a mão, fazendo de maneira complementar no campo, e também querendo ter corresponsabilidades com o trabalho de escritório, como o artigo, os projetos e podcast.

Passando a seguinte palavra, pedagogia, é a parte que eu acho faltou demais, e com certeza, são ferramentas de educação popular. Noções que ainda consegue ler, na prática não é fácil não, depende de muitos fatores do momento, e de ter experiência e habilidade, coisas que dentro desta intenção de pesquisa para mim e o coração da comunicação, dessa rede que tece entre o pesquisador e a comunidade, o que Paulo Freire, mencionava, sobre a labor do técnico-extensionista. Eu tenho formação de agrônomo, com minha experiência em pesquisa e em campo de planejamento como agroecólogo, mas como educador, nunca, e eu acho que isso foi uma falta determinante em muitas coisas que poderiam ter saído melhor, sobre todo nos espaços de troca de conhecimentos. Eu também sento, que sou uma pessoa com boas intenções, e que tenho condições para o diálogo, mas dentro das apostas e metodologias não é suficiente, precisa se começar pela escuta e o diálogo, para contribuir a criar desde uma perspectiva pedagógica forte, essas metodologias que consigam que o diálogo seja um canal efetivo, para construir reflexões, conteúdo e resultados, para esse planejamento ao que faço referência. Uma conclusão pessoal, que faço e que quero assumir, é justamente fazer estudos nesta área, tanto acadêmicos como sociais, para me aprofundar nestas formas.

Finalmente dentro das atividades de planejamento, sento que com as organizações de Opongoy, em Tangua, como já mencionei, não conseguimos chegar até esse ponto, ficamos no caminho. Com La Tulpa, sento que ficou iniciado, nesses perfis de projetos, mas que não foi concluído, mas com planos de terminar nos próximos dias. Como falei, por ter uma abrangência grande de grupos de trabalho e o tempo da pesquisa, ficou sem terminar, e também pelas coisas do dia a dia das próprias comunidades. Embora, sento que este processo, no caso de La Tulpa, pode ser continuado e terminado, que é o que estamos tentando fazer, continuar e finalizar estas atividades. O certo para que os processos de planejamento funcionem, é que tem que ser contínuos, adaptáveis, mutáveis, tem que se retroalimentar, uma tarefa contínua. Isto deveria existir em qualquer associação, para poderem se adaptar e fazer em função das oportunidades que vão acontecendo.

Deste trabalho acho, que pode se dizer também, que para o tempo que foi definido este processo, de pesquisa, num programa de mestrado, é insuficiente, e que ainda sendo um bom tema de pesquisa, para avaliá-lo e ter melhores resultados, o processo em campo deveria iniciar muito antes, mas é difícil orientar uma metodologia e finalizá-la antes do começo do mestrado, tal vez seja mais adequado para um doutorado. Esta área de planejamento agroecológico para conseguir as autonomias territoriais, seja em processos territoriais contínuos ou descontínuos como nestes dois casos, são relevantes, hoje em dia mais que nunca, com mudança climática e o estado de desgaste que temos levado como sociedade o planeta.

Dito isto, este esforço, tem mais sentido para mim, no campo, num esforço endógeno das organizações, para facilitá-lo dentro de um rol dentro destas, uma (s) pessoa (s) que façam e dinamizem os processos de planejamento das suas organizações de maneira constante, que conectem, que comuniquem internamente as dimensões da sua organização, que se definam essas metas, esses mínimos para constituir nos territórios e nas associações, autonomias que ajudem ao estabelecimento do bom viver. Uma questão que tem que se relacionar também

com o pensamento, o discurso, e nas metas e ações deste processo agroecológico, é o movimento de reforma agrária, tanto para quem já tem terra, como para quem ainda não. Uma reforma agrária que garanta a terra, para movimentos sócias de base, camponesa, indígena, negras, para retornar com suas práticas ancestrais e agroecológicas, a liberar os territórios do extrativismo (Giraldo, 2022).

Processos que conectem e comuniquem, se junte com outros processos, tecendo redes; e que assim mesmo incluam a associação em processos que viabilizem esses retos para conseguir colocar em ação essas metas e objetivos de autonomia, através de recursos públicos, cooperação internacional e particular, sempre com o fator ético e cultural da agroecologia, por diante, lembrando e tendo o caminho das metas das autonomias nos olhos, no coração, na mente e na ação. Desta forma, trazer a contexto uma discussão que traz Escobar (2012) *“Algunos de nosotros hemos empezado a creer que el nuevo paradigma ya existe, pero no en la academia, sino en la realidad, en la forma de una práctica alternativa que es en sí misma teoría”*. Esteva a Escobar em (Escobar e Esteva, 2016).

As reflexões que faço para os extensionistas técnicos, como eu, um agrônomo - agroecólogo ou técnico em qualquer área, temos a capacidade de enxergar o mundo desde a perspectiva e linguagem excludente e supremacista da academia e da “ciência”, desde o tecnicismo, que afasta ao comum de tudo. Nesse sentido, temos uma ferramenta poderosa, que podemos utilizar. Por outro lado, as comunidades têm o seu conhecimento prático e territorial da realidade, de como são as coisas no fático, no experiencial, o mundo real, e não só o teórico, que também tem. Para mim a função social do conhecimento, dever ser a máxima, e considero que maior ainda, quando como no meu caso, fui formado pela educação pública, e esse conhecimento, os esforços devem estar em função de colocar esse saber no lugar certo, neste caso nessa união e tradução com as comunidades que fazem agroecologia. Esse é a função que eu acho deve ser a de qualquer técnico de campo -extensionista, ser ponte, ser dinamizador, desde seu conhecimento, para operacionalizar estrategicamente o conhecimento do sistema, do saber técnico, com o saber camponês. Desde ali, poder modificar tanto as condições de desigualdade, como de funcionalidade do conhecimento que temos.

A função de dinamizador, é o que faz conectar o mundo excludente do tecnicismo, e aproxima ao mundo camponês, para trabalhar conjuntamente nas transformações socioecológicas que este mundo está necessitando. E nós como parte desse movimento agroecológico, devemos de jogar bem com nosso conhecimento essa função que podemos ter.

Sobre os processos dos discursos de transição/tradução, sinto que foi difícil de encaixar e de me fazer entender... *“que hoy en día está más claro que la traducción siempre implica complejos procesos epistemológicos —inter-culturales e inter-epistémicos—, que requieren a su vez un tipo de justicia cognitiva que no ha sido reconocido”*... (Escobar, 2012), é um processo que além do tempo, embora também com ele, depende de processos de coaprendizagem sobre a base da investigação conjunta, do diálogo de iguais, da construção de escutas, conhecimentos e do marcos de pensamento construídos a partir da tecido de diferentes perspectivas da realidade, em função de pelo menos uma, que

podamos nos entender um (a) ao outro(a), mas em redes, nos comunicando que a partir das diferenças, podemos criar uma nova juntos e juntas .

Uma coisa que pode ser percebida nos resultados e como se deram as coisas, foi a fluidez com que se deram as coisas. É dizer, eu coloquei no primeiro momento a mesma disposição de trabalho em todos os processos, mas quando começou a fluir mais com um processo que com o outro, virei mais minha atenção e a energia nesse, o que aconteceu com La Tulpa. Uma coisa que só vi, quando sai do território, e que claramente influenciou os avanços com um e outro processo. Um erro, tal vez sim, mas também não tinha visto quando estava acontecendo, e agora que é visível, não posso obvia-lo. Continuando com essa reflexão, o processo fluiu um pouco mais, porque achamos afinidades no pensamento e no sentir, as formas como enxergamos as coisas, e por isso tivemos um *'match'* de alguma maneira. Tenho certeza hoje, que é devido a que o processo, esteja um pouco mais avançado, e que tenha oportunidade de aprofundar um pouco mais, tanto na aprendizagem própria, como no grau de ação que tenho para fazer e falar sobre agroecologia.

Sem a intenção de esconder ou encobrir a subjetividade do pesquisador — suas emoções, sentimentos, trajetória anterior, pensamentos e expectativas — é claro para mim que o fato de uma das organizações ter mais experiência e, sobretudo, mais entusiasmo, assim como o fato de que o discurso e a prática multidimensional e integral de La Tulpa em torno da agroecologia — tema que realmente me motiva e apaixona — fizeram com que, de alguma forma, naquele momento, creio que de maneira inconsciente, eu pudesse me exigir um pouco mais para estar próximo desse processo e poder trabalhar com essa associação. Por outro lado, o processo do Nodo Tangua de Agroecologia, por estar em seus primeiros passos na agroecologia e, embora possua uma forte característica comunitária, o fato de que as produtoras e os produtores, mesmo com entusiasmo e disposição iniciais, e com noções básicas sobre agroecologia, não tenham avançado tanto nesse esforço coletivo, tem muito a ver com o momento em que as organizações se encontravam: algumas conjunturas organizativas, outros projetos em andamento ou prestes a começar, a predominância da ação em torno dos costumes religiosos e culturais, além de eventos fora de controle, como a seca em períodos de chuva. Soma-se a isso um certo desgaste por parte de ambos os lados, diante da escassez de espaços para a prática, o que acabou por diminuir o impulso inicial com o qual os processos haviam sido iniciados.

Também é necessário reconhecer, nesse processo, a minha vida — emocional, espiritual e mental —, pois, ao chegar à cidade de Pasto e durante aproximadamente o primeiro mês e meio de presença no território, passei por um processo de depressão. Um processo que me tirou energias justamente no início do trabalho, e que claramente reduziu o tempo, a energia e a força dedicados à execução inicial dos acordos de trabalho. Muitas vezes nos ensinam, na vida, que devemos omitir esse tipo de situação para não atrapalhar o trabalho que precisamos realizar, seja ele investigativo ou profissional. No entanto, as razões que envolviam e obscureciam meu pensamento — e, portanto, minhas ações — tinham muito a ver com as motivações para continuar existindo e fazendo coisas em um mundo que tende à autodestruição. Um mundo que, por mais sistemas agroecológicos que proponhamos, destrói diariamente milhares de hectares de ecossistemas vitais para a vida — algo que presenciei vivendo um ano em São Paulo, e que vi novamente ao retornar à Colômbia —, o que me lançou em uma

espécie de crise existencial ecológica, da qual ainda estou me recuperando. Tudo isso tem muito a ver com tudo o que foi e o que não foi. E refletir sobre isso, como deve fazer um bom pesquisador que se inclui dentro de seu objeto de investigação, com todas as suas complexidades, é algo que precisa ser feito.

Esta conclusão também é feita não com o fim de tirar um pouco responsabilidade do não atingimento. Eu também acho, que pegar 3 processos sociais ao mesmo momento, num curto período de tempo, foi contraproducente, e como já tinha falado, resta tanto atenção, como energia, como profundidade em todos os processos. Acho que é uma combinação destes elementos, que fazem parte dos aprendizados, desta experiência, desde a minha posição. É assim, que argumento, que também, para fechar a ideia que tinha começado, experiências de planejamento, são processos cíclicos, que precisam se retroalimentar, que precisam estar em constante atualização, em dinamismo, para com as metas e os objetivos, das autonomias e as ações necessárias para consegui-las, podem demandar mudanças de prioridades, mudanças de estratégia, combinações, permutações que podem gerar uma maior fluidez no processo de construção dessas autonomias.

O nome desta pesquisa relaciona as redes de comunicação. Este nome tem sentido, pelo menos para mim, porque é justamente isso, o que faz acontecer os processos agroecológicos coletivos, as redes que se tecem e conectam a partir da comunicação, aquela que faz referência o freire, uma de iguais, entre os diferentes atores, que nós incluímos dentro deste movimento, seja técnico – acadêmico - ativista, como é o meu caso, como os destas comunidades, que desde a sua vivencia, e com as diferentes motivações que levaram eles e elas a se situarem nesta intenção a fazerem agroecologia. É a comunicação que nos articula, que nos faz conectar, sem ela, poderíamos fazer agroecologia cada um por separado nos nossos cantinhos, desde nossas realidades particulares, mas é a comunicação de iguais, a comunicação assertiva, efetiva e afetiva, que nos junta para mobilizar energias coletivas, para nos complementar, para nos pensar projetos, planos, políticas públicas, estratégias, para plantar um bosque comestível, uma horta familiar ou coletiva, fazer mutirão, pintar um mural, fazer um encontro para caminhar o território, compartilhar uma comida, uma papa com ají, falar ao redor de La Tulpa, e trocar ideias e ações, buscando a utopia de um mundo agroecológico, plantando a semente de transformações nos nossos pensamentos, nos nossos corações, para leva-la a terra.

É coletivamente que o mundo agroecológico, toma sentido, onde por mais desanimo e desesperança que se tenha, achamos pessoas, mulheres, jovens, crianças, que fazem que todo seja mais leve, que de um ar de alento, para continuar com dignidade, com essa dignidade que queremos as multidões agroecológicas, como fala Omar Felipe Giraldo, e assim, reestabelecer nos nossos territórios, nas nossas vidas, para hoje e amanhã, por nós e para os e as que vem, para as milhões de vidas e espécies de plantas e animais, que em certa medida dependem das nossas ações, do cuidado coletivo, do paramos, do bosque da floresta, do mangue, da laguna, para seguirem existindo. E a comunicação e agroecologia, que permite dignificar nossa vida, e as outras formas de vida. É só por isto, é que vale a pena, tentar seguir tecendo comum a ação agroecológica. Uma comunicação que como baseada num pluriverso, em definições de Arturo Escobar (2012), *“uma comunicabilidade entre uma*

multiplicidad de mundos culturales en la base de un entendimiento ecológico y político compartido”.

Para concluir, sobre as reflexões que acabaram de ser colocadas e em função de avaliar o cumprimento dos objetivos específicos desta pesquisa, pode se dizer sobre o primeiro: *“Desenhar coletivamente ferramentas organizativas tecidas desde o conhecimento camponês, as ferramentas metodológicas, técnicas e tecnológicas da ciência agroecológica, para exercícios de planejamento organizativo e/ou territorial camponês”*. Pode se dizer que, efetivamente foram articuladas, discutidas e estabelecidas, as formas em que iam ser trabalhados todos os aspectos desta pesquisa, desde as atividades relacionadas com os projetos em concreto, a respectiva aposta de trabalho “teórico” para chegar no momento de planejamento. Mas no caso das comunidades do Nodo Agroecológico de Tangua, não conseguimos aplicar elas, e no caso de La Tulpa, sim, mas não totalmente, dentro dos prazos de campo, mas estamos indo atrás disso.

Sobre o segundo objetivo: *“Estabelecer metodologias coletivas e dialógicas, baseadas na educação popular, que consigam sincronizar esforços entre o pesquisador e a comunidade camponesa, a fim de cumprir os objetivos de planejamento da transição agroecológica”*. Este definitivamente faltou em ambos casos, se bem teve um diálogo efetivo, as metodologias de educação popular ficaram insuficientes, sim pudemos articular esforços ao redor da ideia de planejamento, sobre todo com La Tulpa, mas não nesse sentido de metodologias próprias da educação popular. Uma proposta que ficou com uma sensação de que tive que ter me preparado melhor, para afrontar esta aposta particular. Tentei aplicar várias das ferramentas que tenho aprendido, mas mesmo assim, acho que em cada caso, tem resultados parciais que me deixam querendo que desse mais certo, desde onde queria trabalhar. Admiro as pessoas que fazem esse trabalho de maneira fluida e transmitindo e construindo os espaços para que seja mobilizada a vontade coletiva, que é objetivo mais importante que acho da educação popular. Quero virar ser um destes, vejo agora com clareza que é um caminho que faz sentido caminhar, e uma linda forma de conectar com pessoas que fazemos agroecologia.

Nesse sentido falando de continuar e finalizar os processos quero trazer ao contexto uma discussão que traz Escobar (2012) *“Algunos de nosotros hemos empezado a creer que el nuevo paradigma ya existe, pero no en la academia, sino en la realidad, en la forma de una práctica alternativa que es en sí misma teoría”*. Esteve a Escobar em (Escobar e Esteve, 2016).

Assim mesmo, é relevante manter esforços metodológicos que foram criados nas primeiras fases desta pesquisa, aquelas relacionadas: seleção dos interesses da comunidade (Apêndice 1), o qual serve para determinar questões que são colocadas pela comunidade, e que podem ajudar a orientar discussões, por meio das quais, pode se contextualizar de diálogo que permitam aprofundar, e posteriormente selecionar os interesses de maior relevância para a comunidade, num contexto de planejamento multidimensional da transição agroecológica para a obtenção de autonomias territoriais. Neste caso não foi aplicado este instrumento, porque nos diálogos mantidos durante a fase de negociação e concertação, as comunidades já sabiam quais eram as coisas que queriam trabalhar. Embora, em

esforços e trabalhos onde, o trabalho nesta fase é incipiente, pode ser uma boa ferramenta para construir esse olhar territorial.

Uma das fases as quais, pela pressa dos tempos do mestrado, não foi possível desenvolver como foi planejado, mas que tem um potencial sumamente relevante, para os processos sociais é a proposta da Escola Camponesa de Planejamento Territorial Agroecológico (Apêndice 2), esta usa os insumos gerados do instrumento anterior, para organizar e esboçar uma proposta pedagógica que permita através da educação popular, momentos de reflexão, pesquisa e ação, para criar propostas próprias na busca de soluções dessas problemáticas em cada dimensão da vida das comunidades, e tenta organizar equipes para o estudo, e com este, sua dinamização, e posterior implementação, o que pode em efeito, impulsionar processos endógenos, em diálogos com o exterior, para colocar esforços em articulação e ação. E finalmente, os indicadores locais – próprios (apêndice 3) para medir os avanços em todas essas propostas, em diferentes momentos. Estes instrumentos, podem e devem ser modificados localmente, para que faça sentido para as comunidades que trabalham com eles. Na suma, estas três propostas – ferramentas, são a conjugação de um interesse de estabelecer esse processo de reflexão ao redor do pensamento do planejamento dessas autonomias territoriais, por meio da transição agroecológica e catalisada pela educação popular.

4.5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELGICA. Comissão Europeia. **Programa Global Gateway**. Bruselas: União Europeia, [entre 2021 e 2025]. Disponível em: https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/stronger-europe-world/global-gateway_es. Acesso em: 10 abr. 2025.

BELGICA. Euroclima. **Sobre Euroclima**. União Europeia, [entre 2010 e 2025]. Disponível em: <https://www.euroclima.org/inicio-es/organizacion>. Acesso em: 10 de abril 2025.

BOLAÑOS, Tatiana; PALACIOS, Viviana; MAFFLA, Francisco. Simulación de la calidad de agua por vertimiento de sustancias tóxicas del crudo de petróleo por adsorción. Caso de estudio: río Guátara. **Boletín Informativo CEI**, Pasto – Colombia, v. 8, n. 2, p. 199-203, 2021.

COLÔMBIA. Alcaldía Municipal de Tangua. **Plan de desarrollo municipal 2024 – 2027, Avanzar es posible**, 2024. Disponível em: https://tanguanarino.micolombiadigital.gov.co/sites/tanguanarino/content/files/000769/38421_plan-de-desarrollo--anexos.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

COLÔMBIA. **Acuerdo municipal 026, de 22 de dezembro de 2021**. Por médio de la cual se adopta la Política pública municipal de Agricultura Campesina, Familiar y Comunitaria em el municipio de Tangua y se dictan otras disposiciones. Tangua – Colombia: Consejo Municipal de Tangua, 2021. Disponível em: https://tanguanarino.micolombiadigital.gov.co/sites/tanguanarino/content/files/000587/29301_acuerdo-26-de-2021.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

COLÔMBIA. Corporación Autónoma Regional de Nariño (Corponariño). **Plan de ordenamiento del recurso hídrico Río Bobo**. Pasto – Colombia: Corponariño, 2013.

COLÔMBIA. Empopasto. **El proyecto Gobernanza del Agua y el Territorio en la Región Hídrica del Valle de Atriz (pacto) ¿Cómo se hizo?** Pasto – Colombia: Empopasto, 2024. Disponível em: <https://empopasto.com.co/euroclima/publicaciones/366/como-se-hizo/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

COLÔMBIA. Empopasto. (Slides solicitados a entidade Empopasto por meio de email). **Gobernanza del agua y territorio. Región hídrica del Valle de Atriz. Comité Directivo y Consultivo, 11 y 12 de marzo de 2024**. Pasto - Colombia: Empopasto, 2023.

COLÔMBIA. Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sostenible de Nariño. **Plan Integral de Gestión de Cambio Climático Territorial de Nariño (PIGCCT). Nariño Actúa Por El Clima 2019-2035**. Pasto – Colombia: Gobernación de Nariño, 2019.

COLÔMBIA. Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural (MADR). **Política Pública de Agroecología. Documento Técnico**. Bogotá – Colombia: MADR, 2024.

COLÔMBIA. Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural (MADR). **MinAgricultura presentó en la COP16 la primera Política Nacional de Agroecología, construida por las comunidades rurales y étnicas**. Bogotá – Colombia: MADR, 2024. Disponível em: <https://www.minagricultura.gov.co/noticias/Paginas/MinAgricultura-present%C3%B3-en-la-COP16-la-primer-Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Agroecolog%C3%ADa,-construida-por-las-comunidades-rurales-y.aspx>. Acesso em: 15 fev. 2025

COLÔMBIA. Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible. **Sentencia del 20 de noviembre de 2023: Río Guátara sujeto de derecho**. Bogotá – Colombia: Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible, [2023]. Disponível em: <https://www.minambiente.gov.co/rio-guaitara-sujeto-de-derecho/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GONZÁLEZ LEGARDA, Edgar A.; IMUÉS FIGUEROA, Marco A.; DUQUE NIVIA, Guillermo; BURBANO GALLARDO, Elizabeth; GUERRERO ROMERO, Camilo L. Efecto de la producción acuícola sobre las variables de calidad del agua del Lago Guamuez. **Revista investigación pecuaria**, Pasto – Colombia, v. 5, n. 1, p. 33-43, 2018.

PALACIOS SAAVEDRA, Nashly; CHAMORRO VELASCO, Lizeth. **Identificación de acciones para minimizar el impacto de la deforestación generada por la carbonización en el corregimiento el encano, municipio de Pasto (Nariño)**. Pasto – Colombia: Grupo Inv. CORD Diseño Industrial, 2020. *E-book*.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações existentes entre o desenvolvimento das reflexões teórico-experienciais, as diferentes versões de propostas metodológicas, as modificações e mudanças que ocorreram ao longo desta investigação e sua implementação prática, de maneira preliminar, ressaltam o dinamismo da realidade em que estamos imersos, que exerce uma potência que escapa ao controle, até mesmo daqueles que lideraram este processo. Embora as ideias sobre as propostas metodológicas correspondam, de fato, a análises de conjuntura e a propostas teórico-práticas que mobilizam alternativas ao desenvolvimento, estas estão subordinadas à realidade material vivida pelas comunidades.

Assim, as propostas de planejamento e ação devem compreender o alcance de atuação que possuem dentro dessa realidade. Portanto, longe de entender esse cenário como um rompimento entre o que se propõe e o que se alcança, deve-se encarar como uma variável independente que, embora não possamos controlar nem antecipar, permite um espaço de manobra para que opere. De alguma forma, enquanto existir diálogo e motivação para continuar, podem ser estabelecidas contingências às propostas previamente definidas, e é preferível operar dentro do caos das realidades, continuando a estabelecer estratégias que possibilitem que as ações propostas sejam realizadas, não em função dos personalismos do pesquisador-estudante, mas em prol de um objetivo maior, que é o bem comum. Embora tenham sido realizadas atividades de planejamento e ação visando à consecução dos objetivos, os prazos estabelecidos para a fase de execução desta pesquisa, como é comum na maioria das e dos mestrados, são de apenas alguns meses, o que é muito curto para realizar tudo. Mas talvez seja suficiente para iniciar bem e concluí-lo fora dos prazos da pesquisa; essa deve ser a preocupação real: atender aos processos sociais, mais do que aos processos acadêmicos, que, sem desmerecer este último, são importantes, mas não essenciais, como o são os processos em campo, que realmente transformam realidades nas áreas rurais e nas comunidades.

Por outro lado, também quero trazer o sentir de Escobar, que me faz sentido, com a intenção desta pesquisa. *“La radical discontinuidad entre los ámbitos humanos y no humanos es la base de muchas de las críticas. Junto con la idea de un yo separado (el ‘individuo’ de la teoría liberal, separado de la comunidad), esta discontinuidad se ve como el rasgo más fundamental de la ontología moderna. La superación de estas dos divisiones se plantea como fundamental para la sanación de la sociedad y el planeta desde las visiones seculares y religiosas por igual —ya sea a través de las nociones de la interconectividad y la interdependencia de la ecología, la idea de inter-existencia y co-emergencia de todos los seres del budismo, o los marcos basados en la auto-organización y la complejidad para los cuales lo que importa es la comprensión de los sistemas de relaciones co-emergentes. A las divisiones mencionadas anteriormente se agrega una tercera, entre los ámbitos humano y espiritual, o entre fe y razón, como se explica, de forma diciente, por parte de algunos científicos de sistemas y de la complejidad (por ejemplo, Laszlo, 2008; Kauffman, 2008). El enfatizar en la concepción de la Tierra como un sistema vivo donde todos los seres están profundamente interconectados, Macy (2007; Macy y Brown, 1998) habla de una revolución cognitiva y espiritual que implica la desaparición del yo moderno y su sustitución por un yo ecológico, no dualista, que se vuelve a conectar con todos los seres y recupera el sentido del tiempo evolutivo, borrado por el tiempo lineal de la*

modernidad capitalista; sólo de esta manera podremos aprender de nuevo a estar “en asociación con los seres del futuro” (Macy, 2007: 191), “sanar a nuestra cultura fragmentada” (Goodwin, 2007), y avanzar por los caminos de la transición”. (Escobar, 2012).

É por meio de nos reconectar com a natureza, como processos coletivos, e como nesta dissertação comigo mesmo, o que faz sentido para continuar restabelecendo as dinâmicas de transformação interne e externa que como seres deste mundo queremos para cada, para nós para tudo.

Sobre as considerações e as expectativas que se colocam neste documento sobre as políticas públicas. Em termos práticos, muitas das políticas públicas ficam só no papel. Na Colômbia, um país de leis, estas são criadas, mas pouco aplicadas, por falta de interesse político, por desvio de investimentos, ou simplesmente porque os governantes da época, não conhecem a função do Estado, o da existência das leis que tem a disposição para planejar e governar. Mesmo assim, as políticas públicas, são instrumentos constitucionais do público, da única estrutura que é o Estado, que está feita em teoria para sustentar a todos e todas. Nesse sentido, e como tenho expressado ao longo do documento, os espaços do público têm que se lutados, tem que se brigar e tem que se acompanhar os espaços, os recursos que estão ali, para ser investidos nas comunidades que procuram uma mudança própria, uma mudança territorial. Recursos de todas e todos, que mesmo que ninguém de nossa busca esteja procurando, estão ali, e desde a minha perspectiva tem que se buscar e obter, ou pelo menos tentar fazer-lo.

Agora, dentro da lógica da obtenção e construção das autonomias territoriais, para a construção do bem viver, os recursos públicos são os primeiros que temos que procurar, não para gerar dependência deles, não; mas sim, para construir com eles autonomias territoriais, investir em infraestrutura, processos de formação, alternativas energéticas, ferramentas, e tudo o que precisemos em primeira medida, para superar um gargalo e reconfigurar uma debilidade, um vácuo, numa certeza. Que esses recursos sejam a semente, para as autonomias territoriais, pensando sempre em sair de dependências, de comida, de água, de energia, de saúde, de educação própria e demais coisas. Por isso, as metas, os planos, vão nos ajudar a descobrir quais são os passos que temos que dar para ir saindo dessas dependências. Uma política pública ou outra não é garantia de nada, mas é um elemento que ajuda, melhor ter que não ter, melhor ter estratégias em função de algo que garante direitos que não ter.

As possíveis propostas que nascem em função de colocar as problemáticas, potencialidades tanto do Nodo, como de La Tulpa, em função da Política Pública de Agroecologia de Nariño ou do Plan de Desarrollo de Tangua, é uma conexão que permite se antecipar e encaixar, dentro da área de atuação destes instrumentos, o que permite organizar e estruturar ideias que a comunidade tem sobre todas as temáticas que abrangem estes instrumentos. Mesmo que não aconteça nada com as políticas públicas, estruturar projetos em função das temáticas, das intenções destes, reparando que estas políticas têm incidência da agenda 2030, dos tratados internacionais de cooperação contra as mudanças climáticas, entre outras, já possibilita uma criação de intenções, que outras instituições de cooperação internacional e particulares, também estão investindo, uma possibilidade que não pode ser passada por alto. Não é uma segurança, mas

é uma intencionalidade que abre possibilidades. Essas intencionalidades devem ser claramente construídas em cada projeto e ação, para que o atingimento claramente este direcionado a conseguir as autonomias, e não mais dependências.

A emancipação, não é um processo com um fim claro, é uma intenção que pode acontecer ou não, mas é uma energia que mantém a dignidade e autoestima, individual e coletiva, ativa. Todo processo que fomente esse caminho, vale a pena. A junção dos caminhos, a possibilidade de mesmo, falando a mesma língua, mas desde realidades histórico – culturais diferentes, como o caso do pesquisador (eu) e esta comunidade, permite estabelecer diálogos comuns, redes de comunicação, os quais permitem mexer em pontos de vista e em temáticas que as partes, tal vez não pensaram-se encontrar. As redes de comunicação agroecológica, que tem umas linguagens diversas, tem intenções próprias, que permitem realidades tão diferentes, se conhecerem, se apoiarem e se manterem. Mesmo que as coisas, que pensamos e planejamos de um jeito, não foram e não sejam, o importante é se manter juntos, em diálogo, se manter aprendendo, questionando, pois isso permite, que mais dos quais sentimos, esta urgência por cuidar-nos, e assim, cuidar da natureza (que somos), podemos continuar compartilhando experiências e tentando fazer ciência camponesa, ciência originária, ciência popular, ciência que libera da opressão nossa imaginação, nossos corpos, nossas águas, nossos irmãos e irmãs animais. A luta pela emancipação, como agroecologia como caminho comum, permitindo diálogos sinceros, afetuosos e decoloniais, através da educação popular, devem ser descobertos, devem ser tecidos e construídos mão a mão, mente a mente, coração a coração.

Para finalizar, deixar esta frase: Escobar (2012)“ *Aunque los planes de vida pueden incorporar estratégicamente oportunidades ofrecidas por el desarrollo, socavan las pretensiones de universalización del desarrollo y pueden contribuir a luchas no-hegemónicas*” .

Adicionalmente, afirmar o obvio, a propriedade intelectual deste trabalho é tanto do pesquisador, como das comunidades de La Tulpa, como das duas associações do Nodo de Agroecologia de Tangua: Soluciones Santander e Asociación Agropecuaria de Mujeres Las Piedras, pelo qual de ser citado este trabalho como referente de algum outro estúdio ou trabalho semelhante, devem ser citados tanto como o pesquisador, como estas organizações participantes, como autores.

Meu processo de aprendizagem, está apenas iniciando, não penso que seja nenhum obtentor de verdades, só um crente na dignidade humana, a possibilidade de construir realidades diferentes e melhores para o coletivo. Espero que este processo, que não é mais que um processo de reflexão através da ação minha de profissional e ser senciente, possa ajudar em algo aos processos que aqui foram parte, e que eles sejam visibilizados e fortalecidos através das intenções aqui expostas. Que a agroecologia e a soberania das comunidades camponesas persistam e ganhem espaço, e que os povos do nosso Sul, possam continuar tecendo redes que resistam o embate deste modelo cruel. A solidariedade e o amor, são a real resistência que une corações, mentes, braços, corpos, territórios e ideias. Só o povo salva o povo. Pela luta eterna, que nos leva a criar, tecer e percorrer caminhos.

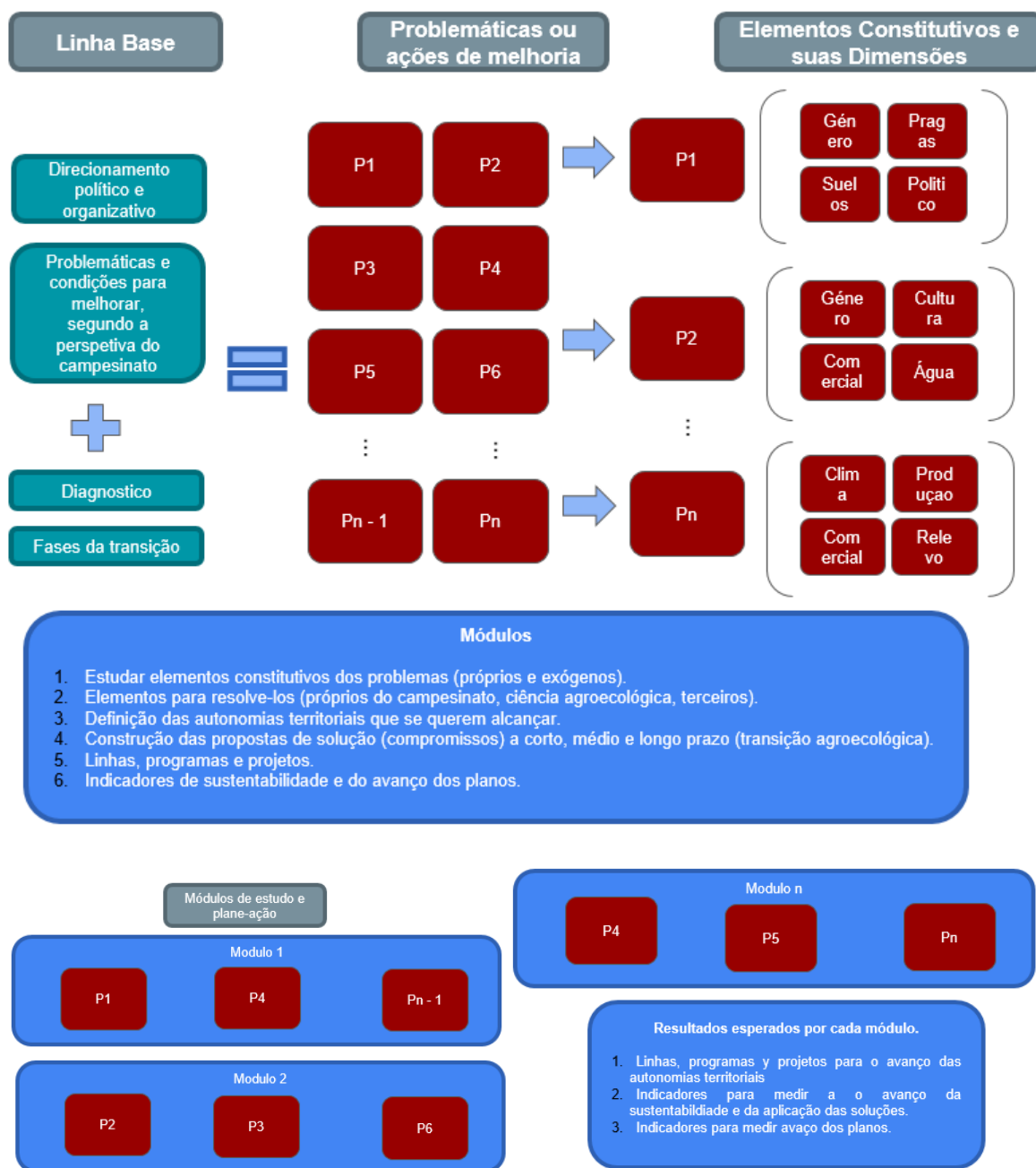
6. APÊNDICES

Apêndice 1. Instrumento de seleção de temáticas de interesse da comunidade para a linha base (por meio de perguntas orientadoras para delimitação, aprofundamento e seleção dos objetivos envolvidos numa pesquisa de planejamento territorial).

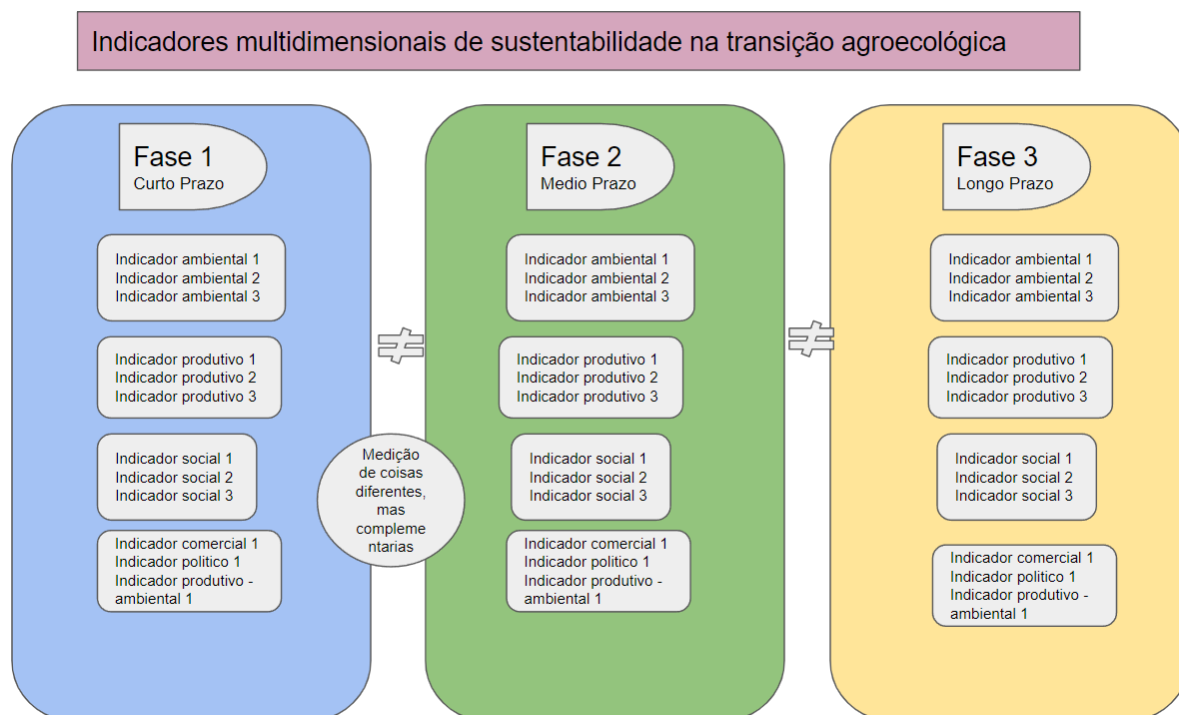
Linha Base (Temáticas propostas pela comunidade)	Que sabemos sobre? Que precisamos aprender?*	Onde/Escala**	Como mudar isso?***	Priorização*** *(escala própria)
Sementes e manejo da agrobiodiversidade.				
Produção camponesa (serviços ambientais, alimentos, medicinales, textiles, cultura, turismo)				
Diversidade da produção e produtividade				
Mulher camponesa (o ênfases que as companheiras querem colocar)				
Conectividade ecológica (Léon, 2021) ecossistema - mosaico produtivo/sítio/agroecossistemas.				
Economia familiar camponesa (diversidade de ingressos da renda)				
Proposta económica del campesinato social (proposta comunitária)				
Redes de mercadeo e comercialização onde se insere o campesinato				
Campesinato, território e gestão ambiental				
Cultura camponesa, letras, sons, danças, festas e rituais				
Juventudes e infância camponesa (relevo generacional)				
Biodiversidade territorial				
Benefício e valor agregado produtos agropecuários				

* Que sabemos sobre? Explorar tudo o que a comunidade sabe sobre essa problemática, e com a seguinte pergunta: que precisamos saber? Se atingem as coisas que são necessárias saber, mas para solucionar a prproblematica, e que nesse momento a comunidade não sabe. ** Procurar informações de escala e localização mais próxima de onde se desenvolve a problemática e a solução. *** Propostas coletivas de soluções que a comunidade está disposta a fazer (viabilidade de ação). **** Criar uma escala de avaliação que a comunidade entenda para priorizar sua implementação.

Apêndice 2. Proposta de elaboração de módulos para a Escola Camponesa de Planejamento da Transição Agroecológica. Elaboração própria.



Apêndice 3. Diagramação de indicadores de sustentabilidade por fase da transição agroecológica definida pela comunidade, a curto, médio e longo prazo.



Apêndice 4. Desenho base, sistema agroflorestal alto andino.

Grupos funcionales del Bosque Comestible Alto Andino Nariñense.

- 1. Árboles y ▲ arbustivos nativos y emergentes. *, **
- ☾ 2. Plantas alimenticias. **, ***
- ⊕ 3. Medicinales y aromáticas. ***
- ✕ 4. Flores (polinizadores y enemigos naturales de plagas, alelopatía). *
- 5. Frutales. **

Estratificación:

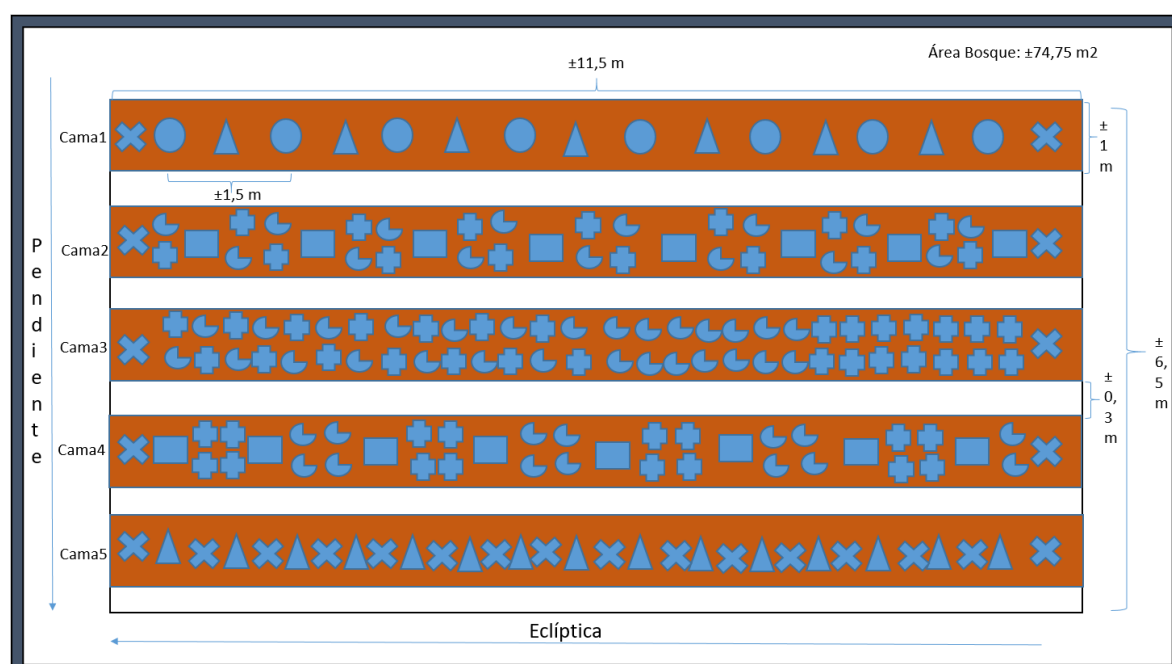
* Alto

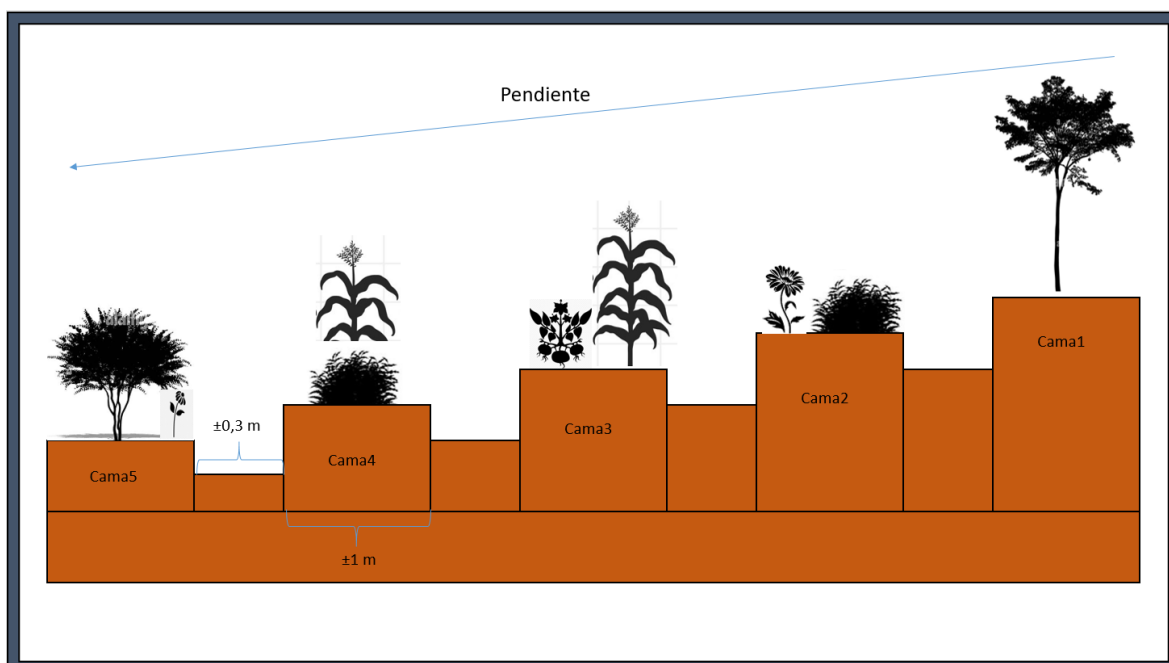
** Medio

*** Bajo

Funciones ecosistémicas:

Árboles y arbustos: barrera rompe vientos, fijación de N, solubilización de P, cuidado de estructura e hidráulica de suelo (raíces), materia orgánica para suelo y nutrición de plantas (residuos de podas), conectividad con el paisaje, manejo de recurso hídrico.





Composición de las camas

Cama 1: Especies arbóreas y arbustivas nativas y emergentes. Distancia entre siembra 1,5 metros entre árboles y 1,5 entre arbustos, con flores al inicio y final de la cama.

Cama 2: Especies frutales de porte medio y bajo, asociadas con plantas medicinales/aromáticas y comestibles intercaladas entre sí. Distancia de siembra entre frutales de 1,5 metros, y distancia entre medicinales y alimenticias de 30 centímetros. Flores al inicio y final de la cama.

Cama 3: Especies de porte bajo de alimenticias y medicinales/aromáticas asociadas entre sí, parte de ellas intercaladas y otras no, con distancia de siembra de 30 cm. Flores al inicio y final de la cama.

Cama 4: Especies frutales de porte medio y bajo, asociadas con plantas medicinales/aromáticas y comestibles, sin intercalar. Distancia de siembra entre frutales de 1,5 metros, y distancia entre medicinales y alimenticias de 30 centímetros. Flores al inicio y final de la cama.

Cama 5: Especies arbustivas de porte medio acompañadas de especies florales intercaladas entre sí, con distancia de siembra entre arbustos de 75 centímetros y entre ellas las especies florales, con objetivo de rompe vientos.

Plantas potenciales para uso

Árboles:

Capulí : Frutal, fijador de nitrógeno
 Quillotcto: Fijador de nitrógeno, melífero, medicinal
 Alcaparro: Fijador de nitrógeno, melífero,
 Arrayan: Rompe viento, frutal
 Aliso andino: Fijador de nitrógeno, conservación de recursos hídricos
 Pelotillo : Alimento para aves
 Punde o Mote o Caspimote: cortina Rompe viento, alimento para aves
 Cedrillo: cortina Rompe viento, alimento para aves
 Drago: cortina Rompe viento
 Motilón: Frutal, Alimento para las aves
 Palo rosa: Melífero
 Laurel: Medicinal, alimento para las aves, cocina
 Pumamaque: alimento para las aves, conservación de recursos hídricos
 Moquillo: Alimento para las aves, melífero, conservación de recursos hídricos
 Charmuelan: Alimento para las aves
 Roble: Especie amenazada
 Pino colombiano: Especie amenazada
 Guandera: Especie amenazada
 Palma de cera: Especie amenazada
 Otros: Pera, manzana, durazno, reina.

Arbustos:

Colla blanca: Forrajero, melífero
 Colla negra: Forrajero, melífero
 Sauco: Forrajero, melífero, medicinal
 Tilo: Forrajero, melífero, medicinal
 Flor de Quinde: Forrajero, melífero
 Abutilon: Forrajero, melífero
 Sarcillejo gigante: Forrajero, melífero
 Chilca blanca: Forrajero, melífero
 Plátano de clima frío: Forrajero
 Chaquilulo: Frutal
 Mortiño: Frutal
 Curuba: Frutal (enredadera), se puede colocar con un árbol o maíz como tutor
 Uchuva: Frutal
 Dalia de monte: Forrajero, melífero.

Plantas potenciales para uso

Frutales:

Mora
 Fresa
 Feijoa
 Tomate de árbol
 Tauso
 Frambuesa
 Arándanos
 Chilacuan
 Lulo
 Curuba
 Chaquilulo
 Asna lulo

Comestibles:

Papa (diferentes variedades)
 Ollucos
 Habas
 Ocas
 Ibias
 Maíz de clima frío
 Frijol
 Arveja
 Cebada
 Trigo
 Remolacha
 Cilantro
 Cebolla larga y de bulbo
 Ajo
 Nabo
 Perejil
 Ají
 Arracacha
 Quínoa
 Amaranto
 Pepino

Flores:

Chocho
 Astromelia
 Rosario
 Rosa
 Colegial
 Centavito
 Geranio

Medicinales/Aromáticas:

Tabaco
 Caléndula
 Cedrón
 Eneldo
 Mentas
 Yerbamora
 Hierbabuena
 Mejorana
 Gallinazo
 Congona
 Ruda
 Poleo
 Malva alta
 Ajenjo
 Orégano
 Laurel

Apêndice 6. Resumo atividades feitas sobre o projeto concreto, com Asociación Agropecuaria de Mujeres Las Piedras – Nodo Agroecología Tangua

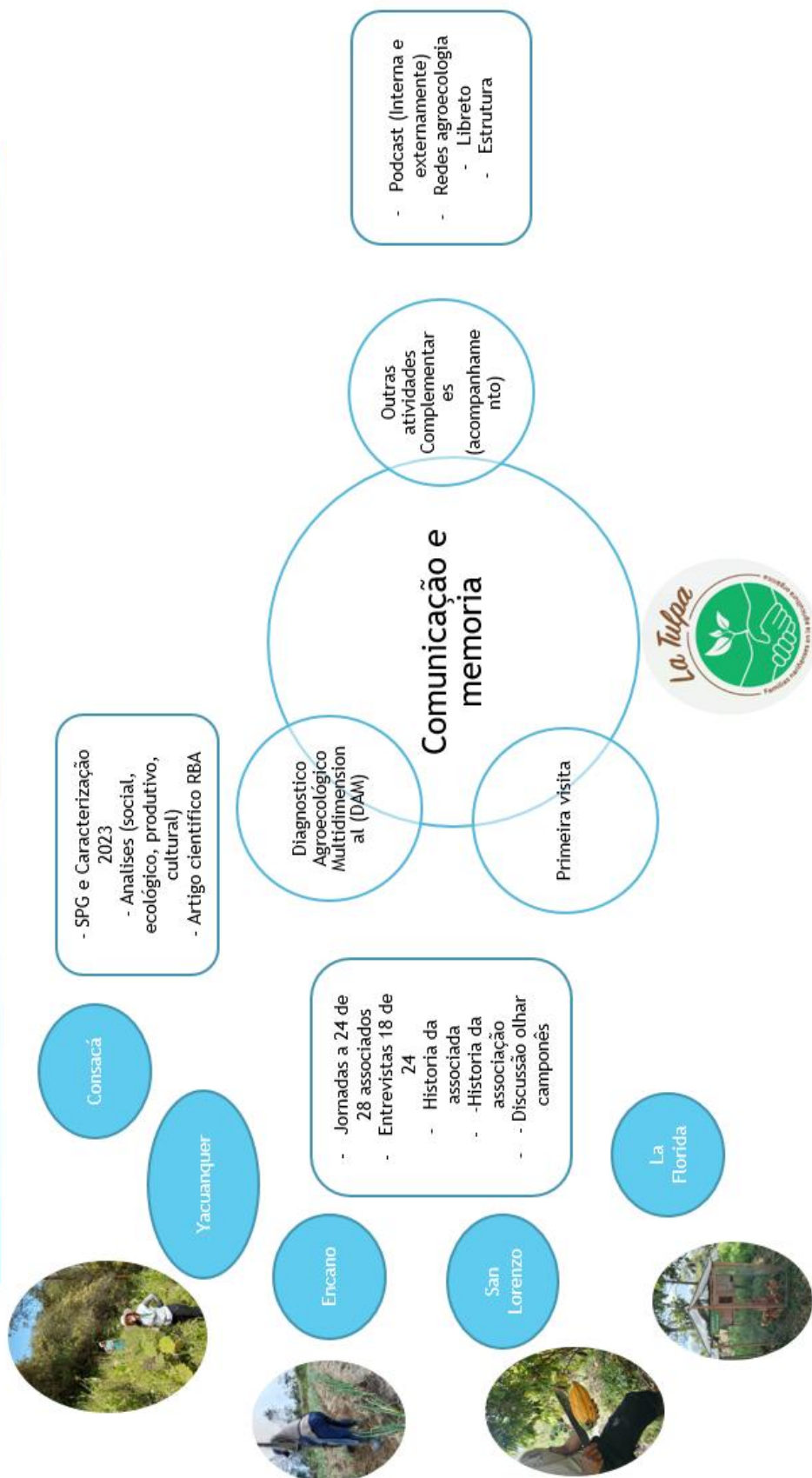
Nodo Agroecología de Tangua - Asociación Agropecuaria de Mujeres Las Piedras



Apêndice 7. Resumo atividades feitas sobre os projetos concretos, com Asociación La Tulpa.

Apêndice 7.a.

Asociación La Tulpa



Asociación La Tulpa



Apêndice 8. Avaliação da metodologia implementada com cada comunidade envolvida nesta pesquisa (Tabela 15).

Apêndice 8.a.

Cumprimento de metodologia proposta de trabalho Soluciones Santander

1. Reunião de concertação desta proposta.	2. Reconhecimento dos sistemas produtivos camponeses das organizações sociais.	3. Acompanhamento a espaços coletivos liderados pelas organizações sociais, para entender o contexto organizacional, educativo e participativo.	4. Escola Camponesa para o planejamento da transição agroecológica.
1.1 Exposição de objetivos e metodologia da pesquisa, por parte do pesquisador/estudante.	2.1 Visitas a Sistemas Produtivos. (distribuição e uso da terra, conectividade ecológica, aspectos produtivos, econômicos, transformações)	3.1 Planos de Desenvolvimento Municipal e Departamental.	4.1 Exposição das generalidades encontradas nos sistemas produtivos.
1.2 Exposição dos objetivos da organização social, por parte de porta-vozes e representantes das organizações sociais de base.	2.2 Busca de informação primária e secundária das áreas selecionadas e/ou priorizadas pela comunidade a serem visitadas. (ambiental, produtiva, social, organizacional, e políticas públicas)	3.2 Reuniões em outros espaços de representação e posicionamento político.	4.2 Discussão sobre o que foi encontrado, construção de um panorama coletivo da realidade dos sistemas produtivos e da organização social.
1.3 Harmonização de objetivos, prazos e prioridades das partes.	2.3 Segunda visita e avaliação integral do sistema produtivo (construção de modelo agroecológico diálogo camponês - pesquisador) Conectividade, diversificação, distribuição e projeção.	3.3 Assembleias internas.	4.3 Exposição de projetos individuais a nível de propriedade, encontrar elementos comuns e planejamento de projetos coletivos para alcançar resultados comuns, com duas abordagens (tempo e escala), Tempo (curto, médio e longo prazo), Escala (propriedade, comunidade, município).
1.4 Harmonização da metodologia e plano de ação comum, conforme as partes.		3.4 Visitas técnicas.	4.4 Oferta de fornecedores de recursos para gestão de projetos construídos, de acordo com seus perfis.
		3.5 Espaços de formação.	4.5 Formulação de projetos
		3.6 Saídas e percursos territoriais.	

Temas geradores (projetos concretos) com cada organização

Apêndice 8.b.

Cumprimento de metodologia proposta de trabalho Asociación Agropecuaria de Mujeres Las Piedras

1. Reunião de concertação desta proposta.	2. Reconhecimento dos sistemas produtivos camponeses das organizações sociais.	3. Acompanhamento a espaços coletivos liderados pelas organizações sociais, para entender o contexto organizacional, educativo e participativo.	4. Escola Camponesa para o planejamento da transição agroecológica.
1.1 Exposição de objetivos e metodologia da pesquisa, por parte do pesquisador/estudante.	2.1 Visitas a Sistemas Produtivos. (distribuição e uso da terra, conectividade ecológica, aspectos produtivos, econômicos, transformações)	3.1 Planos de Desenvolvimento Municipal e Departamental.	4.1 Exposição das generalidades encontradas nos sistemas produtivos.
1.2 Exposição dos objetivos da organização social, por parte de porta-vozes e representantes das organizações sociais de base.	2.2 Busca de informação primária e secundária das áreas selecionadas e/ou priorizadas pela comunidade a serem visitadas. (ambiental, produtiva, social, organizacional, e políticas públicas)	3.2 Reuniões em outros espaços de representação e posicionamento político.	4.2 Discussão sobre o que foi encontrado, construção de um panorama coletivo da realidade dos sistemas produtivos e da organização social.
1.3 Harmonização de objetivos, prazos e prioridades das partes.	2.3 Segunda visita e avaliação integral do sistema produtivo (construção de modelo agroecológico diálogo camponês - pesquisador) Conectividade, diversificação, distribuição e projeção.	3.3 Assembleias internas.	4.3 Exposição de projetos individuais a nível de propriedade, encontrar elementos comuns e planejamento de projetos coletivos para alcançar resultados comuns, com duas abordagens (tempo e escala), Tempo (curto, médio e longo prazo), Escala (propriedade, comunidade, município).
1.4 Harmonização da metodologia e plano de ação comum, conforme as partes.		3.4 Visitas técnicas.	4.4 Oferta de fornecedores de recursos para gestão de projetos construídos, de acordo com seus perfis.
		3.5 Espaços de formação.	4.5 Formulação de projetos
		3.6 Saídas e percursos territoriais.	

Temas geradores (projetos concretos) com cada organização

Apêndice 8.c.

Cumprimento de metodologia proposta de trabalho Asociación La Tulpa

1. Reunião de concertação desta proposta.	2. Reconhecimento dos sistemas produtivos camponeses das organizações sociais.	3. Acompanhamento a espaços coletivos liderados pelas organizações sociais, para entender o contexto organizacional, educativo e participativo.	4. Escola Camponesa para o planejamento da transição agroecológica.
1.1 Exposição de objetivos e metodologia da pesquisa, por parte do pesquisador/estudante.	2.1 Visitas a Sistemas Produtivos. (distribuição e uso da terra, conectividade ecológica, aspectos produtivos, econômicos, transformações)	3.1 Planos de Desenvolvimento Municipal e Departamental.	4.1 Exposição das generalidades encontradas nos sistemas produtivos.
1.2 Exposição dos objetivos da organização social, por parte de porta-vozes e representantes das organizações sociais de base.	2.2 Busca de informação primária e secundária das áreas selecionadas e/ou priorizadas pela comunidade a serem visitadas. (ambiental, produtiva, social, organizacional, e políticas públicas)	3.2 Reuniões em outros espaços de representação e posicionamento político.	4.2 Discussão sobre o que foi encontrado, construção de um panorama coletivo da realidade dos sistemas produtivos e da organização social.
1.3 Harmonização de objetivos, prazos e prioridades das partes.	2.3 Segunda visita e avaliação integral do sistema produtivo (construção de modelo agroecológico diálogo camponês - pesquisador) Conectividade, diversificação, distribuição e projeção.	3.3 Assembleias internas.	4.3 Exposição de projetos individuais a nível de propriedade, encontrar elementos comuns e planejamento de projetos coletivos para alcançar resultados comuns, com duas abordagens (tempo e escala), Tempo (curto, médio e longo prazo), Escala (propriedade, comunidade, município).
1.4 Harmonização da metodologia e plano de ação comum, conforme as partes.		3.4 Visitas técnicas.	4.4 Oferta de fornecedores de recursos para gestão de projetos construídos, de acordo com seus perfis.
		3.5 Espaços de formação.	4.5 Formulação de projetos
		3.6 Saídas e percursos territoriais.	

Temas geradores (projetos concretos) com cada organização

Apêndice 9. Relações das comunidades participantes desta pesquisa, com outros atores territoriales.

Relações das organizações com atores territoriais chave

